

Leila Teresinha Maraschin

**ANTOLOGIA SOBRE A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NO
RENASCIMENTO:
A TRADUÇÃO COMO PARTÍCIPE NO PROCESSO DE
ESTABELECIMENTO DAS LÍNGUAS NEOLATINAS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução da Universidade Federal
de Santa Catarina para a obtenção do Grau de
Doutor em Estudos da Tradução.
Orientador: Prof. Dr. Mauri Furlan.

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

Maraschin, Leila Teresinha

ANTOLOGIA SOBRE A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NO
RENASCIMENTO: A TRADUÇÃO COMO PARTÍCIPE NO PROCESSO DE
ESTABELECIMENTO DAS LÍNGUAS NEOLATINAS / Leila Teresinha
Maraschin; orientador, Mauri Furlan - Florianópolis, SC, 2015.
634 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

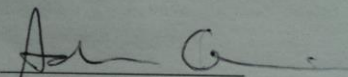
1. Estudos da Tradução. 2. Tradução. 3. Línguas
neolatinas. 4. Renascimento. I. Furlan, Mauri. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Leila Teresinha Maraschin

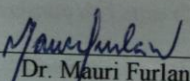
**ANTOLOGIA SOBRE A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NO
RENASCIMENTO:
A TRADUÇÃO COMO PARTÍCIPE NO PROCESSO DE
ESTABELECIMENTO DAS LÍNGUAS NEOLATINAS**

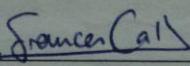
Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

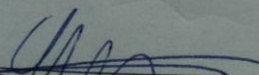
Florianópolis, 20 de novembro de 2015.

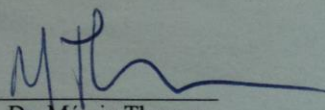

Dr.^a Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

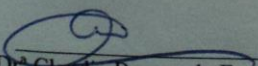
Banca Examinadora:

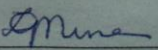

Dr. Mauri Furlan
Orientador
Universidade Federal de Santa
Catarina


Dr. Francisco Calvo del Olmo
Universidade Federal do Paraná


Dr. Andrea Santurbano
Universidade Federal de Santa
Catarina


Dr. Márcio Thamos
Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”


Dr.^a Cláudia Borges de Faveri
Universidade Federal de Santa
Catarina


Dr.^a Zilma Gesser Nunes
Universidade Federal de Santa
Catarina

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Mauri Furlan, meu estimado orientador, que teve o papel preponderante na condução das várias etapas deste estudo;

À Prof^a. Dr^a. Cláudia Borges de Faveri e à Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de Vasconcelos, componentes da banca de qualificação, pelas sugestões e contribuições;

À banca de defesa, Prof. Dr. Francisco Calvo del Olmo (UFPR), Prof. Dr. Márcio Thamos (UNESP), Prof. Dr. Andréa Santurbarno (UFSC), Prof^a Dr^a Claudia Borges De Faveri (UFSC) e Prof^a Dr^a Zilma Gesser Nunes (UFSC), pela aceitação, disponibilidade, dedicação e sugestões valiosas que acrescentaram com suas leituras;

À Coordenação, ao corpo docente, aos servidores e aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina;

Aos colegas da Universidade Federal de Santa Maria, em especial do Departamento de Letras Clássicas e Linguística, pelo apoio e incentivo;

Aos trabalhadores que sustentam a universidade pública do Brasil;

À minha família e aos meus amigos, enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, muito obrigada.

RESUMO

A tese apresenta uma seleção de textos renascentistas que contemplam questões ligadas à reelaboração de quatro línguas neolatinas literárias: espanhol, francês, italiano e português. O objetivo geral do trabalho foi organizar uma antologia composta de textos sobre a dignificação do vernáculo no Renascimento, observando a participação da tradução no processo de estabelecimento das línguas neolatinas que tiveram a atividade tradutória como parte integrante das práticas que as consolidaram. Os objetivos específicos foram: 1) Destacar os aspectos do movimento renascentista que contribuíram para a afirmação dos vernáculos europeus; 2) Descrever o percurso da atividade tradutória e a evolução do seu conceito nas línguas neolatinas; 3) Apresentar as principais características da tradução renascentista que embasam o seu papel no aprimoramento estético das quatro línguas referidas. Partiu-se do pressuposto de que o Renascimento é um momento especial na história dos vernáculos europeus, em que a tradução se define como uma atividade artística e participa da formação culta das línguas modernas. A pesquisa, realizada em bases bibliográficas, centrou-se em um *corpus* composto de dez textos de diferentes gêneros, como dedicatórias, diálogos, discursos e tratados, produzidos no século XVI: *Dialogo de la lengua*, de Valdés (1535); *Dedicatória a D. Francisco de Sousa*, de Góis (1538); *Diálogo em louvor de nossa linguagem*, de Barros (1540); *Dialogo delle lingue*, de Speroni (1542); *A la duquesa de Soma*, de Boscán (1543); *Défense et illustration de la langue française*, de Du Bellay (1549); *Ragionamento*, de Gelli (1551); *Art Poétique I*, de Peletier Du Mans (1555); *Discorso del tradurre*, de Toscanella (1575), e *Discurso sobre la lengua castellana*, de Morales (1586). O aspecto que mais se destaca, através do discurso dos autores dos referidos textos, é a concepção retórica da linguagem, a qual interfere no modo de traduzir e, conseqüentemente, contribui para o aprimoramento das novas línguas. Assim como a tradução e a literatura em vernáculo passam a ser executadas com habilidade e técnica, também a língua como um todo passa a ser tratada como uma obra artística, resultante do trabalho cuidadoso do letrado, que prima pela harmonia na expressão sonora e no uso culto. Busca-se, com a disponibilização deste material compilado, ampliar as reflexões sobre o papel da tradução renascentista na formação das línguas neolatinas nacionais.

Palavras-chave: Antologia. Tradução. Línguas neolatinas. Renascimento.

ABSTRACT

This dissertation offers a selection of Renaissance texts concerning topics related to four Romance languages: Spanish, French, Italian and Portuguese. The overall objective of the work was to compile an anthology of texts about the dignification of the vernacular in the Renaissance, observing the participation of the translation in the process of establishment of the national Romance languages. The specific objectives were to: 1) highlight the aspects of the Renaissance that contributed to the development of the European vernaculars, 2) describe the course of the translation and the evolution of its concept in the Romance languages and 3) present the main characteristics of the Renaissance translation that constitute their role in the dignification of these four languages. It was considered that the Renaissance is a special moment in the history of the European vernacular languages, in which the translation is defined as an artistic activity and contributes to the enrichment of the modern literary languages. The study focused on ten texts of different genres, such as dedications, dialogues, speeches and treatises, written in the 16th century: *Dialogo de la lengua* of Valdés (1535); *Dedicatória a D. Francisco de Sousa* of Góis (1538); *Diálogo em louvor de nossa linguagem* of Barros (1540); *Dialogo delle lingue* of Speroni (1542); *A la duquesa de Soma* of Boscán (1543); *Défense et illustration de la langue française* of Du Bellay (1549); *Ragionamento* of Gelli (1551); *Art Poétique I* of Peletier Du Mans (1555); *Discorso del tradurre* of Toscanella (1575) and *Discurso sobre la lengua castellana* of Morales (1586). In these texts, it becomes apparent in the discourse of their authors the rhetorical conception of language, which interferes with the way to translate and, consequently, enriches the new languages. Just as the translation and the literature in the vernacular are performed with skill and art, the language as a whole also is considered an artistic work, result of ability of the literate, that attempts to make a melodious and pleasant sound and to improve their native tongue. With this collected material, we intend to expand the reflections on translational activity in the formation of the Romance languages.

Key-words: Anthology. Translation. Romance languages. Renaissance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 MARCO HISTÓRICO: O MOVIMENTO RENASCENTISTA	27
1.1 RENASCIMENTO, CONTINUIDADES E INOVAÇÕES	27
1.1.1 O sistema de ensino humanístico e o método filológico	35
2 O PERCURSO DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA NAS LÍNGUAS NEOLATINAS LITERÁRIAS	53
2.1 AS LÍNGUAS NEOLATINAS	53
2.2 AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES NA ESCRITA NEOLATINA	59
2.3 NOME E DEFINIÇÃO DO TRADUZIR	67
2.4 A REFLEXÃO TRADUTÓRIA NAS LÍNGUAS NEOLATINAS	79
3 ALGUNS PRESSUPOSTOS SOBRE O PAPEL DA TRADUÇÃO NA REELABORAÇÃO DO VERNÁCULO	95
3.1 A ESPECIFICIDADE DA TRADUÇÃO RENASCENTISTA	101
3.1.1 A gramática	102
3.1.2 A retórica	105
3.1.2.1 A <i>elocutio</i>	107
4 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NA ESPANHA	115
4.1 JUAN DE VALDÉS E O <i>DIALOGO DE LA LENGUA</i> (1535)	115
4.2 JUAN BOSCÁN E A <i>CARTA A LA DUQUESA DE SOMA</i> (1543)	299
4.3 AMBROSIO DE MORALES E O <i>DISCURSO SOBRE LA LENGUA CASTELLANA</i> (1586)	311

5 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NA FRANÇA	341
5.1 JOACHIM DU BELLAY E A <i>DÉFENSE ET ILLUSTRATION DE LA LANGUE FRANÇAISE</i> (1549) ..	341
5.2 JACQUES PELETIER DU MANS E A <i>ART POETIQUE</i> (1555)	384
6 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NA ITÁLIA ...	415
6.1 SPERONE SPERONI E O <i>DIALOGO DELLE LINGUE</i> (1542)	415
6.2 GIOVAN BATTISTA GELLI E O <i>RAGIONAMENTO</i> (1551)	482
6.3 ORAZIO TOSCANELLA E O <i>DISCORSO DEL TRADURRE</i> (1575)	534
7 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO EM PORTUGAL	557
7.1 DAMIÃO DE GÓIS E A <i>DEDICATÓRIA A D. FRANCISCO DE SOUSA</i> (1538)	557
7.2 JOÃO DE BARROS E O <i>DIÁLOGO EM LOUVOR DE NOSSA LINGUAGEM</i> (1540)	562
8 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA TRADUÇÃO NO PROCESSO DE ESTABELECIMENTO DAS LÍNGUAS NEOLATINAS	579
8.1 A TRADUÇÃO RETÓRICA ELOCUTIVA COMO FATOR DE ENRIQUECIMENTO E DE PROMOÇÃO DO VERNÁCULO	580
8.1.1 A tradução na reelaboração do vernáculo literário..	588
8.1.2 A tradução e a construção da norma culta vernacular	601
CONCLUSÃO	613
REFERÊNCIAS	617

INTRODUÇÃO

Na Europa ocidental, entre os séculos XV e XVI, ocorreu a emancipação de algumas línguas vulgares, que tiveram seu léxico ampliado e seus cânones gramaticais e literários construídos, em um processo que ocorreu, todavia, alicerçado na tradição clássica. As letras greco-latinas, em boa parte redescobertas e trazidas à luz pelos eruditos humanistas, foram tomadas, a partir de então, como modelo para a tradução e a criação de novas obras.

Desde o final da Idade Média, o processo de tradução no ocidente foi se tornando cada vez mais complexo, fato que, naquele contexto, em que ocorria a diminuição do domínio do latim e a diversificação dos vernáculos, começou a ser percebido mais atentamente por certos grupos de letrados.

Dentre os diversos acontecimentos em que as questões ligadas à atividade tradutória se relacionam mais diretamente à afirmação de algumas línguas neolatinas no Renascimento, em síntese, destacam-se: a) A vinda dos sábios bizantinos para a Itália, onde divulgaram o ensino do grego aos italianos e tornaram conhecidas, integralmente, muitas obras da literatura grega, com base na filologia; b) O surgimento das cidades-estados e das atividades econômicas, que favoreceram o desenvolvimento cultural e artístico; c) As navegações e o contato com outros povos, o que motivou os evangelizadores a diversificarem as traduções da *Bíblia*, para difundi-la aos que não a entendiam em latim; d) A invenção da imprensa e a reprodução de livros, que gerou a circulação dos saberes antes restritos a um pequeno grupo de leitores.

O latim permanecia como língua da Igreja e do ensino nas universidades, mas, em alguns setores, como na produção literária, no âmbito jurídico e administrativo e nas escolas, requeria-se, cada vez mais, o emprego das línguas modernas. Nos países onde eram faladas estas línguas, as lideranças políticas investiam em ações para tornar uma de suas variedades unificadora da cultura nacional.

Neste contexto, alguns valores transmitidos do passado começaram a ser questionados diante das exigências do presente. A pluralidade linguística começou a tomar parte, cada vez mais, das discussões entre os letrados. A atividade tradutória, cuja prática até então havia predominado como exercício escolar ou para divulgar ensinamentos religiosos, adquiriu novas funções, voltando-se, em

especial, para as artes poéticas, inspirando novas criações e favorecendo o reconhecimento do valor de muitos dos vernáculos.

Entre os séculos XV e XVI, foram realizadas traduções inéditas e retraduações de obras antigas. A partir dos humanistas, com a divulgação do conhecimento do grego clássico e do método filológico bizantino, começaram a se ampliar, na Europa, também as reflexões sobre o modo de traduzir. Os letrados, então, desenvolveram uma nova concepção da linguagem, embasada na retórica clássica, com destaque para a *elocutio* como sistema operador (FURLAN, 2002). A tradução tornou-se uma produção artística e contribuiu para a notoriedade daquelas línguas literárias que, depois de habilitadas, começaram a competir com as línguas clássicas em diferentes setores da comunicação e expressão.

Esta sucessão de acontecimentos caracteriza o que Micó (2004, p. 174-5) denomina “processo de dignificação das línguas vulgares”, que, segundo ele, é o mais importante dos fatores que constituem a história da tradução no século XVI, porque nesta época surgem os principais autores empenhados na consolidação dos modelos de uso dos vernáculos, os quais se tornam os “novos clássicos”. Também faz parte deste processo a ampliação dos debates acerca de questões específicas sobre a atividade tradutória, com base nos textos¹ produzidos em diversas línguas modernas, como alemão, inglês e, na família românica, francês, espanhol, italiano e português.

As línguas vernáculos, por ainda não possuírem um léxico abundante, nem normalização gramatical, eram todas consideradas inferiores às línguas clássicas. Por isso, alguns letrados, que as defendiam, buscavam meios de torná-las capazes de superar o latim na produção literária e no uso culto da escrita e da conversação. Um dos elementos a que recorriam para o aprimoramento da nova língua era a tradução dos clássicos greco-latinos, o que por vezes provocava divergências de opinião e motivava debates. Por esta razão, discussões envolvendo a legitimação dos vernáculos e a crença na tradução como recurso de enriquecimento da língua receptora constituem um dos temas recorrentes em textos renascentistas, na forma de tratados, diálogos, discursos, cartas, prefácios, introduções a obras traduzidas e anotações diversas.

1 Alguns dos textos mais importantes que tratam destas questões foram compilados por Furlan (2006) e constam também na presente antologia, junto a alguns outros de temática semelhante.

Apesar de recorrente em tais textos, a temática envolvendo a tradução na afirmação das línguas neolatinas tem sido pouco destacada pelos compiladores de materiais históricos e documentais destas línguas. As antologias, que desde seu surgimento têm apresentado a escolha das “melhores flores”² da produção literária de certas culturas, contribuindo para a formação de leitores e a canonização de determinados autores e textos, não costumam apresentar o devido mérito do papel da tradução.

Mais recentemente, muitas obras antológicas que reúnem textos teóricos sobre a tradução têm sido publicadas, mas, devido à fragmentação das áreas do conhecimento, o interesse dos organizadores pelas fontes primárias tende a ser cada vez mais especializado, abordando separadamente questões de história da língua, da literatura, ou da tradução.

A partir da segunda metade do século XX, em consequência da institucionalização dos Estudos da Tradução como disciplina, textos contendo as reflexões dos tradutores acerca da própria atividade começaram a receber maior atenção por estudiosos da história da tradução. Desde então, tem havido uma constante produção de antologias específicas sobre os discursos embaixadores da atividade tradutória.

A publicação das principais antologias neste campo teve início na Europa, a partir da década de 1960, por pesquisadores alemães e ingleses, como Störig (1963, *Das Problem des Übersetzens*) e Steiner (1975, *English Translation Theory 1650-1800*), seguidos por outros de países de línguas românicas, como Horgüelin (1981, *Anthologie de la manière de traduire*) na França; Santoyo (1987, *Teoría y crítica de la traducción*) e Vega (1994, *Textos clásicos de teoría de la traducción*) na Espanha; e, em Portugal, Pais (1997, *Teoria diacrónica da tradução portuguesa*) e Sabio Pinilla (1998, *O discurso sobre a tradução em Portugal*), só para citar alguns, cujas obras estão entre as que incluem textos acerca do discurso sobre a tradução no Renascimento.

No Brasil, compondo a coleção de antologias bilingües *Clássicos da Teoria da Tradução*³ há o quarto volume, *Renascimento*, organizado por Furlan (2006), que apresenta os textos fundamentais da história da

2 Do grego *Anthologia* (*anthós* = flor + *legein* = colher).

3 Respectivamente: n° 1-Alemão/Português, de Heidermann (2001); n° 2-Francês/Português, de Faveri e Torres (2004); n° 3-Italiano/Português, de Guerini e Arrigoni (2005).

reflexão sobre a tradução no ocidente, produzidos entre os séculos XV e XVII, por tradutores das línguas clássicas e de diversas línguas vernáculas europeias. Textos estes que nos proporcionaram um contato mais aprofundado com a cultura renascentista, constituindo um importante ponto de partida para o estudo e a organização do material que ora apresentamos.

O interesse dos estudiosos pelas publicações antológicas sobre a tradução têm aumentado consideravelmente desde o final do século XX, conforme Sabio Pinilla e Ordóñez López (2012), que listam cerca de quinze antologias só no contexto da península ibérica. No âmbito disciplinar internacional dos Estudos da Tradução, alguns organizadores do material histórico e documental sobre tradução têm optado por abordagens culturais bastante abrangentes, ao incluir em suas antologias também textos que se referem à tradução de maneira menos específica, isto é, considerando outras formas⁴ de tradução que ocorrem entre culturas diferentes, não restritas apenas à passagem de um sistema linguístico a outro. Constituem exemplo deste tipo de compilação a antologia de Robinson, *Western translation theory: from Herodotus to Nietzsche* (1997) e, em especial, a de Cheung, *An Anthology of Chinese Discourse on Translation* (2006), que focaliza, no contexto do pensamento chinês, como ocorre, e como se discursiviza, a passagem de determinados termos e conceitos de uma cultura a outra.

Sobre questões envolvendo a formação das línguas neolatinas aqui referidas, a organização de *corpora* mais específicos já ocorre há bastante tempo. Diversas obras contendo os principais textos fundadores de cada uma destas línguas têm sido publicadas em cada país onde tiveram suas origens⁵ e também em outros países onde atualmente são faladas⁶.

4 Isto porque Estudos da Tradução é uma área que envolve várias concepções de tradução, e não apenas a “passagem de uma língua a outra”, restrita à linguística.

5 Tais como na Espanha (*Las apologías de la lengua castellana en el siglo de oro*, de Pastor, 1929; *Antología elogios de la lengua española*, de Bleiberg, 1951 e *Antología en defensa de la lengua y la literatura españolas* (siglos XVI y XVII), de García Dini, 2007); na França (*Les grammairiens français*, de Tell, 1874; *Anthologie du français classique*, de Sensine, 1928 e *Écrire au XVIIe siècle: une anthologie*, de Mortgat e Méchoulan, 1992); na Itália (*Prose filologica: la questione della lingua*, de Foffano, 1863; *La questione della lingua*, de Vitale, 1960 e *Polemiche cinquentesche sulla lingua*, de Sozzi,

Além das antologias voltadas para as questões apenas sobre a formação literária, linguística ou sobre a tradução, alguns compiladores também dedicaram atenção às fontes primárias cuja temática envolve a diversidade de valores da tradição local, como Duran e Solervicens, em *Renaixement a la carta* (1996), que recolheram textos sobre o pensamento renascentista na Catalunha provenientes de vários setores do conhecimento, como educação, práticas literárias e outras atividades culturais. Importa lembrar que a setorialização do conhecimento é uma característica hodierna e que, na época do Renascimento, o letrado⁷ possuía domínio amplo de uma grande variedade de saberes. Por isso, textos produzidos por um mesmo autor⁸ podem servir para compor obras antológicas dedicadas a diferentes temas.

Em nossa proposta de organização de uma antologia sobre a dignificação do vernáculo no Renascimento, partimos de uma perspectiva multidisciplinar, situando o trabalho na história da tradução⁹, que dialoga com a história literária e cultural das línguas neolatinas. Na seleção do *corpus*, visamos a reunir textos de letrados renascentistas que contemplassem questões ligadas à atividade tradutória como parte integrante das práticas que consolidaram aquele grupo de línguas neolatinas cuja reelaboração literária foi embasada na retórica clássica, e que é composto pelo espanhol, francês, italiano e português.

1976); e em Portugal (*Gramáticos portugueses do século XVI*, de Buescu, 1978).

6 Por exemplo, no Brasil, *Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa*, de Hue (2007).

7 A denominação de “letrado”, adotada no decorrer do nosso trabalho, compreende uma gama diversificada de papéis desempenhados pelo intelectual da época, como poeta, escritor, tradutor, professor, filólogo, lexicógrafo, gramático, retórico, historiógrafo, etc.

8 Como Juan Luis Vives (1492-1540), que escreveu sobre educação, linguagem, retórica, tradução, entre outros assuntos.

9 Entendendo-se, aqui, por história da tradução nas línguas neolatinas tanto a historiografia do traduzir, ou registro das primeiras reflexões sobre a tradução envolvendo estas línguas, quanto a história da atividade tradutória, em especial o modo de traduzir dos renascentistas, como prática que constitui a base da sua formação literária. Enfim, a tradução como integrante da história literária e linguística (RUIZ CASANOVA, 2000).

Levamos em conta o fato de que a tradição greco-latina, gramatical, literária, linguística e cultural, foi transmitida e reelaborada, na sua maior parte, por meio da atividade dos tradutores, os quais atuavam também como escritores, gramáticos, oradores, ortografistas e lexicógrafos (DELISLE; WOODSWORTH, 2003). Durante o Renascimento, estes letrados promoveram a ascensão de alguns vernáculos, aprimorando suas literaturas com a tradução elocutiva e com a regularização ortográfica e gramatical. E realizaram, ainda, reflexões e discussões fundamentais para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, filológicos e tradutológicos modernos (COSERIU, 1980; FURLAN, 2002). Desse modo, podemos considerar que as quatro línguas neolatinas abordadas nesta tese tiveram sua formação culta indissociavelmente ligada a processos de tradução, tanto na adoção de modelos e gêneros de composição literária, quanto no plano idiomático restrito às formas linguísticas que passaram a integrar as suas gramáticas.

A partir da leitura de fontes primárias sobre a tradução renascentista nestas línguas neolatinas, observamos que os letrados daquela época, influenciados pelos retóricos greco-latinos, apresentam-se, em geral, como defensores da própria língua ao transferirem para esta os valores da composição clássica, empenhando-se para torná-la a mais apropriada para o uso culto, bem como a mais apta a receber as grandes obras da literatura antiga. Nesse sentido, traduzir tornou-se, para eles, uma tarefa honrável, porque estaria contribuindo para a ascensão de status da nova língua que estava em construção. Assim, considerando as especificidades linguísticas do Renascimento, como a ampliação do interesse dos letrados pelo estudo e o ensino das línguas modernas, a intensificação das suas reflexões acerca da atividade tradutória e da conscientização das diferenças entre as línguas, iniciamos a pesquisa que se configurou como a parte central de nosso trabalho de doutoramento.

O projeto desta tese teve por objetivo geral organizar uma antologia composta de textos sobre a dignificação do vernáculo no Renascimento, observando a participação da tradução no processo de estabelecimento das línguas neolatinas que tiveram a atividade tradutória como parte integrante das práticas que as consolidaram. Para a realização deste objetivo mais amplo, foram considerados os seguintes objetivos específicos: 1) Destacar os aspectos do movimento renascentista que contribuíram para a afirmação dos vernáculos

européus; 2) Descrever o percurso da atividade tradutória e a evolução do seu conceito nas línguas neolatinas; 3) Apresentar as principais características da tradução renascentista que embasam o seu papel no aprimoramento estético das quatro línguas referidas.

Partiu-se do pressuposto de que o Renascimento é um momento especial na história dos vernáculos europeus, em que a tradução, a partir do trabalho dos humanistas, define-se como uma atividade artística. Os letrados renascentistas, atuando como tradutores, escritores e gramáticos influenciados pela redescoberta da Antiguidade clássica, reelaboram as línguas e as literaturas de suas comunidades. O sistema de ensino humanístico havia recuperado a tradição greco-latina, em que a arte de se exprimir oralmente e por escrito era adquirida pelo estudo dos textos e dos autores clássicos, pelo exercício da imitação, da tradução e da composição. No Humanismo renascentista, o domínio do latim, da gramática e, sobretudo, da retórica deixam de ter finalidade apenas instrumental e tornam-se saberes essenciais para a formação intelectual. O emprego do método filológico e os princípios da retórica elocutiva proporcionam um novo modo de traduzir, mais voltado à língua receptora e que recria o estilo, contribuindo para a reelaboração, e consequente valorização, de novas literaturas. Os modelos formais das línguas clássicas inspiram também a regularização gramatical, que expande e legitima o uso culto de línguas vernaculares.

A pesquisa, realizada em bases bibliográficas, fundamentou-se em um *corpus* composto de dez textos produzidos no século XVI, por homens¹⁰ de letras, que tratam de diversas questões linguísticas, dentre as quais destacamos a atividade tradutória e o seu papel na afirmação das línguas selecionadas. As fontes aqui reunidas constituem dedicatórias, diálogos, discursos e tratados, nos quais os autores expõem, entre várias questões relacionadas à linguagem, suas reflexões sobre a própria atividade, que é a de tradutores, literatos, gramáticos, entre outras, dignificando a nova língua e evidenciando que a tradução constitui um elemento enriquecedor da cultura receptora. A abordagem

10 A delimitação do *corpus* envolvendo apenas “homens” de letras justifica-se pelo fato de que, no Renascimento, com exceção a algumas raras mulheres poetas/escritoras, as atividades linguísticas e culturais eram exercidas predominantemente por homens. Burke (2010b, 57-8) observa que, em uma lista de seiscentos intelectuais italianos pesquisados na época, havia apenas três mulheres: as poetas Vittoria Colonna, Veronica Gambara e Tullia d’Aragona.

do tema centrou-se apenas no discurso dos letrados presente nos textos selecionados. Não foram analisadas, portanto, as obras traduzidas na época, e sim o que estes autores/tradutores escreveram a respeito da própria experiência de traduzir, imitar, criar, normalizar e aprimorar a própria língua.

No âmbito da literatura, do ensino, das conversações na corte e nos demais usos da língua culta, os letrados renascentistas destacam-se por valorizar o emprego das línguas vulgares¹¹, as quais, pouco a pouco vão sendo reelaboradas e afirmam-se como representantes das comunidades a que pertencem. Junto a estas e outras questões linguísticas presentes nos seus textos, eles revelam também a problemática da tradução naquela época, com uma visão específica em torno do modo de interpretação, o qual se distingue por levar em conta o conjunto de todos os valores do texto de partida, bem como, ao reproduzi-lo na língua de chegada, procurar respeitar as propriedades desta.

Na delimitação espaço-temporal do *corpus* optou-se pela Europa ocidental, na época renascentista. Foram selecionados textos representativos de quatro das línguas neolatinas literárias, espanhol, francês, italiano e português, conforme sua configuração no século XVI. Este é o momento em que estas línguas passaram por grandes mudanças, seja quanto aos aspectos formais, com as normalizações ortográficas e lexicais, seja quanto à ampliação do uso, pelo acesso de novos leitores, devido à difusão da imprensa, às intervenções políticas¹² e aos movimentos de valorização da literatura traduzida e/ou produzida em vernáculo.

A escolha destas quatro línguas foi feita com base no cânone literário e gramatical do Renascimento, quando se deu o início do seu processo de padronização, a partir do qual elas passariam a ser consideradas aptas para cumprir todas as funções que eram atribuídas a uma língua escrita, como até então havia sido às línguas clássicas, em especial o latim. Estas línguas neolatinas, naquele momento histórico,

11 Em cada país, era adotada uma das variedades vulgares, em geral a do grupo de maior poder cultural ou político.

12 Em especial na França, com *L'ordonnance de Villers-Cotterêts*, de 1539, em que o rei Francisco I decretou o uso do francês (parisiense) no lugar do latim em todos os documentos oficiais.

são as que, por questões de cunho político e/ou de interesse literário¹³, ganharam maior visibilidade e, por conseguinte, apresentam maior número de dados a respeito da sua emancipação cultural, bem como da importância do papel que o novo modo de traduzir exerceu na sua formação culta¹⁴.

O *corpus* foi organizado com base em duas orientações. A primeira é interpretativa, conforme o tema da pesquisa inicial, abordando a participação da tradução renascentista no processo de estabelecimento de quatro línguas neolatinas em um período histórico determinado, entre os séculos XV e XVI. A segunda orientação é acumulativa, pois, embora nosso enfoque priorize as questões sobre a tradução e a reelaboração do vernáculo, o conteúdo dos textos não se limita a uma única interpretação. Devido à necessidade de delimitação, não foi possível abarcar, em nosso estudo, a grande diversidade de informações históricas e culturais do século XVI contidas nestes textos. Nossa intenção é que o material aqui compilado possa despertar o interesse do leitor e ser utilizado para novos estudos, com outras leituras. Por este motivo, procuramos manter os textos, à medida do possível, na íntegra.

Na antologia bilingue organizada por Furlan (2006), com relação ao tema da tradução elocutiva renascentista, já foram apresentados excertos de cinco dos textos aqui citados. São os de Valdés (1535), Du Bellay¹⁵ (1549), Peletier (1555), Speroni (1542) e Barros (1540). Em nossa antologia, como objetivamos abordar o processo de estabelecimento das línguas neolatinas, do qual a tradução é um dos componentes, retomamos estas fontes em sua versão integral ou com acréscimo de excertos, para poder contemplar, além tradução, outros

13 Cita-se o caso do vulgar florentino, que se impunha apenas pelo prestígio literário, já que não havia unidade política na Itália.

14 Tendo em vista que, na família românica, durante o século XVI, apenas o francês, o espanhol, o italiano e o português contaram com a tradução elocutiva para a sua reelaboração literária, a expressão “línguas neolatinas”, frequentemente usada ao longo desta tese, refere-se a este pequeno grupo. Em algumas passagens, que não estão relacionadas exclusivamente à contribuição da tradução renascentista, como, por exemplo, no capítulo 2, há eventuais menções também a outras línguas da referida família.

15 Os excertos Du Bellay constam também no volume 2, Francês/Português, organizado por Faveri e Torres (2004).

elementos que revelam as ações dos letrados no processo de dignificação do vernáculo.

Para a organização das fontes foram seguidas duas etapas principais: 1ª) seleção temática; 2ª) situação espacial e temporal. Na seleção do tema sobre a dignificação do vernáculo e a participação da atividade tradutória no processo de estabelecimento das línguas neolatinas, levou-se em conta a importância, para a época, da tradução retórica elocutiva, que, com base nos princípios resgatados pelos filólogos humanistas, constituiu-se em um novo modo de traduzir, próprio do Renascimento, conforme a tese de Furlan (2002). Este novo modo de traduzir, que busca a preservação de todos os valores do texto de partida e a sua retextualização considerando também as especificidades da língua de chegada, interfere na produção literária das línguas modernas. O sistema de ensino humanístico, que, além da arte oratória, incluía a história e a filosofia moral, influenciou também a formação geral do cidadão europeu culto, cujos valores da Antiguidade clássica foram imitados e reelaborados no novo contexto. Um destes valores, segundo o exemplo dos autores latinos consagrados, era o “enriquecimento” da própria língua.

Ao longo dos textos, percebe-se que a preocupação com o vernáculo, tanto na composição das obras que formariam os cânones, quanto na padronização e legitimação, era uma tarefa que exigia do letrado amplo domínio dos meios de expressão, desde o vocabulário e a fraseologia até as regras gramaticais e os princípios retóricos que compunham o estilo. Domínio este que era adquirido, em grande parte, pela tradução dos clássicos greco-latinos, cujos modelos eram transferidos e recriados na nova língua.

A tradução é referida como elemento que constitui a tradição literária das línguas modernas. A legitimação dos vernáculos aqui descritos, que envolve a tradução, a gramatização e a formação dos cânones literários, foi largamente influenciada pelas ideias dos letrados renascentistas, cuja formação humanística e assimilação dos modelos clássicos, através do latim, da filologia, dos estudos de grego e da tradução retórica, tornaram-se diretrizes para o aprimoramento de novas línguas e literaturas.

O aspecto que mais se evidencia nos referidos textos é a concepção retórica da linguagem, a qual interferiu no modo de traduzir e, conseqüentemente, no processo de estabelecimento daquelas línguas neolatinas que a partir de então se afirmariam como nacionais. Assim

como a tradução e a literatura em vernáculo passaram a ser executadas com habilidade e técnica, também a língua em toda a sua extensão passou a ser tratada como uma obra resultante do trabalho cuidadoso do letrado, que primava pela sua harmonia na expressão sonora e no uso culto. Busca-se, com a disponibilização deste material histórico, ampliar as reflexões sobre a atividade tradutória renascentista na reelaboração das línguas neolatinas, reconhecendo a importância da tradução para a afirmação literária de muitos vernáculos.

O trabalho está dividido em oito partes, sendo três capítulos de estudo histórico e contextualização sobre a temática da antologia, quatro contendo os textos que a compõem e um capítulo final com algumas considerações acerca da temática apresentada.

O primeiro capítulo inicia com uma descrição das principais características do movimento renascentista, ocorrido entre os séculos XV e XVI, em especial no que se refere à reabilitação da literatura e do pensamento da Antiguidade clássica, que proporcionam o aprimoramento estético das línguas neolatinas selecionadas. Destaca-se, como fator importante neste processo, a contribuição dada pelos humanistas quanto à redescoberta dos princípios pedagógicos dos programas escolares da Antiguidade, o contato com a filologia, a restauração do latim, a divulgação do ensino de grego antigo e o resgate da arte retórica clássica.

O segundo capítulo realiza um percurso sobre o desenvolvimento da atividade tradutória nas quatro línguas selecionadas. Na seção inicial, apresenta um breve panorama histórico das línguas neolatinas, dentre as quais destacam-se o francês, o espanhol, o italiano e o português, em que houve maior interferência a partir das mudanças ocorridas na época renascentista, com o consequente florescimento das letras. Na sequência, tem-se um breve panorama sobre o registro das primeiras traduções em vernáculo, indicando que o emprego do latim já não era suficiente para dar conta da diversidade de funções, como a redação de documentos, a divulgação da religião cristã e a composição de textos literários. A terceira seção, partindo das primeiras aparições terminológicas, descreve a história das significações do ato de traduzir, desde a Antiguidade greco-romana até o Renascimento, quando então se afirma o conceito moderno de tradução no ocidente, ao mesmo tempo em que muitos vernáculos começam a ser reconhecidos como línguas, com o seu respectivo nome, representantes das novas comunidades. A seção final trata das primeiras reflexões teóricas sobre a tradução, com

destaque para os principais textos que revelam o novo modo de traduzir, próprio da época renascentista.

O terceiro capítulo trata, de modo mais aprofundado, da especificidade da tradução renascentista, relacionada à concepção retórica da linguagem, demonstrando que a tradução, nesta época, distingue-se pelo seu caráter aprimorador de várias literaturas e línguas vernaculares. São apresentados alguns pressupostos sobre o papel da tradução na reelaboração do vernáculo, como parte das ações dos letrados, ligadas, respectivamente, ao enriquecimento e à exaltação da própria língua. A respeito da especificidade da tradução renascentista, são retomados, com base em Furlan (2002), alguns princípios da retórica clássica, em especial quanto à *elocutio*, a qual constitui o fundamento do novo modo de traduzir, em que, além do sentido, são levados em conta os valores estilístico-formais do texto de partida e as propriedades de ambas as línguas envolvidas no processo tradutório.

Os quatro capítulos seguintes contêm o *corpus* que compõe a antologia, cujo grupo de textos está distribuído diacronicamente, por ordem alfabética de cada país a que se refere cada uma das línguas, conforme segue:

Capítulo 4: “A dignificação do vernáculo na Espanha”, com os textos *Dialogo de la lengua* (1535), de Juan de Valdés, *A la duquesa de Soma* (1543), de Juan Boscán, e *Discurso sobre la lengua castellana* (1586), de Ambrosio de Morales;

Capítulo 5: “A dignificação do vernáculo na França”, com o Livro I da *Défense et illustration de la langue française* (1549), de Joachim Du Bellay, e quatro capítulos (V-VIII) da *Art Poétique I* (1555), de Jacques Peletier Du Mans;

Capítulo 6: “A dignificação do vernáculo na Itália”, com *Dialogo delle lingue* (1542), de Sperone Speroni, *Ragionamento* (1551), de Giovan Battista Gelli, e *Discorso del tradurre* (1575), de Orazio Toscanella;

Capítulo 7: “A dignificação do vernáculo em Portugal”, com *Dedicatória a D. Francisco de Sousa* (1538), de Damião de Góis, e *Dialógo em louvor de nossa linguagem* (1540), de João de Barros.

Cada seção dos capítulos que formam a antologia inicia fornecendo os principais dados do autor e apresentando um breve estudo do texto escolhido, em especial acerca do papel da tradução e das ações empreendidas pelos letrados no processo de dignificação do vernáculo.

O capítulo 8 reúne as principais ideias a respeito da atividade tradutória renascentista, analisando-as, a partir do *corpus*, sob a perspectiva da reelaboração do vernáculo. Na seção 8.1, são apresentados alguns dados sobre a influência da tradução retórica elocutiva no enriquecimento das línguas neolatinas selecionadas, primeiro como parte de sua formação literária e, em seguida, referindo-se à norma culta vernacular, a qual também é construída pelos letrados, de modo semelhante a uma obra artística, conforme os valores da *elocutio* retórica.

Todos os textos que compõem o *corpus* são de domínio público. Como não almejamos apresentar um estudo pautado pelo rigor filológico (crítica textual), adequamos a pontuação nos originais e atualizamos a grafia naqueles em que houve necessidade, inclusive os dos autores portugueses, consultando, quando possível, edições mais recentes. Eliminamos algumas notas de editor e acrescentamos outras que julgamos úteis para a compreensão dos textos. Traduzimos os textos de língua italiana, francesa e espanhola em português, procurando reproduzir, à medida do possível, a norma culta usada no século XVI.

As citações de bibliografia em língua estrangeira no corpo da tese estão traduzidas em português, com os respectivos trechos originais, bem como a indicação de seus tradutores, em notas; aquelas em que não se faz menção ao tradutor são de nossa responsabilidade. Quando eventualmente são citados, no corpo da tese, trechos dos textos da nossa antologia, estes estão traduzidos e as respectivas páginas indicadas referem-se às do presente trabalho, onde também se encontram as fontes originais transcritas.

1 MARCO HISTÓRICO: O MOVIMENTO RENASCENTISTA

As principais características do Renascimento. A releitura da Antiguidade clássica. Os humanistas e a reformulação do sistema de ensino.

1.1 RENASCIMENTO, CONTINUIDADES E INOVAÇÕES

Denomina-se Renascimento¹⁶ o movimento de renovação cultural e artística dos séculos XV e XVI, por considerar que se havia feito renascer os tesouros da cultura grega e romana da Antiguidade. Iniciado em Florença, onde se manifestou com maior força, este movimento passou depois a outros lugares da Europa e também da América após sua colonização pelos europeus. (BURKE, 1998)

A característica principal que originou o Renascimento, compartilhada por muitos estudiosos e já consagrada pela tradição intelectual do ocidente é a de que, entre os séculos XIV e XV, na Itália, começa a haver uma ruptura com o pensamento anterior, da escolástica medieval, e a submissão à teologia cristã e aos dogmas religiosos, aos poucos, vai cedendo lugar a novas aspirações. No campo das artes e letras, faz-se, nesta época, uma espécie de releitura dos valores greco-latinos clássicos, proporcionada, em parte, pelos objetos exumados da cultura material, como esculturas e manuscritos de obras literárias, através das quais seus apreciadores, chamados de “humanistas”, visavam à reconstrução do passado.

O termo humanismo¹⁷ como princípio em que se acentua a valorização do ser humano e das suas capacidades¹⁸ só foi usado a partir do século XIX. Mas, com o significado de reabilitação da literatura e do pensamento da Antiguidade clássica por meio de algumas disciplinas específicas refere-se a um contexto anterior e constitui uma das causas do Renascimento. (REBELO, 1982, p. 70)

16 O conceito histórico de “Renascimento” data de 1860, quando Jakob Burckhardt publicou o livro intitulado *Die Kultur der Renaissance in Italien* [A civilização do Renascimento na Itália].

17 *Humanismus* é um neologismo germânico usado por historiadores do século XIX, inicialmente para descrever uma pedagogia oposta à da escolástica. O termo depois foi aplicado por Georg Voigt (1859), como caracterização do período de retorno aos estudos clássicos. (GRAFF, 2009, p. 111)

18 Nesse sentido, pode-se falar de humanismo cristão, medieval, moderno etc.

Na Antiguidade romana, a expressão *humanitas*, usada por Cícero e Aulo Gélíio, indicava os valores culturais procedentes de uma educação formal que mais tarde se convencionou chamar de *studia humanitatis*¹⁹ e que se compunha, principalmente, de conteúdos como língua, literatura, história e filosofia moral. No século XIV, na Itália, incorporaram-se estes *studia humanitatis* no currículo universitário, passando a se denominar humanistas²⁰ aqueles que ensinavam ou estudavam as suas disciplinas (KRISTELLER, 1993), e também alguns amadores²¹, que exerciam outras funções, não acadêmicas, e que se interessavam pelos valores humanísticos (BURKE, 2010b, p. 92-3).

Highet (1954, p. 31-40) destaca o Renascimento como uma época em que os acontecimentos são marcados pela rapidez, em comparação à Idade Média, quando tudo acontecia de forma lenta e minuciosa. Segundo ele, a literatura desenvolveu-se, neste período, com a mesma velocidade dos descobrimentos geográficos, da imprensa, da pólvora, do telescópio e da teoria cosmológica de Copérnico. Obras de arte começaram a ser desenterradas ao mesmo tempo em que manuscritos inéditos de autores antigos vinham à luz; esculturas eram restauradas e copiadas; textos eram estudados e traduzidos atentamente.

Muitos manuscritos gregos chegaram ao ocidente por meio de homens eruditos vindos de Constantinopla, em busca de refúgio, após esta ter sido tomada pelos turcos, e mesmo antes, atraídos pelo desenvolvimento econômico das cidades italianas. Os bizantinos que se haviam estabelecido em Florença ensinavam grego aos italianos, os quais, por sua vez, começaram a traduzir para o latim obras da literatura grega. Estes e outros acontecimentos teriam motivado alguns historiadores a classificar, com um certo tom de exagero, a época

19 A expressão *studia humanitatis* é tomada aqui apenas com referência à época renascentista; embora se possa entendê-la, grosso modo, como “humanidades”, é preciso levar em conta que as Humanidades como área de ensino nas instituições ocidentais apresentam, ao longo dos séculos, muitas variações de significado e de configuração das disciplinas que as integram. Um estudo mais detalhado encontra-se em Chervel e Compere (1999).

20 Um dos eruditos importantes desta época é Petrarca (1307-74), que criou a expressão *età oscura* [época das trevas], para indicar a divisão da história entre a Antiguidade clássica e a época que a sucedeu.

21 Segundo Burke (2010b, p. 93), entre estes havia artesãos, secretários, poetas, pintores, soldados e comerciantes.

renascentista como uma explosão de novidades. Conforme Tarnas (2011, p. 246),

o homem do Renascimento parece ter subitamente saltado para uma situação virtualmente sobre-humana. Agora, era capaz de compreender os segredos da Natureza e refletir sobre eles tanto na Arte como na Ciência, com inigualável sofisticação matemática, precisão empírica e maravilhosa força estética. O mundo conhecido expandia-se imensamente; o Homem descobriu novos continentes e deu a volta ao Globo. Desafiava a autoridade e podia afirmar uma verdade com base em sua própria opinião. Apreciava a riqueza da cultura clássica e, mesmo assim, ainda sentia-se rompendo os antigos limites para revelar campos inteiramente novos.

Há outros estudiosos, no entanto, que preferem considerações mais amenas, defendendo que a Idade Média europeia não foi um período de obscuridade total, pois teriam sido conservados alguns traços de continuidade da cultura clássica antiga²², através dos quais a tradição greco-latina chegou, ao menos em parte, até a época renascentista. Entre os traços que indicam o despontar de algumas ideias renovadoras já na Idade Média está a reforma carolíngia, no século VIII, em que foram criadas bibliotecas e realizadas cópias de obras clássicas, com cuja leitura formou-se o clero secular. Também na literatura, em especial da França, foram produzidas nesta época várias obras (*romans*) sob influência greco-latina. No século XII, nas cortes e nas escolas religiosas de diversos países europeus, houve eruditos que se aplicaram ao estudo dos textos clássicos, como John de Salisbury (1115-1180), que se destacou pelo conhecimento da eloquência e da gramática. Na Itália, com o desenvolvimento urbano e o comércio, originou-se uma nova classe de letrados leigos que começaram a atuar no setor administrativo e jurídico. (MANN, 1998, p. 21-3)

22 Segundo Hauser (1964. p. 309), um dos defensores da ideia de continuidade entre a Idade Média e a Renascença, o conceito de Renascimento é uma invenção de historiadores entusiasmados, como Michelet (1855) e Burckhardt (1860), que se opunham à ideia romântica de Idade Média e sua reavaliação feita no século XIX.

Verger (1999), centrando sua investigação nos profissionais do saber, ressalta que o grupo dos letrados permanece, “da Idade Média ao Renascimento, substancialmente semelhante a si próprio, sempre procurando adaptar-se a correntes intelectuais novas nascidas alhures, no essencial, em seu seio, ele também começou a se alargar, englobando categorias que lhe haviam sido, até então, bastante estranhas”. (p. 275) Esta ampliação, segundo o autor, demonstra “uma forte posição social do grupo das pessoas de saber, ao mesmo tempo que um grande poder de atração de uma cultura erudita, sem dúvida modernizada em certos aspectos, mas fundamentalmente fiel, em princípio, às suas origens medievais.”(p. 277) E conclui que, neste aspecto, não teria havido ruptura, mas apenas abertura, modernização e adaptação, como parte da dinâmica social.

Apesar das inúmeras controvérsias a respeito do termo “Renascimento”, bem como de seus limites, características, valores e até mesmo existência, Kristeller (1970) considera que, entre 1300 e 1600, ao menos na Itália, houve uma mudança nos meios intelectuais, com relação ao tratamento dado à literatura da Antiguidade clássica, cujo resgate feito pelos humanistas do século XIV promoveu a expansão deste campo de saberes, na maior parte da Europa, no decorrer do século XVI. Levando em conta algumas tradições humanísticas de origem medieval, o autor refere-se à ideia de continuidade não como algo estável, mas como implicação de mudanças progressivas que teriam ocorrido gradualmente. (p.191)

Alguns acontecimentos ocorridos na Idade Média, no âmbito intelectual, poderiam ser reconhecidos como precursores e teriam fornecido as bases para algumas das novas ideias que floresceriam nos séculos XV e XVI. Dentre diversos fatores, destaca-se o contato com o mundo oriental e árabe, por meio das Cruzadas e do movimento de Reconquista da península ibérica. Em Toledo, através de traduções de textos gregos, ampliaram-se os conhecimentos de ciências como astronomia, matemática, biologia e medicina; nesta época fundaram-se também as primeiras universidades europeias, em Bolonha (1088), Paris (1150) e Oxford (1167).

No âmbito religioso, surgiram as novas ordens mendicantes, em especial os dominicanos e os franciscanos, que, diferentes das ordens monásticas, voltavam-se para o mundo leigo, procurando defender a fé cristã pela pregação e pelo uso da razão. Na literatura, os poemas

goliárdicos²³ seriam uma prova, como disse Bartoli (1983, p. 26), deste “gradual desenvolvimento, deste lento mas contínuo sair do abismo da fé para a luminosa alavanca do humanismo”.

Os estudos e o interesse profissional haviam começado a sofrer alterações claramente desde o século XI e no XIII, sob a influência dos árabes e das traduções de muitas obras dos gregos para o latim. As disciplinas científicas e filosóficas entraram em conflito, o que resultou em mudanças no sistema educacional. Mudanças estas que constituem um dos principais traços do movimento humanista que dois séculos mais tarde iria convergir com o Renascimento, ao menos quanto ao caráter literário. Além da tradução direta dos textos gregos e do ensino desta língua e de sua literatura, que ganharam espaço nos planos de estudos dos colégios e universidades do ocidente, os humanistas também desenvolveram a aplicação da crítica filológica e histórica. Desse modo, obras que já eram conhecidas na Idade Média receberam um novo tratamento e maior difusão, por meio do aumento das cópias manuscritas e das edições impressas. (KRISTELLER, 1993)

Lafaye (2014, p. 9), entre outros, classifica o Humanismo como a “primeira revolução cultural moderna”, considerando a inovação pedagógica radical que ocorreu, em que os debates da escolástica foram substituídos pela leitura e o comentário de textos humanísticos, ou seja, das letras gregas e latinas antigas, opostas às letras sagradas. Autores e obras greco-latinos, em cada período, foram selecionados e interpretados de modo diverso, de acordo com o ambiente espaço-temporal. A atitude dos renascentistas fez com que os estudos clássicos ganhassem um lugar mais central do que até então lhes era dado. O latim, como meio de aprendizagem, a gramática e a retórica, a mitologia e o estudo dos textos clássicos, ao menos em parte, eram conhecidos na Idade Média, porém, com enfoque diferente, porque tinham finalidade prática. (HIGHET, 1954)

Os intelectuais renascentistas, por um lado, possuíam algo em comum com os medievais, como o cultivo do latim e da gramática, que, além de dar continuidade, procuraram aperfeiçoar. Não se opunham ao cristianismo, mas permitiam o desenvolvimento dos saberes

23 Os goliardos eram um grupo social, entre os novos intelectuais do século XII, formado por estudantes pobres que compunham poemas de crítica áspera contra a ordem estabelecida. Seus temas predominantes eram o jogo, o vinho e o amor, e seus alvos principais, os nobres e os clérigos. (LE GOFF, 1989, p. 31-8)

independentes da doutrina religiosa e teológica. Não desprezavam os autores menores e tardios, mas davam preferência aos clássicos, como Cícero e Virgílio. Desse modo, conforme ressalta Kristeller (1970, p. 191), as transformações que ocorreram não romperam totalmente com as concepções anteriores, mas acrescentaram visões e associações renovadas.

O Humanismo renascentista caracteriza-se, inicialmente, como uma tarefa dos estudiosos, cultores da Antiguidade, que, com atenção filológica, visavam à restituição e interpretação dos textos do passado. Nesse sentido, o movimento representa uma via de continuidade da história cultural e intelectual da Europa, que de alguma forma sempre seguiu os valores greco-latinos. À medida, porém, que a releitura destes valores influencia outras áreas do saber, bem como proporciona alterações no sistema de ensino e na produção literária, então caracteriza-se como uma inovação e até mesmo uma revolução no campo das ideias. (MANN, 1998, p. 20)

Entretanto, tais mudanças não teriam ocorrido de forma abrupta e nem tão abrangente, ao menos no início. Desde o século XI, as sociedades europeias haviam começado a se reorganizar e repensar suas concepções e crenças, movidas por transformações econômicas, políticas, intelectuais, artísticas e culturais. Há que se considerar, também, a complexidade e diversidade de todos estes acontecimentos, lembrando que o Humanismo e o Renascimento foram movimentos promovidos e desfrutados, em grande parte, por grupos sociais de elite. (LE GOFF, 1989)

Burke (2010b, p. 212) considera que a relação entre arte e sociedade é mediada por “visões de mundo”, ou seja, que determinadas atitudes são associadas a momentos, lugares e grupos sociais e que a maior elaboração de tais visões encontra-se na arte e na literatura. Para estas considerações, o autor encontrou apoio, principalmente, em fontes literárias produzidas na Toscana, no século XVI e que, na maior parte, expressam posições de pessoas pertencentes às classes alta ou média-alta.

Em *O Renascimento italiano*, Burke (2010b) apresenta uma seleção de algumas ideias importantes na época renascentista, como a de cosmos, sociedade e natureza humana, finalizando com o que chama de “tentativa de examinar os traços gerais do sistema de crenças e os sinais de mudança”. As concepções de tempo e espaço, por exemplo, evoluíram paralelamente, passando estes a ser vistos como mensuráveis

com maior precisão. Mas, ainda seguindo a tradição de Ptolomeu e Aristóteles, o homem renascentista distinguia as noções de Céu e Terra considerando a influência dos planetas sobre a vida na Terra e Deus acima de todo o universo; também exercitava técnicas como a alquimia, a magia e a bruxaria, como forma de manipular o mundo terreno.

A visão de “sociedade” era demonstrada pela existência de repúblicas e principados, onde os grupos humanos, já conscientes de que o sistema político não era divino, mas sim construído por eles próprios e que podia ser transformado; os grupos se diferenciavam em famílias e indivíduos nobres e não nobres, ou pessoas comuns (*popolari*). Destas últimas, há registro apenas das que possuíam direitos políticos. (BURKE, 2010b, p. 226)

A “autoconsciência”, ou ideia do eu, também teria se afirmado no homem renascentista. Burke cita, como “provas literárias” desta noção, os inúmeros diários escritos em primeira pessoa, que sempre revelam algo de quem os escreveu, mesmo que contenham também uma série de assuntos variados. Outros materiais desta natureza são as pinturas, em especial os retratos, e os livros de conduta, como o *Cortesão* de Castiglione (1528), o *Galateo* de Giovanni Della Casa (1558) e a *Conversação civil* de Stefano Guazzo (1574). Estes livros trazem o modo como cada autor se apresenta e desempenha seu próprio papel na vida cotidiana: “Eles inculcam a conformidade a um código de boas maneiras mais do que a expressão de um estilo pessoal de comportamento, mas não têm nada além da consciência de si mesmos, e estimulam a autoconsciência do leitor.” (BURKE, 2010b, p. 233)

A dignidade do homem e, sobretudo, a racionalidade, são, como observa Burke (p. 238), ideias centrais no Renascimento. Em síntese, a visão de mundo dos italianos naquela época, considerada como um todo, apresenta-se muito variada: “[...] viviam em um universo mental que era, assim como o de seus ancestrais medievais, mais animado do que mecânico, moralizado mais do que neutro, e organizado em termos de correspondências mais do que de causas.” (p. 239) Este pluralismo, lembra o autor, “pode muito bem ter sido um estímulo para a inovação intelectual” (p. 242).

Embora reconheçamos a importância das mudanças ocorridas em outros setores, como o sócio-econômico, político, jurídico, administrativo, os conhecimentos científicos, as questões religiosas e filosóficas, não temos aqui a pretensão, e nem condições, de dar conta

de toda a diversidade de aspectos que envolvem o movimento renascentista.

Em função do recorte temático proposto, importa-nos destacar, sobretudo, a posição ocupada pelos estudos clássicos e o tratamento por eles recebido dos eruditos, fatores estes que caracterizam o Renascimento das letras e constituem o fundamento das mudanças em relação aos vernáculos, em especial acerca da nova concepção de tradução e da ascensão de muitas literaturas modernas. Para tanto, valemo-nos da afirmação de Kristeller (1993, p. 37) de que

os estudos clássicos tiveram no Renascimento um lugar mais central na civilização daquele período, estando unidos de um modo mais íntimo com outras tendências e êxitos intelectuais do que em qualquer outro período da história da Europa ocidental.²⁴

Nosso enfoque principal é dado à questão linguística renascentista, sobretudo em relação à dignificação dos vernáculos, cujo processo envolve a atividade tradutória, a qual se diferencia dos períodos anteriores, por estar voltada à língua receptora (FURLAN, 2002). Por este motivo, delimitamos a abordagem à Europa ocidental, com ênfase no século XVI, quando a tradução, definindo-se como uma atividade artística, contribuiu para o incremento de várias línguas literárias modernas, dentre as quais selecionamos quatro neolatinas.

Entendemos, porém, que a tradução não aparece na história das línguas “como um fenômeno isolado, mas associada a certos projetos mais importantes, de natureza nacionalista, ideológica e religiosa, que tinham, muitas vezes, o apoio de monarcas, aristocratas e instituições” (DELISLE; WOODSWORTH, 2003, p. 37), cujo poder, somado a outros acontecimentos do contexto em que certas obras foram traduzidas e o modo como foram realizadas tais traduções, impulsionou e legitimou o trabalho dos letrados, permitindo-lhes aprimorar a língua e a cultura. Por isso, alguns aspectos relacionados a outros campos do saber serão mencionados, quando houver necessidade.

24 “los estudios clásicos tuvieron en el Renacimiento un lugar más central en la civilización de aquel periodo, estando unidos de un modo más íntimo con otras tendencias y logros intelectuales que en cualquier otro periodo de la historia de Europa occidental”.

1.1.1 O sistema de ensino humanístico e o método filológico

As línguas neolatinas, a partir do século VII d.C., ainda que muito próximas dos latins provinciais, começaram a ter seu uso, pouco a pouco, empregado também na escrita. E a tradução, desde os exercícios escolares do latim ao vernáculo, passando pelas versões de textos sacros e pelas vulgarizações²⁵ de obras da literatura greco-latina, tem um aumento progressivo, tanto no volume quanto na diversidade de textos e de línguas, vindo a adquirir, desse modo, entre os séculos XV e XVI, o “status de obra de arte”. (FURLAN, 2002)

Uma série de fatores teria contribuído para acelerar o movimento que distinguiu a produção literária vernacular renascentista daquela anterior, quando os temas clássicos da Antiguidade eram utilizados pelos escritores, mas ainda sem conhecimento profundo dos textos originais, e as traduções, na maior parte, eram interpretações do conteúdo com adaptações livres, sem o domínio dos recursos artísticos formais. (HIGHET, 1954)

Entre estes fatores, destaca-se a contribuição dada pelos eruditos humanistas, especialmente em dois aspectos referentes ao âmbito das letras: a redescoberta dos princípios pedagógicos dos programas escolares da Antiguidade clássica e o contato com a filologia, que, ao resgatar a arte retórica antiga, interfere na qualidade das obras literárias, traduzidas ou criadas, bem como no aperfeiçoamento de muitas línguas vernáculas. (FURLAN, 2002)

O sistema de ensino é um dos componentes essenciais da tradição culta na Europa ocidental, pelo qual desenvolveram-se a tradução e a produção de obras literárias. Este sistema, que envolvia o estudo do latim, da gramática, da poética, da retórica e, mais tarde, do grego antigo, foi retomado, a partir do século XIV, pelos humanistas italianos, difundindo-se depois para vários outros países.

O mais estável destes saberes foi o latim, que durante vários séculos esteve na base de toda a aquisição de conhecimentos, sempre indissociado da gramática. A arte retórica passou por diversas mudanças, desde a Antiguidade até o Renascimento, sem, contudo, nunca ter deixado completamente de ser ensinada. Já o grego, cuja variante moderna era língua viva na parte oriental do império romano,

25 Questões tratadas no capítulo 2, seção 2.2.

onde se manteve o estudo da modalidade clássica, ficou ausente dos programas escolares no ocidente medieval, até ser divulgado pelos humanistas. (KRISTELLER, 1993)

As páginas a seguir são dedicadas às principais etapas do desenvolvimento das referidas matérias e suas respectivas implicações para o processo de aprimoramento das línguas vernáculas aqui abordadas, em especial quanto às mudanças que ocorreram no modo de traduzir.

Os romanos haviam seguido, em linhas gerais, o modelo da *enkyklios paideia*²⁶ dos gregos, que consistia em uma transmissão do saber que envolvia o ensino de gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia e que os preparava para o estudo da filosofia. (MARROU, 1975, p. 276)

A gramática ocupava uma parte importante dos estudos, nos quais incluíam-se os textos clássicos da literatura grega, que eram lidos e interpretados, e também lições de ortografia, sintaxe e composição. O latim medieval teria sido a continuação do latim escolar e literário do baixo-império. Desde o século III d. C., com as revoluções internas e as derrotas infligidas pelos povos germânicos aos romanos, a sociedade letrada foi se transformando pouco a pouco. Após a proclamação da liberdade das religiões pelo imperador Constantino, através do Edito de Milão, em 313, e da proibição dos cultos pagãos, em 392, pelo imperador Teodósio, o cristianismo conseguiu, finalmente, impor suas idéias e sua língua. (NORBERG, 2007, p. 4)

A educação formal, em especial o ensino do latim, ficou então a cargo dos mosteiros, sedes do pensamento cristão, onde eram feitas cópias de manuscritos, comentários e ornamentação dos códices. O latim, mesmo depois de ter perdido espaço para os vernáculos locais no uso quotidiano da Europa ocidental, continuou sendo a língua dominante da Igreja, dos intelectuais, da administração e da diplomacia; e também continuou compondo a parte mais elementar da aprendizagem, pois era o instrumento através do qual as artes liberais eram ministradas. (MARROU, 1975, p. 277)

A cultura da Idade Média organizou-se em torno das artes liberais, em oposição às atividades manuais. Por volta do século VIII, na

26 Este modelo grego de educação teria também inspirado a noção de “enciclopédia”, no século XVI, como aquisição de uma cultura geral, universal.

Europa já cristianizada, ocorreu a primeira divisão dos saberes, quando foram criados os currículos escolares. Neste período, o conhecimento passou a se apresentar em duas formas básicas, que ficaram conhecidas como *triuuium* (gramática, retórica e dialética) e *quadriuium* (geometria, aritmética, astronomia e música). A gramática e o latim constituíam a base do ensino elementar. Embora não fosse dispensado o recurso eventual ao vernáculo, os exercícios e o material pedagógico eram elaborados em latim. O estudo da gramática incluía leitura e interpretação de autores latinos, a partir da imitação dos quais procedia-se à composição de prosa e verso, em língua latina. (KRISTELLER, 1970)

Depois dos estudos gramaticais, para os alunos que continuavam no programa, seguia-se o ensino da lógica e a iniciação aos clássicos, que objetivava, segundo Verger (1999, p. 80), “dar uma vaga tintura literária a uma certa parcela da população, preparar os melhores ou os mais ambiciosos para o acesso à universidade.” Na França, a gramática e os autores clássicos latinos eram estudados nas escolas, até o século XIII, quando surgiu a universidade de Paris e o escolasticismo. No final da Idade Média, as línguas vernáculas já possuíam suas obras literárias e eram faladas, inclusive, pela alta aristocracia, mas seu estatuto era completamente diferente do latim, que era a língua das disciplinas eruditas e dos estudos em geral, do menor ao mais alto grau: “Estudar era, antes de mais nada, estudar ‘as letras’ (*litterae*), quer dizer, o latim. Aquele que havia estudado era considerado *litteratus*, o que significava, fundamentalmente, que ele sabia latim.” (VERGER, 1999, p. 27)

As instituições de ensino medievais haviam sido fundadas em torno da educação e do estudo de textos antigos, principalmente da filosofia de Aristóteles traduzida em latim. No século XIII, com o surgimento das universidades, e durante os séculos XIV e XV, predominou o poder eclesiástico e o emprego do método escolástico²⁷ no estudo da filosofia e da teologia. (LE GOFF, 1989)

As matérias básicas de estudo sofreram algumas subdivisões, mantendo suas finalidades, até que os humanistas, seus herdeiros, fizessem as mudanças mais significativas. No final da Idade Média, as sete artes como somatório de conhecimentos acessíveis a qualquer

27 Estudo de forma rigorosa a que os filósofos medievais aplicavam-se, objetivando a busca da “verdade eterna”, fazendo uso de tecnicismos e um jargão especializado de difícil acesso aos não iniciados.

letrado havia dado lugar a várias disciplinas especializadas, como teologia, direito (romano e canônico), medicina, matemáticas, astronomia e astrologia, lógica, filosofia natural e, por último, gramática e retórica, que durante o Renascimento sofreriam alterações e acréscimos importantes. Nas escolas medievais, aprendia-se a gramática como instrumento para falar e escrever corretamente; e a arte retórica, ou oratória, com as regras adaptadas da retórica antiga, era estudada com objetivos predominantemente práticos, em especial pelos profissionais que precisavam redigir cartas e compor discursos. A *ars dictaminis* vigorou primeiro na Itália, nos meios jurídicos, depois se expandiu para outros países, aperfeiçoando os gêneros oratórios. (KRISTELLER, 1970, p. 197-208)

Os humanistas mantiveram um vínculo com os medievais quanto aos ofícios que exerciam, como secretários de autoridades, retores e professores, mas proporcionaram mudanças importantes em relação aos conteúdos, métodos e finalidades do ensino que ministravam. A respeito da atividade tradutória, por exemplo, Kristeller (1993, p. 158-9) observa que os humanistas cobriram uma área bem maior, em especial da literatura grega, preenchendo várias lacunas que haviam sido deixadas pelos tradutores medievais e disponibilizando aos leitores ocidentais, pela primeira vez, muitos autores e textos.

Os filólogos²⁸, estudiosos das palavras, que desde a Antiguidade eram profundos conhecedores da história, da língua e da cultura greco-latina, mantinham uma tradição de tratamento dos textos que visava determinar o seu sentido exato. Os mestres bizantinos conservavam um grande número de manuscritos clássicos, dos quais faziam confrontações com suas cópias e também com estudos de seus contemporâneos. O mais importante dos filólogos desta época foi Demétrio Triclínio, que, retomando os princípios dos alexandrinos, criou um novo método de tratamento dos textos antigos e influenciou os estudos no ocidente a partir do século XIV. Segundo Gayo (1979), Demétrio foi o primeiro a trazer informações sobre as divergências existentes entre a tradição manuscrita dos antigos e dos copistas modernos, tendo restaurado e corrigido várias obras, de Píndaro, Ésquilo, Sófocles, Eurípidas, Aristófanes, Hesíodo e Teócrito, muitas das quais haviam sido alteradas. A partir do seu trabalho, generalizou-se

28 Do grego *philos* (amigo) + *logos* (palavra).

a ideia de que a crítica textual nas obras poéticas deveria fundamentar-se na métrica²⁹.

Com base na filologia dos bizantinos e nos conhecimentos de grego clássico, os humanistas começaram a realizar versões novas e, principalmente, mais íntegras de textos já traduzidos, como de Aristóteles e de alguns comentadores. Muitas das traduções que haviam sido feitas entre os séculos XI e XII, embora tivessem sido muito úteis ao estudo da filosofia e das ciências para aquele contexto, apresentavam imprecisões na terminologia técnica, bem como nos modelos e gêneros da Antiguidade clássica, porque o conhecimento linguístico e estilístico que os tradutores tinham das obras clássicas era, muitas vezes, superficial. (HIGHER, 1954) Além disso, muitas dessas traduções haviam sido feitas em latim, através do árabe, e não diretamente do grego.

Durante a época medieval, a metodologia de ensino predominante no ocidente havia sido a hermenêutica, por meio de cujas regras eram estabelecidos os princípios, leis e métodos de interpretação textual, porque objetivava-se captar a mensagem das Sagradas Escrituras, sem grande cuidado com as questões de estilo. Mesmo quando se tratava de textos literários da Antiguidade greco-romana, a preocupação maior era com a adaptação do conteúdo a um público que não tinha acesso aos originais, e também porque os letrados da época, muitas vezes, não possuíam conhecimento profundo dos elementos formais do latim clássico, e menos ainda do grego, que lhes era praticamente ignorado. (HIGHER, 1954)

Com os humanistas, foram retomados os métodos das escolas romanas e o estudo de autores consagrados como Cícero, Horácio, Tito Lívio, Demóstenes e Tucídides, em suas línguas originais, bem como os princípios da retórica clássica grega. Nos programas escolares da Antiguidade, que foram incorporados às escolas romanas, exercitava-se a prática retórica e a tradução interlinguística, inicialmente com paráfrases literais do texto na língua comum, e depois com a elaboração de um equivalente retórico, priorizando o estilo oratório. (FURLAN, 2002)

29 Talvez daí tenha se originado a preocupação dos humanistas em relação à recuperação da sonoridade nas traduções do grego ao latim e depois também aos vernáculos.

A (re)tradução de obras gregas e o (re)descobrimto dos clássicos latinos, junto à redescoberta dos princípios pedagógicos antigos e o conhecimento do método filológico, constituem um dos componentes essenciais do Humanismo, em que é favorecido, segundo Folena (1994, p. 50-5), o amadurecimento de uma nova concepção do traduzir. Para este processo de desenvolvimento e inovação também teriam contribuído outros fatores importantes que caracterizam aquela época, como a expansão das oficinas tipográficas e a elevação do status de novas línguas. (FURLAN, 2002, p. 156-7)

A gramática e a retórica, que durante a Idade Média haviam ficado limitadas ao ensino básico, começam a ser revalorizadas a partir do século XIV, vindo a integrar o esquema dos *studia humanitatis*, juntamente com a filosofia moral, a poesia e a história. No século XIV, a poética (arte de escrever poesia em latim com base na imitação dos modelos clássicos) foi separada da gramática, que continuou a ser o instrumento para “falar e escrever corretamente”. Como parte da retórica, ou oratória, que ajudava a compor prosa em latim nos gêneros literários carta e discurso, era estudada também a história, que preparava os historiadores oficiais. Por último, estava a filosofia moral, responsável pela formação dos valores morais e da intelectualidade dos jovens. (KRISTELLER, 1970, p. 197-201)

No sistema de ensino renascentista, o grego clássico representa um fator de grande diferenciação, pois as demais disciplinas da área humanística, como a gramática, a literatura latina e a retórica, embora tenham sido relegadas a um nível elementar de aprendizagem, nunca chegaram a ter seu estudo totalmente interrompido. Já os estudos de grego estiveram ausentes durante a Idade Média, em quase toda a Europa. Por isso, conforme Kristeller (1970, p. 204), a contribuição dos humanistas neste campo foi muito maior e teve como resultado a introdução do grego nas universidades e nas escolas secundárias, com estudo, tradução, interpretação e difusão de toda a literatura grega na sua língua original, desde os textos de ciências, filosofia, poesia, história, retórica, até os da paráfrase.

No sul da Itália, na primeira metade do século XII, textos gregos, em especial de medicina e teologia, foram latinizados por tradutores como Nicola di Reggio e Nicola di Teoprepio, entre outros, enriquecendo as bibliotecas da corte napolitana. Estas versões, embora distantes da qualidade artística das traduções renascentistas, teriam

contribuído para a manutenção da tradição tradutória do grego ao latim que seria retomada depois por Petrarca e Boccaccio. (CHIARINI, 1995)

Petrarca foi um dos primeiros eruditos a aprofundar o conhecimento dos grandes autores clássicos, mas sua preferência era pelos latinos. Já Boccaccio foi quem oportunizou o ensino da língua grega, hospedando em sua casa o grego-calabrês Leôncio Pilatos, tradutor das obras de Homero em latim, e abrindo o caminho que seria seguido, no século XV, por outros humanistas tradutores de várias obras gregas, como Leonardo Bruni e Angelo Poliziano. A *Ilíada* e a *Odisseia* e as obras de Plutarco estão entre os textos gregos mais importantes traduzidos pelos humanistas. Segundo Chiarini (1995), estas traduções, apesar de literais, indicam que se estava iniciando um novo modo de traduzir, que já não visava unicamente à divulgação de conhecimentos ou à evangelização.

Junto à atividade tradutória do final do século XIV, implantou-se o ensino de grego na Itália, com o bizantino Manuel Crisoloras (1350-1415), que incrementou a qualidade das traduções e tornou conhecidas muitas obras originais, as quais mais tarde ganhariam edições bilíngues greco-latinas nas tipografias de Aldo Manuzio em Veneza e dos Estienne em Paris. A partir de então, começaram as grandes mudanças no sistema de ensino europeu.

Depois de a Itália consolidar os estudos gregos, outras cidades europeias passaram a receber helenistas como professores. Além disso, muitos eruditos³⁰ realizavam temporadas de estudo na Itália e, ao retornar, compartilhavam os conhecimentos adquiridos com cidadãos do seu país, ou de países onde eram convidados, ministrando aulas, ou escrevendo obras com as novas ideias; também mantinham contatos internacionais com outros humanistas, através de viagens, troca de cartas (em latim ou grego), livros e manuscritos; reuniam-se em círculos chamados academias³¹, ao modo da Academia Platônica em Atenas.

Para sua maior divulgação, os estudos humanísticos contaram com a criação de colégios, que se distinguiam pelo caráter laico, numa época em que a docência era monopólio eclesiástico e a disciplina

30 Por exemplo, Nebrija, Martín de Viciana e Pedro Simón Abril, na Espanha; Budé, Amyot e Casaubon, na França; Erasmo e Juan L. Vives, em Flandes.

31 Como a Academia platônica de Marsilio Ficino em Florença, patrocinada por Lorenzo de Medici; a de Giovanni Pontano em Nápoles; a de Pomponio Leto em Roma e a de Aldo Manuzio em Veneza.

rígida. Ainda que alguns destes colégios estivessem ligados a uma universidade, os maiores em geral eram autônomos e ofereciam em seus programas o ensino trilingue, latim, grego e hebraico, diferenciando-se das universidades, cuja maioria ainda priorizava a formação de teólogos. Os colégios trilingues tiveram início na Itália, sob o patrocínio de alguns banqueiros ou membros da nobreza, como os Medici e os D'Este. Difundidos em outros países, estes estabelecimentos contribuíram para a revisão que provocou a cisão dogmática na Europa, do evangelismo ao luteranismo, e também para a divulgação das obras literárias da Antiguidade, que constituiriam o cânone dos clássicos recuperados pela filologia. (LAFAYE, 2014)

Os patrocínios estenderam-se também às primeiras edições de manuscritos gregos e latinos resgatados do antigo império bizantino, com os quais muitas bibliotecas foram revitalizadas, primeiro na Itália, depois em outros países da Europa. Sob o patrocínio de Lorenzo de Medici, em meados do século XV, foi que Janus Lascaris trouxe de Constantinopla para Florença manuscritos de mais de duzentas obras gregas, das quais quase metade eram desconhecidas até então. Além disso, Lorenzo contratou escribas e ilustradores para copiar os manuscritos e divulgar o conteúdo da maneira mais ampla possível, oferecendo cópias a outras bibliotecas e instituições, dentro e fora da Toscana. (HIBBERT, 1993, p. 139-40)

O interesse pela língua grega não fez diminuir o valor do latim, cuja variante culta foi também uma revivificação feita pelos eruditos humanistas, através de manuscritos importantes, como as cartas familiares e outros discursos de Cícero, e também a *Retórica a Herênio*, ao qual era atribuída até 1491. A *Retórica a Herênio*, composta entre 86 e 82 a.C., é tida como a mais antiga arte retórica escrita em latim na Antiguidade e uma das que mais circulou na Idade Média, em códices que incluíam textos de Cícero, sendo-lhe atribuída a autoria, durante muito tempo, possivelmente por este motivo.

Para os medievais, o aprendizado do latim, como vimos, estava ligado a necessidades práticas, como escrever cartas (*ars dictaminis*), compor discursos e realizar tarefas de ordem administrativa e eclesiástica. Para os humanistas, segundo Iensen (1998, p. 93-4), além destas funções instrumentais, o latim tornou-se um meio de distinção, em que dominá-lo, no seu melhor estilo clássico, correspondia ao aumento do valor social dos seus usuários.

As obras de Cícero e os poetas, em especial Virgílio, Horácio e Ovídio, encabeçam o cânone dos modelos (*exempla*) dignos de serem imitados, pela sua beleza de composição, segundo os humanistas. Cada vez mais, novas gramáticas foram produzidas para o ensino deste latim renovado. Renovação linguística que, segundo Brandão (2000), não objetivava defender o latim contra o vulgar, mas contra a autoridade medieval, que impunha valores eternos e absolutos; é nesse sentido que os humanistas, com sua mentalidade crítica, “afirmam não ser o conhecimento algo já dito definitivamente, mas que se conquista e se reexamina continuamente no diálogo com os autores clássicos” (p. 34), frente aos quais se definem sem se confundir.

Por isso, se a sabedoria estava nos gregos e latinos, com cujas ideias poder-se-ia reconstruir a história, era preciso que a língua deles fosse libertada das fórmulas escolásticas. Eliminaram-se, então, no léxico, as domesticações e adaptações vocabulares e em seu lugar foram postas palavras latinas; e para os termos latinos que haviam sofrido alterações e simplificações, foram resgatadas as suas formas autênticas, como, por exemplo, os ditongos clássicos *ae* e *oe*, que haviam sido reduzidos às vogais simples [é] e [ê]. (IENSEN, 1998, p. 108-10)

A reforma do latim e a preocupação com a elegância estilística gerou algumas querelas entre os humanistas que defendiam o classicismo e os que o consideravam um tanto excessivo, principalmente em relação aos textos filosóficos, para cuja compreensão clara do sentido julgavam que o requinte formal não era relevante (KRAYE, 1998, p. 191).

Mas, apesar das objeções, o latim continuaria sendo, por muito tempo ainda, a língua culta de maior prestígio em toda a Europa, tanto que até mesmo muitos dos que se opunham a ele, em favor das línguas modernas, valiam-se dele como instrumento, quer por seu valor simbólico, quer por questões pragmáticas. (BURKE, 1995) Humanistas como Erasmo de Rotterdam e Juan Luis Vives, por exemplo, que defendiam o uso dos vernáculos, escreveram suas obras em latim para que pudessem ter suas ideias divulgadas, porque esta era, naquela época, a língua utilizada na transmissão e divulgação da cultura escrita.

A literatura humanística, ampliada com os textos clássicos redescobertos, caracteriza-se pela abundância de manuais de diferentes disciplinas e gêneros literários, como a poesia, a arte dramática e a historiografia. Com o romano Lorenzo Valla (1407-1457), inicia-se a crítica filológica, que iria contribuir para uma série de episódios

históricos do Renascimento europeu. Em 1440, Valla aplicou a crítica textual a um documento canônico da Igreja, a “Doação de Constantino”, do qual demonstrou a apócrifia. Este texto fundamentava o poder temporal do papado, contra o qual se proliferam os debates reformistas do século XVI, com a consequente edição crítica do Novo Testamento (*Nouum Instrumentum*) por Erasmo, em 1516, e a publicação da tradução da *Bíblia* em alemão por Lutero, em 1534. (HAMILTON, 1998)

No âmbito da literatura, pelo trabalho filológico dos humanistas, os escritos do passado, editados ou traduzidos, começam a chegar até os leitores europeus do modo mais completo possível, tanto no conteúdo quanto na forma, à qual, durante a época medieval, não era dada importância. Conforme Davies (1998, p. 79), o princípio defendido pelos filólogos humanistas de que “a forma sugeria o conteúdo” acaba influenciando até mesmo a representação gráfica e a decoração dos livros. A clareza das letras revelaria a clareza do estilo e um livro com boa aparência seria, portanto, um sinal de que também o que traz escrito em seu interior possuiria grande valor. No século XV, Poggio Bracciolini e Niccolò Niccola reformam a grafia, propondo a escrita redonda (*littera antica*), para facilitar a leitura, e sem as abreviações da escrita gótica, que, segundo os humanistas, causavam confusão. (DAVIES, 1998, p. 75-6)

A recuperação do latim clássico e o domínio cultural desta língua, e do grego, marcam o Humanismo, em seus primeiros tempos, como um movimento de resgate da integridade e dos valores da cultura clássica, tanto para preservar o seu “brilho literário dos dias do Império” (REBELO, 1982, p. 80) quanto para tomá-los como modelos de perfeição formal e estilística, a que os literatos deviam seguir. Ressurge, assim, o culto à latinidade, com Cícero na prosa, Virgílio na poesia e o latim, salvo das alterações sofridas anteriormente, triunfa agora como a língua de uso dos letrados.

Além da preservação do estilo do texto-fonte nas traduções, esta etapa cultural aproxima as comunidades românicas, restabelecendo o elo entre várias línguas neolatinas ocidentais, ao menos no tocante ao léxico, às normas gramaticais e às formas composicionais que embasariam os novos cânones. (HIGHET, 1954)

É interessante notar que, se por um lado a restauração do latim clássico, restrito à elite, provocou a discriminação das línguas vulgares, por outro lado desencadeou a necessidade de habilitá-las para que,

através delas, pudessem ser divulgados os valores da Antiguidade a um número maior de leitores. Desse modo, ainda que em um primeiro momento a tendência linguística classicizante possa ter sido desfavorável à ascensão dos vernáculos, considerados formas “bárbaras corrompidas”, logo em seguida contribuiu para a sua gramatização de vários deles e aperfeiçoamento das suas literaturas. Pois, estas se deram sob a imitação dos modelos das línguas antigas e das traduções de suas obras, embora com atenta reelaboração artística, a partir da retomada dos princípios da retórica clássica, em especial quanto à *elocutio* (FURLAN, 2002).

A retórica sempre esteve ligada à produção escrita na tradição ocidental. Desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, a arte de escrever e/ou discursar bem fazia parte das disciplinas fundamentais da formação intelectual. Também a tradução, concebida como *interpretatio* (RENER, 1989), fazia parte de uma teoria geral da linguagem e da comunicação que se tornou comum³². No entanto, entre os séculos XV e XVI, ocorrem mudanças significativas no tocante à arte retórica. No âmbito do desenvolvimento dos vernáculos literários e da tradução, aspecto que nos interessa aqui, esta época apresenta uma especificidade marcante com relação à atividade dos letrados, que se distingue daquela praticada pelos medievais. (FURLAN, 2002; HOLGADO REDONDO, 1991) A atividade tradutória dos renascentistas centra sua ênfase na *elocutio* - uma das partes da retórica que vai influenciar a sua produção literária e a normalização do uso culto dos vernáculos³³.

A recuperação dos textos da Antiguidade constitui um ciclo que se completou quando os humanistas descobriram os textos fundamentais da retórica clássica. Foi com eles que se iniciou a tradução diretamente do grego. Embora algumas obras de Aristóteles, como a *Poética* e a *Retórica*, já fossem conhecidas desde o século XIII, este conhecimento era parcial e obtido através de versões para o latim. Também textos de autores latinos foram resgatados e, juntamente com os gregos, tornaram-se a base da renovação do ensino da retórica.

Conforme Hernández Guerrero (2009), teriam contribuído para o auge da retórica entre os humanistas os seguintes textos: inicialmente, as

32 Para Rener (1989), a *interpretatio* como teoria geral da linguagem e da comunicação constitui uma unidade que se conservou inalterada até o século XVIII.

33 Este tema é tratado com maiores detalhes no Capítulo 3 da presente tese.

cartas de Cícero contendo questões oratórias, recuperadas por Petrarca em Verona; também de Cícero, oito discursos recuperados por Poggio Bracciolini; alguns diálogos de Platão traduzidos por Leonardo Bruni e Marsilio Ficino; e, o mais importante, um manuscrito completo das *Institutiones oratoriae* de Quintiliano, que Poggio trouxe à luz no início do século XV.

A partir de então, as ideias de Quintiliano, sobre educação e técnicas retóricas, começam a influenciar vários humanistas, como Lorenzo Valla, Rodolfo Agrícola, Erasmo, Juan Luis Vives, Petrus Ramus e Francesco Patrizzi, entre outros. Pouco depois, Gerardo Landriani recupera, na íntegra, as obras de Cícero *De Oratore*, *Orator* e *Brutus*. Foram descobertos ainda vários tratados gregos, como *Sobre a composição*, de Dionísio de Halicarnaso; *Sobre as ideias*, de Hermógenes; *Sobre o estilo*, de Demétrio; e *Sobre o sublime*, do Pseudo Longino, que iriam completar o conjunto dos textos fundamentais para a nova perspectiva do ensino da retórica. (HERNÁNDEZ GUERRERO, 2009)

Em meados do século XVI, os estudos de retórica já haviam ganhado grande importância nos colégios ou nas universidades europeias. Seu ensino compreendia três disciplinas teóricas: a oratória, subdividida em predicação e epístola, a poética e a historiografia. Tanto no estudo da gramática quanto no da retórica, o aluno trabalhava a prática da língua, com aquisição de vocabulário e construções, valendo-se de leitura comentada dos clássicos, imitação, tradução e composição. Quanto à metodologia geral de ensino da arte retórica³⁴, começava-se pelas teorias, com a definição, o conteúdo e as partes da retórica, a memória e pronúncia ou ação. A seguir, passava-se à prática, em que os textos eram comentados e exercitava-se a produção de textos retóricos. Na fase da composição, eram usados exercícios preliminares de retórica,

34 De acordo com Furlan (2002), o conteúdo de um tratado de retórica clássica, e renascentista, pode ser esquematizado do seguinte modo: 1. Definição de Retórica; 2. Matéria; 2.1. Gêneros; 2.1.1. judicial; 2.1.2. deliberativo; 2.1.3. demonstrativo ou epidético; 2.2. Questões; 2.2.1. os três graus de complexidade; 2.2.2. os dois graus de concretude; 2.2.3. os quatro 'status'. 3. Partes; 3.1. Inuentio; 3.1.1. Exordium; 3.1.2. Narratio; 3.1.3. Argumentatio; 3.1.4. Peroratio; 3.2. Dispositio; 3.2.1. as duas ordens; 3.3. Elocutio; 3.3.1. Latinitas; 3.3.2. Perspicuitas; 3.3.3. Ornatus; 3.3.4. Aptum; 3.3.5. Vitia; 3.4. Memoria; 3.5. Pronuntiatio.

denominados *progymnasmata*³⁵, que preparavam o estudante para a instrução oratória. (FURLAN, 2002)

As mudanças pelas quais passou a retórica, na época renascentista, são demonstradas nos textos dos autores humanistas mais destacados, como Lorenzo Valla (1407-1457) na Itália, Rodolfo Agrícola (1444-1485) na Alemanha, Juan Luis Vives (1492/3-1540) na Espanha e Petrus Ramus (1515-1572) na França. (MACK, 2011) Entre os humanistas portugueses, embora não se tenham produzido tratados originais de retórica, Pereira (2009, p. 106) observa que houve uma grande influência, principalmente dos italianos, na reorientação retórica do ensino gramatical³⁶ e no desenvolvimento da oratória, tanto no ambiente da corte como na universidade de Lisboa.

Quanto às mudanças propostas, para Lorenzo Valla, seria necessário reformar a dialética e a retórica, conforme escreveu na obra *Elegantiarum latinae linguae* (1417), em que pretendia organizar um modelo de ensino que considerasse a eloquência como fundamento de todas as disciplinas, substituindo o programa escolástico medieval. Agrícola, que rejeitava o sistema escolástico, propunha que a *inuentio* fosse retirada da retórica e considerada como parte da dialética. Caberia, assim, à retórica, apenas as partes do discurso e a ornamentação. Vives, no tratado *De ratione dicendi* (1533), redefine a *elocutio* e classifica-a como a parte mais importante da retórica. Ramus, por sua vez, reorganiza o estudo das artes da linguagem, de modo que apenas a sintaxe e a etimologia permanecem na gramática. Para ele, a retórica envolve a *elocutio* e a *pronuntiatio*; e na dialética ficam a *inuentio* e a *dispositio*. (FURLAN, 2002, p. 79)

Conforme Martín Jiménez (1997, p. 35), a redefinição renascentista da retórica resultou na perda do caráter interdisciplinar que a caracterizava em suas origens. Centrada agora na *elocutio* e separada

35 Entre os manuais antigos mais usados no Renascimento encontram-se o de Aftônio, editado em 1508, e o de Téon, em 1520; mais tarde foi difundido também o de Hermógenes.

36 A influência de Valla em Portugal, no século XVI, observa-se, conforme Pereira (2009), na gramaticografia e na lexicografia. O autor cita como exemplo as gramáticas de João Vaz e de Estêvão Cavaleiro, que resgatam a concepção integral do saber, abarcando “todos os conhecimentos indispensáveis à composição e à crítica, competências que definem o homem douto típico de uma sociedade letrada em que a escrita e a leitura por via do livro impresso substituem anteriores formas de comunicação.” (p. 108)

da *inuentio* e da *dispositio*, a retórica aproxima-se cada vez mais da gramática e da poética, afastando-se da filosofia, que então passa a envolver a lógica e o direito. A concepção ramista teria influenciado a mudança que, a partir do século XVII, reduziu a retórica, praticamente, a um elenco de tropos e figuras para adornar o estilo³⁷.

Segundo Holgado Redondo (1991, p. 4-8), a retórica dos humanistas, por um lado, segue os princípios da retórica clássica; por outro, apresenta algumas inovações, devido ao contexto em que se desenvolve. Dentre as principais características inovadoras, a primeira que o autor cita é a concepção da retórica como complemento da gramática, ou arte de “escrever bem o latim”. Ela surgiu na fase inicial do Humanismo, em afirmação contra o estilo dos escolásticos, considerado “bárbaro”, e com vistas à recuperação do latim clássico. Esta era a ideia de Petrarca, Salutati, Poggio Bracciolini e, sobretudo, de Lorenzo Valla, nas suas *Elegantiae linguae latinae*. A segunda característica é a redução das cinco partes da Retórica antiga à *elocutio*, por Vives, sob a influência de Agrícola.

Isso porque, com o novo *triuium* dos *studia humanitatis*, a retórica, que devia servir para adornar o discurso, foi colocada depois da gramática e da dialética. No *triuium* medieval, a sequência era gramática, retórica e dialética. Vives (1533) defendia que, depois da correção linguística (gramática), os argumentos deviam ser ordenados logicamente (dialética) para então serem finalmente adornados (retórica). Daí resultou que a retórica equivaleria à *elocutio*.

A redução da retórica à *elocutio*, proporcionando um latim genuíno e bem adornado, desencadeou um debate que dividiu alguns humanistas em dois grupos, um chamado de “ciceronianos” e outro, de “anticiceronianos”, trazendo repercussões para a teoria da *imitatio*, bem como para a defesa das línguas vernáculas e a tradução, conforme se pode verificar em alguns dos textos da nossa antologia³⁸.

37 O retórico espanhol Francisco Sánchez, el Brocense (1523-1600) concebe a retórica como a arte de adornar o discurso, composta por duas partes: a *elocutio* e a *pronuntiatio*, em que a primeira consta apenas de tropos e figuras. (MARTÍN JIMÉNEZ, 1997, p. 93)

38 Principalmente entre alguns personagens de Speroni (1542) e em Du Bellay (1549), para o qual a *imitatio* é um exercício para desenvolver a arte poética própria, devendo ser, portanto, criativa, apenas inspirada e não uma cópia servil dos grandes autores.

A questão teria iniciado entre os romanos, com Quintiliano, que era um grande admirador de Cícero, mas não o tinha como único modelo. Mais tarde Petrarca (1304-74), de igual modo, dizia que a obra imitada devia ser como um filho em relação ao pai e não como um retrato do original, para que o poeta não se tornasse um macaco; Poliziano (1454-94), contra Cortesi, repetiu a comparação petrarqueana do macaco, ao defender uma imitação criadora, com base em todos os autores latinos, inclusive os tardios, dizendo que o latim devia ser assimilado pelo poeta e tornado carne própria³⁹. Para os ciceronianos mais radicais, como Salutati, Guarino, Bembo, Sadoletto, Escalígero e Dolet, dever-se ia adotar um modelo de composição único, no caso, Cícero, considerado o melhor; já os moderados, ou ecléticos, como Petrarca, Poliziano e Erasmo⁴⁰, defendiam que se devia seguir os melhores exemplos, mas não um só, e nem imitar os autores tal qual um macaco e sim de forma criativa. (HOLGADO REDONDO, 1991)

Dentre todas as inovações feitas à retórica, a que mais caracteriza esta arte no Renascimento, de acordo com Furlan (2002, p. 81), é a ênfase dada à *elocutio*, não só como adorno do estilo, mas como uma noção ampla, que compreende o discurso como um todo, sendo o objeto exclusivo da retórica, enquanto as outras partes são comuns a cada uma das ciências; e o maior representante desta retórica elocutiva renascentista é Vives, cuja concepção da retórica recupera também o valor da língua comum, que havia se perdido com o tecnicismo dos escolásticos.

A proposta vivesiana enfatiza duas características fundamentais: por um lado, torna a *elocutio* “essência e substância” da retórica; por outro, expande-a para além da comunicação oral formal, envolvendo outras áreas, como a história, a poesia, o comentário e a tradução. A

39 Du Bellay (1549, p. 361) retoma esta metáfora, ao afirmar que se deve devorar os melhores autores “convertendo-os em sangue e alimento”, para que a imitação possa ser digna de um poeta.

40 Em 1528, foi publicado o diálogo *Ciceronianus*, no qual Erasmo expôs ideias na linha de Poliziano e fez uma síntese da literatura latina, desde a Antiguidade até o século XVI, com destaque para o estilo dos autores e defendendo a imitação livre, baseada no melhor que podia ser encontrado em cada autor. Este diálogo provocou réplicas de ciceronianos como Etienne Dolet (*De imitatione ciceroniana adversus Erasmum pro Cristoforo Longolio*, 1535) e Escalígero (*contra Desiderium Erasmum Roterodanum*, 1531-37).

ênfase de Vives na *elocutio*, conforme Furlan (2002), reflete-se na sua teoria da tradução, à qual se assemelham as ideias tradutológicas dos principais autores da época renascentista, tais como Bruni e Longiano (Itália), Lutero (Alemanha), Dolet (França), Chapman (Inglaterra), que convergem na busca pela produção de um texto retórico-literário, ou seja, de uma tradução que privilegie o texto na língua de chegada, conservando, porém, ao máximo, os valores do texto de partida⁴¹.

Enquanto nas traduções medievais priorizava-se a compreensão do sentido do texto-fonte sem que os aspectos formais fossem levados em conta, na tradução elocutiva renascentista há uma conjunção dos elementos considerados essenciais para que este se expresse na língua de destino do modo mais completo possível, com o seu sentido e também com todos os seus valores estéticos. Para tanto, um dos requisitos básicos do tradutor, a partir do século XV, passa a ser a “habilidade poética”, o que caracteriza a atividade tradutória renascentista como renovadora da língua de chegada. (FURLAN, 2002)

De acordo com Furlan (2002), a retórica renascentista diferencia-se da teoria retórica geral da linguagem, porque a *elocutio* deixa de ser apenas um dos elementos do discurso no sistema da retórica clássica, passando a constituir uma teoria estética literária, na qual se inclui também a tradução. E esta nova estética revoluciona o modo de traduzir, por tratar o texto traduzido em todas as suas dimensões, desde a compreensão do pensamento do autor até a sua expressão completa na língua receptora, com todos os elementos formais e estilísticos, os quais, por sua vez, são recriados, caso haja necessidade devido às diferenças entre as línguas. Desse modo, a tradição clássica não é rompida, mas, com os renascentistas, ela é modificada em função da cultura receptora.

O conjunto de conhecimentos humanísticos, composto pela oratória, história e filosofia moral, constitui o aparato fundamental da tradução renascentista, que envolve a preocupação do tradutor com a estética da linguagem, juntamente com a escolha criteriosa dos autores e das obras clássicas exemplares. A tradução, no Renascimento, por ter se tornado uma atividade artística, reelabora as novas línguas literárias; o tradutor, ao empregar os requisitos gramático-retóricos para obter a clareza da expressão, com harmonia e ornamentação, proporciona a elevação de status da própria língua. Em consequência disso, a partir do

41 No Capítulo 2, seção 3.4, são citados exemplos relativos a este novo modo de traduzir.

século XV e, principalmente no século XVI, sob a influência dos clássicos greco-latinos, começaram a ser compostas muitas das grandes obras da literatura em línguas vernáculas europeias. (HIGHET, 1954)

Finalizando o presente capítulo, pelos elementos até agora apresentados, podemos considerar que o Renascimento é um momento histórico relevante para a consolidação de novas línguas literárias na Europa ocidental, principalmente daquelas do grupo cujo processo de estabelecimento constitui o objeto da antologia que organizamos.

Esta consolidação resulta de uma série de fatores que se conjugam para que ocorra, em cada comunidade, a afirmação do vernáculo, ou de uma das variantes vernaculares. Especialmente no que se refere à atividade tradutória e às línguas neolatinas selecionadas no presente trabalho, a época renascentista constitui um marco na história, em que as novas literaturas são reelaboradas com base na renovação do modo de traduzir.

2 O PERCURSO DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA NAS LÍNGUAS NEOLATINAS LITERÁRIAS

As línguas neolatinas. O desenvolvimento da atividade tradutória. O surgimento do conceito moderno de tradução. As primeiras reflexões teóricas sobre a tradução.

2.1 AS LÍNGUAS NEOLATINAS

Línguas neolatinas, também denominadas novilatinas, românicas, ou simplesmente latinas, são todas aquelas que se desenvolveram com base no latim falado nas diversas regiões conquistadas pelos romanos a partir do século I a.C., por isso, sua história está intimamente ligada à do império romano. O termo *Romania* seria de origem popular e foi documentado pela primeira vez, no século V, por Paulo Orósio, discípulo de Santo Agostinho. Mais tarde, o termo passou a ser usado com o sentido de oposição à *Barbaria*, indicando que o mundo dos romanos estava se desintegrando e que os godos pretendiam sobrepor-se a eles, com a construção da *Gothia*. Ao longo dos séculos, *Romania* assumiu vários significados, geográficos, linguísticos e políticos, vindo a se consolidar nos estudos acadêmicos a partir do século XIX, com a divisão de Friedrich Diez (1794-1876) em România oriental e România ocidental. Posteriormente, Gaston Paris, em 1872, definiu-a como “conjunto dos territórios onde se falou latim⁴², ou onde se fala atualmente uma língua românica, incluindo-se as respectivas literaturas e a cultura de seus povos.” (BASSETTO, 2001, p. 178)

À medida que as migrações e conquistas foram se expandindo, não só em terras europeias mas também em outros continentes, as línguas românicas foram modificando os mapas linguísticos do mundo, como, por exemplo, o português no Brasil, em partes da África, Ásia e Oceania; o espanhol na América Latina; o francês no Canadá e nas colônias da Ásia e da África. Inclusive, mais recentemente, fatores como a conscientização dos povos, a reivindicação de direitos linguísticos, o desejo e a necessidade de codificar as falas diversas fizeram com que o número das línguas neolatinas que compunham o cânone estabelecido, e

42 Em alguns territórios, o latim dominou apenas enquanto durou o poder dos romanos. Por isso hoje já não fazem parte da România.

vigente até meados do século XX, fosse alterado, com a inclusão de mais línguas. (BADIA I MARGARIT, 2007, p. 31)

O que caracteriza as línguas românicas, ou neolatinas, e difere-as dos conjuntos de línguas de outros ramos, é o fato de que elas têm uma base comum conhecida, o latim vulgar⁴³, ao contrário de muitas outras línguas, que também são continuações históricas de um protótipo antigo, mas cuja existência deste é apenas hipotética⁴⁴. Além disso, estas línguas, ou algumas delas, contaram com uma tradição escrita comum, transmitida pelas instituições medievais e reforçada a partir do Humanismo renascentista.

Embora existam hoje mais de vinte línguas neolatinas, aqui são abordadas apenas quatro delas: francês, italiano, espanhol e português, porque são as que começaram a ter reconhecimento entre os séculos XV e XVI, na tradução literária e no uso escrito em geral. A partir desta época, através de um “processo de dignificação” (MICÓ, 2004), estas línguas tiveram suas literaturas reelaboradas, começaram também a ser padronizadas e consideradas aptas para cumprir todas as funções que até então haviam sido atribuídas quase exclusivamente ao latim. Algumas línguas literárias deste conjunto, tais como o occitano, o catalão e também o romeno tiveram seus movimentos de valorização só na segunda metade do século XIX, outras ainda nem os tiveram. Por isso, os textos que compõem o nosso *corpus*, cuja ênfase é o papel da tradução renascentista, referem-se ao grupo das que mais traduziram naquela época.

Até aquele momento, em relação ao poder e ao prestígio concedidos ao hebraico, grego e latim, todas as diversas línguas vernaculares eram, de igual modo, tratadas com certo menosprezo e consideradas por muitos intelectuais como falares dos “bárbaros” e dos “incultos”; mes-

43 A denominação convencional de “latim vulgar” foi dada pelos romanistas europeus do século XIX a uma modalidade de língua oral dos romanos, reconstruída através do método histórico-comparativo e confirmada com auxílio de fontes antigas, como inscrições em muros, tabuinhas e fragmentos de falas populares inseridas em textos literários. (SILVA NETO, 1946) No século XX, o filólogo brasileiro Theodoro Henrique Maurer Júnior publicou a *Gramática do latim vulgar* (1959), com base nos materiais fragmentários, confirmando os elementos através da análise estrutural das línguas românicas.

44 É o caso do indoeuropeu, do qual existem reconstruções comparativas, mas faltam fontes documentais.

mo as que já possuíam obras literárias, eram depreciadas e tidas como formas “corrompidas” do latim⁴⁵.

A situação mudou quando algumas das línguas vulgares começaram a ser vistas como instrumentos capazes de substituir o latim, principalmente na literatura, após um processo envolvendo ações de enriquecimento e reconhecimento. No caso das quatro línguas referidas nesta tese, são as que obtiveram, naquela época, por parte de alguns de seus usuários, um tratamento mais ou menos parecido com o que era dado às línguas clássicas. De modo geral, foi durante o Humanismo renascentista, compreendido, com algumas variações locais, entre 1300-50 e 1600 (KRISTELLER, 1993), que ocorreram as grandes transformações que elevariam o status destas línguas, reforçando, a partir de então, a sua latinidade culta, resgatada diretamente das obras clássicas.

As línguas às quais se refere nosso *corpus* foram construídas gradativamente e atingiram sua suficiência no uso escrito a partir dos séculos XV e XVI, quando se afirmaram suas literaturas e sua utilização no setor administrativo e jurídico, em meio a uma série de acontecimentos, cujo conjunto constitui, conforme demonstrado no capítulo precedente, o movimento cultural denominado Renascimento. Neste momento, algumas das línguas oriundas do latim falado, que há muito vinham se diversificando, reaproximaram-se pela via literária. Antes de ganharem a forma escrita, cada uma delas havia sido um daqueles latins provinciais, falados na Gália, na Itália e na Hispânia, mas nenhuma estava muito próxima do latim culto, conservado pelas elites e difundido pelas escolas e pela igreja cristã.

Dentre todas as variedades do latim, apenas algumas tornaram-se, mais tarde, línguas reconhecidas como nacionais⁴⁶, aquelas cujos

45 Calvet (2001, p. 34) chama atenção para a organização “piramidal” das línguas nos séculos XV e XVI, que revela a relação social hierarquizada que havia entre elas: o hebraico, língua original, no topo; o latim e o grego, em ambos os lados, como línguas sagradas e também veiculadoras do cânone literário nobre; e, na base, todas as outras línguas, naquela época chamadas de “bárbaras”, que ainda não eram reconhecidas. O confronto entre os vernáculos e as línguas clássicas é o tema principal do *Dialogo della lingua*, de Speroni (1542), que consta na presente antologia. O latim era a língua dita “perfeita”, “divina”, e os vernáculos, que descendiam do latim, mas porque haviam se misturado com os falares de outros povos, dizia-se que estavam “corrompidos”.

usuários, em geral um grupo de elite, com o apoio de alguma liderança política, passaram a utilizá-las em sua produção literária e em seus documentos legais e administrativos. Outras ficaram à margem, não por falta de algum elemento em seu interior, mas por não haver um projeto político que visasse à sua dignificação. Assim sendo, enquanto alguns vernáculos desenvolveram-se na escrita, com a difusão da imprensa e com a promoção de ações de interesse cultural e político, outros ficaram confinados, cada vez mais, à oralidade.

Schlieben-Lange (1993, p. 76) cita, como exemplo, o occitano (provençal), que foi a primeira língua moderna descrita em forma de gramática, e às vezes de poéticas, entre os séculos XIII e XIV, tendo se tornado modelo para o italiano e o catalão. No século XVI, porém, coincidindo com a difusão da imprensa, decretou-se o francês como língua de âmbito administrativo e judicial e o occitano foi, aos poucos, ficando restrito à literatura menos estilizada e ao uso oral.

Fato semelhante ocorreu na península ibérica: Na Espanha do século XIV, o catalão, que era literariamente superior à língua vulgar castelhana, acabou sendo desvalorizado devido às opções políticas e à hegemonia de Aragão e de Castela. (BURKE, 2010a, p. 23) Também o galego, que, nos séculos XIII e XIV, havia produzido uma literatura comum à Galiza e Portugal e que, através dos cancioneiros, deu uma contribuição notável à cultura europeia, com sua literatura, valorizada até na corte castelhana, posteriormente perdeu o prestígio. Sua minorização, segundo Cristóvão (2004), teria sido acelerada pela ausência da imprensa e dos processos de gramatização; e também pela ausência do Humanismo vulgar e das traduções dos clássicos, fatores estes que foram fundamentais para a promoção das línguas neolatinas majoritárias.

Apesar das semelhanças estruturais das variedades latinas, devido à origem comum, o *romanice fabulare*, umas se diferenciaram das outras. Enquanto algumas permaneceram relegadas à condição de

46 Na falta de um termo adequado para este grupo de línguas, na época renascentista, usa-se “nacional”, entendendo-se, porém, que o termo se refere a um papel provisório, sustentado pela literatura das elites. Pois, no século XVI, elas estavam recém começando a ser impostas, sendo, portanto, ainda cedo para aplicar-lhes denominações políticas como “línguas nacionais”, “majoritárias”, “hegemônicas”, as quais só caberiam mais propriamente a partir dos séculos XVII e XVIII.

minoritária⁴⁷, a outras, que acabaram sendo ideologicamente mais valorizadas, foi atribuído o status de língua nacional. Porém, do ponto de vista da história interna⁴⁸ das línguas neolatinas não há, entre elas, nenhuma razão para considerar quais são línguas apropriadas para o uso e quais não são, pois todas contêm todos os elementos necessários à comunicação entre seus usuários. As diferenças de status são devidas a fatores culturais e, sobretudo, políticos vigentes nas suas comunidades. Também o latim havia sido apenas um dialeto itálico igual aos demais; seu grande papel posterior⁴⁹, como lembra Bourciez (2000, p. 15), “se explica menos por virtudes intrínsecas do que pelos sucessos políticos do povo que dele se serviu.”

O prestígio alcançado pelas línguas neolatinas contou, em grande parte, com três fatores básicos: o latim, o cristianismo e, em especial, a literatura, que promoveram certa unidade cultural no ocidente⁵⁰, sobretudo na constituição das quatro línguas aqui abordadas, ainda que isso não deva ser considerado como o único critério.

Assim, o espanhol, começando pelo empenho de Afonso X e as traduções bíblicas, estabeleceu-se junto ao poder central com o apoio dos reis católicos e a obra de Nebrija. O francês, que depois se expandiu graças ao sistema escolar, teve como elemento indispensável também a sua famosa literatura. O português consagrou-se como língua literária a partir de Camões. E o italiano, que se consolidou mais tarde (no século XIX), contou com os esforços de Manzoni e de um grupo de intelectuais que reforçaram a tradição literária, já existente desde o final da Idade Média e ampliada no século XVI.

47 Ou ainda denominadas dialetos ou patoás (etimologicamente, falar com as patas), com sentido pejorativo, como algo corrompido e provinciano, considerado degeneração da bela “Língua”. Estas discriminações teriam se originado na França, a partir dos séculos XVI e XVII, quando o uso cortesão tornou-se a norma linguística. (ZABALTZA, 2006, p. 47)

48 A descrição dos aspectos estruturais da língua que não leva em conta os fatores sociais, culturais, geográficos, políticos etc.

49 Sem desprezar, é claro, o valor das suas obras literárias, que também constituem motivo de interesse, visto que em nossos dias continuam a ser estudadas, traduzidas e apreciadas.

50 Na parte oriental, há o romeno, que, além de se diferenciar das outras “irmãs” devido à incorporação de elementos eslavos, teve uma história política marcada por sucessivas dominações estrangeiras, tendo conseguido a sua relatinização e sua notoriedade nas letras só no século XIX.

A partir do Renascimento, por um lado, estas línguas reaproximam-se e convergem quanto à latinidade⁵¹ clássica que é resgatada; por outro lado, cada uma, na sua comunidade, individualiza-se e torna-se “neo-latina” no sentido de que é reconhecida pelos seus letrados como o novo latim daquele lugar; um latim “vivo”, capaz de dar conta das necessidades comunicativas e expressivas do seu grupo de usuários, e assim é instituída para substituir o latim “morto”⁵² que até então havia sido a língua principal.

Em todos estes fatores, a tradução exerceu um papel fundamental. Primeiro, a tradução dos textos gregos ao árabe e ao latim e do latim às línguas vernáculas, que funcionou como o principal elemento de continuidade cultural do passado greco-romano no ocidente. Depois, as traduções bíblicas em vernáculo, e, sobretudo, a revalorização das letras clássicas e os modelos traduzidos da Antiguidade, que influenciaram o desenvolvimento e a conseqüente autonomia da produção literária própria de cada país.

Isto posto em linhas gerais, porque se está aqui focalizando a influência da tradução renascentista nas variedades linguísticas dominantes. É claro que, no interior de cada comunidade, havendo muitas línguas, há histórias diversas que se entrecem em diferentes momentos.

A partir do Renascimento, como observa Burke (2010a, p. 105-6), a disputa ocorre entre aqueles vernáculos que, depois de terem se tornado línguas cultas, começam a lutar pelo lugar de “melhor das melhores”, alimentando a ideia de unidade de um povo, que mais tarde iria fomentar a relação de equivalência “língua/nação”. Esta relação, junto ao “desejo de fixidez” culmina com a fundação das academias, que se tornaram as autoridades máximas da regulamentação linguística da Europa.

51 Por causa da latinidade, característica do Humanismo renascentista, damos preferência aqui ao emprego do termo “neolatina”, por parecer mais adequado do que “românica”, cujo uso soa melhor em referência à romanidade resgatada pelo movimento romântico do século XIX, que visava à valorização da literatura medieval.

52 Nos textos renascentistas, em que há uma relação estreita das línguas com a natureza, é frequente a referência à oposição entre as línguas vivas, os vulgares, e as mortas, latim, grego e hebraico. (SPERONI, 1542; DU BELLAY, 1549; GELLI, 1551)

2.2 AS PRIMEIRAS TRADUÇÕES NA ESCRITA NEOLATINA

As línguas neolatinas, originárias da mistura do latim popular com os falares das diversas províncias romanizadas, tiveram sua escrita desenvolvida, na maior parte, sob a influência da atividade tradutória. O latim, língua dominante, pouco a pouco vai perdendo sua hegemonia enquanto os vernáculos começam a ocupar espaços cada vez maiores, ora na redação de documentos, ora na divulgação da religião cristã e, em especial, na produção literária, cuja afirmação é proporcionada, durante o Renascimento, pela retomada dos valores da tradição clássica. Vejamos, a seguir, como se dá este processo em cada uma das quatro línguas selecionadas.

A tradução no francês

O francês tem, na própria fundação, como seu primeiro e mais importante documento uma forma de tradução, *Le Serment de Strasbourg* (842). Primeiro registro conhecido de uma língua vernácula neolatina, este texto refere-se à herança de Carlos Magno, o restaurador do ensino do latim, e por isso teria sido redigido nesta língua. Mas, para que os conselheiros e soldados dos dois irmãos herdeiros pudessem testemunhar a aliança, foi necessário que se fizesse a tradução em uma variedade que seria o francês primitivo. (TRITTER, 2003)

Embora, naquela época, tanto a atividade tradutória quanto a língua francesa ainda não estivessem definidas, *Le Serment* constitui, ao menos, um indício de que o latim já não era entendido e, por isso, era preciso recorrer-se à versão em língua vernácula. (HALE, 2003, p. 160) Ainda durante alguns séculos, o latim continuou sua vigência como língua de cultura na França, bem como em outros países da Europa ocidental, até que as literaturas e gramáticas vernaculares, unidas às forças políticas e culturais de cada comunidade, pudessem ganhar visibilidade. O latim era a língua da *Bíblia*, da religião, do clero, das escolas e da escrita em geral, quase equivalente ao termo “gramática”, porque era ensinado e aprendido por meio de regras (VERGER, 1999). Já o vernáculo era considerado a língua sem regra, aprendida e transmitida pela oralidade.

Mas, enquanto decorria a articulação dos fatores externos que contribuiriam para a afirmação do francês perante o latim, a nova língua

foi tendo seu léxico ampliado através do que poderíamos denominar, se não traduções propriamente⁵³, ao menos formas de tradução, tais como empréstimos, decalques e neologismos semânticos, cujo papel formador da língua sempre esteve presente.

A partir do século IX, entraram no francês muitas palavras do árabe, pertencentes aos vários domínios das ciências, como matemática, química, medicina, botânica, zoologia, comércio, entre outros. No século XIV, foi a vez do vocabulário político ampliar-se, por meio das traduções de textos religiosos e filosóficos de autoridades greco-latinas e também da adoção de italianismos, em especial no campo bélico, financeiro e artístico em geral, como resultado dos contatos entre a França e a Itália (BERTRAND, 2008). Contatos estes que, mesmo tendo ocorrido através de conflitos, favoreceram os intercâmbios lexicais entre ambas as línguas.

Importante também foram as trocas e influências interlinguísticas advindas da tradução de textos literários. Segundo Rubio Tovar (1997, p. 237), a tradução, em especial na Idade Média, “oferece uma luz extraordinária sobre a recepção e a compreensão de muita literatura e é um verdadeiro atuante, um poderoso fermento que transforma os textos e converte-os em algo diferente do que são.”⁵⁴ Entretanto, a tradução literária nesta época ainda estava muito distante do que viria a ser depois, no modo renascentista, em que os valores formais e estilísticos seriam considerados fundamentais para a expressão completa do sentido.

Devido à necessidade de adequar o conteúdo dos textos para um público que não tinha acesso aos originais, os tradutores foram incorporando a tradução à criação literária própria. A França foi a primeira das comunidades neolatinas a desenvolver a sua produção literária com base nos escritos greco-latinos, em especial sobre história e lendas, divulgando-as em grande parte da Europa, ainda que os relatos tradicionais tenham sido alterados. Fazem parte deste ciclo diversos poemas heroicos, como a *Chanson de Roland* e o *Roman de Troie*, dos

53 Conforme Jakobson (1969, p. 64-5), a tradução propriamente dita é a interlingual, ou tradução que consiste na interpretação dos signos verbais de uma língua por meio dos signos verbais de alguma outra língua.

54 “ofrece una luz extraordinaria sobre la recepción y comprensión de mucha literatura y es un verdadero activo, un poderoso fermento que transforma los textos y los convierte en algo diferente de lo que son.”

quais foram feitas muitas imitações, adaptações e traduções, tanto em latim quanto nos diversos vernáculos europeus.

A literatura francesa também foi a primeira que recebeu influência das obras de Ovídio, completando assim a temática principal da época que, segundo Highet (1954, p. 102), compunha-se de “combates, amor e coisas maravilhosas”. O tema do amor, por exemplo, divulgado pelos trovadores provençais, depois é retomado, a partir do século XII, por poetas de outros países, como Itália⁵⁵ e Espanha, que, por sua vez, fomentam suas literaturas.

A tradução no italiano

Na literatura italiana, os primeiros exemplos de reelaboração, que podem ser considerados formas de tradução, aparecem na poesia trovadoresca de origem provençal. Iacopo da Lentini (1210-1270) é tido como o primeiro poeta tradutor/criador da poesia siciliana. Sua canção *Madonna dir vo voglio* seria uma tradução de um poema do trovador Folchet de Marseille (1150-1231), em que, usando as condições poéticas do seu vulgar, ele conseguiu recriar o texto. De igual modo teria procedido Jacopo Mostacci (1240-1262) na composição de *Umile core*, que seria uma tradução poética feita a partir do poema *Longa sazón ai estat vas amor*, de Rigaut de Berbezilh (1140-1163). (RUBIO TOVAR, 1997, p. 242)

Do século XIII até por volta do início do século XVI, na Itália, é a época das vulgarizações (*volgarizzamenti*⁵⁶) de obras latinas, bem como de textos literários franceses e provençais, que diferem muito do que viriam a ser as traduções renascentistas, porque, enquanto nestas buscava-se uma retextualização artística, naquelas predominava o interesse pelo conteúdo, com finalidade divulgativo-didática. (FURLAN, 2002, p. 144-5)

A respeito da atividade tradutória medieval, Folena (1994, p. 12) distingue dois níveis: “vertical”, em que o latim, língua de partida, é um

55 Na Itália, em especial, por Petrarca.

56 O conceito de *volgarizzamento* não se deve confundir com o sentido muitas vezes pejorativo que os derivados do termo “vulgar” adquirem posteriormente, através de gramáticos puristas. Aqui trata-se de uma forma de tradução/adaptação de textos das línguas clássicas para as línguas vernáculas, com o objetivo de tornar acessível ao leitor popular (*uulgus*). Maiores detalhes encontram-se em Folena (1994).

modelo ideal, por causa do seu valor e prestígio; e outro tipo de tradução, “horizontal”, que ocorre entre as línguas de estruturas semelhantes e culturalmente afins, como as línguas neolatinas. Entre estas, mais do que tradução entre sistemas linguísticos, ocorre intercâmbio de influências em algum aspecto, especialmente no plano vocabular.

No nível vertical, um grande número de latinismos foi incorporado ao vocabulário vernacular, muitas vezes de forma indiscriminada. Mesmo assim, este procedimento teve sua importância na ampliação do léxico, pois a língua vulgar não possuía os elementos formais suficientes para receber o texto clássico com toda a arte, uma vez que o grego e o latim possuíam palavras em número muito maior. Neste período, também nas estruturas linguísticas⁵⁷ operou-se nos vernáculos uma “revolução cultural” (VEGA CERNÚDA, 1995, p. 73).

Marazzini (2004) observa que, do ponto de vista sociolinguístico, os *vulgarizzamenti* são importantes para a preservação das variedades linguísticas da Itália, porque eram realizadas nos diversos vernáculos locais, como o siciliano, o napolitano, o lígure; e, especialmente a prosa, mais do que a poesia, mantinha os traços regionais, resistindo à toscanização pretendida pelos florentinos.

Segundo Furlan (2002, p. 147-9), as vulgarizações do século XIII, em especial de textos latinos, revelam a formação de um novo público leitor, composto de elementos que haviam frequentado universidades ou escolas de direito e interessavam-se pelas obras clássicas, mas que não as acessavam no original devido à falta de domínio linguístico, pois o latim que haviam adquirido era suficiente apenas para as necessidades práticas.

Entre o *Trecento* e o *Quattrocento*, à medida que as línguas vulgares iam sendo incrementadas e à medida que se afirmava a possibilidade da tradução artística dos clássicos latinos, a atividade tradutória foi se tornando cada vez mais autônoma. (RUBIO TOVAR, 1997 p. 243)

No final do século XV, com a política de Lorenzo de Medici, que visava à promoção do vernáculo, multiplicaram-se as vulgarizações de obras clássicas feitas pelos eruditos. Em Florença, Cristoforo Landino

57 As diferenças sintáticas observadas pelos renascentistas iriam motivar, mais tarde, os estudos teóricos a respeito da gramática.

traduziu a *História Natural*, de Plínio, em 1475; e Bernardo Pulci traduziu as *Bucólicas* de Virgílio, em 1481 (CELLA, 2011).

A partir desta época, com a contribuição dos filólogos humanistas, ao mesmo tempo em que o vernáculo se expandia ocorriam inovações também no modo de traduzir os textos antigos, ampliando-se o cuidado com a fonte e com a conservação do estilo, iniciando-se o papel que a tradução iria assumir no Renascimento, como reelaboradora da produção artística.

A Itália, apesar de não estar unificada politicamente no século XVI, era o lugar onde mais se buscava a unificação de uma língua vernácula, na teoria e na prática. A polêmica sobre o plurilinguismo, conhecida como *Questione della lingua*, teria iniciado com Dante Alighieri (1265-1321), que, na obra *De vulgari eloquentia*, após discorrer sobre os vários vernáculos italianos, menciona a escolha de uma língua ideal, de uso comum, com a qual ele já havia escrito um texto anterior, *Convivio*. Para ele, esta língua não deveria se confundir com a gramática (a língua literária), restrita a poucos.

No início do século XVI, reacendeu-se a discussão, com Castiglione, no *Libro del Cortigiano* (1513-24), e Maquiavel, no *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua* (1524-5), consagrando-se com Pietro Bembo, em *Prose della volgar lingua*, que defendia uma base literária ilustre para a unificação linguística italiana. Por isso, ele sugeriu que fosse adotada a língua do *Cancioneiro* de Petrarca para a poesia, e para a prosa, a do *Decameron* de Boccaccio, considerando-os exemplos literários que poderiam substituir os grandes autores clássicos do passado. (SOZZI, 1976)

O diálogo *Prose della volgar lingua* é uma recriação fictícia de um debate que teria ocorrido em 1502, em Veneza, entre quatro personagens ilustres, cada um representando diferentes posições a respeito da questão linguística: Ercole Strozzi, que defendia a língua latina, como digna e honrada, contra a vulgar, que era vil e empobrecida; Carlo Bembo, irmão e porta-voz de Pietro, defensor do toscano arcaico, com o léxico e os usos de Petrarca e Boccaccio; Federico Fregoso e Giuliano de Medici, que apoiavam Bembo na refutação do argumento de Strozzi.

A discussão apresentada gira em torno das possibilidades do vulgar, para o qual são pensadas soluções de diversos problemas linguístico-literários e, ao sistematizar os seus recursos literários, os interlocutores acabam formulando os preceitos retóricos, gramaticais e

poéticos que depois se tornariam exemplares para a construção dos vernáculos literários. Como o latim havia adquirido grande valor com a restauração feita pelos humanistas, para que o vulgar pudesse suplantá-lo era preciso dar aos escritores italianos uma pauta linguística a que pudessem recorrer para a expressão de suas ideias. Bembo tinha um ponto de vista retórico e ciceroniano, com a diferença de que estava transferindo ao vernáculo italiano a “depuração” que os humanistas haviam feito no latim clássico. Suas obras, *Prose*, *Rimas* e *Asolani*, constituíam, no início do *Cinquecento*, os paradigmas, tanto da poesia quanto da prosa em vernáculo. Ele ocupou-se, porém, apenas com o que deveria ser a língua literária, sem levar em conta os esforços de outros florentinistas, como Leon Battista Alberti, Cristoforo Landino e Lorenzo de Medici, que antes dele haviam se posicionado em favor do vernáculo⁵⁸. (NELSON, 1981, p. 433)

Segundo Tavosanis (2002, p. 2), a maior importância do diálogo bembiano *Prose della volgar lingua* é que, por meio dele, o autor faz com que a imitação dos escritores toscanos do *Trecento* se torne o modelo para os literatos da Renascença e das gerações sucessivas. Suas ideias também contaram com a contribuição dada pelo desenvolvimento da filologia humanística e da imprensa, pois muitos textos de Dante, Petrarca e Boccaccio que haviam circulado no *Quattrocento*, em forma de manuscritos, haviam sofrido adulteração pelos copistas. No início do século XVI, Aldo Manuzio edita, sob os cuidados de Bembo, obras procedentes diretamente dos originais trezentistas, que estariam mais livres das alterações formais do último século.

As preocupações de Bembo com a escrita literária, apesar de puristas, têm valor se compreendidas em seu contexto, pois, com sua obra, começa uma nova etapa da história das línguas vernáculas: a tradução do ideal estilístico latino para uma língua neolatina (BAHNER, 1966, p. 66). Etapa esta que marca o fim do uso exclusivo do latim na escrita das grandes obras literárias. Sua atitude iria estimular os literatos

58 Alberti havia descrito, entre 1434 e 1438, um conjunto de normas (*Grammatichetta*) com base no uso da fala de Florença, diferenciando-se de outras gramáticas italianas baseadas apenas na escrita literária; Landino (1424-1498), em suas traduções e comentários sobre obras literárias, procurava adaptar o texto à linguagem comum de Florença; Lorenzo, inspirando-se na obra *Convivio*, de Dante, defendia o uso literário do vulgar florentino como mais expressivo do que as línguas clássicas.

de outros países a elevarem suas línguas vernáculas ao grau de excelência antes só concedido ao latim.

O autor das *Prose* ganharia espaço mais tarde para expor sua acirrada defesa da língua vulgar culta, baseada nas obras de Boccaccio e Petrarca, como um dos personagens do *Dialogo delle lingue*, de Speroni (1542), selecionado para nossa antologia e que apresenta, de modo abrangente, a problemática da diversidade de línguas na Itália renascentista.

Em termos de inovação cultural, a Itália precede as outras comunidades neolatinas, mas ficou atrás quanto à concretização dos ideais de unificação da língua vernacular, o que, em geral, depende de questões políticas, a exemplo do espanhol, consolidado junto ao poder central com os reis católicos, e do francês (parisiense), a partir dos decretos do rei Francisco I.

No entanto, a produção literária dos italianos garantiu a permanência do prestígio que, desde o Humanismo, continuou a se irradiar para os demais países europeus, em grande parte graças às traduções. Dentre os exemplos significativos de produções literárias italianas traduzidas em outras línguas europeias que influenciaram criações e adaptações locais, em especial na França e na Espanha, encontram-se os sonetos de Petrarca; o *Pastor fido*, de Guarini; a novela pastoril *Arcadia* (1481), de J. Sannazaro; e o *Morgante* (1483), de L. Pulci. (VAN TIEGHEM, 1939; HIGHET, 1954)

A tradução no espanhol

Na Espanha, a atividade tradutória teria iniciado por volta do século IX d.C., ou antes, considerando a tradição romana dos exercícios escolares, ou a língua gótica, para a qual o bispo Úlfilas havia traduzido a maior parte da *Bíblia*, no século IV. Depois deste, foram os árabes os primeiros que a praticaram de modo mais ou menos contínuo, com as versões de obras científicas para o latim, promovidas pelo bispo Miguel, em Tarazona de Aragão. Havia também outros centros, como Ripoll, Barcelona, Sahún, Osma e San Millán. (RUIZ CASANOVA, 2000)

Traduzia-se nos mosteiros, dentre os quais destaca-se o dos cluniacenses, que, através do latim, acessaram a ciência oriental. No século XII, ainda para o latim, eram traduzidos, talvez do árabe ou do hebraico, textos didáticos, cujo objetivo era doutrinar. No século XIII, o famoso centro de tradução da Espanha situava-se em Toledo, onde

membros oriundos de três culturas, judaica, árabe e cristã, trabalhavam na maior biblioteca da Europa, composta de aproximadamente 400.000 textos orientais. Motivados pela curiosidade e erudição, os árabes traduziram para sua língua obras gregas, hindus e persas, contribuindo para o enriquecimento e a conservação do acervo cultural da península. (RUIZ CASANOVA, 2000)

Mas para a história da língua espanhola, a etapa mais importante de Toledo deu-se sob a proteção do rei Afonso X, o Sábio, quando, entre 1250 e 1270, realizaram-se as primeiras traduções do árabe ao castelhano primitivo, marco das primeiras manifestações da cultura nacional hispânica.

A respeito da tradução medieval na Península Ibérica, Santoyo (1999, p. 9) ressalta que havia uma intensa prática costumeira, crescente desde o século VIII, e que estaria ligada ao progressivo desconhecimento do latim culto e desenvolvimento dos vernáculos. O autor enumera uma série de traduções feitas por necessidade utilitária, na maioria intraculturais, cujo objetivo era divulgar o conhecimento de conteúdos locais. Primeiro, aparecem as glosas, Emilianenses e Silenses, visando à catequese dos cristãos que não entendiam os atos litúrgicos escritos em latim. Tais glosas, segundo ele, revelam os primeiros indícios de que uma nova língua estava nascendo, o proto-castelhano.

Santoyo (1999) cita também o uso da tradução na instrução e na escola, em que explicações aos alunos eram dadas em língua vernácula, quando não compreendiam os textos latinos. Além do contexto religioso e escolar, o autor expõe outras situações variadas em que a tradução ocorria na península ibérica entre os séculos XIII e XV. Entre elas, há documentos notariais e legislativos, decretos, termos de doações, privilégios e tratados, que eram redigidos em latim e junto apresentavam a versão romanceada, como prova de que o latim já não era suficiente para registrar os atos legais.

A tradução no português

No português, é difícil detectar o início da tradução como atividade prática. Costuma-se datar o seu surgimento no século XIII, durante o reinado de D. Dinis (1279-1325), coincidindo com o aparecimento da forma escrita da língua portuguesa, que começa a ser usada na substituição do latim. No século seguinte, surgiram os códices

dos mosteiros e alguns textos inventariados, como a *Regra de S. Bento* e a *Vita Christi*. (PAIS, 1997, p. 27)

A atividade dos primeiros tradutores portugueses teria sido verter textos religiosos, o que faziam como “prática social” (GOMES, 2010, p. 175) a serviço da igreja católica, para facilitar o acesso dos leigos ao culto cristão. A versão dos primeiros vinte capítulos do Gênesis, a partir da *Vulgata Latina*, atribui-se ao próprio rei D. Diniz.

Mais tarde, também o Novo Testamento foi traduzido para o português, durante o reinado de D. João (1385-1433), o qual ordenou a tradução dos Evangelhos, dos Atos e das Cartas Paulinas. Trabalho este que teria sido realizado por padres católicos e também a partir da *Vulgata*. O próprio D. João teria traduzido o livro de Salmos, que foi publicado junto às partes do Novo Testamento. (PEREIRA JÚNIOR, 2001) A linguagem destes primeiros textos era ainda muito arcaica, possivelmente porque a preocupação era mais religiosa do que literária.

Mesmo no século XVI, quando as traduções literárias já floresciam nas outras línguas neolatinas ocidentais, em Portugal ainda era o latim a língua mais prestigiada, tanto que era comum entre os humanistas, como observa Rebelo (1982, p. 185), “a tradução de obras portuguesas para os idiomas antigos, no intuito de conquistar uma universalidade de expressão que a língua original lhes negava.”

Por estas e outras razões, a contribuição da atividade tradutória para o português, ao menos na época renascentista, foi menos expressiva do que se observa nas demais línguas neolatinas literárias. Quanto à trasladação dos modelos clássicos, no entanto, a influência dos antigos, sobretudo dos romanos, é bastante significativa.

2.3 NOME E DEFINIÇÃO DO TRADUZIR

Entre os séculos XV e XVI, quando a diversidade de línguas começa a receber maior atenção, aumenta, cada vez mais, o número de textos traduzidos e surge também a preocupação com a qualidade das traduções. A noção de “traduzir” recebe novas denominações e o discurso dos tradutores revela, então, reflexões cada vez mais sistemáticas acerca da própria atividade. Esta é a época em que, segundo Berman (2011), a tradução e o tradutor se definem.

A tradução, como atividade humana, desde seu início até chegar às teorizações mais recentes, passou por várias considerações. Diferenciando-se no tempo e no espaço, a atividade tradutória recebeu

diferentes nomes, de acordo com o que significava em cada contexto. (FOLENA, 2004)

Embora as abordagens mais sistematizadas da tradução constituam uma área de estudos relativamente nova (*Translation Studies*), datada da segunda metade do século XX, a reflexão sobre o traduzir vem de longa data. Se levarmos em conta que esta reflexão tem suas raízes na aplicação prática e que a “necessidade de um estudo sistemático da tradução surge justamente dos problemas encontrados durante o próprio processo tradutório” (BASSNETT, 2005, p. 28-9), podemos situá-la em época muito remota, ao menos desde que se tem algum registro.

Como nossa abordagem restringe-se às línguas neolatinas, delimitamos o percurso aqui apresentado, tomando como ponto de partida a Antiguidade greco-latina. Entre os romanos, no século II a. C., como a aristocracia havia adotado a educação grega para seus filhos, as escolas ofereciam-lhes ensino bilíngue: o latim como língua auxiliar e o grego como língua de cultura. A tradução de uma para a outra destas duas línguas era um dos exercícios sistemáticos praticados pelos estudantes romanos, para que aprofundassem o domínio do latim e do grego. Por exemplo, a *Odisseia* de Lívio Andrônico⁵⁹ era um método de ensino de línguas, em que, ao lado do texto grego, escreviam-se as explicações (*praelectiones*) em latim, visando a facilitar o aprendizado dos alunos (MARROU, 1975, p. 388-9).

Mais tarde, a partir dos exercícios e dos modelos gregos de composição escrita, os romanos começaram a desenvolver as suas próprias criações literárias. Desse modo, a partir de comédias gregas, surgiram as primeiras obras da literatura latina, através do recurso da *contaminatio*⁶⁰, como os textos de Névio, Ênio, Plauto e Terêncio. (PÉREZ GONZÁLEZ, 1996, p. 109)

59 Lívio Andrônico, de Tarento, após a tomada de sua cidade pelos romanos, em 272 a.C., foi levado para Roma como escravo. Depois de alforriado, ele se tornou preceptor dos filhos de aristocratas romanos. (MARROU, 1975, p. 381-9) Lívio traduziu a *Odisseia*, verso por verso, usando o metro latino saturnino. Este formato de tradução explicativa (*praelectio*) dos autores clássicos gregos foi adotado, um pouco mais tarde, também pelo poeta Ênio, que explicava os poemas ao lado do texto grego.

60 *Contaminatio* era um recurso literário usado pelos romanos, em que várias comédias eram fundidas em uma só.

A tradução do latim ao grego, inicialmente, era feita apenas como exercício escolar, ainda assim somente pelos romanos, pois poucos gregos se interessavam pelo estudo do latim, mesmo durante a dominação romana da Grécia. (MARROU, 1975, p. 399) Foram os romanos, portanto, que expandiram o conceito do traduzir no ocidente, tanto no conteúdo quanto nas noções e conotações vocabulares, embora com sentido diferente do adotado hoje.

Cícero empregava a palavra *traductio* (*De oratore*, III, 42, 167), só que com sentido de empréstimo linguístico, “como um tecnicismo retórico, indicando a introdução material na língua de chegada de um vocábulo estrangeiro.” (FURLAN, 2001, p. 14) A tradução na Antiguidade greco-romana carece de definição, pois os gregos não traduziam e sequer se interessavam pelas outras línguas, as quais chamavam “bárbaras” (BALLARD, 2007, p. 26); os romanos praticavam a atividade, mas ainda não a haviam sistematizado.

No decorrer do tempo e com o desenvolvimento da prática, novas denominações foram surgindo, na tentativa de uma melhor adequação. Sendo o grego considerado pelos romanos uma língua de maior valor cultural, um grande número de palavras gregas foram incorporadas ao léxico do latim, proporcionando-lhe um enriquecimento. Este papel enriquecedor da tradução é retomado depois pelos renascentistas, com as devidas adequações ao novo contexto.

A influência da língua grega ocorreu tanto nas traduções quanto nas composições, e ainda deu aos romanos a possibilidade de adaptar o estudo da arte retórica grega. Cícero, que havia assimilado a cultura grega, era um dos mais importantes tradutores latinos nesse aspecto, tendo traduzido um grande número de obras de autores gregos, como Aristóteles, Platão e Epicuro. Sua tarefa de tradutor possuía um caráter cultural, visando ao serviço do engrandecimento de Roma e da sua língua. Por isso, considera-se que grande parte de sua produção é uma adaptação das produções gregas, em que ele defende a tradução *ad sententiam* e reelabora o texto de partida, introduzindo as alterações sintáticas e estilísticas necessárias à adequação da expressão na língua de chegada. A distinção ciceroniana “*nec conuerti interpretes, sed ut orator* [não traduzi como intérprete, mas como orador]” significa que sua tarefa não consistia apenas em expressar o sentido do texto original,

mas também cuidar da forma na nova língua⁶¹, observando as propriedades que a distinguiam da outra língua. (MORRÁS, 2002)

A partir de então, uma série de verbos latinos, cada um com acepções variáveis, segundo a época e o lugar, começaram a ser usados nos textos, às vezes como sinônimos, às vezes com especificidades semânticas. Conforme Folena (1994, p. 5-8) apresenta, começando pela referência à forma mais elementar, que seria a tradução oral, o que se entendia por “tradutor” naquela época vem de *hermeneus*. Esta palavra, em grego, corresponderia ao termo latino *interpres*, *-etis*, usada pelos romanos nas relações econômico-jurídicas, com o significado de “mediador⁶²”, ou “negociador de preço”.

Segundo Berman (2011, p. 79), na época clássica, os gregos distinguiam a tradução oral e escrita através das palavras *metapherein* e *hermeneuein*. Depois, na época tardia de Plutarco (46-125 d. C.), também *metaphrazein*. Destes verbos, os dois primeiros deram origem à *metaphore* e *hermeneutique*, no francês, bem como nas outras línguas neolatinas: *metafora* e *ermeneutica*, no italiano; *metáfora* e *hermeneutica*, no espanhol; *metáfora* e *hermenêutica*, no português.

O verbo *metaphrazein* não passou à língua francesa, mas há o *paraphraser* [parafrasear], muito próximo e com cujo ato a tradução manteve vínculos estreitos. O autor sugere que a tradução podia ser um caso específico de cada uma dessas atividades, sendo que os gregos a situariam em três domínios distintos: o da atividade metafórica, o da hermenêutica (ou interpretativa) e o da reformulação.

De acordo com Folena (1994, p. 8), sobre o termo grego genérico *metaphere* o latim teria decalcado *transferre*, mais específico, e de *metapherein*, os termos *metáfrase* (parafrasear, traduzir) e *metágrafe* (transcrever, traduzir). Para os romanos, a palavra *interpres* designava, ao mesmo tempo, o tradutor e o intérprete propriamente. Em latim, havia vários verbos para designar a tradução, dentre os últimos, *transferre* e *translatate*, também designantes da atividade metafórica.

Em Roma, a atividade tradutória, no início, não tinha nome próprio. A tradução literária surgiu, entre os romanos, como um valor novo e, juntos, também foram criados novos termos, ou se ampliaram as

61 Modo este de traduzir que é retomado pelos renascentistas, como veremos na seção 2.4 do presente capítulo.

62 O deus Hermes, na mitologia grega, tinha como atribuição mediar as relações entre os deuses e os homens.

conotações de termos já existentes. Berman (2011, p. 80) destaca que verbos como *uertere*, *conuertere*, *transuertere*, *imitari* e *explicare* referiam-se a um traduzir mais voltado à língua de chegada, mais abrangente, compreendendo a composição como um todo poético⁶³ e não apenas a escolha das palavras.

Segundo Folena (1994, p. 9), o verbo *interpretari*, ligado ao significado de *hermeneuein*, prende-se ao texto de origem, à fidelidade ao conteúdo. *Exprimere*, usado por Cícero e igualmente por S. Jerônimo, e *reddere*, usado por Horácio, indicariam a correspondência formal não literal entre o texto de origem e o texto traduzido. A forma *mutare* aparece em Sêneca e Quintiliano, mas sem continuidade imediata, sendo mais tarde usado por Dante. *Transfero*, usado por Cícero de modo mais genérico, tornou-se dominante no latim tardio. *Translatare*, criado a partir do supino (*translatum*) do verbo anômalo *transferre*, entrou nas línguas neolatinas através da escola e tinha a vantagem de permitir formar o nome do agente, *translator*, a partir do nome da ação, *translatio*, de onde veio *translation*, adotado pelo inglês e usado ainda hoje.

No latim dos cristãos, para o qual a tradução assumiu outra vez um valor novo, os termos latinos continuaram sendo usados, com sua sinonímia clássica-retórica. Para Folena (1994, p. 8-11), durante a Idade Média, a “tradução” realizada era um “*volgarizzamento*”, uma espécie de transmissão facilitada, ou aproximação dos textos clássicos à língua popular, sobretudo do latim às línguas vernáculas.

Folena (1994, p. 12-3) destaca a constante interação que havia entre a tradução e a produção original. Pela prática da glosa, as línguas tendiam a equiparar-se umas às outras. Também as situações de tradução se multiplicaram: A língua de partida podia ser tanto o latim quanto um vernáculo e os textos podiam ser de vários gêneros. A atividade tradutória medieval, segundo o autor, ocorria em duas direções principais, uma no sentido vertical, em que a língua de origem era o latim, o modelo ideal, de maior prestígio sobre o vulgar que ajudava a formar, e outra horizontal, que ocorria entre línguas de estruturas semelhantes e culturalmente afins, como as línguas românicas, que se interferiam mutuamente.

63 Em especial Cícero, que visava contribuir para o desenvolvimento da expressão literária latina. (VIEIRA, 2002)

Quanto à terminologia referente ao traduzir, nas línguas neolatinas é o francês antigo que apresenta maior variedade e sinonímia. Segundo Berman (2011, p. 76), o termo *traduction* [tradução] ainda não era usado com este sentido antes do século XVI. O francês medieval tinha *espondre*, *turner*, *mettre en romanz*, *enromanchier* e *translater* [explicar, mudar, passar para o romance, romantizar e transladar]. O verbo *turner* aparecia para indicar a passagem apenas do grego ao latim; *translater* podia ser usado para indicar a passagem tanto do grego ao latim quanto do latim ao inglês; já para a passagem ao francês eram usadas diversas locuções, como *faire la rime*, *rimer en franceis*, *traitez en romanz* e *de l'engleis en romanz traire*.

Conforme Folena (1994, p. 15), em francês, a tradução distinguia-se entre a que era feita em verso, *traire en romanz*, e a que se fazia em prosa, *translater*, termo mais técnico e didático. A partir da base francesa *romancier/enromancier* as demais línguas neolatinas teriam formado seus termos e derivações, como o espanhol *romançar/romancear*, *romanceador*, *romanceamento* e, posteriormente, o português *romancear*, *romanceado* etc.

Em espanhol, no século XIV, referindo-se à atividade tradutória, aparecem as expressões *transportament*, *mudament* e *al romançe que el dicho trasla[da]dor fizo*, segundo uma pesquisa realizada por Santoyo (1999, p. 35-47), em textos escritos por tradutores, entre 1378 e 1385.

Em italiano medieval, os verbos mais usados correspondentes à paráfrase francesa *en romanz* são *mettere*, *recare*, *ridurre*, *porre* e *sporre*, cujos derivados *sposizione* e *spositore* ganham um significado mais técnico do que os derivados do verbo *volgarizzare*, que era de sentido mais formal. Este verbo, com o agente *volgarizzatore*, afirmou-se no italiano, mas, para o uso mais genérico, ainda predominava o verbo *translatate*, que indicava a tradução tanto do latim quanto de quaisquer outras línguas. Dante usou o verbo *transmutare* e Boccaccio a perífrase *riducere di latino in volgare*, mas nenhum dos dois ainda usava o verbo *volgarizzare*. (FOLENA, 1994, p. 38-67)

O verbo *transferre/translatum* era usado mais especificamente nos documentos notariais e de chancelaria, para indicar traduções do árabe ao latim ou ao vulgar. *Ritrarre in vulgare* aparece nos comentários de Brunetto Latino, mas, segundo Folena (1994, p. 32-3), com sentido de referência ao processo do pensamento dedutivo.

Conforme Berman (2011, p. 81), *translatio*, com o verbo correspondente *translatate*, foi um termo latino que se difundiu no fim

da Antiguidade e passou à Idade Média. Em Roma, este termo tinha muitos outros significados além de tradução interlingual. Podia significar transporte ou deslocamento físico de objetos, transferência de direito ou de jurisdição, transferência de sentido, deslocamento de pessoas ou de ideias:

[...] essa multiplicidade semântica se enraizava numa significação fundamental: a *translatio* estava à frente de todo um movimento de transferência. É em virtude dessa pluralidade de sentidos e dessa significação fundamental que a Idade Média – fiel nisso ao espírito latino – pôde desenvolver o tema da *translatio studii*.⁶⁴
(BERMAN, 2011, p. 81, grifo do autor)

A confusão terminológica daquela época reflete a existência de um campo de atividade que ainda não estava bem determinado. A noção de “traduzir” variava conforme os tipos de texto e as diversas línguas. Isso se explica, provavelmente, devido à hierarquia das línguas, que se dividiam em clássicas e/ou sagradas, como o grego, o latim e o hebraico, e as demais, vulgares, às quais faltavam elementos, tanto formais quanto de prestígio literário e de poder político.

Na França medieval, para indicar o traduzir do vernáculo ao latim usava-se o verbo *latiner/latimer* (transportar em latim), que era muito comum como exercício escolar. Mas também podia significar “falar incompreensivelmente”, porque o latim havia assumido o sentido genérico de língua, linguagem e ciência. Segundo Folena (1994, p. 18), as formas *latiner* e *latimer* também eram usadas como substantivos, por escritores normandos e anglo-normandos, com o sentido de poliglota, mestre de gramática/latim e de “tradutor” como detentor de um

64 *Translatio studii* era um conceito usado na Idade Média, e algumas vezes no Renascimento, principalmente na França, para explicar o deslocamento geográfico e temporal do ensino. A ideia teria surgido no século IX, valendo-se da metáfora da luz solar (do oriente ao ocidente) para descrever o movimento do conhecimento, cuja origem estaria no Éden, daí passando a Jerusalém e Babilônia, depois à Atenas e então à Roma. Esta temática teria influenciado o poeta Chrétien de Troie (1135-1191) e outros romancistas franceses, que escreveram novelas de cavalaria.

conhecimento linguístico raro e do poder de estabelecer a comunicação entre pessoas de línguas incomunicáveis⁶⁵.

Na Idade Média, o material que havia para ser traduzido compunha-se dos ditos grandes textos, consagrados pela igreja e pelo clero, por isso, o ato de traduzir, como transferência de um texto de uma língua a outra, não se diferenciava de outros tipos de relação entre textos e línguas. A escrita medieval funcionava como uma espécie de reordenamento ou comentário de textos já existentes, sem distinção entre um texto original e um texto secundário, que podia ser tradução, comentário, recriação ou adaptação, pois faltava também limite entre uma língua e outra. (BERMAN, 2011, 79)

Certos tipos de textos deveriam ser escritos em determinadas línguas, independente da nacionalidade e da língua de seus autores. Os textos religiosos, filosóficos e científicos eram escritos em latim, enquanto alguns gêneros literários eram escritos em provençal (*langue d'oc*) ou galo-românico (*langue d'oïl*), em galego ou em árabe-hebraico. Havia também textos bi ou trilíngues, dificultando, assim, o sentido da sua tradução, tais como alguns relatos de viagem, em que, na sua escrita, misturavam-se as línguas. Por isso, conforme destaca Berman (2011, p. 79), “o ato de traduzir, como tal, existia; mas preso a essa dupla rede, ele não tinha nem cara própria, nem nome único.”

Mais tarde, uma série de fatores começa a modificar o campo da atividade tradutória e isto também afeta o léxico que a define. A pluralidade linguística começa a se defrontar com as línguas sacras, imóveis, ao mesmo tempo em que era necessário divulgar a evangelização. Neste contexto, a tradução se torna formadora das novas línguas, cujos usuários começam a tomar consciência de sua gramaticalidade e autonomia. (FOLENA, 1994)

A reflexão sobre a prática da tradução, que começa no final do século XIV (SANTOYO, 1999), de forma fragmentada, cresce pouco a pouco e acelera-se propriamente no século XVI. Os tradutores renascentistas são os primeiros a construir discursos mais elaborados sobre a sua própria prática. Ainda que de modo considerado primário por alguns estudiosos, no pensamento de muitos autores/tradutores na Europa ocidental, podem ser encontradas as bases da tradutologia

65 Folena (1994, p. 18) ainda observa que de “gramática”, o francês derivou *grimoire*, livro misterioso e mágico, e o inglês *glamour* (fascinação). Estes sentidos seriam devidos ao status do latim como língua a que poucos tinham acesso.

moderna, como demonstram os escritos de Bruni, Vives, Dolet, Longiano, entre outros (FURLAN, 2002; 2006).

Neste período, a tradução e o tradutor se denominam e se definem. *Translation*, termo mantido nas línguas anglo-saxãs, é substituído, nas línguas neolatinas, durante o século XVI, por *traduzione* (em italiano), *traducción* (em espanhol), *traduction* (em francês) e *tradução* (em português). Segundo Berman (2011), este termo surgiu em todas as línguas românicas por volta de 1500 e indica “uma mudança radical na maneira de perceber esse ato e, com ele, todos os demais atos de escrita (p. 76)”, ainda que essa mudança não tenha sido percebida como tal na época.

Na França, Robert Estienne teria sido o introdutor do verbo *traduire*, em 1539, e Étienne Dolet, além de *traduire*, usou também os substantivos *traducteur* e *traduction*, em 1540 (CARY, 1963, p. 6). Berman (2011, p. 82) observa que o verbo *traduire* já existia na França, no século XV, mas era usado apenas no domínio jurídico, onde ainda se conserva, no sentido de ser conduzido (“*Il a été traduit en justice*”) e vem efetivamente do verbo latino *traducere*, que tinha um sentido material de transporte, sem relação com a tradução enquanto atividade linguística.

Alguns autores, como Pöckl (1996) e Delisle e Lafond (2000), consideram que o significado moderno de *traducere* seja mais antigo do que se costuma afirmar. Mas, para a maioria dos estudiosos, a tese mais aceita é a difundida por Folena (1994, p. 68-71), que atribui a Leonardo Bruni a criação do neologismo semântico *traducere*, bem como o substantivo *traductio*, usados pela primeira vez em latim com o sentido moderno, em uma carta de Bruni, de 5 de setembro de 1400⁶⁶.

Além do verbo *traducere*, de uso abundante e consciente nos prólogos das versões brunianas de textos gregos ao latim e no tratado *De interpretatione recta* (1420), também foram documentados outros termos, como *transferre* ou *interpretari*. Assim, este verbo, com sua matriz comum florentina, passou às línguas neolatinas, possivelmente, por influência do humanismo: *tradurre*, no italiano, *traduire*, no francês,

66 Sabbadini, em 1900, já havia citado Bruni como o primeiro a usar este termo, dizendo, porém, que o humanista havia feito uma interpretação errada de Gélío, para o qual *traducere* significaria “conduzir além”, no sentido material (RENER, 1989). Esta afirmação é aceita também por Migliorini (1966), mas Folena (1994), ao contrário, defende que Bruni atribuiu-lhe um novo significado.

traducir, no espanhol, *traduir*, no catalão, e mais tarde também no português, *traduzir*. (FURLAN, 2001)

Na Espanha, as primeiras aparições de *traducir* e de *traducción* datam de 1438, no *Proêmio-dedicatória a Juan II de La yliada de homero en romãce*, em que também eram usados *interpretar*, *interpretacion* e *vulgarizar* (SANTOYOB, 1987, p. 35). Em valenciano, Bonifaci Ferrer, tradutor da *Bíblia*, em 1478, já se referia às formas *trellada* e *arromançada* (DOPPELBAUER, 2006, p. 187).

Nebrija usou *traduzidor* e, em 1520, encontra-se *traductor*, no prólogo à versão castelhana anônima da *Divina comedia*. Em catalão, o verbo *traduir* aparece pela primeira vez em 1472, depois *tradució* e *traduidor*, em 1494, todos usados pelo tradutor Francesc Alegre. Outras formas são *traslladar*, *romançar/arromançar*, *traure*, *vulgaritzar* e *referir* (SABIO PINILLA, 2010, p. 560-1).

Em português, não se tem registro do termo antes do século XVI. As primeiras documentações são fornecidas pelos dicionários, como o de Moraes e Silva (1813), *Diccionario da Lingua Portuguesa*, em que consta, no verbete “Tradução, s. Do lat. traductiōne-, no séc. XVI, ‘travessia’; acto de ser levado em triunfo; fig., acção de ir de um lado a outro; metonímia; tradução; exibição pública, exibição ao desprezo; repetição de palavra”.

Sabio Pinilla (2010) recolheu vários termos e expressões usados em português com o sentido de “passar de uma língua a outra”, desde o século XV até a consolidação do verbo traduzir e de seus derivados, no século XVII. São os seguintes: “tornar este livro em nossa linguagem” e “trasladasse” (Infante D. Pedro, 1433-8); “trasladar” (Dom Duarte, 1437-8) e ainda outras formas mais específicas, como “ditado/ditar” e “razoar” (Infante D. Pedro); “trasladação”; “interpretar” [compreender o significado]; “interpretador”, “glosar” (Vasco Fernandes de Lucena, 1438-48); “Traslladar/trasladações” (Valentim Fernandes, 1495-1521); “tirar de Latim em nosso linguagem” (Garcia de Resende, 1516); “pôr em nossa vulgar linguagem” (Damião de Góis, 1538); “trespassar (em latim)”, “fez natural” e “deu linguagem” (Antônio Pinheiro, 1541); “traduzidos [...] em lingoagẽ” (Aires da Costa, 1579).

Na Itália, no século XVI, ainda aparecem diversos termos referindo-se ao mesmo tipo de atividade, como na dedicatória da tradução da *Consolazione di Boezio* por Benedetto Varchi (1551), em que são usadas, em sequência, as expressões *transportata*, *traslatando*, *interprete* e *traduzione*. Toscanella (1575), no seu *Discorso del*

tradurre, usa, no decorrer do texto, além dos verbos *tradurre* e *trasportare*, também as expressões *tirare in volgare* e *volgere in volgare*.

Mas, estes tradutores, conhecedores da retórica clássica, possivelmente tinham como propósito demonstrar, através da sinonímia (*varietas*), a abundância lexical do vernáculo e não o teriam feito por falta de definição do traduzir, pois nesta época a tradução já é compreendida como *elocutio*, em que o sentido é trazido sem descuidar dos valores estéticos do texto de partida.

Em meados do século XVI, o italiano Sebastiano Fausto da Longiano, no seu *Dialogo del modo de lo tradurre* (1556), apresenta uma definição clara da tradução (*tradottione*), considerando-a um gênero diferente de outras formas correntes elaboradas a partir de um texto-fonte, tais como metáfrase, paráfrase, explanação, compêndio, e ilustração. (FURLAN, 2002; 2006)

Nesta época, os textos, bem como as línguas, já não são apenas os grandes e sagrados. O número de traduções aumenta, a antiguidade ressurgiu através dos manuscritos gregos; com a invenção da imprensa novos textos começam a ser divulgados a novos leitores; desenvolvem-se, também, as literaturas estrangeiras modernas, até porque muitos dos novos leitores desconhecem as línguas clássicas. Alguns tradutores ainda utilizam o termo “vulgar”, referindo-se aos idiomas vernáculos, mas também é frequente o uso da palavra “língua” (MOUNIN, 2006, p. 39-40), desde a segunda metade do século XV.

Isso significa que a importância das novas línguas é destacada, nesta época, pelo tratamento que lhes é dado, a começar por um nome, como se pode constatar nos textos de muitos renascentistas: “*lingua castellana*” (NEBRIJA, 1492); “*lingua fiorentina*” e “*lingua italiana*” (TRISSINO, 1524); “*langue françoise*” (PALSGRAVE, 1530); “*lingua italiana y española*” (BOSCÁN, 1534); “*la française, l’italienne, l’espagnole [...] et autre vulgaire*” (DOLET, 1540); “*lingua(gem) portuguesa*” (BARROS, 1540; OLIVEIRA, 1536); “*l’italienne*”, “*l’hespagnole*” (AMYOT, 1559).

Neste período, é frequente também o uso da expressão “nossa língua”, geralmente acompanhada de termos qualificativos e comparativos, como (a mais) “bela”, “clara”, “pura”, “melhor”, “adequada”, “apta”, “rica”, “nobre”, entre outros, pela influência da retórica clássica, conforme se verificam nos textos da nossa antologia.

A ligação entre escrever e traduzir, a qual Berman (2011) denomina “prática polilíngua da escrita” e que, conforme ele apresenta, forma a “estrutura triangular da atividade literária dos homens do Renascimento”, tem três modos seguintes de produção: 1º) escrever em língua estrangeira; 2º) traduzir da língua estrangeira e 3º) escrever na língua materna. A língua estrangeira, no caso, é o latim, e a língua materna, o francês. Mas, este esquema pode ser utilizado também para as demais línguas vernáculas, cujos letrados, neste aspecto, adotam a mesma prática. Das três atividades, o autor considera que a tradução é a mais importante, porque ela é o lugar onde se forma a língua de todos os escritores desta época:

[...] o domínio da língua a ser traduzida se adquire escrevendo com ela. Em outros termos, o exercício do *tema* (num sentido amplo: escrever numa língua outra que não a própria) permite a *versão* e isso permite, por sua vez, escrever na língua materna. (BERMAN, 2011, p. 73, grifo do autor)

Berman concebe a tradução renascentista como “origem e horizonte da escrita”, por considerar que, para os letrados do século XVI, escrever e traduzir são atividades complementares, em que a escrita tanto vem da tradução como a ela retorna. Desse modo, decalques, citações e empréstimos intertextuais que os escritores usavam seriam elementos tradutórios das línguas clássicas que contribuíram para a ampliação dos vernáculos literários.

Ele ainda destaca que, no século XVI, havia poucas obras, só as menos representativas, sem vínculo com a tradução, e que “a tradução é a matriz daquilo que começamos a chamar de *literature*” (BERMAN, 2011, p. 75), mas ressalta o fato de que havia também muitos problemas, pois não se dava importância ao modo como se traduzia. Faziam-se traduções a partir de traduções, de livros dos quais não se conhecia a língua; havia falta de princípios e abundância de más traduções. Contudo, segundo o autor, o que importa é que, pela primeira vez no ocidente,

traduzir torna-se uma atividade *manifestada* e *definida*. E isso se pode ver em dois sinais. O primeiro é a aparição de um termo *específico* para designar o ato de traduzir. O segundo, a

multiplicação de *escritos sobre a tradução*. [...] O século XVI, com certeza, escreveu mais sobre a tradução que a Antiguidade e a Idade Média juntos. O que é traduzir? Qual é o papel da tradução? Quais são os desafios? As regras? O Renascimento coloca abertamente estas questões. Isso também é novo. Porque a tradução tem um nome próprio e uma figura unitária é que se pode falar sobre ela. (BERMAN, 2011, p. 5, grifo do autor)

Os problemas encontrados pelos tradutores geraram a busca de soluções, fazendo surgir textos de crítica, prescrições, delimitações e favorecendo, com isso, o início das teorizações sobre a prática tradutória. Estas teorizações têm um aumento significativo durante o século XVI, paralelo à expansão das línguas vernaculares. Por isso, quando os letrados renascentistas abordam questões sobre a tradução, referem-se, sobretudo, à tradução nas novas línguas, seja nas impossibilidades e necessidade de aperfeiçoamento destas, seja na capacidade que elas têm de se igualar a outras línguas ou de superá-las.

Em grande parte dos textos que compõem a nossa antologia, os letrados do século XVI referem-se à tradução já definida como uma atividade especializada, que exige profundo conhecimento das línguas envolvidas, bem como de toda a arte necessária para que se produza um texto íntegro⁶⁷ na língua de chegada. Seus discursos contribuem, desse modo, tanto para documentar a história da sua atividade quanto para, com base nesta, promover o aprimoramento da sua própria língua e assim legitimar o seu uso.

2.4 A REFLEXÃO TRADUTÓRIA RENASCENTISTA NAS LÍNGUAS NEOLATINAS⁶⁸

No início do presente capítulo, foram descritos os primeiros passos da atividade tradutória nas línguas neolatinas, quando esta era praticada sobretudo como transmissão de conteúdos, com finalidade

67 Devido à influência da filologia humanística.

68 Esta seção refere-se, exclusivamente, às quatro línguas neolatinas que compõem o *corpus*, nas quais surgiram as primeiras reflexões sobre a tradução literária.

didático-divulgativa, ainda sem uma reflexão sistemática e sem preocupação com os aspectos estilístico-formais. Após a designação do ato de traduzir e da função específica do tradutor, é o momento de fazer menção aos primeiros escritos contendo questões a respeito da tradução já considerada como obra de arte.

Durante o Renascimento, junto à expansão do léxico, à elaboração de gramáticas e ao aprimoramento das literaturas das novas línguas, sobressai a reflexão sobre a prática da tradução, a partir da qual os tradutores constroem os primeiros discursos. No pensamento de muitos autores/tradutores renascentistas, podem ser encontradas, conforme Furlan (2002; 2006), “as bases da tradutologia moderna”.

Estes primeiros discursos sobre o traduzir, obviamente, não são apresentados de forma tão sistemática como os estudos ditos “científicos” que, a partir dos séculos XVIII/XIX, passaram a ditar as normas de organização do conhecimento. Se hoje os saberes apresentam-se compartimentados, devendo uns seguir os modelos de estudo, hegemônicos, impostos por outros, não significa que as experiências e as reflexões anteriores devam ser menosprezadas. No caso da teorização dos quincentistas sobre a tradução, podem ser encontrados, em seus escritos, muitos princípios válidos para qualquer tempo.

Na época renascentista, em que ocorrem grandes mudanças nos mais diversos setores, a linguagem constitui o centro dos debates nos meios intelectuais. Do ponto de vista filosófico, discute-se ainda a respeito da relação entre palavras e coisas, a partir da concepção dos gregos antigos⁶⁹, que os humanistas haviam retomado, sobre as palavras como representantes das ideias. Algumas querelas ainda ocorrem entre os herdeiros do humanismo purista, que primam pela conservação dos valores da Antiguidade clássica em latim e em grego, e os defensores dos vernáculos, que desejam elevá-los à categoria de línguas ilustres.

Mas o debate estende-se além, incluindo a reflexão tradutória. Com a visibilidade das novas línguas, a tradução, que como atividade havia contribuído para a ampliação lexical vernacular e para divulgar os textos antigos, passa a ser tratada, também, como tema de discussões teóricas, ganhando espaço em tratados e ocupando lugar de destaque nas literaturas modernas. Em cada comunidade neolatina aqui referida,

69 Em especial, Platão (*Crátilo*) e Aristóteles (*Da interpretação*).

pode-se observar como a tradução, no Renascimento, começa a ser considerada teoricamente.

Itália

Na Itália, berço do Humanismo e do Renascimento, a tradução que predomina até o século XV é a de obras gregas para o latim. Durante a Idade Média, a preferência havia sido por textos de literatura popular em francês, língua cujo prestígio era reconhecido nas cortes. As traduções para o vernáculo, mais especificamente para o toscano/florentino, que vão se diferenciar das vulgarizações medievais e confirmar a excelência da língua receptora, são realizadas mais tardiamente em relação à Espanha e à França. (HIGHET, 1954, p. 182)

Entretanto, a Itália antecede os demais países europeus quanto à observação e organização das primeiras considerações reflexivas sobre a atividade tradutória, desde o século XIV, quando as traduções ainda eram feitas das línguas clássicas ao italiano (florentino), ou do italiano ao latim. Conforme Pérez González (1999, p. 56), tradutores humanistas, como Petrarca, Salutati, Crisoloras, Poggio Bracciolini e Lorenzo Valla, embora não tenham escrito tratados sobre a sua atividade, já revelam em seus escritos uma tendência à tradução voltada aos aspectos artístico-literários do texto. Em linhas gerais, Petrarca e Crisoloras defendiam a tradução *ad sententiam*; Salutati, um modo de “adornar e melhorar” o texto; Poggio, a tradução “livre” e Lorenzo Valla, a tradução “literária”.

Na primeira metade do século XV, Leonardo Bruni (1374-1444) produz o tratado *De recta interpretatione* [Da tradução correta] (1420-26), em que os problemas da tradução, teóricos e práticos, citados desde os romanos, são definitivamente sistematizados e inaugura-se, a partir de então, uma nova situação cultural e um novo conceito de tradução. (FOLENA, 1994; FURLAN, 2002)

Bruni é tido como um dos autores mais importantes no que se refere ao início da reflexão tradutória no ocidente. O seu discurso tradutológico está presente, de alguma forma, em vários de seus escritos⁷⁰, mas é no referido tratado que ele representa, especialmente, o pensamento dos humanistas quanto aos aspectos linguístico-retóricos da

70 Como *Etica Nicomachea* (1415-17), *De studiis et litteris tractatulus ad Baptistam Malatestam* (1423-26) e *Vita Aristotelis* (1429) (BORSARI, 2014).

tradução literária, para a qual não só o conteúdo é importante, mas, de igual modo, a forma, com toda a sua arte, tal qual criada pelo autor:

Como, pois, os que pintam um quadro a imitação de outro quadro tomam dele a figura, a postura, o movimento e a forma do corpo inteiro, e não refletem sobre o que eles mesmos fariam, mas sobre o que um outro fez, assim nas traduções, o bom tradutor, contudo, se converterá no autor primeiro do escrito com toda sua mente, espírito e vontade, e de certo modo o transformará, e refletirá sobre como expressar a figura, a posição, o movimento e a cor da oração e todos os traços. Disto resulta um certo efeito admirável. (BRUNI, 1420; FURLAN, 2011, p. 26)

As ideias-chave sobre a tradução apresentadas por Bruni no texto *Da tradução correta* podem ser, sucintamente, assim destacadas: 1) O bom tradutor deve ter um conhecimento profundo de ambas as línguas envolvidas na tradução, bem como de todo o contexto (história, cultura, literatura, gêneros, estilos e recursos); 2) deve reproduzir na tradução o conteúdo, a forma e o estilo do texto original; 3) deve ter conhecimento do assunto e posse e uso do ouvido, para captar e reproduzir artisticamente o texto original. (FURLAN, 2011, p. 17-8) Nestas breves notas, já se pode perceber que o traduzir está sendo concebido como uma tarefa de grande complexidade e que Bruni tem uma visão ampla de todos os fatores que o trabalho de tradução envolve.

Seguindo a linha das ideias tradutológicas de Bruni, outro italiano importante deste período é Gianozzo Manetti, autor do *Apologeticus* (1454-1455), em que defende sua tradução dos Salmos, do hebraico ao latim. Manetti, porém, diferencia-se de Bruni quanto à tradução dos textos filosóficos, os quais considera que devam ser traduzidos com a maior precisão possível (*ad uerbum*), como os das Sagradas Escrituras, enquanto para Bruni a filosofia é colocada junto aos textos literários.

No Livro V, em que trata da “tradução correta”, Manetti diferencia o modo de traduzir textos profanos daquele de textos sagrados e divinos. No primeiro caso, ele prioriza as questões de estilo, já anunciando o papel reelaborador da tradução literária; enquanto que no segundo, por se tratar de religião, opta por maior rigor e fidelidade ao sentido:

[...] aos primeiros, por assim chamá-los “conversores” dos poetas, oradores e historiadores algumas vezes é permitido, por razões de elegância e ornato, enriquecer o árido, seco e pobre, omitir o obscuro e, de vez em quando, traduzir com maior brilho segundo sua vontade. Mas os fieis tradutores de filósofos e teólogos não devem discorrer e vagar daqui para lá errantes e livres a seu bel prazer do mesmo modo que por campos espaçosos e abertos [...].⁷¹ (apud PÉREZ GONZÁLEZ, 1999, p. 123)

Na Itália, depois de Leonardo Bruni e Gianozzo Manetti, já no século XVI, aparecem outros tratados fundamentais sobre a tradução, desta vez escritos em vernáculo, embora ainda ligados à latinidade clássica. Datam-se desta época, entre outros, o *Dialogo del modo de lo tradurre d'una in altra lingua segundo le regole mostrate da Cicerone* (1556), de Sebastiano Fausto da Longiano; a *Lettera del traslatate* (1543), de Ludovico Castelvetro; e o *Discorso del tradurre* (1575), de Orazio Toscanella, que consta na presente antologia. Os dois primeiros estão na antologia bilíngue *Clássicos da Teoria da Tradução-Renascimento*, organizada por Furlan (2006).

Diferentemente do modo medieval de traduzir, em que os aspectos formais e estilísticos não eram relevantes, nestes textos, ao discorrer sobre o traduzir, os autores seguem, em termos gerais, a concepção retórica elocutiva da linguagem, característica do Renascimento. Para eles, a relação tradutor-autor e língua/cultura de partida-língua/cultura de chegada deve ser a mais estreita possível:

[...] não concordo com aqueles que, uma vez deixadas as palavras, servem ao sentido somente, e menos com aqueles outros que, tendo deixado uma parte do sentido, colocam outra em seu lugar.

71 [...] a los primeros por así decirlos “conversores” de los poetas, oradores y historiadores alguna vez es lícito por razones de elegancia y ornato enriquecer lo árido, seco y pobre, omitir lo oscuro y de vez en cuando traducir con mayor brillantez según su deseo. Mas los fieles traductores de filósofos y teólogos no deben discurrir y vagar de acá para allá errantes y libres a su antojo de la misma manera que por campos espaciosos y abiertos [...]. (traduzido do latim por Maurilio Pérez González)

(CASTELVETRO, 1543 in FURLAN, 2006, p. 273)

Os que querem traduzir de uma língua a outra devem necessariamente expressar os pensamentos, conservar a ordem das coisas, e com as mesmas formas e figuras, ou conformações, ou aspectos, ou ornamentos, ou dignidades, ou esquemas (LONGIANO, 1556 in FURLAN, 2006, p. 357).

[...] o tradutor deve observar a mesma invenção que terá observado o autor que ele traduz, por tudo onde puder fazê-lo; (TOSCANELLA, 1575, p. 569).

Na época renascentista, a tradução torna-se obra de arte, porque, além da fidelidade ao pensamento do autor que se toma para traduzir, são levadas em conta todas as particularidades das línguas envolvidas no processo. Enfim, a tradução passa a ser considerada pelos seus tratadistas como uma tarefa que deve ser bem executada, na totalidade dos aspectos. Segundo esta nova concepção, do traduzir “bem”, o sentido correto de um texto só pode ser apreendido se a forma que o expressa também for respeitada ao máximo possível.

Espanha

Na Espanha, os primeiros rudimentos de considerações reflexivas sobre a tradução teriam iniciado no século XIV, quando o latim começou a se tornar incompreensível e o multilinguismo já se evidenciava. Antes da influência dos humanistas italianos, a atividade tradutória já havia sido muito intensa nas línguas vulgares espanholas, principalmente na Catalunha, que servia de ponte cultural para a península ibérica.

Em diversos textos analisados por Santoyo (1999, p. 35-47), produzidos entre 1378 e 1385, seus autores já revelam observações sobre a tradução e as/nas línguas vernáculas. Por isso, o estudioso espanhol considera o século XIV como um “período chave na história da tradução: um século de fértil transição entre a atividade tradutória estritamente medieval do século XII e do XIII e das novas correntes do

Renascimento que se instalam na Península ao longo do século XV⁷², argumentando que, durante o referido século, a atividade tradutória foi abundante e, mesmo sem mecenatos e geograficamente dispersa, consolidou-se em todas as línguas românicas (catalão, castelhano, galego e aragonês) como veículo de difusão cultural.

Ele observa, ainda, que houve uma substituição dos textos árabes por textos greco-latinos, mas que a tradução não se limitou aos textos clássicos, pois foram realizadas traduções intrapeninsulares de outras línguas vernáculas e, o mais importante, que no final deste período iniciou-se a reflexão e a crítica tradutórias. (SANTOYO, 1999, p. 47-8)

No século XV espanhol, já surgem as primeiras tentativas de preceituar sobre a tradução. Embora ainda envolvidos com a tradução de textos religiosos e filosóficos, aparecem importantes tradutores também de obras literárias, como Enrique de Villena (1384-1434), Alonso de Cartagena (1384-1456), Juan de Mena (1411-1456) e Alfonso de Madrigal (1407-1455), conhecido como el Tostado. Cartagena traduziu o *De optimo genere oratorum* de Cícero e diversos livros de Sêneca; Madrigal traduziu *Comentários sobre Eusébio*, em que repassou ao castelhano as ideias tradutológicas de S. Jerônimo.

Como demonstra Pérez González (1999, p. 50), Madrigal defendia a tradução *ad uerbum*, mas já começava a se preocupar com o aspecto retórico da língua e com a relação cultural que o tradutor devia manter com o autor do texto-fonte, questões que mais tarde, no século XVI, iriam ser aprofundadas por outros tradutores e se generalizar.

Pérez de Oliva e Pedro Simón Abril, posteriormente, traduziram do grego textos de Sófocles, Eurípides e Terêncio (VEGA CERNUDA, 1995, p. 74). Em seguida, começaram a ser lidos e traduzidos escritores italianos, como Dante, Petrarca, Boccaccio, Tasso e Ariosto.

À medida que mais autores e obras tornavam-se conhecidos por meio da tradução, mais a atenção voltava-se para o modo de traduzir, ampliando a reflexão sobre a própria cultura em comparação à dos outros países. Sob a influência do Humanismo italiano, tradutores, escritores e gramáticos espanhóis do século XV contribuem também para o processo de normatização e expansão da própria língua, que culmina com o trabalho de Antonio de Nebrija (1444-1522).

72 “período clave en la historia de la traducción: un siglo de fértil transición entre la actividad traductora estrictamente medieval del XII y el XIII y las nuevas corrientes del Renacimiento que se instalan en la Península a lo largo del XV”.

Apoiado pelos reis católicos Fernando e Isabel, Nebrija entrou definitivamente na história da renovação intelectual da Espanha após a publicação da sua mais importante obra linguística, que se completou no final do século XV, a *Gramática de la lengua castellana* (1492) e seus dois dicionários, de latim e castelhano. Junto à difusão dos clássicos greco-latinos, ele também contribuiu para sistematizar e propagar o conhecimento que havia adquirido em Salamanca e em Bolonha. (HINOHO, 1992)

A *Gramática* de Nebrija é a de maior peso histórico, tanto para a Espanha quanto para todas as regiões de fala românica, porque é a primeira obra sobre norma linguística escrita em castelhano, que então é convertido em língua de cultura literária. Mesmo na Itália, onde Nebrija completou sua formação e onde Dante, no século XIV, já havia sinalizado a importância do *volgar illustre*, as questões gramaticais, de modo mais ou menos organizado, só vieram a público a partir do século XVI. Nunca antes havia sido publicada uma gramática em uma língua moderna, pois a *Grammatichetta* do italiano Leon Battista Alberti, escrita no século XV, só foi redescoberta em 1850. Até a época de Nebrija, somente o grego e o latim eram consideradas línguas de cultura e estudo. Aos vernáculos, diversificados conforme o gosto dos usuários, empregados sobretudo na fala e em alguns escritos de menor vulto, não era dada atenção quanto ao estabelecimento de normas.

Nebrija seguia o princípio humanístico de que todas as línguas são iguais e somente se distinguem pelo cultivo que lhes é dado. Por isso, atribuiu importância às regras de uso e à fixação pela escrita, tradição esta que se constituiu desde os gregos e romanos antigos e que os humanistas fizeram reviver. Mas, nesta normatização, foram trasladados apenas os modelos formais clássicos; o conteúdo já era criação e adaptação local.

De acordo com Rubio Tovar (1995, p. 243), o século XV, na Espanha, é uma época de transformações em vários aspectos: a cultura letrada, cada vez mais, representa um bem social e de distinção; os nobres, como o marquês de Santillana (1398-1458), formam bibliotecas, compilam cancioneros e encomendam traduções. A tradução ganha um novo conceito, surgem novas formas de mecenato e os tradutores redigem dedicatórias aos seus mecenas. Aceleraram-se as traduções dos clássicos antigos, mas o grego e o latim não são as únicas línguas traduzidas; há também o catalão, o francês e algumas línguas da Itália (toscano e veneziano), que, embora não bem conhecidas pelos

tradutores, documentam uma fase de mudanças na história cultural da Espanha, de contatos entre línguas e países, de movimento de livreiros e tradutores e também de reflexão dos tradutores sobre seu trabalho.

A partir do final do século XV e durante todo o século XVI, os tradutores participam intensivamente do processo de afirmação da identidade nacional, sem que a tradução de textos religiosos e os de dimensão utilitária seja abandonada. A imitação dos modelos clássicos greco-latinos, e também italianos, e a aplicação dos princípios da retórica clássica, somados ao patriotismo cultural, permeiam as reflexões nos textos dos letrados renascentistas espanhóis.

Luis Vives (1492-1540), autor de obras sobre diversos assuntos, destaca-se nesta época como um dos primeiros preceitistas da tradução. No tratado *De ratione dicendi* (1533), ao propor uma reforma da arte retórica, Vives centra sua ênfase na *elocutio*, a qual se reflete na sua teoria da tradução. A teoria vivesiana encontra semelhança nas ideias tradutológicas dos principais autores da época renascentista, para os quais a tradução deveria privilegiar o texto na língua de chegada, sem negligenciar, no entanto, nenhum dos valores do texto de partida. (FURLAN, 2002)

Em *Versiones seu interpretationes* [Versões ou traduções] (1533), último capítulo do referido tratado, Vives considera a atividade tradutória com toda a sua importância linguística, retórico-literária e também como uma tarefa comprometida com a expressão da verdade do texto de partida: “Quanto mais exatamente tiveres conservado a graça do estilo e mais perto tiveres estado da tradução literal, tanto melhor e mais notável será a versão, expressando por certo mais verazmente seu original.” (VIVES, 1533; FURLAN, 2006, p. 127-8)

Outros, como Garcilaso de la Vega e Juan Boscán, sob influência dos poetas italianos, contribuem para a fixação dos modelos literários na Espanha, demonstrando sua habilidade artística e buscando provar os valores da sua própria língua, na poesia e na prosa. Para Garcilaso, a língua castelhana já pode competir com a italiana, uma vez que consegue equiparar-se a ela na tradução. Assim como os tradutores italianos recomendavam “transformar-se no autor” e “observar a mesma invenção”, ele concebe a boa tradução como aquela que oculta o original, pois isso indicaria que a língua receptora não fica devendo nada à fonte:

[...] sendo a meu ver algo tão dificultoso traduzir um livro quanto voltar a escrevê-lo, Boscán saiu-

se nisto tão bem, que cada vez que me ponho a ler este livro [*O Cortesão*] seu ou (melhor dizendo), vosso, *não me parece ter sido escrito em outra língua*. (DE LA VEGA, 1534 in FURLAN, 2006, p. 177, grifo nosso)

Inúmeros outros escritores e tradutores desta época, empenhados na promoção e dignificação do próprio vernáculo, elaboram tratados, diálogos e discursos em defesa da já então chamada “*lengua castellana*” (GARCIA DINI, 2007).

Sobre os letrados renascentistas espanhóis cujos textos constam na nossa antologia, como Juan de Valdés, Juan Boscán e Ambrosio de Morales, far-se-há menção às suas ideias no estudo introdutório da apresentação dos textos selecionados.

França

Para a língua francesa, o século XVI foi a época do seu maior desenvolvimento, não só no âmbito lexical, mas também nas normas gramaticais, na literatura e na área da tradução. Durante a Idade Média, muitas obras da Antiguidade greco-latina haviam sido traduzidas em vulgar francês, porém, com o interesse mais voltado para o conteúdo, o qual era muitas vezes alterado ou enriquecido pelos tradutores. Diferente foi a atitude dos renascentistas, que começaram a se preocupar com as obras, os autores e o modo como a tradução era praticada. O próprio conceito de tradução se modificou, originando importantes discussões entre os letrados.

A tradução para o vernáculo passou a ser vista como de grande utilidade, quer para o ensino bilíngue dos jovens nas escolas, quer para a economia de tempo na aprendizagem de línguas, ou ainda para a promoção cultural e a ampliação da língua nacional. O “proveito e a utilidade” das traduções contribuiu para a mudança de status dos tradutores, que se tornaram os responsáveis pelo enriquecimento da língua vulgar e para o reconhecimento do seu valor literário. (BIDEAUX et al., 1991, p. 159-61).

Na primeira metade do século XVI, a tradução, na França, foi incentivada pela vontade política do rei Francisco I (1494-1547), que mantinha os tradutores e encomendava-lhes versões de obras gregas, latinas e italianas. Destaca-se, em 1539, *l’Ordonnance de Villers-Cotterêts*, o ato político que instituiu a expansão oficial da variedade

parisiense como língua jurídica única, substituindo o latim, em todo o território francês. A partir de então, intensificaram-se ainda mais os esforços, embora nem sempre pacíficos, de valorização, defesa e unificação linguística. Em torno de 1540, os tradutores iniciam reflexões mais profundas acerca de sua atividade. Nos prólogos de suas traduções, discutem, além de diversos aspectos envolvidos, o “como traduzir” (BIDEAUX et al, 1991, p, 164-5).

Entre o final do século XV e o início do século XVI, a escrita em língua francesa encontrava-se ainda distante da possibilidade de competir estilisticamente com o latim. Etienne Dolet (1509-1546), um dos grandes tradutores da época, de latinista ciceroniano passou a defensor do vernáculo. Em 1535, Dolet havia escrito um diálogo contra Erasmo, defendendo a imitação de Cícero, que, para um grupo de humanistas, como vimos no Capítulo 1, era o único modelo a ser imitado. Mais tarde, ele mudou de ideia, contrariando Claude de Seyssel (1450-1520), tradutor de Luís XII, que pretendia latinizar o francês. (BALLIU, 1995, p. 11)

Dolet (1540) propunha uma unificação da língua vulgar, considerando que o francês apresentava os mesmos valores das outras línguas, tanto as clássicas quanto as modernas, e que poderia ser aperfeiçoado através de um atento trabalho de tradução. Para ele, o latim e o grego, com suas obras literárias, constituíam as diretrizes para a formação das novas línguas vernáculas, e a tradução, desde que bem feita, era um meio de desenvolver a língua receptora.

Como editor, Dolet publicou obras em latim e em francês; escreveu um dicionário etimológico latino (*Commentariorum linguae latinae epitome*, 1536-38) e pretendia realizar uma grande obra, o *Orateur françoys* que, segundo ele, estimularia os escritores a usarem a língua francesa ao invés do latim, mas apenas a terça parte do projeto foi concluída. Nesta obra ele previa nove partes: 01. *La grammaire*, 02. *L'orthographe*, 03. *Les accents*, 04. *La punctuation*, 05. *La prononciation*, 06. *L'origine d'aulcunes dictions*, 07. *La maniere de bien traduire d'une langue en aultre*, 08. *L'art oratoire* e 09. *L'art poétique*, das quais editou três, as que se referem à tradução, acentuação e pontuação.

Em seu pequeno texto *La maniere de bien traduire d'une langue en aultre* [Como traduzir bem de uma língua a outra] (DOLET, 1540 in FURLAN, 2006), ele expõe, em cinco regras básicas, como deveria ser uma boa tradução: 1) Compreender o sentido e o assunto do autor; 2)

Conhecer perfeitamente ambas as línguas envolvidas; 3) Traduzir as sentenças, e não palavra por palavra; 4) empregar a língua do uso comum; e 5) Observar a harmonia do discurso.

Esta teorização de Dolet integra o conjunto dos textos mais importantes da história da tradução renascentista, pela semelhança com as ideias tradutológicas de outros pensadores europeus daquela época, como Lutero na Alemanha, Vives na Espanha e Bruni na Itália. E, como eles, Dolet demonstra que a tradução artística (elocutiva) bem feita pode contribuir efetivamente para consolidar a literatura do seu país e dar ao seu vernáculo o mesmo valor atribuído às línguas clássicas. (FURLAN, 2002) Bruni e Vives, por convenção da época, escreveram seus tratados em latim, mas seus preceitos (elocutivos) sobre o traduzir são extensivos a todas as línguas.

Sobre as ideias de Joachim Du Bellay (1549) e Jacques Peletier Du Mans (1555), com suas respectivas contribuições para a dignificação do vernáculo francês, tratamos na apresentação que antecede os textos de cada um deles na nossa antologia. Neste capítulo, citamos apenas os autores que não constam na referida seleção.

No grupo dos tradutores franceses mais destacados no século XVI, encontra-se também Jacques Amyot (1513-1593), letrado pertencente à corte de Francisco I. Sua tradução mais famosa é a de *Les vies des hommes illustres* [Vidas paralelas], de Plutarco (1542-59), de cujo autor ele também editou as obras morais, em 1572. Amyot, com estilo próprio, contribuiu para a ampliação lexical da língua francesa, escolhendo, de acordo com os requisitos da retórica clássica, as palavras que julgava mais próprias, mais sonoras e mais vernáculas. Sua atenção, ao traduzir, é dada aos princípios da *elocutio*:

[...] o ofício de um probo tradutor não jaz somente em *restituir fielmente a sentença de seu autor, mas também em representar e em adotar a forma do estilo e maneira de falar deste*, se ele não quer cometer o erro que faria o pintor que, tendo-se encarregado de retratar um homem ao vivo, o pintasse longo, onde ele fosse curto, e gordo, onde ele fosse fino, ainda que o fizesse naturalmente bem parecido de rosto. (AMYOT, 1559 in FURLAN, 2006, p. 399, grifo nosso)

Dentre os méritos de Jacques Amyot como tradutor, Balliu (1995, p. 14-5) cita o fato de ele ter escolhido, além dos latinos, como Cícero,

também autores gregos como Plutarco e Eurípides, traduzindo-os diretamente do original grego. Com isso, rompe-se a tradição das traduções feitas por via indireta, representada na França por Clément Marot e Claude de Seyssel, que traduziam as obras gregas a partir do latim. O grego clássico como nova língua-fonte teria obrigado os tradutores franceses a resolver questões de ritmo e de sintaxe diferentes dos textos latinos a que estavam já habituados. Além disso, a partir do trabalho de Amyot, a França recebeu influência do modelo literário grego em temas, gêneros e estilos que depois se destacariam no classicismo do século XVII. (BALLIU, 1995)

Portugal

Em Portugal, quanto ao início da reflexão sobre a tradução, ou “trasladação”, não há consenso entre os estudiosos. Os antologistas Pais (1997) e Sabio Pinilla e Fernández Sánchez (1998) apresentam os textos do Infante D. Pedro e de seu irmão, D. Duarte como os primeiros a se referirem, no século XV, ao trabalho de “tornar em linguagem”, isto é, verter obras do latim ao português. Segundo Gomes (2010), ainda que a tradução pudesse diminuir o valor estético e fragilizar, casualmente, o conteúdo do original, “a verdade é que a disponibilização dos ‘clássicos’ ao público cortesão português, naquela época, era um desígnio histórico da maior importância.” (p. 179-80)

Algumas versões portuguesas de textos clássicos que foram feitas não chegaram a ser impressas; outras tiveram melhor sorte e tornaram-se conhecidas, como as obras de Cícero *Tratados de Amizade, paradoxos e sonho de Cipião* (1531), por Duarte de Resende e o *Livro de Marco Túlio Cícero chamado Catão Maior ou da Velhice* (1534), por Damião de Góis; além de adaptações de outros autores latinos, como Apuleio, Plauto e, principalmente, Horácio. (REBELO, 1982)

No século XVI, com a implantação definitiva da imprensa e as expansões territoriais, as vulgarizações têm sua circulação aumentada, embora o número de obras clássicas trasladadas, bem como a reflexão sobre a tradução, segundo Pais (1997, p. 30), não tenham tido um acréscimo significativo. Entretanto, concebendo-se a tradução não apenas restrita ao código linguístico, mas também como um processo cultural mais amplo, em que o tradutor é o sujeito que atua como transformador do seu meio, pode-se encontrar no Quinhentos um

período fértil em discursos importantes para a história da língua portuguesa, tanto no aspecto formal quanto no âmbito político.

O latim, as obras clássicas e a religião cristã continuam a lhes dar direcionamento, mas, de acordo com Pais (1997, p. 32), o momento exige que se reconheça a presença de outro elemento, do estranho que habita as terras recém descobertas; e a aproximação com este outro é necessária para que as negociações comerciais se efetuem. Em um primeiro momento, quer-se catequizá-lo e ensinar-lhe a língua portuguesa, dominando-o, assim como o texto traduzido de outra cultura leva seu sentido ao leitor de língua diferente. Mas, depois, ocorre também alguma forma de troca, ainda que em menor escala.

Os empréstimos de palavras seriam a contraparte da negociação cultural, e o trabalho dos letrados, então, é o de legitimar, conceder vernaculania a estas palavras, adequando-as às exigências da própria língua. Como disse o gramático João de Barros, comentando que os portugueses, além de terem tomado vocábulos árabes e asiáticos, podem ainda “usar d’alguns termos latinos que a orelha bem receba” (BARROS, 1540, p. 573).

Em termos de influência cultural, o Humanismo deixou marcas indeléveis em Portugal, como no âmbito da filologia, que inspirou gramáticas e dicionários do latim clássico; no ensino da eloquência e dos princípios retóricos; na latinização da língua e da literatura (Barros, Camões e outros); na regularização do vernáculo (Oliveira, Barros, Gândavo e Duarte Nunes); enfim, na estética literária denominada neoclassicismo, que vigorou até o século XVIII. (SARAIVA; LOPES, 1978)

Pelo percurso apresentado neste capítulo, podemos considerar que, no Renascimento, as primeiras reflexões sobre o traduzir têm uma relação estreita com as primeiras observações das variedades linguísticas. Tanto a atividade tradutória quanto o uso das diversas línguas, clássicas ou vulgares, ocorria desde muitos séculos. Todavia, é a partir do final do século XV e, sobretudo, durante o século XVI, que estes fatos começam a se tornar objeto de discussões entre os letrados.

O novo modo de traduzir, em que se busca aprimorar a arte da palavra, segundo os princípios da retórica clássica, amplia a visão dos tradutores, motivando, assim, a reflexão sobre as diferenças existentes entre as línguas e sobre os problemas encontrados durante o processo tradutório.

Nesta época, quanto mais artística se torna a tradução, maior é a sua valoração e também a complexidade do ato. Desse modo, a tradução renascentista produz reflexos na reelaboração das novas línguas como um todo, incrementando tanto a produção literária quanto as demais formas de uso culto do vernáculo. Este é o tema tratado no próximo capítulo.

3 ALGUNS PRESSUPOSTOS SOBRE O PAPEL DA TRADUÇÃO NA REELABORAÇÃO DO VERNÁCULO

O enriquecimento e a exaltação do vernáculo. A retórica elocutiva. A especificidade da tradução renascentista.

Os séculos XV e XVI constituem uma época profundamente marcada por diversas mudanças nas línguas neolatinas, em especial naquelas que, a partir de então, adquiriram o status de majoritárias. Conforme apresentado no Capítulo 1, o Humanismo renascentista foi a ampliação e difusão de uma renovação de ideias que vinham sendo gestadas desde o século XIV. No âmbito da história da tradução, o aspecto mais relevante desta renascença é o novo modo de traduzir, que, junto ao aumento do volume e variedade de obras traduzidas, contribuiu para a reelaboração de muitos vernáculos literários.

Através do conhecimento filológico, que facilitou a recuperação dos textos clássicos, e da retórica centrada na *elocutio*, a tradução desenvolveu-se como estética literária e, entre os séculos XV e XVI, conquistou um lugar de destaque em diversas línguas vulgares, para o que soa adequada a expressão de Vega Cerñuda (1995, p. 71): “Se o Renascimento foi a ressurreição da Antiguidade, foi a tradução que insuflou vida nova a seus despojos.”⁷³,

No Renascimento, diante de novos desafios e movidos por novos ideais, os letrados empenham-se para dar autonomia à língua de seu grupo, promovendo, com isso, a dignificação de muitos dos vernáculos europeus. A partir da primeira metade do século XVI, começam a aflorar cada vez mais textos cujo conteúdo evidencia o desejo de afirmação dos modelos literários das novas línguas, cujos autores e obras tornar-se-ão “os novos clássicos” (MICÓ, 2004, p. 175).

Em 1525, Pietro Bembo publica o tratado *Prose della volgar lingua*, defendendo as potencialidades do vernáculo florentino, o qual considera uma língua literária tão louvável quanto o latim. Também em outras comunidades neolatinas há, nesta época, homens eruditos que se empenham na valorização estética, no aprimoramento e na exaltação da própria língua.

73 “Si el Renacimiento fue la resurrección de la Antigüedad, fue la traducción la que le insufló nueva vida a sus despojos.”

O novo momento histórico faz emergir uma série de questões novas, ou que exigem tratamento diferente e respostas mais adequadas. Dentre estas questões, são frequentes a relação entre as línguas clássicas e as vulgares, os usos falados e escritos, os modelos dignos de imitar, o modo de traduzir, a história e a crítica da literatura, a necessidade de normalização dos vernáculos e a autoridade política para instituí-los.

Nos primeiros tempos do Humanismo, a preocupação maior dos letrados havia sido com a restauração do latim clássico, como forma de vincular o pensamento da época aos valores da Antiguidade, afastando-o do domínio da escolástica medieval. No entanto, o uso deste latim recuperado ficou restrito a poucos, o que dificultava a divulgação da cultura clássica. Além disso, a necessidade de uso dos vernáculos impunha-se cada vez mais, sobretudo com a expansão da imprensa e o aumento do número de leitores provenientes das classes em ascensão econômica, mas sem o grau de erudição exigido para a compreensão da língua de Cícero.

A partir do embate entre os que defendiam a excelência das línguas clássicas e os que lutavam pelo emprego das línguas vulgares, iniciou-se um movimento rumo à afirmação e dignificação do vernáculo. O uso de muitas das línguas vulgares já estava bastante difundido, mas, para que pudessem livrar-se das denominações discriminatórias de “bárbaras”, “corrompidas” e “incultas”, elas precisavam ser devidamente habilitadas. Só então poderia ser proclamada a sua emancipação. Esta habilitação ocorre através de duas ações básicas, promovidas e executadas pelos letrados renascentistas: o enriquecimento e a exaltação, ambos representados pelo que Joachim Du Bellay chamou *illustration*. (HIGHET, 1954, p. 366)

O enriquecimento refere-se, principalmente, ao léxico, conforme os requisitos das palavras na tradição gramático-retórica, em que as línguas eram divididas em “ricas” e “pobres”. As línguas clássicas possuíam grande quantidade de palavras (*copia et abundantia*); os vernáculos, ao contrário, eram todos considerados desprovidos de recursos, sobretudo em relação aos vocábulos literários.

Além da abundância de palavras, havia outros aspectos que também eram considerados relevantes nas línguas ricas, como o número (duração do som na pronúncia das vogais, responsável pela formação dos pés métricos), as flexões verbo-nominais e a liberdade na colocação dos termos, o que, na versificação clássica, favorecia a composição e a musicalidade.

A respeito desta “riqueza”, ou posse do maior número de recursos, entre as línguas clássicas, que no século XVI serviam de modelo para as vulgares, havia uma hierarquia, em que o grego era colocado no topo, seguido pelo latim e, por último, o hebraico⁷⁴. Como naquela época as ideias eram vinculadas às suas palavras próprias, as línguas podiam ter seu léxico aumentado pela importação de novas ideias (FURLAN, 2002). Por isso, a tradução, cujo volume e diversidade de obras se amplia, tem uma importante participação no enriquecimento das línguas.

As línguas neolatinas, por estarem todas situadas abaixo das línguas ricas, necessitavam, para se tornarem autônomas, incorporar novas palavras. As línguas clássicas podiam fornecer-lhes elementos para a literatura, mas não bastavam para que um vernáculo pudesse distinguir-se e rivalizar com o(s) outro(s). Para isso, os letrados precisavam buscar aquelas palavras que estavam em uso no seu próprio território, ou tomadas de outros povos, ou ainda inventar termos a partir da derivação do latim.

Na etapa inicial, os letrados propunham várias maneiras de melhorar a condição da própria língua, tais como acréscimo de neologismos, arcaísmos e regionalismos vocabulares, reconhecimento de misturas linguísticas, normalização gramatical, harmonização sonora e adequação gráfica. Para a inserção de neologismos técnicos e, sobretudo, literários, os vernáculos contavam com a contribuição da tradução das obras clássicas greco-latinas.

Logo em seguida, quando cada um dos vernáculos já se encontra em condições de rivalizar, tanto com o latim quanto com as línguas vulgares das outras comunidades, então ocorre a exaltação. Este é o momento em que os letrados publicam elogios e incitam os demais usuários para que escrevam obras na sua própria língua, adotem e aperfeiçoem-na. A participação da tradução ocorre também neste momento, desta vez como uma prova da aptidão do vernáculo, conforme

74 Depois, entre os vernáculos, criou-se uma nova hierarquia, em que os letrados de cada país queriam colocar a própria língua na posição mais elevada. João de Barros (1540, p. 570) considera o português a que “se mais conforma com a latina” e distribui as demais, pela sua riqueza, em 1º lugar a espanhola, 2º a italiana e 3º a francesa. Já os italianos, cuja disputa era local, defendiam que o florentino estava acima das outras variedades. Gelli (1551) vincula o florentino diretamente ao hebraico, a língua adâmica, para assim evitar que o seu vernáculo fosse visto como uma forma corrompida do latim.

se pode ver nos textos da nossa antologia. Depois de enriquecida, a nova língua, ao conseguir expressar uma obra valorosa tão bem quanto na língua em que foi produzida, poderia obter o mesmo esplendor desta.

Aos poucos, começa a diminuir o confronto entre o mérito atribuído às línguas clássicas e às vulgares. Mesmo porque, no trabalho de enriquecer e exaltar sua língua, os defensores do vernáculo acabaram sendo beneficiados pelos classicistas. Pois, para demonstrar a dedicação à própria língua, um dos exemplos seguidos pelos neolatinistas era imitar a atitude dos bons autores da Antiguidade, cujas obras se lhes haviam tornado acessíveis, na maior parte, graças à recuperação feita pelos filólogos humanistas. Como era inviável tentar derrotar os mais fortes (os clássicos), pois deles haviam necessidade, os apologistas do vernáculo valiam-se dos seus modelos, imitando-os e reelaborando-os, para que as novas línguas alcançassem a mesma excelência das antigas.

Dentre os romanos, os renascentistas seguem, em especial, o exemplo de Cícero, que havia acrescentado ao latim vários elementos do grego, tornando assim sua língua apta para expressar os textos escritos na língua grega. Os gregos e os romanos são citados como bons exemplos pelo fato de terem valorizado as suas línguas, produzindo grandes obras, cada um na sua própria. Os antigos, em geral, são referidos pelos letrados para argumentar a favor do emprego da língua local: “Os gregos não escreveram em egípcio, os latinos não escreveram em árabe.” (PELETIER, 1555, p. 407); “[...] quase nunca se encontrou grego que escrevesse coisa sua em latim; nem houve romano que se valesse mais do grego do que de sua própria língua”. (MORALES, 1586, p. 318)

Na exaltação do próprio vernáculo, o letrado renascentista, ao tentar fazê-lo rivalizar com outro(s) vernáculo(s), às vezes usa o parentesco com as línguas clássicas como elemento de distinção e prestígio para a língua que delas estiver mais próxima. Esta proximidade, no entanto, não significa a simples aceitação de termos greco-latinos, como ocorria nos *volgarizzamenti* feitos durante a Idade Média e também em algumas traduções do grego ao latim, conforme as observações feitas pelo humanista Leonardo Bruni (1420-6; FURLAN, 2011, p. 21-2) a respeito de palavras traduzidas de maneira equivocada, porque não havia sido dada atenção ao verdadeiro sentido da sentença, nem ao contexto da recepção.

Para o enriquecimento do vernáculo através da tradução dos clássicos, entre os renascentistas, não se dispensava o trabalho

lexicográfico do tradutor retórico, que recriava as palavras com arte, mantendo a raiz original, mas conformando-as com o sistema do seu vulgar. Como disse Peletier (1555, p. 409): “Uma palavra bem derivada do latim terá muita graça ao dar-lhe uma tintura francesa.”

O processo de ampliação lexical, que havia iniciado na Idade Média, tornou-se mais vigoroso no Renascimento, por causa do cuidado com a adequação dos elementos à língua receptora durante a tradução, em especial de obras literárias produzidas na Antiguidade clássica. A relação entre as línguas tidas como ricas e pobres, que era vertical, agora tende a se horizontalizar; e o traduzir, então, distingue-se do vulgarizar (FOLENA, 1994), porque agora os clássicos já podem ser recebidos pelos vernáculos⁷⁵.

Esta distinção é própria da tradução renascentista, cuja principal característica é a influência da retórica elocutiva. A tradução renascentista se destaca pela convergência de pensamento dos tradutores no período compreendido entre os séculos XV e XVI. (FURLAN, 2002). Como ficou demonstrado na seção final do Capítulo 2, ao escreverem sobre a própria atividade, os tradutores revelam uma concepção de linguagem com base na retórica clássica, cujo sistema havia sido retomado pelos humanistas.

Segundo Renier (1989), a arte retórica regeu a cultura ocidental escrita, desde a Antiguidade até o século XVIII, através de uma teoria geral da linguagem e da comunicação, a qual compreendia a tradução como uma *interpretatio*, ou operação em que há mediação entre duas línguas. Esta teoria, no entanto, diferencia-se através dos tempos, uma vez que a tradução está vinculada a uma concepção de linguagem, a qual, por sua vez, expressa-se através de códigos diferentes em cada período histórico. Segundo Furlan (2002), a retórica é o código-base desde a Antiguidade até o século XVIII, mas em cada época há o predomínio de uma das suas partes, sendo que na Idade Média é a *inuentio* e no Renascimento é a *elocutio*, que já havia predominado na Antiguidade clássica.

A teorização da *interpretatio* teve início com os antigos gregos, que, ao se interessarem pelas questões da linguagem, passaram a

75 Como um visitante que, para se hospedar confortavelmente, antes precisava trazer muitos pertences e agora já não necessita de bagagem alguma para sua comodidade.

considerá-la tanto enquanto teoria como enquanto prática⁷⁶. Quando os romanos começaram a usar o sistema grego para estudar o latim, perceberam que havia semelhanças e diferenças entre as duas línguas, o que os levou a criar a noção de *proprietaes linguae*, que seriam as características que fazem com que uma língua se diferencie de outra.

Mais tarde, com a expansão do império romano, o latim foi tomado como modelo para o aperfeiçoamento das línguas vernáculas ocidentais e as categorias gramático-retóricas, com sua terminologia, foram então adotadas para a reelaboração das literaturas e das regras gramaticais de algumas destas línguas. Como as línguas majoritárias da Europa constituíram-se, em grande parte, através da cultura letrada, que tinha por base os modelos gramaticais e retóricos da tradição greco-romana e a tradução de suas obras, em termos de teoria geral da linguagem, grosso modo, convencionou-se considerar que entre elas houve uma unidade que se conservou inalterada até o século XVIII.

Através de textos literários, Rener (1989) demonstra os aspectos retóricos embaixadores da concepção linguística desse longo período, em que a história da tradução constitui uma unidade de pensamento da Europa ocidental que dura cerca de mil e setecentos anos. Sua investigação foi realizada a partir do exame de uma grande quantidade de textos produzidos desde os romanos até o século XVIII, sob a teoria gramático-retórica da linguagem, ou *interpretatio*. O autor não considera, porém, as variações contextuais que interferem no uso e nas produções da linguagem. Sua abordagem leva em conta apenas a tradição retórica geral, sem destacar as especificidades temporais e espaciais, como, no caso, os aspectos mais evidentes relacionados à atividade tradutória dos letrados renascentistas, a qual se distingue daquela dos intérpretes e dos *volgarizzatori* medievais.

Furlan (2002), ao analisar textos dos séculos XV e XVI que tratam acerca da tradução, também o faz sob a ótica da teoria retórica, com a diferença de que leva em conta as questões específicas daquele momento histórico, defendendo a composição de uma teoria da tradução própria do Renascimento, por causa da ênfase dada à *elocutio*. Através da análise das principais fontes primárias que trazem reflexões sobre a atividade tradutória, o autor demonstra como a concepção retórica da linguagem da época, em que predomina a *elocutio*, reflete-se na

76 Entre os gregos, a teoria, em geral, era assunto para os filósofos, enquanto os gramáticos e os retóricos tratavam da prática.

produção literária e, por extensão, na tradução, constituindo uma nova teoria, a qual denomina “retórica elocutiva da tradução renascentista”. Entre os aspectos principais desta teoria, destaca-se a “habilidade poética” do tradutor, o que caracteriza a tradução renascentista como renovadora da língua de chegada.

Nesse sentido, a retórica renascentista desempenha um papel fundamental no desenvolvimento literário daqueles vernáculos que começavam a ganhar notoriedade a partir do século XV e, principalmente, no século XVI. A tradução artística aprimora as novas línguas ao visar a recuperação não apenas do sentido, mas também de todos os aspectos formais do texto de partida, em que são levados em conta os requisitos da arte retórica, como a clareza, a harmonia e a ornamentação adequada. Desse modo, a tradição da *interpretatio* não é rompida, mas é alterada em função da nova construção textual, que se atém à totalidade dos valores das línguas envolvidas no processo tradutório. E são estes valores que vão favorecer a reelaboração das línguas vulgares aqui referidas.

A “teoria retórica elocutiva da tradução”, conforme sistematizada por Furlan (2002), fundamenta-se na *elocutio* como sistema operador do código que define a teoria da linguagem no Renascimento, constituindo-se em uma nova estética. De acordo com esta diretriz, tanto a produção literária quanto as obras traduzidas se distinguem das práticas anteriores, voltando-se, cada vez mais, para o contexto da recepção e contribuindo, desse modo, para o aprimoramento literário dos vernáculos.

Na seção seguinte, são retomados, com maiores detalhes, alguns elementos da tradição retórica necessários à compreensão do processo que envolve a participação da tradução no processo de estabelecimento das quatro línguas neolatinas selecionadas.

3.1 A ESPECIFICIDADE DA TRADUÇÃO RENASCENTISTA

A especificidade da tradução renascentista tem suas origens na releitura da Antiguidade clássica, cujo sistema de ensino, retomado pelos humanistas, amplia o conhecimento, ao implantar os estudos de grego no ocidente e trazer as fontes originais da arte retórica. É preciso considerar, também, alguns aspectos da tradição clássica no que se refere à formação do letrado, em especial quanto ao domínio disciplinar da gramática e da retórica. Tradição esta que, como se pode verificar nos textos da nossa antologia, influencia a cultura ocidental nos aspectos

linguístico-literários, desde o modo de traduzir e de compor novas obras literárias até a construção de uma norma culta nas línguas modernas.

Na concepção dos antigos, as ideias preexistiam às palavras e só se manifestavam quando colocadas em um signo exterior. A linguagem era entendida, primordialmente, como “expressão do pensamento por meio das palavras” (LAUSBERG, 1972, p. 116). Por isso, para uma comunicação e expressão eficazes, o usuário da língua culta precisava ter o domínio das suas formas, adquirido através do estudo e do exercício sistemático da gramática e da retórica.

Partindo da palavra, que era o material básico do trabalho gramático-retórico, primeiro como unidade (*uerba singula*) e depois como agrupamento (*uerba coniuncta*), o estudante adquiria competência na língua. A gramática fornecia-lhe os aspectos básicos que possibilitavam a comunicação, e a retórica, depois, ensinava-o a tornar esta comunicação efetiva.

3.1.1 A Gramática

A gramática subdividia-se em quatro partes: a ortografia (*littera*) tratava das letras; a prosódia (*syllaba*), das sílabas; a etimologia (*dictio*), das palavras; e a sintaxe (*oratio*), das sentenças. A escolha das palavras (*electio uerborum*), embora não pertencesse às partes da gramática, era uma operação que consistia em observar alguns requisitos básicos que o vocábulo devia cumprir para poder ser usado na comunicação. Estes requisitos são de grande utilidade para a compreensão dos textos da nossa antologia, pois as palavras são os principais elementos dos quais os defensores do vernáculo se valem para promover a sua língua. Por isso, faz-se, na sequência, uma apresentação concisa dos requisitos básicos das palavras, com base em Furlan (2002, p. 84-111).

O principal requisito era a *proprietas* (propriedade, designação das relações entre uma ideia e sua representação). Os romanos denominaram como *proprietas linguarum* as particularidades de cada língua ao estabelecerem maior contato literário do latim com o grego. Estas propriedades, de acordo com Furlan, constituem o núcleo do objeto da tradução renascentista, que, diferenciando-se da prática medieval, começa a valorizar a especificidade da língua receptora.

Durante a Idade Média, e ainda entre alguns humanistas, priorizava-se, na tradução, a língua de partida, em geral o latim. Depois, à medida que as línguas vernáculas vão adquirindo status de línguas

nacionais, os tradutores se empenham cada vez mais no reconhecimento de suas singularidades, tanto para diferenciá-las do latim quanto para defender seus valores frente às outras línguas modernas.

Como as palavras eram consideradas as representantes das ideias, o mais importante, na tradução convencional, era trazer o sentido do texto de partida, o que podia ser feito através de várias palavras, combinadas de diferentes maneiras. Porém, na tradução elocutiva renascentista, a combinação das palavras requeria grande habilidade: o tradutor deveria saber preservar o sentido e, sempre que possível, cuidar também da construção completa do texto-fonte, em especial da sonoridade. Era necessário, portanto, que ele possuísse o domínio da gramática e da retórica para obter êxito no trabalho com as palavras.

É com relação à propriedade das palavras que as línguas eram classificadas como “ricas” e “pobres”. Para ser rica, a língua deveria possuir grande profusão de palavras (*copia et abundantia*), as quais, para poderem ser empregadas com legitimidade, deviam cumprir certos requisitos. A *puritas* (pureza⁷⁷, adequação) era o requisito que concedia cidadania às palavras, tanto as nativas quanto as que vinham com os estrangeiros e tinham de ser naturalizadas; e também devia garantir que as palavras pertencessem ao vocabulário comum, para que a comunicação ocorresse. Antes, porém, de naturalizar uma palavra, alguns critérios deveriam ser observados, como o *usus*, ou *consuetudo* (uso), a *uetustas* (antiguidade) e a *auctoritas* (autoridade).

O *usus* era o critério pelo qual eram selecionadas as palavras mais aceitas e empregadas pela maioria dos componentes de um determinado grupo, em geral de maior prestígio⁷⁸, e não o uso indiscriminado de

77 Os latinos usavam a expressão *latinitas* referindo-se ao status de cidadão e os benefícios que alguém teria ao se agregar ao povo latino. Depois o termo estendeu-se às palavras que eram incorporadas ao seu léxico. Portanto, “pureza”, naquela época, tinha o significado de “recepção e naturalização” do elemento estranho, e não a ideia de “extirpação”. A língua vernácula era considerada “pura” quando os elementos recebidos de fora já haviam sido acomodados nela; e, ao contrário, quando estes estavam em desarmonia, então dizia-se que ela estava “corrompida”, isto é, alterada, confusa.

78 Semelhante ao que ocorre ainda hoje com a construção da chamada norma “padrão”, que não é a norma “normal”, comum para a maioria, e sim o padrão “culto”, de uso do grupo de maior poder. Por outro lado, uma norma construída com base no uso livre não se fixa, fato já percebido pelos renascentistas, como se pode ver no *Ragionamento*, de Gelli (1551).

qualquer pessoa da comunidade. A palavra também podia ser considerada adequada se fosse antiga, aplicando-se o critério da *uetustas*. Assim, mesmo que a palavra não estivesse mais em uso frequente, era valorizada por já ter pertencido à *consuetudo*.

A *auctoritas* referia-se ao emprego das palavras pelos grandes autores. O critério da autoridade diz respeito às palavras escritas e que serviram depois para a confecção de dicionários. As línguas vernáculas, que não tinham grandes autores e obras, ficavam em uma posição inferior às clássicas, o que motivou seus defensores a se empenharem na melhoria da qualidade da produção local. O poder da autoridade aumenta com o tempo, podendo, por este motivo, uma dada forma tornar-se até mais importante do que o uso.

A *analogia* é definida como comparação de coisas semelhantes (*comparatio similitum*). Em casos de dúvida, poder-se-ia compará-las com exemplos similares e certos, tais como a determinação do gênero, a flexão dos nomes ou a conjugação de verbos.

A *perspicuitas* (clareza, compreensibilidade), sem a qual não haveria comunicação possível, cuidava da compreensão da mensagem e diferia dos critérios anteriores na sua aplicação, por visar a uma seção ou um indivíduo da comunidade, supondo que ninguém domina todo o léxico de uma língua. A clareza e a compreensão exigiam que se tivesse “juízo” ao empregar as palavras, pois a incompreensibilidade do receptor poderia indicar que a mensagem estaria inadequada, ou que a língua utilizada fosse incapaz de comunicar.

Por isso, era preciso que o letrado soubesse dosar o uso das palavras, com moderação e sensatez. Em nossa antologia, pode-se ver a atenção que os letrados davam ao emprego equilibrado da linguagem, a qual devia ser culta, mas sem ostentação, ou erudição exagerada, pois esta era sinal de pouco juízo. Valdés (1535) valoriza nos escritores mais o juízo do que o engenho; Morales (1586) se lamenta que, por causa dos excessos cometidos por alguns espanhóis pedantes, qualquer cuidado que alguém dedique à língua culta já é visto pelos seus conterrâneos como “falar afetado”.

Outros elementos, considerados não-gramaticais, contribuíam para a composição, como a *etymologia* (morfologia, as palavras como partes do discurso), a *syntaxis* (construção⁷⁹), e as *locutiones* ou *modus*

79 As palavras podiam ser agrupadas de duas maneiras: a *ordo naturalis*, que seguia a sequência em que o agente precede a ação; e a *ordo artificialis*, que

dicendi (frases idiomáticas que podem ter significado independente das regras). Junto com as palavras isoladas, as *locutiones* formam a abundância lexical de uma língua. Por isso, os renascentistas defensores do vernáculo procuravam valorizar os modos de dizer da própria cultura, como se pode ver no *Dialogo de la lengua* de Juan de Valdés (1535).

3.1.2 A Retórica

A retórica clássica compunha-se de cinco partes, com respectivas subdivisões: 1. *Inuentio* (*Exordium*, *Narratio*, *Argumentatio* e *Peroratio*); 2. *Dispositio* (*Ordo naturalis* e *Ordo artificialis*); 3. *Elocutio* (*Latinitas*, *Perspicuitas*, *Ornatus*, *Aptum* e *Vitia*); 4. *Memoria* e 5. *Pronuntiatio*. Dentre estas partes, a tradução renascentista centra-se sobretudo na *elocutio*.

A *inuentio*, primeira parte de um tratado retórico, tinha como objetivo encontrar o que dizer, descobrir um tema e seus argumentos, não sendo necessário criar, pois tudo já existia no mundo das ideias. A *inuentio* dividia-se em quatro partes: 1) *exordium*, que compreendia dois momentos: a *captatio beneuolentiae*, que objetivava conquistar a atenção do auditório e sua disponibilidade de se instruir, e a *partitio*, que anunciava as divisões a serem adotadas na sequência; 2) *narratio*, que era a exposição dos fatos e tinha por função instruir; 3) *argumentatio* ou *confirmatio*, que era a exposição dos argumentos, parte nuclear e decisiva do discurso, já preparada pelo *exordium* e a *narratio*; 4) *peroratio*, que era a conclusão do discurso e tinha duas finalidades, rememorar coisas ditas e comover o público para obter o sentido favorável da causa defendida.

A *dispositio*, segunda fase do processo elaborativo, era a disposição das ideias encontradas na *inuentio*. A *elocutio*, terceira fase, era a expressão linguística das ideias encontradas pela *inuentio* e ordenadas na *dispositio*, de modo a compor um discurso estilizado. A quarta parte da retórica chamava-se *memoria* (memorização) e, assim como a *pronuntiatio* (apresentação oral do discurso) referia-se mais ao orador do que ao discurso, por isso não são de interesse para a retórica literária.

permitia maior liberdade na colocação dos termos. Esta liberdade de colocação era maior nas línguas clássicas, por causa do sistema de declinações e casos.

A *elocutio*, dentre as partes do discurso, devido ao seu forte vínculo com a tradução renascentista, é a que apresenta maior importância para a formação culta das línguas vernáculas. Os preceitos da *elocutio* eram de dois tipos, relativos às palavras isoladas (*uerba singula*) e às palavras agrupadas em função sintática (*uerba coniuncta*). Assim como na primeira etapa do trabalho com a gramática, também na retórica todas as palavras deviam cumprir requisitos básicos, conhecidos como *latinitas* (correção idiomática), *perspicuitas* (clareza, compreensibilidade), *ornatus* (ornamentação, conjunto de elementos diversos, como a sinonímia/*varietas*, as figuras, a ordenação, o ritmo etc, visando ao embelezamento, a graça⁸⁰ da expressão linguística); *aptum* (ou *decorum*, adequação, coerência e harmonia de todas as partes); e *uitia* (as evitações necessárias ao equilíbrio do discurso).

A ornamentação consistia, no caso da tradução, em expressar o pensamento do autor sem prejudicar o valor estético, por isso o tradutor devia conhecer e saber escolher as palavras adequadamente, procurando, ao recompor o texto, observar detalhes como a estrutura métrica e a sonoridade. Este requisito, por priorizar a língua receptora, é de grande importância para a reelaboração das línguas vernáculas aqui referidas, em que a tradução, passando a ser tratada como uma obra de arte, enriqueceu suas literaturas. No contexto francês, Peletier (1555) chega a considerar a tradução como a melhor forma de enriquecimento do vernáculo; ela é uma fonte inesgotável para os poetas começarem a compor obras na própria língua.

O processo de criação literária começava com a *inuentio*, em que se reunia o material; depois, organizava-se tudo em uma ordem lógica, a *dispositio*; e então, durante a *elocutio*, colocava-se tudo nas palavras, explorando as possibilidades expressivas da língua. Havia dois tipos de *elocutio*: a *constructio*, que objetivava a correção gramatical; e a *compositio*, controlada pela retórica, que objetivava a adequação do estilo.

Com base nestes conhecimentos, o letrado prosseguia com o estudo da linguagem, fundamentado nas três artes que compunham o conhecido *triuium*: gramática, retórica e dialética. Cada uma delas tratava de uma parte específica no discurso, visando ao seu

80 A graça, para os renascentistas, era uma espécie de beleza abstrata, difícil de definir (BURKE, 2010b, p. 176), por isso, muitas vezes eles se referem a esta qualidade artística na língua como “um não sei quê” (VALDÉS, 1535; DU BELLAY, 1549).

aperfeiçoamento. A gramática tratava da correção, por isso era chamada *ars recte dicendi*; a retórica tratava da eficácia da mensagem, *ars bene dicendi*; e a dialética ocupava-se da verdade, *ars uere dicendi*.

O domínio destas três artes constitui a base da tradução bem feita, que, de acordo com os letrados renascentistas, devia ser linguisticamente correta, expressar a mensagem com clareza e também estar comprometida com a verdade, isto é, ser fiel ao texto de partida em todos os aspectos possíveis, tanto no conteúdo quanto na forma. Por isso, era comum a recomendação de que o tradutor procurasse transformar-se no autor, colocar-se no lugar dele, para poder reproduzir a obra habilmente, com todos os valores estéticos que a compunham.

Na habilidade do tradutor reside o grande diferencial da tradução renascentista em relação a momentos anteriores, em que, por exemplo, não era dada atenção às particularidades formais dos textos. Entre os tradutores medievais, era costume dar prioridade ao sentido, por isso, o modo de traduzir era mais explicação e comentário, muitas vezes fazendo-se tradução de tradução, sem ter acessado o texto na língua original e, muitas vezes, sem sequer conhecê-la. Antes do trabalho dos filólogos humanistas, por exemplo, muitos textos antigos tinham o latim como fonte, porque haviam sido traduzidos para o árabe e depois para o latim. No século XVI, a partir da redefinição proposta por Vives, no tratado *De ratione dicendi* (1533), a retórica praticamente passa a equivaler à *elocutio* e a tradução, então, passa a ser realizada com vistas à recuperação de toda a arte do modelo.

3.1.2.1 A *Elocutio*

No sistema da retórica clássica, o processo tradutório ocorria no âmbito da *elocutio*. Uma vez que o tradutor trabalhava sobre um texto já pronto, não precisava tratar dos elementos da *inuentio* e da *dispositio*, os quais eram da competência do autor do texto original. Como a *elocutio* se referia, em especial, à expressão das idéias, ao estilo, à escolha e ordenação dos termos, a tradução renascentista foi concebida essencialmente sob este preceito, tornando-se, conforme Furlan (2002), uma prática artística voltada para a língua de chegada. Mas, esta prática não dispensava o conhecimento da gramática, que devia ser adquirido primeiro. Embora ocupasse um lugar mais baixo em relação à retórica, a

gramática era “tão indispensável que nenhuma outra arte poderia funcionar sem ela.”⁸¹ (RENER, 1989, p. 34)

O estudo da *ars grammatica*, que estava na base do currículo de todos os letrados, compreendia duas partes. Na primeira, era preciso entender o conteúdo de cada segmento de um texto e demonstrar o significado. Depois, reconhecia-se o significado de cada palavra, até captar o pensamento do autor como um todo na frase e interpretar ou expor seu conteúdo através de paráfrase ou circunlóquios. Na segunda parte, demonstrava-se o sistema de regras que organizavam o discurso, analisando cada palavra como elemento de uma estrutura, identificando-a com alguma das oito partes do discurso e explicando sua função e a relação com as outras partes da frase⁸².

Assim como o estudante da gramática, também o tradutor trabalhava nesse sistema em um primeiro momento, desconstruindo e reconstruindo o texto. A diferença estava no modo de reconstrução, em especial na escolha das palavras (*electio uerborum*), que não pertencia às operações gramaticais, mas que na tradução, como *elocutio*, era necessária. Através dos exercícios de desconstrução e reconstrução do texto, do enfrentamento de problemas e busca de soluções, a atividade tradutória desenvolveu-se e tornou-se, para os renascentistas, também objeto de análise, ao lado de outras questões relativas aos problemas linguísticos e literários. Para eles, a cultura do traduzir contempla, com a máxima atenção, a língua de chegada, sem, no entanto, abandonar a língua de partida. Pelo contrário, o fato de não se deixar perceber a língua do original no texto traduzido era um sinal de fidelidade, de tradução bem sucedida e de abundância da língua receptora, e não de menosprezo da fonte.

No Renascimento, tanto a gramática quanto a retórica apresentavam-se em duas modalidades. A primeira em forma de disciplinas escolares, mais ou menos conforme a estudavam os gregos e romanos; e a segunda como modo de conceber a linguagem. Nesse sentido é que ocorrem as mudanças mais significativas para a época, quando as letras vernáculas começam a ser tratadas sob esta nova

81 “so indispensable that no other art could function without it”.

82 Este tipo de exercitação é abundante em manuais de ensino de gramática e retórica, geralmente a partir do estudo de textos clássicos, como apresenta Toscanella (1575) nos *Discorsi cinque*.

concepção da linguagem e a retórica elocutiva predomina na prática literária, incluindo-se a tradução. (FURLAN, 2002)

Como a arte retórica era empregada depois da prática da gramática, que fornecia os exercícios de base para o literato/tradutor, supunha-se que o retórico conhecesse antes todos os requisitos de cada palavra isolada (*uerba singula*), para então proceder à (re)construção da sentença, por meio da combinação das palavras (*uerba coniuncta*).

Ao selecionar as palavras que iriam (re)compôr o texto traduzido, o tradutor devia, portanto, levar em conta as suas características, dadas pela gramática, como a propriedade, a adequação e a compreensibilidade. O domínio destes requisitos era imprescindível para a produção textual, tanto nas criações literárias e traduções, quanto na redação de cartas, tratados ou outros escritos, e também nas conversações entre os grupos de elite.

No Renascimento, segundo Furlan (2002), a *elocutio* como estética literária deve ser entendida não como um simples conjunto de regras para embelezar o discurso⁸³, mas como uma operação abrangente de todo o discurso literário que envolve textualização artística, no qual a tradução é inserida. A tradução elocutiva pressupunha o domínio da gramática, adquirido pelo exercício com a palavra, tanto isoladamente quanto na construção frasal. Por isso, o tradutor, conhecendo as propriedades das palavras, deveria saber combinar o conteúdo com a estética textual, de modo a preservar os valores do texto de partida na recriação do estilo.

Dentre as partes da retórica clássica, a *elocutio* é a que mais contribui para a reelaboração das línguas e das literaturas no ocidente. Durante o Renascimento, ela se torna o fator de maior relevância da teoria retórica geral da linguagem, porque, de acordo com Furlan (2002), deixa de ser apenas um dos elementos do discurso no sistema da retórica clássica e passa a constituir uma teoria estética literária, que envolve também a tradução.

As reflexões dos renascentistas sobre a tradução elocutiva foram sistematizadas por Furlan (2002, p. 315-78) em um esquema geral com cinco partes principais, que representam a concepção de linguagem e de tradução vigente na Europa ocidental durante os séculos XV e XVI. O

83 A *elocutio* vista apenas como conjunto de regras para embelezar o discurso é uma concepção que começa a se generalizar na literatura ocidental a partir dos séculos XVII/XVIII, marcando o fim da especificidade que a tradução elocutiva tinha desde o Renascimento.

estudo foi realizado através dos textos *De interpretatione recta*, de Bruni (1420-25); *Dialogo del modo de lo tradurre d'una in altra lingua secondo le regole mostrate da Cicerone*, de Longiano (1556); *Ein Sendbrief von Dolmetschen*, de Lutero (1530); *Versiones seu interpretationes*, de Vives (1532); *La manière de bien traduire d'une langue en aultre*, de Dolet (1540); e textos introdutórios à tradução da *Íliada*, de Chapman (1598).

Estes textos demonstram que seus autores concebiam a linguagem conforme os princípios da gramática e da retórica clássica, distinguindo-se, porém, pela ênfase dada à *elocutio* e favorecendo a tradução como produção literária nas línguas modernas. A seguir, são apresentadas, em síntese, as ideias principais que constituem a “teoria retórica elocutiva da tradução renascentista” (FURLAN, 2002, cap.VI):

I. Requisitos básicos

1. *Domínio da língua de partida* (conhecimento da língua do texto original e também conhecimento filológico, da cultura, da história e de toda a sua literatura);
2. *Domínio da língua de chegada* (conhecimento linguístico, gramatical e vocabular da língua na qual se traduz, bem como de sua literatura, sociedade, cultura e história);
3. *Conhecimento da matéria* (capacidade de compreensão das línguas e das ciências, ou do assunto a traduzir);
4. *Uso do ouvido ou habilidade poética* (compreensão e reprodução artística do original).

II. *Elocutio* (toda a teoria da tradução, como uma nova estética literária, em que ocorre uma retextualização artística na língua de chegada).

III. Principais problemas da tradução

1. Língua do original e língua da tradução (respeito às propriedades das línguas);
2. Conteúdo e forma, sentido e palavra, espírito e letra (reprodução do conteúdo sem perder a forma);
3. Reconhecimento dos valores estéticos do original e busca de uma forma análoga na tradução (compreensão, interpretação e transposição do modelo).

IV. *O leitor* (o receptor do texto traduzido);

1. Uso da língua comum (o cuidado com as propriedades da língua de chegada);
2. Sonoridade do texto produzido (criação de estética sonora).

V. *Tipologia de textos e de tradução* (o melhor modo de traduzir diferentes tipos e gêneros de textos).

Pela análise das referidas fontes, ficou demonstrado que a atenção principal dos autores/tradutores recaiu sobre o texto da língua de chegada, o qual deveria ser reconstruído não só com preservação do sentido mas também com valor literário (artístico). Desse modo, de acordo com Furlan (2002), a base da teoria da tradução renascentista constitui-se de dois grandes fios condutores: a textualização e a literariedade, nos quais a *elocutio* retórica atua como sistema operador.

O novo modo de traduzir, pautado pela habilidade artística, refletiu-se na produção literária local, pois, uma obra considerada bem escrita, ao ser traduzida da forma mais abrangente possível, criava uma exigência na língua de destino, que deveria oferecer as mesmas possibilidades para que esta obra se expressasse inteiramente. Dessa maneira, o papel, ou função, da tradução, que sempre esteve na base da constituição das línguas e literaturas da Europa ocidental, desde os romanos antigos, passando pelas comunidades medievais, assume, no Renascimento, “fundamental importância” (BASSNETT, 2005).

Podemos perceber neste período, de modo geral, pelo menos cinco desdobramentos do papel da tradução, conforme o seguinte esquema:

Papel	Finalidade(s)
Educativo (desde os romanos)	Exercício de gramática e retórica; desenvolvimento de habilidades linguísticas.
Divulgativo (desde a Idade Média)	Propagação da fé; conhecimento das ciências, em língua vernácula.
Político	Superação dos clássicos; normalização e legitimação do vernáculo (língua nacional).
Reelaborador/ formador (retomado dos romanos)	Ampliação da língua receptora com os recursos da língua-fonte; formação do cidadão através das ideias e condutas exemplares.

Artístico/Elocutivo	Compreensão de todos valores do texto de partida (sentido e forma; contexto, modelos, gêneros, normas); reconstrução da obra respeitando todas as propriedades da língua receptora.
---------------------	---

Nos textos selecionados para a nossa antologia, pode-se constatar que o papel da tradução é referido com todos estes desdobramentos, com predomínio de um ou de outro. Como foi visto anteriormente, os grecolatinismos na composição do léxico vernacular devem-se, em grande parte, às traduções de obras literárias e de ciências; o recurso às autoridades e valores dos clássicos refere-se à atitude dos tradutores na escolha dos escritores e das obras tidas como dignas de serem conhecidas pelo público receptor.

Destaca-se, entretanto, o de maior importância na época em questão, o papel artístico/elocutivo, que constitui a especificidade da tradução renascentista e está relacionado à concepção retórica da linguagem, a partir da qual são reelaboradas as literaturas e as línguas vernáculas abordadas nesta tese. As novas línguas, cada vez mais em expansão, necessitavam de aprimoramento estético, para que nelas se pudesse, além de traduzir conforme os critérios daquela época, também compor obras para formar os seus cânones literários.

Furlan (2002, p. 335) observa, nos textos dos renascentistas, que os autores enfatizavam a exigência de uma “boa textualização e literariedade” na língua de chegada, reconhecendo, com isto, a função do tradutor como formador e enriquecedor da língua. Na concepção medieval de tradução, que primava pela fidelidade apenas ao pensamento do autor, podia-se traduzir palavra por palavra ou pelo sentido; já na concepção renascentista a tradução deveria ser realizada com arte, procurando manter os valores, mas recriando a *oratio* (ou estilo e ritmo) do original.

A tarefa de traduzir, tanto quanto a de compor, passa a exigir conhecimento de todos os meios expressivos que permitem a construção de um texto esteticamente elevado, em que se destacam a sonoridade, a organização sintática e, principalmente, a escolha criteriosa do léxico. Desse modo, a retórica elocutiva, constituindo o núcleo do papel da tradução renascentista, reelabora as literaturas modernas.

Entre os séculos XV e XVI, a tradução e o tradutor se definem, porque a obra traduzida adquire valor de obra de arte e muda também o

status do tradutor. A atividade tradutória passa então a ser considerada árdua, difícil e, quando bem executada, louvável, pelo talento artístico do tradutor, ou pelo benefício social que o seu trabalho proporciona. A referência à *difficultà* (dificuldade), entre os renascentistas italianos, era usada justamente para ressaltar as qualidades do artista, que, ao conseguir superá-la, demonstrava sua habilidade (BURKE, 2010b, p.180). E também para o tradutor esta habilidade era um requisito importante, uma vez que a tradução passou a ter valor estético.

Nos próximos capítulos, que contêm os textos renascentistas sobre a dignificação do vernáculo, pode-se perceber como as línguas vulgares neolatinas aqui referidas, para chegarem ao patamar das línguas cultas, tiveram de ser cuidadosamente reelaboradas pelos letrados, os quais, concebendo a tradução como uma arte, contribuíram para o desenvolvimento e a promoção da própria língua. A tradução torna-se, portanto, uma atividade importante, e o tradutor, nesta época, assume uma grande responsabilidade perante a comunidade em que está inserido.

4 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NA ESPANHA

4.1 JUAN DE VALDÉS E O *DIÁLOGO DE LA LENGUA* (1535)

Já sabeis que, assim como os gostos dos homens são diferentes, também o são os juízos; de onde vem que muitas vezes o que um aprova outro condena, e o que um condena outro aprova.

(Juan de Valdés, 1535)

Juan de Valdés (1509-1541), humanista e tradutor bíblico, era natural de Cuenca, nascido de uma família de cristãos novos, os quais sofreram perseguição inquisitorial, no início do século XVI, durante o reinado de Fernando e Isabel. Na Universidade de Alcalá, Valdés dedicou-se ao estudo das línguas clássicas, hebraico, grego e latim, e às disciplinas bíblicas. Entre 1525-26 traduziu para o espanhol alguns escritos de Erasmo, como *Paráfrases dos Evangelhos* e o *Enquiridion*⁸⁴. Em 1529, Valdés publicou seu primeiro livro, o *Diálogo de doutrina cristiana*, em que compartilhava muitas das ideias erasmistas, revelando seu apreço por um cristianismo prático. Após a difusão deste texto e sua consequente proibição e confisco, ele partiu para Roma, a serviço do papa Clemente VII e, em 1534 foi para Nápoles, onde permaneceu até sua morte. (DRIVER, 1997, p. 4-5)

Por volta de 1535, Valdés escreveu o *Diálogo de la Lengua*, que o tornaria conhecido como filólogo espanhol. Apesar da hostilidade a Nebrija, Valdés é colocado ao lado do gramático, por ser, como este, um dos primeiros “a ocupar-se das origens da língua castelhana e a tentar fixar-lhe os cânones da etimologia e o uso, reger a ortografia e aperfeiçoar a construção lingüística.” (FURLAN, 2006, p. 183).

Valdés foi o primeiro tradutor da *Bíblia* para o castelhano no século XVI, ainda que de modo fragmentário. Suas principais traduções, dentre as que foram conservadas, estão *Traducciones y comentarios sobre los Salmos, Romanos, Corintios e Evangelio según San Mateo; Alfabeto cristiano; Ciento y diez divinas consideraciones* (de Juan Sánchez); e *Salterio*, em cujo prólogo estabelece as bases filológicas e

84 *Enchiridion Militis Christiani* [Manual do soldado cristão], publicada em 1504, era a obra mais influente do reformista holandês Erasmo de Rotterdam, baseada no comentário filológico da *Bíblia*, em especial na doutrina do apóstolo Paulo.

hermenêuticas de como deveria ser a tradução de textos sacros. (NIETO, 1997, p. 519-10)

O *Dialogo de la lengua* foi redigido durante a estada de Valdés em Nápoles, mas só foi impresso em 1736, por Gregorio Mayáns y Sisear. Segundo Furlan (2006), este texto “pertence ao grupo de estudos em forma de gramáticas, ortografias, vocabulários ou dicionários, cujo tema em voga na Europa do século XVI era o de elogios e defesas das novas línguas vernaculares” (p. 183), sendo, portanto, uma obra pela qual se pode perceber que a língua castelhana já estava nacionalizada.

Os interlocutores de Valdés no diálogo são: Pacheco⁸⁵, oriundo de uma região de língua castelhana; Coriolano, um italiano que está iniciando o estudo desta língua; e Márcio, também italiano, que se diz curioso para aprendê-la. Há, ainda, um personagem oculto, de nome Aurélio, solicitado a tomar nota das discussões. A conversação teria ocorrido em italiano, pois Coriolano e Márcio eram ainda iniciantes no castelhana. Também as anotações de Aurélio teriam sido feitas em italiano e Valdés teria o encargo de traduzi-las em castelhana⁸⁶, para posterior publicação.

Este texto revela a convivência dos letrados com a diversidade linguística que estava se impondo, a começar pela própria situação inicial dos personagens, usuários de duas línguas vernáculas diferentes, havendo a necessidade da intermediação, cuja função cabe a Valdés. E é justamente por ter de desempenhar este papel de tradutor, conhecedor das propriedades das línguas, que o autor consegue demonstrar os valores do seu vernáculo ao longo de todo o texto.

O diálogo começa com Márcio, que, referindo-se a uma conversa anterior que teria tido com Valdés, manifesta seu desejo de aprender a falar e escrever bem em castelhana. Coriolano destaca a necessidade de saber falar castelhana para cumprir suas funções de cortesão, já que na Itália, segundo revela, esta língua é muito prestigiada. Os dois amigos combinam de usar as cartas, “bem redigidas”, enviadas por Valdés quando este estava em Roma, como base para as questões linguísticas que lhe serão dirigidas, as quais giram em torno de oito temas: a origem

85 Em algumas edições este personagem aparece sob o nome de Torres, devido às alterações que alguns manuscritos deste texto de Valdés sofreram.

86 “[...] o que todos vos pedimos por favor é que, tomando isto que está anotado sobre o que aqui falamos, coloquais tudo em boa ordem e em bom estilo castelhana; que estes senhores vos dão licença para que lhes façais falar em castelhana, mesmo que eles tenham falado em italiano. (p. 289)

da língua, a gramática, as letras (ortografia), as sílabas, os vocábulos, o estilo, os livros espanhóis e a comparação entre as línguas.

Ao responder as questões, Valdés demonstra possuir um conhecimento detalhado da história das línguas da Espanha. Apesar de zeloso do bem falar e bem escrever, ele reconhece as diferenciações populares regionais como um fato natural, contra as quais nada se pode fazer, pois a união dos reinos da Espanha havia feito com que a língua sofresse misturas de elementos variados. Aliás, ele se vale justamente deste fato para exaltar a riqueza do seu vernáculo perante o toscano. Apesar de purista e admirador dos humanistas italianos, Valdés difere de Bembo, para quem a língua literária não devia se aproximar daquela do povo. Ao tratar do estilo, Valdés aproxima a escrita à simplicidade da fala (uso comum), dizendo seguir o que lhe é “natural e claro”.

Valdés reconhece o latim como “mais rico” do que o castelhano, mas, por outro lado, destaca a diversidade de palavras e os elementos populares de que a Espanha dispõe, os refrões, que constituem um material autêntico com base no qual a língua literária começa a ser desenvolvida. Na falta de bons livros escritos, ele tenta reger a sua língua a partir destas fontes, as quais acabam se convertendo em um importante documento paremiológico para o posterior estudo da cultura espanhola. De acordo com Sevilla Muñoz e Sardelli (2007, p. 89),

O Diálogo de la lengua de Juan de Valdés é uma das primeiras obras que começam a dar certa relevância aos refrões. O recurso às manifestações da sabedoria popular para elaborar uma obra de índole linguística constitui uma marca estilística original que situa Juan de Valdés em um lugar de honra na Paremiologia espanhola. Não se trata, porém, do único mérito paremiológico atribuído a Valdés, já que as parêmias e expressões utilizadas por ele provêm diretamente do vulgo. Por outro lado, Valdés traz dados léxicos, semânticos e pragmáticos de grande utilidade paremiológica.⁸⁷

87 “El Diálogo de la lengua de Juan de Valdés es una de las primeras obras que empiezan a dar cierta relevancia a los refranes. El recurso a las manifestaciones de la sabiduría popular para elaborar una obra de índole lingüística constituye un rasgo estilístico original que sitúa a Juan de Valdés en un puesto de honor en la Paremiología española. Pero no se trata del único mérito paremiológico atribuido a Valdés, ya que las parêmias y expresiones

Sob possível influência dos *Adagia*, de Erasmo, obra composta de frases de uso comum, redigidas em latim e grego e com referências aos melhores autores clássicos, Valdés tenta dignificar a sua língua através de expressões do uso comum da Espanha. Mas, como ainda não há no seu país grandes autores, como os clássicos antigos, ele seleciona e utiliza, além dos refrões, também outras composições e versos de trovadores locais.

Para Valdés, o grego e, sobretudo, o latim servem como fundamentos da constituição do léxico espanhol, mas não os únicos; ele admite também palavras regionais, oriundas dos substratos pré-românicos, e outras de origem estrangeira, como árabe, italiano e português. Sua posição é a de um erudito que reconhece o valor de todos os elementos da história da língua, com os quais legitima o seu vernáculo, preenchendo-lhe as lacunas, enquanto este ainda não dispunha de obras literárias de excelência.

Ao preceituar como deve ser o “bom uso” da língua castelhana, esta assumiria o lugar de um texto de chegada, ao modo de uma obra traduzida atentamente, que é apresentada aos interlocutores. Por ter a maior parte dos vocábulos latinos, a língua castelhana mantém-se ligada à sua origem clássica, mas também apresenta inovação, devido à diversidade de palavras de outras línguas que incorporou ao seu léxico. Por meio dos princípios elocutivos que regem a construção da sua língua, Valdés vai expondo aos demais, através do diálogo, as qualidades dela, como a riqueza, as propriedades, a clareza, a sonoridade e os diversos usos, com domínio das regras gramaticais e das formas da retórica que tornam sua comunicação efetiva.

Este texto de Valdés revela que a tradução de obras clássicas, naquela época, era um importante elemento de constituição das línguas modernas, ao qual ele se mostra desfavorável, por dois motivos principais: 1º) porque assim “haveria mais pessoas que soubessem as línguas necessárias, como a latina, a grega e a hebraica, nas quais está escrito tudo o que há de bom que pertença tanto à religião como à ciência” (p. 241); e 2º) porque as traduções realizadas e até então conhecidas por ele, a seu ver, não teriam sido bem executadas. E traduzir com perfeição era praticamente uma norma naquela época.

utilizadas por él provienen directamente del vulgo. Por otra parte, Valdés aporta datos léxicos, semánticos y pragmáticos de gran utilidad paremiológica.”

Para Valdés, uma boa tradução em vernáculo, cujos exemplos citados por ele são poucos (duas traduções da *Consolação*, de Boécio, e uma do *Enquiridion*, de Erasmo), deve competir com o texto de partida quanto ao estilo e exprimir o sentido com palavras próprias e com elegância. Exigente, ele concebe a tradução como uma atividade de risco e muito difícil, que para realizá-la o tradutor deve possuir habilidade e conhecimento profundo de ambas as línguas envolvidas. Por isso, diz que “é grande a temeridade dos que se põem a traduzir de uma língua a outra sem serem muito hábeis numa e na outra.” (p. 241)

Apesar de ressaltar a riqueza lexical do seu vernáculo, ele não o considera suficiente para dar conta da especificidade da tradução bem feita, preocupando-se com a propriedade das palavras: “[...] porque cada língua tem seus vocábulos próprios, e suas próprias maneiras de dizer, há tanta dificuldade em traduzir bem de uma língua a outra” (p. 241). Como forma de justificar por que não concorda com os benefícios da tradução para o vulgar, Valdés (1535) defende a ideia de que a sua língua é naturalmente tão expressiva que fica muito melhor criar algo nela do que tentar reproduzir uma invenção feita em outra língua:

[...] sendo que a maior parte da graça e da elegância da língua castelhana consiste em falar por metáforas, cuidando quem traduz de não colocar mais do que acha escrito na língua de que traduz, tem grandíssima dificuldade em dar ao castelhana a graça e o brilho que lhe daria escrevendo de sua cabeça. (p. 266)

Ele se opõe à tradução, mas o faz como estratégia de dignificação da própria língua. Por um lado, despreza a maior parte das obras literárias traduzidas, sob o pretexto de preservar a pureza do texto original, que poderia não encontrar equivalência no vulgar. Por outro lado, ao destacar a expressividade natural e a abundância lexical da língua castelhana, coloca-a em uma posição elevada, capaz de rivalizar com a toscana, defendida pelo seu interlocutor Márcio.

O objeto focalizado por Valdés, ao longo do diálogo, é a língua como um constructo multidimensional, envolvendo origens, situação sociocultural, condições políticas, representatividade nacional e internacional, bem como a relação com outras línguas, com suas semelhanças e diferenças. Ao comparar significados, selecionar e introduzir no castelhana palavras de outras procedências, sua atuação

como tradutor ocorre mais no âmbito da fala culta do que da língua escrita.

Através dos interlocutores italianos Coriolano e Márcio, o autor trata o seu vernáculo com o mesmo cuidado com que trataria uma obra artística. Desde a incorporação de palavras de outras línguas, passando pela adequação da grafia à pronúncia castelhana e o cuidado com as regras gramaticais, até o estilo harmonioso, Valdés segue os princípios elocutivos da retórica, comuns entre os letrados da época, e demonstra, assim, que sua língua está apta para ser aprendida pelos estrangeiros e usada na produção literária.

Diálogo de la lengua (1535)

MARCIO: Pues los mozos son idos a comer y nos han dejado solos, antes que venga alguno que nos estorbe, tornemos a hablar en lo que comencé a deciros esta mañana.

VALDÉS: No me acuerdo de qué cosa queréis decir.

MARCIO: ¿Cómo no? ¿No os acordáis que os dije cómo de aquello, en que habíamos platicado, me era venida a la memoria una honesta curiosidad, en la cual hace muchos días deseo platicar con vos?

VALDÉS: Ya me acuerdo; no tenía cosa más olvidada.

MARCIO: Pues nosotros, por obedeceros y serviros, habemos hablado esta mañana en lo que vos habéis querido y, muy cumplidamente, os habemos respondido a todo lo que nos habéis preguntado, cosa justa es que, siendo vos tan cortés y bien criado con todo el mundo, como

Diálogo da língua

MÁRCIO: Já que os rapazes foram almoçar e deixaram-nos a sós, antes que chegue alguém que nos perturbe, voltemos a falar naquilo que comecei a vos dizer esta manhã.

VALDÉS: Não me lembro de que coisa quereis falar.

MÁRCIO: Como não? Não vos lembrais do que vos disse sobre o que havíamos conversado, que me havia vindo à memória uma honesta curiosidade, sobre a qual há muitos dias quero falar convosco?

VALDÉS: Já me lembro; não havia coisa mais esquecida.

MÁRCIO: Pois nós, para vos obedecer e servir-vos, falamos nesta manhã sobre o que quisestes e, muito prontamente, respondemos a tudo o que nos perguntastes; o certo é que, sendo vós tão cortês e bem educado com todo o mundo, como dizem que sois, haveis de sê-lo também

todos dicen que sois, lo seáis también con nosotros, holgando que hablemos esta tarde en lo que más nos contentará, respondiéndonos y satisfaciéndonos a las preguntas que os proponemos, como nosotros habemos hecho a las que vos nos habéis propuesto.

VALDÉS: Si no adornarais esta vuestra demanda con tanta retórica, liberalmente me ofreciera a obedeceros; ahora, viéndoos venir ataviado en vuestra demanda con tantas razones, sospechando me queréis meter en cualque cosa enojosa, no sé qué responderos si primero no me decís claramente qué es lo que queréis de mí.

MARCIO: Lo primero que de vos queremos es que, sin querer saber más, nos prometáis ser obediente a lo que os demandaremos.

VALDÉS: Confiando en vuestra discreción que no querréis de mí cosa que no sea razonable y honesta, os prometo ser obediente.

MARCIO: No me contento con eso, y quiero que a todos tres nos deis vuestra fe que lo haréis así.

VALDÉS: ¿A qué propósito me queréis obligar tan estrechamente? ¿Os habéis por ventura concertado todos tres para el mohíno? Ora sus, sea lo que fuere, digo que os doy mi fe que responderé como mejor supiere a todo lo que esta tarde me querréis preguntar. ¿Estáis contentos?

conosco, permitiendo que nesta tarde falemos sobre o que mais nos agradar, respondendo-nos e satisfazendo-nos as perguntas que vos propusermos, como nós fizemos com as que vós nos propusestes.

VALDÉS: Se não tivésseis adornado esta vossa demanda com tanta retórica, aceitaria obedeceros livremente; agora, vendo-vos chegar rebuscado com tantas frases em vossa demanda, desconfio que me queirais meter em alguma coisa confusa; não sei o que vos responder se primeiro não me disserdes claramente o que é que quereis de mim.

MÁRCIO: Primeiro, queremos de vós que, sem indagar mais, nos prometais ser obediente ao que vos perguntarmos.

VALDÉS: Confiando na vossa sensatez, que não quereis de mim algo que não seja razoável e honesto, prometo-vos ser obediente.

MÁRCIO: Não me contento com isso, e quero que deis vossa garantia a nós três de que assim o fareis.

VALDÉS: Com que propósito quereis obrigar-me tão rigorosamente? Por acaso vós três combinastes de conjurar contra mim? Ora, seja o que for, digo que vos dou garantia de que responderei como melhor souber a tudo o que me quereis perguntar

MARCIO: Yo por mi parte estoy contentísimo.

CORIOLANO: A mí harto me basta.

PACHECO: Pues para mí no era menester más que la primera promesa.

VALDÉS: Sus pues, comenzad a preguntar, que me tenéis confuso hasta saber qué misterios son estos que queréis entender de mí.

MARCIO: ¿Misterios? ¡Y cómo, si bien supieseis!

VALDÉS: Sea lo que fuere, acabad ya; por amor de Dios, decidlo.

MARCIO: Soy contento. Bien os debéis acordar cómo, al tiempo que ahora ha dos años, partisteis de esta tierra para Roma, nos prometisteis a todos tres que conservaríais y entretendríais nuestra amistad, como habéis hecho, con vuestras continuas cartas. Ahora sabed que, después de vos ido, nosotros nos concertamos de esta manera, que cualquiera de nosotros que recibiese carta vuestra la comunicase con los otros, y esto habemos hecho siempre así, y con ello habemos tomado mucho descanso, pasatiempo y placer, porque con la lección refrescábamos en nuestros ánimos la memoria del amigo ausente, y con los chistes y donaires, de que continuamente vuestras cartas venían adornadas, teníamos de qué reír y con qué holgar y, notando

nesta tarde. Estais contentes?

MÁRCIO: Eu de minha parte estou contentíssimo.

CORIOLANO: Para mim é o bastante.

PACHECO: Pois para mim não seria preciso mais do que a primeira promessa.

VALDÉS: Vamos, pois, começai a perguntar, que me deixais confuso até saber que mistérios são estes que quereis entender através de mim.

MÁRCIO: Mistérios? E como, se bem soubésseis!

VALDÉS: Seja o que for, acabai logo; pelo amor de Deus, dizei-o.

MÁRCIO: Estou contente. Deveis lembrar-vos bem de que, há dois anos, ao partirdes desta terra para Roma, prometestes a nós três que conservaríeis e manteríeis a nossa amizade, como fizestes, com vossas contínuas cartas. Agora sabeis que, depois de irdes, nós combinamos desta maneira, que qualquer um de nós que recebesse carta vossa se comunicasse com os outros, e assim sempre fizemos e com isso tivemos muita diversão, passatempo e prazer, porque com a leitura refrescávamos em nossas mentes a lembrança do amigo ausente, e com os chistes e gracejos, com que vossas cartas eram continuamente adornadas, tínhamos do que rir e com o que nos divertir e, olhando com

con atención los primores y delicadezas que guardabais y usabais en vuestro escribir castellano, teníamos sobre qué hablar y contender, porque el señor Pacheco, como hombre nacido y criado en España, presumiendo saber la lengua tan bien como otro, y yo, como curioso de ella, deseando saberla así bien escribir como la sé hablar, y el señor Coriolano, como buen cortesano, queriendo del todo entenderla (porque, como veis, ya en Italia, así entre damas como entre caballeros, se tiene por gentileza y galanía saber hablar castellano), siempre hallábamos algo que notar en vuestras cartas, así en lo que pertenecía a la ortografía, como a los vocablos, como al estilo; y acontecía que, como llegábamos a topar algunas cosas que no habíamos visto usar a otros, a los cuales teníamos por tan bien hablados y bien entendidos en la lengua castellana cuanto a vos, muchas veces veníamos a contender reciamente cuando sobre unas cosas y cuando sobre otras, porque cada uno de nosotros o quería ser maestro o no quería ser discípulo. Ahora que os tenemos aquí, donde nos podéis dar razón de lo que así habemos notado en vuestra manera de escribir, os pedimos por merced nos satisfagáis buenamente a lo que os demandaremos: el señor Pacheco,

atencção os primores e delicadezas que observáveis e usáveis na vossa escrita castelhana, tínhamos sobre o que falar e discutir; porque o senhor Pacheco, como homem nascido e criado na Espanha, presumindo saber a língua tão bem como outro, e eu, como curioso dela, desejando saber escrevê-la tão bem como sei falá-la, e o senhor Coriolano, como bom cortesão, querendo entendê-la totalmente (porque, como vedes, na Itália, tanto entre damas como entre cavalheiros, já se tem por gentileza e elegância saber falar castelhano), sempre achávamos o que destacar em vossas cartas, tanto no que pertencia à ortografia, como aos vocábulos e ao estilo; e acontecia que, como encontrávamos algumas coisas que não havíamos visto usar pelos outros, os quais considerávamos tão bem conversados e bem entendidos na língua castelhana quanto vós, muitas vezes chegávamos a discutir fortemente sobre umas coisas e outras, porque cada um de nós ou queria ser mestre ou não queria ser discípulo. Agora que vos temos aqui, podeis dar-nos explicação do que assim destacamos na vossa maneira de escrever, pedimos-vos por favor que nos respondais adequadamente ao que vos perguntamos: o senhor Pacheco,

como natural de la lengua, y el señor Coriolano, como novicio en ella, y yo, como curioso de ella.

VALDÉS: Si me dijerais esto antes de comer, me pusierais en duda si lo decíais de verdad o no, pero, considerando que es después de comer, y creyendo que con mostraros hombre del palacio habéis querido celebrar vuestro convite, me resuelvo en no creer nada de lo que decís, y digo que, si queréis saber algo de mí, debéis dejar los donaires por ahora, pues sabéis que si yo tomo la mano, ganaréis conmigo «lo que suele ganar un corsario con otro».

CORIOLOANO: Mejor manera de burlar me parece la vuestra, pues queriendo hacer del juego maña, pensáis libraros de la fe que nos habéis dado; y os engañáis, porque de ninguna manera os la soltaremos si primero no nos respondéis muy entera y cumplidamente a todo lo que os preguntaremos sobre la materia propuesta, en la cual se os ha dicho realmente lo que en vuestra ausencia pasaba y lo que queremos de vos.

VALDÉS: ¿Queréis que os diga la verdad? Aun con todo eso pienso que me burláis.

PACHECO: Si no queréis creer a ellos, creedme a mí, que todo lo

como nativo da língua, o senhor Coriolano, como novato nela, e eu, como curioso dela.

VALDÉS: Se me tivésseis dito isto antes de almoçar, deixar-me-íeis em dúvida se o estáveis dizendo de verdade ou não, mas, considerando que é depois da refeição, e acreditando que ao vos mostrar homem palaciano quisestes celebrar o vosso convite, decido-me a não acreditar em nada do que dizeis, e digo que, se quereis saber algo de mim, por enquanto deveis deixar as adulações, pois sabeis que se eu concordar, ganhareis comigo “o que um corsário costuma ganhar com outro”⁸⁸.

CORIOLOANO: A vossa maneira de burlar parece-me a melhor, pois querendo fazer manha no jogo, pensais em vos livrar da garantia que nos destes; e enganais-vos, porque de modo nenhum vo-la soltaremos se primeiro não nos respondeis muito inteira e prontamente a tudo o que vos perguntarmos sobre o assunto proposto, no qual vos foi dito realmente o que acontecia na vossa ausência e o que queremos de vós.

VALDÉS: Quereis que vos diga a verdade? Mesmo com tudo isso penso que me ludibriais.

88 Variante do provérbio “*de corsario a corsario no se pierden sino los barriles* [de corsário a corsário não se perdem mais que os barris]”.

que os dicen es la pura verdad.

VALDÉS: Más quisiera que fuera la pura mentira, porque me parece cosa tan fuera de propósito esta que queréis, que apenas oso creeros.

MARCIO: Me maravillo mucho que os parezca cosa tan extraña el hablar en la lengua que os es natural. Decidme: si las cartas de que os queremos demandar cuenta fueran latinas, ¿tuvierais por cosa fuera de propósito que os demandáramos cuenta de ellas?

VALDÉS: No, que no la tuviera por tal.

MARCIO: ¿Por qué?

VALDÉS: Porque he aprendido la lengua latina por arte y libros, y la castellana por uso, de manera que de la latina podría dar cuenta por el arte y por los libros en que la aprendí, y de la castellana no, sino por el uso común de hablar, por donde tengo razón de juzgar por cosa fuera de propósito que me queráis demandar cuenta de lo que está fuera de toda cuenta.

MARCIO: Si os demandásemos cuenta de lo que otros escriben de otra manera que vos, tendríais razón de excusaros, pero, demandándoosla de lo que vos escribís de otra manera que otros, con ninguna razón os podéis excusar.

VALDÉS: Cuando bien lo que decís sea así, no dejaré de excusarme, porque me parece cosa

PACHECO: Se não quereis acreditar neles, acreditai em mim, que tudo o que estão vos dizendo é a pura verdade.

VALDÉS: Eu preferia que fosse a pura mentira, porque o que quereis me parece algo tão fora de propósito, que não me atrevo a acreditar.

MÁRCIO: Admiro-me muito de que o falar na vossa língua nativa pareça-vos algo tão estranho. Dizei-me: se as cartas que queremos que nos expliqueis fossem latinas, acharíeis coisa fora de propósito que vos perguntássemos sobre elas?

VALDÉS: Não, pois não consideraria tal.

MÁRCIO: Por quê?

VALDÉS: Porque aprendi a língua latina por arte e livros, e a castelhana por uso, de modo que a latina poderia explicar-vos pela arte e pelos livros em que aprendi, e a castelhana não, mas pelo uso comum de falar, daí que tenho razão de julgar por coisa fora de propósito que quereis que eu explique o que está fora de toda explicação.

MÁRCIO: Se vos perguntássemos sobre o que outros escrevem diferente de vós, teríeis razão de vos escusar, mas, perguntando sobre o que vós escreveis diferente de outros, com nenhuma razão podeis escusar-vos.

VALDÉS: Enquanto o que dizeis

fuera de propósito que queráis vosotros ahora que perdamos nuestro tiempo hablando en una cosa tan baja y plebeya como es punticos y primorcicos de lengua vulgar, cosa a mi ver tan ajena de vuestros ingenios y juicios que por vuestra honra no querría hablar en ella, cuando bien a mí me fuese muy sabrosa y apacible.

MARCIO: Me pesa oíros decir eso. ¿Cómo? ¿Y os parece a vos que el Bembo perdió su tiempo en el libro que hizo sobre la lengua toscana?

VALDÉS: No soy tan diestro en la lengua toscana que pueda juzgar si lo perdió o lo ganó; os sé decir que a muchos he oído decir que fue cosa inútil aquel su trabajo.

MARCIO: Los mismos que dicen eso, os prometo se aprovechan muchas veces de esa que llaman cosa inútil, y hay muchos que son de contraria opinión, porque admiten y aprueban las razones que él da, por donde prueba que todos los hombres somos más obligados a ilustrar y enriquecer la lengua que nos es natural y que mamamos en las tetas de nuestras madres, que no la que nos es pegadiza y que aprendemos en libros. ¿No habéis leído lo que dice sobre esto?

VALDÉS: Sí que lo he leído, pero no me parece todo uno.

MARCIO: ¿Cómo no? ¿No tenéis por tan elegante y gentil la lengua

for bem assim, não deixarei de me escusar, porque me parece fora de propósito que queirais agora que percamos nosso tempo falando sobre uma coisa tão baixa e plebeia como *punticos* e *primorcicos* de língua vernácula, a meu ver coisa tão alheia a vossos engenhos e juízos que por vossa honra não queria falar nela, ainda que me fosse muito divertida e aprazível.

MÁRCIO: Doi-me ouvir-vos dizer isso. Como? Então parece-vos que o Bembo perdeu seu tempo no livro que fez sobre a língua toscana?

VALDÉS: Não sou tão hábil na língua toscana que possa julgar se o perdeu ou o ganhou; sei dizer-vos que ouvi muitos dizerem que aquele seu trabalho foi algo inútil.

MÁRCIO: Os mesmos que dizem isso, garanto-vos, muitas vezes aproveitam-se do que chamam algo inútil, e há muitos que são de opinião contrária, porque admitem e aprovam as razões que ele dá, pelas quais prova que todos somos obrigados a ilustrar e enriquecer a língua que nos é natural e que mamamos nos seios de nossas mães, mais do que aquela que nos é postiça e que aprendemos nos livros. Não lestes o que ele diz sobre isto?

VALDÉS: Claro que o li, mas não me parece coerente.

MÁRCIO: Como não? Não

castellana como la toscana?

VALDÉS: Sí que la tengo, pero también la tengo por más vulgar, porque veo que la toscana está ilustrada y enriquecida por un Boccaccio y un Petrarca, los cuales, siendo buenos letrados, no solamente se preciaron de escribir buenas cosas, pero procuraron escribirlas con estilo muy propio y muy elegante; y, como sabéis, la lengua castellana nunca ha tenido quien escriba en ella con tanto cuidado y miramiento quanto sería menester para que hombre, queriendo o dar cuenta de lo que escribe diferente de los otros, o reformar los abusos que hay hoy en ella, se pudiese aprovechar de su autoridad.

MARCIO: Quanto más conocéis eso, tanto más os deberíais avergonzar vosotros, que por vuestra negligencia hayáis dejado y dejéis perder una lengua tan noble, tan entera, tan gentil y tan abundante.

VALDÉS: Vos tenéis mucha razón, pero eso no toca a mí.

MARCIO: ¿Cómo no? ¿Vos no sois castellano?

VALDÉS: Sí que lo soy.

MARCIO: Pues ¿por qué esto no toca a vos?

VALDÉS: Porque no soy tan letrado ni tan leído en cosas de ciencia quanto otros castellanos que muy largamente podrían hacer lo que vos queréis.

considerais a língua castelhana tão elegante e gentil quanto a toscana?

VALDÉS: É claro que a considero, mas também a tenho por mais vulgar, porque vejo que a toscana está ilustrada e enriquecida por um Boccaccio e um Petrarca, os quais, sendo bons letrados, não somente se dedicaram a escrever coisas boas, mas procuraram escrevê-las com estilo muito próprio e muito elegante; e, como sabeis, a língua castelhana nunca teve quem escrevesse nela com tanto cuidado e atenção como seria preciso para que, querendo dar conta do que se escreve diferente dos outros, ou reformar os abusos que hoje há nela, pudéssemos aproveitar-nos da sua autoridade.

MÁRCIO: Quanto mais sabeis disso, tanto mais deveríeis envergonhar-vos, que por vossa negligência tendes deixado e deixais perder-se uma língua tão nobre, tão íntegra, tão gentil e tão abundante.

VALDÉS: Tendes muita razão, mas isso não cabe a mim.

MÁRCIO: Como não? Vós não sois castelhano?

VALDÉS: É claro que sou.

MÁRCIO: Então, por que isso não cabe a vós?

VALDÉS: Porque não sou tão letrado nem tão instruído em coisas de ciência quanto outros

MARCIO: Pues ellos no lo hacen y a vos no os falta habilidad para poder hacer algo, no os deberíais excusar de ello, pues, cuando bien no hicieseis otra cosa que despertar a otros a hacerlo, haríais hartos, cuanto más que aquí no os rogamos que escribáis, sino que habléis; y, como sabréis, palabras y plumas el viento las lleva.

PACHECO: No os hagáis, por vuestra fe, tanto de rogar en una cosa que tan fácilmente podéis cumplir; cuanto más, habiéndola prometido y no teniendo causa justa con que excusaros, porque lo que decís de los autores que os faltan para defenderos no es bastante, pues sabéis que para la que llamáis ortografía y para los vocablos os podéis servir del autoridad del *Vocabulario* de Antonio de Librija y, para el estilo, de la del libro de *Amadís de Gaula*.

VALDÉS: Sí, por cierto, muy grande es el autoridad de esos dos para hacer fundamento en ella, y muy bien debéis haber mirado el *Vocabulario* de Librija, pues decís eso.

PACHECO: ¿Cómo? ¿No os contenta?

VALDÉS: ¿Por qué queréis que me contente? ¿Vos no veis que,

castelhanos que muito largamente poderiam fazer o que quereis.

MÁRCIO: Já que eles não o fazem e não vos falta habilidade para poder fazer algo, não vos deveríeis excusar, pois, quando não fizésseis bem outra coisa que despertar outros a fazê-lo, faríeis muito, ainda mais que aqui não vos pedimos que escrevais, mas que faleis; e, como sabeis, palavras e penas o vento as leva.

PACHECO: Por favor, não vos façais tanto de rogado em uma coisa que tão facilmente podeis cumprir; ainda mais tendo prometido-a e não tendo motivo justo pelo qual excusar-vos, porque o que dizeis dos autores que vos faltam não basta para vos defender, pois sabeis que para o que chamais ortografia e para os vocábulos podeis servir-vos da autoridade do *Vocabulário* de Antônio de Nebrija e, para o estilo, da do livro de *Amadís de Gaula*⁸⁹.

VALDÉS: Sim, com certeza, muito grande é a autoridade desses dois para tomá-la como fundamento, e muito bem deveis ter olhado o *Vocabulário* de Nebrija, pois dizeis isso.

PACHECO: Como? Não vos

89 *Amadís de Gaula* é uma obra do ciclo de novelas de cavalaria do século XVI, na península ibérica. A obra já era conhecida desde o século XIV, mas a versão definitiva foi impressa em língua castelhana em 1496, sob a autoria de Garcí Rodríguez de Montalvo, e denominada *Los quatro libros de Amadís de Gaula*.

aunque Librija era muy docto en la lengua latina, que esto nadie se lo puede quitar, al fin no se puede negar que era andaluz, y no castelano, y que escribió aquel su *Vocabulario* con tan poco cuidado que parece haberlo escrito por burla? Si ya no queréis decir que hombres envidiosos, por afrentar al autor, han gastado el libro.

PACHECO: En eso yo poco me entiendo. Pero ¿en qué lo veis?

VALDÉS: En que, dejando aparte la ortografía, en la cual muchas veces peca en la declaración que hace de los vocablos castellanos, en los latinos se engaña tantas veces que sois forzado a creer una de dos cosas: o que no entendía la verdadera significación del latín (y esta es la que yo menos creo) o que no alcanzaba la del castellano, y esta podría ser, porque él era de Andalucía, donde la lengua no está muy pura.

PACHECO: Apenas puedo creer eso que me decís, porque a hombres muy señalados en letras he oído decir todo lo contrario.

VALDÉS: Si no lo queréis creer, id a mirarlo y hallaréis que por *aldeano* dice *vicinus*, por *brio en costumbres*, *morositas*; por *cecear* y *ceceoso*, *balbutire* y *balbus*; por *loçano*, *lascivus*; por *malherir*, *deligere*; por *moço para mandados*, *amanuensis*; por *mote o motete*, *epigramma*; por *padrino de boda*, *paranymphus*; por *ración de*

agrada?

VALDÉS: Por que quereis que me agrade? Não vedes que, embora Nebrija fosse muito culto na língua latina, que isto ninguém lhe pode tirar, não se pode negar que era andaluz, e não castelhano, e que escreveu aquele seu *Vocabulário* com tão pouco cuidado que parece tê-lo escrito por passatempo? Se já não quereis dizer que homens invejosos estragaram o livro para desonrar o autor.

PACHECO: Pouco entendo disso. Mas em que o vedes assim?

VALDÉS: Em que, deixando fora a ortografia, na qual muitas vezes peca na explicação que faz dos vocábulos castelhanos, engana-se tantas vezes nos latinos que sois forçado a crer em uma de duas coisas: ou que não entendia a verdadeira significação do latim (e esta é a em que eu menos acredito) ou que não dominava a do castelhano, e poderia ser essa, porque ele era da Andaluzia, onde a língua não está muito pura.

PACHECO: Mal posso acreditar no que me dizeis, porque ouvi, de homens muito distintos nas letras, dizer tudo o contrário.

VALDÉS: Se não quereis acreditar, ide olhá-lo e achareis que por aldeão diz *vicinus*, por elegância em costumes, *morositas*; por cecear e ceceoso, *balbutire* e *balbus*; por louçano,

palacio, sportula; por *sabidor de lo suyo solamente, idiota*; por *villano, castellanus*; y por *rejalgar, aconitum*. No os quiero decir más, porque sé que entendéis poco de la lengua latina y porque me parece bastan estos vocablos para que, si los entendéis, creáis que los hombres de letras que decís, no debían tener tantas como vos pensáis, o no lo debían haber mirado con tanta atención como yo, y para que veáis que no me puedo defender con el autoridad de Librija.

PACHECO: Confieso que tenéis razón.

VALDÉS: Es tanta que, si bien la entendieseis, soy cierto me tendríais antes por modesto en el notar poco, que por insolente en el reprehender mucho. Mas quiero que sepáis que aún hay otra cosa por que no estoy bien con Librija en aquel *Vocabulario*, y es esta: que parece que no tuvo intento a poner todos los vocablos españoles, como fuera razón que hiciera, sino solamente aquéllos para los cuales hallaba vocablos latinos o griegos que los declarasen.

PACHECO: Basta lo dicho; yo estaba muy engañado.

VALDÉS: Pues quanto al autor de *Amadis de Gaula*, cuánta autoridad se le debe dar, podéis juzgar por esto que hallaréis, si miráis en ello: que en el estilo peca muchas veces

lascivus; por malferir, *deligere*; por moço de recados, *amanuensis*; por mote ou motete, *epigramma*; por padrinho de casamento, *paranymphus*; por razão de palácio, *sportula*; por sabedor somente do seu, *idiota*; por vilão, *castellanus*; e por realgar, *aconitum*. Não quero dizer-vos mais, porque sei que entendeis pouco da língua latina e porque estes vocábulos me parecem suficientes para que, se os entendeis, acrediteis que os homens de letras que dizeis não deviam ter tantas como pensais, ou não o deviam ter olhado com tanta atenção como eu, e para que vejais que não me posso defender com a autoridade de Nebrija.

PACHECO: Reconheço que tendes razão.

VALDÉS: É tanta que, se bem a entendêsseis, estou certo de que me teríeis antes por modesto no notar pouco do que por insolente no repreender muito. Mas quero que saibais que ainda há outra coisa pela qual não concordo com Nebrija naquele *Vocabulário*, e é esta: que parece que não teve intenção de colocar todos os vocábulos espanhóis, como se houvesse motivo, mas somente aqueles para os quais achava vocábulos latinos ou gregos que os explicassem.

PACHECO: Basta o dito; eu estava muito enganado.

con no sé qué frías afectaciones que le contentan, las cuales creo bien que o se usaban en el tiempo que él escribió, y en tal caso no sería digno de reprehensión, o que quiso acomodar su estilo al tiempo en que dice que aconteció su historia, y esto sería cosa muy fuera de propósito, porque él dice que aquella su historia aconteció poco después de la pasión de nuestro redentor; y la lengua en que él escribe no se habló en España hasta muchos años después. Esto mismo se puede decir de los vocablos. Quanto a la ortografía, no digo nada, porque la culpa se puede atribuir a los impresores y no al autor del libro.

MARCIO: Ora sus, no perdamos tiempo en esto. Si no tenéis libros en castellano con cuya autoridad nos podáis satisfacer a lo que de vuestras cartas os preguntaremos, a lo menos satisfacednos con las razones que os mueven a escribir algunas cosas de otra manera que los otros, porque puede ser que estas sean tales, que valgan tanto quanto pudiera valer el autoridad de los libros; quanto más que, a mi parecer, para muchas cosas os podréis servir del *Quaderno de refranes castellanos*, que me decís cogisteis entre amigos estando en Roma por ruego de ciertos gentiles hombres romanos.

PACHECO: Muy bien habéis dicho, porque en aquellos refranes

VALDÉS: Pois quanto ao autor do *Amadis de Gaula*, quanta autoridade se lhe deve dar podeis julgar por isto que achareis, se olhais nele, que peca muitas vezes no estilo com não sei que frias afetações que lhe agradam, as quais creio que se usavam no tempo em que ele escreveu, e em tal caso não seria digno de repreensão; ou que quis adequar seu estilo ao tempo em que diz que aconteceu sua história, e isto seria coisa muito fora de propósito, porque ele diz que aquela sua história aconteceu pouco depois da paixão de nosso redentor; e a língua em que ele escreve não se falou na Espanha até muitos anos depois. O mesmo se pode dizer dos vocábulos. Quanto à ortografia, não digo nada, porque se pode atribuir a culpa aos impressores e não ao autor do livro.

MÁRCIO: Pois então, não percamos tempo nisto. Se não tendes livros em castelhano com cuja autoridade podeis satisfazer-nos ao que vos perguntarmos de vossas cartas, ao menos satisfazei-nos com as razões que vos movem para escrever algumas coisas de forma diferente do que os outros, porque pode ser que estas sejam tais, que valham tanto quanto poderia valer a autoridade dos livros; ainda mais que, eu acho, para muitas coisas podereis servir-

se ve muy bien la puridad de la lengua castellana.

CORIOLOANO: Antes que paséis adelante, es menester que sepa yo qué cosa son refranes.

VALDÉS: Son proverbios o adagios.

CORIOLOANO: ¿Y tenéis libro impreso de ellos?

VALDÉS: No de todos, pero, siendo muchacho, me acuerdo haber visto uno de algunos mal glosados.

CORIOLOANO: ¿Son como los latinos y griegos?

VALDÉS: No tienen mucha conformidad con ellos, porque los castellanos son tomados de dichos vulgares, los más de ellos nacidos y criados entre viejas, tras del fuego hilando sus ruecas; y los griegos y latinos, como sabéis, son nacidos entre personas doctas y están celebrados en libros de mucha doctrina. Pero, para considerar la propiedad de la lengua castellana, lo mejor que los refranes tienen es ser nacidos en el vulgo.

PACHECO: Yo os prometo, si no fuese cosa contraria a mi profesión, que me habría, algunos días ha, determinadamente puesto en hacer un libro en la lengua castellana, como uno que dice que Erasmo ha hecho en la latina, allegando todos los refranes que hallase y declarándolos lo menos mal que supiese, porque he pensado que en

vos do *Caderno de refrões castelhanos*, que me dizeis ter recolhido entre amigos estando em Roma a pedido de certos gentis-homens romanos.

PACHECO: Falastes muito bem, porque naqueles refrões vê-se muito bem a pureza da língua castelhana.

CORIOLOANO: Antes de irdes adiante, é preciso que eu saiba o que são refrões.

VALDÉS: São provérbios ou adágios.

CORIOLOANO: E tendes livro impreso deles?

VALDÉS: Não de todos, porém, quando jovem, lembro-me de ter visto um daqueles mal glosados.

CORIOLOANO.- São como os latinos e os gregos?

VALDÉS: Não têm muita semelhança com eles, porque os castelhanos são cheios de ditados populares, a maioria deles nascidos e criados entre velhas fiando em suas rocas atrás do fogo; e os gregos e latinos, como sabeis, nasceram entre pessoas cultas e estão celebrados em livros de muita doutrina. Mas, para considerar a propriedade da língua castelhana, o melhor que os refrões têm é serem nascidos no vulgo.

PACHECO: Eu vos garanto, se não fosse coisa contrária à minha profissão, que há alguns dias ter-me-ia determinado a fazer um

ello haría un señalado servicio a la lengua castellana.

VALDÉS: También era Julio César de vuestra profesión, pero no tuvo por cosa contraria a ella con la pluma en la mano escribir de noche lo que con la lanza hacía de día, de manera que la profesión no os excusa. ¿No habéis oído decir que las letras no embotan la lanza?

PACHECO: Vos decís muy bien, y yo lo conozco. Dadme a mí el sujeto que tuvo César, que escribía lo que él hacía y no lo que otros decían, y entonces veréis si tengo por deshonra escribir; pero, porque parece que escribir semejantes cosas a esta pertenece más a hombres de haldas que de armas, no me he querido poner en ello.

VALDÉS: Pues aunque yo no hago profesión de soldado, pues tampoco soy hombre de haldas, pensad que no os tengo de consentir me moláis aquí preguntándome niñerías de la lengua. Por tanto me resuelvo con vosotros en esto, que, si os contentan las cosas que en mis cartas habéis notado, las toméis y las vendáis por vuestras, que para ello yo os doy licencia, y que, si os parecen mal, las dejéis estar, pues para mí harto me basta haber conocido por vuestras respuestas

livro na língua castelhana, como um que dizem que Erasmo fez na latina, juntando todos os adágios⁹⁰ que achasse e expondo-os o menos mal que soubesse, porque pensei que com isso prestaria um grande serviço à língua castelhana.

VALDÉS: Também Júlio César era de vossa profissão, mas não teve por coisa contrária a ela com a pena na mão escrever de noite o que de dia fazia com a lança, de modo que a profissão não vos desculpa. Não ouvistes falar que as letras não embotam a lança?

PACHECO: Falais muito bem, e eu o conheço. Dai-me o assunto que César teve, que escrevia o que fazia e não o que outros diziam, e então vereis se tenho por desonra escrever; mas, porque parece que escrever coisas semelhantes a esta pertence mais a homens de batinas que de armas, não quis me meter nisto.

VALDÉS: Pois como eu não tenho a profissão de soldado, e tampouco sou homem de batina, pensai que não vos tenho de consentir que me amoleis aqui perguntando-me ninharias da língua. Portanto, decido convosco isto, que, se as coisas que observastes em minhas cartas

90 *Adágios*, de Erasmo, compunha-se de frases de uso comum, redigidas em latim e grego, com referências aos melhores autores clássicos. A obra, publicada em Veneza, em 1508, era uma das mais lidas durante o Renascimento.

que habéis entendido lo que he querido decir en mis cartas.

MARCIO: Porque lo que en vuestras cartas habemos notado es de calidad que ni lo podemos tomar por bueno, porque no todos lo aprobamos del todo, ni lo podemos desechar por malo, porque hay cosas que nos satisfacen y hay otras que no entendemos, es menester que en todo caso nos deis cuenta, no solamente de lo que habéis escrito, pero aun de lo que de ello depende o puede depender. Vuestra fe y palabra nos habéis dado y, aunque no queráis, la habéis de cumplir.

VALDÉS: No se haría más en el monte de Torozos o, como acá decís, en el bosque de Bacano; y pues, como dicen en mi tierra, donde fuerza viene, derecho se pierde, yo me determino en obedeceros. Empezad a preguntar, que yo os responderé. Pero, ya que así lo queréis, será bien que todos tres os concertéis en el orden que queréis llevar en vuestras preguntas, porque no os confundáis en ellas. Hacedlo así, y entre tanto me saldré yo al jardín a tomar un poco de aire.

MARCIO: Muy bien decís; en merced os lo tenemos. Andad con

agradam-vos, tomai-as por vossas e vendei-as, que vos dou licença para isso, e que, se vos parecem más, deixai-as, pois muito me basta ter sabido por vossas respostas que entendestes o que eu quis dizer nas minhas cartas.

MÁRCIO: Porque o que destacamos nas vossas cartas é de qualidade que nem o podemos tomar por bom, porque nem todos o aprovamos inteiramente, nem o podemos reprovar por mau, porque há coisas que nos agradam e há outras que não entendemos, é preciso que nos deis conta de todo o caso, não somente do que escrevestes, mas também do que disso depende ou pode depender. Destes-nos vossa garantia e palavra e haveis de cumpri-la, ainda que não queirais.

VALDÉS: Não se faria mais isso nem no monte de Torozos ou, como dizeis aqui, no bosque de Baccano⁹¹; e, então, como dizem na minha terra, onde há força direito se perde, decido-me a obedecer-vos. Começai a perguntar, que vos responderei. Mas, já que assim o quereis, será bom que todos os três entreis em acordo quanto à ordem que quereis seguir em vossas

91 O monte de Torozos, na província de Valladolid, e o bosque de Baccano, próximo a Roma, eram lugares infestados por quadrilhas de malfeitores. No século XVI, a expressão “*¡A robar al Monte de Torozos!*” era muito usada referindo-se a alguém que pretendia abusar no preço de uma mercadoria ou de um serviço.

Dios, que presto os llamaremos.

PACHECO: Pues habemos cogido y prendado a Valdés, aún no lo dejemos de ninguna manera sin que primero lo examinemos hasta el postrer pelo. Porque yo lo tengo por tal, que ninguna cosa escribe sin fundamento, y apostaría que tiene en sus papeles notadas algunas cosillas sobre esta materia de que le queremos hablar. Esto creo así, porque no vi en mi vida hombre más amigo de escribir. Siempre en su casa está hecho un San Juan Evangelista, la péñola en la mano, tanto que creo escribe de noche lo que hace de día, y de día, lo que ensueña de noche.

MARCIO: Bien decís; y pues vos, que sois el más diestro en la lengua, sabréis mejor lo que conviene preguntar, a vos toca ordenarlo de manera que no nos confundamos.

PACHECO: Antes yo me remito a cualquiera de vosotros que sois leídos, que yo más me entiendo de desordenar que de ordenar.

MARCIO: Si os queréis gobernar por mí, haremos de esta manera: En la primera parte, le preguntaremos lo que sabe del origen o principio que han tenido, así la lengua castellana como las otras lenguas que hoy se hablan en España; en la segunda, lo que pertenece a la gramática; en la tercera, lo que le habemos notado en el escribir unas letras más que

perguntas, para que não vos confundais nelas. Fazei-o assim, e enquanto isso eu vou ao jardim tomar um pouco de ar.

MÁRCIO: Falais muito bem; estamos à vossa disposição. Ide com Deus, que logo vos chamaremos.

PACHECO: Já que apanhamos e prendemos Valdés, não o deixemos de maneira alguma sem que primeiro o examinemos até o último fio de cabelo. Porque considero-o tanto, que nada escreve sem fundamento, e apostaria que em seus papéis tem anotadas algumas coisitas sobre esta matéria de que lhe queremos falar. Assim o creio, porque nunca vi na minha vida homem mais amigo de escrever. Em sua casa está sempre feito um São João Evangelista, com a pena na mão, tanto que acho que escreve de noite o que faz de dia, e de dia, o que sonha de noite.

MÁRCIO: Falais bem; e então vós, que sois o mais competente na língua, sabereis melhor o que convém perguntar, cabe a vós ordená-lo de modo que não nos confundamos.

PACHECO: Antes eu me remeto a qualquer um de vós que sois instruídos, porque eu entendo mais de desordenar que de ordenar.

MÁRCIO: Se quereis ser conduzidos por mim, façamos

otras; en la cuarta, la causa que lo mueva a poner o quitar en algunos vocablos una sílaba; en la quinta, le pediremos nos diga por qué no usa de muchos vocablos que usan otros; en la sexta, le rogaremos nos avise de los primores que guarda quanto al estilo; en la sétima, le demandaremos su parecer acerca de los libros que están escritos en castellano; al último haremos que nos diga su opinión sobre cuál lengua tiene por más conforme a la latina, la castellana o la toscana. De manera que lo primero será del origen de la lengua, lo segundo de la gramática, lo tercero de las letras (adonde entra la ortografía), lo cuarto de las sílabas, lo quinto de los vocablos, lo sexto del estilo, lo sétimo de los libros, lo último de la conformidad de las lenguas. ¿Os contenta esta manera de proceder?

PACHECO: Es la mejor del mundo, con tal condición que la guardemos de tal manera que ninguno se pueda salir de ella.

COROLANO: Yo deseo siempre prevenir por no ser prevenido, y así querría que pusiésemos escondido en algún lugar secreto un buen escribano, para que notase los puntos principales que aquí se dijeren, porque podría ser que con este principio engolosinásemos a Valdés de tal manera, que le hiciésemos componer cualquier diálogo de lo que aquí platicásemos.

desta maneira: Na primeira parte, perguntar-lhe-emos o que sabe da origem ou princípio que tiveram tanto a língua castelhana como as outras línguas que hoje são faladas na Espanha; na segunda, o que pertence à gramática; na terceira, o que destacamos sobre escrever umas letras mais do que outras; na quarta, a causa que o levou a colocar ou tirar uma sílaba em alguns vocábulos; na quinta, pediremos que nos diga por que não usa muitos dos vocábulos que outros usam; na sexta, pediremos que nos informe sobre os primores que observa quanto ao estilo; na sétima, perguntaremos o seu parecer acerca dos livros que estão escritos em castelhana; por último, faremos com que nos dê sua opinião sobre qual língua considera mais semelhante à latina, se a castelhana ou a toscana. De modo que o primeiro será da origem da língua, o segundo da gramática, o terceiro das letras (onde entra a ortografia), o quarto das sílabas, o quinto dos vocábulos, o sexto do estilo, o sétimo dos livros, o último da semelhança das línguas. Agrada-vos esta maneira de proceder?

PACHECO: É a melhor do mundo, com a condição de que a observemos de tal modo que nenhum possa se desviar dela.

COROLANO: Eu sempre acho

MARCIO: Lo habéis pensado muy bien; hágase así: poned a meser Aurelio que, como sabéis, es entendido en entramas lenguas, y ordenadle lo que ha de hacer, mientras que yo voy a llamar a Valdés, que lo veo pasear muy pensativo. Pero mirad que mandéis que el casero esté a la puerta para que, si viniere alguno, sea quien fuere, diga que no estamos aquí, porque no nos estorben; y, porque los que vinieren lo crean y se vayan con Dios, mandad que los mozos se pasen a jugar hacia la parte de la mar, porque de otra manera no haríamos nada.

CORIOLANO: Decís muy bien; presto será hecho.

VALDÉS: Ora sus, vedme aquí más obediente que un fraile descalzo cuando es convidado para algún banquete.

MARCIO: Soy cierto que la plática no puede andar sino bien, y, porque no perdamos tiempo, con licencia de estos señores quiero yo tomar la mano.

PACHECO: Yo, por mi tanto, recibiré merced que vos hagáis todas las preguntas principales, de manera que nosotros dos andemos sobresalientes.

MARCIO: Acepto la merced y, comenzando a preguntar, digo, señor Valdés, que lo primero que querría saber de vos es de dónde tuvieron origen y principio las lenguas que hoy se hablan en

melhor prevenir do que remediar, e assim queria que puséssemos, escondido em algum lugar secreto, um bom escrivão para anotar os pontos principais que forem ditos aqui, porque pode ser que com este princípio engulosinemos Valdés de tal modo, que o façamos compor algum diálogo sobre o que conversarmos aqui.

MÁRCIO: Pensastes muito bem; faça-se assim: ponde o senhor Aurélio que, como sabeis, é entendido em ambas as línguas, e dizei-lhe o que deve fazer, enquanto eu vou chamar Valdés, que o estou vendo passear muito pensativo. Mas deveis mandar que o caseiro esteja à porta para que, se chegar alguém, seja quem for, diga que não estamos aqui, para que não nos estorvem; e, para que os que chegarem o creiam e vão-se embora, mandai os garotos irem brincar lá perto do mar, porque, de outro modo, não faríamos nada.

CORIOLANO: Dizeis muito bem; logo será feito.

VALDÉS: Pronto, vede-me aqui mais obediente do que um frade descalço quando é convidado para algum banquete.

MÁRCIO: Estou certo de que a conversa só pode andar bem, e, para não perdermos tempo, com a licença destes senhores quero eu começar.

España, y principalmente la castellana, porque, pues habemos de hablar de ella, justo es que sepamos su nacimiento.

VALDÉS: Muy larga me la levantáis; cuanto que esto más es querer saber historias que gramática, y, pues vosotros holgáis de esto, de muy buena gana os diré todo lo que acerca de ello he considerado. Estad atentos, porque sobre ello me digáis vuestros pareceres. Y, porque la lengua que hoy se habla en Castilla, de la cual vosotros queréis ser informados, tiene parte de la lengua que se usaba en España antes que los romanos la enseñoreasen, y tiene también alguna parte de la de los godos, que sucedieron a los romanos, y mucha de la de los moros, que reinaron muchos años, aunque la principal parte es de la lengua que introdujeron los romanos, que es la lengua latina, será bien que primero examinemos qué lengua era aquella antigua que se usaba en España antes que los romanos viniesen a ella. Lo que por la mayor parte los que son curiosos de estas cosas tienen y creen, es que la lengua que hoy usan los vizcaínos es aquella antigua española. Esta opinión confirman con dos razones harto aparentes: la una es que, así como las armas de los romanos, cuando conquistaron la España, no pudieron pasar en aquella parte que

PACHECO: Eu, de minha parte, agradeço se vós fizerdes todas as perguntas principais, de modo que nós dois fiquemos como suplentes.

MÁRCIO: Aceito a cortesia e, começando a perguntar, digo, senhor Valdés, que a primeira coisa que queria saber de vós é de onde tiveram origem e princípio as línguas que hoje são faladas na Espanha, e especialmente a castelhana, porque, já que temos de falar nela, é justo que saibamos seu nascimento.

VALDÉS: Estais complicando o assunto; visto que isto é mais querer saber histórias do que gramática, e, já que gostais disto, com muito boa vontade dir-vos-ei tudo o que considero a respeito. Estai atentos, porque dar-me-eis vossos pareceres sobre isso. E, porque a língua que hoje se fala em Castela, sobre a qual quereis ser informados, tem parte da língua que era usada na Espanha antes que os romanos a conquistassem, e tem também alguma parte da dos godos, que sucederam os romanos, e muito da dos mouros, que a governaram por muitos anos, ainda que a parte principal seja da língua que os romanos introduziram, que é a língua latina, será bom que examinemos primeiro que língua era aquela antiga que se usava na Espanha antes de os romanos lá

llamamos Vizcaya, así tampoco pudo pasar la lengua al tiempo que, después de haberse hecho señores de España, quisieron que en toda ella se hablase la lengua romana. La otra razón es la disconformidad que tiene la lengua vizcaína con cualquiera de las otras lenguas que el día de hoy en España se usan, por donde se tiene casi por cierto que aquella nación conservó juntamente con la libertad su primera lengua. De esta misma opinión fui yo un tiempo, y creí que cierto fuese así, porque la una razón y la otra me contentaron; pero habiéndolo después considerado mejor, y habiendo leído un poco más adelante, soy venido en esta opinión: que la lengua que en España se hablaba antiguamente era así griega como la que ahora se habla es latina; quiero decir que, así como la lengua que hoy se habla en Castilla, aunque es mezclada de otras, la mayor y más principal parte que tiene es de la lengua latina, así la lengua que entonces se hablaba, aunque tenía mezcla de otras, la mayor y más principal parte de ella era de la lengua griega. En esta opinión he entrado por dos puertas. La una es leyendo a los historiadores, porque hallo que griegos fueron los que más platicaron en España, así con armas como con contrataciones, y ya sabéis que estas dos cosas son

chegarem. Os que são curiosos destas coisas acham e acreditam, na maior parte, que a língua que hoje os bascos usam é aquela antiga espanhola. Confirmam esta opinião com duas causas muito evidentes: uma é que, assim como os exércitos dos romanos, quando conquistaram a Espanha, não puderam passar naquela parte que chamamos Biscaia, tampouco pode passar a língua ao tempo em que, depois de se terem tornado senhores da Espanha, quiseram que em toda ela fosse falada a língua romana. A outra razão é a diferença que a língua basca tem em relação a qualquer uma das outras línguas que se usam hoje em dia na Espanha, do que se tem quase por certo que aquela nação conservou sua primeira língua juntamente com a liberdade. Desta mesma opinião eu fui durante um tempo, e acreditei que assim estivesse certo, porque uma causa e a outra me agradaram; mas tendo depois considerado melhor, e tendo lido um pouco mais adiante, formei esta opinião: que a língua que se falava antigamente na Espanha era tão grega quanto a que agora se fala é latina; quero dizer que, assim como a língua que hoje se fala em Castela, apesar de mezclada de outras, a maior e a principal parte que tem é da língua latina, de modo que a língua que então se falava, embora

las que hacen alterar y aun mudar las lenguas; quanto más que se lee que griegos vinieron a habitar en España, por donde es de creer que, no solamente guardaron su lengua, pero que la comunicaron con las otras naciones, las cuales, por ser, como es, rica y abundante, la debieron de aceptar. La otra puerta por donde soy entrado en esta opinión es la consideración de los vocablos castellanos, porque, quando me pongo a pensar en ellos, hallo que muchos de los que no son latinos o arábigos, son griegos, los cuales creo sin falta quedasen de la lengua antigua, así como quedaron también algunas maneras de decir, porque, como sabéis, el que habla en lengua ajena siempre usa algunos vocablos de la suya propia, y algunas maneras de decir.

MARCIO: Cosa nueva es para mí, no lo que toca a las historias, sino lo que decís que la lengua castellana tenga tanto de la griega, y, si no me lo tuvieseis a mal, no lo querría creer hasta ver primero cómo lo probáis.

VALDÉS: Aunque el creer sea cortesía, yo huelgo que de esto que os he dicho no creáis más de lo que viereis.

MARCIO: Aceptamos la licencia, y mirad que no os admitiremos los vocablos griegos que la lengua castellana ha tomado de la sagrada escritura, como son *escandalizar*,

tivesse mistura de outras, a maior e a principal parte dela era da língua grega. Nesta opinião entrei por duas portas. Uma foi lendo os historiadores, porque acho que os gregos foram os que mais falaram na Espanha, tanto com exércitos como pelo comércio, e já sabeis que estas duas coisas são as que fazem alterar e também mudar as línguas; ainda mais que se lê que os gregos vieram morar na Espanha, o que é de acreditar que, não somente conservaram sua língua, mas que a levaram a outras nações, as quais tiveram de aceitá-la, por ser rica e abundante como é. A outra porta por onde entrei nesta opinião é a consideração dos vocábulos castelhanos, porque, quando começo a pensar neles, acho que muitos dos que não são latinos ou árabes são gregos, os quais creio sem falta que tenham restado da língua antiga, assim como ficaram também alguns modos de dizer, porque, como sabeis, quem fala em língua alheia sempre usa alguns vocábulos da sua própria, e alguns modos de dizer.

MÁRCIO: Para mim é algo novo, não o que se refere às histórias, mas o que dizeis que a língua castelhana tem tanto da grega, e, se não me levásseis a mal, não o queria acreditar até ver primeiro como o provais.

VALDÉS: Embora o acreditar

atesorar, evangelio, apóstol, ni otros que son como anexos a estos, así como *ciminterio* y *martilajo*, ni tampoco los que parece sean de la medicina, como *crystal, paroxismo, efímera, gargarismo*, porque quiero que en sí muestren su antigüedad, porque de otra manera no valdrá nada vuestra razón.

VALDÉS: Bien me podría servir de alguno de los que habéis dicho, pero no quiero sino dejarlos por no contender, y deciros algunos otros que, a mi ver, muestran ser antiguos así bien que bastan harto para que creáis que lo que digo es verdad. Estos son *apeldar* por *huir*, *malatía* por *enfermedad*, *cillero* por *el lugar donde poner la harina*, *fantasía* por *presunción*, *gaçafatón* por *cosa mal dicha*, *tio, rávano, cara, carátula, cadira* por *silla*; también creo que quedasen del griego *trévedes* y *chimenea*, y aun *brasa* y *abrasar*, porque *brasso* quiere decir *hiervo*, y *açomar, masa, moço, mesta, cañada, barrio, cisne, pinjado, artesa, tramar, truhán, mandra, celemín, glotón, tragón* y *tragar*. Hay también algunos que comienzan en *pan*, y tienen del griego, como son *pantuflos, pandero, panfarrón*, y otros muchos que debe haber en que yo no he mirado; hay también otros vocablos que, aunque tienen del latín, parecen claramente ser forjados a la significación de otros griegos que significan lo que ellos;

seja cortesia, eu permito que não acrediteis nisto que eu vos disse mais do que vereis.

MÁRCIO: Aceitamos a permissão, e olhai que não admitiremos os vocábulos gregos que a língua castelhana tomou da sagrada escritura, como são *escandalizar, atesorar, evangelio, apóstol*, nem outros que são próximos destes, assim como *ciminterio* e *martilajo*, nem tampouco os que parecem ser da medicina, como *crystal, paroxismo, efímera, gargarismo*, porque quero que mostrem a sua antiguidade em si, porque de outra forma a vossa exposição não valerá nada.

VALDÉS: Bem poderia servir-me de algum dos que dissestes, porém, quero deixá-los, para não discutirmos, e dizer-vos alguns outros que, a meu ver, mostram ser tão antigos que muito bastam para que acrediteis que o que digo é verdade. Estes são *apeldar* por *fugir*, *malatía* por *enfermidade*, *cillero* por *lugar onde colocar a farinha*, *fantasía* por *presunção*, *gaçafatón* por *coisa mal dita*, *tio, rávano, cara, carátula, cadira* por *silla*; também acredito que tenham ficado do grego *trévedes* e *chimenea*, e também *brasa* e *abrasar*, porque *brasso* quer dizer fervido, e *açomar, masa, moço, mesta, cañada, barrio, cisne, pinjado, artesa, tramar, truhán*,

de estos es *dexemplar*, que en algunas partes de España usan por *disfamar*; el cual vocablo creo yo sea forjado de esta manera: que, soliendo decir, como el griego dice *paradigma* que quiere decir *exemplum*, el español queriendo hablar latín, habló a su modo y dijo *dexemplar*; así como el francés, porque, hablando su lengua, por *sí* dice *uida*, cuando viene a hablar latín, no se contenta con decir *ita*, sino añade el *da* de su lengua y dice *itada*. Esto me parece que os debe bastar cuanto a los vocablos. Quanto a las maneras de decir, si miráis en ello, hallaréis muy muchas.

MARCIO: Ea, decid algunas.

VALDÉS: Porque Luciano, de los autores griegos en que yo he leído, es el que más se allega al hablar ordinario, os daré de él los ejemplos.

MARCIO: Más los quisiera de Demóstenes.

VALDÉS: Y aun yo holgara de dároslos siquiera de Isócrates, pero contentaos con que os dé de lo que tengo. Cuando en castellano queremos decir que uno *tiene bien de bivar*, decimos que *tiene buena pasada*; de esta misma manera, queriendo decir esto mismo, dice Luciano *ce diarci ton poron*; y en castellano, queriendo decir *nuestra hacienda*, o *su hacienda*, decimos *lo nuestro o lo suyo*: *Quien da lo suyo antes de su muerte, merece*

mandra, celemín, glotón, tragón e tragar. Há también alguns que começam em *pan*, e vêm do grego, como são *pantuflos, pandero, panfarrón*, e outros muitos que deve haver no que eu não observei; há também outros vocábulos que, apesar de terem vindo do latim, parecen claramente ter sido forjados à significação de outros gregos que significam o mesmo que eles; destes é *dexemplar*, que em algumas regiões da Espanha usam por *difamar*; cujo vocábulo acredito que seja forjado desta maneira: que, costumando dizer, como o grego diz *paradigma*, que quer dizer *exemplum*, o espanhol, querendo falar latim, falou do seu modo e disse *dexemplar*; assim como o francês, porque, falando sua língua, por *sí* diz *uida*, quando fala em latim, não se contenta em dizer *ita*, mas acrescenta o *da* de sua língua e diz *itada*. Isto parece-me que vos deve bastar quanto aos vocábulos. Quanto aos modos de dizer, se procurais nele, achareis muitos.

MÁRCIO: Então, dizei alguns.

VALDÉS: Porque Luciano, dentre os autores gregos que eu li, é o que mais se aproxima do falar comum, dar-vos-ei os exemplos dele.

MÁRCIO: Eu preferia os de Demóstenes.

VALDÉS: E eu gostaria de vos

que le den con un maço en la frente, adonde dice *lo suyo* por *su hacienda*; y Luciano, en la misma significación, dice *ta imetera*. También, si en castellano amenazamos a un moço o muchacho, queriendo decir que lo castigaremos, decimos: *Pues si yo te empieço*, y de la misma manera dice Luciano *mu catirxato*, que quiere decir: *me empeçó*. Por medio para confirmación de esta mi opinión, allende de lo dicho, puedo también alegar la conformidad de los artículos y otras cosas, si no os contentáis con lo alegado.

MARCIO: Antes abasta harto lo que habéis dicho, y de verdad parece harto aparente y razonable esta vuestra opinión, y yo tanto de hoy más la tendré también por mía, y lo mismo creo que harán estos dos señores. Ahora, presuponiendo que es así como vos decís, que la lengua que en España se hablaba antes que los romanos, habiéndola enseñoreado, le introdujesen su lengua, era así griega como es latina la que ahora se habla, proseguid adelante.

VALDÉS: La vida me habéis dado en no querer contender sobre esto, porque por no porfiar me dejara vencer, haciendo mi cuenta que más vale quedar por necio que ser tenido por porfiado. Pero mirad que, si alguno querrá decir que la lengua vizcaína es en España aún

dar también alguns de Isócrates, mas contentai-vos com que eu vos dê os que tenho. Quando em castelhano queremos dizer que alguém *vive bem*, dizemos que *tem boa passada*; desta mesma forma, querendo dizer isto mesmo, Luciano diz *ce diarci ton poron*; e em castelhano, querendo dizer *nossa riqueza*, ou *sua riqueza*, dizemos *nosso* ou *o seu*: *Quem dá o seu antes de sua morte, merece que lhe deem com um martelo na frente*, em que diz *o seu* por *sua riqueza*; e Luciano, na mesma significação, diz *ta imetera*. Também, se em castelhano ameaçamos um rapaz ou um garoto, querendo dizer que o castigaremos, dizemos: *Pois se eu te pego*, e da mesma maneira diz Luciano *mu catirxato*, que quer dizer: *me pegou*. Para a confirmação desta minha opinião, além do que eu disse, posso citar também a semelhança dos artigos e de outras coisas, se não vos contentais com o que foi citado.

MÁRCIO: Antes, basta o que dissestes e, de fato, esta vossa opinião parece muito convincente e razoável, e eu de hoje em diante considerá-la-ei também minha; e o mesmo acredito que farão estes dois senhores. Agora, pressupondo que é assim como dizeis, que a língua que se falava na Espanha antes de os romanos, tendo se apropriado dela,

más antigua que la griega, yo tanto no curaré de contender sobre lo contrario, antes diré que sea mucho en buena hora así como lo dirá, con tanto que a mí me conceda el señor Pacheco lo que digo.

PACHECO: No os concederé yo tan presto lo que habéis concluido, porque Gayo Lucio y los tres Cipiones, Claudio Nerón y Sempronio Graco, siendo romanos, latinos y griegos, no hablaran con turdetanos, celtiberos, o iberos y cántabros por intérpretes, si la lengua antigua de España fuera griega, ni los mercaderes de Fenicia habían necesidad de intérprete en el contratar de sus mercaderías con los antiguos de España, antes que cartagineses y romanos la combatiesen.

VALDÉS: Basta que la lengua latina, como he dicho, desterró de España a la griega, la cual, así mezclada y algo corrompida, se platicó en España hasta la venida de los godos, los cuales, aunque no desterraron la lengua latina, todavía la corrompieron con la suya, de manera que ya la lengua latina tenía en España dos mezclas, una de la griega, según mi opinión, y otra de los godos. El uso de esta lengua así corrompida duró por toda España, según yo pienso, hasta que el rey don Rodrigo en el año de setecientos y diez y nueve, poco más o menos, desastradamente, la perdió cuando

introduzirem sua língua, era tão grega como é latina a que agora se fala, ide adelante.

VALDÉS: Destes-me a vida ao não querer discutir sobre isto, porque eu me deixaria vencer para não teimar, levando em conta que mais vale passar por ignorante do que ser considerado teimoso. Mas atenção que, se alguém quiser dizer que a língua basca na Espanha é ainda mais antiga do que a grega, eu não me preocuparei em afirmar o contrário, antes, também direi que é muito em boa hora, caso o senhor Pacheco permita-me dizer.

PACHECO: Não vos permitirei tão logo o que concluístes, porque, se a língua antiga da Espanha fosse grega, Gaio Lúcio e os três Cipiões, Cláudio Nero e Semprônio Graco, sendo romanos, latinos e gregos, não teriam falado com turdetanos, celtiberos, ou iberos e cántabros por meio de intérpretes, nem os mercadores da Fenícia teriam necessidade de intérprete ao tratar de seus negócios com os antigos da Espanha, antes que cartagineses e romanos atacassem-na.

VALDÉS: Basta que a língua latina, como eu disse, expulsou da Espanha a grega, a qual, tão misturada e corrompida, foi usada ali até a chegada dos godos, os quais, ainda que não tenham expulsado a língua latina, também

la conquistaron ciertos reyes moros que pasaron de África, con la venida de los cuales se comenzó a hablar en España la lengua árábica, excepto en Asturias, en Vizcaya y Guipúzcoa, y en algunos lugares fuertes de Aragón y Cataluña, las cuales provincias los moros no pudieron sojuzgar, y así se salvaron muchas gentes de los cristianos, tomando por amparo y defensión la aspereza de las tierras, adonde, conservando su religión, su libertad y su lengua, estuvieron quedos hasta que en Asturias, adonde se recogió mayor número de gente, alzaron por rey de España al Infante don Pelayo, el cual con los suyos comenzó a pelear con los moros, y, ayudándoles Dios, iban ganando tierra con ellos, y así como los sucesores deste rey sucedían en el reino, así también sucedían en la guerra contra los moros, ganándoles cuándo una ciudad y cuándo otra, y cuándo un reino y cuándo otro. Esta conquista, como creo sabéis, duró hasta el año de mil y cuatrocientos y noventa y dos, en el cual año los Reyes Católicos, de gloriosa memoria, ganando el reino de Granada, echaron del todo la tiranía de los moros de toda España. En este medio tiempo no pudieron tanto conservar los españoles la pureza de su lengua, que no se mezclase con ella mucho de la árábica,

a corromperam com a sua, de maneira que a língua latina na Espanha já tinha duas mesclas, uma da grega, segundo a minha opinião, e outra dos godos. O uso desta língua misturada por toda a Espanha durou, segundo penso, até que o rei Dom Rodrigo, em torno do ano setecentos e dezenove, desastradamente, perdeu-a quando a conquistaram certos reis mouros que passaram da África, com a chegada dos quais começou a ser falada a língua árabe na Espanha, exceto nas Astúrias, em Biscaia e Guipúscoa e em alguns lugares fortificados de Aragão e da Catalunha, cujas províncias os mouros não puderam subjugar; e assim salvaram-se muitas pessoas dos cristãos, tomando como amparo e defesa a aspereza das terras, onde permaneceram, conservando sua religião, sua liberdade e sua língua; até que, nas Astúrias, onde se reuniu um número maior de pessoas, nomearam como rei da Espanha o Infante Dom Pelayo, o qual, com os seus homens, começou a lutar contra os mouros, e, com a ajuda de Deus, iam ganhando território; e assim como os sucessores deste rei sucediam no reino, assim também sucediam na guerra contra os mouros, ganhando-lhes ora uma cidade ora outra, e ora um reino, ora outro. Esta

porque, aunque recobraban los reinos, las ciudades, villas y lugares, como todavía quedaban en ellas muchos moros por moradores, se quedaban con su lengua; y, habiendo durado en ella hasta que pocos años ha, el emperador les mandó se tornasen cristianos o se saliesen de España, conversando entre nosotros, nos han pegado muchos de sus vocablos. Esta breve historia os he contado, porque, para satisfaceros a lo que me preguntasteis, me pareció convenía así. Ahora, pues habéis visto cómo, de la lengua que en España se hablaba antes que conociese la de los romanos, tiene hoy la castellana algunos vocablos y algunas maneras de decir, es menester que entendáis cómo de la lengua arábiga ha tomado muchos vocablos; y habéis de saber que, aunque para muchas cosas de las que nombramos con vocablos arábigos tenemos vocablos latinos, el uso nos ha hecho tener por mejores los arábigos que los latinos; y de aquí es que decimos antes *alhombra* que *tapete*, y tenemos por mejor vocablo *alcrevite* que *piedra sufre*, *azeite* que *olio*, y, si mal no me engaño, hallaréis que para solas aquellas cosas que habemos tomado de los moros, no tenemos otros vocablos con que nombrarlas que los arábigos, que ellos mismos, con las mismas cosas, nos introdujeron; y,

conquista, como acredito que saibais, durou até o ano de mil e quatrocentos e noventa e dois, no qual os reis católicos, de gloriosa memória, conquistando o reino de Granada, puseram fim a toda a tirania dos mouros em toda a Espanha. Neste meio tempo, os espanhois não puderam conservar tanto a pureza da sua língua, para que não se misturasse com ela muito da árabe, porque, mesmo recuperando os reinos, as cidades, vilas e lugares, como também ficavam nelas muitos mouros por moradores, permaneciam com sua língua; e, tendo permanecido nela até há poucos anos, o imperador mandou-lhes que se tornassem cristãos ou que saíssem da Espanha; conversando entre nós, inseriram-nos muitos de seus vocábulos. Conteí-vos esta breve história, porque, para vos satisfazer sobre o que me perguntastes, pareceu-me que assim convinha. Agora, que já vistes como a castelhana tem hoje alguns vocábulos e alguns modos de dizer da língua que se falava na Espanha antes de conhecer a dos romanos, é preciso que entendais como tomou muitos vocábulos da língua árabe; e haveis de saber que, apesar de termos vocábulos latinos para muitas coisas das que nomeamos com vocábulos árabes, o uso fez-nos considerar os árabes melhores do que os latinos; e por

si queréis ir avisados, hallaréis que un *al*, que los moros tienen por artículo, el cual ellos ponen al principio de los más nombres que tienen, nosotros lo tenemos mezclado en algunos vocablos latinos, el cual es causa que no los conozcamos por nuestros. Pero, con todos estos embarazos y con todas estas mezclas, todavía la lengua latina es el principal fundamento de la castellana, de tal manera que, si a vuestra pregunta yo hubiera respondido que el origen de la lengua castellana es la latina, me pudiera haber excusado todo lo demás que he dicho; pero mirad que he querido ser liberal en esta parte, porque me consintáis ser escaso en las demás.

PACHECO: Creo yo, según lo que conozco de vuestra condición, que, aunque os roguemos seáis escaso, seréis liberal, especialmente de esta mercancía en que con la liberalidad no se desmengua el caudal.

MARCIO: No os ha respondido mal; y vos nos habéis muy bien satisfecho a nuestra pregunta, porque, así vuestra opinión acerca de la primera lengua, como acerca de la corrupción de la latina, parece no se puede negar; pero, pues tenemos ya que el fundamento de la lengua castellana es la latina, resta que nos digáis de dónde vino y tuvo principio que en España se hablasen las otras cuatro

isso é que dizemos antes *alfombra* que *tapete*, e temos por melhor vocábulo *alcrevite* que *pedra enxofre*, *azeite* que *óleo*, e, se não me engano, achareis que só para aquelas coisas que tomamos dos mouros não temos outros vocábulos com que nomeá-las senão os árabes, que eles próprios, com as próprias coisas, introduziram-nos; e, se quereis estar bem informados, achareis que um *al*, que os mouros têm como artigo, o qual eles colocam no início dos nomes, nós o misturamos em alguns vocábulos latinos, o que faz com que não os reconheçamos como nossos. Mas, com todos estes problemas e com todas estas misturas, a língua latina ainda é o principal fundamento da castelhana, de tal modo que, se eu tivesse respondido a vossa pergunta que a origem da língua castelhana é latina, poderia ter me excusado de tudo o mais que eu disse; mas atenção, que eu quis ser generoso nesta parte, para que me permitais ser avaro nas demais.

PACHECO: Eu acredito, segundo o que conheço de vossa condição, que, mesmo vos pedindo para serdes avaro, sereis generoso, especialmente sobre esta mercadoria em que com a generosidade não se diminui o capital.

MÁRCIO: Não vos respondeu

maneras de lenguas que hoy se hablan, como son la catalana, la valenciana, la portuguesa y la vizcaína.

VALDÉS: Os diré no lo que sé de cierta ciencia, porque no sé nada de esta manera, sino lo que por conjeturas alcanzo, y lo que saco por discreción; por tanto me contento que vosotros a lo que dijere deis el crédito que quisierais; y con este presupuesto, digo que dos cosas suelen principalmente causar en una provincia diversidades de lenguas: la una es no estar toda debajo de un príncipe, rey o señor, de donde procede que tantas diferencias hay de lenguas, cuanta diversidad de señores; la otra es que, como siempre se pegan algo unas provincias comarcanas a otras, acontece que cada parte de una provincia, tomando algo de sus comarcanas, su poco a poco se va diferenciando de las otras, y esto no solamente en el hablar, pero aun también en el conversar y en las costumbres. España, como sabéis, ha estado debajo de muchos señores, y es así que -dejado a parte que aun hasta Castilla estuvo dividida, no ha muchos años-, que Cataluña era de un señor, al cual llamaban conde, y Aragón era de otro señor, al cual llamaban rey; los cuales dos señores vinieron a juntarse por casamientos, y después, por armas, conquistaron

mal; e vós satisfizestes muito bem a nossa pergunta, porque assim parece que não se pode negar a vossa opinião acerca da primeira língua, bem como acerca da corrupção da latina; mas, já sabemos que o fundamento da língua castelhana é a latina, resta que nos digais de onde veio e teve início que na Espanha se falassem as outras quatro modalidades de línguas que hoje se falam, como são a catalã, a valenciana, a portuguesa e a basca.

VALDÉS: Direi não o que sei de conhecimento certo, porque não sei nada desta forma, mas o que obtenho por conjecturas, e o que consigo por discricção; portanto, contento-me que deis o crédito que quiserdes ao que eu disser; e com este presupuesto digo que principalmente duas coisas costumam causar diversidades de línguas em uma província: uma é não estar toda sob um príncipe, rei ou senhor, do que procede que há tantas diferenças de línguas quanto há de diversidade de senhores; a outra é que, como sempre umas províncias comarcanas tomam algo de outras, acontece que cada parte de uma província, tomando algo de suas comarcanas, pouco a pouco vai se diferenciando das outras, e isto não somente na fala [comum], mas também na conversa [cult] e nos costumes. A Espanha, como

el reino de Valencia que era de moros; y, andando el tiempo, lo uno y lo otro vino a juntarse con Castilla; y los reinos de Granada y Navarra tenían también sus señoríos, aunque ya ahora, a su despecho, el uno y el otro están debajo de la corona de Castilla; y Portugal, como veis, aun ahora está apartada de la corona de España, teniendo como tiene rey de por sí. La cual diversidad de señoríos, pienso yo que en alguna manera haya causado la diferencia de las lenguas, bien que cualquiera de ellas se conforma más con la lengua castellana que con ninguna otra; porque, aunque cada una de ellas ha tomado de sus comarcas, como Cataluña que ha tomado de Francia y de Italia, y Valencia, que ha tomado de Cataluña, todavía veréis que principalmente tiran al latín, que es, como tengo dicho, el fundamento de la lengua castellana, de la cual, porque os tengo dicho todo lo que sé y puedo decir, no curo de hablar más. De la vizcaína querría saberos decir algo, pero, como no la sé ni la entiendo, no tengo que decir de ella sino solamente esto: que, según he entendido de personas que la entienden, también a ella se le han pegado muchos vocablos latinos, los cuales no se conocen, así por lo que les han añadido, como por la manera con que los pronuncian.

sabeis, esteve sob o governo de muitos senhores, e é assim que – deixando de lado que também Castela esteve dividida, até há poucos anos –, que a Catalunha era de um senhor, o qual chamavam conde, e Aragão era de outro senhor, o qual chamavam rei, cujos dois senhores juntaram-se por casamentos, e depois, por armas, conquistaram o reino de Valência que era dos mouros; e, passando o tempo, ambos juntaram-se com Castela; e os reinos de Granada e Navarra também tinham seus senhorios, ainda que agora, a seu respeito, ambos estejam sob a coroa de Castela; e Portugal, como vedes, agora está separado da coroa da Espanha, tendo seu próprio rei. Penso que esta diversidade de senhorios, de alguma forma tenha motivado a diferença das línguas, mesmo que qualquer uma delas se pareça mais com a língua castelhana do que outra; porque, apesar de cada uma delas ter tomado algo de seus comarcas, como a Catalunha que tomou da França e da Itália, e Valência, que tomou da Catalunha, vereis que tiram principalmente do latim, que é, como eu disse, o fundamento da língua castelhana, da qual não vou falar mais, porque vos disse tudo o que sei e posso dizer. Sobre a língua basca eu queria saber dizer-vos algo, mas, como não a

Esta lengua es tan ajena de todas las otras de España, que ni los naturales de ella son entendidos por ella poco ni mucho de los otros, ni los otros de ellos. La lengua catalana dice que era antiguamente lemosina, que es ahora lengua de oc; se ha apurado tomando mucho del latín, sino que no le toma los vocablos enteros; y tomando algo del francés puro, y también del castellano y del italiano. La valenciana es tan conforme a la catalana, que el que entiende la una entiende casi la otra, porque la principal diferencia consiste en la pronunciación que se llega más al castellano, y así es más inteligible al castellano que la catalana. La portuguesa tiene más del castellano que ninguna de las otras, tanto que la principal diferencia que a mi parecer se halla entre las dos lenguas es la pronunciación y la ortografía.

MARCIO: Siendo esto que decís así, ¿cómo en Aragón y Navarra, habiendo sido casi siempre reinos de por sí, se habla la lengua castellana?

VALDÉS: La causa de esto pienso que sea que, así como los cristianos que se recogieron en Asturias debajo del rey don Pelayo, ganando y conquistando a Castilla, conservaron su lengua, así también los que se recogieron en algunos lugares fuertes de los montes Pirineos y debajo del rey don Garci

conheço, nem a entendo, não tenho o que dizer dela senão apenas isto: que, segundo aprendi com pessoas que a entendem, também a ela juntaram-se muitos vocábulos latinos, os quais não são conhecidos, tanto pelo que os alteraram, como pelo modo com que os pronunciam. Esta língua é tão diferente de todas as outras da Espanha, que nela nem os seus nativos são entendidos pelos outros, nem os outros por eles, nem pouco nem muito. Diz-se que a língua catalã antigamente era limusina, que agora é língua d'oc; ampliou-se tomando muito do latim, mas não lhe toma os vocábulos inteiros; e tomando algo do francês puro, e também do castelhano e do italiano. A valenciana é tão próxima da catalã, que quem entende uma quase entende a outra, porque a principal diferença consiste na pronúncia que se aproxima mais do castelhano, e assim é mais inteligível ao castelhano do que a catalã. A portuguesa tem mais do castelhano que nenhuma das outras, tanto que a principal diferença que se acha entre as duas línguas, a meu parecer, é a pronúncia e a ortografia.

MÁRCIO: Sendo assim isto que dizeis, como, em Aragão e Navarra, tendo sido quase sempre reinos à parte, é falada a língua castelhana?

Jiménez, conquistando a Aragón y Navarra, conservaron su lengua; aunque creo que también lo haya causado la mucha comunicación que estas dos provincias han siempre tenido en Castilla. Y la causa por que, según yo pienso, en el Andalucía y en el reino de Murcia la vecindad de la mar no ha hecho lo que en las otras provincias, es que los castellanos conquistaron estas provincias en tiempo que ya ellos eran tantos que bastaban para introducir su lengua, y no tenían necesidad del comercio de otras naciones para las contrataciones que sustentan las provincias.

MARCIO: Bien me satisfacen esas razones, y, cuanto a esto, con lo dicho nos contentamos, y así queremos que dejéis a parte las otras cuatro lenguas y nos digáis solamente lo que toca a la lengua castellana.

VALDÉS: Si me habéis de preguntar de las diversidades que hay en el hablar castellano entre unas tierras y otras, será nunca acabar, porque como la lengua castellana se habla no solamente por toda Castilla, pero en el reino de Aragón, en el de Murcia con toda el Andalucía, y en Galicia, Asturias y Navarra, y esto aun hasta entre la gente vulgar, porque entre la gente noble tanto bien se habla en todo el resto de España, cada provincia tiene sus vocablos

VALDÉS: Penso que a causa disto seja que, assim como os cristãos que se reuniram nas Astúrias sob as ordens do rei Dom Pelayo, ganhando e conquistando Castela, conservaram sua língua, assim também os que se reuniram em alguns lugares fortificados dos montes Pireneus e sob o rei dom Garci Jiménez, conquistando Aragão e Navarra, conservaram sua língua; ainda acredito que a causa também tenha sido a muita comunicação que estas duas províncias sempre tiveram com Castela. E a causa pela qual, segundo penso, na Andaluzia e no reino de Múrcia a proximidade do mar não fez o mesmo que nas outras províncias, é que os castelhanos conquistaram estas províncias no tempo que eles já eram tantos, que bastavam para introduzir sua língua e não tinham necessidade do comércio de outras nações para o comércio que sustenta as províncias.

MÁRCIO: Estas causas bem me satisfazem, e, quanto a isto, contentamo-nos com o que foi dito, e assim queremos que deixeis de lado as outras quatro línguas e nos digais somente o que se refere à língua castelhana.

VALDÉS: Se haveis de me perguntar sobre as diversidades que há no falar castelhano entre umas terras e outras, isso nunca irá acabar, porque como a língua

proprios y sus maneras de decir, y es así que el aragonés tiene unos vocablos propios y unas propias maneras de decir, y el andaluz tiene otros y otras, y el navarro otros y otras, y aun hay otros y otras, en tierra de Campos, que llaman Castilla la Vieja, y otros y otras en el reino de Toledo. De manera que, como digo, nunca acabaríamos.

PACHECO: No os queremos meter en ese labirinto; solamente, como a hombre criado en el reino de Toledo y en la corte de España, os preguntaremos de la lengua que se usa en la corte, y si alguna vez tocaremos algo de esas otras provincias, lo recibiréis en paciencia.

VALDÉS: Mientras me mandarais acortar la materia y no alargarla, de buena voluntad os obedeceré.

MARCIO: ¿Creéis que la lengua castellana tenga algunos vocablos de la hebrea?

VALDÉS: Yo no me acuerdo sino de solo uno, el cual creo se le haya pegado de la religión; este es *abad*, de donde viene *abadessa*, *abadía* y *abadengo*.

COROLANO: Este último vocablo es muy nuevo para mí; no paséis adelante sin decirme qué quiere decir *abadengo*.

VALDÉS: Porque en la lengua castellana de *real* se dice *realengo*, lo que pertenece al rey, quisieron los clérigos, con su acostumbrada

castelhana é falada não somente por toda Castela, mas no reino de Aragão, no de Múrcia com toda a Andaluzia, e na Galiza, Astúrias e Navarra, e isto até mesmo entre as pessoas vulgares, porque entre as pessoas nobres fala-se muito bem em todo o resto da Espanha, cada província tem seus vocábulos próprios e suas maneiras de dizer; e é assim que o aragonês tem alguns vocábulos próprios e algumas maneiras de dizer próprias, e o andaluz tem outros e outras, e o navarro outros e outras, e ainda há outros e outras, no território de Campos, que chamam Castela a Velha, e outros e outras no reino de Toledo. De modo que, como digo, nunca acabaríamos.

PACHECO: Não queremos colocar-vos neste labirinto; somente, como homem criado no reino de Toledo e na corte da Espanha, perguntar-vos-emos sobre a língua que se usa na corte, e se alguma vez tocarmos em algo destas outras províncias, tende paciência.

VALDÉS: Quando me mandardes encurtar o assunto, e não alongá-lo, obedecer-vos-ei de bom grado.

MÁRCIO: Acreditais que a língua castelhana tenha alguns vocábulos da hebraica?

VALDÉS: Não me lembro senão de um só, o qual acredito que tenha sido tomado da religião; este é *abad*, do qual vem

humildad, por parecer a los reyes, que de *abad* se llamase *abadengo*, lo que pertenece al abad o abadía.

PACHECO: ¿Os parece a vos que fueron muy necios?

VALDÉS: No me empacho con clérigos. También *saco* por *costal* o *talega* es hebreo, de donde lo ha tomado el castellano, así como casi todas las otras lenguas que han sucedido a la hebrea.

MARCIO: ¿Ay algunos vocablos deducidos de la lengua italiana?

VALDÉS: Pienso yo que *jornal*, *jornalero* y *jornada* han tomado principio del *giorno* que decís acá en Italia; es verdad que también se lo puede atribuir así Cataluña.

PACHECO: Verdaderamente creo sea así como decís; nunca había mirado en ello.

VALDÉS: Bien creo que haya también algunos otros vocablos tan propios castellanos que, sin tener origen de ninguna otra lengua, con el tiempo han nacido en la provincia.

MARCIO: Quanto al origen de la lengua, basta harto saber lo que nos habéis dicho. Ahora querríamos saber de vos, en lo que pertenece a la gramática, qué conformidad tiene la lengua castellana con las otras lenguas de que ha tomado vocablos con que ataviarse y componerse.

VALDÉS: Muy larga me la levantáis, si queréis meterme en reglas gramaticales; pero, porque

abadessa, *abadia* e *abadengo*.

CORIOLANO: Este último vocábulo é muito novo para mim; não passeis adiante sem me dizer o que quer dizer *abadengo*.

VALDÉS: Como na língua castelhana de *real* se diz *realengo*, o que pertence ao rei, quiseram os clérigos, com sua costumeira humildade, para se parecerem com os reis, que de *abad*, o que pertence ao abade ou à abadía, se chamasse *abadengo*.

PACHECO: Parece-vos que foram muito ingênuos?

VALDÉS: Não me importo com clérigos. Também *saco* por *costal* ou *talega* é hebraico, de onde o castelhamo o tomou, assim como quase todas as outras línguas que sucederam a hebraica.

MÁRCIO: Há alguns vocábulos oriundos da língua italiana?

VALDÉS: Penso que *jornal*, *jornalero* e *jornada* tiveram início com o *giorno* que dizeis aqui na Itália; é verdade que assim também se pode atribuí-lo à Catalunha.

PACHECO: Acredito que é verdadeiramente assim como dizeis; nunca havia prestado atenção nisso.

VALDÉS: Acredito que haja também alguns outros vocábulos castelhanos tão próprios que, sem ter origem em nenhuma outra língua, nasceram na província, com o tempo.

no digáis que no os obedezco, diré lo que así de presto se me ofrecerá.

MARCIO: Nosotros nos contentamos con eso.

VALDÉS: Cuanto a la conformidad, digo que se conforma la lengua castellana con la griega en esto, que tiene, como ella, sus artículos.

PACHECO: ¿A qué llamáis artículos?

VALDÉS: A *el, la y lo, los y las*.

PACHECO: Ya lo entiendo.

MARCIO: ¿De qué manera usáis de estos artículos?

VALDÉS: *El* ponemos con los nombres masculinos diciendo *el hombre*, y *la* ponemos con los nombres femeninos diciendo *la muger*; y *lo* juntamos a los nombres neutros diciendo *lo bueno*, pero de este solamente tenemos singular, y no plural como de los otros, que tenemos *los* para masculino, diciendo *los hombres*, y *las* para femenino, diciendo *las mugeres*.

CORIOLANO: ¿Y para los otros casos tenéis artículos?

VALDÉS: Para el genitivo masculino tenemos *del*, diciendo *del hombre*, y para el femenino *de la*, diciendo *de la muger*. Aunque yo creo, así en el un género como en el otro, sobre el artículo del nominativo se añade un *de*, sino que en el masculino se pierde la *e*, y por no decir *de el hombre*, decimos *del hombre*.

MÁRCIO: Quanto à origem da língua, é suficiente sabermos o que nos dissestes. Agora queríamos saber de vós, no que pertence à gramática, que semelhança a língua castelhana tem com as outras línguas de que tomou vocábulos para se adornar e compor-se.

VALDÉS: Complicais muito, se quereis colocar-me em regras gramaticais; mas, para que não digais que não vos obedezco, direi prontamente o que desejardes saber.

MÁRCIO: Contentamo-nos com isso.

VALDÉS: Quanto à semelhança, digo que a minha língua nisto se assemelha à grega, que tem, como ela, seus artigos.

PACHECO: O que chamais de artigos?

VALDÉS: *O o, a e os e as*.

PACHECO: Já entendi.

MÁRCIO: De que maneira usais estes artigos?

VALDÉS: Usamos *o* com os nomes masculinos dizendo *o homem*, e *a* usamos com os nomes femininos dizendo *a mulher*; e *o* também juntamos aos nomes neutros dizendo *o bom*, deste, porém, temos somente o singular, e não plural como dos outros, que temos *os* para a masculino, dizendo *os homens*, e *as* para o feminino, dizendo *as mulheres*.

CORIOLANO: E para os outros

PACHECO: Sin duda creo que sea así.

VALDÉS: Estos mismos artículos sirven para el ablativo, porque cuando decimos: *Del lobo un pelo y esse de la frente*, aquel *del lobo* está en ablativo. De la misma manera en el dativo y acusativo ponemos sobre el artículo del nominativo una *a*, sino que en el masculino perdemos la *e*, diciendo: *Dixo el asno al mulo: harre allá, orejudo*, adonde aquel *al* está por *a el*. En el femenino no se pierde nada, porque decimos *Dixo la sartén a la caldera: tira allá, culnegra*. De la misma manera hacemos en el artículo neutro que en femenino, porque así, poniendo un *de* sobre el artículo del nominativo, formamos el del genitivo y ablativo, y poniendo una *a* formamos el del dativo y acusativo, porque decimos *de lo* para genitivo y ablativo, y *a lo* para dativo y acusativo: *De lo contado come el lobo*, etc. Y así como en el singular decimos *el, del* y *al* en el género masculino, y *la, de la* y *a la* en el femenino, así en el plural en el masculino decimos *los, de los* y *a los*, y en el femenino *las, de las* y *a las*; el artículo neutro ya he dicho que no tiene plural.

MARCIO: Harto basta lo dicho cuanto a la conformidad de los artículos; proseguir adelante.

VALDÉS: Con la lengua hebrea se conforma la castellana en no variar

casos tendes artigos?

VALDÉS: Para o genitivo masculino temos *do*, dizendo *do homem*, e para o feminino *da*, dizendo *da mulher*. Acredito, ainda, que tanto em um gênero como no outro, junta-se um *de* sobre o artigo do nominativo, mas que no masculino se perde o *e*, e para não dizer *de o homem*, dizemos *do homem*.

PACHECO: Acredito que é assim, sem dúvida.

VALDÉS: Estes mesmos artigos servem para o ablativo, porque quando dizemos: *Do lobo um pelo e esse da frente*, aquele *do lobo* está no ablativo. Da mesma forma no dativo e no acusativo colocamos um *a* sobre o artigo do nominativo, mas que no masculino perdemos o *e*, dizendo: *Disse ao asno o mulo: arre lá, orelhudo*, em que aquele *ao* está por *a o*. No feminino não se perde nada, porque dizemos *Disse a frigideira à caçarola: sai pra lá, carvoenta*. No artigo neutro fazemos da mesma forma que no feminino, porque assim, colocando um *de* sobre o artigo do nominativo, formamos o do genitivo e do ablativo, e colocando um *a* formamos o do dativo e do acusativo, porque dizemos *de o* para o genitivo e o ablativo, e *a o* para o dativo e o acusativo: *Do contado come o lobo*, etc. E assim como no

los casos, porque en el singular tienen todos ellos una sola terminación y en el plural otra, así como *bueno* y *buenos*, *hombre* y *hombres*. Con la misma lengua se conforma en poner en muchos vocablos el acento en la última, y en usar algunas veces el número singular por el plural, y así dice *mucha naranja*, *passa o higo*, por *muchas naranjas*, *pasas ohigos*. Se conforma también en juntar el pronombre con el verbo, diciendo *dadle* y *tomaráse*, como parece por este refrán: *Al ruín dadle un palmo*, y *tomaráse quatro*. Con la lengua latina se conforma principalmente en algunas maneras de decir, y en otras, como habéis oído, se conforma con la griega. Se conforma también con el latín en el abc, aunque difieren en esto, que la lengua castellana tiene una *j* larga que vale por *gi*, y tiene una que nosotros llamamos *cerilla*, la cual hace que la *c* valga por *z*; tiene más una tilde que en muchas partes, puesta sobre la *n*, vale tanto como *g*.

PACHECO: De manera que, según eso, podremos bien decir que el abc de la lengua castellana tiene tres letras más que el de la latina.

COROLANO: Aun hasta en esto queréis ganar honra; sea mucho en buena hora.

VALDÉS: Cuanto a la gramática, con deciros tres reglas generales que yo guardo, pensaré haber

singular dizemos *o*, *do* e *ao* no gênero masculino, e *a*, *da* e *à* no feminino, assim no masculino plural dizemos *os*, *dos* e *aos*, e no feminino *as*, *das* e *às*; já disse que o artigo neutro não tem plural.

MÁRCIO: Basta o que dissestes quanto à semelhança dos artigos; ide adiante.

VALDÉS: Com a língua hebraica a castelhana assemelha-se no variar os casos, porque no singular todos eles têm uma só terminação e no plural outra, como *bom* e *bons*, *homem* e *homens*. Com a mesma língua assemelha-se ao colocar o acento na última sílaba em muitos vocábulos, e ao usar algumas vezes o número singular pelo plural, e assim diz *muita laranja*, *passa* ou *figo*, por *muitas laranjas*, *passas* ou *figos*. Assemelha-se também ao juntar o pronome com o verbo, dizendo *dá-lhe* e *tomar-se-á*, como aparece neste refrão: *Ao ruím dá-lhe um palmo*, e *tomar-se-á quatro*. Com a língua latina assemelha-se principalmente em alguns modos de dizer, e em outros, como ouvistes, assemelha-se à grega. Também se assemelha com o latim no abc, ainda que difiram nisto, pois a língua castelhana tem um *j* que vale por *gi*, e tem algo que chamamos *cedilha*, que faz com que o *c* valha por *z*; tem mais um til que em muitas partes, posto sobre o *n*,

cumplido con vosotros, las cuales a mi ver son de alguna importancia para saber hablar y escribir bien y propiamente la lengua castellana.

PACHECO: Conmigo tanto, y aun sin decir ninguna, cumpliríais.

MARCIO: ¿Por qué?

PACHECO: Porque nunca fui amigo de estas gramatiquerías.

MARCIO: Y aun por esto es regla cierta que tanto aprueba uno cuanto alcanza a entender; vos no sois amigo de gramatiquerías, porque no sabéis nada de ellas, y, si supieseis algo, desearíais saber mucho, y así por ventura seríais amigo de ellas.

PACHECO: Puede ser que sería así, no lo contradigo. Decid vos vuestras tres reglas; quizá, sabidas, aprobaré la gramática.

VALDÉS: La primera regla es que miréis muy atentamente si el vocablo que queréis hablar o escribir es arábigo o latino, porque, conocido esto, luego atinaréis cómo lo habéis de pronunciar o escribir.

MARCIO: Está bien, pero eso más pertenece para la ortografía y pronunciación que para la gramática.

VALDÉS: Así es la verdad, yo os digo lo que se me ofrece; ponedlo vosotros en el lugar que quisieseis.

MARCIO: Bien decís, pero sería menester que nos dieseis alguna regla, la cual nos enseñase hacer diferencia entre esos vocablos.

vale como *g*.

PACHECO: De modo que, segundo isso, poderemos dizer que o abc da língua castelhana tem três letras a mais do que o da latina.

CORIOLANO: Até nisso quereis ganhar honra; que seja em muito boa hora.

VALDÉS: Quanto à gramática, pensarei ter cumprido minha promessa convosco ao vos dizer três regras gerais que eu conservo, as quais, a meu ver, são de alguma importância para saber falar e escrever bem e propiamente a língua castelhana.

PACHECO: Comigo muito, e mesmo sem dizer nenhuma, teríeis cumprido.

MÁRCIO: Por quê?

PACHECO: Porque nunca fui amigo destas gramatiquices.

MÁRCIO: E por isto também é regra certa que alguém aprova tanto quanto consegue entender; vós não sois amigo de gramatiquices, porque não sabeis nada delas, e, se soubésseis algo, desejaríeis saber muito, e assim por ventura seríeis amigo delas.

PACHECO: Poderia ser que fosse assim, não o nego. Dizei vossas três regras; se sabidas, aprovarei a gramática.

VALDÉS: A primeira regra é que observeis muito atentamente se o vocábulo que quereis falar ou escrever é árabe ou latino, porque,

VALDÉS: Quanto que yo no os sabría dar más que una noticia confusa, la cual os servirá más para atinar que para acertar.

MARCIO: Con esa nos contentaremos; decídnosla.

VALDÉS: Quanto a lo primero, presuponed que por la mayor parte todos los vocablos que viereis que no tienen alguna conformidad con los latinos y griegos son arábigos; en los cuales casi ordinariamente veréis *h*, *x* o *z*, porque estas tres letras son muy anexas a ellos, y de aquí procede que los vocablos que tienen *f* en el latín, convertidos en el castellano, la *f* se torna en *h*, y así de *faba* decimos *hava*; y aun por la misma causa en muchas partes de Castilla convierten la *s* latina en *x*, y por *sastre* dicen *xastre*; lo mismo hacen comúnmente convirtiendo la *c* latina en *z*, y así por *faciunt* dicen *hazen*; las cuales todas son pronunciaciones que tienen del arábigo, pero son tan recibidas en el castellano que, si no es en el *sastre* y otros como él, en los demás se tiene por mejor la pronunciación y escritura arábiga que la latina. Esto os he dicho porque, si viereis un vocablo con una de estas tres letras, no penséis luego que es arábigo hasta haber examinado si tiene esta mudanza de letras o no. Quanto a lo demás, sabed que casi siempre son arábigos los vocablos que

sabendo isto, logo atinareis como o deveis pronunciar ou escrever.

MÁRCIO: Está bem, mas isto pertence mais à ortografia e à pronúncia do que à gramática.

VALDÉS: Assim é verdade, eu vos digo o que me pedis; vós o colocais no lugar que quizerdes.

MÁRCIO: Dizeis bem, mas seria preciso que nos désseis alguma regra, a qual nos ensinasse fazer a diferença entre estes vocábulos.

VALDÉS: Quanto a isso eu não vos saberia dar mais do que uma informação confusa, a qual vos serviria mais para atinar que para acertar.

MÁRCIO: Contentar-nos-emos com esta; dizei-a.

VALDÉS: Quanto ao primeiro, pressuponde que pela maior parte todos os vocábulos que virdes que não têm nenhuma semelhança com os latinos e gregos são árabes; nos quais quase sempre vereis *h*, *x* ou *z*, porque estas três letras são muito usuais para eles, e daqui procede que os vocábulos que têm *f* no latim, convertidos no castelhano, o *f* torna-se *h*, e assim de *faba* dizemos *hava*; e também pela mesma causa em muitas partes de Castela convertem o *s* latino em *x*, e por *sastre* dizem *xastre*; o mesmo fazem comumente convertendo o *c* latino em *z*, e assim por *faciunt* dizem *hazen*; todas estas são pronúncias que têm do árabe, mas são tão

empiezan en *al*, como *almohada*, *alhombra*, *almohaça*, *alhareme*; y los que comienzan en *az*, como *azaguán*, *azar*, *azagaya*; y los que comienzan en *col*, como *colcha*, *colgajo*, *cohecho*; y los que comienzan en *ça*, como *çaherir*, *çaquiçamí*, *çafío*; y los que comienzan en *ha*, como *haxa*, *haragán*, *harón*; y los que comienzan en *cha-*, *chi-*, *cho-*, *chu-*, como *chapín*, *chinela*, *choça*, *chueca*; y los que comienzan en *en*, como *enhelgado*, *enhaziado*, *endechas*; y los que comienzan en *gua*, como *Guadalherza*, *Guadalquevir*, *Guadarrama*; y estos por la mayor parte son nombres de ríos o de lugares; y los que comienzan en *xa*, *xe*, como *xáquima*, *xerga*. De los vocablos latinos enteros no es menester daros regla, pues sin ella vosotros los conoceréis, como también atinaréis en los corrompidos poniendo en ello un poco de diligencia y trabajo. Pero advertid que, así como en los vocablos arábigos no está bien al castellano aquel pronunciar con la garganta que los moros hacen, así, tampoco en los vocablos latinos no conviene pronunciar algunas cosas tan curiosamente como las pronunciáis los latinos; esto digo por la superstición con que algunos de vosotros, hablando castellano, pronunciáis la *s*.

MARCIO: Digo que tenéis mucha

aceitas no castelhano que, se não é no *sastre* e em outros como ele, nos demais a pronúncia e a escrita árabe são mais bem consideradas que a latina. Eu vos disse isto, se virdes um vocábulo com uma destas três letras, não penseis logo que é árabe até ter examinado se tem ou não esta mudança de letras. Quanto aos demais, sei que quase sempre são árabes os vocábulos que começam com *al*, como *almofada*, *alfombra*, *almofaça*, *alfareme*; e os que começam com *az*, como *azaguán*, *azar*, *azagaia*; e os que começam com *col*, como *colcha*, *colgajo*, *cohecho*; e os que começam com *ça*, como *çaherir*, *çaquiçamí*, *çafío*; e os que começam com *ha*, como *haxa*, *haragano*, *harán*; e os que começam com *cha-*, *chi-*, *cho-*, *chu-*, como *chapín*, *chinela*, *choça*, *chueca*; e os que começam com *en*, como *enhelgado*, *enhaziado*, *endechas*; e os que começam com *gua*, como *Guadalherza*, *Guadalquevir*, *Guadarrama*; e estes na maior parte são nomes de rios ou de lugares; e os que começam com *xa*, *xe*, como *xáquima*, *xerga*. Sobre os vocábulos latinos inteiros não é preciso dar-vos regra, pois os conhecereis sem ela, como também atentareis para os alterados, pondo nisto um pouco de diligência e trabalho. Mas observai que, assim como nos

razón, y que tengo este aviso por muy bueno, considerando que tampoco nosotros pronunciamos en el latín los vocablos que tenemos de la lengua griega y de la hebrea con aquella eficacia y vehemencia que los pronuncian los griegos y hebreos.

VALDÉS: La segunda regla consiste en saber poner en cada vocablo su propio artículo; quiero decir, juntar con el nombre masculino y neutro sus propios artículos, y decir: *El abad de donde canta, de allí yanta* y *Al ruín cuando lo mientan, luego viene*, y juntar con el nombre femenino los artículos femeninos, diciendo así: *La muger y la gallina por andar se pierde aína*, y *El polvo de la oveja alcohol es para el lobo*; de manera que ni al nombre masculino pongáis artículo femenino, ni juntéis con el femenino artículo masculino.

MARCIO: ¿En qué conoceremos nosotros, entre los vocablos, cuál es de un género y cuál de otro?

VALDÉS: Esa regla no os la sabré yo dar, porque nunca me he parado a pensarla; bien es verdad que he notado esto: que, por la mayor parte, los vocablos latinos guardan en el castellano el mismo género que en el latín, y digo por la mayor parte, porque hay muchos que no lo guardan así, como son los nombres de árboles, que en latín son, como sabéis, casi todos

vocábulos árabes, no castelhano não fica bem aquele pronunciar com a garganta que os mouros fazem; assim, tampouco nos vocábulos latinos, não convém pronunciar algumas coisas tão cuidadosamente como os latinos as pronunciam; digo isto pelo exagero com que alguns de vós, falando castelhano, pronunciais o s.

MÁRCIO: Digo que tendes muita razão, e que tenho esta orientação por muito boa, considerando que tampouco nós pronunciamos no latim os vocábulos que temos da língua grega e da hebraica com aquela eficácia e veemência com que os pronunciam os gregos e os hebreus.

VALDÉS: A segunda regra consiste em saber colocar em cada vocábulo o seu próprio artigo; quero dizer, juntar com o nome masculino e o neutro seus próprios artigos, e dizer: *O abade de onde canta, dali yanta* e *O ruím quando o mencionam, logo vem*, e juntar com o nome feminino os artigos femininos, dizendo assim: *A mulher e a galinha andando se perdem por aí*, e *O pó da ovelha é álcool para o lobo*; de modo que nem no nome masculino coloquemos artigo feminino, nem juntemos com o feminino artigo masculino.

MÁRCIO: Em que reconheceremos, entre os vocábulos, qual é de um género e

femeninos, y en castellano son casi todos masculinos, y los de la fruta son los más femeninos; pero por lo más ordinario veréis que los nombres en castellano guardan el género que en el latín de esta manera: que los nombres acabados en *a*, serán femeninos, y así por el consiguiente.

[...] El mismo cuidado que habéis de tener en poner bien el artículo del nominativo conviene que tengáis en poner el del genitivo y acusativo, estando sobre aviso de hablar siempre de esta manera: *Del monte salle quien el monte quema* y *Del lobo un pelo* y *ése de la frente*, y *Lo que da el nieto al agüelo* y *Allegadora de la ceniza* y *derramadora de la harina*.

CORIOLOANO: Me parece que os aprovecháis bien de vuestros refranes, o como los llamáis.

VALDÉS: Me aprovecho de ellos tanto como decís, porque, habiéndoo de mostrar por un otro ejemplo lo que quiero decir, me parece sea más provechoso amostrárselo por estos refranes, porque oyéndolos los aprendáis, y porque más autoridad tiene un ejemplo de estos antiguos que un otro que yo podría componer.

CORIOLOANO: Bien está, pero yo no entiendo los más de ellos.

VALDÉS: Abasta que entendáis el propósito para que los digo; la sentencia otro día la entenderéis.

CORIOLOANO: Acepto la promesa;

qual é de outro?

VALDÉS: Essa regra eu não saberei dar-vos, porque nunca parei para pensar; é bem verdade que notei isto: que, na maior parte, os vocábulo latinos conservam no castelhano o mesmo gênero que no latim, e digo na maior parte, porque há muitos que não o conservam assim, como os nomes de árvores, que em latim são, como sabeis, quase todos femininos, e em castelhano são quase todos masculinos, e os de frutas são os mais femininos; porém, no mais comum vereis que os nomes em castelhano conservam o gênero do latim desta forma: que os nomes terminados em *a*, serão femininos, e assim por conseguinte.

[...] O mesmo cuidado que tendes em colocar bem o artigo do nominativo convém que tenhais em colocar o do genitivo e do acusativo, estando advertido de falar sempre desta maneira: *Do monte sai quem o monte queima* e *Do lobo um pelo* e *este da frente*, e *O que dá o neto ao avô* e *recolhedora da cinza* e *derramadora da farinha*.

CORIOLOANO: Parece-me que aproveitais bem os vossos refrões, ou como os chamais.

VALDÉS: Aproveito-os tanto como dizeis, porque, tendo de vos mostrar por outro exemplo o que quero dizer, parece-me ser mais

y decidme si tenéis por cosa de mucha importancia la observancia de estos artículos.

VALDÉS: Yo os diré de qué tanta, que en Castilla tenemos por averiguado que un extranjero, especialmente si no sabe latín, por maravilla sabe usar propiamente de ellos, tanto que hay muchos vizcaínos en Castilla que, después de haber estado en ella cuarenta o cincuenta años, y sabiendo del resto muy bien la lengua, muchas veces pecan en el uso de los artículos. Por tanto, os aconsejo que miréis muy bien en ello.

MARCIO: Así lo haremos como lo decís, por obedeceros.

VALDÉS: Hacedlo por lo que os cumple, que a mí poco me importa. Más me cumple acabar esta jornada de hoy, y por esto paso a la tercera regla. Esta es que en la pronunciación de los vocablos miréis bien en qué sílaba ponéis el acento, porque muchas veces el acento hace variar la significación del vocablo [...].

Y por esta causa, cuando yo escribo alguna cosa con cuidado, en todos los vocablos que tienen el acento en la última, lo señalo con una rayuela. Bien sé que tendrán algunos esta por demasiada y superflua curiosidad, pero yo no me curo, porque la tengo por buena y necesaria.

MARCIO: Luego ¿esta es la causa que os mueve a señalar los acentos

proveitoso mostrá-lo por estes refrões, para que ouvindo-os aprendais, e porque um exemplo destes antigos tem mais autoridade do que outro que eu poderia compor.

CORIOLANO: Está bem, mas eu não entendo muitos deles.

VALDÉS: Basta que entendais o propósito para que os digo; outro dia entenderéis a sentença.

CORIOLANO: Aceito o conselho; e dizei-me se considerais a observação destes artigos como coisa de muita importância.

VALDÉS: Dir-vos-ei de que tanta, que em Castela temos por confirmado que um estrangeiro, especialmente se não sabe latim, por milagre sabe usá-los tão propiamente, que há muitos bascos em Castela que, depois de terem estado ali por quarenta ou cinquenta anos, e sabendo de resto muito bem a língua, muitas vezes pecam no uso dos artigos. Portanto, aconselho-vos que observeis muito bem isto.

MÁRCIO: Como o dizeis, assim o faremos, para obedecer-vos.

VALDÉS: Fazei-o pelo que vos cumpre, porque a mim pouco importa. Mais me cumpre acabar esta jornada de hoje, e por isso passo à terceira regra. Esta é que na pronúncia dos vocábulos presteis bem atenção em que sílaba colocais o acento, porque

como hacéis?

VALDÉS: Esta misma.

MARCIO: Pues yo os certifico que esta de los acentos es una de las principales cosas con que yo venía armado contra vos, y paréceme lo que sobre esto decís tan bien, que no puedo dejar de aprobarlo, aunque hasta aquí me parecía cosa bien demasiada.

VALDÉS: Me huelgo de haberos satisfecho antes que me lo preguntaseis.

MARCIO: ¿Y querríais que todos usasen este señalar de acentos en el escribir?

VALDÉS: Sí querría, a lo menos los que escriben libros de importancia y los que escriben cartas familiares a personas que no son naturales de Castilla, porque a poca costa les enseñarían cómo han de leer lo que les escriben.

MARCIO: ¿Tenéis alguna regla cierta para esto de los acentos?

VALDÉS: Ninguna tengo que salga siempre verdadera; es bien verdad que por la mayor parte los verbos que tienen el acento en la última son terceras personas, o de pretérito, como *amó*, o de futuro, como *enseñará*.

MARCIO: ¿Habéis notado alguna otra regla que pertenezca al acento?

VALDÉS: Ninguna, porque ya sabéis que las lenguas vulgares de ninguna manera se pueden reducir a reglas de tal suerte que por ellas

muitas vezes o acento faz variar a significação do vocábulo [...].

E por este motivo, quando eu escrevo alguma coisa com cuidado, em todos os vocábulos que têm o acento na última, assinalo-o com um traço. Bem sei que alguns considerarão isto um cuidado demasiado e supérfluo, mas eu não me preocupo, porque considero bom e necessário.

MÁRCIO: Logo, esta é a causa que vos move a marcar os acentos como fazeis?

VALDÉS: Esta mesma.

MÁRCIO: Pois eu certifico-vos de que esta dos acentos é uma das coisas principais, pela qual eu estava armado contra vós, e parece-me que falais tão bem sobre isto, que não posso deixar de aprová-lo, ainda que até aqui me parecesse algo bem demasiado.

VALDÉS: Alegro-me por vos ter satisfeito antes que me perguntásseis.

MÁRCIO: E querieis que todos usassem esta marcação de acentos ao escrever?

VALDÉS: Sim, queria, ao menos os que escrevem livros importantes e os que escrevem cartas familiares a pessoas que não são naturais de Castela, porque com pouco esforço lhes ensinariam como devem ler o que lhes escrevem.

MÁRCIO: Tendes alguma regra

se puedan aprender; y siendo la castellana mezclada de tantas otras, podéis pensar si puede ninguno ser bastante a reducirla a reglas. Y porque me habéis preguntado de la gramática, y pertenece también a ella saber juntar el pronombre con el nombre, quiero que sepáis que la lengua castellana siempre quiere el pronombre delante del nombre, si no es cuando el nombre está en vocativo, que entonces el pronombre sigue al nombre, de manera que, hablando bien, habéis de decir *mi señor* y *mi señora*, *mi padre* y *mi madre*, cuando están en nominativo, pero si estos nombres están en vocativo, habéis de decir *señor mío* y *señora mía*, *padre mío* y *madre mía*. Mas quiero sepáis que, si estando estos nombres en vocativo, ponéis el pronombre antes que el nombre, hacéis que la cortesía sea mucho menor, y de aquí es que hay muy gran diferencia de escribir a una dama *señora mía* o *mi señora*, porque, luego que de industria os apartáis del propio estilo de la lengua en que habláis o escribís, mostráis tener por inferior a la persona con quien habláis, o a quien escribís.

MARCIO: ¿Tenéis que esa regla sea siempre verdadera?

VALDÉS: Yo por tal la osaría vender; bien puede ser que tenga alguna excepción de que yo no me acuerde.

PACHECO: Mirad cómo habláis,

certa para isto dos acentos?

VALDÉS: Nenhuma tenho que seja sempre verdadeira; é bem verdade que na maior parte os verbos que têm o acento na última são terceiras pessoas, ou do pretérito, como *amó*, ou do futuro, como *ensinará*.

MÁRCIO: Notastes alguma outra regra que pertença ao acento?

VALDÉS: Nenhuma, porque já sabeis que as línguas vulgares não se podem sujeitar a regras de maneira nenhuma, de tal modo que possam ser aprendidas por elas; e sendo a castelhana mesclada de tantas outras, podeis pensar se alguém pode conseguir colocá-la em regras. E porque me perguntastes sobre a gramática, e também pertence a ela saber juntar o pronome com o nome, quero que saibais que a língua castelhana sempre requer o pronome antes do nome, a não ser quando o nome está no vocativo, que então o pronome segue o nome, de modo que, falando bem, deveis dizer *meu senhor* e *minha senhora*, *meu pai* e *minha mãe*, quando estão no nominativo, mas se estes nomes estão no vocativo, deveis dizer *senhor meu* e *senhora minha*, *pai meu* e *mãe minha*. Mas quero que saibais que, se estando estes nomes no vocativo, pondeis o pronome antes do nome, fazeis com que a cortesía seja muito menor, e daqui resulta que há

porque *excepción*, pues yo no lo entiendo, no es vocablo puro castellano.

VALDÉS: Tenéis razón, pero, pues me hacéis hablar en esta materia en que yo no he visto cómo otros castellanos han hablado, es menester que sufráis me aproveche de los vocablos que más a propósito me parecerán, obligándome yo a declararos los que no entendieseis; y así digo que tener excepción una regla es tener algunas cosas que salen de aquella orden que la regla pone.

PACHECO: Ya lo entiendo, y soy contento de sufriros el uso de estos vocablos, pero con la condición que decís.

VALDÉS: También pertenece a la gramática el saber juntar el pronombre con el verbo, en lo cual veo un cierto uso, no sé de dónde sea nacido, y es que muchos dicen *poneldo* y *embialdo* por decir *ponedlo* y *embiadlo*; porque el *poned* y *embiad* es el verbo, y el *lo* es el pronombre, no sé qué sea la causa por que lo mezclan de esta manera; yo, aunque todo se puede decir, sin condenar ni reprehender nada, todavía tengo por mejor que el verbo vaya por sí y el pronombre por sí, y por esto digo: *Al moço malo, ponedle la mesa y embiadlo al mandado*. La misma razón hay en decir *ayudarte a* por *ayudaráte*; yo siempre digo: *Ayúdate y ayudaráte Dios*. Lo

muito grande diferença ao escrever a uma dama *senhora minha* ou *minha senhora*, porque, quando, por artifício, separais-vos do estilo próprio da língua em que falais ou escreveis, mostrais considerar inferior a pessoa com quem falais, ou a quem escreveis.

MÁRCIO: Considerais que essa regra seja sempre verdadeira?

VALDÉS: Por tal eu ousaria vendê-la; pode bem ser que tenha alguma exceção de que eu não me lembre.

PACHECO: Olhai como falais, porque eu não entendo *exceção*, não é vocábulo castelhano puro.

VALDÉS: Tendes razão, porém, já que me fazeis falar sobre este assunto, em que eu não vi como outros castelhanos falaram, é preciso que admitais que eu aproveite os vocábulos que me parecerem mais a propósito, obrigando-me a explicar-vos os que não entendeis; e assim digo que uma regra ter exceção é ter algumas coisas que saem daquela ordem que a regra impõe.

PACHECO: Agora o entendo, e estou contente por aprender o uso destes vocábulos, mas com a condição de que faleis.

VALDÉS: Também pertence à gramática saber juntar o pronome com o verbo, no qual vejo um certo uso, embora não saiba onde nasceu, e é que muitos dizem *poldo* e *envialdo* para dizer

mismo es *sacarte a* o *sacaráte*, como diciendo: *Cría cuervo, y sacaráte el ojo.*

PACHECO: ¿Qué me daréis y diré que con lo que habéis dicho estoy ya un poco aficionado a la gramática y me va ya pareciendo bien?

VALDÉS: ¿Qué? Lo que dicen las viejas en mi tierra: *Un correverás y otro que te hallarás*, por que veáis en cuánto tengo que os parezcan mal o bien.

PACHECO: Vos me habéis respondido como yo merecía. Proseguid adelante.

VALDÉS: No tengo más que proseguir, ni vosotros os podréis quejar que no os he dicho hartas gramatiquerías.

MARCIO: No, que no nos quejamos de lo dicho; pero nos quejaremos si no nos decís más.

VALDÉS: Quejaos cuanto quisieréis, que a mí no se me ofrece otra cosa que deciros.

MARCIO: Según eso, no debéis haber leído el *Arte de Gramática Castellana* que dice que compuso vuestro Antonio de Librija para las damas de la serenísima reina doña Isabel, de inmortal memoria.

VALDÉS: Así es verdad, que no lo he leído.

MARCIO: ¿Por qué?

VALDÉS: Porque nunca pensé tener necesidad de él, y porque nunca lo he oído alabar; y en esto podéis ver cómo fue recibido y

ponde-o e *enviai-o*; porque o *ponde* e *enviai* é o verbo, e o *o* é o pronome, não sei qual é a causa por que o misturam desta forma; eu, mesmo que se possa dizer tudo, sem condenar nem repreender nada, ainda acho melhor que o verbo vá por si e o pronome por si, e por isso digo: *Ao moço mal mandado, ponde-lhe a mesa e enviai-o ao recado.* A mesma razão há em dizer *ajudará-te* por *ajudar-te-á*; eu sempre digo: *Ajuda-te e ajudar-te-á Deus.* O mesmo é *tirará-te a* ou *tirar-te-á*, como dizendo: *Cria um corvo, e arrancar-te-á o olho.*

PACHECO: O que me dareis se eu disser que com o que dissesstes já estou um pouco afeiçoado à gramática e já me está parecendo boa?

VALDÉS: O quê? O que dizem as velhas na minha terra: *Um corre e verás e outro que te achará*, para que vejais o quanto acho que vos pareçam mal ou bem.

PACHECO: Respondestes como eu merecía. Ide adiante.

VALDÉS: Não tenho mais que prosseguir, nem podereis queixarvos de que eu não vos disse muitas gramatiquices.

MÁRCIO: Não, que não nos queixamos do dito; mas nos queixaremos se não nos disserdes mais.

VALDÉS: Queixai-vos o quanto quiserdes, que a mim não pedis

cómo era provechoso que, según entiendo, no fue imprimido más que una vez.

PACHECO: No importa; basta lo dicho cuanto a lo que pertenece a la gramática; mejor haréis en demandar lo que pertenece al poner en los vocablos más unas letras que otras.

VALDÉS: ¿De qué os reís?

MARCIO: Me río de ver cuán contra vuestra voluntad os hacemos hablar en estas niñerías, y me huelgo de considerar la paciencia con que las tratáis.

VALDÉS: Dejad hacer; que algún día también yo me reiré de vosotros, o mal me andarán las manos.

MARCIO: A vuestro placer, siempre me precié de tomar fiado; ahora decidme por qué unas veces escribís *a* con *h* y otras sin ella

VALDÉS: Por hacer diferencia de cuando es verbo a cuando es preposición; y así siempre que es verbo la escribo con *h*, y digo: *Quien ha buen vezino, ha buen maitino*, y también: *Quien asnos ha perdido, cencerros se le antojan*; y cuando es preposición la escribo sin *h*, diciendo: *A buen callar llaman sancho*, y también: *A carne de lobo, salsa de perro*, y: *A perro viejo no cuzcuz*. Pero muy mejor veréis la diferencia que hay en el escribir *a* sin *h* o con ella en este refrán: *Quien lengua ha, a Roma va*; y para que veáis mejor lo

para vos dizer outra coisa.

MÁRCIO: Segundo isso, não deveis ter lido a *Arte da Gramática Castelhana* que vosso Antônio de Nebrija diz que compôs para as damas da sereníssima rainha Dona Isabel, de imortal memória.

VALDÉS: Assim é verdade, que não a li.

MÁRCIO: Por quê?

VALDÉS: Porque nunca pensei de ter necessidade dela, e porque nunca ouvi elogiá-la; e nisto podeis ver como foi recebida e como era proveitosa que, segundo entendo, não foi impressa mais do que uma vez.

PACHECO: Não importa; basta o dito quanto ao que pertence à gramática; fareis melhor em perguntar o que pertence ao colocar nos vocábulos umas letras mais do que outras.

VALDÉS: De que rides?

MÁRCIO: Rio de ver quão contra vossa vontade vos fazemos falar destas ninharias, e alegro-me de ver a paciência com que as tratáis.

VALDÉS: Deixai estar; que algum dia também eu riréi de vós, ou ruins mãos serão as minhas.

MÁRCIO: A vosso parecer, sempre me orgulhei de tomar fiado; agora dizei-me por que algumas vezes escreveis *a* com *h* e outras sem ele.

VALDÉS: Para fazer diferença de quando é verbo e quando é

que importa escribir *a* con aspiración o sin ella, mirad este refrán que dice: *Quien no aventura no gana*, el cual algunos no entienden por hallar escrita la primera *a* del *aventura* con aspiración, porque piensan ser razón que quiere decir: quien no tiene ventura no gana; en lo cual ya vosotros veis el engaño que reciben.

PACHECO: Eso está bien dicho, pero ¿cómo hará quien no sabe conocer cuándo es verbo o cuándo es preposición?

VALDÉS: Si no sabe latín tendrá alguna dificultad, aunque no mucha, si tiene un poco de discreción; si sabe latín, no tendrá ninguna, porque él mismo se lo enseñará. Bien es verdad que hay algunos que, aunque saben latín, son tan descuidados en el escribir que ninguna diferencia hacen en escribir de una manera o de otra, y todavía es mi opinión que la ignorancia de la lengua latina, que los tiempos pasados ha habido en España, ha sido muy principal causa para la negligencia que habemos tenido en el escribir bien la lengua castellana.

MARCIO: Sin falta debe ser así; mas he notado en vuestras cartas que, en algunos vocablos, unas veces ponéis *a* al principio, y otras no, diciendo *cevadado* y *acevadado*, *sentado* y *asentado*, *donde* y *adonde*, *llegado* y

preposição; e assim sempre que é verbo escrevo com *h*, e digo: *Quem ha bom vizinho, ha bom matutino*, e também: *Quem ha burros perdidos, zurros chegam aos ouvidos*; e quando é preposição escrevo sem *h*, dizendo: *A bom calar chamam sancho*, e também: *A carne de lobo, molho de cão* e: *A cachorro velho não se dá cuscuz*. Mas muito melhor vereis a diferença que há no escrever *a* sem *h* ou com ele neste refrão: *Quem língua ha, à Roma vá*; e para que vejais melhor como importa escrever *a* com aspiração ou sem ela, vede este refrão que diz: *Quem não aventura não ganha*, o qual alguns não entendem por achar escrito o primeiro *a* de *aventura* com aspiração, porque pensam ser motivo que significa: quem não tem ventura não ganha; no qual já vedes o equívoco em que caem.

PACHECO: Isto está bem dito, mas como fará quem não sabe reconhecer quando é verbo ou quando é preposição?

VALDÉS: Se não sabe latim terá alguma dificuldade, embora não muita, se tem um pouco de discrição; se sabe latim, não terá nenhuma, porque o mesmo se ensinará. É bem verdade que há alguns que, ainda que saibam latim, são tão descuidados na escrita que nenhuma diferença fazem ao escrever de uma forma

allegado, ruga y arruga, vezado y avezado, basta y abasta, etc.

VALDÉS: Si habéis bien mirado en ello, hallaréis que pongo *a* cuando el vocablo que precede acaba en consonante, y no la pongo cuando acaba en vocal; y así escribiendo este refrán, pongo: *Haz lo que tu amo te manda, y siéntate con él a la mesa* y no *y asiéntate*; como también en este: *El abad de donde canta, de allí yanta*, y no *de adonde*; pero, si no precede vocal, veréis que siempre pongo la *a*, como aquí: *¿Adónde irá el buey que no are?*, y aquí: *Allégate a los buenos y serás uno dellos*.

PACHECO: Mucha observancia es esa, y mucho cuidado es menester para guardarla.

VALDÉS: Así es verdad; y aun por eso no os digo yo lo que otros hacen, sino lo que yo procuro guardar, deseando ilustrar y adornar mi lengua. El que no quisiere tomar este trabajo, déjelo estar, que no por eso se irá al infierno.

PACHECO: Bien está, pero vos juzgaréis que el que no guarda lo que vos, no escribe bien castellano.

VALDÉS: Cuanto a eso, yo sé bien lo que haré.

MARCIO: A mí, tanto, no me suena bien una *a* que algunos de vosotros ponéis en ciertas partes, como será diciendo *atan bueno*; y, como dice vuestro *Cancionero general*: *O qué dichos atan vanos*

ou de outra, e também é minha opinião que a ignorância da língua latina, que houve na Espanha em tempos passados, foi a principal causa da negligência que temos tido em escrever bem a língua castelhana.

MÁRCIO: Assim deve ser, sem falta; mas notei em vossas cartas que, em alguns vocábulos, algumas vezes colocais *a* no início, e outras não, dizendo *cevadado* e *acevadado*, *sentado* e *assentado*, *onde* e *aonde*, *chegado* e *achegado*, *ruga* e *arruga*, *vezado* e *avezado*, *basta* e *abasta*, etc.

VALDÉS: Se prestardes bem atenção nisso, vereis que coloco *a* quando o vocábulo que precede acaba em consoante, e não *a* coloco quando acaba em vogal; e assim escrevendo este refrão, coloco: *Faz o que teu patrão manda, e senta-te com ele à mesa* e não *e assenta-te*; como também neste: *O abade de onde canta, ali janta*, e não *de aonde*; porém, se não precede vogal, vereis que sempre coloco o *a*, como aqui: *Aonde irá o boi que não arar?*, e aqui: *Achega-te aos bons e serás um deles*.

PACHECO: Grande observação é esta, e para conservá-la é preciso muita atenção.

VALDÉS: Assim é verdade; e também por isso eu não vos digo o que outros fazem, mas o que eu

Yo no sé cómo os suena a vos esto; sé que nunca os lo veo usar.

VALDÉS: Pues eso os debe bastar por respuesta; y sabed que aquella *a* es superflua, y que en las coplas la ponen por henchir el verso los ruines trovadores.

[...]

MARCIO: ¿Por qué en los vocablos que comienzan en *s*, unas veces ponéis *e* y otras no?, ¿lo hacéis por descuido o por observancia?

VALDÉS: Antes esta es una de las cosas principales en que miro cuando escribo, porque ni apruebo por bueno lo que hacen los que, queriendo conformar la lengua castellana con la latina, en los semejantes vocablos quitan siempre la *e* donde la latina no la pone; ni tampoco lo que hacen los que siempre la ponen, porque tengo por mejor, para conservar la gentileza de mi lengua, hacer de esta manera: que si el vocablo que precede acaba en *e*, no la pongo en el que se sigue, y así digo: *casa de sgremidores* y no *de esgremidores*, y *el socorro de Scalona* y no *de Escalona*; y si el vocablo precedente no acaba en *e*, la pongo en el que se sigue, y así digo: *De los escarmentados se levantan los arteros*.

MARCIO: Bien me satisface eso; y primor es digno de ser alabado. Pero ¿a qué propósito ponéis unas veces en *esta*, *este*, *esto*, *e* al

procuro aprender, desejando ilustrar e adornar minha língua. Quem não quiser se dar a este trabalho, deixe-o estar, porque não irá para o inferno por isso.

PACHECO: Está bem, mas julgareis que quem não faz o mesmo que vós, não escreve bem castelhano.

VALDÉS: Quanto a isso, eu sei bem o que farei.

MÁRCIO: Para mim, não soa bem um *a* que alguns de vós colocais em certas partes, como dizendo *atão bom*; e, como diz vosso *Cancioneiro geral*: *O que ditos atão vãos* eu não sei como vos soa isto; sei que nunca vos vejo usá-lo.

VALDÉS: Pois isso deve bastarvos como resposta; e sabeí que aquele *a* é supérfluo, e que nas coplas os trovadores ruins o colocam para completar o verso.

[...]

MÁRCIO: Por que nos vocábulos que começam com *s*, algumas vezes colocais *e* e outras não?, fazei-o por descuido ou por observação?

VALDÉS: Antes, esta é uma das coisas principais que observo quando escrevo, porque não considero bom o que fazem aqueles que, querendo aproximar a língua castelhana da latina, nos vocábulos semelhantes sempre tiram o *e* onde a latina não o coloca; nem tampouco o que

principio, y otras no, aunque el vocablo precedente no acabe en *e*?

VALDÉS: Yo os diré; porque, como sabéis, unas veces *esta*, *este* y *esto* son verbos y tienen una significación, y otras veces son pronombres demostrativos y tienen otra significación; me ha parecido, por no hacer tropezar al lector, poner la *e* cuando son pronombres, porque el acento está en ella, y quitarla cuando son verbos, porque, estando el acento en la última, si miráis en ello, la primera *e* casi no se pronuncia, aunque se escriba.

CORIOLOANO: Mostradnos eso por algunos ejemplos.

VALDÉS: Soy contento. Si tengo de escribir: *En salvo stá el que repica* o: *Quien bien stá, no se mude*, no escribo *está*; pero si tengo de escribir: *Si tras éste que ando, mato, tres me faltan para quatro*, o: *Si desta escapo y no muero, nunca más bodas al cielo*, no escribo *ste* ni *sta*.

CORIOLOANO: Ya lo entiendo muy bien.

MARCIO: A la fe que es gentil primor este; porque a mí, tanto, muchas veces me hace tropezar, leyendo, el no saber así de presto conocer si aquel *esta* es pronombre o verbo; especialmente que algunas veces vienen a caer dos juntos, de los cuales el uno es pronombre y el otro verbo, que os hacen desatinar, como aquí: *Está esta tierra tan*

fazem aqueles que sempre o colocam, porque considero melhor, para conservar a elegância da minha língua, fazer desta forma: que se o vocábulo que precede termina em *e*, não o coloco no que se segue, e assim digo: *casa de sgremidores* e não *de esgremidores*, e *o socorro de Scalona* e não *de Escalona*; e se o vocábulo precedente não termina em *e*, coloco-o no que se segue, e assim digo: *De os escaramentados saem os avisados*.

MÁRCIO: Isto me satisfaz muito; e é um primor digno de ser elogiado. Mas a que propósito colicais algumas vezes o *e* no início de *esta*, *este*, *esto*, e outras não, ainda que o vocábulo precedente não termine em *e*?

VALDÉS: Dir-vos-ei; porque, como sabeis, algumas vezes *esta*, *este* e *isto* são verbos e têm uma significação, e outras vezes são pronomes demonstrativos e têm outra significação; pareceu-me, para não confundir o leitor, colocar o *e* quando são pronomes, porque o acento está nele e tirá-lo quando são verbos, porque, estando o acento na última, se prestais atenção, o primeiro *e* quase não se pronuncia, ainda que se escreva.

CORIOLOANO: Mostrai-nos isso por alguns exemplos.

VALDÉS: Estou contente. Se

estragada.

PACHECO: No os puedo decir sino que, aunque no lo he visto usar sino a vos, me parece bien, pero no me obligaría a guardarlo.

VALDÉS: En eso vos haréis como quisieréis; abasta que os parezca bien.

MARCIO: En algunos vocablos habemos mirado que muchos de vosotros ponéis idonde otros ponen *e*.

VALDÉS: Decid algunos.

MARCIO: *Vanedad* o *vanidad*, *envernar* o *invernar*, *escribir* o *escriuir*, *aleviar* o *aliviar*, *desfamar* o *disfamar*, etc.

VALDÉS: Si bien habéis mirado en ello, en todos esos pongo yo siempre *i* y no *e* porque me parece mejor, y porque siempre lo he usado así y veo que los más primos en el escribir hacen lo mismo. Los que hacen el contrario, por ventura es por descuido.

MARCIO: Por descuido no puede ser, porque Librija en su *Vocabulario* los escribe con *e*.

VALDÉS: No me aleguéis otra vez para la lengua castellana el autoridad de Librija andaluz, que me haréis perder la paciencia.

MARCIO: Soy contento, pero tampoco vos no os atuféis porque hombre os diga lo que le hace dudar, pues al fin se conforma con lo que vos decís.

VALDÉS: En eso tanto ninguna razón tenéis. Vos queréis que os

tenho de escrever: *Em salvo stá quem repica* ou: *Quem bem stá, não se mude*, não escrevo *está*; mas se tenho de escrever: *Se depois deste que ando, mato, três me faltam para quatro*, ou: *Se desta escapo e não morro, nunca mais bodas ao ceu*, não escrevo *ste* nem *sta*.

CORIOLANO: Já o entendi muito bem.

MÁRCIO: É verdade que este é um elegante primor; porque lendo, muitas vezes me confunde tanto o não saber reconhecer com facilidade se aquele *esta* é pronome ou verbo; especialmente porque algumas vezes vêm os dois juntos, em que um é pronome e o outro é verbo, que fazem errar, como aqui: *Está esta terra tão estragada*.

PACHECO: Posso dizer-vos apenas que, ainda que não o tenha visto usar senão por vós, parece bem-me, mas eu não me obrigaria a conservá-lo.

VALDÉS: Nisso fazei como quiserdes; basta que vos pareça bem.

MÁRCIO: Em alguns vocábulos observamos que muitos de vós colocais *i* onde outros colocam *e*.

VALDÉS: Dizei alguns.

MÁRCIO: *Vaedade* ou *vaidade*, *envernar* ou *invernar*, *escrever* ou *escriuir*, *aleviar* ou *aliviar*, *desfamar* ou *disfamar*, etc.

VALDÉS: Se prestastes bem

sufra yo vuestras preguntas malas o buenas y no me queréis sufrir a mí mi cólera sin razón o con ella.

PACHECO: Sea de esta manera; que vos nos sufráis a nosotros nuestras preguntas y que nosotros os suframos a vos vuestra cólera. ¿Sois contento?

VALDÉS: Contentísimo; porque os hago saber que para mí no hay igual tormento que no poderme enojar o mostrar enojo por lo que oigo o veo que no es según mi fantasía.

MARCIO: Bien es que nos declaréis vuestra condición; y pues así es, dejad hacer a mí. ¿Cuál es mejor decir, *taxbique* o *texbique*, *fraila* o *freila*, *trasquilar* o *tresquilar*?

VALDÉS: Yo, en esos vocablos y en los semejantes a ellos, por mejor tengo usar la *a* que la *e*, y, si habéis mirado en ello, siempre la uso; y creo cierto, hacen lo mismo los que escriben con cuidado.

MARCIO: Pues Librija...

VALDÉS: No haya más Librija, por vuestra vida.

MARCIO: ¡Picasteis! Pues más de otras diez veces os haré picar de la misma manera. [...] Ahora os quiero meter en un laberinto, de donde habréis menester para descabulliros otro que palabras. Tres maneras de *íes* tenéis en la lengua castellana: una pequeña, otra larga, y otra griega, de las cuales, si mal no me engaño, usáis

atenção, em todos eles eu sempre coloco *i* e não *e* porque me parece melhor, e porque sempre o usei assim e vejo que os mais primorosos no escrever fazem o mesmo. Os que fazem o contrário, quiçá é por descuido.

MÁRCIO: Por descuido não pode ser, porque Nebrija no seu *Vocabulário* escreve-os com *e*.

VALDÉS: Não me citeis outra vez a autoridade de Nebrija andaluz para a língua castelhana, que me fareis perder a paciência.

MÁRCIO: Estou contente, mas tampouco vós não vos irriteis porque alguém vos diz o que lhe faz duvidar, pois no final aproxima-se do que vós dizeis.

VALDÉS: Nisso tendes nenhuma razão. Quereis que eu tolere vossas perguntas más ou boas e não quereis tolerar minha ira sem razão ou com ela.

PACHECO: Seja deste modo; que vós tolereis as nossas perguntas e que nós toleremos a vossa ira. Estais contente?

VALDÉS: Contentíssimo; porque faço-vos saber que para mim não há tormento igual que não poder me irritar ou mostrar irritação pelo que ouço ou vejo que não é segundo o que penso.

MÁRCIO: É bom que nos declareis vossa condição; e assim é, pois deixai-me fazer. Qual é melhor dizer, *tabique* ou *tebique*, *fraila* ou *freila*, *trasquilar* ou

indiferentemente, lo cual tengo por gran falta de vuestra lengua, si no me dais alguna razón para ello.

VALDÉS: No habéis dicho mal en llamarlo laberinto, pero estad atentos, que pienso quedaréis satisfechos, porque os mostraré cómo cada *i* de estas tiene su lugar propio donde ninguna de las otras está bien; y porque la *i* pequeña es más general, quiero hacer de esta manera, que os diré de estas otras primero, y, visto lo que se puede saber de estas, tendréis por dicho lo de la pequeña.

PACHECO: Decís muy bien.

VALDÉS: Quanto a la *j* larga, ya al principio os dije cómo suena al castellano lo que al toscano *gi*, de manera que estará bien en todos los lugares que hubiere de sonar como vuestra *gi*, y mal en los que hubiere de sonar de otra manera. Está bien en *mejor, trabajo, jugar, jamás, naranja*, y así en todos los vocablos que tienen este *ja, jo, ju*.

PACHECO: ¿Y en los que tienen *je*?

VALDÉS: En esos no.

PACHECO: ¿Cómo no? ¿Queréis que escribamos *gente* de la manera que escribimos *gerra*?

VALDÉS: No quiero yo tal, porque *guerra* lo habéis de escribir con *u*, y *genteno*.

PACHECO: ¿De manera que queréis pronunciemos la *g* con la *e* siempre como en *gente*?

VALDÉS: Sí que lo quiero, porque

tresquilar?

VALDÉS: Eu, nestes vocábulos e nos semelhantes a eles, acho melhor usar o *a* do que o *e*, e, se prestastes atenção, sempre o uso; e acredito que é certo; os que escrevem com cuidado fazem o mesmo.

MÁRCIO: Pois Nebrija...

VALDÉS: Não haja mais Nebrija, por vossa vida.

MARCIO: Irritastes-vos! Pois mais de outras dez vezes vos farei irritar da mesma maneira. [...] Agora quero colocar-vos em um labirinto, de onde necessitareis mais do que palavras para sair. Na língua castelhana tendes três tipos de *is*: um breve, outro longo e outro grego, os quais, se não me engano, usais indiferentemente, o que considero grande falta de vossa língua, se não me dais algum motivo para isso.

VALDÉS: Não dissestes mal em chamá-lo labirinto, mas estou atento, que penso que ficareis satisfeitos, porque vos mostrarei como cada *i* destes tem seu próprio lugar, onde nenhum dos outros fica bem; e porque o *i* breve é mais geral, quero fazer desta maneira, que vos direi destas outras primeiro, e, visto o que se pode saber destas, tereis por dito o do breve.

PACHECO: Dizeis muito bem.

VALDÉS: Quanto ao *j* longo, no início eu já vos disse que soa no

así es el deber.

PACHECO: Hágase así. Pero ¿por qué vos algunas veces ponéis *gi* en lugar de *j* larga?

VALDÉS: Porque esas veces será escribiendo a algún italiano, por acomodarme a su lengua, por ser mejor entendido.

MARCIO: No me parece bien que, por acomodaros a la lengua ajena, saquéis la vuestra de sus quicios.

VALDÉS: Vos tenéis razón, cuando de tal manera la sacase de sus quicios o quiciales, que el natural de mi lengua no me entendiese; pero, si me entiende tanto escribiendo *megior* como *mejor*, no me parece que es sacar de quicios mi lengua, antes adornarla con el ajena, mostrando que es tan general que, no solamente es entendida de los naturales, pero aun de los extraños.

MARCIO: Decís muy bien; pasemos adelante; ya nos habéis dicho de la *i* larga; decidnos ahora de la griega.

VALDÉS: En esta hay mayor dificultad, pero habéis de saber que la *y* griega tiene dos lugares adonde necesariamente se pone, y donde ninguna de las otras estará bien, y uno donde se pone impropriamente. El uno de los dos es cuando la *y* es consonante; el otro cuando es conjunción. El impropio es cuando se pone en fin de la parte. En todos los otros lugares creedme que no está bien.

castelhano como o *gi* no toscano, de modo que ficará bem em todos os lugares em que tiver de soar como o vosso *gi*, e mal nos que tiver de soar de outra forma. Está bem em *mejor*, *trabajo*, *jugar*, *jamás*, *naranja*, e assim em todos os vocábulos que têm este *ja*, *jo*, *ju*.

PACHECO: E nos que têm *je*?

VALDÉS: Nestes não.

PACHECO: Como não? Quereis que escrevamos *gente* da maneira que escrevemos *gerra*?

VALDÉS: Não quero assim, porque *guerra* deveis escrever com *u*, e *gente* não.

PACHECO: De modo que quereis que pronunciemos o *g* com o *e* sempre como em *gente*?

VALDÉS: Claro que quero, porque assim é o dever.

PACHECO: Faça-se assim. Mas por que vós algumas vezes colocais *gi* em lugar de *j* longo?

VALDÉS: Porque estas vezes será escrevendo a algum italiano, para me adequar à sua língua, para ser mais bem entendido.

MARCIO: Não me parece bem que, para vos adequar à língua alheia, tireis a vossa dos seus quícios.

VALDÉS: Tendes razão, quando de tal modo tirasse-a de seus quícios ou a desengonçasse, que o nativo de minha língua não me entendesse; porém, se me entende tanto escrevendo *megior* como

MARCIO: Mostrándonos eso por ejemplos habréis cumplido enteramente vuestra promesa.

VALDÉS: Largamente os lo mostraré. Siempre que la *y* es consonante, yo pongo la griega, como será en *mayor*, *reyes*, *leyes*, *ayuno*, *yunque*, *yerro*; algunas veces parece que esta *y* griega afea la escritura, como es en *respondyó*, *proveyó*, y otros de esta calidad, pero yo no me curo de la fealdad, teniendo intento a ayudar la buena pronunciación; y con el que querrá hacer de otra manera no contendereé. De esta mismay griega uso cuando *ay* es verbo y cuando es interjección, y no cuando es adverbio, porque entonces escribimos *aí*. Y cuando es adverbio, *oy*, y no cuando es verbo, porque entonces escribimos *oí*. También escribimos *ya* y *yo*, porque la *y* es consonante. Cuando es conjunción, ponemos también *y* griega, diciendo *Cesar* y *Pompeyo*, etc. Impropiamente se pone en fin de algunos vocablos, adonde es vocal, como en *assy*, *casy* y *ally*. En todas las otras partes yo pongo la *i* pequeña, sin faltar ninguna.

MARCIO: Y en los vocablos que tomáis del latín y del griego que tienen la *y* griega, como son *mysterio* y *sylaba*, ¿usáis la *y* griega?

VALDÉS: No.

MARCIO: ¿Por qué?

VALDÉS: Por no obligar al que no

mejor, não me parece que seja tirar minha língua dos quícios, e sim adorná-la com a alheia, mostrando que é tão geral que, não somente é entendida pelos nativos, mas também pelos estrangeiros.

MÁRCIO: Falais muito bem; passemos adiante; já nos falastes sobre o *i* longo; falai-nos agora sobre o grego.

VALDÉS: Neste há maior dificuldade, mas tendes de saber que o *y* grego tem dois lugares onde necessariamente se coloca, e onde nenhum dos outros ficará bem, e um onde se coloca impropriamente. Um dos dois é quando o *y* é consoante; o outro quando é conjunção. O impróprio é quando se coloca no final da parte. Em todos os outros lugares, acreditai, não fica bem.

MÁRCIO: Mostrando-nos isto por meio de exemplos tereis cumprido inteiramente a vossa promessa.

VALDÉS: Eu vos mostrarei longamente. Sempre que o *y* é consoante, coloco o grego, como será em *mayor*, *reyes*, *leyes*, *ayuno*, *yunque*, *yerro*; às vezes parece que este *y* grego enfeia a escrita, como em *respondyó*, *proveyó*, e outros deste tipo, mas eu não me preocupo com a fealdade, tendo intenção de ajudar a boa pronúncia; e não discutirei com quem quiser fazer de outra forma. Deste mesmo *y* grego uso

sabe latín ni griego a que escriba como el que lo sabe, pues todos podemos escribir de una misma manera, poniendo *misterio* y *sílaba* (y aun de aquí quito una de las eles, porque el que no es latino no pronuncie las dos eles juntas), y también porque no quiero poner y griega sino cuando es consonante; y, cuando es consonante, no quiero poner la pequeña. Y si queréis ver lo que importa, considerad que *ley* con y griega es muy diferente significación de *leí* con i pequeña; lo mismo veréis en *rey* o *reí*.

MARCIO: ¿Qué os parece de esta observación, por vuestra fe?

PACHECO: Me parece tan bien que la tengo por la mejor que aquí ha dicho, puesto caso que las otras son muy buenas; yo por mí, tanto os confieso que no había mirado en tanto primor.

MARCIO: ¿De aquí adelante pensáis guardar estas reglas?

PACHECO: Sí, mientras me acordare de ellas; a lo menos las guardaré cuando escribiere cosa que haya de andar por manos de algunos; y aun querría corregir por ellas todo lo que hasta aquí he escrito.

MARCIO: No vi en mi vida hombre de vuestra tierra que fuese *dócile* sino a vos.

PACHECO: ¿Qué quiere decir *dócile*?

VALDÉS: *Dócile* llaman los latinos al que es aparejado para

quando *ay* é verbo e quando é interjeição, e não quando é advérbio, porque então escrevemos *ái*. E quando é advérbio, *oy*, e não quando é verbo, porque então escrevemos *oí*. Também escrevemos *ya* e *yo*, porque o y é consoante. Quando é conjunção, colocamos também y grego, dizendo *Cesar e Pompeyo*, etc. Impropriamente se coloca no final de alguns vocábulos, onde é vogal, como em *assy*, *casy* e *ally*. Em todas as outras partes, sem faltar nenhuma, eu coloco o i breve.

MÁRCIO: E nos vocábulos que tomais do latim e do grego que têm o y grego, como *mysterio* e *sylaba*, usais o y grego?

VALDÉS: Não.

MÁRCIO: Por quê?

VALDÉS: Para não obrigar quem não sabe latim nem grego a escrever como quem sabe, pois todos podemos escrever de uma mesma forma, colocando *mistério* e *sílaba* (e também daqui retiro um deles, para que quem não é latino não pronuncie os dois juntos), e também porque não quero colocar y grego senão quando é consoante; e, quando é consoante, não quero colocar o breve. E se quereis ver o que importa, considerai que em *ley* com y grego é muito diferente a significação de *leí* com i breve; o mesmo vereis em *rey* ou *reí*.

tomar la doctrina que le dan, y es corregible.

PACHECO: Mirad, señores, así como no todos los que traen hábitos y cugallas son frailes, así tampoco son todos porfiados los que son de mi tierra, porque hay de unos y de otros.

MARCIO: Mientras que vos hablareis de esa manera, amigo seréis del señor Valdés; y dejando esto, que es perder tiempo, nos decid: ¿por qué en lugar del *et* latino e italiano ponéis unas veces y griega y otras *e*?

VALDÉS: Solamente pongo *e* cuando el vocablo que se sigue comienza en *i*, como en lo que vos acabáis de decir ahora: *latino e italiano*.

PACHECO: Es muy bien dicho y muy bien mirado, aunque es, en la verdad, recia cosa obligaros a tantas sutilezas sin necesidad.

VALDÉS: Sí que es recia sin necesidad, pero con necesidad no es recia, y de necesidad tiene de observar todo esto el que quiere escribir bien y propiamente, y ninguna cosa voluntaria es dificultosa.

MARCIO: Digo que tenéis razón en esto. Pero decidnos: ¿cuál tenéis por mejor, *ospital* o *espital*?

VALDÉS: Ni el uno ni el otro tengo por buenos, porque veo que aunque la pobreza es de todos muy alabada, de todos es muy aborrecida y menospreciada.

MÁRCIO: Na verdade, como vos parece esta observação?

PACHECO: Parece-me tão boa que considero a melhor que dissestes aqui, apesar de as outras serem muito boas; eu, por mim, confesso-vos que não havia observado com tanto primor.

MÁRCIO: Daqui por diante pensais em usar estas regras?

PACHECO: Sim, enquanto me lembrar delas; ao menos usá-las-ei quando escrever algo que tenha de andar pelas mãos de alguns; e também por elas queria corrigir tudo o que escrevi até aqui.

MÁRCIO: Nunca vi na minha vida homem de vossa terra que fosse *dócile* senão vós.

PACHECO: Que quer dizer *dócile*?

VALDÉS: *Dócile* os latinos chamam quem é apto para receber a doutrina que lhe dão, e é corrigível.

PACHECO: Vede, senhores, assim como nem todos os que vestem hábitos e cogulas são frades, assim tampouco são todos porfiados os que são de minha terra, porque há uns e outros.

MÁRCIO: Enquanto falardes desta maneira, sereis amigo do senhor Valdés; e deixando isto, que é perder tempo, dizei-nos: por que em lugar do *et* latino e italiano algumas vezes colocais y grego e outras *e*?

VALDÉS: Coloco *e* somente

MARCIO: Dejaos de decir donaires; no os pregunto sino cuanto a lo que pertenece al vocablo.

VALDÉS: Por mejor vocablo tengo *ospital*, y veréis que pocos dicen ni escriben *espital*.

MARCIO: Pues Librija...

VALDÉS: Tornaos ahí con vuestro Librija; ¿no os digo que lo dejéis estar?

MARCIO: Ya habéis picado otra vez.

VALDÉS: Andaos a decir donaires; y antes que paséis adelante, diré esto en disculpa de Librija, que por ventura escribe *espital*, porque en su tierra este vocablo quedó entero del griego vulgar, porque ellos dicen *espital*.

MARCIO: En estos vocablos que diré, como son *abundar* o *abondar*, *rufián* o *rofián* *ruído* o *roído*, *cubrir* o *cobrir*, *jaula* o *jaola*, *tullido* o *tollido*, *riguroso* o *rigoroso*, ¿cuál tenéis por mejor, la *u* o la *o*?

VALDÉS: En todos esos yo siempre escribo la *u*, porque la tengo por mejor; creo hacen así los más.

[...]

MARCIO: Está bien esto. Pero enseñadnos aquí cómo hacéis cuando queréis huir de que vengan en lo que escribís muchas vocales juntas, porque tengo este por gran primor en el escribir.

VALDÉS: Esa es cosa que no se

quando o vocábulo que se segue começa com *i*, como no que acabais de dizer agora: *latino e italiano*.

PACHECO: Está muito bem dito e muito bem observado, ainda que, na verdade, obrigar-vos a tantas sutilezas sem necessidade seja algo difícil.

VALDÉS: Claro que sem necessidade é difícil, porém, com necessidade não é difícil, e por necessidade, quem quer escrever bem e propriamente tem de observar tudo isto, e nenhuma coisa voluntária é dificultosa.

MÁRCIO: Digo que tendes razão nisto. Mas dissei-nos: qual achais melhor, *ospital* ou *espital*?

VALDÉS: Não acho bom nem um, nem o outro, porque vejo que, apesar de a pobreza ser muito elogiada por todos, é muito detestada e menosprezada por todos.

MÁRCIO: Deixai de dizer gracejos; não vos pergunto senão quanto ao que pertence ao vocábulo.

VALDÉS: Considero o melhor vocábulo *ospital*, e vereis que *espital* poucos dizem, nem escrevem.

MÁRCIO: Pois Nebrija...

VALDÉS: De novo com vosso Nebrija; eu não vos disse para esquecê-lo?

MÁRCIO: Já vos irritastes outra vez.

puede enseñar sino teniendo un libro castellano en la mano. ¿Tenéis aquí alguno?

MARCIO: Pienso que no.

VALDÉS: Pues acordaos, quando lo tengáis, que yo os lo mostraré; ahora solamente os quiero decir que, huyendo yo quanto me es posible de la conjunción de muchas vocales, quando la necesidad forzosamente las trae, procuro ensolverlas, y así escribo de esta manera: *En achaque de trama stâca nuestrâma*, donde, poniendo todas las vocales, había de escribir *está acá y nuestra ama*, y de la misma manera: *Ninguno no diga: destâgua no beberé*, por de esta agua.

CORIOLANO: Eso habéis vos tomado del griego, y aun del italiano.

VALDÉS: La pronunciación ni la he tomado del uno ni del otro; la escritura sí; pero ¿no os parece a vos que es prudencia saberse hombre aprovechar de lo que oye, ve y estudia, siendo aquél el verdadero fruto del trabajo?

CORIOLANO: No solamente tengo eso por prudencia, pero tendría el contrario por ignorancia.

MARCIO: Veo en vuestras cartas que en algunos vocablos ponéis *b* adonde otros no la ponen, y decís *cobdiciar, cobdo, dubdar, súbdito*; querría saber por qué lo hacéis así.

VALDÉS: Porque a mi ver los vocablos están más llenos y

VALDÉS: Ide-vos a dizer gracejos; e antes que passeis adiante, direi isto em desculpa de Nebrija, que por ventura escreve *espital*, porque em sua terra este vocábulo restou inteiro do grego vulgar, porque eles dizem *espital*.

MÁRCIO: Nestes vocábulos que direi, como são *abundar* ou *abondar, rufián* ou *rofián ruído* ou *roído, cubrir* ou *cobrir, jaula* ou *jaola, tullido* ou *tollido, riguroso* ou *rigoroso*, qual considerais o melhor, o *u* ou o *o*?

VALDÉS: Em todos estes eu sempre escrevo com *u*, porque considero melhor; creio que assim façam os demais.

[...]

MÁRCIO: Está bem isto. Mas ensinai-nos aqui como fazeis quando quereis evitar que venham muitas vogais juntas no que escreveis, porque considero este um grande primor no escrever.

VALDÉS: Esta é uma coisa que não se pode ensinar senão tendo um livro castelhano na mão. Tendes algum aqui?

MÁRCIO: Penso que não.

VALDÉS: Pois lembrai-vos, quando o tiverdes, que eu vo-lo mostrarei; agora quero dizer-vos somente que, evitando o quanto me é possível sobre a junção de muitas vogais, quando a necessidade as traz à força, procuro contraí-las, e assim escrevo desta maneira: *Em*

mejores con la *b* que sin ella, y porque toda mi vida los he escrito y pronunciado con *b*.

MARCIO: Siempre que escribo algún vocablo que comience en *c* o en *q*, y después se siga *u*, estoy en duda si tengo de poner *c* o *q*, y mirando el *Vocabulario* de Librija, hallo que los escribe casi todos con *c*. Mirando vuestras cartas, hallo muchos más escritos con *q* que con *c*; deseamos nos digáis qué es lo que acerca de esto guardáis.

VALDÉS: Ya os tengo dicho que no me aleguéis a Librija.

MARCIO: Perdonadme por esta vez, que fue sin malicia.

VALDÉS: Soy contento, y os digo que en esto no tengo regla ninguna que daros, salvo que, pareciéndome que conviene así, a todos los nombres que significan número, como *quatro*, *quarenta*, pongo *q*, y también a los pronombres, como *qual*; y de verdad son muy pocos los que me parece se deben escribir con *c* [...].

MARCIO: Un donaire muy grande he notado en vuestras cartas; que en algunos vocablos no os contentáis con la *e* ordinaria que los castellanos añadís en los vocablos que comienzan en *s*, sino ponéis otra añadidura con una *d*; de manera que, habiendo hecho de *scabullir*, *escabullir*, y de *sperazar*, *esperezar*, vos hacéis *descabullir* y *desperezar*.

VALDÉS: Mayor donaire es

achaque de trama stâca nossâma, onde, colocando todas as vogais, devia escrever *está cá e nossa ama*, e da mesma forma: *Ninguém diga: destâgua não beberei*, por *desta água*.

CORIOLANO: Tomastes isso do grego, e também do italiano.

VALDÉS: Não tomei a pronúncia nem de um nem do outro; a escrita sim; mas não vos parece que é prudente saber aproveitar-se do que se ouve, vê e estuda, sendo aquele o verdadeiro fruto do trabalho?

CORIOLANO: Não somente tenho isso por prudência, mas teria o contrário por ignorância.

MÁRCIO: Em vossas cartas, vejo que em alguns vocábulos colocais *b* onde outros não o colocam, e dizeis *cobdiçar*, *cobdo*, *dubdar*, *súbdito*; queria saber por que o fazeis assim.

VALDÉS: Porque a meu ver os vocábulos estão mais cheios e melhores com o *b* que sem ele, e porque em toda minha vida escrevi-os e pronunciei-os com *b*.

MÁRCIO: Sempre que escrevo algum vocábulo que comece com *c* ou com *q*, e depois se siga *u*, estou em dúvida se devo colocar *c* ou *q*, e olhando o *Vocabulário* de Nebrija, acho que os escreve quase todos com *c*. Olhando vossas cartas, acho muitos escritos mais com *q* do que com *c*; desejamos que nos digais o que é

querer vos ser juez en la provincia donde no sabéis las leyes; ¿no habéis oído decir que cada gallo cante en su muladar?

MARCIO: Sí que lo he oído decir, pero esto es tan claro que me parece poder hablar en ello como en cosa tan propia mía como vuestra.

VALDÉS: Pues no os parezca, por vuestra vida; y sabed que la gentileza de la lengua castellana, entre las otras cosas, consiste en que los vocablos sean llenos y enteros, y por esto siempre me veréis escribir los vocablos con las más letras que puedo, si ya no son algunas letras que indiscretamente se han mezclado en algunos vocablos, de los cuales por ventura, antes que de aquí vamos, nos toparemos con algunos; pero esto no cabe en ninguno de los que habéis dicho ahora; ni tampoco soy de vuestra opinión en cuanto a las añadiduras que decís; antes pienso que el primero que comenzó a usar estos vocablos en la lengua castellana los usó así enteros como yo los escribo.

PACHECO: Más os valiera callar, pues, yendo por la lana, habéis tornado trasquilado.

MARCIO: Así es verdad que torno trasquilado, pero también llevo lana, pues he sabido lo que hasta ahora no sabía. Pero dejemos esto; ¿qué es la causa porque vos no ponéis una *d* entre dos *aes* como la

que pensais acerca disto.

VALDÉS: Já vos disse que não me citeis Nebrija.

MÁRCIO: Perdoai-me por esta vez, que foi sem maldade.

VALDÉS: Estou contente, e digo-vos que nisto não tenho nenhuma regra para vos dar, salvo que, parecendo-me que convém assim, em todos os nomes que significam número, como *quatro*, *quarenta*, coloco *q*, e também nos pronomes, como *qual*; e de fato são muito poucos os que me parece que se devem escrever com *c* [...].

MÁRCIO: Percebi um donaire muito grande em vossas cartas; que em alguns vocábulos não vos contentais com o *e* comum que os castelhanos acrescentam nos vocábulos que começam com *s*, mas colocais outro acréscimo com um *d*; de modo que, tendo feito de *scabullir*, *escabullir*, e de *sperazar*, *esperezar*, vós fazeis *descabullir* e *desperezar*.

VALDÉS: Maior donaire é vós querer ser juiz na terra onde não sabeis as leis; não ouvistes dizer que cada galo cante em seu muladar?

MÁRCIO: Sim que o ouvi dizer, mas isto é tão claro que me parece poder falar dele como de coisa própria tão minha como vossa.

VALDÉS: Pois não vos pareça, por favor; e sabeí que a elegância da língua castelhana, entre as

ponen muchos, diciendo *ad aquel*, y así en otras partes?

VALDÉS: Eso hacen solamente algunos aragoneses, lo cual, según parece, hacen por huir el mal sonido que causan dos *aes* juntas; pero, a mi ver, por huir de un inconveniente caen en dos: el uno es que dan a la lengua lo que no es suyo, y el otro que no alcanzan lo que pretenden, que es adobar el mal sonido, porque, si bien lo consideráis, peor suena decir *ad aquel* que *a aquel*.

MARCIO: Digo que, si sólo por eso ponen la *d*, ellos a mi ver lo yerran, porque, allende de lo que vos habéis dicho, no tienen autoridad de ninguna otra lengua que haga una cosa semejante donde se puedan fundar; por tanto, de hoy más, yo les dejo su *d*, que allá se avengan con ella. Y vos decidnos por qué entre vosotros, unos ponéis algunas veces una *d* al fin de las segundas personas de los imperativos, y otros siempre la dejáis, escribiendo unas veces *tomá*, otras *tomad*; unas *comprá*, otras *comprad*; unas *comé*, otras *comed*.

VALDÉS: A los que no la ponen querría que demandaseis por qué la dejan, que yo que la pongo, bien os diré la causa.

MARCIO: Esa nos abasta a nosotros saber.

VALDÉS: La pongo por dos respetos: el uno por henchir más el

outras coisas, consiste em que os vocábulos sejam plenos e inteiros, e por isto sempre me vereis escrever os vocábulos com o mais que posso de letras, se já não são algumas letras que indiscretamente se misturaram em alguns vocábulos, dos quais, por ventura, antes de irmos embora, nos encontraremos com alguns; mas isto não cabe em nenhum dos que dissesstes agora; nem tampouco sou de vossa opinião quanto aos acréscimos que dizeis;

antes penso que o primeiro que começou a usar estes vocábulos na língua castelhana usou-os assim inteiros como eu os escrevo.

PACHECO: Mais vos valeria calar, pois, indo buscar *lã*, voltastes *tosquiado*.

MÁRCIO: É verdade que volto *tosquiado*, mas também trago *lã*, pois aprendi o que até agora não sabia. Mas deixemos isso; qual é a causa pela qual não colocais um *d* entre dois *as* como muitos o colocam, dizendo *ad aquel*, e assim em outras partes?

VALDÉS: Somente alguns aragoneses fazem isso, o que, segundo parece, fazem para evitar o mau som que causam dois *as* juntos; porém, a meu ver, para fugir de um inconveniente caem em dois: um é que dão à língua o que não é seu, e o outro que não alcançam o que pretendem, que é disfarçar o mau som, porque, se o

vocablo, y el otro por que haya diferencia entre el *toma* con el acento en la *o*, que es para quando hablo con un muy inferior, a quien digo *tú*, y *tomad* con el acento en la *a*, que es para quando hablo con un casi igual, a quien digo *vos*; lo mismo es en *compra* y *comprad*, en *corre* y *corred*, etc.

MARCIO: Quanto a esto, yo quedo bien satisfecho, y holgaría me satisficieseis también a lo que ahora os preguntaré; ¿qué es la causa por que vos escribís con *h* casi todos los vocablos que el latino escribe con *f*? Y sabed que lo que me hace estar más maravillado de esto, es ver que muchos castellanos los escriben con *f*.

VALDÉS: Si os acordaseis bien de lo que hemos dicho, hallaríais que estáis respondido a eso; pero, pues tenéis mala memoria, torno a decir que de la pronunciación arábica le viene a la castellana el convertir la *f* latina en *h*; de manera que, pues la pronunciación es con *h*, yo no sé por qué ha de ser la escritura con *f*, siendo fuera de propósito que en una lengua vulgar se pronuncie de una manera y escriba de otra; yo siempre he visto que usan la *h* los que se precian de escribir el castellano pura y castellanamente; los que ponen la *f* son los que, no siendo muy latinos, van trabajando de parecerlo.

MARCIO: No me desplace lo que

considerais bem, dizer *ad aquel* soa pior *do* que *a aquel*.

MÁRCIO: Digo que, se colocam o *d* só por isso, a meu ver eles erram, porque, além do que vós dissestes, não têm autoridade de nenhuma outra língua que faça uma coisa semelhante onde se possam fundamentar; portanto, de hoje em diante, deixo-lhes seu *d*, que lá se entendam com ele. E vós dizai-nos por que entre vós, uns colocais algumas vezes um *d* no final das segundas pessoas dos imperativos, e outras sempre deixais, escrevendo algumas vezes *tomá*, outras *tomad*; umas *comprá*, outras *comprad*; umas *comé*, outras *comed*.

VALDÉS: Aos que não o colocam queria que perguntásseis por que o deixam, porque eu que o coloco bem vos direi a causa.

MÁRCIO: Essa nos basta saber.

VALDÉS: Coloco-o por dois motivos: um para encher mais o vocábulo, e o outro para que haja diferença entre o *toma* com o acento no *o*, que é para quando falo com alguém muito inferior, a quem digo *tú*, e *tomad* com o acento no *a*, que é para quando falo com alguém quase igual, a quem digo *vos*; o mesmo é em *compra* e *comprad*, em *corre* e *corred*, etc.

MÁRCIO: Quanto a isto, eu fico bem satisfeito, e gostaria que me satisfizésseis também com o que

decís, pero veo también que en vocablos que no son latinos hacéis lo mismo.

VALDÉS: Y en esos mucho mejor quiero guardar mi regla de escribir como pronuncio.

PACHECO: No sé yo si osaríais vos decir eso en la Cancellaría de Valladolid.

VALDÉS: ¿Por qué no?

PACHECO: Porque os apedrearían aquellos notarios y escribanos que piensan levantarse diez varas de medir sobre el vulgo, porque con saber tres maravedís de latín hacen lo que vos reprehendéis.

VALDÉS: Por eso me guardaré yo bien de írselo a decir a ellos. Ni aun a vosotros no lo dijera, si no me hubierais importunado.

PACHECO: ¿Por qué?

VALDÉS: Porque es la más recia cosa del mundo dar reglas en donde cada plebeyo y vulgar piensa que puede ser maestro.

PACHECO: Aunque sea fuera de propósito, os suplico me digáis a quién llamáis plebeyos y vulgares.

VALDÉS: A todos los que son de bajo ingenio y poco juicio.

PACHECO: ¿Y si son altos de linaje y ricos de renta?

VALDÉS: Aunque sean cuan altos y cuan ricos quisieren, en mi opinión, serán plebeyos si no son altos de ingenio y ricos de juicio.

MARCIO: Esa filosofía no la aprendisteis vos en Castilla.

VALDÉS: Engañado estáis; antes,

vos preguntarei agora; qual é a causa pela qual escreveis com *h* quase todos os vocábulos que em latim se escrevem com *f*? E sabeí que o que me faz ficar mais admirado com isto é ver que muitos castelhanos escrevem-nos com *f*.

VALDÉS: Se vos lembrásseis bem do que dissemos, acharíeis que isto está respondido; mas, já que tendes má memória, volto a dizer que o converter o *f* latino em *h* vem da pronúncia árabe à castelhana; de modo que, se a pronúncia é com *h*, eu não sei por que a escrita deve ser com *f*, sendo fora de propósito que em uma língua vulgar pronuncie-se de uma forma e escreva-se de outra; eu sempre vi que os que escrevem bem o castelhano, pura e castelhanamente, usam o *h*; os que usam o *f* são os que, não sendo muito latinos, esforçam-se para parecê-lo.

MÁRCIO: Não me desagrada o que dizeis, mas vejo também que fazeis o mesmo em vocábulos que não são latinos.

VALDÉS: E nesses muito melhor quero manter minha regra de escrever como pronuncio.

PACHECO: Não sei se ousaríeis dizer isso na chancelaria de Valladolid.

VALDÉS: Por que não?

PACHECO: Porque apedrejar-vos-iam aqueles notários e

después qué vine en Italia, he olvidado mucha parte della.

MARCIO: Será por culpa vuestra.

VALDÉS: Si ha sido por culpa mía o no, no digo nada; basta que es así, que mucha parte de la que vos llamáis filosofía, que aprendí en España, he olvidado en Italia.

MARCIO.- Esa es cosa nueva para mí.

VALDÉS: Pues, para mí, es tan vieja que me pesa.

MARCIO: No quiero disputar con vos esto, pues tan bien me habéis satisfecho en lo que os he preguntado.

VALDÉS: Me huelgo que os satisfaga, pero más quisiera satisfacer a Garcilaso de la Vega, con otros dos caballeros de la corte del Emperador que yo conozco.

MARCIO: Si no se satisficieren cuando vieren alguna cosa donde estuviere guardada la regla que decís, ellos sabrán por qué; basta que nosotros quedamos satisfechos. Pero, ¿sabéis qué querría?

VALDÉS: ¿Qué?

MARCIO: Que en los vocablos que claramente tomáis del latín, los cuales se escriben con dos efes, no les quitaseis ninguna, de manera que dijeseis *affetto* y no *afeto*.

VALDÉS: También lo querría yo, pero sería dificultoso de introducir, por la poca plática que hay de la lengua latina entre los más de nosotros.

escrivães que pensam levantar-se dez varas de medir sobre o povo, porque com saber três maravedis de latim fazem o que vós repreendeis.

VALDÉS: Por isso poupar-me-ei bem de ir dizer a eles. Nem a vós o teria dito, se não tivésseis insistido.

PACHECO: Por quê?

VALDÉS: Porque é a coisa mais difícil do mundo dar regras onde cada plebeu e vulgar pensa que pode ser mestre.

PACHECO: Ainda que seja fora de propósito, suplico-vos que me digais a quem chamais plebeus e vulgares.

VALDÉS: A todos os que são de baixo engenho e pouco juízo.

PACHECO: E se são altos de linhagem e ricos de renda?

VALDÉS: Ainda que sejam quão altos e quão ricos quiserem, em minha opinião, serão plebeus se não são altos de engenho e ricos de juízo.

MÁRCIO: Não aprendestes esta filosofia em Castela.

VALDÉS: Estais enganado; antes, depois que vim à Itália, esqueci grande parte dela.

MÁRCIO: Será por vossa culpa.

VALDÉS: Se foi por minha culpa ou não, não digo nada; basta que seja assim, que grande parte da que chamais filosofia, que aprendi na Espanha, esqueci na Itália.

MÁRCIO: Isto é coisa nova para

MARCIO: A lo menos, si no podéis hacer que lo usen los otros, usadlo vos.

VALDÉS: Soy contento, yo lo haré así de aquí adelante.

MARCIO: Está bien. Decidme ahora si *resgate* y *rescate* es todo uno.

VALDÉS: Todo, y el propio es *rescate*.

MARCIO: Pues ¿por qué algunos escriben *resgate*?

VALDÉS: Por ventura por hacer el contrario de lo que el castellano hace en vuestro *sgombrar*, que, mudando la *g* en *c* y añadiendo su ordinaria *e*, dice *escombrar*.

CORIOLOANO: ¿Qué quiere decir *escombrar* en castellano?

VALDÉS: Casi lo mismo que *sgombrar* en italiano.

CORIOLOANO: Según eso, hurtado nos habéis este vocablo.

MARCIO: Sí, por cierto, hallado os habéis la gente que se anda a hurtar vocablos.

CORIOLOANO: Tenéis razón, no supe lo que me dije.

VALDÉS: Siempre vosotros estáis armados de espada y capa, para herirnos cuando nos veis algo descubierto; pues ya sabéis que donde las dan, allí las toman.

MARCIO: Lo sé muy bien, y en esto tanto no quiero contender con vos, con tanto que me digáis cuál tenéis por mejor; decir *quige* y *quigera*, o *quise* y *quisiera*, y cuál os contenta más, escribir *vigitar* o

mim.

VALDÉS: Pois, para mim, é tão velha que me pesa.

MÁRCIO: Não quero disputar isto convosco, pois me satisfizestes tão bem no que vos perguntei.

VALDÉS: Alegro-me que vos tenha satisfeito, porém queria mais satisfazer Garcilaso de la Vega, com outros dois cavalheiros que eu conheço da corte do imperador.

MÁRCIO: Se não se satisfizerem quando virem alguma coisa em que seja observada a regra que dizeis, eles saberão por quê; basta que nós fiquemos satisfeitos. Mas, sabeis o que eu queria?

VALDÉS: O quê?

MÁRCIO: Que nos vocábulos que claramente tomais do latim, os quais se escrevem com dois efes, não lhes tirásseis nenhum, de maneira que dissésseis *affetto* e não *afeto*.

VALDÉS: Também eu o queria, mas seria dificultoso de introduzir, pela pouca prática que há da língua latina entre os demais de nós.

MÁRCIO: Se não podeis fazer com que os outros o usem, usai-o vós, ao menos.

VALDÉS: Estou contente, eu o farei assim daqui por diante.

MÁRCIO: Está bem. Dizei-me agora se *resgate* e *rescate* é um só.

VALDÉS: Sim, e o próprio é

visitar, porque veo algunos, y aun de los cortesanos principales, usar más la *g* que la *s*.

VALDÉS: Yo por muy mejor tengo la *s*, y creo que la *g* no la habéis oído usar a muchas personas discretas nacidas y criadas en el reino de Toledo o en la corte, si ya no fuese por descuido.

MARCIO: En la verdad creo sea así, aunque no fuese sino porque el *vigitar* tiene a mi ver del villanesco. Ahora decidme: ¿cuál os contenta más, escribir *rígase* o *ríyase*?

VALDÉS: Yo por mejor tengo *ríyase*, con tanto que la primera *i* sea pequeña, porque es vocal, y la segunda sea griega, porque es consonante; la *g* yo no sé por qué se ha enjerido allí; siempre diré: *Ande yo caliente y ríyase la gente*.

MARCIO: Bien me place esto. Y ahora que nombrasteis la *g*, me acuerdo que en los vocablos latinos, adonde después de la *g* se sigue *n*, unas veces veo que quitáis la *g*, y otras veo que la ponéis. ¿Por qué hacéis esto?

VALDÉS: Cuando escribo alguna carta particular en castellano para algún italiano, pongo la *g* por la misma causa que en lugar de la *j* larga pongo *gi*; pero, cuando escribo para castellanos, y entre castellanos, siempre quito la *g*, y digo *sinificar* y no *significar*, *manífico* y no *magnífico*, *dino* y no

rescate.

MÁRCIO: Então por que alguns escrevem *resgate*?

VALDÉS: Talvez para fazer o contrário do que o castelhano faz com o vosso *sgombrar*, que, trocando o *g* pelo *c* e acrescentando seu ordinário *e*, diz *escombrar*.

CORIOLOANO: Que quer dizer *escombrar* em castelhano?

VALDÉS: Quase o mesmo que *sgombrar* em italiano.

CORIOLOANO: Segundo isto, furtastes-nos este vocábulo.

MÁRCIO: Sim, por certo, achastes as pessoas que estão furtando vocábulos.

CORIOLOANO: Tendes razão, não soube o que me disse.

VALDÉS: Estais sempre armados de espada e capa, para nos atacar quando vedes algo descoberto em nós; pois já sabeis que quem com ferro fere com ferro será ferido.

MÁRCIO: Sei muito bem, e não quero mais discutir isso convosco, contanto que me digais qual achais melhor; dizer *quige* e *quigera*, ou *quise* e *quisiera*, e qual vos agrada mais, escrever *vigitar* ou *visitar*, porque vejo alguns, e ainda dos principais cortesãos, usar mais o *g* que o *s*.

VALDÉS: Eu considero muito melhor o *s*, e acredito que não ouvistes muitas pessoas discretas nascidas e criadas no reino de Toledo ou na corte usar o *g*, a não

digno; y digo que la quito porque no la pronuncio; porque la lengua castellana no conoce de ninguna manera aquella pronunciación de la *g* con la *n*; y lo veréis porque no dice *segnor*, sino *señor*, sirviéndose de la tilde donde vosotros os servís de la *g*. De manera que, cuando bien yo quisiese que el castellano pronunciase como vosotros el *manífico* y el *sinífico*, pondría en lugar de vuestra *g* nuestra tilde, como hago en *iñorancia*, y diría *mañífico* y *siñífico*. ¿Qué os parece de esto, señor?

PACHECO: Me parece tan bien que no os lo oso alabar, porque no me tengáis por lisonjero.

MARCIO: Si va a decir las verdades, os digo que tengo sospecha que vosotros os vais haciendo del ojo para que apruebe el uno lo que dice el otro. Hacedlo en buena hora, no me doy nada; y decidme a qué propósito hacéis tantos potajes de la *h*, que jamás puede la persona atinar adónde está bien o dónde está mal.

VALDÉS: En eso tanto tenéis mucha razón, porque es así que unos la ponen adonde no es menester, y otros la quitan de donde está bien. La ponen algunos en *hera*, *havía* y *han*, y en otros de esta calidad, pero esto lo hacen los que se precian de latinos; yo, que querría más serlo que preciarme de ello, no pongo la *h*, porque leyendo

ser por descuido.

MÁRCIO: Na verdade, acredito que seja assim, ainda que não fosse senão porque o *vigitar* a meu ver tem algo de vilanesco. Agora digei-me: qual vos agrada mais, escrever *rígase* ou *ryyase*?

VALDÉS: Considero melhor *ryyase*, contanto que o primeiro *i* seja breve, porque é vogal, e o segundo seja grego, porque é consoante; o *g* eu não sei por que foi inserido ali; sempre direi: *Ande yo caliente y ryyase la gente* [Ande eu bem quente e ria essa gente].

MÁRCIO: Bem me agrada isto. E agora que citastes o *g*, lembro que nos vocábulos latinos, onde depois do *g* se segue *n*, algumas vezes vejo que tirais o *g*, e outras vejo que o colocais. Por que fazeis isto?

VALDÉS: Quando escrevo alguma carta particular em castelhano para algum italiano, uso o *g* pela mesma causa que no lugar do *j* longo coloco *gi*; porém, quando escrevo para castelhanos, e entre castelhanos, sempre tiro o *g*, e digo *sinificar* e não *significar*, *manífico* e não *magnífico*, *dino* e não *digno*; e digo que o tiro porque não o pronuncio; porque a língua castelhana não conhece de nenhuma forma aquela pronúncia do *g* com o *n*; e o vereis porque não diz *segnor*, mas *señor*, usando o til onde vós usais o *g*. De

no la pronuncio. Hallaréis también una *h* entre dos ees, como en *leher*, *veher*, pero de esto no curéis, porque es vicio de los aragoneses, lo cual no permite de ninguna manera la lengua castellana. Y otros la quitan, digo la *h*, de donde está bien, diciendo *ostigar*, *inojos*, *uérfano*, *uésped*, *ueste*, etc., por *hostigar*, *hinojos*, *huérfano*, *huésped*, *hueste*; y haciendo esto caen en dos inconvenientes: el uno es que defraudan los vocablos de las letras que les pertenecen, y el otro que apenas se pueden pronunciar los vocablos de la manera que ellos los escriben. Hay otra cosa más, que, haciéndose enemigos de la *h*, ninguna diferencia hacen entre *e* cuando es conjunción, y *he* cuando es verbo, porque siempre la escriben sin *h*, en lo cual, como os he dicho del *ha*, yerran grandemente. Aun juegan más con la pobre *h*, poniendo algunas veces, como ya os he dicho, la *g* en su lugar, y así dicen *güerta*, *güessa*, *güevo*, por *huerta*, *huessa*, *huevo*, etc., en los cuales todos yo siempre deixo estar la *h*, porque me ofende toda pronunciación adonde se juntan la *g* con la *u*, por el feo sonido que tiene.

PACHECO: Así es verdad que el sonido es feo, pero como veis es más claro.

VALDÉS: Séase cuan más claro vos quisieréis, que yo por mí nunca

maneira que, quando eu bem quisesse que o castelhano pronunciasse como vós o *manífico* e o *sinífico*, colocaria nosso til em lugar de vosso *g*, como faço em *iñorancia*, e diria *mañífico* e *siñífico*. O que vos parece isto, senhor?

PACHECO: Parece-me tão bem que não vos ouso elogiar, para que não me tenhais por lisonjeiro.

MÁRCIO: Para dizer a verdade, desconfio que estejais piscando o olho para que um aprove o que o outro diz. Fazei-o em boa hora, não me ofende em nada; e dizei-me com que propósito fazeis tanta confusão com o *h*, que a pessoa jamais pode atinar onde está bem ou onde está mal.

VALDÉS: Nisso tendes muita razão, porque é assim que uns o colocam onde não é preciso, e outros o tiram de onde está bem. Alguns o colocam em *hera*, *havía* e *han*, e em outros deste tipo, mas isto o fazem os que se fingem de latinos; eu, que queria mais sê-lo que me fingir dele, não coloco o *h*, porque lendo não o pronuncio. Achareis também um *h* entre dois es, como em *leher*, *veher*, mas não vos preocupeis com isto, porque é vício dos aragoneses, que a língua castelhana não permite de nenhuma forma. E outros o tiram, digo o *h*, de onde está bem, dizendo *ostigar*, *inojos*, *uérfano*, *uésped*, *ueste*, etc., por *hostigar*,

escribiré ni pronunciaré de otra manera que he hecho hasta aquí; y si queréis ver el amistad que la lengua castellana tiene con la *h*, acordaos que ya dos veces os he dicho que casi en todos los vocablos que tiene latinos, si comienzan en *efe*, convierte la *f* en *h*, diciendo por *ferrum*, *hierro*, cuando significa metal [...].

Esta variación de letras en los vocablos creo sea nacida más presto por inadvertencia de los que hablan y escriben, variando cuando una letra o cuando otra, que no por industria.

MARCIO: Verdaderamente creo sea así. Pero veamos ¿cuál tenéis por mejor decir *levar* o *llevar*?

VALDÉS: Yo por mejor tengo decir *llevar*, aunque no fuese sino porque *levar* también significa *levantar*.

CORIANO: Uno de los tropiezos en que yo caigo cuando leo algunas cosas en castellano es el de las dos *es*, porque como no las pronunciáis como nosotros, nunca acabo de caer en la pronunciación de ellas.

VALDÉS: Con esto que os diré, si quisieréis estar sobre aviso cuando leéis, no tropezaréis jamás en este canto. Esto es que el castellano pronuncia siempre las dos *es* como vosotros pronunciáis la *g* con *l* y con *i*, de manera que vosotros escribís *gagliardo*, y nosotros *gallardo*, y todos lo pronunciamos

hinojos, *huérfano*, *huésped*, *hueste*; e fazendo isso caem em dois inconvenientes: um é que defraudam os vocábulos das letras que lhes pertencem, e o outro que apenas se podem pronunciar os vocábulos da maneira que eles os escrevem. Há mais outra coisa, que, tornando-se inimigos do *h*, nenhuma diferença fazem entre *e* quando é conjunção, e *he* quando é verbo, porque sempre o escrevem sem *h*, no qual, como vos disse do *ha*, e erram grandemente. Também jogam mais com o pobre *h*, colocando algumas vezes, como já vos disse, o *g* em seu lugar, e assim dizem *güerta*, *güessa*, *güevo*, por *huerta*, *huessa*, *huevo*, etc., em todos os quais eu sempre deixo o *h* ficar, porque toda pronúncia onde se juntam o *g* com o *u* me ofende, pelo som feio que tem.

PACHECO: Assim é verdade que o som é feio, mas como vedes é mais claro.

VALDÉS: Seja quanto mais claro quiserdes, que eu por mim nunca escreverei nem pronunciarei de outra maneira como a que fiz até aqui; e se quereis ver a amizade que a língua castelhana tem com o *h*, lembrai-vos de que já vos disse duas vezes que em quase todos os vocábulos latinos que tem, se começam com *efe*, converte-se o *f* em *h*, dizendo por *ferrum*, *hierro*, quando significa metal [...].

de una misma manera; y lo mismo acontece en los otros vocablos semejantes a este.

CORIOLANO: Por esto dicen que más ven cuatro ojos que dos. Ya yo no tropezaré más en esto. Proseguid adelante.

MARCIO: En los verbos compuestos con pronombre hay muchos que convierten una *r* en *l*, y por lo que vos decís *dezirlo* y *hazerlo*, ellos dicen *dezillo* y *hazello*. Decidnos acerca de esto lo que os parece.

VALDÉS: Lo uno y lo otro se puede decir; yo guardo siempre la *r* porque me contenta más. Es bien verdad que en metro muchas veces está bien el convertir la *r* en *l* por causa de la consonante, como veréis en esta pregunta que envió un caballero a otro, la cual dice así: *¿Quès la cosa que sin ella/ más claramente la vemos/ y si acaso la tenemos/ no sabemos conocella?/ Quanto ella es más perfeta/ en aquel que la posee,/ tanto a él es más secreta/ y todo el mundo la vee*. Adonde, como veis, dijo *conocella* y no *conocerla* porque respondiese al *ella*.

MARCIO: Antes que paséis adelante, decidnos qué cosa es ésa que tiene tantas contrariedades.

VALDÉS: Si os la dijese, la sabríais.

MARCIO: Y aun por saberla os lo preguntamos.

VALDÉS: Pues quedaos ahora con

Acredito que esta variação de letras nos vocábulos tenha nascido mais cedo por descuido dos que falam e escrevem, variando ora uma letra ora outra, e não por indústria.

MÁRCIO: Acredito que realmente seja assim. Mas vejamos qual achais melhor dizer *levar* ou *llevar*?

VALDÉS: Eu acho melhor dizer *llevar*, ainda que não fosse senão porque *levar* também significa *levantar*.

CORIOLANO: Um dos tropeços em que eu caio quando leio algumas coisas em castelhano é o dos dois eles, porque como não os pronunciais como nós, nunca deixo de cair na pronúncia deles.

VALDÉS: Com isto que vos direi, se quiserdes estar de sobreaviso quando ledes, não tropeçareis jamais neste lugar. Isto é que o castelhano pronuncia sempre os dois eles como vós pronunciais o *g* com *l* e com *i*, de maneira que vós escreveis *gagliardo*, e nós *gallardo*, e todos o pronunciamos de uma mesma maneira; e o mesmo acontece nos outros vocábulos semelhantes a este.

CORIOLANO: Por isto dizem que quatro olhos veem mais que dois. Eu não tropeçarei mais nisto. Ide adiante.

MARCIO: Nos verbos compostos com pronome há muitos que convertem um *r* em *l*, e pelo que

ese deseo.

MARCIO: Descortésmente lo hacéis. Lo sufrimos porque vos nos sufráis a nosotros nuestras importunas preguntas.

VALDÉS: Como mandareis.

MARCIO: ¿Qué parecer es el vuestro acerca del poner *m* o *n* antes de la *p* y de *lab*?

VALDÉS: Por mi fe, en eso tanto nunca seré muy supersticioso. Bien sé que el latín quiere la *m*, y que a la verdad parece que está bien, pero, como no pronuncio sinon, huelgo ser descuidado en esto, y así, por cumplir con la una parte y con la otra, unas veces escribo *m*, y otras *n*; y así tanto me da escribir: *Duro es el alcacer para çampoñas*, como *para çanpoñas* [...].

MARCIO: Pero todavía tendréis por mejor la *m* que la *n*.

VALDÉS: Así es verdad.

MARCIO: Adonde vos escribís *estonces*, y *assí*, y *desde*, otros escriben *entonces*, *ansí*, y *dende*, mudando la *s* en *n*. ¿Tenéis alguna razón que os mueva a escribir *s* antes que *n*?

VALDÉS: La principal razón que tengo es el uso de los que bien escriben; podría también aprovecharme del origen de los vocablos, pero no quiero entrar en estas gramatiquerías. Os baste saber que, a mi parecer, en los vocablos que habéis dicho está mejor la *s* que la *n*, la cual creo se ha metido allí por inadvertencia.

vós dizeis *dezirlo* e *hazerlo*, eles dizem *dezillo* e *hazello*. Falai-nos acerca disto o que vos parece.

VALDÉS: Pode-se dizer um e o outro; eu uso sempre o *r* porque me agrada mais. É bem verdade que em verso muitas vezes está bem o converter o *r* em *l* por causa da consoante, como vereis nesta pergunta que enviou um cavalheiro a outro, que diz assim: *Que é a coisa que sem ela/ mais claramente a vemos/ e se acaso a temos/ não sabemos conhecê-la?/ Quanto ela é mais perfeita/ naquele que a tem,/ tanto a ele é mais secreta/ e todo o mundo a vê.* Onde, como vedes, disse *conhecê-la* e não *conhecer-la* para que respondesse a *ela*.

MÁRCIO: Antes que passeis adiante, dizei-nos que coisa é essa que tem tantas contrariedades.

VALDÉS: Se a dissesse, saberíeis.

MÁRCIO: E justo por sabê-la vo-lo perguntamos.

VALDÉS: Pois basta-vos agora com este desejo.

MÁRCIO: Falais com deselegância. Toleramos porque tolerais as nossas perguntas importunas.

VALDÉS: Como mandardes.

MÁRCIO: Qual é o vosso parecer acerca de colocar *m* ou *n* antes do *p* e do *b*?

VALDÉS: Por minha fé, nunca serei muito supersticioso nisso. Bem sei que o latim quer o *m*, e

PACHECO: Y aun yo soy de la misma opinión, aunque algún tiempo me pareció mejor decir *entonces* que *estonces*, pero ya me he desengañado.

MARCIO: Dos vocablos hallo de los cuales vos, no sé por qué, quitáis una *n*, diciendo por *invierno* y *lenxos*, *ivierno* y *lexos*. ¿Lo hacéis por industria o por descuido?

VALDÉS: El descuido creo yo que está en los que ponen la *n* sin propósito ninguno. Y esta es una de las letras que yo digo que por inadvertencia se han mezclado en algunos vocablos.

MARCIO: Yo bien creo que sea así. Pero, siendo *esfera* vocablo griego, ¿por qué vos lo escribís con *f* y otros con *p*, escribiéndolo el griego con *ph*?

VALDÉS: Los que lo escriben con *p*, darán cuenta de sí; yo lo escribo con *f* por conformar mi escritura con la pronunciación.

MARCIO: ¿Y hacéis lo mismo en los otros nombres griegos que el latino escribe con *ph*, como son *philosophía* y *phariseo*?

VALDÉS: Lo mismo, y por la misma razón.

MARCIO: A algunos oigo pronunciar *guerra* y *tierra*, y así otros vocablos que se escriben con dos erres, como si se escribiesen con sola una, y muchas veces he dudado si lo hacen por primor o por ignorancia. ¿Qué me decís

que de fato parece que fica bem, porém, como não pronuncio senão *n*, costumo ser descuidado nisto, e assim, para cumprir com uma parte e com a outra, algumas vezes escrevo *m*, e outras *n*; e assim tanto faz escrever: *O alcacer está duro para zamponhas*, como *para zanponhas* [...].

MÁRCIO: Mas ainda achais melhor o *m* que o *n*.

VALDÉS: É verdade.

MÁRCIO: Onde escreveis *estonces*, e *assí*, e *desde*, outros escrevem *entonces*, *ansí*, e *dende*, mudando o *s* em *n*. Tendes alguma razão que vos mova a escrever *s* em vez de *n*?

VALDÉS: A principal razão que tenho é o uso dos que escrevem bem; poderia também aproveitar-me da origem dos vocábulos, mas não quero entrar nestas gramatiquices. Baste-vos saber que, a meu parecer, nos vocábulos que disestes fica melhor o *s* que o *n*, o qual acredito que tenha sido colocado ali por descuido.

PACHECO: E eu também sou da mesma opinião, embora há algum tempo me pareceu melhor dizer *entonces* que *estonces*, mas já me corriji.

MÁRCIO: Acho dois vocábulos dos quais vós, não sei por que, tirais um *n*, dizendo por *invierno* e *lenxos*, *ivierno* e *lexos*. Fazeis por artifício ou por descuido?

acerca de esto?

VALDÉS: Que ni lo hacen por primor ni por ignorancia, sino por impedimento de sus propias lenguas, que no pueden pronunciar aquel sonido espeso que hacen las dos erres juntas.

MARCIO: ¿Cuál tenéis por mejor decir *querido* o *quesido*?

VALDÉS: Yo nunca jamás escribo *quesido*, sino *querido*, porque viene de querer.

MARCIO: Bien me contenta. En muchos vocablos he mirado que escribís dos eses adonde otros se contentan con una, y una donde otros ponen dos. ¿Tenéis alguna regla para esto?

VALDÉS: La regla más general que para ello tengo es doblarla en todos los nombres superlativos, como son *bonísimo* y *prudentísimo*, y en todos los nombres que acaban en *essa*, como *huessa*, *condessa*, *abadessa*, y en los que acaban en *esse*, como *interesse*, en la cual terminación acaban muchas personas en los verbos, como *hiziesse*, *truxesse*, *llevasse*, etc.; y en los que acaban en *esso*, como *huesso*, *professo*, *traviesso*; y, generalmente pongo dos eses cuando la pronunciación ha de ser espesa, y donde no lo es, pongo una sola.

MARCIO: Bien me contentan estas reglas. Pero decidme: ¿haréis alguna diferencia entre *asperar* y *esperar*?

VALDÉS: Acredito que o descuido está nos que usam o *n* sem propósito nenhum. E esta é uma das letras que eu digo que se misturaram em alguns vocábulos por descuido.

MÁRCIO: Acredito que seja assim. Mas, sendo *esfera* vocábulo grego, por que o escreveis com *f* e outros com *p*, escrevendo-o grego com *ph*?

VALDÉS: Os que o escrevem com *p*, darão conta de si; eu o escrevo com *f* para assemelhar minha escrita à pronúncia.

MÁRCIO: E fazeis o mesmo nos outros nomes gregos que em latim se escrevem com *ph*, como são *philosophía* e *phariseo*?

VALDÉS: O mesmo, e pela mesma razão.

MÁRCIO: Ouço alguns pronunciarem *guerra* e *tierra*, e assim outros vocábulos que se escrevem com dois erres, como se fossem escritos com um só, e muitas vezes duvidei se o fazem por primor ou por ignorância. Que me dizeis acerca disto?

VALDÉS: Que não o fazem por primor nem por ignorância, mas por impedimento de suas próprias línguas, que não podem pronunciar aquele som espeso que os dois erres juntos produzem.

MÁRCIO: Qual achais melhor dizer *querido* ou *quesido*?

VALDÉS: Eu jamais escrevo *quesido*, mas *querido*, porque vem

VALDÉS: Yo sí, diciendo *asperad* en cosas ciertas, y *esperad* en cosas inciertas, como vosotros usáis de *aspettar* y *sperar*, y así digo: *aspero que se haga hora de comer* y digo: *espero que este año no avrá guerra*. Bien sé que pocos o ninguno guarda esta diferencia, pero a mí me ha parecido guardarla por dar mejor a entender lo que escribo.

PACHECO: Yo tan nunca guardé esta diferencia, ni la he visto guardada.

MARCIO: No os maravilléis, que ni aun en los dos vocablos italianos la guardan todos; es bien verdad que la guardan los que la entienden, y así me parecerá bien que en los dos vocablos españoles la guarden también los que la entienden, de manera que el que lee entienda qué ha de entender por *esperar*, qué por *asperar*, y qué por *confiar*; los cuales tres vocablos por el ordinario confunden los que escriben. Y pues esto está bien dicho, decidme: ¿cuál es mejor escribir *cien* sin *t* o *cient* con *t*?

VALDÉS: Muchas veces he estado en duda cuál tomaría por mejor, y al fin me he determinado en escribir sin *t*, y decir: *Un padre para cien hijos, y no cien hijos para un padre*.

MARCIO: Lo mismo que me prometisteis de hacer en las dos *efes*, quiero que me prometáis en

de querer.

MÁRCIO: Bem me agrada. Em muitos vocábulos observei que escreveis dois *esses* onde outros contentam-se com um, e um onde outros colocam dois. Tendes alguma regra para isto?

VALDÉS: A regra mais geral que tenho para ele é dobrá-lo em todos os nomes superlativos, como são *boníssimo* e *prudentíssimo*, e em todos os nomes que terminam em *essa*, como *huessa*, *condessa*, *abadessa*, e nos que terminam em *esse*, como *interesse*, em cuja terminação acabam muitas pessoas dos verbos, como *hiziesse*, *truxesse*, *llevasse*, etc.; e nos que terminam em *esso*, como *huesso*, *professo*, *traviesso*; e, geralmente uso dois *esses* quando a pronúncia deve ser espessa, e onde não o é, uso um só.

MÁRCIO: Bem me agradam estas regras. Mas dizei-me: Vedes alguma diferença entre *asperar* e *esperar*?

VALDÉS: Eu sim, dizendo *asperad* em coisas certas, e *esperad* em coisas incertas, como vós usais *aspettar* e *sperar*, e assim digo: *aspero que chegue a hora de comer* e digo: *espero que neste ano não haja guerra*. Bem sei que poucos ou ninguém observa esta diferença, mas costume observá-la para explicar melhor o que escrevo.

PACHECO: Eu nunca observei

los vocablos que el latín escribe con dos *tes* o con *ct*, como *affetto*, *dotto*, *perpetto*, *respetto*.

VALDÉS: Esto es un poco más durillo, pero todavía, pues es bueno, no os lo quiero negar.

MARCIO: Os lo tengo en merced. ¿Qué os parece de lo que muchos hacen en algunos vocablos, escribiéndolos unas veces con *t* y otras veces con *d*?

VALDÉS: Me parece que hacen mal en no estar constantes en una misma manera de escribir. Pero decidme: ¿qué vocablos son esos?

MARCIO: Son *duro* y *turo*; *tresquilar* y *desquilar*.

CORIOLANO: ¿Qué decís? ¿vos no veis que *turo* y *duro* no son una misma cosa?

MARCIO: ¿Cómo no?

CORIOLANO: Porque, según a mí me han dicho, *turo* quiere decir *duravit*, y *duro* toman por *escasso*, hablando metafóricamente, porque *del escasso no se saca más çumo que de una piedra*.

VALDÉS: En eso tanto más os engañáis vos, no haciendo diferencia entre *duro*, con el acento en la *u*, que significa, como habéis dicho, *escasso*, y así decimos: *Más da el duro que el desnudo*, y *duró* con el acento en la última, que significa durar. Porque veáis si hace al caso señalar los acentos.

CORIOLANO: Yo confieso haberme engañado.

PACHECO: Pues también se

esta diferença, nem a vi observada.

MÁRCIO: Não vos admireis, que também nem nos dois vocábulos italianos todos a observam; é bem verdade que a observam os que a entendem, e assim parecer-me-á me bem que nos dois vocábulos espanhois a observem também os que a entendem, de maneira que quem lê entenda o que deve entender por *esperar*, o que por *asperar*, e o que por *confiar*; cujos tres vocábulos comumente confundem os que escrevem. E como isto está bem dito, dizei-me: qual é melhor escrever *cem* sem *t* ou *cent* com *t*?

VALDÉS: Muitas vezes estive em dúvida sobre qual tomaria por melhor, e finalmente decidi escrever sem *t*, e dizer: *Um pai para cem filhos, e não cem filhos para um pai*.

MÁRCIO: O mesmo que me prometestes fazer nos dois *efes*, quero que me prometais nos vocábulos que em latim se escrevem com dois *tes* ou com *ct*, como *affetto*, *dotto*, *perpetto*, *respetto*.

VALDÉS: Isso é um pouco mais difícil, mas não vos quero negá-lo, pois é bom.

MÁRCIO: Agradeço. O que vos parece do que muitos fazem em alguns vocábulos, escrevendo-os algumas vezes com *t* e outras vezes com *d*?

engaña el señor Marcio, creyendo que *tresquilar* y *desquilar* tienen una misma significación.

MARCIO: Pues si yo me engaño, desengañadme vos.

PACHECO: Soy contento. Habéis de saber que *trasquilar* no se usa jamás sino para significar cortar los cabellos, y así parece por algunos refranes, como son este: *Trasquilenme en concejo, y no lo sepan en mi casa*, y este: *Ir por lana y bolver trasquilado*. Sabed más que *desquilar* solamente pertenece al ganado. De manera que, así como se engañaría el que no hiciese esta diferencia en el uso de este vocablo, así también os engañáis vos en decir que unos lo escriben con *t* y otros con *d*, pues veis que mudando las letras se muda la significación.

VALDÉS: Bien os ha desengañado; se me antoja que estáis algo corrido.

MARCIO: Tenéis razón; siempre me pesó ser vencido, especialmente de quien no tiene habilidad para vencer. Pero mirad que no quiero se pase entre renglones, el decirnos cuál tenéis por mejor, escribir *turo* o *duro*.

VALDÉS: Cuando significan una misma cosa, por no hacer errar a quien lee, como ha errado el señor Coriolano, me parecería mejor decir *turó*, pero, porque en el más común hablar se dice *duró*, yo también escribo *duró*, señalando

VALDÉS: Parece-me que fazem mal ao não serem constantes em uma mesma forma de escrever. Mas dizei-me: que vocábulos são estes?

MÁRCIO: São *duro* e *turo*; *tresquilar* e *desquilar*.

CORIOLANO: Que dizeis? não vedes que *turo* e *duro* não são a mesma coisa?

MÁRCIO: Como não?

CORIOLANO.- Porque, segundo me disseram, *turo* quer dizer *duravit*, e *duro* tomam por *escasso*, falando metaforicamente, porque *do escasso não se tira mais sumo que de uma pedra*.

VALDÉS: Nisso tanto mais vos enganais, não fazendo diferença entre *duro*, com o acento no *u*, que significa, como dissestes, *escasso*, e assim dizemos: *Mais dá o duro que o desnudo*, e *duró* com o acento na última, que significa durar. Para que vejais se vem ao caso assinalar os acentos.

CORIOLANO: Eu admito ter me enganado.

PACHECO: Pois também o senhor Márcio se engana, acreditando que *tresquilar* e *desquilar* têm a mesma significação.

MÁRCIO: Pois se eu me engano, desenganai-me vós.

PACHECO: Estou contente. Deveis saber que *trasquilar* não se usa jamais senão para significar cortar os cabelos, e assim parece

con una rayica el acento en la última.

MARCIO: Está bien eso, pero ¿por qué vos en algunos vocablos, adonde muchos ponen *s*, ponéis *x*?

VALDÉS: ¿Qué vocablos son esos?

MARCIO: Son muchos, pero deciros he algunos: *casçar* o *caxçar*, *cáscara* o *cáxcara*, *cascavel* o *caxcavel*, *ensalmo* o *enxalmo*, *sastre* o *xastre*, *sárcia* o *xarcia*, *siringa* o *xiringa*, *tasbique* o *taxbique*.

VALDÉS: Abastan harto los dichos; yo estoy al cabo de lo que queréis decir. Y si habéis mirado bien en ello, no escribo yo todos esos con *x*, como vos decís, porque en los nombres de esa calidad guardo siempre esta regla, que si veo que son tomados del latín, los escribo con *s*, y digo *sastre* y no *xastre*, *ensalmar* y no *enxalmar*, y *siringa* y no *xiringa*, y si me parece son tomados del arábigo, los escribo con *x*, y así digocaxcavel, cáxcara, taxbique, etc., porque, como os he dicho, a los vocablos que o son arábigos o tienen parte de ello, es muy anexa la *x*.

MARCIO: ¿De manera que podremos usar la *s* en los vocablos que viéremos tener origen del latín, y la *x* en los que nos parecieren tener origen del arábigo?

VALDÉS: Ya os digo que yo así lo hago; pienso que en hacer vosotros

por alguns refrões, como este: *Trasquilem-me em conselho, e não o saibam em minha casa*, e este: *Ir buscar lâ e voltar trasquilado*. Sabei mais que *desquilar* pertence somente ao gado. De modo que, assim como se enganaria quem não fizesse esta diferença no uso deste vocábulo, assim também vos enganais ao dizer que uns o escrevem com *t* e outros com *d*, pois vedes que mudando as letras muda-se a significação.

VALDÉS: Bem vos desenganou; se me parece que estais enganado.

MÁRCIO: Tendes razão; sempre me incomodou ser vencido, especialmente por quem não tem habilidade para vencer. Mas olhai que não quero que aconteça entre escritos o dizer-nos qual achais melhor, escrever *turo* ou *duro*.

VALDÉS: Quando significam a mesma coisa, para não fazer errar quem lê, como errou o senhor Coriolano, parecer-me-ia melhor dizer *turó*, porém, porque no falar mais comum se diz *duró*, eu também escrevo *duró*, assinalando o acento na última com um traço.

MÁRCIO: Isto está bem, mas por que em alguns vocábulos, onde muitos colocam *s*, vós colocais *x*?

VALDÉS: Que vocábulos são estes?

MÁRCIO: São muitos, mas vos direi alguns: *casçar* ou *caxçar*, *cáscara* ou *cáxcara*, *cascavel* ou

de la misma manera no erraréis.

MARCIO: Pero de los nombres *latinos* encabezados en *ex*, como *excelencia*, *experiencia*, etc., ¿no querréis que quitemos la *x*?

VALDÉS: Yo siempre la quito, porque no la pronuncio, y pongo en su lugar *s*, que es muy anexa a la lengua castellana. Esto hago con perdón de la lengua latina, porque, cuando me pongo a escribir en castellano no es mi intento conformarme con el latín, sino explicar el concepto de mi ánimo de tal manera que, si fuere posible, cualquier persona que entienda el castellano alcance bien lo que quiero decir.

PACHECO: Para deciros verdad, esto se me hace un poco durillo.

VALDÉS: ¿Por qué?

PACHECO: Porque yo no sé con qué autoridad queréis vos quitar del vocablo latino la *x* y poner en su lugar la *s*.

VALDÉS: ¿Qué más autoridad queréis que el uso de la pronunciación? Sé que diciendo *experiencia* no pronunciáis la *x* de la manera que diciendo *exemplo*.

PACHECO: Así es verdad, pero...

MARCIO: Ese *pero*, si no os lo quisierais comer, tragáoslo por ahora; que, pues a nosotros dos nos ha satisfecho, también vos os debéis contentar.

PACHECO: Yo me contento.

COROLANO: Pues yo no puedo sufrir que hagáis tanto hincapié en

caxcavel, *ensalmo* ou *enxalmo*, *sastre* ou *xastre*, *sárcia* ou *xarcia*, *siringa* ou *xiringa*, *tasbique* ou *taxbique*.

VALDÉS: Já bastam os citados; eu estou no fim do que quereis dizer. E se prestastes bem atenção nisto, eu não escrevo todos estes com *x*, como dizeis, porque nos nomes deste tipo aplico sempre esta regra, que se vejo que são tomados do latim, escrevo-os com *s*, e digo *sastre* e não *xastre*, *ensalmar* e não *enxalmar*, e *siringa* e não *xiringa*, e se me parece que sejam tomados do árabe, escrevo-os com *x*, e assim digo *caxcavel*, *cáxcara*, *taxbique*, etc., porque, como vos disse, nos vocábulos que são árabes ou têm parte nele, o *x* é muito próprio.

MÁRCIO: De modo que poderemos usar o *s* nos vocábulos que virmos ter origem no latim, e o *x* nos que nos parecer que tenham origem no árabe?

VALDÉS: Já vos disse que eu faço assim; penso que vós, ao fazer da mesma forma, não errareis.

MÁRCIO: Mas dos nomes *latinos* começados com *ex*, como *excelencia*, *experiencia*, etc., não quereis que tiremos o *x*?

VALDÉS: Eu sempre o tiro, porque não o pronuncio, e coloco em seu lugar *s*, que é muito próprio da língua castelhana. Faço isto com o perdão da língua latina,

decir que no queréis escribir sino como pronunciáis.

VALDÉS: ¿Por qué?

CORIOLOANO: Porque no lo hacéis siempre así.

VALDÉS: ¿Adónde hago el contrario?

CORIOLOANO: Adonde escribís *vuestra* con *r*, y no siento que lo pronunciáis sino con *s*, diciendo *vuessa*.

VALDÉS: Eso será cuando escribo el *vra*. abreviado, porque está en costumbre que el abreviatura se escriba con *r*; pero, si lo tengo de escribir por letras, no lo escribiré sino con *s*. Esto habéis de entender que es así por la mayor parte, pero no siempre; porque, si diciendo *vra*. *m.*, pronunciase el *vra*. con *r*, cualquier castellano que me oyese juzgaría que soy extranjero; pero no me juzgaría por tal, aunque, diciendo *vra*. *s.*, pronunciase en el *vra* la *r*. Es bien verdad que la pronunciación más ordinaria es sin *r*, como vos habéis muy bien notado.

MARCIO: Yo nunca había mirado en eso, y como veía escrito *vra*. con *r*, creía que así se había de pronunciar. Y pues así es, de hoy más no pronunciaré sino con *s*; y me parece que hacéis mal en usar de abreviatura que hace tropezar.

VALDÉS: Sí que hace tropezar, pero no a los naturales de la lengua; así como tampoco hace tropezar a los que saben latín el

porque, quando começo a escrever em castelhano, não é minha intenção aproximar-me do latim, mas explicar a ideia que tenho em mente de tal modo que, se for possível, qualquer pessoa que entenda o castelhano compreenda bem o que quero dizer.

PACHECO: Para vos dizer a verdade, isto me parece um pouco complicado.

VALDÉS: Por quê?

PACHECO: Porque eu não sei com que autoridade quereis tirar o *x* do vocábulo latino e colocar o *s* em seu lugar.

VALDÉS: Que mais autoridade quereis que o uso da pronúncia? Sei que dizendo *experiência* não pronunciais o *x* como dizendo *exemplo*.

PACHECO: Assim é verdade, mas...

MÁRCIO: Este *mas*, se não o quiserdes engolir, tragai-o por ora; pois já que satisfez a nós dois, também vós deveis contentar-vos.

PACHECO: Eu me contento.

CORIOLOANO: Pois eu não posso suportar que insistais tanto em dizer que não quereis escrever senão como pronunciais.

VALDÉS: Por quê?

CORIOLOANO: Porque não o fazeis sempre assim.

VALDÉS: Onde faço o contrário?

CORIOLOANO: Onde escreveis *vuestra* com *r*, e não sinto que o pronunciais senão com *s*, dizendo

abreviatura que hacen escribiendo *xpo.* con *p* y con *x*, no pronunciándose la una letra ni la otra.

MARCIO: Tenéis mucha razón. Y dejando esto, decidnos de dónde viene que algunos españoles en muchos vocablos, que por el ordinario escribís con *z*, ellos ni la pronuncian ni la escriben.

VALDÉS: Ese es vicio particular de las lenguas de los tales, que no les sirven para aquella asperilla pronunciación de la *z* y ponen en su lugar la *s* y por *hazer* dicen *haser*, y por *razón*, *rasón*, y por *rezio*, *resio*, etc. ¿No os parece que podría pasar adonde quiera por bachiller en romance, y ganar mi vida con estas bachillerías?

MARCIO: Largamente.

CORIOLANO: Aunque no queráis, me habéis de decir qué significa *bachiller*, y qué cosa son *bachillerías*.

VALDÉS: Me maravillo de vos que no entendáis qué cosa es bachiller y bachillerías, que lo entienden, en buena fe, en mi tierra los niños que apenas saben andar.

CORIOLANO: También en la mía los niños de teta entienden algunos vocablos que vos no entendéis.

VALDÉS: Tenéis razón. *Bachiller*, en romance castellano, quiere decir lo que *baccalarius* en latín.

CORIOLANO: Ahora lo entiendo menos. Vos me queréis enseñar lo que no entiendo por lo que no sé.

vuessa.

VALDÉS: Isto será quando escrevo o *vra.* abreviado, porque está na moda que se escreva a abreviatura com *r*; porém, se tenho de escrevê-lo por letras, não o escreverei senão com *s*. Tendes de entender que é assim na maior parte, mas não sempre; porque, dizendo-se *vra. m.*, pronuncia-se o *vra.* com *r*, qualquer castelhano que me ouvisse julgaria que sou estrangeiro; mas não me julgaria por tal, ainda que, dizendo *vra. s.*, pronunciasse o *r* no *vra.* É bem verdade que a pronúncia mais comum é sem *r*, como notastes muito bem.

MÁRCIO: Eu nunca tinha prestado atenção nisso, e como via escrito *vra.* com *r*, acreditava que se devesse pronunciar assim. E pois assim é, de hoje em diante não pronunciarei senão com *s*; e me parece que fazeis mal em usar de abreviatura que faz tropeçar.

VALDÉS: Claro que faz tropeçar, mas não aos nativos da língua; assim como tampouco faz tropeçar aos que sabem latim a abreviatura que fazem escrevendo *xpo.* com *p* e com *x*, não pronunciando nem uma letra nem a outra.

MÁRCIO: Tendes muita razão. E deixando isso, dizei-nos de onde vem que alguns espanhóis, em muitos vocábulos que pelo comum escreveis com *z*, não o

VALDÉS: *Bachiller o bachalarío* es el primer título de ciencia que dan en las universidades de España a los que con el tiempo y el estudio hacen después licenciados, doctores y maestros; y porque estos presumen por el ordinario más que saben, cuando alguno hace muestras de saber, lo llamamos *bachiller*, y a las tales muestras llamamos *bachillerías*. ¿Lo entendéis?

CORIOLOANO: Ahora sí.

MARCIO: Sirva esto por una manera de paréntesis, y pasemos a lo que hace al caso. Al principio dijisteis que la lengua castellana, de más del *abc* latino, tiene una *j* larga, que vale lo que al toscano *gi*, y una *cerilla* que, puesta debajo de la *c*, la hace sonar casi como *z*; y una *tilde* que, puesta sobre la *n*, vale lo que al latino y toscano *g*. Queríamos que nos dijeseis lo que observáis acerca de estas letras o señales.

VALDÉS: Cuanto a la *j* larga me parece haberos dicho todo lo que se puede decir.

PACHECO: Así es verdad.

VALDÉS: Cuanto a la *cerilla*, que es una señaleja que ponemos en algunos vocablos debajo de la *c*, digo que pienso pudo ser que la *c* con la *cerilla* antiguamente fuesen una *z* entera.

MARCIO: Cuanto que eso, no os lo sufriré. ¿Queréis decir que el tiempo corta las letras como las

pronunciam nem o escrevem.

VALDÉS: Esse é um vício particular das línguas deles, que não lhes servem para aquela espessa pronúncia do *z* e colocam em seu lugar o *s* e por *hazer* dizem *haser*, e por *razón*, *rasón*, e por *rezio*, *resio*, etc. Não vos parece que eu poderia passar onde quisesse por bacharel em romance, e ganhar minha vida com estas bacharelices?

MÁRCIO: Grandemente.

CORIOLOANO: Ainda que não queirais, deveis dizer-me o que significa *bacharel*, e o que são *bacharelices*.

VALDÉS: Admiro-me de vós que não entendais o que é bacharel e bacharelices, que, sem mentira, na minha terra entendem-no as crianças que mal sabem andar.

CORIOLOANO: Também na minha as crianças de peito entendem alguns vocábulos que vós não entendeis.

VALDÉS: Tendes razão. *Bacharel*, em romance, quer dizer o que é *baccalarius* em latim.

CORIOLOANO: Agora entendo menos. Quereis ensinar-me o que não entendo pelo que não sei.

VALDÉS: *Bachiller* ou *bachalarío* é o primeiro título de ciência que dão nas universidades da Espanha aos que com o tempo e o estudo tornam-se depois licenciados, doutores e mestres; e porque presume-se pelo mais comum que

peñas?

VALDÉS: Donoso sois; no quiero decir que las corta el tiempo, sino que los hombres por descuido con el tiempo las cortan. Pero esto no importa; séase como se fuere. Lo que importa es decir que la cerilla se ha de poner cuando, juntándose la *c* con *a*, con *o*, y con *u*, el sonido ha de ser espeso, diciendo *çapato*, *coraçón*, *açucar*.

PACHECO: Y cuando se junta con *e* y con *i*, para decir *cecear* y *cimiento*, ¿no se ha de poner la cerilla?

VALDÉS: No, que no se ha de poner.

PACHECO: ¿Por qué?

VALDÉS: Porque con cerilla o sin ella, siempre pronunciáis esos vocablos, y los semejantes a ellos, de una misma manera; pues, pudiendoos ahorrar la cerilla, indiscreción sería ponerla.

PACHECO: Tenéis muy gran razón; yo me la ahorraré de aquí adelante.

CORIOANO: ¿Cómo sabré yo cuándo tengo de poner esa cerilla, o como la llamáis, debajo de esas letras, y cuándo no?

VALDÉS: La misma pronunciación os lo enseñará.

CORIOANO: De manera que para saber escribir bien ¿es menester saber primero pronunciar bien?

VALDÉS: ¿Quién no lo sabe eso? La *tilde* generalmente sirve en el

estes sabem, quando alguém demonstra saber, chamamo-lo de *bacharel*, e às tais demonstrações chamamos de *bacharelices*. Entendeis?

CORIOANO: Agora sim.

MÁRCIO: Sirva isso como um parêntesis, e passemos ao que vem ao caso. No início dissestes que a língua castelhana, além do *abc* latino, tem um *j* longo, que equivale ao *gi* no toscano, e uma *cedilha* que, posta debaixo do *c*, fá-lo soar quase como *z*; e um *til* que, posto sobre o *n*, equivale ao *g* latino e toscano. Queríamos que nos dissésseis o que observais acerca destas letras ou sinais.

VALDÉS: Quanto ao *j* longo parece-me ter-vos dito tudo o que se pode dizer.

PACHECO: É verdade.

VALDÉS: Quanto à *cedilha*, que é um sinal que colocamos debaixo do *c* em alguns vocábulos, digo que penso que pode ser que o *c* com a *cedilha* antigamente fossem um *z* inteiro.

MÁRCIO: Quanto a isso, não vos tolerarei. Quereis dizer que o tempo encurta as letras como as penas?

VALDÉS: Sois engraçado; não quero dizer que o tempo encurta-as, mas que os homens, por descuido, com o tempo encurtam-nas. Mas isso não importa; seja como for. O que importa é dizer que se deve usar a *cedilha* quando,

castellano del mismo oficio que en el latín, y particularmente, puesta sobre la *n*, vale lo que al latino y toscano la *g* cuando está cabo la *n*; y así, donde el latino escribe *ignorantia*, el castellano *iñorancia*, y donde el toscano escribe *signor*, el castellano pone *señor*.

PACHECO: Porque no penséis que os lo sabéis vos todo, quiero yo también sutilizar mi parte y decir que la tilde no hace, o por mejor decir no debería hacer, más sobre la *n* que sobre cualquiera de las otras letras, porque así suple por *n* en esta como en cualquiera de las otras; pero, por evitar un frío sonido que al parecer hacen dos enes juntas, la una se convirtió en *g*, y se hizo aquella manera de sonido que sentís.

VALDÉS: No me desplace eso.

PACHECO: También creo que lo que ahora decimos *mañas*, con tilde, sea lo mismo que *maneras*, sino que la tilde los ha diferenciado, porque, como sabéis, cuando queremos escribir *maneras* abreviado, lo escribimos de la misma manera que *mañas*, y así creo que sea lo mismo decir: *El que malas mañas ha tarde o nunca las perderá*, que *El que malas maneras ha*, etc. De la misma manera creo haya acontecido en *daño* y *año*, y en algunos otros, adonde primero valía la tilde lo que en el latín, diciendo *dañum* y *añum*, y después habemos hecho

juntando-se o *c* com *a*, com *o*, e com *u*, o som deve ser espesso, dizendo *çapato*, *coraçón*, *açucar*.

PACHECO: E quando se junta com *e* e com *i*, para dizer *cecear* e *cimiento*, não se deve usar a cedilha?

VALDÉS: Não, que não se deve colocar.

PACHECO: Por quê?

VALDÉS: Porque com cedilha ou sem ela, sempre pronunciais estes vocábulos, e os semelhantes a eles, da mesma maneira; pois, podendo vós evitar a cedilha, seria insensatez colocá-la.

PACHECO: Tendes muito grande razão; evitá-la-ei daqui por diante.

CORIOLANO: Como saberei quando tenho de colocar esta cedilha, ou como a chamais, debaixo destas letras, e quando não?

VALDÉS: A própria pronúncia vo-lo ensinará.

CORIOLANO: De modo que para saber escrever bem, primeiro é preciso saber pronunciar bem?

VALDÉS: Quem não sabe isso? O *til* geralmente tem no castelhano a mesma função que no latim e, particularmente, posto sobre o *n*, equivale ao *g* latino e toscano quando o *n* vem depois; e assim, onde o latim escreve *ignorantia*, o castelhano *iñorancia*, e onde o toscano escreve *signor*, o castelhano põe *señor*.

PACHECO: Para que não penseis

que suene de otra manera, de suerte que la tilde, que servía antes por *n* o *m*, con el tiempo habemos hecho que sirva por *g* cuando la hallamos sobre la *n*. ¿Os parece que digo algo?

VALDÉS: Me parece que, si honra se gana en estas pedanterías, os habéis hecho más honra con esto solo que habéis dicho que yo, con todo lo que he hablado; y por mí, os digo que nunca había mirado en esos primores.

PACHECO: Ahora que veo os contentan a vos, empezaré a tenerlos por primores, que hasta aquí no osaba tenerlos por tales. Y porque veáis que soy hombre de tanta conciencia que no quiero vender la hacienda ajena por propia mía, sabed que esto no lo saqué de mi cabeza, sino que lo aprendí de un hombre que todos conocemos, cuyo nombre callaré por no lastimar a alguno.

VALDÉS: Aunque me maravillaba que fuese aquel primor de vuestra cosecha, como os tengo por hombre de tanto ingenio que con él podéis suplir la falta de letras, todavía creí que fuese vuestro.

MARCIO: Dejad estar esas vuestras ceremonias españolas para los que se comen las manos tras ellas; y decidnos de qué sirve la tilde sobre *como* y sobre *muy*.

VALDÉS: Solamente se pone por ornamento de la escritura.

MARCIO: ¿Y un rasguillo que

que sabeis tudo, eu também quero sutilizar minha parte e dizer que o til não faz, ou para melhor dizer não deveria fazer, mais sobre o *n* do que sobre qualquer uma das outras letras, porque assim supre por *n* nesta como em qualquer das outras; porém, para evitar um som frio que dois *enes* juntos parecem fazer, um converteu-se em *g*, e fez-se aquela maneira de som que sentis.

VALDÉS: Isso não me desagrada.

PACHECO: Também acredito que o que agora dizemos *mañas*, com til, seja o mesmo que *maneras*, mas que o til diferenciou-os, porque, como sabeis, quando queremos escrever *maneras* abreviado, escrevemos da mesma forma que *mañas*, e assim creio que seja o mesmo dizer: *Quem más mañas há tarde ou nunca as perderá* que *Quem más maneras*, etc. Da mesma forma creio que tenha acontecido com *daño* e *año*, e em alguns outros, onde primeiro valia o til o que no latim, dizendo *dañum* e *añum*, e depois fizemos com que soasse de outra maneira, de modo que o til, que servia antes por *n* ou *m*, com o tempo fizemos com que servisse por *g* quando o achamos sobre o *n*. Parece-vos que digo algo?

VALDÉS: Parece-me que, se nestes pedantismos ganha-se honra, só com isto que dissestes

ponéis delante la *o*?

VALDÉS: De lo mismo.

MARCIO: De manera que quien los dejase de poner no gastaría la sentencia.

VALDÉS: No, de ninguna manera.

MARCIO: Y unos rasguillos que vos ponéis sobre algunos vocablos, ¿sirven de lo mismo que los que se ponen en griego y en toscano?

VALDÉS: De lo mismo, porque muestran al lector que falta de allí una vocal, la cual se quitó por el ayuntamiento de otra que seguía o precedía.

MARCIO: ¿Por qué no ponen todos esos rasguillos?

VALDÉS: Porque no todos ponen en el escribir correctamente el cuidado que sería razón.

MARCIO: Y los que no los ponen, ¿dejan de escribir las letras que vos dejáis?

VALDÉS: Ni las dejan todos, ni las dejan todas.

MARCIO: Y los que las dejan, ¿señalan con aquel rasguillo las que dejan?

VALDÉS: No todos.

MARCIO: ¿Por qué?

VALDÉS: Pienso que porque no miran en ello, como hacía yo antes que tuviese familiaridad con la lengua griega y con la italiana. Y, si os parece, será bien poner fin a estas inútiles pláticas.

MARCIO: ¿Cómo inútiles?

VALDÉS: Porque estas cosas son de las que entran por una oreja y se

fizestes-vos mais honra do que eu, com tudo o que falei; e por mim, digo-vos que nunca tinha prestado atenção nesses primores.

PACHECO: Agora que vejo que vos contentam, começarei a considerá-los primores, porque até aqui não ousava considerá-los como tais. E para que vejais que sou homem de tanta consciência que não quero vender a mercadoria alheia por minha própria, sabei que não tirei isso de minha cabeça, mas que o aprendi com um homem que todos conhecemos, cujo nome calarei para não ofender ninguém.

VALDÉS: Embora tivesse me admirado de que aquele primor fosse de vossa colheita, como considero-vos homem de tanto engenho que com ele podeis suprir a falta de letras, acreditei que fosse vosso.

MÁRCIO: Deixai estas vossas cerimônias espanholas para os que se deleitam com elas; e dizei-nos para que serve o til sobre *como* e sobre *muy*.

VALDÉS: Usa-se somente por ornamento da escrita.

MÁRCIO: E um sinal que colocais diante do *o*?

VALDÉS: O mesmo.

MÁRCIO: De modo que quem deixasse de colocá-los não desgastaria a sentença.

VALDÉS: Não, de nenhum modo.

MÁRCIO: E uns sinais que

salen por otra.

MARCIO: Muy engañado estáis si creéis esto, así como lo decís, porque os prometo me bastaría el ánimo a repetiros todo lo sustancial que aquí habéis dicho.

VALDÉS: Y aun no haríais mucho, pues lo sustancial se podría escribir en la uña.

MARCIO: Aunque lo decís así, yo sé bien que lo entendéis de otra manera.

VALDÉS: Si no queréis creer lo que digo, creed lo que quisierais y preguntad a vuestro placer.

MARCIO: Decís muy bien, y así lo haremos. En vuestras cartas habemos notado que en algunos vocablos, donde otros ponen *en*, vos ponéis *a*.

VALDÉS: Decid algunos.

MARCIO: Otros dicen *envergonçar*, *enhorcar*, *enriscar*; vos ponéis *avergonçar*, *ahorcar*, *arriscar*.

VALDÉS: No me acuerdo jamás haber visto escritos esos vocablos con *en*.

MARCIO: Pues yo sí los he visto.

VALDÉS: ¿Adónde?

MARCIO: En Librija.

VALDÉS: Ya tornáis a vuestro Librija. ¿No os tengo dicho que, como aquel hombre no era castellano, sino andaluz, hablaba y escribía como en Andalucía, y no como en Castilla?

MARCIO: Ya me lo habéis dicho, y ya yo lo sé; pero también os

colocais sobre alguns vocábulos, servem o mesmo que os que se usam em grego e em toscano?

VALDÉS: O mesmo, porque mostram ao leitor que ali falta uma vogal, a qual foi tirada pela junção de outra que seguia ou precedia.

MÁRCIO: Por que todos não colocam estes sinais?

VALDÉS: Porque nem todos, ao escrever corretamente, tomam o devido cuidado.

MÁRCIO: E os que não o tomam, deixam de escrever as letras que deixais?

VALDÉS: Nem as deixam todos, nem as deixam todas.

MÁRCIO: E os que as deixam, marcam com aquele sinal as que deixam?

VALDÉS: Nem todos.

MÁRCIO: Por quê?

VALDÉS: Penso que porque não prestam atenção nisso, como eu fazia antes de ter familiaridade com a língua grega e com a italiana. E, se vos parece, será bom colocar um fim nestas conversas inúteis.

MÁRCIO: Como inúteis?

VALDÉS: Porque estas coisas são das que entram por um ouvido e saem pelo outro.

MÁRCIO: Estais muito enganado se acreditais nisso assim como o dizeis, porque prometo-vos que eu seria capaz de repetir todo o substancial que aqui dissestes.

tengo yo dicho a vos que os he de hacer picar en Librija más de diez veces.

VALDÉS: Paciencia.

MARCIO: También trocáis la *en* por *de* en este vocablo: *encentar*, y decís *decentar*.

VALDÉS: Eso hago porque me contenta más allí la *de* que la *en*, y por la misma causa no me contenta decir, como algunos, *infamar* ni *difamar*, porque me place mucho más escribir, como otros, *disfamar*.

MARCIO: Cuanto que en eso bien nos conformaremos vos y yo. Pero decidme, ¿cuál tenéis por mejor, usar de la *en* o de la *de*? Quiero decir si en semejante parte que esta diréis: tiene razón *de* no contentarse, o: *en* no contentarse.

VALDÉS: Muchas personas discretas veo que ponen la *de*, pero a mí más me contenta poner *en*, porque no me parece que el oficio de la *de* sea significar lo que allí quieren que signifique, y del de la *en* es tan propicio, que por justicia puede quitar de la posesión a la *de*.

MARCIO: Esto está muy bien dicho; y antes que se me olvide, nos decid si esta sílaba *des* en principio de parte hace lo que el *dis* griego, el cual, como sabéis, por la mayor parte, hace que el vocablo con quien se junta muda la significación de bien en mal.

VALDÉS: Muchas veces he mirado en ello, y hallo entre ellos muy gran conformidad, porque

VALDÉS: E não faríeis muito, pois o substancial poder-se-ia escrever na unha.

MÁRCIO: Ainda que o digais assim, sei bem que o entendeis de outra maneira.

VALDÉS: Se não quereis acreditar no que digo, acreditai no que quiserdes e perguntai à vontade.

MÁRCIO: Falais muito bem, e assim o faremos. Em vossas cartas notamos que em alguns vocábulos colocais *a* onde outros colocam *en*.

VALDÉS: Dizei alguns.

MÁRCIO: Outros dizem *envergonçar*, *enhorcar*, *enriscar*; vós usais *avergonçar*, *ahorcar*, *arriscar*.

VALDÉS: Não me lembro de jamais ter visto estes vocábulos escritos com *en*.

MÁRCIO: Pois eu sim os vi.

VALDÉS: Onde?

MÁRCIO: Em Nebrija.

VALDÉS: Já retornais a vosso Nebrija. Não vos disse que aquele homem, não sendo castelhano, mas andaluz, falava e escrevia como na Andaluzia, e não como em Castela?

MÁRCIO: Já me dissestes, e eu já o sei; mas também eu vos disse que hei de fazer irritar-vos com Nebrija mais de dez vezes.

VALDÉS: Paciência.

MÁRCIO: Também trocáis o *en* por *de* neste vocábulo: *encentar*, e

decimos *amparar* y *desamparar*: *No haze Dios a quien desampara*; también decimos *esperar* y *desesperar*: *Quien espera, desespera*; y de la misma manera *amar* y *desamar*: *Quien bien ama, bien desama*; y *atar* y *desatar*: *Quien bien ata, desata*. decimos también *desgraciado*, *desvergonçado*, *desamorado*, *descuidado*, y *desordenado*, etc.; que todos ellos significan en mala parte.

MARCIO: A la fe que es gentil observación esta, y que los vocablos son muy galanos. ¿Tenéis muchos de ellos?

VALDÉS: Muchos.

MARCIO: Unas veces siento decir *prestar*, y otras *enprestar*; ¿cuál tenéis por mejor?

VALDÉS: Tengo por grosero el *enprestar*.

MARCIO: ¿No veis que está más lleno?

VALDÉS: Aunque esté.

MARCIO: ¿Y cuál tenéis por mejor, decir *mostrar* o *demostrar*?

VALDÉS: Tengo por grosería aquel *de* demasiado, y por eso digo *mostrar*.

MARCIO: Y por la misma causa debéis de quitar un *es* de algunos vocablos, como son *estropear* y *escomençar*.

VALDÉS: Así es la verdad que por la misma causa lo quito; y, porque no me tengáis por tan escaso que no os doy sino cuando me

dizeis *decentar*.

VALDÉS: Faço isto porque ali me agrada mais o *de* que o *en*, e pelo mesmo motivo não me agrada dizer, como alguns, *infamar* nem *difamar*, porque me apraz muito mais escrever, como outros, *disfamar*.

MÁRCIO: Quanto a isso vós e eu nos aproximaremos bem. Mas dizei-me, qual achais melhor, usar o *en* ou o *de*? Quero dizer se em parte semelhante a esta direis: tem razão *de* não se contentar, ou: *en* não se contentar.

VALDÉS: Vejo muitas pessoas sensatas que usam o *de*, porém me agrada mais usar *en*, porque não me parece que a função do *de* seja significar o que ali querem que signifique, e do *en* é tão propício, que por justiça pode tirar o *de* da posse.

MÁRCIO: Isso está muito bem dito; e antes que me esqueça, dizei-nos se esta sílaba *des* em início de palavra faz o mesmo que o *dis* grego, o qual, como sabeis, na maior parte, faz com que o vocábulo com que se junta mude a significação de boa para má.

VALDÉS: Observei isto muitas vezes, e acho muito grande semelhança entre eles, porque dizemos *amparar* e *desamparar*: *Não faz Deus a quem desampara*; também dizemos *esperar* e *desesperar*: *Quem espera, desespera*; e da mesma forma

demandáis, os quiero avisar de esto: que el castellano casi siempre convierte en *en* el *in* latino, y así por *invidia* dice *embidia*; por *incendere*, *encender*; por *incurvare*, *encorvar*; por *inimicus*, *enemigo*, por *infirmus*, *enfermo*; por *inserere*, *enxerir*; y así en otros muchos. Y aún más quiero que sepáis que así como el *in* latino priva muchas veces, pero no siempre, así el *encastellano* priva muchas veces, pero no siempre. ¿Os ha contentado esto?

MARCIO: Sí, y mucho. Y me contentare también si me decís si, cuando componéis un vocablo con *re*, es por acrecentar la significación o por otra cosa.

VALDÉS: Unas veces acrecienta, como en *reluzir*, que significa más que *luzir*; es bien verdad que no todas veces se puede usar el *reluzir*, como en este refrán: *Al buey maldito el pelo le luze*, adonde no vendría bien decir *reluze*. Otras veces muda la significación, como en *quebrar*, que es otro que *quebrar*, y en *traer* que es otro *queretraer*; el cual vocablo unas veces significa lo que el italiano, en la cual significación he también oído usar de otro vocablo que yo no usaría, que es *asacar*, y otras veces lo usamos por *escarnecer*; creo que sea porque, así como el que retrae a uno, su intento es imitar su natural figura, así el que escarnece a otro

amar e desamar: Quem bem ama, bem desama; e atar e desatar: Quem bem ata, desata. dizemos também *desgraçado, desvergonhado, desamorado, descuidado, e desordenado*, etc.; que todos significam em mau sentido.

MÁRCIO: Como é gentil esta observação, e os vocábulos são muito elegantes! Tendes muitos deles?

VALDÉS: Muitos.

MÁRCIO: Algumas vezes ouço dizer *prestar*, e outras *emprestar*; Qual achais melhor?

VALDÉS: Considero grosseiro o *emprestar*.

MÁRCIO: Não vedes que está mais chão?

VALDÉS: Ainda que esteja.

MÁRCIO: E qual achais melhor, dizer *mostrar* ou *demonstrar*?

VALDÉS: Acho uma grosseria aquele *de* em demasia, e por isso digo *mostrar*.

MÁRCIO: E pelo mesmo motivo deveis tirar um *es* de alguns vocábulos, como *estropear* e *escomeçar*.

VALDÉS: Assim é a verdade que pelo mesmo motivo o tiro; e, para que não me considereis tão avaro que não vos dou senão o que me pedirdes, quero avisar-vos sobre isto: que o castelhano quase sempre converte o *in* latino em *en*, e assim por *invidia* diz *embidia*; por *incendere*, *encender*; por

parece que quiere imitar o sus palabras o sus meneos.

CORIOLANO: No querría que os pasaseis así ligeramente por las sílabas. ¿A quién digo?

MARCIO: Ya os entiendo, pero, como no hallo qué coger, me paso como por viña vendimiada, deseoso de entrar en el majuelo de los vocablos. Por tanto, si os atrevéis a ir conmigo empezaré a preguntaros.

VALDÉS: Con vos no hay parte en el mundo adonde yo no ose entrar. Y cuanto a los vocablos, si bien os acordáis, ya he dicho todo lo que hay que decir.

MARCIO: ¿Cuándo?

VALDÉS: Cuando dije que la lengua castellana consiste principalmente en vocablos latinos, así enteros como corrompidos, y en vocablos arábigos o moriscos, y en algunos pocos griegos.

MARCIO: Ya me acuerdo, pero más hay que decir y más diréis.

VALDÉS: Lo que más os puedo decir es que, mirando en ello, hallo que por la mayor parte de los vocablos que la lengua castellana tiene de la latina, son de las cosas más usadas entre los hombres y más anexas a la vida humana; y que los que tiene de la lengua árabe son de cosas extraordinarias o, a lo menos, no tan necesarias, y de cosas viles y plebeyas, los cuales vocablos tomamos de los moros con las

incurvare, encorvar; por *inimicus, enemigo*, por *infirmus, enfermo*; por *inserere, enxerir*; e assim em outros muitos. E quero ainda mais que saibais que assim como o *in* latino priva muitas vezes, mas não sempre, assim o *en* castelhano priva muitas vezes, mas não sempre. Isso agradou-vos?

MÁRCIO: Sim, e muito. E agradar-me-ei também se me disserdes se, quando compondes um vocábulo com *re*, é para acrescentar a significação ou para outra coisa.

VALDÉS: Algumas vezes acrescenta, como em *reluzir*, que significa mais que *luzir*; é bem verdade que nem todas as vezes pode-se usar o *reluzir*, como neste refrão: *Ao boi maldito o pelo lhe luz*, onde não ficaria bem dizer *reluz*. Outras vezes muda a significação, como em *requebrar*, que é mais do que *quebrar*, e em *trazer* que é mais do que *retrazer*; cujo vocábulo algumas vezes significa o que o italiano, em cuja significação também ouvi usar de outro vocábulo que eu não usaria, que é *asacar*, e outras vezes o usamos por *escarnecer*; creio que seja porque, assim como o que *retrae* [retrata] alguém, sua intenção é imitar sua forma natural, assim quem escarnece outro parece que quer imitar suas palavras ou seus gestos.

CORIOLANO: Não queria que

mismas cosas que nombramos con ellos; y que los, que tenemos de la lengua griega, casi todos son pertenecientes a la religión o a la doctrina. Y si miráis bien en esto, creo lo hallaréis casi siempre verdadero.

MARCIO: Abástanos, para creerlo, que vos lo digáis. Y porque, como sabéis, buena parte del saber bien hablar y escribir consiste en la gentileza y propiedad de los vocablos de que usamos; y porque también, según entiendo, en la lengua castellana hay muchos vocablos de los cuales algunos no se usan, porque con el tiempo se han envejecido...

CORIOLANO: ¿Qué decís? ¿Los vocablos se envejecen?

MARCIO: Sí que se envejecen; y si no me creéis a mí, preguntadlo a Horacio en su *Arte Poética*.

CORIOLANO: Tenéis razón.

MARCIO: ... y porque otros vocablos no se usan por ser algo feos, en lugar de los cuales los hombres bien hablados han introducido otros, muy encargadamente os rogamos nos deis algunos avisos con que no erremos en esta parte.

VALDÉS: En eso tanto no pienso obedeceros, pues sabéis que no me obligué sino a daros cuenta de mis cartas.

MARCIO: También os obligasteis a satisfacernos en nuestras preguntas; y esto no os lo pedimos

passásseis assim ligeiramente pelas sílabas. A quem digo?

MÁRCIO: Já entendi, porém, como não acho o que colher, fico igual vinha vindimada, desejoso de entrar no vinhedo dos vocábulos. Portanto, se vos atreveis a ir comigo começarei a vos perguntar.

VALDÉS: Convosco não há lugar no mundo onde eu não ouse entrar. E quanto aos vocábulos, se bem lembrais, eu já disse tudo o que há para dizer.

MÁRCIO: Quando?

VALDÉS: Quando disse que a língua castelhana consiste principalmente em vocábulos latinos, tanto inteiros como corrompidos, e em vocábulos árabes ou mouriscos, e em alguns poucos gregos.

MÁRCIO: Já me lembrei, mas há mais para dizer e direis mais.

VALDÉS: O que mais posso dizer-vos é que, prestando atenção nisto, acho que, na maior parte, os vocábulos que a língua castelhana tem da latina são das coisas mais usadas entre os homens e mais ligadas à vida humana; e que os que tem da língua árabe são de coisas extraordinárias ou, ao menos, não tão necessárias, e de coisas vis e plebeias, cujos vocábulos tomamos dos mouros com as mesmas coisas que nomeamos com eles; e que os que temos da língua grega, quase

por obligación, sino por gentileza.

VALDÉS: Vuestra cortesía me obliga más que mi promesa; por tanto habéis de saber que, cuando yo hablo o escribo, llevo cuidado de usar los mejores vocablos que hallo, dejando siempre los que no son tales. Así, no digo *acucia*, sino *diligencia*; no digo *ál* adonde tengo de decir *otra cosa*, aunque se dice: *So el sayal ay ál, y En ál va el engaño*. No *asaz*, sino *harto*. No *adufre*, sino *pandero*. No *abonda*, sino *basta*. No *ayuso*, sino *abaxo*. Ni tampoco digo, como algunos, *ambos y ambas* por *entramos yentramas*; porque, aunque al parecer se conforman más con el latín aquellos que estos, son estos más usados y han adquirido opinión de mejores vocablos. *Aya* y *ayas* por *tenga y tengas* se decía antiguamente, y aún lo dicen ahora algunos, pero en muy pocas partes cuadra; se usan bien en dos refranes, de los cuales el uno dice: *Bien aya quien a los suyos se parece*; y el otro: *Adonde quiera que vayas, de los tuyos ayas*. *Arriscar* por *aventurar* tengo por buen vocablo, aunque no lo usamos mucho; y así *arriscar* como a *apriscar*, que también me contenta, creo habemos desechado porque tienen del pastoril; a mí bien me contentan, y bien los usa el refrán pastoril que dice: *Quien no arrisca no aprisca*. *Ahe*, que quiere decir *ecce*, ya no se usa; no

todos, são pertencentes à religião ou à doutrina. E se prestais bem atenção nisto, creio que o achareis quase sempre verdadeiro.

MÁRCIO: Basta-nos, para crê-lo, que vós o digais. E porque, como sabeis, boa parte do saber falar e escrever bem consiste na elegância e na propriedade dos vocábulos que usamos; e porque também, segundo entendo, na língua castelhana há muitos vocábulos dos quais alguns não se usam, porque com o tempo envelheceram...

CORIOLANO: O que dizeis? Os vocábulos envelhecem?

MÁRCIO: É claro que envelhecem; e se não acreditais em mim, perguntai a Horácio em sua *Arte Poética*.

CORIOLANO: Tendes razão.

MÁRCIO: ... e porque outros vocábulos não se usam por serem feios, em lugar dos quais os homens bem conversados introduziram outros, pedimos-vos muito encarecidamente que nos deis alguns avisos para que não erremos nesta parte.

VALDÉS: Nisso não penso tanto em vos obedecer, pois sabeis que não me comprometi senão a vos explicar minhas cartas.

MÁRCIO: Também vos comprometestes a nos satisfazer em nossas perguntas; e não vos pedimos isso por obrigação, mas por gentileza.

sé por qué lo habemos dejado, especialmente no teniendo otro que signifique lo que él. De *venturas* habemos hecho un muy galán vocablo, del que yo, por buen respeto, estoy muy enamorado, y *esaventurar*, del cual usa el refrán que dice: *Quien no aventura, no gana*; de *aventurar* decimos también *aventurero* al que va buscando la ventura, del cual vocablo están muy bien llenos nuestros libros mintrosos escritos en romance. Me pesa que no se use *artero*, porque, como veis, es buen vocablo y está usado entre los refranes; uno dice: *A escaso señor, artero servidor*; y otro: *De los escarmentados se levantan los arteros*. Me pesa también que hayamos dejado este: *arregostar*, pues un refrán dice: *Arregostóse la vieja a los bredos, y ni dexó verdes ni secos*. *Aleve*, *alevoso* *yalevosía* me parecen gentiles vocablos, y me maravillo que ahora ya los usamos poco.

MARCIO: ¿Se usaban antiguamente?

VALDÉS: Sí, mucho, y si os acordáis, lo habréis leído en algunos libros; y un refrán dice: *A un traidor dos alevosos*.

MARCIO: ¿Qué significa *alevoso*?

VALDÉS: Pienso sea lo mismo que *traidor*. *Atender* por *esperar* ya no se dice; se decía bien en tiempo pasado, como parece por este refrán: *Quien tiempo tiene y*

VALDÉS: Vossa cortesia me obriga mais que minha promessa; portanto deveis saber que, quando eu falo ou escrevo, tomo cuidado de usar os melhores vocábulos que acho, deixando sempre os que não são tais. Assim, não digo *acucia*, mas *diligencia*; não digo *ál* onde tenho de dizer *outra coisa*, ainda que se diga: *So el sayal ay ál*, e *En ál va el engaño*. Não *asaz*, mas *harto*. Não *adufre*, mas *pandero*. Não *abonda*, mas *basta*. Não *ayuso*, mas *abaxo*. Nem tampouco digo, como alguns, *ambos* e *ambas* por *entramos* e *entramas*; porque, ainda que pareça que aqueles se assemelhem mais ao latim do que estes, estes são mais usados e adquiriram valor de melhores vocábulos. *Aya* e *ayas* por *tenha* e *tenhas* dizia-se antigamente, e ainda alguns o dizem agora, mas agrada em muito poucas partes; usam-se bem e nos refrões, dos quais um diz: *Bem [h]aja quem aos seus se parece*; e o outro: *Onde quer que vás, dos teus [h]ajas*. *Arriscar* por *aventurar* considero um bom vocábulo, apesar de não o usarmos muito; e tanto *arriscar* como *apriscar*, que também me agrada, creio que temos desprezado porque têm algo de pastoril; a mim bem agradam, e bem os usa o refrão pastoril que diz: *Quem não arrisca não aprisca*. *Ahe*, que quer dizer *ecce*,

tiempo atiende, tiempo viene que se arrepiente; en metro se usa bien *atiende* y *atender*, y no parece mal; en prosa yo no lo usaría.

MARCIO: Y esos vocablos que vos no queréis usar, ¿los usan los otros?

VALDÉS: Sí usan, pero no personas cortesananas, ni hombres bien hablados; lo podréis leer en muchas *Farsas* y *comedias pastoriles* que andan en metro castellano, y en algunos libros antiguos, pero no en los modernos.

MARCIO: Eso basta. Y pues habéis comenzado, proseguid por su orden vuestros vocablos, sin esperar que os preguntemos.

VALDÉS: Soy contento. No digo *buelto*, pudiendo decir *turvio*, puesto caso que el refrán diga: *A río buuelto, ganancia de pescadores*. Tampoco digo *barajar*, pudiendo decir *contender*; se decía bien antiguamente, como parece por el refrán que dice: *Cuando uno no quiere, dos no barajan*. Tampoco digo *cabero* ni *çaguero*, porque están desterrados del bien hablar, y sirven en su lugar *último* y *postrero*. Mejor vocablo es *cobrir* que *cobijar*, aunque el refrán diga: *Quien a buen árbol se arrima, buena sombra lo cobija*. Ya no decimos *cuvil*, aunque está autorizado con un sentido refrán que dice: *A los años mil torna el agua a su cuvil*. Esto mismo le ha acontecido a

já não se usa; não sei por que o deixamos, especialmente não tendo outro que signifique o mesmo que ele. De *venturas* fizemos um vocábulo muito elegante, pelo qual eu, com todo o respeito, estou muito apaixonado, e é *aventurar*, o qual usa o refrão que diz: *Quem não [se] aventura, não ganha*; de *aventurar* dizemos também *aventureiro* ao que vai buscando a ventura, de cujo vocábulo estão muito bem cheios nossos livros mentirosos escritos em romance. Lamento que não se use *arteiro*, porque, como vedes, é bom vocábulo e é usado nos refrões; um diz: *A escasso senhor, arteiro servidor*; e outro: *Dos escarmentos se levantam os arteiros*. Lamento também que tenhamos deixado este: *Arregostou-se a velha aos bredos, e não deixou verdes nem secos*. *Aleve, alevoso* e *alevosía* parecem-me vocábulos elegantes, e admiro-me de que agora os usemos pouco.

MÁRCIO: Usavam-se antigamente?

VALDÉS: Sim, muito, e se vos lembráis, lestes-os em alguns livros; e um refrão diz: *A um traidor dois alevosos*.

MÁRCIO: Que significa *alevoso*?

VALDÉS: Penso que seja o mesmo que *traidor*. *Atender* por *esperar* já não se diz; dizia-se

cohonder, por *gastar* o *corromper*, estando también él usado en aquel refrán que dice: *Muchos maestros cohonden la novia. Cara* por *hazia* usan algunos, pero yo no lo usaré jamás. *Cada que*, por *siempre* dicen algunos, pero no lo tengo por bueno. También habemos dejado *cormano*, por *primo hermano*, y si yo lo pudiese tornar en su posesión, lo tornaría, porque a mi parecer se le ha hecho mucho agravio, siendo tan gentil vocablo como es. En lugar de *cuita* decimos *fatiga*, y por lo que antes decían *cocho* ahora decimos *cozido*. *Ca*, por *porque*, ha recibido injuria del tiempo, siendo injustamente desechado, y tiene un no sé qué de antigüedad que me contenta. *No cates* por *no busques*, parece que usaban antiguamente, y así decían: *Al buey viejo no le cates abrigo*, y *Haz bien y no cates a quien*; también usaban de *cata* en una significación muy extraña, como parece por el refrán que dice: *Barva a barva, vergüença se cata*. Vocablo muy plebeyo es *cadira* por *silla*, y pienso que sea de los vocablos que quedaron de la lengua antigua, porque el griego vulgar dice *candela* en la misma significación. *Costribar* por *trabajar*, se usaba también, diciendo: *Quien no come, no costriba*; ya no se usa.

MARCIO: Muy bien vais; proseguir adelante, que me dais la

muito em tempos passados, como parece por este refrão: *Quem tempo tem e tempo atende, tempo vem que se arrepende*; em verso se usa bem *atende* e *atender*, e não parece mal; em prosa eu não usaria.

MÁRCIO: E estes vocábulos que vós não quereis usar, os outros usam-nos?

VALDÉS: Sim, usam, mas não pessoas cortesias, nem homens bem conversados; podereis ler em muitas *Farsas e comédias pastoris* que andam em metro castelhano, e em alguns livros antigos, mas não nos modernos.

MÁRCIO: Isso basta. E já que começastes, prosegui por sua ordem com vossos vocábulos, sem esperar que vos perguntemos.

VALDÉS: Estou contente. Não digo *volto*, podendo dizer *turvo*, apesar de o refrão dizer: *A rio volto, ganância de pescadores*. Tampouco digo *baralhar*, podendo dizer *contender*; antigamente dizia-se muito, como parece pelo refrão que diz: *Quando um não quer, dois não baralham*. Tampouco digo *cabero* nem *çaguero*, porque estão desterrados do bem falar, e servem em seu lugar *último* e *postrero*. Melhor vocábulo é *cobrir* que *cobijar*, ainda que o refrão diga: *Quem na boa árvore se abriga, boa sombra o cobija*. Já não dizemos *cuvil*, embora esteja

vida.

VALDÉS: Nuestros pasados decían *ducho*, por *vezado* o *acostumbrado*, como parece por el refrán que dice: *A quien de mucho mal es ducho, poco bien se le hace mucho*; ahora ya parecería mal. No me place decir *durmiente*, por *el que duerme mucho*, como dice el refrán: *Al raposo durmiente no le amaneca la gallina en el vientre*. Tampoco usaré en prosa lo que algunos usan en verso, diciendo *dende* por *de ai*, como parece en un cantarillo que a mí me suena muy bien, que dice: *La dama que no mata ni prende, tiralá dende*, y lo más. Algunos escriben *desque*, por *quando*, diciendo *desque vais*, por decir *quando vais*, pero es mal hablar. Otros dicen *mi dueño*, por decir *mi amo* o *mi señor*, y aunque *dueño* sea buen vocablo para decir: *Adonde no stá su dueño, allí está su duelo*, y *Dado de ruín, a su dueño parece*, no es bueno para usarlo en aquella manera de hablar.

CORIOLANO: Pues yo he oído decir ese *mi dueño* a un hombre que...

VALDÉS: Ya sé por quién decís; dejadlo estar. *Duelo* y *duelos* están tenidos por feos vocablos, y por ellos usamos *fatiga* y *fatigas*, no embargante que un refranejo dice: *Duelo ageno de pelo cuelga*, y otro dice: *Todos los duelos con pan son buenos*. Por grosero hablar tengo decir, como algunos, *engaño*; yo

autorizado com um sentido o refrão que diz: *Aos anos mil torna a água ao seu cuvil*. O mesmo aconteceu com *cohonder*, por *desgastar* ou *corromper*, estando também ele usado naquele refrão que diz: *Muitos mestres cohondem a noiva*. *Cara* por *hazia* usam alguns, mas eu não o usarei jamais. *Cada que*, por *sempre* dizem alguns, mas não o acho bom. Também deixamos *coirmão*, por *primo irmão*, e se eu pudesse recolocá-lo em seu domínio, recolocaria, porque a meu parecer fez-se-lhe muito agravo, sendo vocábulo tão nobre como é. Em lugar de *cuita* dizemos *fatiga*, e pelo que antes diziam *cocho* agora dizemos *cozido*. *Ca*, por *porque*, recebeu injúria do tempo, sendo injustamente desprezado, e tem um não sei quê de antiguidade que me agrada. *Não cates* por *não busques*, parece que usavam antigamente, e assim diziam: *Ao boi velho não lhe cates abrigo*, e *Faz o bem e não cates a quem*; também usavam *cata* em uma significação muito estranha, como parece pelo refrão que diz: *Barba a barba, vergonha se cata*. Vocábulo muito plebeu é *cadira* por *silla*, e penso que seja um dos vocábulos que ficaram da língua antiga, porque o grego vulgar diz *candela* na mesma significação. *Costribar* por *trabalhar*, usava-se também, dizendo: *Quem não*

uso *ingenio*. Nuestros pasados dicen que decían [...por...]; ya no se usa. Por *levantar* se solía decir *erguir*, pero ya es desterrado del bien hablar, y lo usa solamente la gente baja; vosotros me parece que lo usáis y, si bien me acuerdo, lo he leído en vuestro Petrarca.

MARCIO: Así es verdad.

PACHECO: Algunas mujeres tienen por cosa deshonesta decir *preñada* y dicen *embaçada*.

VALDÉS: Más me contenta decir *embaraçado* que *embaçado*, y más *tardar* que *engorrrar*, y más *partir* que *encentar*, y más *año* que *era*.

CORIOLOANO: ¿Qué quiere decir *era*?

VALDÉS: Solían decir, y aun ahora dicen algunos, *la era del Señor*, por *el año del Señor*. Mejor me parece decir *falta* que *falla*, y *faltar* que *fallecer*, aun que el refrán diga: *Amigos y mulas fallecen a las duras*. Y por mejor tengo *confiança* que *fiuzia* ni *huzia*. Gentil vocablo es *feligrés* y me contenta a mí tanto, que lo uso no solamente para significar los que son sujetos al cura de una parroquia, a los cuales llamamos *feligreses*, pero para significar también los que acuden al servicio de alguna dama, que también a estos llamo *feligreses* de la tal dama.

PACHECO: Y aun tenéis mucha razón en ello.

VALDÉS: Mejor vocablo es

come, não costringa; já não se usa.

MÁRCIO: Muito bem; ide adiante, que me dais a vida.

VALDÉS: Nossos antepassados diziam *ducho*, por *vezado* ou *acostumado*, como parece pelo refrão que diz: *A quem de muito mal é ducho, pouco bem se lhe faz muito*; agora já pareceria mal. Não me agrada dizer *dormente*, por *o que dorme muito*, como diz o refrão: *Da raposa dormente não amanhece a galinha no ventre*. Tampouco usarei em prosa o que alguns usam em verso, dizendo *dende* por *daí*, como parece em uma canção que me soa muito bem, que diz: *A dama que não mata nem prende, tira-la dende*, e o mais. Alguns escrevem *desque*, por *quando*, dizendo *desque vais*, para dizer *quando vais*, mas é mau falar. Outros dizem *meu dono*, para dizer *meu amo* ou *meu senhor*, e ainda que *dono* seja bom vocábulo para dizer: *Onde não está seu dono, ali está seu dolo*, e *Dado de ruim, a seu dono parece*, não é bom para usar naquele modo de falar.

CORIOLOANO: Pois eu ouvi dizer esse *meu dono* por um homem que...

VALDÉS: Já sei de quem estais falando; deixai-o estar. *Dolo* e *dolos* são tidos por vocábulos feios, e por eles usamos *fadiga* e *fadigas*, apesar de que um refrão diz: *Dolo alheio pesa como um*

cuchillo que no *gavinete*, y mejor *guardar* que *condesar*. *Garrido* por *gallardo* está desechado, aunque tiene de su parte un buen refrán que dice: *Pan y vino anda camino, que no moço garrido*. También casi habemos dado de mano a *garçón* por *mancebo*, no embargante que lo favorece el refrán que dice: *Prendas de garçón dineros son*. *Gaván* y *balandrán* habemos dejado muchos años ha. Vocablo es plebeyo *galduda*, por *perdida*, aunque se dice bien: *Sardina que gato lleva, galduda va*. *Guisa* solía tener dos significaciones: la una era que decíamos *hombre de alta guisa* por *de alto linage*; la otra que decíamos *cavalgar a la guisa* por lo que ahora decimos *a la brida*; ya no lo usamos en la una significación ni en la otra. *Librija* pone *helgado* por hombre de raros dientes; yo nunca lo he visto usado, y deseo se usase, porque, aunque parece vocablo arábigo, no me descontenta; y no teniendo otro que signifique lo que él, sería bien usarlo. *Henchir* parece feo y grosero vocablo, y algunas veces forzosamente lo uso por no tener otro que signifique lo que él, porque *llenar* no cuadra bien en todas partes; me conhorto con que lo usa el refrán que dice: *De servidores leales se hinchen los ospitales*. *Hueste*, por *exército* usaban mucho antiguamente; ya no

cabelo, e outro diz: *Todos os dolos com pão são bons*. Acho um falar grosseiro dizer, como alguns, *engenho*; eu uso *ingênio*. Dizem que nossos antepassados diziam [...por...]; já não se usa. Por *levantar* costumava-se dizer *erguer*, mas já está desterrado do falar bem, e somente as pessoas humildes usam-no; parece-me que vós o usais e, se bem lembro, li-o em vosso Petrarca.

MÁRCIO: É verdade.

PACHECO: Algumas mulheres consideram coisa desonesta dizer *prenhada* e dizem *embaçada*.

VALDÉS: Mais me agrada dizer *embaraçado* que *embaçado*, e mais *tardar* que *engorrrar*, e mais *partir* que *encentar*, e mais *ano* que *era*.

CORIOLANO: Que quer dizer *era*?

VALDÉS: Costumavam dizer, e agora alguns ainda dizem, *a era do Senhor*, por *o ano do Senhor*. Melhor parece-me dizer *falta* que *falha*, e *faltar* que *falecer*, ainda que o refrão diga: *Amigos e mulas falecem às duras*. E acho melhor *confiança* que *fiuzia* nem *huzia*. Vocabulo elegante é *feligrés* e agrada-me tanto, que o uso não somente para significar os que estão sujeitos ao vigário de uma paróquia, aos quais chamamos *feligreses*, mas também para significar os que acorrem ao serviço de alguma dama, que

lo usamos sino en aquel refrán sentido que dice: *¡Si supiese la hueste lo que hace la hueste!*. *Humil*, por *humilde*, se dice bien en verso, pero parecería muy mal en prosa. Lo mismo digo de *honor*, por *honra*. Aún queda en algunos decir *hemencia* por *ansia*. *Hiniestra*, por *fenestra* o *ventana* nunca lo vi, sino en Librija. *Hito*, por *importuno*, pocas veces se dice, pero hay un refrán que lo usa, diciendo: *Romero hito saca çatico*. Muchos dicen *he aqui* por *véis aqui*; yo no lo digo.

MARCIO: En una copla, muy donosa a mi ver, he leído dos vocablos que no me suenan bien; no sé lo que vos juzgáis de ellos; los vocablos son *halagüeña* y *çahareña*.

VALDÉS: Ea, decid la copla, si se os acuerda.

MARCIO: Como el Ave-María la sé de coro, y es hecha sobre aquel cantarcico sabroso que dice: *La dama que no mata ni prende, títala dende*. La copla es esta: *Ha de ser tan a la mano,/ tan blanda y tan halagüeña/ la dama desde pequeña/ que sepa çaçar temprano,/ y si su tiempo loçano/ çahareña lo desprende,/ títala dende*.

VALDÉS: Vos sabéis más de las cosas españolas que yo; nunca había oído esa copla, y de veras que me contenta mucho en su arte, y también los dos vocablos me

também a estes chamo *feligreses* da tal dama.

PACHECO: E tendes muita razão nisso.

VALDÉS: Melhor vocábulo é *cuchillo* que *gavinete*, e melhor *guardar* que *condesar*. *Garrido* por *galhardo* está desusado, apesar de ter de sua parte um bom refrão que diz: *Pão e vinho anda caminho, que não moço garrido*. Também quase temos largado de mão *garçón* por *mancebo*, embora o favoreça o refrão que diz: *Prendas de garção dinheiros são*. *Gaván* e *balandrán* deixamos há muitos anos. Vocábulo plebeu é *galduda*, por *perdida*, ainda que se diga bem: *Sardinha que gato leva, galduda vai*. *Guisa* costumava ter dois significados: um era que dizíamos *homem de alta guisa* por *de alta linhagem*; ou outra que dizíamos *cavalgar à guisa* pelo que agora dizemos *à brida*; já não o usamos nem em um significado nem no outro. *Nebrija* põe *helgado* por homem de raros dentes; nunca o vi usado, e desejo que se use, porque, embora pareça vocábulo árabe, não me desagrade; e não tendo outro que signifique o mesmo que ele, seria bom usá-lo. *Encher* parece um vocábulo feio e grosseiro, e às vezes o uso forçadamente por não ter outro que signifique o mesmo que ele, porque *plenar* não fica bem em

parecen bien, y los tendría por arábigos, sino que aquel *halagüeña* me huele un poco a latino; que del *çahareña* casi no dudo. Y prosiguiendo en mis vocablos, digo que *porsangrar* he oído muchas veces *jassar*, pero yo no lo diría. *Yazer* por *estar hechado*, no es mal vocablo, aunque el uso lo ha casi desamparado, y digo casi, porque ya no lo veo sino en epitafios de sepulturas.

MARCIO: Y aún aquí en Nápoles hallaréis muchos epitafios de españoles que comienzan: *Aquí iaze*.

VALDÉS: En España casi todos los antiguos comienzan así.

PACHECO: ¿Queréis que os diga uno en una copla, el más celebrado que tenemos?; y servirá por paréntesis.

MARCIO: Antes holgaremos mucho de ello.

PACHECO: Dice así: *Aquí iaze sepultado/ un conde dino de fama,/ un varón muy señalado/ leal, devoto, esforçado,/ don Perançurez se llama./ El qual sacó de Toledo,/ de poder del rey pagano,/ al rey que con pena y miedo/ tuvo el braço rezió y quedo/ al horadar de la mano. ¿Qué os parece?*

MARCIO: Muy bien, así Dios me salve. Hacedme merced de dármele escrito.

VALDÉS: Eso se hará después; ahora prosigamos como íbamos

todas as partes; me conforto com o refrão que o usa e diz: *De servidores leais enchem-se os hospitais. Hoste*, por *exército* antigamente usavam muito; já não o usamos senão naquele refrão sentido que diz: *Se soubesse a hoste o que faz a hoste!*. *Humil*, por *humilde*, diz-se bem em poesia, mas pareceria muito mal em prosa. O mesmo digo de *honor*, por *honra*. Ainda ocorre de alguns dizerem *hemencia* por *ânsia*. *Hiniestra*, por *fenestra* ou *ventana* [janela] nunca o vi, senão em Nebrija. *Hito*, por *importuno*, poucas vezes se diz, mas há um refrão que o usa, dizendo: *Romeiro hito saca zatico* [pedaço]. Muitos dizem *he aqui* por *vedes aqui*; eu não o digo.

MÁRCIO: Em uma copla, muito engraçada a meu ver, li dois vocábulos que não me soam bem; não sei o que pensais deles; os vocábulos são *halagüeña* e *çahareña*.

VALDÉS: Então, dizei a copla, se vos lembrais.

MÁRCIO: Sei-a de cor como a Ave-Maria, e é feita sobre aquela cançãozinha saborosa que diz: *A dama que não mata nem prende, tira-la dende*. A estrofe é esta: *Ha de ser tão à mão,/ tão branda e tão halagüeña/ a dama desde pequena/ que saiba caçar bem cedo,/ e se seu tempo louçano/ çahareña o desprende,/ tira-la*

por los vocablos adelante.

MARCIO: Sea así.

VALDÉS: Por lo que algunos dicen *inojos* o *hinojos*, yo digo *rodillas*, no embargante que se puede decir el uno y el otro. Entre gente vulgar dicen *yantar*, en corte se dice *comer*; un refrán no malo usa *yantar*, diciendo: *El abad de donde canta, de allí yanta. Luengo por largo*, aunque lo usan pocos, yo lo uso de buena gana, y lo usa también el refrán que dice: *De luengas vías, luengas mentiras. Lisiar* dicen algunos por *cortar*, y es vocablo antiguo, corrompido, según pienso de *laedere*; y porque hay diferencia entre *cortar* y *lisiar*, porque *cortar* es general a muchas cosas, y *lisiar* solamente significa herir con hierro, no quisiera que lo hubiéramos dejado. Bien es verdad que lo usamos en otra significación; porque si vemos un caballo muy grueso decimos que está *lisiado*, y cuando queremos decir que uno quiere mucho una cosa decimos que está *lisiado* por ella; la significación me parece algo torcida, pero basta que así se usa. *Ledo* por *alegre*, se usa en verso, y así dice el bachiller de la Torre: *Triste, ledo, tardo, presto*; también dice el otro: *Bive leda si podrás*; en prosa no lo usan los que escriben bien. *Lóbrego* y *lobregura* por *triste* y *tristeza*, son vocablos muy vulgares; no se usan entre gente de corte. *Loar*, por *alabar*, es

dende.

VALDÉS: Sabeis mais do que eu sobre as coisas espanholas; nunca tinha ouvido esta copla, e deveras agrada-me muito em sua arte; também os dois vocábulos me parecem bem, e pensaria que são árabes, mas aquele *halagüeña* me soa um pouco latino; que do *çahareña* quase não duvido. E prosseguindo em meus vocábulos, digo que por *sangrar* ouvi muitas vezes *jassar*, mas eu não o diria. *Jazer* por *estar deitado*, não é mau vocábulo, ainda que o uso tenha quase desamparado-o, e digo assim, porque já não o vejo senão em epitáfios de sepulturas.

MÁRCIO: E também aqui em Nápoles achareis muitos epitáfios de espanhois que começam: *Aquí iaze*.

VALDÉS: Na Espanha quase todos os antigos começam assim.

PACHECO: Quereis que vos diga um em uma copla, o mais famoso que temos?; e servirá por parêntesis.

MÁRCIO: Antes gostaremos muito dele.

PACHECO: Diz assim: *Aquí jaz sepultado/ um conde digno de fama./ um varão mui destacado/ leal, devoto, esforçado./ dom Perançurez se chama./ O qual tirou de Toledo./ do poder do rei pagão./ o rei que com pena e medo/ teve o braço rijo e quedo/ ao perfurar a mão. O que vos*

vocablo tolerable, y así decimos: *Cierra tu puerta y loa tus vecinos. Maguera*, por *aunque* poco a poco ha perdido su reputación; en el *Cancionero general* lo hallo usado de muchos en coplas de autoridad, como en aquella: *Maguer que grave te sea*; ahora ya no se usa. Algunos de *missa* hacen *missar*, verbo frecuentativo; yo no lo diría, aunque lo hallo en un refrán que dice: *Bueno es missar y casa guardar*. He oído contender a mujercillas sobre cuál es mejor vocablo, *mecha* o *torcida*; yo por mejor tengo *mecha*, y el refrán dice: *Candil sin mecha, ¿qué aprovecha?* *Membrar*, por *acordar*, usan los poetas, pero yo en prosa no lo usaría. *Minglana*, por *granada*, ya no se usa. *Mentar*, por *nombrar* *ohazer* *mención*, vamos ya desechando, no embargante que diga el refrán: *El ruín, quando lo mientan, luego viene*. [...] *Odre* y *odrero* solían decir por lo que ahora decimos *cuero* y *botero*; a mí, aunque soy mal mojó, bien me contenta el *odre*, porque no es equívoco como el *cuero*, pero no lo osaría usar; *odrero* sí, siquiera por amor de la profecía de Toledo, que dice: *Soplará el odrero y levantaráse Toledo*.

MARCIO: Donosa profecía debe ser esa; por vuestra vida, que nos la declaréis.

VALDÉS: Demás me estaba; si me

parece?

MÁRCIO: Muito bem, assim Deus me salve. Fazei-me o favor de me dá-lo escrito.

VALDÉS: Isso far-se-á depois; agora prossigamos como íamos nos vocábulos adiante.

MÁRCIO: Assim seja.

VALDÉS: Pelo que alguns dizem *inojos* ou *hinojos* [joelhos], eu digo *rodillas*, embora se possa dizer um do outro. Entre as pessoas vulgares dizem *jantar*, na corte se diz *comer*; um refrão não mau usa *jantar*, dizendo: *O abade de onde canta, ali janta. Longo por largo*, embora poucos o usem, eu uso-o de bom grado, e usa-o também o refrão que diz: *De longas vias, longas mentiras. Lisiar* dizem alguns por *cortar*, e é vocábulo antigo, alterado, segundo penso, de *laedere*; e porque há diferença entre *cortar* e *lisiar*, porque *cortar* é geral para muitas coisas, e *lisiar* somente significa ferir com ferro, não gostaria que o tivéssemos esquecido. É bem verdade que o usamos com outra significação; porque se vemos um cavalo muito gordo dizemos que está *lisiado*, e quando queremos dizer que alguém quer muito uma coisa dizemos que está *lisiado* por ela; a significação me parece um tanto distorcida, mas basta que se use assim. *Ledo* por *alegre* se usa em verso, e assim diz o Bacharel de la

detuviese en cada cosilla de estas, nunca acabaríamos. También vamos dejando *omezillo* por *enemistad*; yo todavía me atrevería a usarlo alguna vez, pero cuando cuadrase muy bien y no de otra manera.

MARCIO: ¿Lo tenéis por arábigo o por latino?

VALDÉS: Pienso sea corrompido de *homicidio*, *omezillo*. Al que, por haber muerto algún hombre *anda*, como dicen, *a sombra de tejados*, llaman en Asturias *homiziado*; me parece gentil vocablo, corrompido de *homicidiario*. *Popar*, por *despreciar*, me parece que usa un refrán que dice: *Quien su enemigo popa, a sus manos muere*; ahora ya no lo usamos en ninguna significación. Tampoco usamos *puyar* por *subir*; lo usan bien los aldeanos; si tiene algún parentesco con vuestro *pogia*, vedlo vosotros. *Pescuda* y *pescudar*, por *pregunta* y *preguntar*, nunca me contentó. *Platel* por *plato*, vocablo es para entre plebeyos, entre los cuales también se dice *posar*, por *asentar*; entre gente de corte no se usa. De aldeanos es decir *poyal* por *vancal*, creo que porque usan más *poyos* que *vancos*.

MARCIO: ¿Qué diferencia hacéis entre *potage*, *caldo* y *cozina*? y os lo pregunto, porque he visto algunas veces que soldados prácticos se burlan de los nuevamente venidos de España,

Torre: *Triste, ledo, tardo, presto*; también diz o outro: *Vive leda se puderes*; em prosa os que escrevem bem não o usam. *Lóbrego* e *lobregura* por *triste* e *tristeza*, são vocábulos muito vulgares; não se usam entre as pessoas da corte. *Loar*, por *elogiar*, é vocábulo tolerável, e assim dizemos: *Cerra tua porta e loa teus vizinhos*. *Maguera*, por *aunque* perdeu sua reputação pouco a pouco; no *Cancioneiro geral* acho-o usado por muitos em coplas de autoridade, como naquela: *Maguer que grave te seja*; agora já não se usa. Alguns de *missa* fazem *missar*, verbo frequentativo; eu não o diria, embora o ache em um refrão que diz: *Bom é missar e casa guardar*. Ouvi raparigas discutirem sobre qual vocábulo é melhor, *mecha* ou *torcida* [pavio]; eu acho melhor *mecha*, e o refrão diz: *Candeia sem mecha, quem aproveita?* *Membrar*, por *acordar* [lembrar] usam os poetas, mas eu não o usaria em prosa. *Minglana*, por *granada*, já não se usa. *Mentar*, por *nomear* ou *fazer menção*, já estamos desprezando, embora o refrão diga: *O ruim, quando o mentam, logo vem*. [...] *Odre* e *odrero* costumavam-se dizer pelo que agora dizemos *couro* e *boteiro*; para mim, ainda que eu seja mau degustador, bem me agrada o *odre*, porque não é

que nosotros llamamos *bisoños*, unas veces porque dicen *cozina* al *brodo*, y otras porque al mismo llaman *potage*.

VALDÉS: Los que hablan bien nunca dicen *cozina* sino al lugar donde se guisa de comer, y por lo que los aldeanos dicen *cozina* ellos dicen *caldo*, que es lo que vosotros decís *brodo*; y *potage* llaman a lo que acá llamáis *menestra*. Algunos escuderos que viven en aldeas, no sabiendo hacer esta diferencia entre *potage* y *caldo*, por no conformarse con los aldeanos en decir *cozina*, sin guardar la diferencia dicen siempre *potage*. Sabido esto, entenderéis la causa por qué los soldados prácticos burlaban de *lacozina* y del *potage* de los *bisoños*.

MARCIO: Ya lo entiendo; decid adelante.

VALDÉS: *Puges*, por *higa* usan algunos, pero por mejor se tiene *higa*, puesto que sea vergonzoso fruto.

CORIOLANO: ¿En qué veis vos que es vergonzoso fruto?

VALDÉS: En que por tal es habido y tenido; decid vos lo que quisieréis.

CORIOLANO: Yo digo que no es más vergonzoso ni más desvergonzado de lo que la opinión del vulgo lo hace.

ambíguo como o *couro*, mas não me atreveria a usá-lo; *odreiro* sim, ao menos por amor à profecia de Toledo, que diz: *Soprará o odreiro e levantar-se-á Toledo*⁹².

MÁRCIO: Profecia engraçada deve ser essa; pedimos por favor que a nos expliqueis.

VALDÉS: Seria demais; se me detivesse em cada coisinha destas, nunca acabaríamos. Também vamos trocando *omezillo* por *enemistad*; todavia, eu me atreveria a usá-lo alguma vez, mas quando ficasse muito bem e não de outro modo.

MÁRCIO: Considerai-o árabe ou latino?

VALDÉS: Penso que *omezillo* seja alterado de *homicidio*. Ao que, por ter matado algum homem *anda*, como dizem, *à sombra de telhados*, nas Astúrias chamam *homiziado*; parece-me vocábulo nobre, corrompido de *homicidiario*. *Popar*, por *desprezar*, parece-me que usa um refrão que diz: *Quem seu inimigo popa, em suas mãos morre*; agora já não o usamos em nenhuma significação. Tampouco usamos *puyar* por *subir*; usam-no bem os aldeões; se tem algum parentesco com vosso *pogia*, vede-o vós. *Pescuda* e *pescudar*, por *pergunta*

92 Referência ao nobre espanhol dom Álvaro de Luna (1388-1453), que em 1449, ordenou a arrecadação de fundos em Toledo, e os habitantes da vizinhança da cidade, instigados por um humilde odreiro, amotinaram-se.

VALDÉS: Pues yo digo que me dejéis acabar de concluir mi baile, pues me sacasteis a bailar.

CORIOLANO: Soy contento.

VALDÉS: Un *quillotro* decían antiguamente en Castilla por lo que acá decís *un cotal*; ya no se dice de ninguna manera.

MARCIO: ¿Ha sucedido algún otro vocablo en su lugar?

VALDÉS: Ninguno, ni es menester, porque aquel *quillotro* no servía sino de arrimadero para los que no sabían o no se acordaban del vocablo de la cosa que querían decir. *Rendir*, por *rentar*, y *riende*, por *renta*, dicen algunos, pero mejor es *rentar y renta*, porque también *rendir* significa *venciendo forçar a alguno que se dé por vencido*, y a este tal llamamos *rendido*. *Raudo* por *rezió*, es vocablo grosero, pocos lo usan. *Raez*, por *fácil*, está usado en algunas coplas antiguas, pero ya lo hemos desechado, aunque de *raez* hacemos *rece*, que vale tanto como *fácil*, y está celebrado en el refrán que dice: *Huésped que se combida, rece es de hartar*. *Sandio*, por *loco*, tengo que sea vocablo nacido y criado en Portugal; en Castilla no se usa ahora, no sé si en algún tiempo se usó. *So*, por *debaxo*, se usa algunas veces, diciendo: *So la color stá el engaño*, y *So el sayal ay ál*; se dice también: *so la capa del cielo*; pero, así como yo nunca digo sino

e *perguntar*, nunca me agradou. *Platel* por *prato* é vocábulo para entre plebeus, entre os quais também se diz *posar*, por *assentar*; entre pessoas da corte não se usa. De aldeões é dizer *poyal* por *bancal*, creio que porque usam mais *poyos* que *bancos*.

MÁRCIO: Que diferença fazeis entre *potage*, *caldo* e *cozinha*? e pergunto-vos, porque vi algumas vezes que soldados veteranos zombam dos recém chegados da Espanha, que nós chamamos *bisonhos*, algumas vezes porque dizem *cozinha* ao *brodo*, e outras porque ao mesmo chamam *potage*.

VALDÉS: Os que falam bem nunca chamam *cozinha* senão o lugar onde se costuma comer, e para o que os aldeões dizem *cozinha* eles dizem *caldo*, que é o que vós dizeis *brodo*; e *potage* chamam ao que aqui chamais *minestra*. Alguns escudeiros que vivem em aldeias, não sabendo fazer esta diferença entre *potage* e *caldo*, para não se parecerem com os aldeões no dizer *cozinha*, sem observar a diferença dizem sempre *potage*. Sabido isto, entendereis a causa pela qual os soldados veteranos zombavam da *cozinha* e do *potage* dos bisonhos.

MÁRCIO: Já o entendi; dizei a seguir.

VALDÉS: *Puges* por *figa* alguns

debaxo, así no os aconsejo que digáis de otra manera. *Sazón* es buen vocablo, sabiéndolo bien usar, y es malo usándolo como algunos diciendo *sazón será*, por *tiempo será*; se usa bien diciendo *a la sazón*; de donde decimos *sazonar ysazonado*. *Soez*, por *vil*, he leído en algunos libros, pero no me contenta. *Yo so*, por *yo soy*, dicen algunos, pero, aunque se pueda decir en metro, no se dice bien en prosa. *Sobrar*, por *sobrepujar*, se sufre bien en metro, pero en prosa no, de ninguna manera. *Sage*, por *cruel*, he visto usar, pero yo no lo uso ni usaría, aunque al parecer muestra un poco de más crueldad el *sage* que el *cruel*, y debe ser derivado de *sagax* latino. *Solaz*, por *placer* o *regocijo*, no me place. *Seruenda*, por *cosa tardía*, nunca lo he oído ni leído sino en Librija, y por esto ni lo he usado ni lo usaría; no me parecería mal que se usase, pues no tenemos otro que signifique lo que él. *Sayón*, por *verdugo*, se usa mucho, pero es mejor vocablo *verdugo*. Algunos dicen *saldrá* por *salirá*; a mí más me contenta *salirá*, porque viene de *salir*. *Suso*, por *arriba*, se usó un tiempo, como parece por el refranejo que dice: *Con mal anda el huso quando la barva no anda de suso*, pero ya no lo usamos, especialmente en cosas graves y de autoridad. No sé qué se le antojó al que compuso el refrán que dice:

usam, mas tem-se por melhor *figa*, ainda que seja gesto vergonhoso.

CORIOLANO: Em que vós vedes que é gesto vergonhoso?

VALDÉS: Em que por tal é havido e tido; dizei vós o que quiserdes.

CORIOLANO: Eu digo que não é mais vergonhoso nem mais desavergonhado do que a opinião do vulgo torna-o.

VALDÉS: Pois eu digo que me deixeis acabar de concluir minha dança, já que me tirastes para dançar.

CORIOLANO: Estou contente.

VALDÉS: Um *quillotro* diziam antigamente em Castela pelo que aqui dizeis *um cotal*; já não se diz de nenhuma forma.

MÁRCIO: Sucedeu algum outro vocábulo em seu lugar?

VALDÉS: Nenhum, nem é preciso, porque aquele *quillotro* não servia senão de arrimo para os que não sabiam ou não se lembravam do vocábulo da coisa que queriam dizer. *Rendir*, por *rentar*, e *riende*, por *renda*, dizem alguns, mas é melhor *rentar* e *renda*, porque também *rendir* significa *vencendo forçar alguém para que se dê por vencido*, e a este tal chamamos *rendido*. *Raudo* por *rápido*, é vocábulo grosseiro, poucos o usam. *Raez*, por *fácil*, está usado em algumas estrofes antigas, mas já o esquecemos, ainda que de *raez* façamos *rece*,

Castígame mi madre, y yo trómpoelas, y digo que no sé qué se le antojó, porque no sé qué quiso decir con aquel mal vocablo *trómpoelas*. *De buen talante*, por *de buena voluntad* o *de buena gana*, dicen algunos, pero los mismos que lo dicen creo que no lo escribirían en este tiempo. *Vogada*, por *vez*, leo en algunos libros, y aún oigo decir a algunos; yo no lo diría ni lo escribiría. Se dice entre gente baja *vezo*, por *costumbre*, y *vezado*, por *acostumbrado*; un refrán dice: *Vezo pon que vezo quites*; y otro: *No me pesa de mi hijo que enfermó, sino del mal vezo que tomó*; es bien verdad que casi siempre *vezo* se toma en mala parte, aunque de *vezo* hacemos *vezar* por *enseñar*. El que compuso a *Amadis de Gaula*, huelga mucho de decir *vaiais* por *vais*; a mí no me contenta. *Verter*, por *derramar*, habemos ya dejado, a pesar del refranejo que dice: *Agua vertida, no toda cogida*. Unos dicen *xáquima* y *cabestro*, porque *xáquima* es lo que se pone en la cabeza. *Zaque* lo mismo es que *odre* o *cuero de vino*, y a uno que está borracho decimos que está hecho un *zaque*; también he oído en la Mancha de Aragón llamar *zaques* a unos cueros hechos en cierta manera, con que sacan agua de los pozos; vocablo es que se usa poco; yo no lo uso jamás. Ni

que vale tanto como *fácil*, e está celebrado no refrão que diz: *Hóspede que se convida, rece é de fartar*. *Sandio*, por *louco*, penso que seja vocábulo nascido e criado em Portugal; em Castela não se usa agora, não sei se em algum tempo se usou. *So*, por *debaixo*, usa-se às vezes, dizendo: *So a cor está o engano*, e *So o saial ai lá*; se diz também: *so a capa do ceu*; porém, assim como eu nunca digo senão *debaixo*, assim não vos aconselho que digais de outra maneira. *Sazón* é bom vocábulo, sabendo usá-lo bem, e é mau usando-o como alguns dizendo *sazón será*, por *tempo será*; usa-se bem dizendo à *sazón*; de onde dizemos *sazonar* e *sazonado*. *Soez*, por *vil*, li em alguns livros, mas não me agrada. *Eu so*, por *eu sou*, dizem alguns, porém, ainda que se possa dizer em poesia, não se diz bem em prosa. *Sobrar*, por *sobrepujar*, aceita-se bem em poesia, mas em prosa não, de maneira nenhuma. *Sage*, por *cruel*, vi usar, mas eu não o uso nem usaria, apesar de o *sage* parecer mostrar um pouco mais de crueldade que o *cruel*, e dever ser derivado de *sagax* latino. *Solaz*, por *prazer* ou *regozijo*, não me apraz. *Seruenda*, por *coisa tardia*, nunca o ouvi nem li senão em Nebrija, e por isto não o usei nem o usaria; não me pareceria mal que se usasse,

vosotros podéis quejaros que no os he dicho mucho más de lo que me supierais.

MARCIO: Vos tenéis razón, pero todavía queremos que, si os acordáis de algunos otros vocablos que no os contenten, nos lo digáis.

VALDÉS: Si pensase mucho en ello, todavía me acordaría de otros, aunque, como no los uso, no los tengo en la memoria; y de los que os he dicho me he acordado por haberlos oído decir cuando caminaba por Castilla, porque en camino, andando por mesones, es forzado platicar con aldeanos y otras personas groseras. Pero en esto podéis considerar la riqueza de la lengua castellana; que tenemos en ella vocablos en que escoger como entre peras.

CORIOLANO: Decís muy gran verdad.

MARCIO: ¿Y de vocablos sincopados usáis algunas veces?

PACHECO: ¿Qué quiere decir sincopados?

MARCIO: Entresacados.

PACHECO: Ahora lo entiendo menos.

MARCIO: Cuando de en medio de algún vocablo se quita alguna letra o sílaba, decimos que el tal vocablo está sincopado; como si digo *puson* por *pusieron*, diré que aquel *puson* está sincopado. ¿Lo entendéis ahora?

PACHECO: Largamente.

VALDÉS: Respondiendo a lo que

pois não temos outro que signifique o mesmo que ele. *Sayón*, por *verdugo* usa-se muito, mas *verdugo* é vocábulo melhor. Alguns dizem *saldrá* por *sairá*; a mim agrada mais *sairá*, porque vem de *sair*. *Suso*, por *acima*, usou-se um tempo, como parece pelo refrão que diz: *Com mau anda o fuso quando a barba não anda de suso*, mas já não o usamos, especialmente em coisas sérias e de autoridade. Não sei o que pareceu ao que compôs o refrão que diz: *Castiga-me minha mãe, e eu trómposelas*, e digo que não sei o que lhe pareceu, porque não sei o que quis dizer com aquele mau vocábulo *trómposelas*. *De bom talante*, por *de boa vontade* ou *de boa gana*, dizem alguns, mas os mesmos que o dizem acredito que não o escreveriam nesse tempo. *Vegada*, por *vez*, leio em alguns livros, e também ouço dizer por alguns; eu não o diria nem o escreveria. Entre pessoas humildes se diz *vezo*, por *costume*, e *vezado*, por *acostumado*; um refrão diz: *Vezo pon que vezo quites* [Põe o que possas tirar]; e outro: *Não me lamento de meu filho que adoeceu, mas do mal vezo que tomou*; é bem verdade que quase sempre *vezo* se toma em má aceção, ainda que de *vezo* façamos *vezar* por *ensinar*. Quem compôs o *Amadis de Gaula* gosta

vos me preguntasteis, digo que en dos maneras principalmente usamos de vocablos sincopados. La una no la tengo por buena; esta es la que en cierta parte de España usa el vulgo, diciendo *traxon, dijon, hizon* por *traxeron, dijeron, hizieron*; y digo que no la tengo por buena, porque los que se precian de escribir bien, tienen esta manera de hablar por mala y reprobada, porque quieren que los vocablos se pronuncien y escriban enteros cuando el ayuntamiento de vocales no causa fealdad. La otra manera de vocablos sincopados es buena, y, por ser tal, la usamos todos, y decimos: *Allá van leyes do quieren reyes*, y también: *Do quiera que vayas, de los tuyos ayas*, en los cuales, si miráis, decimos *do* por *adonde*; decimos también *hi* por *hijo*, diciendo *hi de vezino* por *hijo de vezino*, *hi de puta*, por *hijo de puta*, y *hidalgo* por *hijo dalgo*.

CORIOLOANO: ¿Qué quiere decir *hijo dalgo*?

VALDÉS: A los que acá llamáis *gentiles hombres*, en Castilla llamamos *hidalgos*. De la misma manera sincopamos o cortamos algunos verbos cuando los juntamos con pronombres, como aquí: *Haz mal y guarte*, por *guárdate*. También decimos *en cas del* por *en casa del*.

PACHECO: Esa síncopa no me acuerdo oír-la jamás.

muito de dizer *vaiáis* por *vais*; a mim não agrada. *Verter*, por *derramar*, já esquecemos, apesar do refrão que diz: *Água vertida, não toda unida*. Uns dizem *xáquima* e *cabresto*, porque *xáquima* é o que se põe na cabeça. *Zaque* é o mesmo que *odre* ou *couro de vinho*, e a alguém que está bêbado dizemos que está feito um *zaque*; também ouvi na Mancha de Aragão chamar *zaques* uns artefatos de couro feitos de certa maneira, com que tiram água dos poços; é um vocábulo que se usa pouco; eu não o uso jamais. Nem podeis queixar-vos de que não vos disse muito mais do que esperáveis.

MÁRCIO: Tendes razão, mas ainda queremos que, se vos lembrais de alguns outros vocábulos que não vos agradem, no-lo digais.

VALDÉS: Se pensasse muito nisso, ainda me lembraria de outros, embora, como não os uso, não os tenha na memória; e os que vos disse lembrei por tê-los ouvido dizer quando caminhava por Castela, porque no caminho, andando pelas hospedarias, obriguei-me a conversar com aldeões e outras pessoas rudes. Mas nisto podeis considerar a riqueza da língua castelhana; que temos nela vocábulos em que escolher como entre peras.

CORIOLOANO: Dizeis muito

VALDÉS: Luego, ¿no habéis oído el refrán que dice: *En cas del bueno, el ruín tras fuego*, ni el otro: *En cas del hazino más manda la muger que el marido*?

PACHECO: Bien los había oído, pero no me acordaba de ellos.

VALDÉS: También decimos *de* la ventana por *desde* la ventana, y esto así en prosa como en verso, porque se dice bien: *De Parla van a Puñonrosto*, por *desde Parla*. *Deshar* por *deshazer*, hallaréis algunas veces en metro, pero guardaos no lo digáis hablando ni escribiendo en prosa, porque no se usa. También decimos *diz que* por *dizen*, y no parece mal.

MARCIO: Si no tenéis más que decir de los vocablos sincopados, decidnos si es muy abundante de vocablos equívocos la lengua castellana.

PACHECO: ¿Qué entendéis por vocablos equívocos?

MARCIO: Así llaman los latinos a los vocablos que tienen más de una significación, y pienso que vosotros no tenéis propio vocablo que signifique esto.

VALDÉS: Así es verdad y, por tanto, yo uso siempre del latino que ya casi los más lo entienden; y respondiendos a vos, digo que tenemos muy muchos vocablos equívocos; y más os digo que, aunque en otras lenguas sea defecto la equivocación de los vocablos, en la castellana es

grande verdade.

MÁRCIO: E vocábulos sincopados usais algumas vezes?

PACHECO.- Que quer dizer sincopados?

MÁRCIO: Entrecortados.

PACHECO: Agora o entendo menos.

MÁRCIO: Quando se tira alguma letra ou sílaba do meio de algum vocábulo, dizemos que o tal vocábulo está sincopado; como se digo *pusam* por *puseram*, direi que aquele *pusam* está sincopado. Entendei-o agora?

PACHECO: Perfeitamente.

VALDÉS: Respondendo ao que vós me perguntastes, digo que principalmente de duas formas usamos vocábulos sincopados. Una não considero boa; esta é a que em certos lugares da Espanha o vulgo usa, dizendo *traxon*, *dijon*, *hizon* por *traxeron*, *dijeron*, *hizieron*; e digo que não a considero boa, porque os que escrevem bem consideram esta maneira de falar má e reprovada, porque querem que os vocábulos sejam pronunciados e escritos inteiros quando a junção de vogais não causa fealdade. A outra forma de vocábulos sincopados é boa, e, por ser tal, todos a usamos, e dizemos: *Lá vão leis do querem reis*, e também: *Do quer que vás, dos teus hás*, nos quais, se observais, dizemos *do* por *donde*; dizemos também *hi* por *filho*,

ornamento, porque con ellos se dicen muchas cosas ingeniosas, muy sutiles y galanas.

MARCIO: Si os acordáis de algunas que sean tales como decís, nos haréis merced en decírnoslas.

VALDÉS: De muy buena voluntad os diré las que me vinieren a la memoria, pero con condición que, porque estos cuentos son sabrosos muchas veces para el que los dice y desabridos para el que los oye, si me viereis embebecido en ellos, tengáis cuidado de despertarme.

PACHECO: En eso tanto dejadme a mí el cargo.

VALDÉS: *Correr*, demás de su propia significación, que es *currere*, tiene otra, y es esta, que decimos que se corre uno cuando, burlando con él y motejándolo, se enoja. Esto mostró galanamente un caballero en una copla que hizo a otro caballero que, siendo él flaco, cabalgaba un caballo flaco, y era hombre que le pesaba que burlasen con él. La copla decía así: *Vuestro rocín, bien mirado,/ por compás y por nivel,/ os es tan pintiparado/ en lo flaco y descarnado,/ que él es vos, y vos sois él;/ mas una cosa os socorre/ en que no le parecéis:/ que él de flaco no corre,/ y vos de flaco os corréis.*

MARCIO: Tenéis razón de alabarla, que cierto tiene ingenio.

CORIOLANO: Yo no entiendo bien aquel *pintiparado*.

VALDÉS: No importa, otro día lo

dizendo *hi de vezino* por *filho de vizinho*, *hi de puta*, por *filho de puta*, e *hidalgo* por *filho d'algo*.

CORIOLANO: Que quer dizer *filho d'algo*?

VALDÉS: Os que aqui chamais *gentis homens*, em Castela chamamos *fidalgos*. Da mesma forma sincopamos ou cortamos alguns verbos quando os juntamos com pronomes, como aqui: *Faz mal e guarde*, por *guarda-te*. Também dizemos *em cas de* por *em casa de*.

PACHECO: Esta síncope não me lembro de ouvi-la jamais.

VALDÉS: Logo, não ouvistes o refrão que diz: *Em cas do bom, o ruim traz fogo*, nem o outro: *Em cas do mesquinho mais manda a mulher que o marido*?

PACHECO: Bem tinha ouvido-os, mas não me lembrava deles.

VALDÉS: Também dizemos *de* a janela por *desde* a janela, e isto tanto em prosa como em verso, porque se diz bem: *De Parla vão a Puñon Rostro*, por *desde Parla*. *Desfer* por *desfazer*, achareis algumas vezes em metro, mas atenção, não o digais falando nem escrevendo em prosa, porque não se usa. Também dizemos *diz que* por *dizem*, e não parece mau.

MARCIO: Se não tendes mais o que dizer sobre os vocábulos sincopados, dizei-nos se a língua castelhana é muito abundante em vocábulos equívocos.

entenderéis. [...] *Tocar* es lo mismo que *tangere* y que *pertinere*, y significa también *ataviarse la cabeza*; creo que venga de *toca*, que es lo que dicen: *Cabeça loca no sofre toca* y *La moça loca por la lista compra la toca*. Ahora mirad cómo un fraile en tres palabras aludió sutilmente a las tres significaciones, y fue así que, demandándole una monja le diese una toca, él respondió: *Quando toque a mí tocaros, con más que esso os serviré*.

PACHECO: ¡Oh hijo de puta y qué buen fraile! ¡Guijarrazo de villano y palo de sacristán!

VALDÉS: ¡Cómo os alteráis en oyendo hablar de frailes! Como si no fuesen hombres como nosotros.

PACHECO: Ya, ya, no curemos de más; pues vos defendéis a los frailes, yo quiero de hoy más defender la causa del rey de Francia contra el Emperador.

VALDÉS: *Cuerda* quiere decir *prudente*, y también lo que el latino dice *funis*. De esta equivocación se aprovechó galanamente don Antonio de Velasco hablando del juego de la pelota, donde, como sabéis, se juega por encima de la cuerda, en una copla que hizo a don Diego de Bovadilla que hacía profesión de servir una dama, hija del señor de la casa donde se jugaba. La copla decía así: *Don Diego de Bovadilla/ no se spante, aunque pierda;/*

PACHECO: Que entendéis por vocábulos equívocos?

MÁRCIO: Assim chamam os latinos os vocábulos que têm mais de uma significação, e penso que vós não tendes vocábulo próprio que signifique isto.

VALDÉS: É verdade e, portanto, eu uso sempre algum latino que os demais já quase entendem; e respondendo-vos, digo que temos muitos muitos vocábulos equívocos; e vos digo mais, que, ainda que em outras línguas a equivocação dos vocábulos seja defeito, na castelhana é ornamento, porque com eles se dizem muitas coisas engenhosas, muito sutis e elegantes.

MÁRCIO: Se lembrais algumas que sejam como dizeis, fazei o favor de nos dizê-las.

VALDÉS: Com muito boa vontade dir-vos-ei as que me vierem à memória, mas com a condição de que, porque estes contos muitas vezes são saborosos para quem os diz e insossos para quem os ouve, se me virdes embevecido neles, tende o cuidado de me despertar.

PACHECO: Deixai isto a meu encargo.

VALDÉS: *Correr*, além de sua própria significação, que é *currere*, tem outra, e é esta, que dizemos que alguém corre quando, zombando dele e censurando-o, irrita-se. Isto

siendo su amiga la cuerda,/ ganar fuera maravilla./ El sabe tan bien servilla/ y sacar tan mal de dentro,/ que stá seguro Sarmiento.

MARCIO: ¡Oh cómo perseveró diestramente en la metáfora! No vi mejor cosa en mi vida.

VALDÉS: *Lonja* llama el español a algún cierto lugar diputado para pasear, y dice también lonja de tocino.

MARCIO: Pues se hace mención de tocino, no puede ser malo el dicho.

VALDÉS: Estaba una vez un mancebo paseándose delante la casa de una señora, adonde un caballero, por estar enamorado de la señora, se solía continuamente pasear; el cual, viendo allí al mancebo, le dijo: Gentilhombre, ¿no dejaréis estar mi lonja? El otro, queriendo hacer del palanciano, le respondió: ¿Cómo lonja? Sé que no es de tocino. El otro a la hora le replicó: Si de tocino fuese, segura estaría por vuestra parte.

MARCIO: Eso fue jugar muy a la descubierta.

VALDÉS: *Fiel* llamamos a un hombre de confianza, y llámase *fiel* en el que juegan las tijeras cuando cortáis con ellas. Mandando, pues, una vez un señor a un su criado en un lugar suyo que hiciese poner un fiel en unas tijeras que, cercenando una carta, se le habían desenfielado, le respondió de presto: «no halláis vos en todo el

mostrou elegantemente um cavaleiro em uma copla que fez a outro cavaleiro que, sendo ele fraco, cavalgava em um cavalo fraco, e era homem que se queixava que zombavam dele. A copla dizia assim: *Vosso rocim, bem cuidado,/ por compasso e por nivel,/ vos é tão assemelhado/ no fraco e descarnado,/ que ele é vós, e vós sois ele;/ mas algo vos ocorre/ em que não lhe pareceis:/ que ele de fraco não corre,/ e vós de fraco correis.*

MARCIO: Tendes razão de elogiá-la, que por certo tem engenho.

CORRIOLANO: Eu não entendo bem aquele *assemelhado*.

VALDÉS: Não importa, outro dia o entenderéis [...]. *Tocar* é o mesmo que *tangere* e que *pertinere*, e significa também *adornar-se a cabeça*; creio que venha de *toca*, que é o que dizem: *Cabeça loca não suporta toca* e *A moça loca pela lista compra a toca*. Agora atenção para como um frade, em três palavras, aludiu sutilmente às três significações, e foi assim que, uma monja, pedindo-lhe que lhe desse uma touca, ele respondeu: *Quando toque a mim tocar-vos, com mais que isso vos servirei*.

PACHECO: Oh filho duma puta e que bom frade! Pedrada de vilão e cajado de sacristão!

VALDÉS: Como vos alterais ao

lugar un fiel para vuestra hacienda, y ¿queréis que lo halle yo para vuestras tijeras?»

MARCIO: Este me parece más sutil.

VALDÉS: No habéis de mirar sino a la alusión de los vocablos, que por esto os cuento estos, pudiendoos contar otros muy más primos y mejores.

MARCIO: Así lo entendemos.

VALDÉS: *Yervas* llamamos en Castilla a lo que acá llamáis *tossico*, y también a los pastos donde se apacientan los ganados, y así decimos: *Yerva pace quien lo paga*, y de yerba llamamos *ervage* y *ervajar*. Un escudero muy honrado, habiendo arrendado ciertas yerbas o pastos en su tierra y no teniendo con qué pagarlas, se ausentó de la tierra, y topándose acaso en el camino con un su vecino que de la feria de Medina del Campo se tornaba a su casa, le encargó mucho que, en llegando a la tierra, publicase que era muerto, «y si os preguntaren, dijo él, de qué morí, decid que de yerbas». Este mismo, viniendo un día muy en amaneciendo de velar en la iglesia, a la usanza de España, una prima suya, que era muy necia, preguntó al clérigo *si venía de velar la prima o la modorra*, donde metió tres vocablos equívocos harto propiamente.

MARCIO: Muy bien los entiendo todos, y paréceme que lo dijo muy

ouvir falar de frades! Como se não fossem homens como nós.

PACHECO: Aha, não nos preocupemos demais; se defendeis os frades, de hoje em diante quero defender a causa do rei da França contra o imperador.

VALDÉS: *Cuerda* quer dizer *prudente*, e também o que o latino diz *funis*. Desta ambiguidade dom Antonio de Velasco aproveitou-se galantemente falando do jogo da bola, onde, como sabeis, joga-se por cima da corda, em uma copla que fez a dom Diego de Bovadilla que tinha por profissão servir a uma dama, filha do senhor da casa onde se jogava. A copla dizia assim: *Dom Diego de Bovadilla/ não se espante com sua perda;/ sendo sua amiga a cuerda,/ ganhar será maravilha./ O sabe tão bem servi-la/ e tirar tão mal de dentro,/ que está seguro Sarmiento*.

MÁRCIO: Oh, como perseverou habilmente na metáfora! Nunca vi coisa melhor na minha vida.

VALDÉS: *Lonja* o espanhol chama um certo lugar reputado para passear, e diz também *lonja* de toucinho.

MÁRCIO: Pois se faz menção a toucinho, o ditado não pode ser mau.

VALDÉS: Estava uma vez um mancebo passeando diante da casa de uma senhora, onde um cavalheiro, por estar apaixonado

galana y sutilmente.

VALDÉS: A lo que en latín llamáis *vibex*, en España llamamos *cardenal*, pienso que porque es cárdeno; también llamados cardenales a los reverendísimos que hace Su Santidad. Ahora sabed que, cuando el papa León crió los XXXI cardenales, un fraile en un sermón introdujo la iglesia que se quejaba a Dios que su marido la trataba mal, y le hizo que dijese: «y si no me queréis, Señor, creer, mirad los cardenales que me acaba de hacer».

MARCIO: Quanto que ese dicho, siempre tiene sazón.

VALDÉS: *Falta* sirve, como sabéis, para el juego de la pelota, también como para decir: *Malo es Pasqual, mas nunca le falta mal*. A estas dos significaciones aludió don Antonio de Velasco en una copla que, al mismo propósito de la otra, hizo a un caballero de la Casa de la Cuerda, que era tenido por poco sabio; la cual decía así: *El de la cuerda, a mi ver,/ allí no ganará nada;/ si no es falta de tomada,/ será falta de saber;/ tantas le vemos hazer,/ y de ver que son sin cuento,/ no vaya a cas de Sarmiento*.

MARCIO: Bien parece esa cosa del ingenio de don Antonio de Velasco.

VALDÉS: Decimos *pensar* por *cogitare*, y también *pensar* por *governar las bestias*, de donde

pela senhora, continuamente costumava passear; o qual, vendo ali o mancebo, disse-lhe: Gentil homem, não deixareis em paz minha *lonja*? O outro, querendo fazer-se de cortesão, respondeu-lhe: Como *lonja*? Sei que não é de toucinho. O outro na hora replicou: Se fosse de toucinho, estaria segura por vossa parte.

MÁRCIO: Isso foi jogar muito à descoberta.

VALDÉS: *Fiel* chamamos um homem de confiança, e chama-se *fiel* onde segurais a tesoura quando cortais com ela. Pois uma vez um senhor, mandando o seu criado a um lugar que fizesse colocar um fiel em uma tesoura que tinha se soltado abrindo uma carta, respondeu-lhe súbito: “Vós não achais em nenhum lugar um fiel para vossa fazenda, e quereis que eu o ache para a vossa tesoura?”

MÁRCIO: Este me parece mais sutil.

VALDÉS: Não deveis prestar atenção senão na alusão aos vocábulos, que por isto vos conto estas coisas, podendo contar-vos outras muito mais primorosas e melhores.

MÁRCIO: Assim o entendemos.

VALDÉS: *Ervas* chamamos em Castela o que aqui chamais *tossico*, e também os pastos onde se apascentam os rebanhos, e assim dizemos: *Erva pasce quem*

nació la simpleza del vizcaíno que, sirviendo a un escudero, porque tenía cargo de pensar el caballo, no lo quería ensillar; preguntado por qué, dijo que porque había oído un refrán que decía: *Uno piensa el bayo y otro el que lo ensilla.*

MARCIO: Propia inteligencia de vizcaíno.

VALDÉS: Porque sería nunca acabar si para cada vocablo equívoco os contase un contezuelo de estos, los quiero atajar, y decir que *pecho* es lo mismo que *pectus*, y es un *certum quid* que pagan al rey los que no son hidalgos, por donde los llamamos pecheros. *Corredor* es el que corre, y corredor es lo que acá decís *loja*, y también a lo que decís *sensale*. *Moço* y *moça* son nombres de servidumbre y son nombres de edad, de donde decimos *mocedad* y *mocedades*. Que sean nombres de servidumbre lo muestran los refranes que dicen: *Guárdate de muger latina y de moça adivina*, y *A escudero pobre moço adivino*, y *Al moço malo, ponedle la mesa y embiadlo al mandado*. Que sean nombres de edad, también se ve en este refrán: *Moça, guárdate del moço cuando le salle el boço*. También *cuento* es equívoco, porque decimos cuento de lanza y cuento de maravedís y cuento por novela. *Tacha* es lo mismo en castellano que en italiano, y *tachas* llamamos los clavicos que ponen

o paga, e de erva chamamos *ervage* e *ervajar*. Um escudeiro muito honrado, tendo arrendado certas ervas ou pastos em sua terra e não tendo com que pagá-las, ausentou-se dali, e no caminho, encontrando por acaso um seu vizinho que da feira de Medina do Campo retornava à sua casa, recomendou-lhe muito que, ao chegar, divulgasse que ele havia morrido, “e se vos perguntarem”, disse ele, “de que eu morri, dizei que de ervas”. Este mesmo, um dia muito ao amanhecer vindo velar na igreja, ao costume da Espanha, uma prima sua, que era muito ingênuo, perguntou ao clérigo *se vinha velar a prima ou a modorra*, onde meteu três vocábulos ambíguos muito propriamente.

MÁRCIO: Entendo todos muito bem, e parece-me que o disse muito galante e sutilmente.

VALDÉS: O que em latim chamais *vibex*, na Espanha chamamos *cardenal*, penso que porque é cárdeno; também são chamados cardeais os reverendíssimos que Sua Santidade faz. Agora sabeí que, quando o papa Leão criou os 31 cardeais, um frade, em um sermão, disse que a igreja se queixava a Deus que seu marido a tratava mal, e fez com que dissesse: “e se não me quereis crer, Senhor, olhai os cardeais que

en los cofres encorados.

MARCIO: No me place tanto ensartar de vocablos; más quisiera que prosiguerais como habíais comenzado.

VALDÉS: Dejadme, por vuestra vida, que otro día os cansaré contandoos estos contezuelos. *Hacha* llamamos a la que por otro nombre decimos *antorcha*, y *hacha* llamamos también a la segur. *Servidor*, allende de su propia significación, que es común a las tres lenguas de que platicamos, tiene otra deshonesta.

MARCIO: No la digáis, que ya la sé.

VALDÉS: De *mancebo* hacemos también *manceba*, que quiere decir mujer moza y quiere decir concubina. Otros hay a quien la semejanza solamente hace equívocos, así como *capón*, que por la semejanza hacemos que signifique lo que eunuco. Sobre lo cual se celebra un dicho de una dama que, habiendo después de viuda tomado otro marido, del cual no se podía aprovechar, por quitárselo de delante, le dio quinientos ducados con que se viniese en Italia. El dicho es este, que estando en un banquete alababan todos ciertos capones que allí se comían, y diciendo uno que valían caros, porque costaba un ducado cada uno, respondió la dama: ¿a eso llamáis caro?, pues yo compré uno por quinientos

me acaba de fazer”.

MÁRCIO: Quanto a esse ditado, é muito oportuno.

VALDÉS: *Falta* serve, como sabeis, para o jogo de bola, como também para dizer: *Mau é Pasqual, mas nunca lhe falta mal*. A estas duas significações aludiu dom Antonio de Velasco em uma copla que, com o mesmo propósito da outra, fez a um cavaleiro da Casa da Corda, que era considerado pouco sábio; a qual dizia assim: *O da corda, a meu ver,/ ali não ganhará nada;/ se não é falta de tomada,/ será falta de saber;/ tantas o vemos fazer,/ e de ver que são sem conta,/ não vá a cas de Sarmento*.

MÁRCIO: Essa coisa bem parece do engenho de dom Antonio de Velasco.

VALDÉS: Dizemos *pensar* por *cogitare*, e também *pensar* por *guiar as bestas*, de onde nasceu a simplicidade do basco que, servindo a um escudeiro, porque tinha o encargo de *pensar* o cavalo, não o queria encilhar; perguntado por que, disse que porque tinha ouvido um refrão que dizia: *Um pensa o baio e outro o que o encilha*.

MÁRCIO: Inteligência própria de basco.

VALDÉS: Porque nunca acabaria, se para cada vocábulo equívoco vos contasse uma historinha destas, quero encurtar, e dizer que

ducados y no gocé de él.

PACHECO: Concluid con eso, por vuestra vida, porque tengamos tiempo para lo demás.

VALDÉS: En merced os tengo que me hayáis atajado; y vos ved si tenéis más que preguntar.

MARCIO: Pues no nos queréis decir más equívocos, porque me acuerdo, algunas veces oíros decir que deseáis introducir ciertos vocablos en la lengua castellana, antes que pasemos adelante, decidnos qué vocablos son estos.

VALDÉS: De buena voluntad os diré todos los que me vendrán a la memoria. De la lengua griega deseo introducir estos que están medio usados: *paradoxa*, *tiranizar*, *idiota*, *ortografía*.

PACHECO: Larga nos la levantaríais a los que no sabemos griego ni latín, si, por introducirnos nuevos vocablos, no pusieseis necesidad de aprenderlos.

VALDÉS: Por vuestra vida, que me consintáis de usar de estos vocablos, pues, si bien miráis en ello, fácilmente los entenderéis.

PACHECO: El *tiranizar* y la *ortografía* bien los entiendo, pero los otros no sé qué quieren decir.

VALDÉS: Pues yo os lo diré ahora, y lo tendréis por dicho para siempre: *paradoxa* quiere decir cosa que viene sin pensarla; *idiota* significa hombre privado y sin letras. ¿Los entendéis?

PACHECO: Sí, muy bien. Decid

pecho é o mesmo que *pectus*, e é um *certum quid* que pagam ao rei os que não são fidalgos, pelo que os chamamos *pecheros*. *Corredor* é o que corre, e *corredor* é o que aqui dizeis *loja*, e também o que dizeis *sensale* [intermediário]. *Moço* e *moça* são nomes de servidão e são nomes de idade, de onde dizemos mocidade e mocidades. Que sejam nomes de servidão o mostram os refrões que dizem: *Guarda-te de mulher latina e de moça adivinha*, e *A escudeiro pobre moço adivinho*, e *O moço mau, colocai-o à mesa e enviai-o ao mandado*. Que sejam nomes de idade, também se vê neste refrão: *Moça, guarda-te do moço quando lhe sai o buço*. Também *conto* é ambíguo, porque dizemos conto de lança e conto de maravedis e conto por novela. *Tacha* é em castelhano o mesmo que em italiano, e *tachas* chamamos as cravações que colocam nos cofres encourados.

MÁRCIO: Não me agrada muito encordoar vocábulos; gostaria mais que prosseguísseis como havíeis começado.

VALDÉS: Deixai-me, por favor, que outro dia vos cansarei contando-vos essas historinhas. *Hacha* chamamos o que por outro nome dizemos tocha, e também chamamos de hacha o machado. *Servidor*, além de sua própria significação, que é comum às três

adelante.

VALDÉS: De la lengua latina querría tomar estos vocablos: *ambición, ecepción, dócil, superstición, obieto*. Del cual vocablo usó bien el autor de *Celestina: la vista a quien obiecto no se pone*; y digo que lo usó bien, porque, queriendo decir aquella sentencia, no hallara vocablo castellano con que decirla, y así fue mejor usar de aquel vocablo latino que dejar de decir la sentencia; o para decirla había de buscar rodeo de palabras. Tomaría también *decoro*.

PACHECO: ¿Qué quiere decir *decoro*?

VALDÉS: Cuando queremos decir que uno se gobierna en su manera de vivir conforme al estado y condición que tiene, decimos que guarda el decoro. Es propio este vocablo de los representantes de las comedias, los cuales estonces se decía que guardaban bien el decoro, cuando guardaban lo que convenía a las personas que representaban.

PACHECO: Bien lo entiendo. Decid adelante.

VALDÉS: Querría más introducir *paréntesis, insolencia, jubilar, temeridad, profesión*.

PACHECO: ¿Qué decís? ¿*profesión* no es castellano?

VALDÉS: Sí que es castellano, pero se han alzado con él los frailes, y yo querría que lo

línguas de que falamos, tem outra desonesta.

MÁRCIO: Não a digais, que já sei.

VALDÉS: De *mancebo* fazemos também *manceba*, que quer dizer mulher moça e quer dizer concubina. Há outros cuja semelhança somente faz equívocos, assim como *capão*, que pela semelhança fazemos com que signifique o mesmo que eunuco. Sobre o qual celebra-se um ditado de uma dama que, tendo depois de viuva tomado outro marido, do qual não se podia aproveitar, para livrar-se dele, deu-lhe quinhentos ducados para que viesse à Itália. O ditado é este, que estando em um banquete todos elogiavam certos capões que ali eram comidos, e alguém dizendo que eram caros, porque custava um ducado cada um, a dama respondeu: a estes chamais caros?, pois eu comprei um por quinhentos ducados e não gozei dele.

PACHECO: Concluí isto, por favor, para que tenhamos tempo para os demais.

VALDÉS: Agradeço-vos por terdes me interrompido; e vede se tendes mais o que perguntar.

MÁRCIO: Pois não nos quereis dizer mais equívocos, porque me lembro, algumas vezes de vos ouvir dizer que desejáveis introduzir certos vocábulos na

usásemos como lo usan el latín y el toscano, diciendo: *Juan haze profesión de loco* y *Pedro haze profesión de sabio. Persuadir y persuasión, estilo, y observar y observación.*

PACHECO: Esos tres postreros quiero que me declaréis.

VALDÉS: *Estilo* llamamos a la manera de decir buena o mala, áspera o dura; *observar* vale tanto como *notar*, sino que sirve para más cosas; lo mismo digo de *observación*. Y porque me he visto en aprieto queriendo exprimir en castellano lo que significa *obnoxius* y *abutere*, los introduciría si me atreviese, pero son tan remotos del hablar castellano que de ninguna manera me atrevería a usarlos; holgaría bien que otros lo usasen por poderlos usar también yo. De la lengua italiana deseo poderme aprovechar para la lengua castellana de estos vocablos: *facilitar, fantasía*, en la significación que lo tomáis acá; *aspirar*, por *tener ojo*, como quien dice: *Cada cardenal aspira al papado; dinar, entretener, discurrir y discurso, manejar y manejar, diseñar y diseño, ingeniar* por inventar con el ingenio, *servitud, novela y novelar, cómodo o incómodo, comodidad, solacio, martelo*, porque no parece que es lo mismo que *celos, pedante y assassinar*.

língua castelhana, antes que passemos adiante, dizei-nos que vocábulos são estes.

VALDÉS: Direi com boa vontade todos os que me vierem à memória. Da língua grega desejo introduzir estes que estão meio usados: *paradoxa, tiranizar, idiota, ortografia*.

PACHECO: Dificultaríeis a quem não sabe grego nem latim, se, para introduzir novos vocábulos, não pusésseis necessidade em aprendê-los.

VALDÉS: Peço-vos que me permitais usar estes vocábulos, pois, se prestardes bem atenção, facilmente os entenderéis.

PACHECO: O *tiranizar* e a *ortografia* bem os entendo, mas os outros não sei o que querem dizer.

VALDÉS: Pois eu vos direi agora, e o tereis por dito para sempre: *paradoxa* quer dizer coisa que vem sem pensar; *idiota* significa homem privado e sem letras. Entendeis?

PACHECO: Sim, muito bem. Dizei mais.

VALDÉS: Da língua latina queria tomar estes vocábulos: *ambição, exceção, dócil, superstição, objeto*. De cujo vocábulo o autor de *Celestina* usou bem: *a vista a quem objeto não se põe*; e digo que o usou bem, porque, querendo dizer aquela sentença, não havia achado vocábulo castelhanos com que dizê-la, e assim foi melhor

CORIOIANO: ¿Queréis que os diga la verdad? No me place que seáis tan liberal en acrescentar vocablos en vuestra lengua, mayormente si os podéis pasar sin ellos, como se han pasado vuestros antepasados hasta ahora. Y si queréis ver que tengo razón, acordaos cuán atentadamente y con cuánta modestia acrecienta Cicerón en la legua latina algunos vocablos, como son *qualitas*, *visum* que significa *fantasía*, y *comprehensibile*, aunque sin ellos no podía exprimir bien el concepto de su ánimo en aquella materia de que hablaba, que es, si bien me acuerdo, en sus *Questiones* que llama *académicas*.

VALDÉS: Toda esa atención y toda esa modestia que decís tiene Cicerón con mucha razón cuando introduce en la lengua latina esos vocablos que él componía; pero, si bien os acordáis, cuando usa y se aprovecha de vocablos griegos en el mismo libro que vos habéis alegado, no cura de demandar perdón, antes él mismo se da licencia para usar de ellos, como veis que los usa, no solamente escritos con letras griegas, pero con latinas, como son *asotus*, *idea*, *atomus*, etc. De manera que, pues yo no compongo vocablos nuevos, sino me quiero aprovechar de los que hallo en las otras lenguas con las cuales la mía tiene alguna semejanza, no sé por qué no os ha

usar aquele vocábulo latino do que deixar de dizer a sentença; ou para dizê-la tinha de buscar circunlóquios. Tomaria também *decoro*.

PACHECO: Que quer dizer *decoro*?

VALDÉS: Quando queremos dizer que alguém se comporta em seu modo de viver conforme o estado e a condição que tem, dizemos que olha o decoro. Este vocábulo é próprio dos atores das comédias, os quais então se dizia que olhavam bem o decoro, quando viam o que convinha às pessoas que representavam.

PACHECO: Bem o entendo. Dizei mais.

VALDÉS: Queria introduzir mais, *parênteses*, *insolência*, *jubilar*, *temeridade*, *profissão*.

PACHECO: Que dizeis? *profissão* não é castelhano?

VALDÉS: Claro que é castelhano, mas os frades se apossaram dele, e eu gostaria que o usássemos como o latim e o toscano o usam, dizendo: *Juan faz profissão de louco* e *Pedro faz profissão de sábio*. *Persuadir* e *persuasão*, *estilo*, *observar* e *observação*.

PACHECO: Estes três últimos quero que me expliqueis.

VALDÉS: *Estilo* chamamos a maneira de dizer boa ou má, áspera ou dura; *observar* vale tanto como *notar*, mas serve para mais coisas; o mesmo digo de

de contentar.

MARCIO: Os dice muy gran verdad, y vos, señor Pacheco, decidnos ¿qué sentís de estos vocablos añadidos?

PACHECO: Que para todos ellos yo de muy buena gana daré mi voto, siempre que me será demandado, aunque algunos se me hacen durillos; pero, conociendo que con ellos se ilustra y enriquece mi lengua, todavía los admitiré y, usándolos mucho, poco a poco los ablandaré.

MARCIO: Esto es verdad, que ninguna lengua hay en el mundo a la cual no estuviese bien que le fuesen añadidos algunos vocablos; pero el negocio está en saber si querríais introducir estos por ornamento de la lengua, o por necesidad que tenga de ellos.

VALDÉS: Por lo uno y por lo otro.

CORIOLO: Pues os faltan vocablos con que exprimir los conceptos de vuestros ánimos, ¿por qué hacéis tantos fieros con esta vuestra lengua castellana?

VALDÉS: Ni nos faltan vocablos con que exprimir los conceptos de nuestros ánimos, porque, si algunas cosas no las podemos explicar con una palabra, las explicamos con dos o tres como mejor podemos; ni tampoco hacemos fieros con nuestra lengua, aunque, si quisiésemos, podríamos salir con ellos, porque me bastaría el ánimo a daros dos vocablos

observação. E porque me vi em apuros querendo exprimir em castelhano o que significa *obnoxius* e *abutere*, os introduziria se me atrevesse, porém, são tão remotos do falar castelhano que de nenhum modo me atreveria a usá-los; gostaria muito que outros o usassem para podê-los usar também eu. Da língua italiana desejo poder aproveitar para a língua castelhana estes vocábulos: *facilitar*, *fantasia*, na significação que o tomais aqui; *aspirar*, por *visar*, como quem diz: *Cada cardeal aspira ao papado*; *dinar*, *entreter*, *discorrer* e *discurso*, *manejar* e *manejo*, *desenhar* e *desenho*, *ingeniar* por inventar com o ingênio, *servidão*, *novela* e *novelar*, *cômodo* ou *incômodo*, *comodidade*, *solacio*, *martelo*, porque não parece que é o mesmo que *celos*, *pedante* e *assassinar*.

CORIOLO: Quereis que vos diga a verdade? Não me agrada que sejais tão liberal ao acrescentar vocábulos em vossa língua, sobretudo se podeis passar sem eles, como passaram vossos antepassados até agora. E se quereis ver que tenho razão, lembrai-vos de quão atentamente e com quanta modéstia Cícero acrescenta na língua latina alguns vocábulos, como *qualitas*, *visum* que significa fantasia, e *comprehensibile*, ainda que sem

castellanos, para los cuales vosotros no tenéis correspondientes, por uno que me dieseis toscano, para el cual yo no os diese otro castellano que le respondiese.

CORIOLANO: Esa bravería española no la aprendisteis vos en San Pablo.

VALDÉS: Abasta que la aprendí de San Pedro, y en Roma. Pues más quiero decir, porque veáis quién son los Chacones, que haré lo mismo con la lengua latina.

CORIOLANO: Nunca os vi tan bravoso. Ea, quebradme el ojo con media docena de vocablos españoles que no tengan latinos que les correspondan.

VALDÉS: No os quebraré el ojo, pero daros he sin más pensarlo dos docenas de ellos por media que me demandáis.

CORIOLANO: Esos serán plebeyos.

VALDÉS: No serán sino hidalgos, de las migajas del rey de Portugal. Y porque veáis si decir y hacer comen a mi mesa, empezad a contar: *Aventurar, escaramuçar, escarpíar, madrugár, acuchillar, amagar, grangear, acaudalar, aislar, trasnochar, esquilmo, fulano, axuar, peonada, requiebro, desaguadero, retoçar, maherir, çaherir, tráfagar, amanecer, jornada, ospitalero, carcelero, temprano, mesonero, postremería, desenhadamiento, desmayar,*

eles não pudesse exprimir bem o conceito de seu espírito naquela matéria de que falava, que está, se bem me lembro, em suas *Questiones* que chama *acadêmicas*.

VALDÉS: Toda essa atenção e toda essa modéstia que dizeis Cícero tem com muita razão quando introduz na língua latina estes vocábulos que ele compunha; porém, se bem vos lembrais, quando usa e aproveita vocábulos gregos no mesmo livro que citastes, não procura pedir perdão, antes, ele mesmo se dá licença para usá-los, como vedes que os usa, não somente escritos com letras gregas, mas com latinas, como são *asotus, idea, atomus*, etc. De modo que, se eu não componho vocábulos novos, mas quero aproveitar os que acho nas outras línguas com as quais a minha tem alguma semelhança, não sei por que não vos há de agradar.

MÁRCIO: É muito grande verdade, e vós, senhor Pacheco, dizei-nos o que achais destes vocábulos acrescentados?

PACHECO: Que para todos eles eu darei meu voto de muito bom grado, sempre que me for pedido, embora alguns me pareçam ásperos; porém, sabendo que com eles se ilustra e enriquece a minha língua, também os admitirei e, usando-os muito, pouco a pouco

albricias, engolfar, escuderear, amortecer, sazonar, alcahuetar.
 ¿He dicho hartos?

MARCIO: Habéis dicho tantos, que ya me pesaba haberos metido en la danza, viendoos tan embebecido en ella que me parecía que aun sin son bailaríais; pero os quiero desengañar, porque no os engriáis mucho pensando haber hecho una gran prueba de vuestra lengua; que de esa suerte de vocablos también os diré yo cuatro docenas de la lengua toscana.

CORIOLANO: Y aun yo diré diez.

VALDÉS: También diré yo ciento, si quiero entrar en los vocablos arábigos que son nombres de cosas, como *guadamecil, almairaz, almirez*, etc.; pero esto no importa. Decid vosotros cuantos quisieréis, que a mí harto me basta haber cumplido con lo que prometí.

MARCIO: No lo habéis cumplido tan enteramente como pensáis.

VALDÉS: ¿Cómo no?

MARCIO: Porque no a todos los vocablos que habéis dicho falta correspondiente latino.

VALDÉS: Decidme cuáles lo tienen, que holgaré aprender esto de vos.

MARCIO: ¿No os parece que *lascivire* exprime bien lo que el castellano dice *retoçar*?

VALDÉS: No, que no me parece,

os abrandarei.

MÁRCIO: Isso é verdade, que nenhuma língua há no mundo à qual não fique bem que lhe sejam acrescentados alguns vocábulos; mas a questão está em saber se queríeis introduzir estes pelo ornamento da língua, ou pela necessidade que tenha deles.

VALDÉS: Por um e pelo outro.

CORIOLANO: Se vos faltam vocábulos com que exprimir os conceitos de vossos espíritos, por que vos orgulhais tanto desta vossa língua castelhana?

VALDÉS: Não nos faltam vocábulos com que exprimir as sutilezas de nossos espíritos, porque, se não pudermos explicar algumas coisas com uma palavra, explicamos-as com duas ou três como melhor pudermos; nem tampouco nos gabamos de nossa língua, ainda que, se quiséssemos, poderíamos ganhar deles, porque me bastaria dar-vos dois vocábulos castelhanos, para os quais vós não tendes correspondentes, por um que me dêsseis toscano, para o qual eu não vos desse outro castelhana que lhe respondesse.

CORIOLANO: Essa bravata espanhola não aprendestes em São Paulo⁹³.

VALDÉS: É suficiente a que

93 Referência à tradução que Valdés havia feito das duas cartas de São Paulo, aos Romanos e 1ª aos Coríntios.

porque puede uno *lascivire* sin segunda persona, y no *retoçar*.

MARCIO: Tenéis razón en esto; pero, *senectus* y *postrimería* ¿no es todo uno?

VALDÉS: No, porque *senectus*, que nosotros decimos *vejez*, es más general que *postrimería*.

MARCIO.- Sea así, pero *mesonero* ¿no es lo que dice el latino *pandochius*?

VALDÉS: Lo mismo, pero ¿vos no veis que ese vocablo no es latino, sino griego, y que así podéis tomar *desmophilax* por *carcelero*? Yo no os hablo sino de los vocablos que la lengua latina tiene propios suyos.

MARCIO: Confieso que tenéis razón; pero, si habéis romanizado alguna cosa latina o italiana, bien creo habréis también hallado otros muchos vocablos allende de los que habéis dicho, que os han puesto en aprieto, queriendo exprimir enteramente en castellano lo que significan en latín o italiano.

VALDÉS: Y aun porque cada lengua tiene sus vocablos propios, y sus propias maneras de decir, hay tanta dificultad en el traducir bien de una lengua en otra; lo cual yo no atribuyo a falta de la lengua en que se traduce, sino a la abundancia de aquella de que se traduce; y así unas cosas se dicen

aprendi de São Pedro, e em Roma. Depois, quero dizer mais, para que vejais quem são os Chacones⁹⁴, que farei o mesmo com a língua latina.

CORIOLOANO: Nunca vos vi tão bravo. Então, quebrai a minha cabeça com meia dúzia de vocábulos espanhóis que não tenham latinos que lhes correspondam.

VALDÉS: Não vos quebrarei a cabeça, mas vos darei, sem pensar mais, duas dúzias deles por meia que me pedis.

CORIOLOANO: Estes serão plebeus.

VALDÉS: Não serão senão fidalgos, das migalhas do rei de Portugal. E para que vejais se dizer e fazer comem na minha mesa, começai a contar: *Aventurar*, *escaramuçar*, *escarpíar*, *madrugar*, *acuchillar*, *amagar*, *grangear*, *acaudalar*, *aislar*, *trasnochar*, *esquilmo*, *fulano*, *axuar*, *peonada*, *requiebro*, *desaguadero*, *retoçar*, *maherir*, *çaherir*, *trafagar*, *amanecer*, *jornada*, *ospitalero*, *carcelero*, *temprano*, *mesonero*, *postremería*, *desenhadamiento*, *desmayar*, *albricias*, *engolfar*, *escuderear*, *amortecer*, *sazonar*, *alcahuetar*. Eu disse muitos?

MÁRCIO: Dissestes tantos, que já

94 Antiga linhagem nobre da Espanha, os Chacones eram conhecidos em Aragão, talvez originários da Galiza.

en una lengua bien que en otra no se pueden decir así bien, y en la misma otra, otras que se digan mejor que en ninguna.

CORIOLOANO: Eso está muy bien dicho y es así en la verdad.

VALDÉS: Por esto es grande la temeridad de los que se ponen a traducir de una lengua en otra sin ser muy diestros en la una y en la otra.

MARCIO: De esta manera pocas cosas se traducirían.

VALDÉS: Así habría más personas que supiesen las lenguas necesarias, como son la latina, la griega y la hebrea, en las cuales está escrito todo cuanto bueno hay que pertenezca así a religión como a ciencia.

MARCIO: Ora sus, atajemos esta materia y tornemos a la nuestra, otorgandoos primero estar bien dicho todo cuanto habéis hasta aquí propuesto.

VALDÉS: Muchas gracias, y en pago de vuestra liberalidad, antes que salgamos de hablar en los vocablos, os quiero decir un aviso que yo tengo cuando escribo en castellano alguna letra a algún italiano.

PACHECO: Ya lo habéis dicho; ¿no es lo de la *j* larga y lo de la tilde?

VALDÉS: Vos sois como el ánsar de Cantipalo, que salió al lobo al camino. No, que no es eso.

PACHECO: Pues perdonadme y

estava me arrependendo de vos ter metido na dança, vendo-vos tão absorto nela que me parecia dançardes mesmo sem som; mas quero desenganar-vos, para que não vos envaideçais muito pensando ter dado uma grande prova de vossa língua; que deste tipo de vocábulos também eu vos direi quatro dúzias da língua toscana.

CORIOLOANO: E eu direi dez.

VALDÉS: Também direi cem, se eu quiser entrar nos vocábulos árabes que são nomes de coisas, como *guadamecil*, *almairaz*, *almirez*, etc.; mas isso não importa. Dizei vós quantos quiserdes, que muito me basta ter cumprido o que prometi.

MÁRCIO: Não o cumpristes tão inteiramente como pensais.

VALDÉS: Como não?

MÁRCIO: Porque não falta o correspondente latino a todos os vocábulos que dissestes.

VALDÉS: Dizei-me quais o têm, que vou gostar de aprender isso de vós.

MÁRCIO: Não vos parece que *lascivire* exprime bem o que o castelhano diz *retouçar*?

VALDÉS: Não, que não me parece, porque alguém pode *lascivire* sem segunda pessoa, e não *retouçar*.

MÁRCIO: Tendes razão nisso; porém, *senectus* e *postrimeria* não é um só?

decidnos lo que es.

VALDÉS: Que voy siempre acomodando las palabras castellanas con las italianas, y las maneras de decir de la una lengua con las de la otra, de manera que sin apartarme del castellano sea mejor entendido del italiano.

PACHECO: ¿De qué manera hacéis eso?

VALDÉS: Yo os diré. Cuanto a las palabras, si tengo de decir: *Honra sin provecho, sortija en el dedo*, por *sortija* digo *anillo*; si puedo decir *salario*, no digo *acostamiento*.

MARCIO: ¿Es lo mismo *acostamiento* que *salario*?

VALDÉS: Lo mismo.

MARCIO: Nunca oí ese vocablo.

VALDÉS: ¿No? Luego no habéis oído una copla muy galana que un caballero envió a un gran señor de Castilla a propósito que le envió a rogar viviese con él, y le daría buen acostamiento.

MARCIO: No la he oído y holgaré de oírla, porque, pues vos la alabáis y el sujeto parece bueno, no puede ser que ella no sea buena.

VALDÉS: La copla decía así: *Diez marcos tengo de oro/ y de plata cien y ochenta,/ buenas casas en que moro/ y un largo cuento de renta,/ diez escuderos de cuenta,/ de linage bien contento,/ de señor no acostamiento,/ ¿quês lo que más me contenta.*

MARCIO: ¡Cómo debiera ser ese

VALDÉS: Não, porque *senectus*, que nós dizemos *velhice*, é mais geral que *postrimeria*.

MÁRCIO: Seja assim, mas *mesonero* [estalajadeiro] não é o que o latino diz *pandochius*?

VALDÉS: O mesmo, mas não vedes que este vocábulo não é latino, mas grego, e que assim podeis tomar *desmophilax* por *carcereiro*? Eu não vos falo senão dos vocábulos próprios que a língua latina tem.

MÁRCIO: Admito que tendes razão; porém, se romanceastes alguma coisa latina ou italiana, acredito que também achastes muitos outros vocábulos além dos que dissestes, que vos deixaram em apuros, querendo exprimir inteiramente em castelhano o que significam em latim ou italiano.

VALDÉS: E porque cada língua tem seus vocábulos próprios, e suas próprias maneiras de dizer, há tanta dificuldade em traduzir bem de uma língua a outra; o que não atribuo à falta da língua em que se traduz, mas à abundância daquela de que se traduz; e assim umas coisas dizem-se bem em uma língua que em outra não se podem dizer tão bem, e na mesma outra, outras que se digam melhor que em nenhuma.

CORIOLOANO: Isto está muito bem dito e assim é, na verdade.

VALDÉS: Por isto é grande a temeridade dos que se põem a

honrado caballero, y de ingenio! Decidme, por vuestra vida, a qué propósito enviaba aquel gran señor, por rico que fuese, a requerir que viviese con él un caballero que tan cumplidamente tenía lo que había menester.

VALDÉS: Yo os lo diré. Se acostumbra en Castilla que los grandes señores que quieren tener parte en las ciudades principales, que son del rey, procuren tener salarizados, de los caballeros que viven en ellas, los más principales y valerosos, de los cuales se sirven así en las cosas que ocurren en las ciudades donde viven, como en acompañarse de ellos cuando sus personas van a la guerra y cuando van por alguna cosa señalada a la corte, dejándolos estar todo el otro tiempo en sus casas, y a lo que dan a estos tales llaman *acostamiento*.

MARCIO: ¿Y tienen muchos de estos?

VALDÉS: Sí, tenían antiguamente, pero ya ahora, que con la grandeza del Emperador no es en Castilla lo que solía, no curan tanto de estas grandezas.

MARCIO: Y lo que gastaban en aquello, ¿en qué lo gastan ahora?

VALDÉS: ¿En qué? Sabréis que cada uno tiene sus desagüaderos

traduzir de uma língua a outra sem serem muito hábeis numa e na outra.

MÁRCIO: Desta maneira se traduziriam poucas coisas.

VALDÉS: Assim haveria mais pessoas que soubessem as línguas necessárias, como a latina, a grega e a hebraica, nas quais está escrito tudo o que há de bom que pertença tanto à religião como à ciência.

MÁRCIO: Ora, cortemos este assunto e voltemos ao nosso, outorgando-vos primeiro estar bem dito tudo o que propusestes até aqui.

VALDÉS: Muito obrigado, e em troca de vossa liberalidade, antes que comecemos a falar nos vocábulos, quero falar-vos de um cuidado que eu tomo quando escrevo alguma letra em castelhano a algum italiano.

PACHECO: Já o dissestes; não é o do *j* longo e o do *ti*l?

VALDÉS: Sois como a gansa de Cantipalo, que foi ao encontro do lobo⁹⁵. Não, que não é isso.

PACHECO: Pois perdoai-me e dizei-nos o que é.

VALDÉS: Que sempre vou acomodando as palavras castelhanas às italianas, e os

95 “A gansa de Cantipalo que foi ao encontro do lobo”, expressão irônica usada quando alguém, sem conhecer determinado assunto, precipita-se e expõe-se sem necessidade, teria origem em uma antiga lenda conhecida na diocese de Segóvia, em que uma mulher chamada Ánsar, ou Gansa, saía de Cantipalo para se encontrar com um padre, cujo nome era Lobo, vigário de Escobarejo.

por donde se le va.

CORIOLANO: ¿A qué llamáis *desaguaderos*?

VALDÉS: Al juego, al vestir, al banquetear, que son tres cosas que con la venida de Su Majestad en España han crecido en tanta manera, que os prometo que se siente largamente por todas partes.

MARCIO: No queremos saber nada de eso. Proseguid en vuestros vocablos, que hace más al propósito.

VALDÉS: Soy contento, pero ya sabéis que estos paréntesis no son malos a ratos, como entre col y col lechuga. Si tengo de decir *doliente*, digo *enfermo*.

MARCIO: ¿Son todos dos castellanos?

VALDÉS: Todos dos están celebrados en los refranes; uno dice: *Con lo que sana el hígado, enferma la bolsa*, y el otro dice: *Con lo que Pedro sana, Sancho adolece*. Cuando tengo de decir: *de cada parte*, digo: *de cada canto*.

MARCIO: ¿Y se puede decir así en castellano?

VALDÉS: Así hallo en mis refranes, que dice uno: *De cada canto, tres leguas de mal quebranto*. Si puedo decir *fenestra* no digo *ventana*. Ni *cumple* cuando está bien *conviene*. Antes digo *comprar* que *mercar*. Antes *letra* que *carta*. Antes *hinojos* que *rodillas*. Antes *lecho* que *cama*.

CORIOLANO: ¿*Lecho* es español?

modos de dizer de uma língua aos da outra, de maneira que, sem me afastar do castelhano, seja mais bem entendido pelo italiano.

PACHECO: De que modo fazeis isso?

VALDÉS: Dir-vos-ei. Quanto às palavras, se tenho de dizer: *Honra sem proveito, sortija* no dedo, por *sortija* digo *anel*; se posso dizer *salário*, não digo *acostamento*.

MÁRCIO: É *acostamento* o mesmo que *salário*?

VALDÉS: O mesmo.

MÁRCIO: Nunca ouvi esse vocábulo.

VALDÉS: Não? Logo não ouvistes uma copla muito elegante que um cavalheiro enviou a um grande senhor de Castela, que a propósito lhe havia pedido que vivesse com ele, e lhe daria bom *acostamento*.

MÁRCIO: Não a ouvi e gostaria de ouvi-la, porque vós a elogiáis e o assunto parece bom, não pode ser que ela não seja boa.

VALDÉS: A copla dizia assim: *Dez marcos tenho de ouro/ e de prata cento e oitenta,/ boas casas em que moro/ e um largo conto de renda,/ dez escudeiros de conta,/ de linhagem bem contente,/ de senhor não acostamento,/ que é o que mais me contenta*.

MÁRCIO: Como devia ser este honrado cavalheiro, e de engenho! Dizei-me, por favor, a que propósito enviava aquele grande

VALDÉS: Preguntadlo al refranejo que dice: *La pierna en el lecho y la mano en el pecho*. Más presto diré *malencónico* que *mohino*.

MARCIO: No me parece a mí que es lo mismo *malencónico*, que *mohino*; a lo menos no significa lo mismo el refrán que dice: *Dos a dos y tres al mohino*.

VALDÉS: Antes, si bien miráis en ello, es lo mismo. Es bien verdad que tomamos algunas veces *mohino* por *desgraciado* o *desdichado en el juego*, y así decimos que uno está *mohino* cuando pierde, y decimos que se amohína cuando toma alguna cosa por agüero, pero esto no impide que yo no pueda usar, en lugar del *mohino*, del *malencónico* donde cuadrare bien.

MARCIO: Tenéis razón. Proseguid adelante.

VALDÉS: Antes digo *planto* que *lloro*, antes *candela* que *vela*, antes *tapete* que *alhombra*, antes *abrasar* que *quemar*, antes *máxcara* que *carátula*, antes *cuello* que *pescueço*, antes *roña* que *sarna*, antes *presto* que *aína*, antes *segur* que *hacha*, y antes *antorcha* que *hacha*; antes *acostumbrar* que *soler*. Antes digo *de buena voluntad* quede *buen talante*, y antes *jardín* que *vergel*, y antes *favorecido* que *privado*, y antes *demandar* que *pedir*, y antes *can* que *perro*.

CORIOLANO: Sé que *can* no es

senhor, por rico que fosse, a requerer que vivesse com ele um cavalheiro que tão completamente tinha o que precisava.

VALDÉS: Dir-vos-ei. É costume em Castela que os grandes senhores que querem ter parte nas cidades principais, que são do rei, procurem ter assalariados, dentre os cavalheiros que vivem nelas, os principais e mais valorosos, dos quais servem-se nas coisas que acontecem nas cidades onde vivem, como em acompanhar-se deles quando sua gente vai à guerra e quando vai à corte por alguma coisa importante, deixando-os ficar em suas casas o restante do tempo, e o que dão a estes tais chamam *acostamento*.

MÁRCIO: E têm muitos destes?

VALDÉS: Sim, tinham antigamente, mas agora, que com a grandeza do imperador não há em Castela o que costumava haver, não se preocupam tanto com estas grandezas.

MÁRCIO: E o que gastavam naquilo em que o gastam agora?

VALDÉS: Em quê? Sabereis que cada um tem seus *desaguadeiros* por onde se vai.

CORIOLANO: O que chamais *desaguadeiros*?

VALDÉS: O jogo, o vestir, o banquetear, que são três coisas que com a chegada de Sua Majestade à Espanha cresceram de tal modo que vos garanto que

vocablo español.

VALDÉS: Sí, es, porque un refrán dice: *El can congosto a su amo vuelve el rostro*, y otro: *Quien bien quiere a Beltrán, bien quiere a su can*. Antes diré *mur* que *ratón*, pues tan bien es castellano lo uno como lo otro, porque dicen: *Lo que as de dar al mur, dalo al gato*, y también: *Al mur que no sabe sino un agugero, presto lo toma el gato*. Por *deshonrar* diré *denostar*, pues me lo permite el refrán que dice: *Casa ospedada, comida y denostada*, y el otro: *Fuí a casa de mi vezina y denostéme, vine a mi casa y conhortéme*. Por *mañana* diré *cras*, pues me da licencia el refranejo que dice: *Oy por mí y cras por tí*. *Muro* y *adarve* son una misma cosa, y así antes diré *muro* que *adarve*.

CORIOLOANO: Bien, pero *muro* no creo sea puro castellano.

VALDÉS: Yo sí, que un refrán dice: *No pasa seguro quien corre por el muro*. Cuanto a las maneras de decir, hago de esta arte. Si tengo de decir *no quiero tener que dar ni que tomar con vos*, digo: *no me quiero empachar con vos*. Y si tengo de decir: *con la qual uve mucho plazer*, digo: *la qual me fué muy agradable*. De la misma manera, queriendo decir: *mañana me purgo*, digo: *mañana tomo medicina*.

MARCIO: No digáis más, pues lo dicho basta, y aun sobra, para

se vê largamente por toda parte.

MÁRCIO: Não queremos saber nada disso. Prossegui com vossos vocábulos, que vem mais ao caso.

VALDÉS: Estou contente, mas já sabeis que estes parênteses não são maus de quando em quando, é como uma alface entre pés de couve. Se tenho de dizer *doliente*, digo *enfermo*.

MÁRCIO: São os dois castelhanos?

VALDÉS: Os dois estão celebrados nos refrões; um diz: *Com o que sana o fígado, enferma a bolsa*, e o outro diz: *Com o que Pedro sana, Sancho adocece*. Quando tenho de dizer: *de cada parte*, digo: *de cada canto*.

MÁRCIO: E pode-se dizer assim em castelhano?

VALDÉS: Assim acho em meus refrões, um que diz: *De cada canto, três leguas de mau quebranto*. Se posso dizer *fenestra* não digo *ventana*. Nem *cumpre* quando está bem *convém*. Antes digo *comprar* que *mercar*. Antes *letra* que *carta*. Antes *hinojos* [joelhos] que *rodillas*. Antes *leito* que *cama*.

CORIOLOANO: *Leito* é espanhol?

VALDÉS: Perguntai-o ao refrão que diz: *A perna no leito e a mão no peito*. Muito antes direi *melancólico* que *mofino*.

MÁRCIO: Não me parece que *melancólico* é o mesmo que *mofino*; ao menos não significa o

entender lo que queréis decir. Y si queréis que alabemos vuestra prudencia con esto y que os tengamos en merced la honra que nos hacéis con ello, no nos desavendremos; con tal que nos digáis qué quieren decir ciertas palabruillas, que algunas personas en su hablar usan ordinariamente, las cuales ni se escriben, ni tampoco me acuerdo oírloslas decir jamás a vos.

VALDÉS: ¿Qué suerte de palabras es esa? Decidme alguna de ellas.

MARCIO: *Aqueste, pues, así, no sé qué,* etc.

VALDÉS: ¿De qué manera habéis visto vos usar ese *no sé qué*?

MARCIO: De muchas; pero donde me ha contentado es en una copla, compañera de la que os dije antes sobre *halagüeña* y *çahareña*.

VALDÉS: Bien me acuerdo. Decid la copla.

MARCIO: *La dama boquicerrada,/ sorda y muda, no sé qué,/ no sé para qué se fué/ entre las otras criada./ La necia desamorada/ que nada no da ni vende,/ tírala dende.*

VALDÉS: ¿Adónde diablos habéis aprendido esas coplas?

MARCIO: Qué sé yo. Entre vosotros.

VALDÉS: Nunca las oí. ¿Sabéis más que las dos que habéis dicho?

MARCIO: Sí, sé otra.

VALDÉS: Decidla.

MARCIO: *La dama que dama*

mesmo o refrão que diz: *Dois a dois e três ao mofino*.

VALDÉS: Antes, se prestais bem atenção, é o mesmo. É bem verdade que tomamos algumas vezes *mofino* por *desgraçado* ou *azarado no jogo*, e assim dizemos que alguém está *mofino* quando perde, e dizemos que se *amofina* quando toma alguma coisa por agouro, mas isto não impede que eu possa usar, em lugar do *mofino*, o *melancólico* onde ficar bem.

MÁRCIO: Tendes razão. Ide adiante.

VALDÉS: Antes digo *pranto* que *choro*, antes *candela* que *vela*, antes *tapete* que *alfombra*, antes *abrasar* que *queimar*, antes *máscara* que *caraça*, antes *colo* que *pescoço*, antes *ronha* que *sarna*, antes *presto* que *agina*, antes *machado* que *acha*, e antes *tocha* que *acha*; antes *acostumar* que *soer*. Antes digo *de boa vontade* que *de bom talante*, e antes *jardim* que *vergel*, e antes *favorecido* que *privado*, e antes *demandar* que *pedir*, e antes *cão* que *perro*.

CORIOLANO: Sei que *cão* não é vocábulo espanhol.

VALDÉS: Sim, é, porque um refrão diz: *O cão com gosto a seu amo volta o rosto*, e outro: *Quem bem quer a Beltrão, bem quer a seu cão*. Antes direi *mur* que *rato*, pois é tão bem castelhano um como o outro, porque dizem: *O*

fuere/ de las de dar y tomar,/ solamente con mirar/ ha de matar do quisiere,/ matar y mostrar que muere./ Si desto no se l'entende,/ títala dende.

VALDÉS: En extremo me contentan. Ojalá hubiera hecho más el que hizo esas. Y tornando a nuestra materia, digo que el *no sé qué* es muy diferente de esas otras particillas, porque el *no sé qué* tiene gracia, y muchas veces se dice a tiempo que significa mucho; pero esas otras particillas son bordones de necios.

MARCIO: ¿Qué llamáis *bordones*?

VALDÉS: A esas palabrillas y otras tales que algunos toman a que arrimarse cuando, estando hablando, no les viene a la memoria el vocablo tan presto como sería menester. Y así unos hay que se arriman a *¿entendéisme?* y os lo dicen muchas veces, sin haber cosa que importe entenderla o que sea menester mucha atención para alcanzarla; por donde conocéis que no os preguntan si los entendéis por duda que tengan de ello, sino porque, mientras os preguntan aquello les venga a la memoria lo otro. Otros hay que por la misma razón se arriman a *no sé si m'entendéis*, aunque conozcan claramente que son entendidos. Otros dicen: *¿estáis conmigo?*, que vale tanto como *¿entendéisme?* Otros se sirven de *pues*, y otros de

que hás de dar ao mur, dá-lo ao gato, e também: *Ao mur que só sabe o agulheiro, toma-lhe o gato ligeiro*. Por *desonrar* direi *desonestar*, pois me permite o refrão que diz: *Casa hospedada, comida e desonestada*, e o outro: *Fui à casa da vizinha e desonestei-me, vim à minha casa e confortei-me*. Por *manhã* direi *crás*, pois me dá licença o refrão que diz: *Hoje por mim e crás por ti*. *Muro* e *adarve* são a mesma coisa, e assim antes direi *muro* que *adarve*.

CORIOLANO: Bem, mas *muro* não creio que seja puro castelhano.

VALDÉS: Eu sim, que um refrão diz: *Não passa seguro quem corre pelo muro*. Quanto aos modos de dizer, faço desta forma. Se tenho de dizer *não quero ter que dar nem que tomar convosco*, digo: *não me quero empachar convosco*. E se tenho de dizer: *com a qual tive muito prazer*, digo: *a qual me foi muito agradável*. Do mesmo modo, querendo dizer: *amanhã me purgo*, digo: *amanhã tomo remédio*.

MÁRCIO: Não digais mais, pois o dito basta, e ainda sobra, para entender o que quereis dizer. E se quereis que elogiemos vossa prudência e que vos agradeçamos pela honra que nos dais com isto, não discordaremos; contanto que

tal, y los repiten tantas veces que os vienen en fastidio grandísimo. Muchos se sirven de *aqueste*, y se sirven más de él que de caballo de muchas sillas. Otros se aprovechan de *así*, y tras cada palabra os dan con él en los ojos. Otros se sirven de *tomé* y de *tomamos*, diciendo *tomé* y *vineme*, y *tomamos* y *vinimos*, y si les preguntáis qué es lo que tomaron, no os podrán decir con verdad sino que aquel vocablo no sirve sino para un malo y feo arrimo. Otros semejantes a estos creo que hay de que yo no me acuerdo. Si más queréis, por buen dinero.

MARCIO: Sí que queremos más, pero no por buen dinero, sino de balde.

VALDÉS: ¿Qué es lo que queréis?

MARCIO: Que nos digáis lo que observáis y guardáis acerca del escribir, y hablar en vuestro romance castellano cuanto al estilo.

VALDÉS: Para deciros la verdad, muy pocas cosas observo, porque el estilo que tengo me es natural, y sin afectación ninguna escribo como hablo; solamente tengo cuidado de usar de vocablos que signifiquen bien lo que quiero decir, y lo digo cuanto más llanamente me es posible, porque a mi parecer en ninguna lengua está bien el afectación. Cuanto al hacer diferencia en el alzar o abajar el estilo, según lo que escribo, o a

nos digáis o que quieren dizer certas palavrinhas, que algumas pessoas usam diariamente em seu falar, as quais não se escrevem, nem tampouco me lembro de ouvi-las dizer jamais por vós.

VALDÉS: Que tipo de palavras é este? Dizei-me alguma delas.

MÁRCIO: *Aqueste, pois, assim, não sei quê*, etc.

VALDÉS: De que modo vistes usar este *não sei quê*?

MÁRCIO: De muitos; mas o que me agradou está em uma copla, companheira da que vos disse antes sobre *halagüeña* e *çahareña*.

VALDÉS: Bem me lembro. Dizei a copla.

MÁRCIO: *A dama boquicerrada,/ surda e muda, não sei quê,/ não sei para quê foi/ entre as outras criada./ A néscia desamorada/ que não dá nada nem vende,/ tira-la dende.*

VALDÉS: Onde diabos aprendestes estas coplas?

MÁRCIO: ue eu saiba, entre vós.

VALDÉS: Nunca as ouvi. Sabeis mais que as duas que dissestes?

MÁRCIO: Sim, sei outra.

VALDÉS: Dizei-a.

MÁRCIO: *A dama que dama for/ das de dar e tomar,/ somente com o olhar/ há de matar do querer,/ matar e mostrar morrer./ Se disto não se entende,/ tira-la dende.*

VALDÉS: Agradam-me ao extremo. Oxalá quem fez estas

quién escribo, guardo lo mismo que guardáis vosotros en el latín.

MARCIO: Si acerca de esto hubieseis de aconsejar a alguno, ¿qué le diríais?

VALDÉS: Le diría primeramente que guardase lo que al principio dije de los artículos, porque esto pertenece así para el hablar bien como para el escribir. Le avisaría más que no curase de un *que* superfluo que muchos ponen tan continuamente, que me obligaría quitar de algunas escrituras, de una hoja, media docena de *que es* superfluos.

MARCIO: Dadnos algunos ejemplos para que entendamos eso.

VALDÉS: De refrán no se me ofrece ninguno que tenga este *que* demasiado, y creo lo causa la brevedad con que están escritos, pero, si miráis en lo que leéis, hallaréis ser verdad lo que os digo en partes semejantes que esta: *creo que será bien hazer esto*. Adonde aquel *que* está superfluo, porque diría mejor: *creo será bien hazer esto*.

MARCIO: Bien me contenta eso, pero ¿qué señal tendremos para ver cuándo está superfluo y cuándo no?

VALDÉS: La misma escritura, si la miráis con cuidado, os lo mostrará. Como también en un *de* que se pone demasiado y sin propósito ninguno, diciendo: *no os he scrito, esperando de embiar,*

tivesse feito mais. E voltando ao nosso assunto, digo que o *não sei quê* é muito diferente destas outras partículas, porque o *não sei quê* tem graça, e muitas vezes se diz que, no momento oportuno, significa muito; mas estas outras partículas são bordões de ignorantes.

MÁRCIO: Que chamais *bordões*?

VALDÉS: A estas palavrinhas e outras tais que alguns tomam para se arrimar quando, falando, o vocábulo não lhes vem à memória tão rápido como seria preciso. E assim há alguns que se arrimam a *entendeis-me?* e vo-la dizem muitas vezes, sem ter algo que importe entendê-la ou que seja necessária muita atenção para percebê-la; pelo que sabeis que não vos perguntam se os entendeis por dúvida que tenham, mas para que, enquanto vos perguntam aquilo venha-lhes à memória o outro. Há outros que pela mesma razão se arrimam a *não sei se me entendeis*, ainda que saibam claramente que estão sendo entendidos. Outros dizem: *estais comigo?*, que vale tanto como *entendeis-me?* Outros se servem de *pois*, e outros de *tal*, e repetem-nos tantas vezes que vos dá um grandíssimo fastio. Muitos servem-se de *aqueste*, e servem-se mais dele que de cavalo de muitas selas. Outros aproveitam-se de *assim*, enfadando-vos após cada

donde estaría mejor, sin aquel *de*, decir: *esperando embiar*. Y creedme que estas superfluidades no proceden sino del mucho descuido que tenemos en el escribir en romance.

MARCIO: Bien creo eso, y bien me ha parecido esto otro; proseguid adelante.

VALDÉS: También avisaría que conviene usar la composición del verbo con *lo* y *la*, *los* y *las* muy libremente, sin pensar decir por otra manera lo que se puede decir por aquella.

MARCIO: ¿Cómo se hace esa composición?

VALDÉS: Diciendo *hablarlo* y *traerla*, *hablarlos* y *traerlas*.

MARCIO: ¿Qué queréis en esto, que no os entiendo?

VALDÉS: Que se debe usar esta composición de la manera que digo, y no andar por las ramas como algunos, que por no hablar como los otros, dicen por *ponerlos*, *los poner*, y por *traerlas*, *las traer*, etcétera. Es bien verdad que lo uno y lo otro se puede seguramente usar, pero el decir *ponerlos* y *traerlas* a mi parecer es más llano y más puro, y aun más galano y más castellano. Se debe también huir toda manera de decir que tenga mal sonido, como es diciendo *me he de perder*, adonde, como veis, estaría mejor y más galanamente *he de perderme*; y de estas maneras de decir hallaréis

palavra. Outros servem-se de *peguei* e de *pegamos*, dizendo *peguei e vim*, e *pegamos e viemos*, e se lhes perguntais o que é que pegaram, não vos poderão dizer com certeza senão que aquele vocábulo só serve para um arrimo mau e feio. Acredito que haja outros semelhantes a estes dos quais eu não me lembro. Se quereis mais, por um bom dinheiro.

MÁRCIO: Claro que queremos mais, mas não por um bom dinheiro e sim de graça.

VALDÉS: O que é que quereis?

MÁRCIO: Que nos digais o que observais e guardais acerca do escrever e falar em vosso romance castelhano quanto ao estilo.

VALDÉS: Para vos dizer a verdade, observo muito poucas coisas, porque o estilo que tenho me é natural, e escrevo como falo sem nenhuma afetação; somente tenho o cuidado de usar vocábulos que signifiquem bem o que quero dizer, e o digo quanto mais simplesmente me é possível, porque a meu parecer a afetação não fica bem em nenhuma língua. Quanto ao fazer diferença no elevar ou abaixar o estilo, segundo o que escrevo, ou a quem escrevo, cuido o mesmo que vós cuidais no latim.

MÁRCIO: Se acerca disto tivésseis de aconselhar a alguém, o que lhe diríeis?

muy muchas, si miráis un poco en ellas. Hablar o escribir de suerte que vuestra razón pueda tener dos entendimientos, en todas lenguas es muy gran falta del que habla o escribe.

CORIOLOANO: Eso mismo enseña Quintiliano.

VALDÉS: Así es verdad. En este error caen especialmente los que quitan una *a* que se debe poner delante de algunos acusativos, y así, habiendo de decir: *el varón prudente ama a la justicia*, dicen *ama la justicia*, la cual manera de hablar, como veis, puede tener dos entendimientos; o que el varón prudente ame a la justicia, o que la justicia ame al varón prudente; porque sin la *a* parece que están todos dos nombres en un mismo caso. También es falta poner dos partes una cabe otra de tal manera que, juntándose la una con la otra, de todas dos se haga una, porque hacen desatinar al lector.

CORIOLOANO: Para entender bien eso, es menester que nos lo mostréis por algún ejemplo.

VALDÉS: Por ejemplo os puede bastar esto, que si habéis de decir *es bien*, no digáis *bien es*, y de otra suerte si habéis de escribir *es verdad*, no digáis *verdad es*, y si *es mal*, no digáis *mal es*, porque no parezcan plurales. Otros muchos os podría señalar, pero, para entender lo que digo, harto bastan estos. Algunos ay que, por no poner a los

VALDÉS: Primeiramente, diria que observasse o que eu disse no início sobre os artigos, porque isto pertence ao falar bem como ao escrever. Avisar-lhe-ia mais que não se preocupasse com um *que* supérfluo que muitos usam tão continuamente, que me obrigaria a tirar de alguns escritos, de uma folha, meia dúzia de *que é* supérfluos.

MÁRCIO: Dai-nos alguns exemplos para que entendamos isto.

VALDÉS: De refrão não me vem nenhum que tenha este *que* demasiado, e creio ser causa a brevidade com que estão escritos, porém, se prestais atenção no que ledes, achareis ser verdade o que vos digo em partes semelhantes a esta: *creio que será bom fazer isto*. Onde aquele *que é* supérfluo, porque diria melhor: *creio será bom fazer isto*.

MÁRCIO: Isto bem me agrada, mas que sinal teremos para ver quando è supérfluo e quando não?

VALDÉS: O próprio escrito, se o observais com cuidado, vo-lo mostrará. Como também em um *de* que se usa demasiado e sem propósito nenhum, dizendo: *não vos escrevi, esperando de enviar*, onde ficaria melhor, sem aquele *de*, dizer: *esperando enviar*. E acreditai que estas superfluidades não procedem senão do muito descuido que temos ao escrever

casos sus propios artículos, hacen que a lo que escriben se puedan dar muchos entendimientos; por tanto el que quisiere escribir bien, debe siempre poner los artículos como tengo dicho, conviene a saber: *el* y *la* en el nominativo, *del* y *de la* en el genitivo, *al* y *a la* en el acusativo, y *lo* que es neutro; de manera que, si habéis de decir: *Dijo la leche al vino: bien seais venido, amigo*, miréis bien adónde ponéis *la*, y dónde *al*. ¿Entendéis bien esto?

CORIOLANO: Largamente.

VALDÉS: Muchos hay que, porque saben o han oído decir que en la lengua latina dos negaciones afirman, pensando que hacen lo mismo en la castellana, huyendo de ellas, gastan algunas veces el estilo; porque, si han de decir: *No diga ninguno: destâgua no beberé*, dicen: *No diga alguno*. Esta, como veis, es grande inadvertencia; pues es así que no todas las lenguas tienen unas mismas propiedades, antes, porque cada una tiene las suyas propias, por eso se llaman propiedades; y así como el latino con dos negaciones afirma, así también el griego con dos negaciones niega más, y esto mismo tiene el castellano y aun el hebreo.

PACHECO: Si eso es pecado, yo os prometo que he pecado en él muchas veces.

VALDÉS: Pues sabed que lo es;

em romance.

MÁRCIO: Bem creio nisso, e bem me pareceu este outro; ide adiante.

VALDÉS: Também avisaria que convém usar a composição do verbo com *lo* e *la*, *los* e *las* muito livremente, sem pensar em dizer de outra forma o que se pode dizer por aquela.

MÁRCIO: Como se faz esta composição?

VALDÉS: Dizendo *falá-lo* e *trazê-la*, *falá-los* e *trazê-las*.

MÁRCIO: Que quereis com isto, que não vos entendo?

VALDÉS: Que se deve usar esta composição da forma que digo, e não desviar o assunto, como alguns, que para não falar como os outros, dizem por *colocá-los*, *os colocar*, e por *trazê-las*, *as trazer*, etcétera. É bem verdade que se pode usar seguramente um e outro, mas o dizer *colocá-los* e *trazê-las* a meu parecer é mais sensato e mais puro, e ainda mais elegante e mais castelhano. Deve-se também evitar todo modo de dizer que tenha mau som, como dizendo *me hei de perder*, em que, como vedes, ficaria melhor e mais elegante *hei de perder-me*; e destes modos de dizer achareis muitos muitos, se prestais um pouco de atenção neles. Falar ou escrever de modo que vossa razão possa ter dois entendimentos, em todas as línguas, é muito grande falta de quem fala ou escreve.

por tanto guardaos de caer en él, y también de caer en otro que es a mi parecer aún más feo que este, y por esto creo que son más los que tropiezan en él; este es que no pongáis el verbo al fin de la cláusula cuando él de suyo no se cae, como hacen los que quieren imitar a los que escriben mal latín.

MARCIO: Eso declaradnos un poco más.

VALDÉS: Digo que os debéis guardar siempre de hablar, como algunos, de esta manera: *Siempre te bien quise y nunca te bien hize*, porque es muy mejor decir: *Siempre te quise bien y nunca te hize bien*.

CORIOLANO: ¿Eso no es todo uno?

VALDÉS: Sí, pero no le contentó al Conde de Ureña una vez aquella manera de hablar.

MARCIO: Ea, contadnos eso.

VALDÉS: Soy contento. Dicen que yendo de camino el Conde de Ureña, y llegando a un lugar mal proveído de bastimentos, mandó a un su mayordomo, que pocos días antes había recibido, que le tuviese...

MARCIO: Así se hará; proseguid en decirnos lo que pertenece al estilo de vuestra lengua castellana.

VALDÉS: Con decirnos esto, pienso concluir este razonamiento desabrido: que todo el bien hablar castellano consiste en que digáis lo que queréis con las menos palabras

CORIOLANO: Isso mesmo ensina Quintiliano.

VALDÉS: Assim é verdade. Neste erro caem especialmente os que tiram um *a* que se deve usar diante de alguns acusativos, e assim, tendo de dizer: *o varão prudente ama à justiça*, dizem *ama a justiça*, cujo modo de falar, como vedes, pode ter dois entendimentos; ou que o varão prudente ame à justiça, ou que a justiça ame ao varão prudente; porque sem o *a* parece que os dois nomes estão em um mesmo caso. Também é falta colocar duas partes uma junto da outra de tal forma que, juntando-se uma com a outra, das duas se faça uma, porque fazem o leitor se confundir.

CORIOLANO: Para entender bem isso, é preciso que no-lo mostreis por algum exemplo.

VALDÉS: Por exemplo pode bastar-vos isto, que se tendes de dizer *é bem*, não digais *bem é*, e de outro modo se tendes de escrever *é verdade*, não digais *verdade é*, e se *é mal*, não digais *mal é*, para que não pareçam plurais. Outros muitos poderia destacar-vos, mas, para entender o que digo, já bastam estes. Há alguns que, por não colocar nos casos seus próprios artigos, fazem com que se possam dar muitos entendimentos a quem escrevem; portanto, quem quiser escrever

que pudiereis, de tal manera que, explicando bien el concepto de vuestro ánimo, y dando a entender lo que queréis decir, de las palabras que pusiereis en una cláusula o razón no se pueda quitar ninguna sin ofender a la sentencia de ella o al encarecimiento o a la elegancia.

MARCIO: Declaradnos más eso.

VALDÉS: Que me place. Si quisieseis quitar algo de este refrán: *Ama a quien no te ama, y responde a quien no te llama*, con cualquier cosa que le faltase gastaríais la sentencia que tiene. Y si de este refrán: *Quien guarda y condesa, dos veces pone mesa*, donde lo mismo es *guardar* que *condesar*, quitaseis el uno de ellos, aunque no gastaríais la sentencia, quitaríais el encarecimiento que suelen hacer dos vocablos juntos que significan una misma cosa. De la misma manera, si de este refrán *Qual la madre, tal la hija, y tal la manta que las cobija* quitaseis el segundo *tal*, o de este: *Del monte salle quien el monte quema* quitaseis el segundo *monte*, aunque no gastaríais la sentencia, ni disminuiríais el encarecimiento, estragaríais de tal manera el estilo, que las cláusulas quedaban cojas.

MARCIO: Muy bien me parece esto, pero decidme: ¿tenéis por buena manera esta de estos refranes, que parece van con no sé qué consonantes?

bem, deve sempre colocar os artigos como tenho dito, convém saber: *o* e *a* no nominativo, *do* e *da* no genitivo, *a* e *à* no acusativo, e *o* que é neutro; de maneira que, se tendes de dizer: *Disse o leite ao vinho: sejais bem vindo, amigo*, olhai bem onde colocais *o* e onde *ao*. Entendeis bem isto?

CORIOLANO: Largamente.

VALDÉS: Há muitos que, porque sabem ou ouviram dizer que na língua latina duas negações afirmam, pensando que fazem o mesmo na castelhana, evitando-as, algumas vezes desgastam o estilo; porque, se têm de dizer: *Não diga ninguém: dest'água não beberei*, dizem: *Não diga alguém*. Esta, como vedes, é grande inadvertência; pois assim é que nem todas as línguas têm as mesmas propriedades, antes, porque cada uma tem as suas próprias, por isso se chamam próprias; e assim como o latim afirma com duas negações, assim também o grego com duas negações nega mais, e isto mesmo tem o castelhano e também o hebraico.

PACHECO: Se isso é pecado, confesso-vos que pequei muitas vezes.

VALDÉS: Pois sabeis que *o* é; portanto, guardai-vos de cair nele, e também de cair em outro que a meu parecer é ainda mais feio que este, e por isto creio que são mais

VALDÉS: Sí que es buena por estas sentencillas así breves, pero siempre aconsejaría a quien quisiese hablar o escribir bien que se guardase de ella, porque, si no es en semejantes dichos breves, en lo demás es muy ajena del estilo castellano.

MARCIO: Pues ¿cómo hay algunos que imprimen libros en este tiempo que usan esta manera de escribir?

VALDÉS: Porque también hay algunos que imprimen libros en latín que usan otras obras muy ajenas del buen estilo de la lengua latina.

MARCIO: Tenéis razón, y en efecto es así, que en todas las lenguas del mundo hay unos que escriben mejor, más propia y más galanamente que otros; y por esto los que quieren aprender una lengua de nuevo deberían mucho mirar en qué libros leen; porque siempre acontece que, así como, naturalmente, tales son nuestras costumbres, cuales son las de aquellos con quien conversamos y platicamos, de la misma manera tal es nuestro estilo, cuales son los libros en que leemos.

VALDÉS: Decís muy gran verdad.

CORIOLANO: Pues conocéis ser esto así, para que hayáis enteramente cumplido vuestra

os que tropeçam nele; este é que não coloqueis o verbo no fim da sentença quando ele não fica bem, como fazem os que querem imitar os que escrevem mal em latim.

MÁRCIO: Explicai-nos um pouco mais isto.

VALDÉS: Digo que deveis sempre evitar de falar, como alguns, deste modo: *Sempre te bem quis e nunca te bem fiz*, porque é muito melhor dizer: *Sempre te quis bem e nunca te fiz bem*.

CORIOLANO: Isso não é tudo igual?

VALDÉS: Sim, mas uma vez aquele modo de falar não agradou ao Conde de Ureña.

MÁRCIO: Eia, contai-nos isso.

VALDÉS: Estou contente. Dizem que o Conde de Ureña, andando pela estrada e chegando a um lugar mal provido de bastimentos, mandou um mordomo seu, que poucos dias antes havia recebido, que lhe tivesse... [...] ⁹⁶

MÁRCIO: Assim se fará; prossegui em nos dizer o que pertence ao estilo de vossa língua castelhana.

VALDÉS: Ao vos dizer isto, penso de concluir este discurso insípido: que todo o bem falar castelhano consiste em que digais

96 Segundo Barbolani (1982, p. 237), a anedota sobre o conde de Ureña, neste trecho, está interrompida porque o manuscrito de Valdés teve duas folhas arrancadas, possivelmente por um censor.

jornada, resta que nos digáis qué libros castellanos os parece podemos leer para hacer buen estilo, y también de cuáles tenéis por bien que nos guardemos.

VALDÉS: Demanda es más dificultosa de lo que pensáis. Ya sabéis en qué laberinto se mete el que se pone a juzgar las obras ajenas.

CORIOLANO: Vos decís verdad cuando lo que se dice es público, pero aquí estamos solos y todo puede pasar.

VALDÉS: Con condición que no me deis por autor de lo que aquí sobre esto os diré, soy contento de deciros mi parecer acerca de los escritores. Ya sabéis que, así como los gustos de los hombres son diversos, así también lo son los juicios; de donde viene que muchas veces lo que uno aprueba condena otro, y lo que uno condena aprueba otro. Yo, que hago profesión de estar bien con todo el mundo, no querría sin propósito ofender a otros por complacer a vosotros.

MARCIO: Seguramente podéis decir lo que quisieréis, que yo por todos tres prometo el secreto.

VALDÉS: Confiando en esa promesa, digo que, como sabéis, entre lo que está escrito en lengua castellana principalmente hay tres suertes de escrituras, unas en metro, otras en prosa, compuestas de su primer nacimiento en lengua

o que quereis com o mínimo de palavras que puderdes, de tal modo que, explicando bem a ideia de vosso espírito, e dando a entender o que quereis dizer, das palavras que colocardes em uma cláusula ou razão, dela não se possa tirar nenhuma sem ofender a sentença ou o equilíbrio ou a elegância.

MÁRCIO: Explicai-nos mais isso.

VALDÉS: Que me agrada. Se quisésseis tirar algo deste refrão: *Ama a quem não te ama, e responde a quem não te chama,*

com qualquer coisa que lhe faltasse desgastáreis a sentença que tem. E se deste refrão: *Quem guarda e condensa, duas vezes põe mesa,* em que *guardar é o mesmo que condensar,* tirásseis um deles, ainda que não desgastásseis a sentença, tiraríeis o equilíbrio que costumam ter dois vocábulos juntos que significam uma mesma coisa. Da mesma forma, se deste refrão *Qual a mãe, tal a filha, e tal a manta que as cobiça* tirásseis o

segundo *tal,* ou deste: *Do monte sai quem o monte queima* tirásseis o segundo *monte,* mesmo que não desgastásseis a sentença, nem diminuísseis o equilíbrio, estragaríeis de tal maneira o estilo, que as sentenças ficariam mancas.

MÁRCIO: Isto me parece muito bem, mas dissei-me: achais boa maneira esta destes refrões, que

castellana, ahora sean falsas, ahora verdaderas; otras hay traducidas de otras lenguas, especialmente de la latina. El leer en metro no lo apruebo en castellano, ni en ninguna otra lengua, para los que son aprendices en ella.

MARCIO: Mucho ha que yo soy de esa misma opinión.

VALDÉS: Pero, porque digamos de todo, digo que, de los que han escrito en metro, dan todos comúnmente la palma a Juan de Mena, y, a mi parecer, aunque la merezca cuanto a la doctrina y alto estilo, yo no se la daría cuanto al decir propiamente ni cuanto al usar propios y naturales vocablos, porque, si no me engaño, se descuidó mucho en esta parte, a lo menos en aquellas su *Trecientas*, en donde, queriendo mostrarse docto, escribió tan oscuro, que no es entendido, y puso ciertos vocablos, unos que por groseros se deberían desechar y otros que, por muy latinos, no se dejan entender de todos, como son *rostro jocundo*, *fondón del polo segundo*, y *cinge toda la sfera*, que todo esto pone en una copla, lo cual a mi ver es más escribir mal latín que buen castellano. En las coplas de amores que están en el *Cancionero general* me contenta harto, adonde en la verdad es singularísimo. En el mismo *Cancionero*, hay algunas coplas que tienen buen estilo, como son las de Garci Sánchez de

parecem ir com não sei que consoantes?

VALDÉS: Claro que é boa por estas sentenças tão breves, mas aconselharia a quem quisesse falar ou escrever bem que sempre a evitasse, porque, exceto em semelhantes ditos breves, no mais é muito alheia ao estilo castelhano.

MÁRCIO: Então, como há neste tempo alguns que imprimem livros que usam esta forma de escrever?

VALDÉS: Porque também há alguns que imprimem livros em latim que usam outras obras muito alheias ao bom estilo da língua latina.

MÁRCIO: Tendes razão, e com efeito é assim, que em todas as línguas do mundo há alguns que escrevem melhor, mais própria e mais elegantemente que outros; e por isto os que querem aprender uma língua nova deveriam observar muito que livros leem; porque sempre acontece de, assim como, naturalmente, tais são nossos costumes, quais são os daqueles com quem conversamos e convivemos, da mesma maneira nosso estilo é tal qual os livros em que lemos.

VALDÉS: Dizeis muito grande verdade.

CORIOLOANO: Pois sabeis que isto é assim, para que tenhais cumprido inteiramente vossa

Badajoz y las del bachiller de la Torre y las de Guevara, aunque estas tengan mejor sentido que estilo, y las del marqués de Astorga. Y son mejores las de don Jorge Manrique, que comienzan *Recuerde el alma dormida*, las cuales, a mi juicio, son muy dinas de ser leídas y estimadas, así por la sentencia como por el estilo. Juan del Enzina escribió mucho, y así tiene de todo; lo que me contenta más es la farsa de *Plácida y Vitoriano*, que compuso en Roma. El estilo que tiene Torres Naharro en su *Propaladia*, aunque peca algo en las comedias, no guardando bien el decoro de las personas, me satisface mucho, porque es muy llano y sin afectación ninguna, mayormente en las comedias de *Calamita* y *Aquilana*, porque en las otras tiene de todo, y aun en estas hay algunas cosas que se podrían decir mejor, más casta, más clara y más llanamente.

MARCIO: Decidnos alguna.

VALDÉS: En la *Aquilana* dice: *Pues ¿que's esto?/ Tórnome loco tan presto/ por amores d'una dama/ que tarde niega su gesto/ lo que promete su fama*. Adonde, si no me engaño, dijera mejor, más clara y más galanamente: *que trae escrito en su gesto/ lo que publica su fama*.

PACHECO: Mejor dijera así; pero no se lo neguemos, que mucho ha

jornada, resta que nos digais quais livros castelhanos parece-vos que podemos ler para ter bom estilo, e também quais tendes por bem que evitemos.

VALDÉS: O pedido é mais dificultoso do que pensais. Já sabeis em que labirinto se mete quem se põe a julgar as obras alheias.

CORIOLANO: Dizeis a verdade quando o que se diz é público, mas aqui estamos sós e tudo pode acontecer.

VALDÉS: Com a condição de que não me considereis autor do que aqui direi sobre isto, estou contente em vos dizer meu parecer acerca dos escritores. Já sabeis que, assim como os gostos dos homens são diferentes, também o são os juízos; de onde vem que muitas vezes o que um aprova outro condena, e o que um condena outro aprova. Eu, que tenho a profissão de estar bem com todo o mundo, não gostaria de ofender os outros sem propósito para comprazer a vós.

MÁRCIO: Seguramente podeis dizer o que quiserdes, que eu prometo segredo a todos os três.

VALDÉS: Confiando nessa promessa, digo que, como sabeis, entre o que está escrito em língua castelhana, há, principalmente, três tipos de escritos, uns em verso, outros em prosa, compostos de seu primeiro nascimento em

ilustrado la lengua castellana.

VALDÉS: No os negaré yo eso jamás, y tampoco quiero que me neguéis vos a mí que, así como escribía bien aquellas cosas bajas y plebeyas que pasaban entre gentes con quien él más ordinariamente trataba, así se pierde cuando quiere escribir lo que pasa entre gente noble y principal, lo cual se ve largamente en la comedia *Aquilana*; pero esto no hace al caso, pues aquí no hablamos sino de lo que pertenece a la lengua. Muchas otras cosas hay escritas en metro que se podrían alabar, pero así porque muchas de ellas no están impresas, como por no ser prolijo, os diré solamente esto, que aquella comedia o farsa que llaman de *Fileno y Zambardo* me contenta.

PACHECO: Y de Yanguas, ¿qué os parece?

VALDÉS: Que muestra bien ser latino.

PACHECO: Eso basta, ya os entiendo.

MARCIO: Deseo que nos dijeseis algunas señales por donde conociésemos cuáles son las buenas coplas y cuáles no.

VALDÉS: Por buenas tengo las que tienen buena y clara sentencia, buenos vocablos, acomodados a ella, buen estilo, sin superfluidad de palabras y sin que haya ni una sílaba superflua por causa del metro, ni un vocablo forzado por

língua castelhana, ora sejam falsos, ora verdadeiros; há outros traduzidos de outras línguas, especialmente da latina. Não aprovo a leitura em verso, nem castelhano, nem em nenhuma outra língua, para os que são aprendizes dela.

MÁRCIO: Há muito que eu sou desta mesma opinião.

VALDÉS: Porém, para que falemos de tudo, digo que, dos que escreveram em verso, todos comumente dão a palma a Juan de Mena, e, a meu parecer, ainda que a mereça quanto à doutrina e alto estilo, eu não a daria quanto ao dizer propriamente nem quanto ao usar vocábulos próprios e naturais, porque, se não me engano, descuidou-se muito nesta parte, ao menos naquelas sobre *Trezentas*, em que, querendo mostrar-se culto, escreveu tão obscuro, que não é entendido, e usou certos vocábulos, uns que se deveriam desprezar por serem rudes e outros que, por serem muito latinos, não se deixam entender por todos, como “rosto jocundo, fondón del polo segundo”, e “cinge toda la sfera”, que coloca tudo isto em uma estrofe, o que a meu ver é mais escrever mau latim que bom castelhano. Nas coplas de amores que estão no *Cancioneiro geral* me agrada muito, onde na verdade é singularíssimo. No mesmo

causa del consonante; y por malas tengo las que no son de esta manera; y mirad que digo buena y clara sentencia, porque hay algunas cosas trovadas que al parecer dicen algo, y si las queréis examinar bien, las hallaréis vacías de sentencia. Y porque veáis que esto es así, escuchad este villancico que al tiempo que yo partí de España reinaba entre los músicos, y mirad cómo hallaréis en él lo que digo: *Pues que os vi, merecí veros,/ que si, señora, n'os viera,/ nunca veros mereciera.*

MARCIO: Quanto que a mí bien me contenta; no sé qué mal le halláis.

VALDÉS: Con razón os contentara si el primero verso, que dice: *Pues que os vi, merecí veros*, dijera: *Porque os vi merezco veros*, pues, como veis, la sentencia estuviera clara y amorosa; pero, estando como está, yo no hallo que diga nada, antes me parece que contradice en los dos últimos versos lo que afirma en el primero. De esta suerte os podría decir otros muchos, los cuales nacen de personas que no van acomodando, como dije se debe hacer, las palabras a las cosas, sino las cosas a las palabras, y así no dicen lo que querían, sino lo que quieren los vocablos que tienen.

PACHECO: Por mi fe, que tenéis razón y que ahora caigo en ello.

VALDÉS: Pues las palabras o

Cancioneiro, há algumas coplas que têm bom estilo, como as de Garci Sánchez de Badajoz e as do bacharel de la Torre e as de Guevara, ainda que estas tenham o sentido melhor do que o estilo, e as do marquês de Astorga. E são melhores as de Dom Jorge Manrique, que começam *Recorde a alma dormida*, as quais, a meu juízo, são muito dignas de serem lidas e estimadas, tanto pela sentença como pelo estilo. Juan del Encina escreveu muito, e assim tem de tudo; o que mais me agrada é a farsa de *Plácida e Vitoriano*, que compôs em Roma. O estilo que Torres Naharro tem em sua *Propaladia*, ainda que peque um pouco nas comédias, não cuidando bem o decoro das pessoas, me satisfaz muito, porque é muito simples e sem nenhuma afetação, principalmente nas comédias de *Calamita e Aquilana*, porque nas outras tem de tudo, e nestas também há algumas coisas que se poderiam dizer melhor, mais casta, mais clara e mais simplesmente.

MÁRCIO: Dizei-nos alguma.

VALDÉS: Na *Aquilana* diz: *Pois que é isto?/ Torno-me louco tão cedo/ por amores de uma dama/ que tarde nega seu gesto/ o que promete sua fama*. Em que, se não me engano, teria dito melhor, mais clara e mais elegantemente: *que traz escrito em seu gesto/ o*

partecillas que se ponen solamente por henchir el verso o por hacer la consonancia, ya vosotros podéis ver cuán mal parecen. Y porque mejor lo entendáis, miradlo en esta canción que dice: *Destas aves su nación/ es cantar con alegría,/ y de vellas en prisión/ siento yo grave pasión,/ sin sentir nadie la mía.* Adonde muy impropriamente puso *su nación*, queriendo entender su natural condición, porque respondiese a *prisión* y *passión*. Lo mismo veréis en esta canción: *Ninguno haga mudança/ por mal que vea de sobra,/ mas tenga tal esperança,/ que lo que razón alcança/ la vida todo lo cobra.*

Adonde puso *de sobra* por sobrado o demasiado, solamente por la consonancia de *cobra*. Y siendo así que la gentileza del metro castellano consiste en que de tal manera sea metro que parezca prosa, y que lo que se escribe se dice como se diría en prosa, tengo por buenos muchos de los romances que están en el *Cancionero general*, porque en ellos me contenta aquel su hilo de decir que va continuado y llano, tanto que pienso que los llaman romances porque son muy castos en su romance. De las *canciones* me satisfacen pocas, porque en muchas veo no sé qué decir bajo y plebeyo y no nada conforme a lo que pertenece a la canción. Algunos *motés* hay buenos y bien

que publica sua fama.

PACHECO: Teria dito melhor assim; mas não o reneguemos, porque ilustrou muito a língua castelhana.

VALDÉS: Não vos negarei isso jamais, e tampouco quero que vós negueis a mim que, assim como escrevia bem aquelas coisas baixas e plebeias que ocorriam entre as pessoas com quem ele tratava mais comumente, assim se perde quando quer escrever o que ocorre entre gente nobre e importante, o que se vê largamente na comédia *Aquilana*; mas isto não vem ao caso, pois aqui não falamos senão do que pertence à língua. Há muitas outras coisas escritas em verso que poderiam ser elogiadas, mas, tanto por muitas delas não estarem impressas, como para não ser prolixo, direi somente isto, que me agrada aquela comédia ou farsa que chamam de *Fileno e Zambardo*.

PACHECO: E de Yanguas, que vos parece?

VALDÉS: Que mostra bem ser latino.

PACHECO: Isso basta, já vos entendi.

MÁRCIO: Gostaria que nos indicásseis alguns sinais para que soubéssemos quais são as boas coplas e quais não.

VALDÉS: Considero boas as que têm sentença boa e clara, bons

glosados. En las *invenciones* hay que tomar y que dejar, y entre las *preguntas* hay muchas ingeniosas. Los *villancicos*, en su género, no son de desechar; pero advertid que si no hallareis guardadas las reglas que aquí os he dicho, ni aun en lo que os alabo, no os maravilléis, porque habéis de pensar que parte de la culpa tiene el tiempo, que no miraba las cosas tanto por el sutil como conviene, y parte tienen los impresores que en todo extremo son descuidados, no solamente en la ortografía, pero muchas veces en depravar lo que no entienden.

MARCIO: Quanto que eso, ya sabéis que también nos acontece en la lengua latina.

VALDÉS: Lo dicho basta quanto al metro. Quanto a la *prosa*, digo que de los que *han romanzado* he leído poco, porque, como entiendo el latín y el italiano, no cuero de ir al romance. De eso poco que he leído me parece haber visto dos librillos que me contentan así en el estilo, el cual tengo por puro castellano, como en el exprimir muy gentilmente y por muy propios vocablos castellanos lo que hallaban escrito en latín. El uno de estos es *Boecio de consolación*, y porque hay dos traducciones, parad mientes que la que yo os alabo es una que tiene el metro en metro y la *prosa* en *prosa*, y está dirigido al conde de Ureña.

MARCIO: ¿Cómo se llama el

vocábulo, adequados a ela, bom estilo, sem superfluidade de palavras e sem que haja nem uma sílaba supérflua por causa do metro, nem um vocábulo forçado por causa de consoante; e considero más as que não são desta maneira; e atenção que digo sentença boa e clara, porque se encontram algumas coisas que aparentam dizer algo, e se quereis examiná-las bem, achareis que são vazias de sentença. E para que vejais que isto é assim, escutai este vilancete que reinava entre os músicos no tempo em que eu parti da Espanha, e atenção para como achareis nele o que digo: *Pois que vos vi, mereci ver-vos,/ que se, senhora, não vos visse,/ nunca ver-vos merecera.*

MÁRCIO: Quanto a mim, bem me agrada; não sei que mal lhe achais.

VALDÉS: Com razão vos teria agradado se o primeiro verso, que diz: *Pois que vos vi, mereci ver-vos*, dissesse: *Porque vos vi mereço ver-vos*, pois, como vedes, a sentença estaria clara e amorosa; porém, estando como está, eu não acho que diga nada, antes me parece que contradiz nos dois últimos versos o que afirma no primeiro. Deste tipo poderia dizer-vos muitos outros, os quais nascem de pessoas que não acomodam, como se deve fazer, as palavras às coisas, mas as

autor?

VALDÉS: No me acuerdo, por mi fe; pero os sé decir que a mi ver era hombre de vivo ingenio y claro juicio.

PACHECO: Decidme, por vuestra fe, aunque sea fuera de propósito, porque ha muchos días que lo deseo saber: ¿qué diferencia hacéis entre ingenio y juicio?

VALDÉS: El ingenio halla qué decir, y el juicio escoge lo mejor de lo que el ingenio halla, y lo pone en el lugar que ha de estar; de manera que de las dos partes del orador, que son invención y disposición, que quiere decir ordenación, la primera se puede atribuir al ingenio y la segunda, al juicio.

PACHECO: ¿Creéis que pueda haber alguno que tenga buen ingenio y sea falto de juicio; o tenga buen juicio y sea falto de ingenio?

VALDÉS: Infinitos hay de esos; y aun de los que vos conocéis y platicáis cada día, os podría señalar algunos.

PACHECO: ¿Cuál tenéis por mayor falta en un hombre, la del ingenio o la del juicio?

VALDÉS: Si yo hubiese de escoger, más querría con mediano ingenio buen juicio, que con razonable juicio buen ingenio.

PACHECO: ¿Por qué?

VALDÉS: Porque hombres de grandes ingenios son los que se

coisas às palavras, e assim não dizem o que queriam, mas o que os vocábulos que têm querem.

PACHECO: É verdade que tendes razão e que agora percebo isso.

VALDÉS: Pois as palavras ou partículas que se colocam somente para completar o verso ou para fazer a consonância, já podeis ver quão mal parecem. E para que entendais melhor, observai esta canção que diz: *Destas aves sua nação/ é cantar com alegria,/ e de vê-las na prisão/ sinto eu grave paixão,/ sem sentir ninguém a minha.* Em que usou *sua nação* muito imprópriamente, querendo entender sua condição natural, para que correspondesse a *prisão e paixão*. O mesmo vereis nesta canção: *Ninguém faça mudança/ por mal que veja de sobra,/ mas tenha tal esperança,/ que o que razão alcança/ a vida tudo lhe cobra.*

Em que usou *de sobra* por sobrado ou demasiado, somente pela consonância de *cobra*. E sendo assim que a elegância da poesia castelhana consiste em que seja poesia de tal forma que pareça prosa, e que o que se escreve se diz como se diria em prosa, considero bons muitos dos romances que estão no *Cancioneiro geral*, porque neles me agrada aquele seu fio de dizer que vai continuado e plano, tanto que penso que são chamados

perden en herejías y falsas opiniones por falta de juicio. No hay tal joya en el hombre como el buen juicio.

MARCIO: Dejaos de eso, tornad a vuestros libros y decid cuál es el otro romanizado de latín que os contenta.

VALDÉS: El *Enquiridion* de Erasmo que romanizó el Arcidiano del Alcor, que a mi parecer puede competir con el latino, cuanto al estilo.

MARCIO: Si el estilo castellano no es mejor para castellano que el latino para latino, poco hizo el que lo romanizó.

VALDÉS: No es posible que vosotros concedáis, que uno, que no sea italiano, tenga buen estilo en latín.

MARCIO: ¿No habéis leído algún otro libro romanizado que os contente?

VALDÉS: Si lo he leído, no me acuerdo.

MARCIO: Pues he oído decir que el del *Pelegrino* y el del *Cortesano* están muy bien romanizados.

VALDÉS: No los he leído, y creedme que tengo por mayor dificultad dar buen lustre a una obra traducida de otra cualquier lengua que sea en la castellana, que en otra lengua ninguna.

MARCIO: ¿Por qué?

VALDÉS: Porque, siendo así que la mayor parte de la gracia y gentileza de la lengua castellana

romances porque são muito puros em seu romance. Das *canções* poucas me satisfazem, porque em muitas vejo não sei que dizer baixo e plebeu e nada conforme ao que pertence à canção. Há alguns *motes* bons e bem glosados. Nas *invenções* há que pegar e que largar, e entre as *perguntas* há muitas engenhosas. Os *vilancetes*, em seu gênero, não são de desprezar; mas atenção, que se não achardes observadas as regras que vos disse aqui nem no que elogio, não vos admireis, porque deveis pensar que parte da culpa tem o tempo, que não olhava tanto as coisas pelo sutil como convém, e parte têm os impressores que são descuidados ao extremo, não somente na ortografia, mas muitas vezes depravam o que não entendem.

MÁRCIO: Quanto a isso, já sabeis que também nos acontece na língua latina.

VALDÉS: O dito basta quanto à poesia. Quanto à *prosa*, digo que dos que *romancearam* li pouco, porque, como entendo o latim e o italiano, não costumo ir ao romance. Do pouco que li parece-me ter visto dois livrinhos que me agradam, tanto no estilo, o qual considero castelhano puro, como no exprimir muito elegantemente e por vocábulos castelhanos muito próprios o que achavam escrito em latim. Um destes é *Boécio*, da

consiste en hablar por metáforas, atándose el que traduce a no poner más de lo que halla escrito en la lengua de que traduce, tiene grandísima dificultad en dar al castellano la gracia y lustre que escribiendo de su cabeza le daría.

Porque si uno traduce aquello de Terencio *Idne estis auctores mihi?* no queriendo apartarse de la letra, habrá de decir ¿De esto me sois autores? y así no se entenderá lo que el poeta quiso decir, pero, si, escribiendo de su cabeza, querrá decir aquella misma sentencia dirá: ¿Esto me aconsejáis a mí?, y es lo mismo que sintió el poeta, aunque se dice por otras palabras. Y de la misma manera, si otro querrá poner en romance aquello mismo de Terencio: *O factum bene, beasti me*, dice: ¡Oh cómo está hecho bien! me has hecho bien aventurado, no hablará el propio castellano, ni expresará tan bien lo que el poeta quiso decir como si, no curando de mirar a la palabra, sino al sentido, dice: Está lo mejor del mundo, me has dado la vida.

MARCIO: Digo que me parece esa una cosa muy bien considerada y muy verdadera.

VALDÉS: Me place que os contente.

PACHECO: Pues yo me maravillo mucho de vos que digáis que de los libros romanizados os contentan solamente esos dos, habiendo tanta muchedumbre de ellos muy

consolação, e porque há duas traduções, atenção que a que vos elogio é uma que tem o metro em metro e a prosa em prosa, e está dirigida ao conde de Ureña.

MÁRCIO: Como se chama o autor?

VALDÉS: Realmente não me lembro; mas sei dizer-vos que a meu ver era homem de vivo engenho e claro juízo.

PACHECO: Dizei-me, por favor, ainda que seja fora de propósito, porque há muitos dias que desejo saber: que diferença fazeis entre engenho e juízo?

VALDÉS: O engenho acha o que dizer, e o juízo escolhe o melhor do que o engenho acha, e coloca-o no lugar que deve estar; de maneira que das duas partes do orador, que são a invenção e a disposição, que quer dizer ordenação, a primeira pode-se atribuir ao engenho e a segunda, ao juízo.

PACHECO: Credes que possa haver alguém que tenha bom engenho e pouco juízo; ou tenha bom juízo e pouco engenho?

VALDÉS: Há infinitos destes; e também dentre os que conheceis e encontrais todos os dias, poderia destacar-vos alguns.

PACHECO: Qual tendes por maior falta em um homem, a do engenho ou a do juízo?

VALDÉS: Se eu tivesse de escolher, gostaria mais de bom

buenos, como son: devotos, las *Epístolas y Evangelios del año*, los *Cartuxanos*, las *Epístolas* de santa Catalina de Sena, san Juan de Clímaco, las *Vidas de los Padres* que compuso san Gerónimo, y otros muy muchos y muy buenos; y profanos, como Tito Livio, César, Valerio Máximo, Quinto Curcio, y otros de esta calidad.

VALDÉS: Por ventura yo no alabo ninguno de esos porque no los he leído; por eso no os debéis maravillar, y haréis mejor en dejarme decir. Entre los que han escrito cosas de sus cabezas comúnmente se tiene por mejor estilo el del que escribió los cuatro libros de *Amadis de Gaula*; y pienso tienen razón, bien que en muchas partes va demasiadamente afectado, y en otras muy descuidado; unas veces alza el estilo al cielo, y otras lo abaja al suelo; pero al fin, así a los cuatro libros de *Amadis*, como a los de *Palmerín y Primaleón*, que por cierto respeto han ganado crédito conmigo, tendré y juzgaré siempre por mejores que esos otros *Esplandián*, *Florisando*, *Lisuarte*, *Cavallero de la Cruz*, y que a los otros no menos mentirosos que

juízo com mediano engenho, que bom engenho com razoável juízo.

PACHECO: Por quê?

VALDÉS: Porque homens de grandes engenhos são os que se perdem em heresias e falsas opiniões por falta de juízo. Não há tal joia no homem como o bom juízo.

MÁRCIO: Deixai isto, voltai a vossos livros e dizei qual é o outro romanceado do latim que vos agrada.

VALDÉS: O *Enquiridion* de Erasmo que Arcidiano del Alcor romanceou, que a meu parecer pode competir com o latino, quanto ao estilo.

MÁRCIO: Se o estilo castelhano não é melhor para castelhano que o latino para latino, quem o traduziu pouco fez.

VALDÉS: Não é possível que admitais que alguém que não seja italiano tenha bom estilo em latim.

MÁRCIO: Não lestes algum outro livro traduzido que vos agrade?

VALDÉS: Se o li, não me lembro.

MÁRCIO: Pois ouvi dizer que o do *Pelegrino*⁹⁷ e o do *Cortesão*⁹⁸ estão muito bem romanceados.

VALDÉS: Não os li, e acreditai que tenho por maior dificuldade

97 *Il Peregrino*, de Jacopo Caviceo, foi composto em 1508 e dedicado a Lucrecia Borgia, duquesa de Ferrara. Foi traduzido em castelhano em 1515, por Hernando Díaz, com o título *Libro de los amores de Peregrino*.

98 *Il Cortegiano* (1528), de Baldassare Castiglione, obra que descreve o ideal de vida do cavalheiro modelar do Renascimento, foi traduzido em castelhano como *El Cortesano*, por Juan Boscán, em 1534.

estos: *Guarino mezquino*, *La linda Melosina*, *Reinaldos de Montalván*, con *La Trapisonda*, y *Oliveros* que es intitulado de *Castilla*, los cuales, demás de ser mentirosísimos, son tan mal compuestos, así por decir las mentiras muy desvergonzadas, como por tener el estilo desbaratado, que no hay buen estómago que los pueda leer.

MARCIO: ¿Los habéis vos leído?

VALDÉS: Sí que los he leído.

MARCIO: ¿Todos?

VALDÉS: Todos.

MARCIO: ¿Cómo es posible?

VALDÉS: Diez años, los mejores de mi vida, que gasté en palacios y cortes, no me empleé en ejercicio más virtuoso que en leer estas mentiras, en las cuales, tomaba tanto sabor, que me comía las manos tras ellas. Y mirad qué cosa es tener el gusto estragado, que si tomaba en la mano un libro de los romanzados en latín, que son de historiadores verdaderos, o a lo menos que son tenidos por tales, no podía acabar conmigo de leerlos.

MARCIO: Esa es cosa tan natural que no nos maravillamos de ella.

PACHECO: Mucho me maravillo de lo que decís de *Amadis*, porque siempre lo he oído poner en las nubes, y por tanto querría me mostraseis en él algunos vocablos de los que no os satisfacen, y algunos lugares adonde no os

dar valor a uma obra traduzida de outra língua qualquer que seja na castelhana, do que em outra língua.

MÁRCIO: Por quê?

VALDÉS: Porque, sendo que a maior parte da graça e da elegância da língua castelhana consiste em falar por metáforas, cuidando quem traduz de não colocar mais do que acha escrito na língua de que traduz, tem grandíssima dificuldade em dar ao castelhano a graça e o brilho que lhe daria escrevendo de sua cabeça. Porque se alguém traduz aquele *Idne estis auctores mihi?* de Terêncio não querendo afastar-se da letra, terá de dizer “Disto sois autores para mim?” e assim não se entenderá o que o poeta quis dizer, porém, se, escrevendo de sua cabeça, quiser dizer aquela mesma sentença dirá: “Isto aconselhais a mim?”, e é o mesmo que sentiu o poeta, embora se diga por outras palavras. E da mesma maneira, se outro quiser por em romance aquele mesmo *O factum bene, besti me*, de Terêncio, diz: “Oh como está bem feito! Tornaste-me bem aventurado”, não falará o castelhano próprio, nem exprimirá tão bem o que o poeta quis dizer, como se, não se preocupando em observar a palavra, mas o sentido, diz: “É a melhor coisa do mundo, deste-me a vida.”

contenta el estilo, y algunas partes adonde os parece que peca en las cosas.

VALDÉS: Larga me la levantáis.

PACHECO: No es tan larga que no sea más largo el día de aquí a que sea hora de irnos a Nápoles.

VALDÉS: Pues así lo queréis, sin salir de los dos primeros capítulos os mostraré todo lo que pedís. Cuanto a los vocablos, no me place que dice *estando en aquel solaz*, por *estando en aquel placer o regozijo*. Tampoco me contenta decir: *quando vió ser sazón*, por *quando vió ser tiempo*; mejor lo usa en otra parte, diciendo: *a aquella sazón*. Y muchos menos me satisface donde dice: *en vos dexo toda mi hazienda*, portodo lo que me toca. No me suena bien *viniera por avía venido*, ni *passara por avía passado*. ¿Tengo razón?

PACHECO: No mucha.

VALDÉS: ¿Por qué?

PACHECO: Porque si esos vocablos se usaban en Castilla en el tiempo que él escribió, o, si ya que no se usasen entonces, se usaron en algún tiempo, el autor del libro tuvo más razón en usarlos, para acomodar su escritura a lo que en su tiempo se hablaba, o por querer mostrar el antigüedad de lo que escribía, que vos tenéis en reprehendérselos.

VALDÉS: Y si quiero decir que no son imitables para este tiempo, ¿tendré razón?

MÁRCIO: Digo que isto me parece algo muito bem considerado e muito verdadeiro.

VALDÉS: Agrada-me que vos contente.

PACHECO: Pois admiro-me muito de que digais que dos livros romanceados agradam-vos somente estes dois, tendo tanta abundância deles muito bons, como são: devotos, as *Epístolas e Evangelhos do ano*, os *Cartuxanos*, as *Epístolas* de Santa Catarina de Siena, São João de Clímaco, as *Vidas dos Padres* que São Jerônimo compôs, e muitíssimos outros e muito bons; e profanos, como Tito Lívio, César, Valério Máximo, Quinto Cúrcio, e outros desta qualidade.

VALDÉS.- Talvez eu não elogio nenhum destes porque não os li; por isso não vos deveis admirar, e fareis melhor em me deixar falar. Entre os que escreveram coisas de suas cabeças comumente se considera melhor estilo o do que escreveu os quatro livros de *Amadis de Gaula*; e penso que têm razão, se bem que em muitas partes é demasiadamente afetado, e em outras muito descuidado; algumas vezes eleva o estilo ao ceu, e outras rebaixa-o até o solo; mas, enfim, tanto os quatro livros de *Amadis*, como os de *Palmeirim e Primaleão*, que por certo respeito ganharam crédito comigo, terei e julgarei sempre por

PACHECO: Sí que la tendréis, con tanto que no le reprehendáis que los haya usado en su historia.

VALDÉS: Sea así, digo que él hizo bien en usarlos y que creo que en aquel tiempo parecía bien, y digo que vosotros haréis mejor en no usar de ninguna manera estos, ni otros que hay semejantes a ellos. En el estilo mismo no me contenta donde de industria pone el verbo a la fin de la cláusula, lo cual hace muchas veces, como aquí: *tiene una puerta que a la huerta sale*, por decir que sale a la huerta. Tampoco me place dejar las cláusulas eclipsadas, como hace en los tres versos primeros, adonde dice: *el qual, siendo en la ley de verdad de mucha devoción y buenas maneras acompañado. Esse rey*, etc. Adonde, o había de haber un *era* que respondiese *alsiendo*, o en lugar del *siendo* había de estar *era*. Me descontenta también mucho cuando pone una *e* que quiere que signifique más de su natural, que es ser conjunción copulativa, como cuando dice: *este rey ovo dos hijas en una noble reina, su muger, e la mayor fué casada con*, etc., por *de las quales la mayor*; bien se entiende con la *e*, no porque signifique aquello, sino porque el uso de los que escriben descuidadamente ha hecho que signifique así, pero ya vos veis cuán mejor y más galanamente estuviera diciendo *de las quales*.

melhores que estes outros *Esplandián, Florisando, Lisuarte, Cavallero de la Cruz*, e que os outros não menos mentirosos que estes: *Guarino mezquino, La linda Melosina, Reinaldos de Montalván*, com *La Trapisonada*, e *Oliveros* que é intitulado *de Castilla*, os quais, além de serem mentirosíssimos, são tão mal compostos, tanto por dizerem as mentiras muito desavergonhadas, como por terem o estilo desbaratado, que não há bom estômago que os possa ler.

MÁRCIO: Vós os lestes?

VALDÉS: É claro que os li.

MÁRCIO: Todos?

VALDÉS: Todos.

MÁRCIO: Como é possível?

VALDÉS: Dez anos, os melhores de minha vida, que gastei em palácios e cortes, não me empreguei em exercício mais virtuoso do que em ler estas mentiras, pelas quais tinha tanto gosto que me deleitava com elas. E vede que coisa é ter o gosto estragado, que se tomasse na mão um livro dos romanceados em latim, que são de historiadores verdadeiros, ou ao menos que são considerados tais, não conseguia terminar de lê-los.

MÁRCIO: Esta coisa é tão natural que não nos admiramos dela.

PACHECO: Admiro-me muito do que dizeis do *Amadis*, porque sempre o ouvi colocarem nas

Me parece también mal aquella manera de decir: *si me vos prometéis* por *si vos me prometéis*, y aquello: *de lo no descubrir* por *de no descubrirlo*. ¿Qué os parece de esto?

PACHECO: Que lo habéis considerado bien, con tanto que haya siempre lugar la disculpa del antigüedad, la cual vos no le podéis negar de ninguna manera.

VALDÉS: Antes huelgo de admitírsela en todo lo que se le pudiera admitir, y ojalá pudiera tener lugar en todo, pero en esto que diré no lleva medio.

PACHECO: Decid.

VALDÉS: Cuanto a las cosas, siendo esto así que los que escriben mentiras las deben escribir de suerte que se lleguen cuanto fuere posible a la verdad, de tal manera que puedan vender sus mentiras por verdades, nuestro autor de *Amadis*, unas veces por descuido y otras no sé por qué, dice cosas tan a la clara mentirosas, que de ninguna manera las podéis tener por verdaderas. Ignorancia es muy grande decir, como dice al principio del libro, que aquella historia que quiere escribir aconteció *no muchos años después de la pasión de nuestro redentor*, siendo así que algunas de las provincias de que él en su libro hace mención y hace cristianas, se convirtieron a la fe muchos años después de la pasión. Descuido

nuvens, e portanto queria que me mostrásseis nele alguns vocábulos dos que não vos satisfazem, e alguns lugares onde não vos agrada o estilo, e algumas partes onde vos parece que peca nas ideias.

VALDÉS: Esta é uma lista muito longa.

PACHECO: Não tão longa quanto é longo o dia daqui até a hora de nos irmos a Nápoles.

VALDÉS: Pois se assim o quereis, sem sair dos dois primeiros capítulos, mostrar-vos-ei tudo o que pedis. Quanto aos vocábulos, não me agrada o que diz *estando naquele solaz*, por *estando naquele prazer ou regozijo*. Tampouco me agrada dizer: *quando viu ser sação*, por *quando viu ser tempo*; melhor o usa em outra parte, dizendo: *a aquela sação*. E muito menos me satisfaz quando diz: *em vós deixo toda minha fazenda*, por *tudo o que me toca*. Não me soa bem *viera* por *havia vindo*, nem *passara* por *havia passado*. Tenho razão?

PACHECO: Não muita.

VALDÉS: Por quê?

PACHECO: Porque se estes vocábulos eram usados em Castela no tempo em que ele escreveu, ou, se já que não se usavam então, usaram-se em algum tempo, o autor do livro teve mais motivo em usá-los, para

creo que sea el no guardar el decoro en los amores de Perión con Elisena, porque, no acordándose que a ella hace hija de rey, estando en casa de su padre, le da tanta libertad, y la hace tan deshonesta, que con la primera plática la primera noche se la trae a la cama. Se descuidó también en que, no acordándose que aquella cosa que cuenta era muy secreta y pasaba en casa del padre de la dama, hace que el rey Perión arroje en tierra el espada y el escudo luego que conoce a su señora, no mirando que, al ruido que harían, de razón habían de despertar los que dormían cerca, y venir a ver qué cosa era. También es descuido decir que el rey miraba la hermosura del cuerpo de Elisena con la lumbre de tres antorchas que estaban ardiendo en la cámara, no acordándose que había dicho que no había otra claridad en la cámara sino la que de la luna entraba por entre la puerta, y no mirando que no hay mujer, por deshonesto que sea, que la primera vez que se ve con un hombre, por mucho que lo quiera, se deje mirar de aquella manera. De la misma manera se descuida haciendo que el rey no eche menos el espada hasta la partida, habiéndosela hurtado diez días antes, porque no se acordó que lo hace caballero andante, al cual es tan aneja la espada como al escribano la pluma. Pues siendo

adequar sua escrita ao que se falava em seu tempo, ou por querer mostrar a antiguidade do que escrevia, que vós tendes em censurá-los.

VALDÉS: E se eu quiser dizer que não são imitáveis para este tempo, terei razão?

PACHECO: Claro que a tereis, contanto que não o repreendais por tê-los usado em sua história.

VALDÉS: Que assim seja, estou dizendo que ele fez bem em usá-los e que acredito que naquele tempo parecia bom, e digo que fareis melhor em não usar de maneira nenhuma, nem estes, nem outros que há semelhantes a eles. No mesmo estilo não me agrada onde, por artifício, coloca o verbo no final da sentença, o que faz muitas vezes, como aqui: *tem uma porta que à horta sai*, para dizer que sai para a horta. Tampouco me agrada deixar as sentenças eclipsadas, como faz nos três primeiros versos, em que diz: *o qual, sendo na lei de verdade de muita devoção e boas maneiras acompanhado. Esse rei*, etc. Onde, ou tinha de haver um *era* que respondesse ao *sendo*, ou em lugar do *sendo* tinha de estar *era*. Também não gosto muito quando coloca um *e* que quer que signifique mais de sua natureza, que é ser conjunção copulativa, como quando diz: *este rei houve duas filhas em uma nobre rainha*,

esto así, ¿no os parece que, sin levantarle falso testimonio, se puede decir que peca en las cosas?

PACHECO: En esto tanto vos tenéis razón de no admitir disculpa del tiempo.

MARCIO: Ahora disculpémoslo con la disculpa ordinaria que dice: *Quandoque bonus dormitat Homerus*.

PACHECO: La disculpa è *magra*; pero valga lo que valiere, que yo tanto, por lo que os he oído, vengo a creer lo que jamás me había podido persuadir, que, para saber ordenar un libro de estos fingidos, es menester más que ser letrado en romance.

VALDÉS: Pues si discurriésemos por el libro adelante, os mostraría maravillas; pero *por la víspera podéis sacar el disanto y por la muestra podréis juzgar de la color del paño*. Esto he dicho contra mi voluntad, por satisfaceros a lo mucho que dijisteis os maravillabais de lo que me oíais decir del libro de *Amadis*, y no porque me huelgue de decir mal ni de reprender lo que otros hacen. Y vosotros, señores, pensad que, aunque he dicho esto de *Amadis*, también digo que tiene muchas y muy buenas cosas, y que es muy digno de ser leído de los que quieren aprender la lengua; pero entended que no todo lo que en él hallareis lo habéis de tener y usar por bueno.

sua esposa, e a mais velha foi casada com, etc., por *das quais a mais velha*; se entende bem com o *e*, não porque signifique aquilo, mas porque o uso dos que escrevem descuidadamente faz com que signifique assim, como também já vistes quão melhor e mais elegantemente estaria dizendo *das quais*. Também me parece má aquela maneira de dizer: *se me vós prometeis* por *se vós me prometeis*, e aquele: *de o não descobrir* por *de não descobri-lo*. O que vos parece isto?

PACHECO: Que o considerastes bem, contanto que a desculpa da antiguidade sempre tenha lugar, a qual vós não lhe podeis negar de modo algum.

VALDÉS: Antes, alegro-me de admiti-la em tudo o que puder admitir, e oxalá pudesse ter lugar em tudo, mas nisto que direi não vem ao caso.

PACHECO: Dizei.

VALDÉS: Quanto às coisas, sendo que os que escrevem mentiras devem escrevê-las de modo que se aproximem da verdade o quanto for possível, de tal modo que possam vender suas mentiras por verdades, nosso autor de *Amadis*, algumas vezes por descuido e outras não sei por que, diz coisas mentirosas tão às claras, que de nenhuma forma podeis considerá-las verdadeiras.

MARCIO: Así lo entendemos. Y decidnos si de los que han escrito las historias de los reyes de España, tenéis algunos que tengan buen estilo.

VALDÉS: Para deciros verdad, ninguno de los que he visto me satisface tanto que osase alabároslo enteramente. Mosén Diego de Valera, el que escribió la *Valeriana*, es gran hablistán, y aunque al parecer lleva buena materia de decir, para mi gusto no me satisface y lo tengo por gran parabolano. Del mismo autor creo que sea parte de la corónica del rey don Juan, segundo de este nombre, en la cual, como hay diversos estilos, no puede hombre juzgar bien de toda la obra; pero, a mi ver, se puede leer para lo que pertenece a la lengua después de *Amadis de Gaula*, *Palmerín* y *Primaleón*.

PACHECO: Me maravillo de vos que tratéis tan mal a Mosén Diego de Valera, siendo de vuestra tierra, y habiendo escrito muchas y muy buenas cosas en castellano; yo no sé por qué le llamáis hablistán y parabolano.

VALDÉS: Que sea de mi tierra o no, esto me importa poco, pues, cuanto a mí, aquél es de mi tierra, cuyas virtudes y suficiencia me contentan, si bien sea nacido y criado en Polonia. Y habéis de saber que llamo hablistán a Mosén Diego, porque, por ser amigo de hablar, en lo que escribe pone

É ignorância muito grande dizer, como diz no início do livro, que aquela história que quer escrever aconteceu *não muitos anos depois da paixão de nosso redentor*, sendo que algumas das províncias que ele menciona em seu livro e torna cristãs converteram-se à fé muitos anos depois da paixão. Descuido creio que seja não observar o decoro nos amores de Perión com Elisena, porque, não se lembrando de que a torna filha de rei, estando em casa de seu pai, dá-lhe muita liberdade, e torna-a tão desonesta, que com o primeiro encontro na primeira noite leva-a para a cama. Descuidou-se também em que, não se lembrando de que aquilo que conta era algo muito secreto e acontecia na casa do pai da dama, faz com que o rei Perión jogue no chão a espada e o escudo assim que reconhece a sua senhora, não levando em conta que, com o barulho que fariam, por certo os que dormiam ao redor haviam de despertar e vir ver o que era. Também é descuido dizer que o rei olhava a formosura do corpo de Elisena com a luz de três tochas que estavam ardendo no quarto, não se lembrando de ter dito que não havia outra claridade no quarto a não ser a da lua que entrava por entre a porta, e não se dando conta de que não há mulher, por desonesta que seja,

algunas cosas fuera de propósito y que pudiera pasar sin ellas; y lo llamo parabolano porque, entre algunas verdades, os mezcla tantas cosas que nunca fueron, y os las quiere vender por averiguadas, que os hace dudar de las otras; como será decir que el conducto de agua que está en Segovia, que llaman *Puente*, fue hecho por Hispán, sobrino de Hércules, habiéndolo hecho los romanos, como consta por algunas letras que el día de hoy en ella se ven, y también que los de la Coruña, mirando en su espejo de la Torre, veían venir el armada de los Almónidas, y que, porque venía enramada, creyendo que fuese isla nuevamente descubierta, no se apercebieron para defenderse, y así fueron tomados. De estas cosas dice tantas, que con mucha razón lo he llamado parabolano; y si lo quisiese alguno disculpar, diciendo que estas cosas no las inventó él de su cabeza, sino las halló así escritas por otros, en tal caso, dejaré de llamarle parabolano y llamarlo he inconsiderado, pues es así que la prudencia del que escribe consiste en saber aprovecharse de lo que ha leído, de tal manera que tome lo que es de tomar y deje lo que es de dejar; y el que no hace esto muestra que tiene poco juicio, y, en mi opinión tanto, pierde todo el crédito.

PACHECO: Abasta harto; por lo mío, llamadlo como quisieréis.

que a primeira vez que se encontra com um homem, por mais que o queira, deixe-se olhar daquele jeito. Da mesma forma se descuida fazendo com que o rei não tome a espada até a partida, tendo-a furtado dez dias antes, porque não se lembrou de que o faz cavaleiro andante, ao qual a espada é tão necessária como a pena ao escrivão. Pois sendo isto assim, não vos parece que, sem levantar-lhe falso testemunho, pode-se dizer que peca nas coisas? PACHECO: Nisto tendes muita razão de não admitir desculpa do tempo.

MÁRCIO: Agora o desculpemos com a desculpa comum que diz: *Quandoque bonus dormitat Homerus* [De vez em quando o bom Homero dorme].

PACHECO: A desculpa è *magra*; mas valha o que valer, que eu, pelo tanto que vos ouvi, começo a acreditar que jamais me teria podido persuadir, que, para saber compor um livro destes fingidos, é preciso mais do que ser letrado em romance.

VALDÉS: Pois se decorrêsemos pelo livro adiante, mostrar-vos-ia maravilhas; mas *pela véspera podeis saber o dia santo e pela amostra podereis julgar sobre a cor do pano*. Eu disse isto contra a minha vontade, para vos satisfazer do muito que dissestes que vos admiráveis do que me ouvíeis

MARCIO: ¿Qué decís de *Celestina*? Pues vos mucho su amigo soléis ser.

VALDÉS: *Celestina* me contenta el ingenio del autor que la comenzó, y no tanto el del que la acabó; el juicio de todos dos me satisface mucho, porque exprimieron a mi ver muy bien y con mucha destreza las naturales condiciones de las personas que introdujeron en su tragicomedia, guardando el decoro de ellas desde el principio hasta la fin.

MARCIO: ¿Cuáles personas os parecen que están mejor exprimidas?

VALDÉS: La de *Celestina* está a mi ver perfectísima en todo cuanto pertenece a una fina alcahueta, y las de *Sempronio* y *Pármeno*; la de *Calisto* no está mal, y la de *Melibea* pudiera estar mejor.

MARCIO: ¿Adónde?

VALDÉS: Adonde se deja muy presto vencer, no solamente a amar, pero a gozar del deshonesto fruto del amor.

MARCIO: Tenéis razón.

PACHECO: Dejaos ahora, por vuestra vida, de hacer anatomía de la pobre *Celestina*; basta que la hicieron los mozos de *Calisto*. Decidnos qué os parece del estilo.

VALDÉS: El estilo, en la verdad, va bien acomodado a las personas que hablan. Es verdad que peca en dos cosas, las cuales fácilmente se podrían remediar; y quien las

falar sobre o livro de *Amadis*, e não para que me alegre de falar mal nem de repreender o que os outros fazem. E vós, senhores, pensai que, apesar de eu ter dito isto de *Amadis*, também digo que ele tem muitas coisas e muito boas, e que é muito digno de ser lido pelos que querem aprender a língua; mas entendei que nem tudo o que achardes nele deveis ter e usar como bom.

MÁRCIO: Assim o entendemos. E dissei-nos se considerais alguns que tenham bom estilo dos que escreveram as histórias dos reis da Espanha.

VALDÉS: Para dizer a verdade, nenhum dos que vi me satisfaz tanto que ousasse elogiá-lo inteiramente. *Mosén Diego de Valera*, o que escreveu a *Valeriana*, é grande falastrão, e apesar de parecer trazer bons assuntos, não satisfaz meu gosto e considero-o grande embusteiro. Do mesmo autor acredito que seja parte da crônica do rei *Dom João*, segundo deste nome, na qual, como há diversos estilos, não se pode julgar bem toda a obra; porém, a meu ver, pode-se ler *Palmeirim* e *Primaleão* depois de *Amadis de Gaula*, para o que pertence à língua.

PACHECO: Admiro-me de que trateis *Mosén Diego de Valera* tão mal, sendo de vossa terra, e tendo escrito muitas e muito boas coisas

remediase le haría gran honra. La una es el amontonar de vocablos algunas veces tan fuera de propósito como *Magnificat* a maitines; la otra es en que pone algunos vocablos tan latinos que no se entienden en el castellano, y en partes adonde podría poner propios castellanos, que los hay. Corregidas estas dos cosas en *Celestina*, soy de opinión que ningún libro hay escrito en castellano donde la lengua esté más natural, más propia ni más elegante.

MARCIO: ¿Por qué vos no tomáis un poco de trabajo y hacéis eso?

VALDÉS: De más estaba.

MARCIO: Del libro de *Questión de Amor*, ¿qué os parece?

VALDÉS: Muy bien la invención, y muy galanos los primores que hay en él; y lo que toca a la cuestión no está mal tratado por la una parte y por la otra. El estilo, en cuanto toca a la prosa, no es malo; pudiera bien ser mejor; en cuanto toca al metro, no me contenta.

MARCIO: Y de *Cárcel de amor*, ¿qué me decís?

VALDÉS: El estilo de ese me parece mejor; pero todos esos librillos, como están escritos sin el cuidado y miramiento necesario, tienen algunas faltas, por donde no se pueden alabar como alabaréis entre los griegos a Demóstenes, a Xenófón, a Isócrates, a Plutarco, a Luciano, y así a otros príncipes de

em castelhano; não sei por que o chamais de falastrão e embusteiro.

VALDÉS: Que seja de minha terra ou não, isto pouco me importa, pois, quanto a mim, é de minha terra aquele cujas virtudes e suficiência agradam-me, ainda que nascido e criado na Polônia. E deveis saber que chamo Mosén Diego de falastrão, porque, por ser amigo de falar, no que escreve usa algumas coisas fora de propósito e que poderia passar sem elas; e chamo-o de embusteiro porque, entre algumas verdades, mistura tantas coisas que nunca existiram, e quer vendê-las por averiguadas, que vos faz duvidar das outras; como dizer que o conduto de água que está em Segóvia, que chamam *Ponte*, foi feito por Hispán, sobrinho de Hércules, tendo feito-o os romanos, como consta em algumas letras que se veem nele hoje em dia, e também que os de la Coruña, olhando em seu espelho da Torre, viam chegar a armada dos Almóadas, e que, porque vinha enramada, acreditando que fosse ilha novamente descoberta, não se aperceberam para a defesa, e assim foram vencidos. Diz tantas destas coisas, que com muita razão chamei-o de embusteiro; e se alguém quisesse desculpá-lo, dizendo que ele não inventou estas coisas de sua cabeça, mas as

la lengua, y en latín a Cicerón, a César, a Salustio, a Terencio, y así a otros que, como escribieron con cuidado, se ve en ellos la natural propiedad y puridad de la lengua. Y de estar los libros españoles escritos con descuido, viene que casi todos los vocablos que la lengua castellana tiene de la latina, unos están corrompidos, cuál más cuál menos; otros están mal usados; porque, como no han andado escritos de personas dotas y curiosas en lo que habían de decir, sino de mano en mano, o, por mejor decir, de boca en boca su poco a poco se han ido corrompiendo, de manera que hay ya muchos que no se dejan conocer de ninguna manera, y hay otros que con mucha dificultad y casi por rastro los sacáis, y hay otros que, aunque os parece conocerlos, no acabáis de caer en quién son, tanto están desfigurados. ¿Queréis que os diga una cosa que os parecerá extraña? Tengo por averiguado que si los vocablos que la lengua castellana tiene tomados de la latina los escribiese y pronunciase enteramente, apenas habría latino que no entendiese cualquier libro escrito en castellano, y apenas habría castellano que no entendiese lo

achou escritas assim por outros, em tal caso, deixarei de chamá-lo de embusteiro e chamá-lo-ei de incon siderado, pois é assim que a prudência de quem escreve consiste em saber aproveitar-se do que leu, de tal maneira que tome o que é de tomar e deixe o que é de deixar; e quem não faz isto demonstra que tem pouco juízo, e, na minha opinião, perde todo o crédito.

PACHECO: Já basta; por mim, chamai-o como quiserdes.

MÁRCIO: O que dizeis de *Celestina*⁹⁹? Pois costumais ser muito seu amigo.

VALDÉS: *Celestina* agrada-me no engenho do autor que a começou, e não tanto no do que a acabou; o juízo dos dois me satisfaz muito, porque a meu ver exprimiram muito bem e com muita destreza as condições naturais das personagens que introduziram em sua tragicomédia, observando o decoro delas desde o princípio até o fim.

MÁRCIO: Quais personagens parece-vos que estão mais bem expressas?

VALDÉS: A de *Celestina* está, a meu ver, perfeitíssima em tudo quanto pertence a uma fina

99 *La Celestina*, obra escrita durante o reinado dos reis católicos, editada em 1499, originando o romance e o teatro moderno na Espanha, tem sua autoria atribuída ao bacharel Fernando de Rojas. Inicialmente, foi conhecida como Comedia de Calisto y Melibea e depois Tragicomedia de Calisto e Melibea.

más de cualquier libro latino. Pero la corrupción de los vocablos ha sido tanta y tan grande, que sólo por esto hay algunos que contra toda razón porfían que la lengua toscana tiene más de la latina que la castellana.

MARCIO: Mucho me huelgo que, sin meteros en esta cuestión, vos de vuestra voluntad seáis entrado en ella, porque, deseando examinarla con vos, tenía temor que no querríais entrar en ella. Ahora, pues habéis comenzado, decidnos lo que acerca de esto sentís, y mirad no os dejéis cegar de la afición que tenéis a vuestra lengua, ni del deseo que tenéis de complacer a los italianos, por estar, como estáis, en Italia.

VALDÉS: Tan seguros podéis estar de lo uno como de lo otro, porque jamás me sé aficionar tanto a una cosa que el afición me prive del uso de la razón; ni deseo jamás tanto complacer a otros que vaya contra mi principal profesión, que es decir libremente lo que siento de las cosas de que soy preguntado.

MARCIO: Con ese presupuesto podéis comenzar a decir, y según lo que dijereis, así daremos crédito a vuestras palabras.

VALDÉS: Eso mismo quiero yo. Y comenzando, digo que, habiendo considerado bien estas tres lenguas, conviene a saber, latina, toscana y castellana, hallo que la lengua toscana tiene muchos más

alcoviteira, e as de Semprônio e Parmeno; a de Calisto não está mal, e a de Melibeia poderia estar melhor.

MÁRCIO: Onde?

VALDÉS: Onde se deixa vencer muito cedo, não somente por amar, mas também por gozar do desonesto fruto do amor.

MÁRCIO: Tendes razão.

PACHECO: Deixai agora, por favor, de fazer anatomia da pobre Celestina; basta a que fizeram os moços de Calisto. Dizei-nos o que achais do estilo.

VALDÉS: O estilo, na verdade, está bem adequado às personagens que falam. É verdade que peca em duas coisas, as quais facilmente poderiam ser melhoradas; e quem as melhorasse dar-lhes-ia grande honra. Uma é o amontoar de vocábulos, algumas vezes tão fora de propósito como *Magnificat* a matinas; a outra é no que coloca alguns vocábulos tão latinos que não se entendem no castelhano, e em partes em que poderia usar castelhanos próprios, porque os há. Corrigidas estas duas coisas em *Celestina*, sou de opinião que não há nenhum livro escrito em castelhano em que a língua esteja mais natural, mais própria nem mais elegante.

MÁRCIO: Por que não vos esforçais e fazeis isso?

VALDÉS: Seria demais.

MÁRCIO: O que vos parece do

vocablos enteros latinos que la castellana, y que la castellana tiene muchos más vocablos corrompidos del latín que la toscana. La primera parte de los vocablos enteros bien sé que, siendo en favor de vuestra lengua, me la concederéis.

MARCIO: La concederemos, no porque es en favor de nuestra lengua, sino porque es la verdadera.

VALDÉS: Sea como mandareis. Para confirmación de la segunda, que sé no me la querréis conceder si no la pruebo, digo esto que, si me ponéis en las manos un libro castellano, os mostraré cómo los más de los vocablos o son del todo latinos, o son corrompidos, o se pueden poner latinos adonde habrá algunos que no lo sean; y digo los más, porque todavía, como os he dicho, hay algunos los cuales de ninguna manera podemos excusar, mayormente en las partes pequeñas, como son adverbios, conjunciones y artículos.

MARCIO: No basta que digáis ser así, sino que mostréis cómo en efecto es así.

VALDÉS: Soy contento, y porque tenemos ya averiguado que lo más puro castellano que tenemos son los refranes, en ellos mismos os lo quiero mostrar. Uno dice: *Esse es rex, el que no vee rey*, en el cual el latín, tomando palabra por palabra, dirá: *Ipsa est rex qui non videt regem*. Otro dice: *Malo verná que*

livro *Questão de Amor*?

VALDÉS: Muito bem a invenção, e muito elegantes os primores que há nele; e o que se refere à questão não está mal tratado por uma parte e pela outra. O estilo, no tocante à prosa, não é mau; poderia ser bem melhor; quanto à poesia, não me agrada.

MÁRCIO: E de *Cárcere de amor*, o que me dizeis?

VALDÉS: O estilo deste parece-me melhor; mas todos estes livrinhos, como estão escritos sem o cuidado e a atenção necessários, têm algumas faltas, pelas quais não se podem elogiar como elogiaríeis, entre os gregos Demóstenes, Xenofonte, Isócrates, Plutarco, Luciano, bem como outros príncipes da língua, e em latim Cícero, César, a Salústio, Terêncio, e outros que, como escreveram com cuidado, vê-se neles a propriedade natural e a pureza da língua. E por estarem os livros espanhóis escritos com descuido, ocorre que quase todos os vocábulos que a língua castelhana tem da latina, uns estão corrompidos, alguns mais alguns menos; outros estão mal empregados; porque, como não foram escritos por pessoas cultas e cuidadosas no que deviam dizer, mas de mão em mão, ou, para melhor dizer, de boca em boca, pouco a pouco foram sendo alterados, de modo que há muitos

bueno me hará, y de la misma manera, el latín dirá: *Malus veniet qui bonum me faciet*. Otro dice: *Oy por mí y cras por tí*, y el latín: *Hodie pro me et cras pro te*. Otro dice: *Malo es errar y peor es perseverar*, y el latín: *Malum est errare et peius perseverare*. El latín bien veo que es, como dicen, de cocina, pero todavía se entiende. ¿Qué os parece?

MARCIO: Que es casi lo mismo.

VALDÉS: Pues así os podría mostrar trescientos de estos; y porque mejor os satisfagáis en esta parte, tomad algunos versos latinos y mirad cómo, palabra por palabra, os los mostraré casi todos castellanos.

MARCIO: Tomo el principio del *Arte poética*, de Horacio.

VALDÉS: Bien está. *Humano capiti cervicem pictor equinam/iungere si velit et varias inducere plumas*.

MARCIO: Abastan esos.

VALDÉS: Ahora escuchadlos, palabra por palabra: *Humana cabeça cerviz pintor de yegua ayuntar si querrá y varias poner plumas*.

CORIOLANO: Para mí es esa una muy cerrada garabía.

VALDÉS: Tenéis razón, porque va dicho palabra por palabra, pero con las mismas palabras, poniendo cada una de ellas en su lugar, lo entenderéis.

CORIOLANO: Ea, ponedlas.

que já não se deixam conhecer de nenhuma maneira, e há outros que entendeis com muita dificuldade e quase pelo rastro, e há outros que, embora vos pareça conhecê-los, não conseguis descobrir quem são, de tão desfigurados que estão. Quereis que vos diga algo que vos parecerá estranho? Tenho certeza de que, se os vocábulos que a língua castelhana tomou da latina fossem escritos e pronunciados inteiramente, não haveria latino que não entendesse qualquer livro escrito em castelhano, e não haveria castelhano que não entendesse a maior parte de qualquer livro latino. Mas, a alteração dos vocábulos tem sido tanta e tão grande, que só por isto há alguns que insistem, contra toda razão, que a língua toscana tem mais da latina que a castelhana.

MÁRCIO: Alegro-me muito que, sem vos metermos nesta questão, vós, por vossa vontade, tenhais entrado nela, porque, desejando examiná-la convosco, temia que não quisésseis entrar nela. Agora que começastes, dizei-nos o que achais acerca disto, e atenção para não vos deixar cegar pela afeição que tendes pela vossa língua, nem pelo desejo que tendes de agradar aos italianos, por estardes na Itália.

VALDÉS: Podeis ficar tão seguros de um como do outro,

VALDÉS: *Si a una cabeça humana querrá un pintor ayuntar una cerviz de yegua y ponerle varias plumas, etc. ¿Lo entendéis ahora?*

CORIOLANO: Sí, y muy bien.

VALDÉS.- Pues vos también creo que veis cómo en estos dos versos no halláis vocablo ninguno que no lo conozcáis casi por latino, si no es el *querrá*.

MARCIO: Decís muy gran verdad, y no se puede decir sino que es esta una prueba harto bastante; y por ella y por lo demás veo que tenéis razón en lo que decís de los vocablos corrompidos.

VALDÉS: Pues, si bien lo supieseis, yo os prometo que lo diríais más de verdad, porque hallaríais algunos vocablos que ni por pensamiento parecen latinos, y son latinísimos, y si queréis os diré algunos.

MARCIO: Antes nos haréis grandísima merced.

VALDÉS: *Ogaño*, ¿quién pensará que haya sido latino?

MARCIO: Nadie.

VALDÉS: Pues convertid la *g* en *c* y ponedle su aspiración que perdió, y haréis *hoc anno*, que significa lo mismo que *o gaño*. Esto mismo hallaréis en *ahora*; convertid la *g* en *c* y aspirad la *a* y la *o*, y diréis *hac hora*, que es la misma significación que *ahora*.

MARCIO: Digo que tenéis mucha razón.

porque jamais me apego tanto a uma coisa que o apego me prive do uso da razão; nem desejo jamais agradar tanto aos outros, que vá contra minha principal profissão, que é falar livremente o que sinto sobre as coisas que me perguntam.

MÁRCIO: Com este pressuposto podeis começar a falar, e segundo o que falardes, daremos crédito a vossas palavras.

VALDÉS: É isso mesmo o que eu quero. E começando, digo que, tendo considerado bem estas três línguas, convém saber, latina, toscana e castelhana, acho que a língua toscana tem muito mais vocábulos latinos inteiros do que a castelhana, e que a castelhana tem muito mais vocábulos alterados do latim que a toscana. A primeira parte dos vocábulos inteiros bem sei que, sendo em favor da vossa língua, me concedereis.

MÁRCIO: Concederemos, não porque é em favor da nossa língua, mas porque é a verdadeira.

VALDÉS: Seja como mandardes. Para confirmação da segunda, que sei que não me quereis concedê-la se não a provo, digo que, se me pondes nas mãos um livro castelhano, mostrar-vos-ei como a maior parte dos vocábulos são de todo latinos, ou são alterados, ou se podem usar latinos onde houver alguns que não o sejam; e digo a maior parte, porque também,

VALDÉS: De la misma manera hallaréis otros muchos que están de tal manera enmascarados, que no basta a conocerlos sino quien es muy curioso en la una lengua y en la otra. Otros hay que, como van atapados y no enmascarados, son más fácilmente conocidos, como son *agua* por *aqua*, *leño* por *lignum*, *tabla* por *tabula*, *lecho* por *lectus*; y de verbos, *hacer* por *facere*, *traer* por *trahere*, *pedir* por *petere*, etc., que sería nunca acabar. Hay también otros vocablos en los cuales no solamente hemos mudado letras, pero hemos también alterado la significación, y así de *fabula* decimos *habla*, de donde viene *hablar*, y de *indurare* decimos *endurar*, que significa guardar como escaso, y así lo usa el refrán que dice: *Ni al gastador que gastar ni al endureador que endurear*. También de *finis*, decimos *finado* por *muerto*, y de *forum* decimos *fuero*, del cual vocablo usamos de la manera que veis en el refrán que dice: *No por el huevo, sino por el fuero*. Decimos también de *mora*, *morar*, que quiere decir *habitare*, como parece por el refrán que dice: *Quien cabo mal vezino mora, horas canta y horas llora*. De la misma manera, de *tangere* hemos hecho *tañer*, y así decimos: *Quien las sabe, las tañe*. Usamos también *civil* en contraria significación que lo usa el latín,

como vos disse, há alguns os quais de modo algum podemos escusar, principalmente nas pequenas partes, como advérbios, conjunções e artigos.

MÁRCIO: Não basta que digais ser assim, mas que mostreis como de fato é assim.

VALDÉS: Estou contente, e porque já verificamos que o mais puro castelhano que temos são os refrões, quero mostrar-vos neles mesmos. Um diz: *Esse é rei, o que não vê rei*, no qual o latim, tomando palavra por palavra, dirá: *Ipsa est rex qui non videt regem*. Outro diz: *Mau virá que bom me fará*, e da mesma maneira, o latim dirá: *Malus veniet qui bonum me faciet*. Outro diz: *Hoje para mim e amanhã para ti*, e o latim: *Hodie pro me et cras pro te*. Outro diz: *Mau é errar e pior é perseverar*, e o latim: *Malum est errare et peius perseverare*. O latim bem vejo que é, como dizem, de cozinha, mas ainda se entende. O que vos parece?

MÁRCIO: Que é quase o mesmo.

VALDÉS: Pois assim poderia mostrar-vos trezentos destes; e para que melhor vos satisfaçais nesta parte, tomai alguns versos latinos e observai como, palavra por palavra, vo-los mostrarei quase todos castelhanos.

MÁRCIO: Tomo o início da *Arte poética*, de Horácio.

VALDÉS: Está bem. *Humano*

diciendo en un refrán: *Caséme con la cevil por el florín*, adonde *cevil* está por vil y baja. Lo mismo hacen algunos con *regular*, del cual, como sabéis, en latín usan por gloria, y ellos en castellano usan por vituperio. Pero al fin, en una significación o en otra, para mi intento basta esto; que claramente se conocen todos estos vocablos por latinos. Ahora, si en la lengua toscana se pueden hacer las dos experiencias de los vocablos que yo he hecho en la castellana, y si se puede mostrar la corrupción de vocablos que yo os he mostrado, lo dejo considerar a vosotros, que sabéis más que yo de ella; a mí tanto, me parece que no lo haréis de ninguna manera.

MARCIO: Cuanto que a mí, no me bastaría el ánimo.

CORIOLOANO: Ni a mí tampoco. Bien es verdad que podría ser que, pensando un poco en ello, pudiese hacer algo.

VALDÉS: Pues yo os dejo pensar hasta de hoy en ocho días que, placiendo a Dios, nos tornaremos a juntar aquí y concluiremos esta contienda. Ahora ya es hora de ir a Nápoles. Haced que nos den nuestras cabalgaduras y vámonos con Dios, que a mí tanto, cara me ha costado la comida; podré decir que ha sido pan con dolor.

MARCIO: No consiento que digáis eso, pues veis que, aunque lo que aquí habemos platicado ha sido

capiti cervicem pictor equinam/iungere si velit et varias inducere plumas.

MÁRCIO: Bastam estes.

VALDÉS: Agora escutai-os, palavra por palavra: *Humana cabeça cerviz pintor de égua ajuntar se quiser e várias colocar penas.*

CORIOLOANO: Para mim esta é uma algaravia muito cerrada.

VALDÉS: Tendes razão, porque está dito palavra por palavra, mas com as mesmas palavras, colocando cada uma delas em seu lugar, entenderéis.

CORIOLOANO: Então, colocai-as.

VALDÉS: *Se a uma cabeça humana quiser um pintor juntar uma cerviz de égua e colocar-lhe várias penas*, etc. Entendeis agora?

CORIOLOANO: Sim, e muito bem.

VALDÉS: Pois acredito que também vedes como, nestes dois versos, não achais quase nenhum vocábulo que não conheçais por latino, a não ser o *quiser*.

MÁRCIO: Dizeis muito grande verdade, e não se pode dizer que esta não é uma prova bastante grande; e por ela e pelo mais vejo que tendes razão no que dizeis sobre os vocábulos alterados.

VALDÉS: Pois, se bem o soubésseis, garanto-vos que o diríeis com mais certeza, porque acharíeis alguns vocábulos que nem por pensamento parecem

desabrido para vos, ha sido provechoso para nosotros. Y aún, si yo pensara no enojaros, yo os prometo que hubiera puesto algún escribano en secreto que notara los puntos que aquí habéis dicho, porque no fío tanto en mi memoria que pienso me tengo de acordar de todos.

VALDÉS: Vuestro daño si no lo hicisteis; ¿qué culpa os tengo yo?

MARCIO: Sí tenéis, y muy grande, que os hicisteis al principio tanto de rogar que, temiendo lo tendríais por mal, no osé hacer lo que quería.

VALDÉS: Esa fue muy gran cortedad. ¿Por qué lo había de tener por mal?

MARCIO: Porque os tengo por tan delicado, que de cada mosquito que os pasa por delante la cara, si no va a vuestra voluntad, os ofendéis.

VALDÉS: En eso tanto tenéis razón; que demasiadamente soy amigo de que las cosas se hagan como yo quiero, y demasiadamente me ofendó cuando una persona que yo quiero bien hace o dice alguna cosa que no me contente, y soy tan libre, que luego le digo a la clara mi parecer. Esta tacha me han de sufrir mis amigos.

MARCIO: Mejor sería que, pues conocéis ser tacha, la dejaseis.

VALDÉS: Mejor, pero ¿vos no sabéis que mudar costumbres es a par de muerte?

latinos, e são latiníssimos, e se quereis direi alguns.

MÁRCIO: Antes nos fareis grandíssimo favor.

VALDÉS: *Ogano*, quem pensará que tenha sido latino?

MÁRCIO: Ninguém.

VALDÉS: Pois convertei o *g* em *c* e colocai-lhe a aspiração que perdeu, e fareis *hoc anno*, que significa o mesmo que *o gano*. O mesmo achareis em *agora*; convertei o *g* em *c* e aspirai o *a* e o *o*, e direis *hac hora*, que tem a mesma significação de *agora*.

MÁRCIO: Digo que tendes muita razão.

VALDÉS: Da mesma forma achareis muitos outros que estão mascarados de tal modo, que não basta conhecê-los senão por quem é muito hábil em uma língua e na outra. Há outros que, como estão decalcados e não mascarados, são mais facilmente reconhecíveis, como *água* por *aqua*, *lenho* por *lignum*, *tábua* por *tabula*, *leito* por *lectus*; e de verbos, *fazer* por *facere*, *trazer* por *trahere*, *pedir* por *petere*, etc., que nunca acabariam. Há também outros vocábulos nos quais não somente mudamos letras, mas também alteramos a significação, e assim de *fabula* dizemos *fala*, de onde vem *falar*, e de *indurare* dizemos *endurar*, que significa guardar como escasso, e assim o usa o refrão que diz: *Nem ao gastador*

MARCIO: Lo sé muy bien, pero diferencia ha de haber de hombres a hombres. Donosa cosa es que queráis vos que vuestros amigos os sufran una cosa que vos mismo tenéis por tacha, no queriendo vos sufrirles a ellos las que no tienen por tachas.

VALDÉS: En decir que ha de haber diferencias de hombres a hombres vos decís muy bien, pero eso otro habéis considerado mal, porque por eso es mi tacha más sufridera que las de los otros, porque la conozco, y por tanto hay esperanza que me corregiré un día u otro; y por eso son las de los otros menos sufrideras que la mía, porque no las conocen, y por tanto no se pueden enmendar, y así yo no haría oficio de amigo si no les dijese lo que me parece mal. Pero esto importa poco; vámonos, que es tarde.

MARCIO: Esperaos un poco, que aún os queda la cola por desollar.

VALDÉS: ¿Qué queréis decir con eso?

MARCIO: Que os habemos tomado a mano, haciendo por buen estilo que tengáis por bien que hayamos hecho lo que temíamos os diera mucho enojo.

VALDÉS: ¿Qué cosa?

MARCIO: Ahora lo veréis. Aurelio, daca lo que has escrito. Veis aquí anotado todo lo que habéis dicho, y yo tengo por tal al escribano que ha sabido bien lo

que gastar nem ao endureador que endurear. Também de *finis*, dizemos *finado* por *morto*, e de *forum* dizemos *foro*, cujo vocábulo usamos da maneira que vedes no refrão que diz: *Não pelo ovo, mas pelo foro*. Dizemos também de *mora*, *morar*, que quer dizer *habitare*, como parece pelo refrão que diz: *Quem junto a mau vizinho mora, horas canta e horas chora*. Da mesma maneira, de *tangere* fizemos *tanger*, e assim dizemos: *Quem as sabe, as tange*. Usamos também *civil* com significação contrária a que o latim usa, dizendo em um refrão: *Casei-me com a civil pelo florim*, onde *civil* está por vil e baixa. O mesmo fazem alguns com *regular*, o qual, como sabeis, em latim usam por glória, e em castelhano usam por vitupério. Mas, enfim, em uma significação ou em outra, para meu intento basta isto, que claramente se reconhecem como latinos todos estes vocábulos. Agora, se na língua toscana se podem fazer as duas experiências com os vocábulos que eu fiz na castelhana, e se se pode mostrar a alteração de vocábulos que vos mostrei, deixo-vos considerar, que a sabeis mais do que eu; parece-me que não o fareis de maneira nenhuma.

MÁRCIO: Quanto mim, não me bastaria a vontade.

que ha escrito.

VALDÉS: Con la bendición de Dios, yo huelgo de ello, pero con tanto que lo tengáis para vosotros y no lo traigáis de mano en mano, porque ya veis el inconveniente.

MARCIO: Antes porque veo el provecho, y no el inconveniente, pienso darlo a todos los que lo querrán, y aun, si me pareciere, lo haré imprimir.

VALDÉS: ¡Esa sería una gentil cosa! No creo que vos caeréis en esa indiscreción.

PACHECO: Dejémonos de andar por las ramas, mejor será decirle claro lo que hace al caso. Yo conozco al señor Valdés, y sé de él que se huelga que se le demande a la clara lo que sus amigos quieren de él. Habéis de saber que lo que todos os pedimos por merced es que, tomando esto que está anotado de lo que aquí habemos hablado, lo pongáis todo por buena orden y en buen estilo castellano; que estos señores os dan licencia que les hagáis hablar en castellano, aunque ellos hayan hablado en italiano.

MARCIO: Antes se lo rogamos cuan encarecidamente podemos. Y, si os parecerá, podréis hacer la primera parte de la obra de lo que platicamos esta mañana, y la segunda de lo de esta tarde.

VALDÉS: ¿Esto me tenáis guardado por fruta de postre? Íos con Dios.

MARCIO: No nos iremos, ni vos

CORIOLANO: Nem a mim tampouco. É bem verdade que poderia ser que, pensando um pouco nisso, pudesse fazer algo.

VALDÉS: Pois eu vos deixo pensar de hoje até daqui a oito dias que, se Deus quiser, voltaremos a nos reunir aqui e concluiremos esta contenda. Agora já é hora de ir a Nápoles. Fazei com que nos tragam nossas cavalgadas e vamo-nos com Deus, que a comida me custou muito cara; poderei dizer que foi pão com dor.

MÁRCIO: Não admito que digais isso, pois vedes que, embora o que conversamos aqui tenha sido árduo para vós, foi proveitoso para nós. E ainda prometo-vos que, se eu tivesse pensado em não vos incomodar, teria colocado algum escrivão escondido que anotasse os pontos que aqui dissestes, porque não confio tanto em minha memória que penso que tenho de me lembrar de todos.

VALDÉS: Azar o vosso se não o fizésseis; que culpa tenho eu?

MÁRCIO: Se tendes, e muito grande, é que no início fizestes-vos tanto de rogado que, temendo que levásseis a mal, não ousei fazer o que queria.

VALDÉS: Esse foi muito grande retraimento. Por que o haveria de levar a mal?

MÁRCIO: Porque considero-vos tão delicado, que vos ofendeis até

os iréis de aquí, si primero no nos prometéis que haréis esto que os rogamos.

PACHECO: No os hagáis de rogar, por vuestra vida, pues sabemos que no son otras vuestras misas, sino ocuparos en cosas semejantes; y sabemos también que, si de buena tinta os queréis poner en ello, lo haréis de manera que os hagáis honra a vos y a nosotros, y al lugar adonde habemos estado.

VALDÉS: Esta cosa, como veis, es de mucha consideración; dejadme pensar bien en ella, y si me pareciere cosa hacedera, y si viere que puedo salir con ella razonablemente, yo os prometo de hacerla.

MARCIO: Con esto nos contentamos, y yo, en nombre de los tres, acepto la promesa, y os convido desde ahora para de hoy en ocho días, porque el señor Coriolano pueda decir lo que, después de haber bien pensado, hallará acerca de la conformidad de la lengua toscana con la latina. Una cosa me queda que demandar; prometedme todos de no negármela, toque a quien tocare.

VALDÉS: Yo por mi parte lo prometo, pues ya no puede ser más negro el cuervo que sus alas.

PACHECO: También yo lo prometo por la mía.

CORIOLANO: Pues de mí ya sabéis que tanto tenéis cuanto queréis.

se um mosquito vos passar diante do rosto.

VALDÉS: Nisto tendes muita razão; que sou demasiadamente amigo de que as coisas sejam feitas como eu quero, e ofendo-me demasiadamente quando uma pessoa que eu quero bem faz ou diz alguma coisa que não me agrade, e sou tão livre, que logo digo-lhe às claras meu parecer. Este defeito meus amigos hão de suportar.

MÁRCIO: Melhor seria que, sabendo ser defeito, o deixásseis.

VALDÉS: Melhor, mas não sabeis que mudar costumes está de par com a morte?

MÁRCIO: Sei muito bem, mas deve haver diferença de homem para homem. Coisa estranha é quererdes que vossos amigos suportem algo que vós mesmo tendes por defeito, não querendo vós suportá-los o que não têm por defeitos.

VALDÉS: Ao dizer que deve haver diferenças de homem para homem dizeis muito bem, mas o outro considerastes mal, porque por isso meu defeito é mais suportável que os dos outros, porque o conheço, e, portanto, há esperança de que eu me corrija um dia ou outro; e por isso os dos outros são menos suportáveis do que o meu, porque não os conhecem, e portanto não podem se corrigir, e assim eu não seria

MARCIO: Mi demanda es esta: que el señor Pacheco nos prometa aquí de hacer, en los refranes españoles, lo que dice ha estado muchas veces por hacer.

PACHECO: Por no estar a contender, soy contento de prometerlo, pero para cuando tuviere el lugar y aparejo que conviene.

VALDÉS: Que será nunca; pero, sea cuando fuere, ¿qué se me da a mí? Más me importa esto. ¿Oyes? dame el caballo. Camine quien más pudiere, que yo ni estorbaré al que me fuere adelante, ni esperaré al que se quedare atrás.

amigo se não lhes dissesse o que me parece mal. Mas isto importa pouco; vamo-nos, que é tarde.

MÁRCIO: Esperai um pouco, que ainda vos falta esfolar a cauda.

VALDÉS: O que quereis dizer com isso?

MÁRCIO: Que vos preparamos um ardil, tendo por bom estilo que achais bom que vos causasse muito tédio termos feito o que temíamos.

VALDÉS: Que coisa?

MÁRCIO: Agora o vereis. Aurélio, dá cá o que escrevestes. Vedes aqui anotado tudo o que dissestes, e eu considero muito o escrivão, que soube bem o que escreveu.

VALDÉS: Com a bênção de Deus, eu me alegro com isso, mas desde que o tendeis para vós e não o leveis de mão em mão, porque já vedes o inconveniente.

MÁRCIO: Antes porque vejo o proveito, e não o inconveniente, penso em dá-lo a todos os que o queiram, e também, se me parecer, mandarei imprimi-lo.

VALDÉS: Esta seria uma coisa gentil! Não acredito que caiais nesta insensatez.

PACHECO: Paremos de nos desviar do assunto, será melhor dizer-lhe claramente o que vem ao caso. Eu conheço o senhor Valdés, e sei que gosta que seus amigos peçam-lhe claramente o que querem dele. Deveis saber

que o que todos vos pedimos por favor é que, tomando isto que está anotado sobre o que aqui falamos, coloquês tudo em boa ordem e em bom estilo castelhano; que estes senhores vos dão licença para que lhes façais falar em castelhano, mesmo que eles tenham falado em italiano.

MÁRCIO: Antes se o pedimos quão encarecidamente podemos. E, se vos parecer, podereis fazer a primeira parte da obra com o que conversamos esta manhã, e a segunda com o desta tarde.

VALDÉS: Teríeis guardado isto por fruta de sobremesa? Ide-vos com Deus.

MÁRCIO: Não nos iremos, nem vós vos ireis daqui, se primeiro não nos prometeis fazer isto que pedimos.

PACHECO: Não vos façais de rogado, por favor, pois sabemos que vossos encargos não são outros senão ocupar-vos em coisas semelhantes; e sabemos também que, se quereis colocar-vos nisso de boa tinta, fareis de modo que dais honra a vós e a nós, e ao lugar onde estivemos.

VALDÉS: Isto, como vedes, é de muita consideração; deixai-me pensar bem nisto, e se me parecer coisa fazedora, e se eu puder cumprir razoavelmente, prometo-vos fazê-la.

MÁRCIO: Contentamo-nos com isto, e eu, em nome dos três,

aceito a promessa, e convido-vos agora para daqui a oito dias, para que o senhor Coriolano possa, depois de ter pensado bem, dizer o que achar acerca da semelhança da língua toscana com a latina. Resta-me pedir uma coisa; prometei-me todos de não me negá-la, toque a quem tocar.

VALDÉS: Eu de minha parte o prometo, pois o corvo já não pode ser mais preto que suas asas.

PACHECO: Eu também o prometo da minha.

CORIOLANO: Pois de mim já sabeis que tendes tanto quanto quiserdes.

MÁRCIO: Meu pedido é este: que o senhor Pacheco nos prometa aqui de fazer, nos refrões espanhois, o que diz ter estado muitas vezes por fazer.

PACHECO: Para não ficar disputando, fico contente de prometê-lo, mas para quando tiver o lugar e a preparação que convém.

VALDÉS: Que será nunca; porém, seja quando for, o que eu ganho ou perco? Mais me importa isto. Ouvis? Dá-me o cavalo. Caminhe quem puder mais, que eu não estorvarei quem me for adiante, nem esperarei quem ficar para trás.

4.2 JUAN BOSCÁN E A LA DUQUESA DE SOMA (1543)

Eu sei muito bem quão grande perigo é escrever e entendo que muitos dos que escreveram, apesar de o terem feito mais do que razoavelmente bem, se são sensatos, devem ter se arrependido muitas vezes. (Juan Boscán, 1543)

Juan Boscán (Joan Boscà, em catalão), poeta e tradutor, nasceu em Barcelona em torno de 1487-92 e viveu até 1542. Pertencente a uma família de letrados e mercadores, serviu nas cortes de Fernando, o Católico, e Carlos I desde 1514, onde foi preceptor do duque de Alba. Em 1539 deixou a corte e fixou-se na sua cidade natal. Ali, casou-se com Ana Girón de Rebolledo e transformou a própria casa em um centro de reuniões literárias.

Entre as principais produções de Boscán estão: *Epístola a don Diego Hurtado de Mendoza*; *Poesías* (A la tristeza; El ruiseñor que pierde sus hijuelos; Qué haré, que por quereros, Canción V) e *Sonetos* (Amor es bueno en sí naturalmente; Cargado voy de mi doquier que ando; Como aquel que en soñar gusto recibe; Como el triste que a muerte está juzgado; Dulce soñar y dulce congojarme; Garcilaso, que al bien siempre aspiraste; Gran tiempo fui de males tan dañado; Ha tanto ya que mi desdicha dura; Nunca de amor estuve tan contento; Quien dice que la ausencia causa olvido; Si el corazón de un verdadero amante; Soy como aquel que vive en el desierto; Un nuevo amor un nuevo bien me ha dado).

Apesar de ter nascido em Barcelona e também ter composto alguns poemas na língua catalã, Boscán escreveu sua obra, em geral, na língua castelhana. Entre os séculos XIII e XV, o catalão literário havia recebido uma firme estruturação para a prosa, mas no século XVI se reduz ao uso apenas regional, e cada vez mais restrito à fala, devido à expansão e ao prestígio da língua espanhola, a qual se torna, conforme Entwisle (1969, p. 212), “a língua de todos quantos desejam contar com um amplo auditório.” Por esta razão, Boscán teria optado pela língua mais abrangente.

O poeta destacou-se como tradutor, para o espanhol, do livro *Il Cortegiano*, do italiano Baldassare Castiglione, por recomendação do seu amigo e também poeta Garcilaso de la Vega. A tradução de *El Cortesano* foi publicada em Barcelona, em 1534, e inaugura na Espanha uma nova forma de traduzir, que se diferencia das concepções

anteriores, ainda presas às normas do latim (FURLAN, 2006, p. 163). Como tradutor, Boscán contribuiu para a independência da língua vernácula, adaptando o texto original, sem se afastar da fidelidade ao sentido, à cultura local e aos valores da Espanha.

Sua lírica apresenta traços da poesia de Petrarca e também algumas imagens e referências ao poeta valenciano Ausiàs March, que influenciou as bases da lírica castelhana do século XVI. Deve-se a Boscán a introdução à métrica e à versificação italianas na poesia lírica castelhana, após ser influenciado pelo embaixador veneziano Andrea Navagero, durante um encontro que teve com este em Granada.

As composições de Boscán foram aprovadas, em seguida, por Garcilaso de la Vega, e ambos tiveram seus poemas publicados juntos, no ano de 1543, em três volumes, em que revelam o desenvolvimento do verso castelhana do primeiro livro até a adoção definitiva da métrica italiana nas composições do segundo livro. Este segundo livro é o que está precedido pela carta *A la duquesa de Soma*.

A carta dedicatória *A la duquesa de Soma* constitui um tratado de poética renascentista, no qual o autor expõe e justifica suas escolhas italianizantes; foi publicada em Barcelona, em 1543, um ano depois da morte de Boscán, como introdução ao seu segundo livro de poemas, intitulado *Sonetos y canciones a la manera de los italianos*. A destinatária da carta, a duquesa de Soma, era Beatriz Fernández de Córdoba y Figueroa, neta de Gonzalo Fernández de Córdoba y Aguilar, El Gran Capitán (1453-1515), casada com o II Duque de Soma¹⁰⁰, Fernando Folc de Cardona y Requesens (1522-1571). Este, que em 1541-2 havia contribuído para a compilação da obra do poeta Ausiàs March, custeava também a edição das poesias de Boscán em Barcelona. (DURAN; SOLERVICENS, 1996. p. 151)

A matéria principal da carta é a nova criação poética italianizante, em que Boscán, apoiando-se na autoridade de Navagero e Garcilaso, que o teriam persuadido a trazê-la para a Espanha, justifica a sua iniciativa, dizendo-se “o primeiro que juntou a língua castelhana com o modo de escrever italiano” (p. 320). Boscán trata da superioridade do verso decassílabo, defendendo-o com base no exemplo de poetas anteriores e

100 O Ducado de Soma era um título nobiliário espanhol criado por Fernando II de Aragão, em 1502, em favor de Ramón Folc de Cardona y Requesens, conde de Alviño (em Nápoles).

prevendo o sucesso que a nova forma de composição poética teria na Espanha, podendo até mesmo superar a Itália neste aspecto:

Porque os bons engenhos de Castela, que estão fora da vulgar conta, já o amam e seguem-no e exercitam-se nele, tanto que, se os tempos com seus desassossegos não o estorvarem, poderá ocorrer que muito em breve os italianos se lastimem de ver o bom de sua poesia transferido à Espanha. (p. 302)

Embora não apresente de forma explícita uma reflexão sobre a atividade tradutória, *A la duquesa de Soma* é um texto que pode ser considerado um documento da história da tradução renascentista, pelo fato de estar situada num contexto em que a tradução assume o significado de recriação, a partir de modelos fornecidos pela tradição, com critérios estabelecidos de acordo com a liberdade criadora do artista.

No tempo de Boscán, o código linguístico, exceto algumas questões ortográficas, já estava praticamente consolidado. Era a vez, agora, de reelaborar a sua literatura, responsabilidade que ele assume, ainda que com certo temor:

[...] se sempre tive medo de escrever, por coisa fácil que fosse o que tivesse de escrever, muito mais o teria se tivesse de colocar minha pena no que até agora ninguém na nossa Espanha colocou a sua. (p. 297)

Ao mencionar o percurso da composição, desde os gregos, seus inventores, passando pelos latinos, que a imitaram, depois os provençais, os catalães e então os grandes poetas italianos Petrarca e Dante, Boscán enobrece a sua arte e dignifica a própria língua:

[...] este gênero de trovas, com a autoridade do seu próprio valor e com a reputação dos antigos e modernos que as usaram, é digno não somente de ser recebido em uma língua tão boa como é a castelhana, mas também de ser nela preferido a todos os versos vulgares. (p. 302)

No decorrer do texto, o poeta expõe suas justificativas e atitudes ao modo de um tradutor atencioso, cuja função, em relação ao vernáculo, é contribuir para a formação da sua literatura implantando o novo gênero de composição.

Os livros de poemas de Boscán não são traduções de poemas criados em outra língua, mas apresentam novidade quanto à forma, e isto os torna semelhantes a uma tradução, no sentido em que algo trazido de outra cultura, ao qual se deu um caráter novo na cultura receptora, está sendo posto a público para ser julgado pelos leitores, que podem aceitá-lo ou não.

Poderíamos dizer que a obra poética de Boscán é uma emulação (HIGHET, 1954, p. 165) que, ao invés dos clássicos antigos, tomou como modelo os escritores italianos, pois estes tinham como fonte os gregos e os romanos e conseguiram criar algo bem sucedido. Isto reforça a ideia de que também a língua espanhola merecia ter composições novas que a tornassem igual ou melhor a italiana.

O modelo de composição que Boscán defendia, o verso decassílabo, provinha da influência italiana devido ao intercâmbio que havia entre os literatos espanhóis e italianos, naquele momento histórico que Menendez Pidal (1978, p. 49- 67) denominou *Período de Garcilaso*, quando as línguas dos dois países se interinfluenciavam.

Enquanto a prosa espanhola exportava suas características, a poesia, ao contrário, embebia-se de elementos italianos. Com a métrica adotada, entraram no espanhol também temas, expressões e inúmeras palavras da língua italiana. Desse modo, como ressalta García Yebra (1983, p. 100), Boscán contribuiu para o enriquecimento da poesia de sua pátria, tanto na estrutura quanto na língua.

A la duquesa de Soma (1543)

He miedo de importunar a vuestra
señoría con tantos libros. Pero ya
que la importunidad no es excusa,
pienso que avrá sido menos malo
dalla repartida en partes, porque si
la una acabare de cansar, será muy
fácil remedio dexar las otras.
Aunque tras esto me acuerdo
ahora que el cuarto libro ha de ser

À duquesa de Soma

Tenho medo de importunar a
vossa senhoria com tantos livros.
Mas, já que a importunidade não é
desculpa, penso que seria menos
mal dividi-la em partes, porque se
a primeira acabar por cansar, será
muito fácil remédio deixar as
outras. Embora, depois disso,
lembro-me agora de que o quarto

de las obras de Garcilaso, y éste no solamente espero yo que no cansará a nadie, mas aun dará muy gran alivio al cansancio de los otros. En el primero avrá vuestra señoría visto esas coplas (quiero dezillo así) hechas a la castellana. Solía holgarse con ellas un hombre muy avisado y a quien vuestra señoría deve de conocer muy bien, que es don Diego de Mendoça. Mas paréceme que se holgava con ellas como con niños, y así las llamava las redondillas. Este segundo libro terná otras cosas hechas al modo italiano, las cuales serán sonetos y canciones, que las trobas desta arte así han sido llamadas siempre. La manera déstas es más grave y de más artificio y (si yo no me engaño) mucho mejor que la de las otras. Mas todavía, no embargante esto, quando quise provar a hazellas no dexé de entender que tuviera en esto muchos reprehensores. Porque la cosa era nueva en nuestra España y los nombres también nuevos, a lo menos muchos dellos, y en tanta novedad era imposible no temer con causa, y aun sin ella. Quanto más que luego en poniendo las manos en esto, topé con hombres que me cansaron. Y en cosa que toda ella consiste en ingenio y en júizio, no tiniendo estas dos cosas más vida de quanto tienen gusto, pues cansándome havía de desgustarme,

livro é o das obras de Garcilaso, e este não somente espero que não canse ninguém, mas também que dê muito grande alívio ao tédio dos outros. No primeiro, vossa senhoria terá visto estas coplas (quero dizê-lo assim) feitas à castelhana. Costumava distrair-se com elas um homem muito sábio e que vossa senhoria deve conhecer muito bem, que é Dom Diego de Mendoça. Mas me parece que brincava com elas como com crianças, e assim chamava-as de redondilhas. Este segundo livro tem outras coisas feitas ao modo italiano, as quais são sonetos e canções, pois as trovas desta arte têm sido sempre chamadas assim. A forma destas é mais séria e de mais artificio e (se não me engano) muito melhor do que a das outras. Contudo, quando quis tentar fazê-las não deixei de entender que teria nisto muitos reprehensores. Porque a coisa era nova na nossa Espanha e os nomes também novos, ao menos muitos deles, e em tanta novidade era impossível não temer, com razão e também sem ela. Ainda mais que, logo ao por as mãos nisto, encontrei homens que me aborreceram. E na ideia em que consiste, toda ela, em engenho e em júizo, não tendo estas duas coisas mais vida de quanto têm gosto, pois cansando-me havia de me desgostar; depois de desgostado, não havia como

después de desgustado, no tenía donde pasar más adelante. Los unos se quexaban que en las trobas desta arte los consonantes no andavan tan descubiertos ni sonavan tanto como en las castellanas; otros dezían que este verso no sabían si era verso o si era prosa, otros argüían diciendo que esto principalmente havia de ser para mugeres y que ellas no curavan de cosas de sustancia sino del son de las palabras y de la dulçura del consonante. Estos hombres con estas sus opiniones me movieron a que me pusiese a entender mejor la cosa, porque entendiéndola viesse más claro sus sinrazones. Y así quanto más he querido llegar esto al cabo, discutiéndolo conmigo mismo, y platicándolo con otros, tanto más he visto el poco fundamento que ellos tuvieron en ponerme estos miedos. Y hanme parecido tan livianos sus argumentos, que de solo haver parado en ellos, poco o mucho me corro; y así me correría agora si quisiese responder a sus escrúpulos. Que ¿quién ha de responder a hombres que no se mueven sino al son de los consonantes? ¿Y quién se ha de poner en pláticas con gente que no sabe qué cosa es verso, sino aquel que calçado y vestido con el consonante os entra de un golpe por el un oído y os sale por el otro? Pues a los otros que dicen

seguir adelante. Uns se queixavam de que, nas trovas desta arte, as consoantes não ficavam tão evidentes nem soavam tanto como nas castelhanas; outros diziam que não sabiam se este verso era verso ou se era prosa, outros arguiam dizendo que isso havia de ser principalmente para mulheres e que elas não se preocupavam com coisas de substância, mas com o som das palavras e com a suavidade das consoantes. Estes homens, com estas suas opiniões, fizeram com que eu começasse a entender melhor a ideia, para que, entendendo-a, visse mais claramente as suas sem-razões. E assim quanto mais quis realizar isto, discutindo-o comigo mesmo e conversando com outros, tanto mais vi o pouco fundamento que eles tiveram ao incutir-me estes medos. E os seus argumentos pareceram-me tão livianos, que me humilho só de ter me detido neles, pouco ou muito; e assim me humilharia agora se quisesse responder aos seus escrúpulos. Pois quem há de responder a homens que não se movem senão ao som das consoantes? E quem há de discutir com gente que não sabe o que é verso, senão aquele que calçado e vestido com a consoante entra de golpe por um ouvido e sai pelo outro? Pois aos outros, que dizem que estas coisas, não sendo senão para mulheres, não têm de

que estas cosas no siendo sino para mugeres no han de ser muy fundadas, ¿quién ha de gastar tiempo en respondelles? Tengo yo a las mugeres por tan sustanciales, las que aciertan a sello, y aciertan muchas, que en este caso quien se pusiese a defendellas las ofendería. Así que estos hombres y todos los de su arte, licencia ternán de dezir lo que mandaren, que yo no pretiendo tanta amistad con ellos que, si hablaren mal, me ponga en trabajo de hablar bien para atajallos. Si a éstos mis obras les parecieren duras y tuvieren soledad de la multitud de los consonantes, ahí tienen un cancionero, que acordó de llamarse general, para que todos ellos bivan y descansen con él generalmente. Y si quisieren chistes también los hallarán a poca costa. Lo que agora a mí me queda por hazer saber a los que quisieren leer este mi libro es que no querría que me tuviesen por tan amigo de cosas nuevas que pensasen de mí que por hazerme inventor de estas trobas, las cuales hasta agora no las hemos visto usar en España, haya querido provar a hazellas. Antes quiero que sepan que ni yo jamás he hecho profesión de

ser muito fundamentadas, quem há de gastar tempo em lhes responder? Eu considero as mulheres tão substanciais, as que conseguem sê-lo, e muitas conseguem, que, neste caso, quem se pusesse a defendê-las, ofendê-las-ia. Assim, estes homens, e todos os de seu tipo, terão licença de dizer o que quiserem, pois eu não pretendo ter tanta amizade com eles que, se falarem mal, dê-me ao trabalho de falar bem para interrompê-los. Se minhas obras parecerem-lhes rudes e eles sentirem falta da multiplicidade das consoantes, têm por aí um cancionero¹⁰¹, que se convencionou chamar de geral, para que todos eles bebam e distraiam-se com ele geralmente. E se quiserem chistes também os acharão a baixo custo. O que agora me falta dizer aos que quiserem ler este meu livro é que eu não gostaria que me considerassem tão amigo de coisas novas que pensassem de mim que, por me tornar inventor destas trovas, as quais até agora não vimos usar na Espanha, quisesse tentar fazê-las. Antes, quero que saibam que eu jamais tive a profissão de escrever, nem isto, nem outra coisa, nem,

101 O *Cancionero general* de Hernando del Castillo é uma seleção de poemas de mais de 150 autores, publicado em Valência em 1501 e editado várias vezes posteriormente.

escribir esto ni otra cosa ni, aunque la hiziera, me pusiera en trabajo de provar nuevas invinciones. Yo sé muy bien cuán gran peligro es escribir y entiendo que muchos de los que han escrito, aunque lo hayan hecho más que medianamente bien, si cuerdos son, se deven de aver arrepentido hartas vezes. De manera que si de escribir, por fácil cosa que fuera la que huviera de escribirse, he tenido siempre miedo, mucho más le tuviera de provar mi pluma en lo que hasta agora nadie en nuestra España ha provado la suya. Pues si tras esto escribo y hago imprimir lo que he escrito y he querido ser el primero que ha juntado la lengua castellana con el modo de escribir italiano, esto parece que es contradecir con las obras a las palabras. A esto digo que, quanto al escribir, ya di dello razón bastante en el prólogo del primer libro. Quanto al tentar el estilo de estos sonetos y canciones y otras cosas de este género, respondo: que así como en lo que he escrito nunca tuve fin a escribir sino a andarme descansando con mi espíritu, si alguno tengo, y esto para pasar menos pesadamente algunos ratos pesados de la vida, así también en este modo de invención (si así quieren llamalla) nunca pensé que inventava ni hazía cosa que huviese de quedar en el mundo, sino que entré en ello

ainda que a tivesse, me daria ao trabalho de experimentar novas invenções. Eu sei muito bem quão grande perigo é escrever e entendo que muitos dos que escreveram, apesar de o terem feito mais do que razoavelmente bem, se são sensatos, devem ter se arrependido muitas vezes. De modo que, se sempre tive medo de escrever, por coisa fácil que fosse o que tivesse de escrever, muito mais o teria se tivesse de colocar minha pena no que até agora ninguém na nossa Espanha colocou a sua. Pois se, depois disto, escrevo e mando imprimir o que escrevi, e quis ser o primeiro que juntou a língua castelhana com o modo de escrever italiano, parece que é contradizer as palavras com as obras, digo que, quanto ao escrever, já expliquei bastante no prólogo do primeiro livro. Quanto a tentar o estilo destes sonetos e canções, e outras coisas deste gênero, respondo que assim como naquilo que escrevi nunca tive por finalidade escrever, mas distrair meu espírito, se tenho algum, e isto para passar menos pesadamente alguns momentos árduos da vida, assim também neste modo de invenção (se assim querem chamá-la) nunca pensei que inventava nem fazia algo que devesse ficar no mundo, mas que entrei nele descuidadamente, como em algo que custava tão pouco

descuidadamente como en cosa que iva tan poco en hazella que no havía para qué dexalla de hazer haviéndola gana. Quanto más que vino sobre habla. Porque estando un día en Granada con el Navagero, al cual por haver sido varón tan celebrado en nuestros días he querido aquí nombralle a vuestra señoría, tratando con él en cosas de ingenio y de letras y especialmente en las variedades de muchas lenguas, me dixo por qué no provava en lengua castellana sonetos y otras artes de trobas usadas por los buenos authores de Italia. Y no solamente me lo dixo así livianamente, mas aun me rogó que lo hiziese. Partíme pocos días después para mi casa, y con la largueza y soledad del camino discurrendo por diversas cosas, fui a dar muchas vezes en lo que el Navagero me havía dicho. Y así comencé a tentar este género de verso, en el cual al principio hallé alguna dificultad por ser muy artificioso y tener muchas particularidades diferentes del nuestro. Pero después, pareciéndome quiçá con el amor de las cosas propias que esto comenzava a sucederme bien, fui poco a poco metiéndome con calor en ello. Mas esto no bastara a hazerme pasar muy adelante si Garcilaso, con su jüizio, el cual no solamente en mi opinión, mas en la de todo el mundo, ha sido tenido

fazê-lo que não havia por que deixar de o fazer, tendo vontade. Ainda mais que surgiu de uma conversa. Porque, estando um dia em Granada com o Navagero, o qual, por ter sido herói tão celebrado em nossos dias, quis mencioná-lo aqui à vossa senhoria, tratando com ele sobre coisas de engenho e de letras e, especialmente, das variedades de muitas línguas, disse-me por que eu não experimentava, em língua castelhana, sonetos e outros tipos de trovas usadas pelos bons autores da Itália. E não somente me disse assim de leve, mas ainda me pediu que o fizesse. Poucos dias depois, parti para minha casa e, com a distância e a solidão do caminho, discorrendo sobre diversas ideias, lembrei-me muitas vezes do que o Navagero me havia dito. E assim comecei a tentar compor este gênero de verso, no qual a princípio encontrei algumas dificuldades, por ser muito artificioso e ter muitas particularidades diferentes do nosso. Mas, depois, parecendo-me, quiçá com o amor das próprias ideias, que isto começava a me suceder bem, pouco a pouco fui investindo nele com ardor. Mas isto não bastaria para me fazer ir muito adiante, se Garcilaso, com seu juízo tido por regra certa, não somente em minha opinião, mas na de todo o mundo, não me

por regla cierta, no me confirmara en esta mi demanda. Y así, alabándome muchas vezes este mi propósito y acabándomele de aprovar con su enxemplo, porque quiso él también llevar este camino, al cabo me hizo ocupar mis ratos ociosos en esto más fundadamente. Y después, ya que con su persuasión tuve más abierto el júizio, ocurriéronme cada día razones para hazerme llevar adelante lo comenzado. Vi que este verso que usan los castellanos, si un poco asentadamente queremos mirar en ello, no hay quien sepa de dónde tuvo principio. Y si él fuese tan bueno que se pudiese aprovar de suyo, como los otros que hay buenos, no habría necesidad de escudriñar quiénes fueron los inventores dél. Porque él se trahería su autoridad consigo y no sería menester dársela de aquellos que le inventaron. Pero él agora ni trahe en sí cosa por donde haya de alcançar más onra de la que alcanza, que es ser admitido del vulgo, ni nos muestra su principio con la autoridad del cual seamos obligados a hazelle onra. Todo esto se alla muy al revés en estotro verso de nuestro segundo libro, porque en él vemos, dondequiera que se nos muestra, una disposición muy capaz para recibir cualquier materia: o grave o sutil, o dificultosa o fácil, y

confirmasse nesta minha demanda. E assim, elogiando-me muitas vezes neste meu propósito e aprovando-me com seu exemplo, porque ele também quis seguir este caminho, ao final, fez-me ocupar nisto mais profundamente os meus momentos ociosos. E depois, já que tive o júizo mais aberto com sua persuasão, ocorreram-me cada vez mais razões para me fazer levar adiante o que havia começado. Vi que este verso que os castelhanos usam, se quisermos observá-lo um pouco assentadamente, não há quem saiba onde teve início. E se ele fosse tão bom que se pudesse aprovar, como os outros bons que há, não haveria necessidade de esquadriñar aqueles que foram os inventores dele. Porque ele traria sua autoridade consigo e não seria preciso dá-la àqueles que o inventaram. Mas, agora, ele não traz em si algo pelo qual deva receber mais honra da que recebe que ser aceito pelo povo, nem nos mostra seu princípio por cuja autoridade sejamos obrigados a fazer honra. Tudo isto acha-se muito ao contrário neste outro verso do nosso segundo livro, porque nele vemos, onde quer que se nos mostre, uma disposição muito capaz para receber qualquer matéria: grave ou sutil, dificultosa ou fácil, e igualmente para se juntar com qualquer estilo dos que

asimismo para ayuntarse con cualquier estilo de los que hallamos entre los authores antiguos aprobados. De más desto, ha dexado con su buena opinión tan gran rastro de sí por dondequiera que haya pasado, que si queremos tomalle dende aquí, donde se nos ha venido a las manos y bolver con él atrás por el camino por donde vino, podremos muy fácilmente llegar hasta muy cerca de donde fue su comienço. Y así le vemos agora en nuestros días andar bien tratado en Italia, la cual es una tierra muy floreciente de ingenios, de letras, de juízios y de grandes escritores. Petrarcha fue el primero que en aquella provincia le acabó de poner en su punto, y en éste se ha quedado y quedará, creo yo, para siempre. Dante fue más atrás, el cual usó muy bien dél, pero diferentemente de Petrarcha. En tiempo de Dante y un poco antes, florecieron los proençaes, cuyas obras, por culpa de los tiempos, andan en pocas manos. Destos proençaes salieron muchos authores ecelentes catalanes, de los cuales el más ecelente es Osias March, en loor del cual, si yo agora me metiese un poco, no podría tan presto bolver a lo que agora traigo entre las manos. Mas basta para esto el testimonio del señor Almirante, que después que vio una vez sus obras las hizo luego escribir con

achamos entre os autores antigos aprobados. Além disso, com sua boa opinião, deixou tão grande rastro de si por onde quer que tenha passado que, se quisermos tomá-lo aqui, de onde nos chegou às mãos, e voltar com ele depois pelo caminho por onde veio, poderemos chegar facilmente até muito próximo de onde foi seu começo. E assim o vemos agora em nossos dias ser bem tratado na Itália, a qual é uma terra muito florescente de gênios, de letras, de juízos e de grandes escritores. Petrarca foi o primeiro que o aperfeiçoou naquele país, e assim ele ficou e ficará, acredito eu, para sempre. Logo em seguida foi Dante, que o utilizou muito bem, porém diferentemente de Petrarca. No tempo de Dante e um pouco antes, floresceram os provençais, cujas obras, por culpa dos tempos, andam em poucas mãos. Destes provençais saíram muitos autores catalães excelentes, dos quais o mais distinto é Osias March, em louvor do qual, se eu agora me dedicasse um pouco, não poderia voltar tão cedo ao que agora trago entre as mãos. Mas, para isto basta o testemunho do senhor Almirante, que depois que viu suas obras uma vez mandou logo escrevê-las com muita atenção e considera o livro delas tão familiar como dizem que Alexandre tinha o de Homero. Mas, retornando ao

mucha diligencia y tiene el libro dellas por tan familiar como dizen que tenía Alexandre el de Homero. Mas tornando a nuestro propósito, digo que, aun bolviendo más atrás de los proençales, hallaremos todavía el camino hecho deste nuestro verso. Porque los hendecasílabos, de los cuales tanta fiesta han hecho los latinos, llevan casi la misma arte, y son los mismos, en cuanto la diferencia de las lenguas lo sufre. Y porque acabemos de llegar a la fuente, no han sido dellos tampoco inventores los latinos, sino que los tomaron de los griegos, como han tomado muchas otras cosas señaladas en diversas artes. De manera que este género de trobas, y con la authority de su valor proprio y con la reputación de los antiguos y modernos que las han usado, es dino, no solamente de ser recebido de una lengua tan buena como es la castellana, mas aún de ser en ella preferido a todos los versos vulgares. Y así pienso yo que lleva camino para sello. Porque ya los buenos ingenios de Castilla, que van fuera de la vulgar cuenta, le aman y le siguen y se exercitan en él tanto que, si los tiempos con sus desasosiegos no lo estorvan, podrá ser que antes de mucho se duelan los italianos de ver lo bueno de su poesía transferido en España. Pero esto aún está lexos, y no es bien que

nosso assunto, digo que, voltando ainda mais atrás dos provençais, acharemos o caminho feito por este nosso verso. Porque os decassílabos, com os quais os latinos fizeram tanta festa, têm quase a mesma arte, e são os mesmos, enquanto a diferença das línguas o suporta. E para que consigamos chegar à fonte, nem tampouco foram os latinos inventores deles, mas os que os tomaram dos gregos, como tomaram muitas outras coisas famosas nas diversas artes. De modo que este gênero de trovas, com a autoridade do seu próprio valor e com a reputação dos antigos e modernos que as usaram, é digno não somente de ser recebido em uma língua tão boa como é a castelhana, mas também de ser nela preferido a todos os versos vulgares. E assim penso que está a caminho de ser. Porque os bons engenhos de Castela, que estão fora da vulgar conta, já o amam e seguem-no e exercitam-se nele, tanto que, se os tempos com seus desasossegos não o estorvarem, poderá ocorrer que muito em breve os italianos se lastimem de ver o bom de sua poesia transferido à Espanha. Isto, porém, ainda está longe, e não é bom que nos fundemos nestas esperanças até vê-las mais próximas. Os que escrevem agora podem se orgulhar de que seus

nos fundemos en estas esperanças hasta vellas más cerca. De lo que agora los que escriven se pueden preciar es que para sus escritos tengan un jüizio de tanta autoridad como el de vuestra señoría, porque con él queden favorecidos los buenos y desengañados los malos. Pero tiempo es que el segundo libro comience a dar ya razón de sí y entienda cómo le ha de ir con sus sonetos y canciones. Y si la cosa no sucediera tan bien como él desea, piense que en todas las artes los primeros hazen harto en empear y los otros que después vienen quedan obligados a mejorarse.

escritos tenham um juízo de tanta autoridade como o de vossa senhoria, para que com ele sejam favorecidos os bons e desenganados os maus. Mas já é tempo em que o segundo livro comece a dar razão de si e divulgue seus sonetos e canções. E se a coisa não suceder tão bem como ele deseja, pense que em todas as artes os primeiros fazem muito em começar e os outros que vêm depois ficam obrigados a aperfeiçoar.

4.3 AMBROSIO DE MORALES E O *DISCURSO SOBRE LA LENGUA CASTELLANA* (1545-1586)

É realmente algo triste que se considere inútil o cuidado que alguém toma em falar a nossa língua com mais acerto do que os outros. (Ambrosio de Morales, 1586)

Ambrosio de Morales (Córdoba, 1513-1591), humanista espanhol, tradutor, professor, arqueólogo e historiador, era filho de Antonio de Morales e Mencia de la Oliva. Estudou na Universidade de Alcalá, onde mais tarde tornou-se professor de filosofia, escolhido pelo Cardeal de Cisneros. Aprofundou os estudos na Universidade de Salamanca, sob a proteção do seu tio, Fernán Perez de Oliva, que era reitor e catedrático de filosofia e teologia naquela instituição.

Ambrosio dedicou atenção especial ao cultivo da sua língua materna, sem se descuidar, porém, dos estudos clássicos. Traduziu, em 1534, do grego ao castelhano *La tabla de Cebes*¹⁰². Além da literatura,

102 *Pinax*, ou *Tábua de Cebes*, era um pequeno livro alegórico (*ékphrasis*) atribuído ao tebano Cebes (séc. V a.C.), discípulo de Sócrates e interlocutor

dedicou-se à vida religiosa, tendo ingressado na ordem de S. Jerônimo no convento de Valparaíso, em Córdoba, onde se faria chamar Ambrosio de Santa Paula. (COBO SAMPEDRO, 1879)

Tendo sido nomeado cronista de Castela em 1563, Ambrosio iniciou seus estudos arqueológicos, de cujos extratos elaborou depois a obra *Antigüedades de las ciudades de España* (1575) e o *Discurso sobre las antigüedades de Castilla*. Designado pelo rei Felipe II, em 1572 ele realizou uma viagem de estudos por diversas regiões da Espanha, de onde teria trazido livros, documentos e objetos que compuseram as coleções reais do mosteiro de El Escorial. Escreveu cerca de oito volumes sobre a história e a topografia dos povos da Espanha, a partir de dados reunidos em questionários elaborados por ele. Editou os livros do seu tio Fernán Pérez de Oliva, aos quais agregou 15 discursos de própria autoria.

Dentre suas principais produções, além das já referidas, constam *Prisión del Arzobispo de Toledo D. Fray Bartolomé Carranza* (1559), *Relación del viage que Ambrosio de Morales, cronista de Su Magestad, hizo por su mandado, el año de 1572 en Galicia y Asturias, De Cordubae urbis origine situ et antiquitate* (1574), *Crónica general de España* (1577), *Discurso de la verdadera descendencia del glorioso doctor Santo Domingo y como tuvo su origen de la ilustrísima casa de Guzmán* (1584) e *Opúsculos*, editada 1793.

O *Discurso sobre la lengua castellana* (1586) foi escrito em 1545 e publicado no ano seguinte, nas *Obras* de Francisco Cervantes de Salazar, como prólogo ao leitor do *Diálogo de la dignidad del hombre*, composto por Pérez de Oliva e finalizado por Cervantes de Salazar. Em 1585-6, Ambrosio fez uma segunda edição, retocada, deste discurso, publicando-o como prefácio do *Diálogo de la dignidad humana*, do Mestre Oliva.

Este texto de Ambrosio compõe o conjunto de defesas e louvores à língua vernácula, que têm início na Espanha, no final do século XV, com Nebrija, e prolongam-se por meio dos escritos de vários outros

no diálogo Fedon, de Platão. Segundo outras versões, Cebes viveu no século I d.C., na época imperial romana, ainda que tenha escrito em grego. Suas lições de filosofia moral agradavam aos humanistas, que realizaram várias traduções da obra, tanto latinas quanto vernáculas. Os moralistas cristãos continuaram a difundir a *Tábua* até o século XVIII. O manuscrito original não foi encontrado, mas Morales (1787, V. 2., p. 244-324), no seu prólogo ao leitor, em 1534, afirma ter feito sua tradução diretamente do grego.

letrados que trataram do mesmo assunto durante o período conhecido como “séculos de ouro” (RUIZ CASANOVA, 2000).

Assim como a dignidade do homem¹⁰³ renascentista era uma conquista condicionada pela liberdade, a dignificação da língua vernácula era obra dos seus letrados, que, através do seu empenho poderiam libertá-la da inferioridade, levando-a ao nível de excelência das línguas clássicas.

A temática predominante do *Discurso* de Ambrosio é o resgate do valor da língua castelhana, que estava muito baixo naquela época, segundo ele, por culpa dos próprios espanhóis que não a tratavam com o mesmo zelo com que os gregos, os romanos e os italianos trataram as suas línguas. O autor lamenta o desprestígio da sua língua, lembrando que a Espanha sempre teve grandes gênios, versados nas letras e na arte de falar bem, mas que, de tanto menosprezarem a própria língua, ninguém queria usá-la na escrita.

Junto à má vontade dos seus compatriotas, ele cita também a falta de bons exemplos nos livros, pois a língua materna também requeria a prática da eloquência e do cuidado com o bem dizer, ao contrário de muitos espanhóis que pensavam que a natureza bastasse para ensinar a usar adequadamente a língua e, por isso, censuravam tudo o que fugisse da expressão corriqueira.

Para Ambrosio, a boa literatura é a aquela cujas obras possuem um valor que as diferencie do gosto da plebe; e o bom uso da língua consiste na aplicação dos princípios dos retóricos latinos, cujo principal é o da *elocutio*, que pode ajudar a melhorá-la. Por isso, empenha-se na promoção da língua castelhana. A tradução, segundo ele revela, é um dos meios de enriquecimento da língua receptora, utilizada com este fim desde os romanos, conforme o exemplo dado por Cícero:

Marco Túlio, glória particular da língua latina, de muito baixo lugar elevou seu bem falar, até se

103 A temática da dignidade do homem era inspirada no discurso *Oratio de homini dignitate* (1486), do humanista italiano Giovanni Pico della Mirandola: “[...] como nos advertem os sagrados oráculos, os Serafins, os Querubins e os Tronos ocupam os postos mais altos, disputemos com eles a dignidade e a glória de que desfrutam, dispostos a não retroceder nem a ocupar um lugar secundário. Se quisermos, não seremos em nada inferiores a eles.” De modo semelhante, Ambrosio proclama a dignidade da língua castelhana.

tornar o principal em Roma e ter, algumas vezes, todo o império a seu encargo; pelo qual ele, como bem agradecido, foi muito amante de sua língua e ilustrou-a tanto quanto ela havia enobrecido-o. Com quanto estudo e trabalho dedicou-se a ela? Que benefício trouxe aos de seu tempo ao falá-la, adorná-la e estendê-la? Que coisa ficou boa na filosofia grega que não a pusesse no latim? Quanto se gloria e louva de ter sido o primeiro que fez os filósofos gregos falar em latim? Todo o cuidado que teve em aprender a língua grega não parece ter sido para outro fim senão para enriquecer a sua língua com o melhor que havia na outra. (p. 311)

Desse modo, também os espanhóis, imitando esta atitude, poderiam enriquecer seu vernáculo. Sua esperança reside no fato de que a Espanha já começa a contar com alguns bons escritores e também com bons tradutores, como Boscán e Garcilaso, os quais, com sua dedicação, estão contribuindo para formar a literatura da Espanha, imitando, emulando e compondo, a partir dos modelos importados, obras ainda melhores:

O cortesão não fala melhor na Itália, onde nasceu, do que na Espanha, onde Boscán mostrou-o castelhano extremamente bem. [...] E não seria muita a glória de nossa língua e de sua poesia ao imitar o verso italiano, se não melhorasse tanto este gênero Garcilaso de la Vega, luz muito esclarecida de nossa nação, que suas obras já não se contentam em ganhar a vitória e o despojo da Toscana, mas trazem a competência com o melhor do latim. (p. 327)

O autor elogia também o Maestro Vanegas, pelas suas traduções do filósofo Boécio, *Da consolação da filosofia*, e Frei Luís de Granada, pelas belas composições. Sobre o *diálogo de la dignidad del hombre*, de Mestre Oliva, embora Ambrosio o tenha ajudado a compor, deixa os louros todos a seu tio, ressaltando apenas os benefícios que este trouxe à Espanha, começando pelas traduções, que lhe deram suporte para a criação de obras próprias e posterior enobrecimento da língua vernácula:

[...] nas obras do Mestre Vanegas, homem de grande engenho e infinita doutrina, temos grande parte da filosofia, com grande elegância e pureza da linguagem, [...] com toda aquela seriedade, com toda aquela insigne autoridade e com toda aquela excelente grandeza de seu engenho e de todo o seu ser, e com todo o menosprezo em que via ser tida a nossa língua castelhana, nunca deixou de apreciá-la, nunca deixou de escrever nela, nunca perdeu a esperança de tanto engrandecê-la com seu bom dizer, para que crescesse muito em estima e reputação. Para isto se exercitou primeiro em trasladar em castelhano algumas tragédias e comédias gregas e latinas, para depois vir, com mais uso, a escrever coisas melhores em filosofia, cujas partes principais desejava comunicar aos de sua nação em estilo que as fizesse mais agradáveis e aprazíveis, e não se desdenhasse a majestade delas. (p. 331)

Enfim, para Ambrosio, os exemplos dos poucos escritores e tradutores espanhóis demonstram que a língua castelhana já está apta para receber qualquer ideia que se queira expressar, basta que seus usuários lhe deem o devido valor e comecem logo a empregá-la na escrita de suas obras. É esta a incitação que ele faz aos seus compatriotas. Segundo o seu biógrafo, Cobo Sampedro (1879, p. 18-9),

[...] sua inclinação foi fomentada e estimulada especialmente desde que ouviu, em 1560, os embaixadores italianos lamentarem o descuido que os espanhóis tinham com a história de sua pátria, com o que pôs mãos à obra, querendo desagravar aos seus da ofensa que pretendia inferir-lhes.¹⁰⁴

Mas, escrever em vernáculo, para ele, não era o mesmo que seguir a fala do vulgo. Tal atitude de Ambrosio, assim como de alguns

104 “[...] su inclinación fué fomentada y estimulada especialmente desde que oyó en 1560 á los Embajadores Italianos lamentarse del descuido en que los Españoles tenían la Historia de su Patria, con lo cual puso manos á la obra, queriendo desagraviar á los suyos de la ofensa que pretendía inferírseles.”

outros espanhóis, revela, em grande parte, a motivação por eles recebida a partir do discurso dos italianos, como Bembo, em *Prose della Volgar Lingua*, que buscava, através dos próprios escritores, dar uma feição literária à língua vernácula. Segundo Miró Martí (2006), a partir desta influência dos italianos e com o empenho de defensores locais a Espanha teve a sua poética definitivamente codificada. Assim sendo, não foi em vão o esforço de Ambrosio na dignificação da sua língua.

**Discurso sobre la lengua
castellana (1586)**

*Ambrosio de Morales, sobrino del
Maestro Oliva, al Lector*

Una buena parte de la prudencia de los hombres es saber bien el lenguaje en que nacieron, y el principal ornamento con que el hombre sabio ha de arrear su persona, y en que debe señalarse entre los otros, es en el hablar ordinario que todos entienden, y todos se sirven dél para manifestar lo que sienten, gozando asimismo todo lo que en él se les comunica. Esta es la primera: cosa a que el entendimiento se aplica en la vida? y en ella tenemos por maestro a la misma naturaleza, la cual poco después de nascido el hombre, juntamente con el movimiento del cuerpo, a que luego lo acostumbra, le muestra también a moverse con el alma, y dar señal de ella con hablar en su lenguaje. Pasados algunos años, quando ya naturaleza nos ha enseñado lo que basta para formar bien las voces, y pronunciar enteramente y sin

**Discurso sobre a língua
castelhana**

*Ambrosio de Morales, sobrinho do
Mestre Oliva, ao Leitor*

Uma boa parte da prudência dos homens é saber bem a língua em que nasceram. E o principal ornamento com que o homem sábio deve estimular sua personalidade, e em que se deve distinguir entre os outros, é no falar comum que todos entendem e todos servem-se para expressar o que sentem, bem como desfrutando de tudo o que nele se comunica. Esta é a primeira ideia: a que se aplica na vida o entendimento? E nela temos por mestra a própria natureza, a qual, pouco depois de nascido o homem, juntamente com o movimento do corpo, ao que logo se acostuma, mostra-lhe também como se mover com a alma e dar sinal dela ao falar em sua linguagem. Passados alguns anos, quando a natureza já nos ensinou o que basta para formar bem as palavras e pronunciá-las inteiramente e sem

fealdad las palabras, entonces sucede en su lugar el uso de quien aprendemos la propiedad de nuestra habla natural. Sobre ésta se funda después la elocuencia, y cuidado de bien decir, que es común en todos los lenguajes: cada uno debe ponerlo en el suyo, donde la ventaja será mas conocida, y estimada, y resultará de ella en público más provecho; y al contrario la falta y el error será notorio, y de todos en general notado, pues no hay cuasi ninguno que no pueda ser juez para condenarla [Quintil., lib. 8, cap. I]. Theophrasto, discípulo de Aristóteles, se llamó antes Titama, y por singular gracia, y dulzura en el decir, su Maestro le puso este nombre, que significaba habla divina; y una vieja en Athenas le llamó extranjero porque erró en un vocablo, y a él le pesó mucho de ser así con razón notado, por no saber perfectamente su lenguaje [En el lib. 2, de Oratore.]. Porque como Marco Tulio dice, es muy fea cosa en el sabio la ignorancia dél, donde ningún error puede pasar disimulado, y no hay nadie de quien no pueda ser reprehendido. Los sabios antiguos de Grecia, fuentes de donde manó toda la sabiduría entre los hombres, con igual cuidado procuraban hablar bien, y pensar lo que habían de decir, y tanto se preciaban de la ventaja que a la

fealdade, então sucede em seu lugar o uso de quem aprendemos a propriedade da nossa fala natural. Sobre esta depois funda-se a eloquência e o cuidado de bem dizer, que é comum a todas as línguas. Cada um deve colocar na sua, para que a utilidade seja mais conhecida e estimada e dela resulte mais proveito público; ao contrário, a falta e o erro serão notórios e em geral observados por todos, pois não há quase ninguém que não possa ser juiz para condená-lo. Teofrasto, discípulo de Aristóteles, antes se chamou Tirtamo, e por singular graça e doçura no dizer, seu mestre pôs-lhe este nome, que significa fala divina; e em Atenas uma velha chamou-o de estrangeiro porque ele errou em um vocábulo, e, com razão, ele aborreceu-se muito por ser notado assim, por não saber perfeitamente a sua língua. Pois, como Marco Túlio diz, a ignorância dela é coisa muito feia no sábio, em quem nenhum erro pode passar dissimulado e não há ninguém por quem não possa ser repreendido. Os antigos sábios da Grécia, fontes de onde verte toda a sabedoria entre os homens, procuravam falar bem e, com igual cuidado, pensar o que tinham de dizer; e orgulhavam-se muito do bem que faziam a outras pessoas vulgares no uso da sua língua, como de ter achado coisas

otra gente vulgar hacían en el uso de su lengua, como de haber hallado cosas excelentes que decirles en ella. Estos estimaron tanto su lenguaje natural, que todo lo que con sus altos entendimientos alcanzaron, escribieron en él, y para engastar sus piedras preciosas no pensaron que podía haber otro oro mejor que mas las ennobleciese [Aulo Gelio lib. II, cap. 8]. La misma estima hicieron los Romanos de su latín; y en estas dos naciones, que siempre fueron en el mundo celebradas por su prudencia, y gloria de sus hechos, nunca quasi se halló griego que escribiese en latín cosa suya; ni hubo Romano que se preciase mas del griego para encomendar a él su nombre, y su fama, que de su propia lengua; si no fue Aulo Albino, el cual pidiendo perdón en el prólogo de una Historia que de cosas de Roma compuso, porque escribía en lenguaje peregrino: dijo M. Catón que mas valiera no tener culpa, que pedir y esperar el perdón de ella. Culpa le pareció dejar de escribir en su lengua, y hacerse extraño con la ajena. Plutarco estuvo en Roma muchos años, y según su gran juicio, y diligencia, y el oficio de ser maestro de Trajano, que tuvo, yo no tengo duda sino que aunque (según algunos quieren decir) no alcanzó la facilidad del latín para hablarlo

excelentes para lhes dizer nela. Estes estimaram tanto a sua linguagem natural, que escreveram nela tudo o que alcançaram com seus altos entendimentos; e para engastar suas pedras preciosas não pensaram que pudesse haver outro ouro melhor que as enobrecesse mais. A mesma estima tiveram os romanos pelo seu latim; e nestas duas nações, que no mundo sempre foram celebradas pela sua prudência e glória de seus feitos, quase nunca se encontrou grego que escrevesse coisa sua em latim; nem houve romano que se valesse mais do grego do que de sua própria língua, para recomendar seu nome e sua fama, do que Aulo Albino, o qual, pedindo perdão, no prólogo de uma história que compôs sobre coisas de Roma, porque escrevia em língua estrangeira, disse M. Catão, que mais valeria não ter culpa do que pedir e esperar o perdão dela. Culpa pareceu-lhe deixar de escrever na sua língua e tornar-se estrangeiro com a alheia. Plutarco esteve em Roma por muitos anos, e segundo seu grande juízo e diligência e o oficio que teve de ser mestre de Trajano, não tenho dúvida de que, mesmo (segundo alguns querem dizer) não alcançando a facilidade do latim para o falar livremente e polido, ao menos aprendeu-o tanto que podia escrever em latim tão bem como

suelatamente, y pulido, a lo menos aprendió dél tanto, que pudiera escribir en latín también como muchos de los Romanos naturales, mas nunca quiso dejar su griego aun en las cosas Romanas, y que para los Romanos principalmente pertenecían. En Roma cuasi todos los nobles sabían la lengua griega: mas quando iban a gobernar en Asia, ó en Grecia, por ley se les vedaba que en público no hablasen sino en latín, mandándoles que en juicio no consintiesen usarse otra lengua, aunque hubiesen de ayudarse de intérpretes los que no la sabían; solo para este efecto (como dice Valerio Máximo) que la dignidad y reputación de la lengua latina se extendiese con mayor autoridad por todo el mundo: tanto cuidado tuvieron de perpetuarla, y hacerla estimar [En el lib. II, cap. I]. La grande afición con que los Romanos amaron la lengua de su tierra, se ve manifesta en la diligencia con que procuraron el bien hablar, aprendiéndolo por arte muy larga, y continuo ejercicio; cuyo premio era al fin muchas riquezas que con la elocuencia se ganaban, y las mayores dignidades en la República, que comúnmente las alcanzaban los mas elocuentes. Marco Tulio, particular gloria de la lengua latina, de harto lugar lo ensalzó su buen decir hasta ser el principal en Roma, y tener a su

muitos dos romanos nativos; mas nunca quis deixar seu grego nas coisas romanas e que pertenciam principalmente aos romanos. Em Roma, quase todos os nobres sabiam a língua grega, mas quando iam gobernar na Ásia, ou na Grécia, era-lhes obrigado por lei que em público falassem apenas em latim, mandava-se-lhes que, em juízo, não permitissem usar outra língua, embora os que não a sabiam necessitassem de intérprete; só para este efeito (como diz Valério Máximo), que a dignidade e a reputação da língua latina se estendesse com maior autoridade por todo o mundo, tiveram tanto cuidado de a perpetuar e fazê-la ser estimada. A grande afeição com que os romanos amaram a língua da sua terra evidencia-se no cuidado com que procuraram o bem falar, aprendendo-o por arte muito longa e contínuo exercício, cujo prêmio era, no final, as muitas riquezas que ganhavam com a eloquência, e as maiores dignidades na república, que os mais eloquentes comumente alcançavam. Marco Túlio, glória particular da língua latina, de muito baixo lugar elevou seu bem falar, até se tornar o principal em Roma e ter, algumas vezes, todo o império a seu encargo; pelo qual ele, como bem agradecido, foi muito amante de sua língua e ilustrou-a tanto

cargo algunas veces todo el Imperio: por lo cual él, como bien agradecido, fue muy amor de su lengua, y esclarecióla tanto, cuanto ella le había a él ennoblecido. ¿Con cuánto estudio y trabajo se esmeró en Ella? ¿Que ventaja llevó a los de su tiempo en hablarla, adornarla, y extenderla? ¿Qué cosa quedó buena en la filosofía griega que no la pusiese en el latín? ¿Cuánto se gloria, y alaba de haber sido el primero que hizo hablar en latín los Filósofos griegos [en el Bruto hablando de Cesar]. Todo el cuidado que puso en saber la lengua griega, no parece que fue para otro fin sino para enriquecer su lengua con lo mejor que en la otra había; pues el cotejar de las dos lenguas porque gane honra la suya con la ventaja, es tan ordinario en sus obras, que causa muchas veces y da fastidio a quien lo encuentra tan a menudo. Nunca en las *Tusculanas* acaba de hacer fiesta con un vocablo latino, porque no hay otro que cumplidamente le corresponda en griego, y todas las otras veces que se hace la comparación, ay de ti Grecia, cual escaparás de sus manos apocada, difamada, y abatida. Y no fue solamente de griegos, y latinos aficionarse tanto a su lengua, y no buscar otra para escribir cualquier cosa, aunque fuesen profundos misterios: que también lo tienen los italianos de

quanto ela havia enobrecido-o. Com quanto estudo e trabalho dedicou-se a ela? Que beneficio trouxe aos de seu tempo ao falá-la, adorná-la e estendê-la? Que coisa ficou boa na filosofia grega que não a pusesse no latim? Quanto se gloria e louva de ter sido o primeiro que fez os filósofos gregos falar em latim? Todo o cuidado que teve em aprender a língua grega não parece ter sido para outro fim senão para enriquecer a sua língua com o melhor que havia na outra. Pois a comparação das duas línguas, para que a sua ganhe honra com a utilidade, é algo tão repetitivo em suas obras, que muitas vezes cansa e causa enfado a quem o encontra tão frequentemente. Nas *Tusculanas* repete continuamente um vocábulo latino, porque não há outro que lhe corresponda completamente em grego, e todas as outras vezes que se faz a comparação, ai de ti Grécia!, como escaparías de suas mãos diminuída, difamada e abatida. E não foram somente os gregos e os latinos que se apegaram tanto à sua língua e não procuraram outra para escrever qualquer coisa, ainda que fossem profundos mistérios, porque também há os italianos de nosso tempo, todos exercitando-se em sua língua com grande cuidado; e ainda que os doutos entre eles saibam o latim com

nuestro tiempo, ejercitándose todos con gran cuidado en su lenguaje; y aunque saben los que entre ellos son doctos en latín por excelencia, escriben muy poco en esta lengua, y muy mucho en la suya. En Sena hay una escuela pública donde se aprende por lección que se lee, y por ejercicio que se hace la lengua toscana, y la gracia, y primor en hablarla, y está esto así proveído en aquella ciudad, porque la pureza, y elegancia de la lengua, que el tiempo y el uso suelen corromper, se conserve entera en algunos, y en estos a lo menos permanezcan sin mezcla de otro lenguaje que la enturbie, y de allí mane limpia y clara a los demás. El autor del Cortesano muestra bien el zelo que aquella nación tiene de ennoblecer su lengua con una larga disputa de quien debe ser en ella imitado Petrarca, ó el Bocacio, enseñando antes de esto a su cortesano que allí instituye, como se ha de arrear mucho del bien hablar en su lengua, y preciarse de esto más que de ninguna otra gentileza. ¿Mas para qué es menester detenernos tanto en mostrar la estima que los ingenios excelentes de Italia hacen de su lengua? Como si no tuviésemos ya libro particular de la propiedad de ella, de cosas que pertenecen para bien hablarla, el cual compuso el Cardenal Pedro Bembo a imitación

excelência, escrevem muito pouco nesta língua e muito muito na sua. Em Siena, há uma escola pública onde se aprende a língua toscana por lição que se lê, por exercício que se faz, e a graça e o primor em falá-la; e isso está assim provido naquela cidade, para que a pureza e a elegância da língua, que o tempo e o uso costumam alterar, conserve-se inteira em alguns e, ao menos nestes, permaneça sem mistura de outra linguagem que a turve, e dali flua limpa e clara aos demais. O autor do *Cortesão* mostra bem o zelo que aquela nação tem de enobrecer a sua língua com uma grande disputa de quem deve ser imitado nela, Petrarca, ou Boccaccio, ensinando antes disto ao seu cortesão que ali institui, como se deve cuidar muito do bem falar em sua língua, e orgulhar-se disto mais do que de nenhuma outra gentileza. Mas para que é preciso determo-nos tanto em mostrar a estima que os excelentes engenhos da Itália têm para com sua língua? Como se já não tivéssemos livro particular da propriedade dela, e de coisas que pertencem para bem falá-la, o qual compôs o Cardeal Pedro Bembo, à imitação dos que sobre a língua latina escreveram Júlio César e Marco Varrão. Não há agora homem culto na Itália que não se dedique a enobrecer a sua língua com escritos sérios e de muita

de los que de la lengua latina Julio César, y Marco Varrón escribieron. No hay ahora hombre docto en Italia que no se ocupe en esclarecer su lengua con escrituras graves, y de mucha substancia, y aprenden el griego y latín para tener llaves con que puedan abrir los tesoros de entrambos, y enriquecerse su vulgar con tales despojos. Por esto me duelo yo siempre de la mala suerte de nuestra lengua castellana, que siendo igual con todas las las buenas en abundancia, en propiedad, variedad, y lindeza, y haciendo en algo de esto a muchas ventaja: por culpa ó negligencia de nuestros naturales está tan olvidada, y tenida en poco, que ha perdido mucho de su valor. Y aun pudiérase esto sufrir ó disimular si no hubiera venido en tanto menosprecio, que ya cuasi basta ser un libro escrito en castellano para no ser tenido en nada. Para mí es gran pesar el descuido que los Españoles tenemos en esta parte de no preciarnos de nuestra lengua, y así honrarla, y enriquecerla, antes tratarla con menosprecio, y vituperio. Mas antes que pase más adelante en esta mi querella, quiero mostrar dos errores muy comunes de nuestros Españoles, que son como fuentes de do mana todo este descuido, y como difamia a nuestro lenguaje. Piensan sin duda

substância; e aprendem o grego e o latim para ter chaves com que possam abrir os tesouros de ambos e enriquecer seu vulgar com tais despojos. Por isso sempre me lamento da má sorte da nossa língua castelhana, que sendo igual a todas as boas em abundância, em propriedade, variedade e beleza, e nisto levando vantagem sobre muitas, por culpa ou negligência dos nossos nativos está tão esquecida e pouco considerada que perdeu muito do seu valor. E poderia suportar ou dissimular isto se não tivesse caído em tanto menosprezo, que já quase basta um livro ser escrito em castelhano para ser desprezado. Para mim é grande pesar o descuido que nossos espanhóis temos nesta parte, de não valorizarmos a nossa língua, e assim honrá-la e enriquecê-la, ao invés de tratá-la com menosprezo e vitupério. Mas antes de passar mais adiante nesta minha reclamação, quero mostrar dois erros muito comuns dos nossos espanhóis, que são fontes de onde surge todo este descuido e infâmia com a nossa língua. Primeiro, nossos espanhóis, sem dúvida, pensam vulgarmente que a natureza ensina a nossa língua perfeitamente, e que como é mestra da fala, também o é da perfeição dela, sem que nisto um tenha de se sobressair ao outro, porque a natureza ensina a todos

vulgarmente nuestros Españoles primero que naturaleza enseña perfectamente nuestro lenguaje, y que como es maestra de la habla, así lo es de la perfección de ella sin que haya aventajarse uno de otro en esto, porque naturaleza enseña a todos todo lo que en lengua natural hay que saber. De aquí nace el otro error también muy grande, de tener por vicioso y afectado todo lo que sale de lo común y ordinario. Estos con estas sus dos tan ciegas persuasiones piensan que todo lo que es elocuencia, y estudio, y cuidado de bien decir, es para la lengua latina, ó griega, sin que tenga que ver con la nuestra, donde será superfluo todo su cuidado, toda su doctrina y trabajo. Y erran mucho sin duda, porque en lo primero tomemos sola una parte, y no de las mas principales de un lenguaje, que es la propiedad de los vocablos, ¿Cómo es posible que sola naturaleza con el uso la enseñe? Cómo sin buenos ejemplos de hombres que hablen propiamente, y sin mucha advertencia de mirarlos se puede aprender esta propiedad? ¿Cómo se huirá el vicio contrario de impropiedad, sin mucho cuidado de conocerlo, y gran recato de evitarlo en la propiedad de la habla? Según esto no habría diferencia entre un hombre criado desde su niñez entre rústicos, y otro que se crió en

tudo o que é preciso saber na língua natural. Daqui nasce o outro erro, também muito grande, de ter por vicioso e afetado tudo o que sai do comum e ordinário. Estes, com estas suas duas persuasões tão cegas, pensam que tudo o que é eloquência, estudo e cuidado de bem falar, é para a língua latina, ou grega, sem que tenha que ver com a nossa, pelo que será supérfluo todo o seu cuidado, toda a sua doutrina e trabalho. E erram muito, sem dúvida. Para que no primeiro tomemos só uma parte, e não das principais de uma língua, que é a propriedade dos vocábulos, como é possível que só a natureza a ensine com o uso? Como, sem bons exemplos de homens que falem propriamente e sem muita atenção em observá-los, pode-se aprender esta propriedade? Como se fugirá do vício contrário da impropriedade, sem muito cuidado em conhecê-lo e grande recato em evitá-lo na propriedade da fala? Segundo isto, não haveria diferença entre um homem criado entre camponeses desde a sua infância e outro que se criou em uma grande cidade ou na corte. Marco Túlio diz que em Roma, para ensinar bem às crianças nobres a pureza e a propriedade da sua língua latina natural a todos, nas principais casas, entregavam o cuidado de sua criança a alguma matrona parente próxima, porque

una gran Ciudad, ó en la Corte. Marco Tulio dice que en Roma para enseñar bien á los niños nobles la pureza, y propiedad de su lengua latina natural a todos, en las casas principales daban el cuidado de su crianza a alguna matrona parienta principal, porque en las mujeres, dice, persevera siempre y se conserva más limpio y mas propio el lenguaje [En el diálogo *de claris oratoribus*]. ¿Para qué, pues, era este cuidado, de qué servía esta diligencia entre gente tan prudente, y de tanto miramiento, si naturaleza lo suplía, y había ella de hacerlo mejor? Veían sin duda como sin tales ejemplos no se podía perfeccionar el uso de la lengua en aquella parte, y que faltar lo que proveían, faltaría el bien que deseaban. Lo mismo es en las formas y maneras particulares de hablar que llaman frasis, y en todas las otras partes del lenguaje, donde ayudada naturaleza con el mejor uso, saca más ventaja, y perfección. ¿Pues qué los otros que todo lo tienen en castellano por afectado? Estos quieren condenar nuestra lengua a un extraño abatimiento y como enterrarla viva, donde miseravelmente se corrompa, y pierda todo su lustre, su lindeza, y hermosura. O desconfianza que no es para perecer, y ésta es ignorancia, ó no la quieren adornar

nas mulheres, diz, a linguagem sempre persevera e se conserva mais limpa e mais própria. Para que, pois, havia este cuidado, de que servia esta diligência entre pessoas tão prudentes e tanta atenção, se a natureza o supria e havia de fazê-lo melhor? Vejam, sem dúvida, como sem tais exemplos não se podia aperfeiçoar o uso da língua naquela parte, e que na falta do que proviam, faltaria o bem que desejavam. O mesmo está nas formas e modos particulares de falar que chamam frase, e em todas as outras partes da linguagem, em que a natureza, ajudada pelo melhor uso, recebe mais benefício e perfeição. Por que os outros consideram tudo afetado em castelhano? Estes querem condenar a nossa língua a um estranho abatimento e enterrá-la viva, para que miseravelmente se deteriore e perca todo o seu brilho, sua beleza e formosura. Ou é desconfiança para não perecer, e isto é ignorância, ou não a querem adornar como devem, e isto é maldade. Eu não digo que enfeites a nossa língua castelhana, mas que lhe laves a cara. Não a pintes no rosto, mas lhe tires a sujeira. Não a vistas com bordados nem recamos, mas não lhe negues um bom adorno de vestes que a aderece com seriedade. É realmente algo triste que se considere inútil o cuidado que alguém toma em falar

como deben, y esta es maldad. Yo no digo que afectéis nuestra lengua castellana, sino que le laves la cara. No le pintes en el rostro, mas que quitarle la suciedad. No la vistas de bordados, ni recamos, mas no le niegues un buen atavío de vestido que aderece con gravedad. Triste cosa es verdaderamente que se tenga ya por vano el cuidado que alguno pone en hablar nuestra lengua con mas acertamiento que los otros. Espanta sin duda la infamia de los nombres con que nuestros Españoles afean esta diligencia, y deseo .de bien' hablar en los que lo sienten, llamándolos afectados, singulares, amigos de novedad, ociosos; y por condenarlos de una vez con el mayor castigo que pueden darles, los llaman necios. No niego yo que no hay muchos entre nuestros naturales para quien es aun poca pena la injuria de estos apellidos, según lo mucho que pecan en usar vocablos extraños, y nuevas maneras de decir que pocos entienden, solo con gana de no parecer á los otros, y no con deseo de hablar lo mismo que ellos con más prudencia, y mejor aviso, que es en lo que puede uno esmerarse, adelantarse de los demás. Esto es de lo que yo me quejo, y culpo nuestra nación; que lo que fue en todos los lenguajes estimado como cosa excelente, y admirable, los

a nossa língua com mais acerto do que os outros. Espanta, sem dúvida, a infâmia dos nomes com que os nossos espanhois enfeiam este cuidado e desejo de bem falar dos que o sentem, chamando de afetados, singulares, amigos de novidade, ociosos; e para condená-los de uma vez com o maior castigo que lhes podem dar, chamam-nos de ignorantes. Não nego que não haja muitos entre nossos nativos para quem ainda é pouca pena a injúria destes apellidos, segundo o muito que pecam ao usar vocábulos estrangeiros e novas maneiras de falar, que poucos entendem, só com vontade de não se assemelhar aos outros, e não com desejo de falar o mesmo que eles com mais prudência e melhor aviso que há no que pode alguém esmerar-se, superar os demais. É disto que eu me queixo e culpo a nossa nação: que nós espanhóis não somente não procuramos mas que considaremos vitupério o que foi estimado como coisa excelente e admirável em todas as línguas; e que, nunca cessando de elogiar a eloquência e os proveitos do bem falar, tenhamos negado esta glória à nossa língua; e sem ponderar, sem mais diferença, condenemos os que querem começar a adquiri-la, só porque alguns não o fazem certo. Isto é o mesmo que faria quem dissesse que não convinha

Espanoles no solamente no lo procuramos, sino que lo tengamos por vituperio; y que nunca cesando de alabar la elocuencia, y los provechos del bien decir, hayamos negado esta gloria a nuestra lengua; y a bulto sin más diferencia condenemos los que quieren comenzar a procurársela por solo que algunos no aciertan a hacerlo. Es esto lo mismo que haría quien dicese que no convenía que Marco Tulio, y otros Romanos elocuentes se puliesen en su decir, porque otros queriéndose extremar como ellos, y no pudiendo alcanzarlo su ingenio, ni su industria, venían á parar en ser afectados. ¿Cómo? Porque Apuleyo tenga tanto de afectación en su decir antiguo y desusado, ¿no queréis que Quintiliano, Suetonio Tranquilo, Cornelio Tácito, y otros semejantes de aquel siglo hablen con elegancia? Si Tertuliano toma sabor en corromper la lengua latina usada con palabras y propiedades nuevas y condenadas por el uso, ¿pareceros ha bien que Lactancio, San Cipriano, San Gerónimo, y otros tales pierdan el cuidado de decir bien? ¿Unos pocos españoles necios, que para hacerse estimar por sabios entre los ignorantes hablan de manera que no los entiendan, han de ser causa, y bastar para que junto con ellos sean condenados todos los que con

que Marco Túlio e outros romanos eloquentes aperfeiçoassem o seu falar, porque outros, querendo distinguir-se como eles e não podendo alcançar seu engenho nem sua indústria, viriam a ser afetados. Como? Para que Apuleio tenha muita afetação em seu dizer antigo e desusado não quereis que Quintiliano, Suetônio Tranquilo, Cornélio Tácito e outros semelhantes daquele século falem com elegância? Se Tertuliano toma gosto em corromper a língua latina usada com palavras e propriedades novas e condenadas pelo uso, parecer-vos-á bem que Lactâncio, São Cipriano, São Jerônimo e outros tais percam o cuidado de falar bem? Alguns poucos espanhóis néscios que, para se fazer passar por sábios entre os ignorantes, falam de modo que não os entendam, hão de ser causa e bastar para que junto com eles sejam condenados todos os que com prudência procuram falar bem o castelhano? Há de ser comum a pena quando não se comunica a culpa? Se só aqueles erraram, por que estes outros participam da infâmia de seu erro? São coisas muito diferentes no castelhano, como em qualquer outra língua, falar bem e falar com afetação, e em todas o falar bem é diferente do comum. As mesmas palavras com que Túlio dizia uma coisa são as que qualquer cidadão

prudencia procuran hablar bien el castellano? ¿Ha de ser común la pena donde no se comunica la culpa? ¿Aquellos solos erraron, porque estos otros participan de la infamia de su error? Muy diferentes cosas son en el castellano como en cualquier otro lenguaje hablar bien y hablar con afectación, y en todos el hablar bien es diferente del común. Las mismas palabras con que Tulio decía una cosa, son las que usaba cualquier ciudadano en Roma: mas él con su gran juicio, ayudado del arte y del mucho uso que tenía en el decir, hace que sea muy diferente su habla: no en los Vocablos y propiedades de la lengua latina, que todos son unos, sino en saberlos escoger, y juntarlos con más gracia, en el orden, y en la composición, en la variedad de las figuras, en el buen aire de las cláusulas, en la conveniente juntura de sus partes, en la melodía y dulzura con que suenan las palabras mezcladas blandamente sin aspereza, en la furia con que las unas rompen y entran como por fuerza y con rigor en los oídos y en el ánimo, y en la suavidad con que otras penetran muy sesgas y sosegadas, que parece que no las metieron í sino que ellas sin sentirlo se entraron. Las palabras con que uno se contentará decir alguna cosa de manera que lo entendiesen, él las

usava em Roma; mas ele, com seu grande juízo, ajudado pela arte e pelo muito uso que tinha no dizer, faz com que sua fala seja muito diferente, não nos vocábulos e propriedades da língua latina, que todos são a mesma coisa, mas em sabê-los escolher e juntá-los com mais graça na ordem e na composição, na variedade das figuras, no bom estilo das sentenças, na junção conveniente de suas partes, na melodia e na doçura com que soam as palavras mescladas brandamente, sem aspereza, na fúria com que umas rompem e entram como à força e com rigor nos ouvidos e na mente, e na suavidade com que outras penetram muito sesgas e sossegadas, que parece que elas não foram colocadas, mas que entraram sem perceber. As palavras com que alguém se alegraria em dizer alguma coisa de maneira que o entendessem, ele as fará, ao tirá-las e acrescentá-las, ao trocá-las, revolvê-las e adorná-las com todo adereço de eloquência, que além de expressar o que se pretende, faz com que os ouvidos as captem com mais suavidade e ensinem ao entendimento mais saborosamente e com mais gosto. Do outro, terceiro e principal efeito do bem dizer, que é forçar a vontade e incliná-la a considerar bom e seguir com amor o que se lhe persuade, não digo nada,

hará con quitarles y añadirles, con trocarlas y revolverlas, y ataviarlas con todo aderezo de elocuencia, que de más de dar a entender lo que se pretende, las cojan los oídos con mas suavidad, y enseñen al entendimiento mas sabrosamente y con más gusto. Del otro efecto, tercero y mas principal del bien decir, que es hacer fuerza a la voluntad, y inclinarla á tener por bueno, y seguir con amor Jo que se le persuade, no digo nada, porque esto no consiste tanto en el lenguaje, ni en la elegancia dél, como en las cosas que con él se adornan, y como que se guisan, para que mejor a la voluntad le sepan, cebándose en ellas con el paladar del entendimiento por donde pasan. Dejemos pues todas las otras partes en la elocuencia, y tomemos solo lo que toca al lenguaje y al primor, y la gracia que cabe en la que llaman elocución los Retóricos latinos, y toda se ocupa en elegir las palabras, y mezclarlas con tal concierto en lo que se dice, que se les añade mucho de eficacia, así para representar las cosas que quieren darse a entender, como para que con mayor deleite se escuchen y se entiendan con mas afición. Esta parte del bien decir

porque isto não consiste tanto na linguagem, nem na sua elegância, como nas coisas que se adornam com ela, e como se compõem, para que as saibam mais à vontade por onde passam, saciando-se nelas com o paladar do entendimento. Deixemos, pois, todas as outras partes da eloquência e tomemos só o que se refere à linguagem, ao primor e à graça que cabe nela, que os retóricos latinos chamam de elocução, e que se ocupa toda em eleger as palavras e dispô-las com tal concerto no que se diz, que se lhes acresce muita eficácia, tanto para representar as ideias que se quer exprimir, como para que se as escutem com maior deleite e as entendam com mais afeição. Ninguém pode negar que esta parte do bem dizer não é comum a todas as línguas, e com elas a nossa castelhana, se por ventura não tivesse as orelhas tão tapadas¹⁰⁵ e o entendimento tão rude, que não desfrutasse de um som diferente em uma boa copla mais do que em uma desbaratada, em uma estrofe do que em uma escrita solta e em um discurso bem harmonizado e suave do que em outro, o qual carecesse de toda ordem e harmonia. E quem haverá de dizer que o cuidado que se puser em adornar assim o nosso

105 Referência às orelhas de burro do rei Midas, que, por falta de discernimento, preferiu o som da flauta rústica ao da lira.

no puede negar nadie, que no es común a todas las lenguas, y a nuestra castellana con ellas; si no tuviese por ventura tan bastas las orejas, y tan rudo el entendimiento, que no gozase de diferente sonido en una buena copla, que en una desbaratada: en una copla, que en una escritura suelta: y en un razonamiento bien concertado y suave, que en otro: el cual careciese de todo de orden y Concierto. ¿Y quién habrá que diga que el cuidado que se pusiere en así adornar nuestro hablar castellano no lo ha de desviar mucho del común uso? No en los vocablos, ni en la propiedad de la lengua (que sería gran vicio) sino en escogerlos, y apropiarlos, repartirlos, y suavemente y con diversidad mezclarlos: para que resulte toda la composición extremada, natural, llena, copiosa, bien dispuesta y situada. Y este pulir de esta manera la habla, ¿cuán ajeno, cuán diferente, y cuán contrario es de la afectación? El Cielo y la tierra, lo blanco y lo negro, lo claro y lo obscuro, no están más lejos de ser una cosa, que estas dos de juntarse ó parecerse. Por tanto no condenemos en nuestro lenguaje el cuidado del bien hablar, sino dolámonos de ver que estamos tan fuera de querello y saberlo hacer, que tenemos por mal hecho aun solo intentarlo: y lo que sería gran

falar castelhano não o há de afastar muito do uso comum? Não nos vocábulos, nem na propriedade da língua (que seria grande vício), mas em escolhê-los e apropriá-los, reparti-los e, suavemente e com diversidade, misturá-los; para que toda a composição se torne estremada, natural, plena, copiosa, bem disposta e situada. E este polir a fala desta maneira quão alheio, quão diferente e quão contrário é da afetação? O ceu e a terra, o branco e o preto, o claro e o escuro, não estão mais longe de ser uma coisa do que estas duas de se juntarem, ou se parecerem. Portanto, não condenemos em nossa língua o cuidado do bem falar, mas nos lamentemos de ver que estamos tão fora de querê-lo e sabê-lo fazer, que ainda consideramos mal feito só tentá-lo, e culpamos com o vício e a fealdade o que seria grande virtude e excelência. Tudo isto, sem dúvida, procede de não se entender bem o que é o bom e o melhor em nossa língua, o que é o que se distingue e destaca dos demais com acerto, e o que é o que pensando que acerta, para, no final, ser reconhecidamente mau. Como nas virtudes, quem não tiver inteiro conhecimento delas e da moderação em que consistem, muitas vezes as confundirá com os vícios que lhes parecem próximos, e chamará o liberal de pródigo, o

virtud y excelencia, culpamos como vicio y fealdad. Todo esto sin duda procede de no entenderse bien, qué es lo bueno y lo mejor en nuestra lengua: qué es lo que con acertamiento se señala y aventaja de lo demás, y qué es lo que pensando que acierta, para, al fin en ser conocidamente malo. Como en las virtudes quien no tuviere entera noticia de ellas, y de la moderación en que consisten, muchas veces las tendrá por tales como son los vicios vecinos que les parecen: y llamará pródigo al liberal, avariento al concertado en sus gastos, furioso al valiente, y al templadamente fuerte cobarde, tendía por prudente al que todo se le pasa en deliberar, sin poner en ejecución nada de lo acordado, y por súbito, y mal proveído a quien con determinación emprende los buenos hechos; no de otra manera en nuestra lengua, por no tener tiento ni certidumbre en saber juzgar cual es lo bueno, medrosos de aprobar algo; generalmente tenemos por malo lo que se diferencia de lo común: y así El pulirse bien ó mal siempre ha de ser sospechoso de afectado; y todo se nos antoja tal, lo que no vemos cual es, como quien anda de noche sin lumbre, que todo lo que encuentra le parece negro. Esta falta de no poder juzgar fácilmente en el castellano lo acertado, viene de ser la lengua en sí de tal

moderado em seus gastos de avarento, o valente de furioso, e o covarde de moderadamente forte; terá por prudente o que se põe a deliberar tudo, sem executar nada do combinado, e por súbito e mal provido quem empreende as boas ações com determinação; não de outra maneira, na nossa língua, por não ter tento nem certeza de saber julgar qual é o bom, medrosos em aprovar algo, geralmente consideramos mau o que se diferencia do comum, e assim o polir-se bem ou mal sempre há de ser suspeito de afetado; e tudo parece-nos assim, que não enxergamos, como quem anda de noite sem luz, que tudo o que encontra parece-lhe escuro. Esta falta de não poder julgar facilmente o acerto no castelhano, vem de a língua ser em si de tal qualidade que, apesar de ser capaz de muito ornamento, recebe-o com grande dificuldade. Porque, para que a composição seja doce e saborosa há um grande estorvo de muitas das que em latim se chamam partículas, e é impossível não se ter de repetir com muita frequência, o que causa fastio aos ouvidos, que não se pode ouvir sem muita atenção. E também em muitas outras partes da elocução é difícil de alcançar a beleza da nossa língua. Mas esta não é a causa principal, quase impossível de se representar, que no final

cualidad, que aunque es capaz de mucho ornamento, pero recíbelo con gran dificultad. Porque para que sea dulce y sabrosa la compostura, hay un estorbo grande de muchas de las que llaman en latín partículas, y es imposible no haberse de repetir muy á menudo, de donde sucede fastidio en los oídos, que sin mucho miramiento no se puede huir. Y en otras muchas partes, también de la elocución, es nuestra lengua y su lindeza dificultosa de alcanzar. Mas no es esta la principal causa, que al fin trabajo y diligencia vencerían esta dificultad: y con el uso se amansaría lo que ahora espanta, con representarse cuasi imposible. La causa verdadera de no acertar a decir bien, ni diferenciar lo bien dicho en el castellano, está principalmente en no aplicarle el arte de la elocuencia, en lo que ella enseña mejorar la habla, no para propiedad, que está el uso la muestra, sino para la elegancia y la fineza, donde no llega el uso y el arte puede mucho suplir el defecto. Junto con esto, faltan en nuestra lengua buenos ejemplos del bien hablar en los libros, que es la mayor ayuda que puede haber para perfeccionarse un lenguaje: y donde falta el arte, la imitación con los buenos dechados alcanza mucho; y la excelencia, y la gloria de los que parecen tales que deban

trabalho e diligência venceriam esta dificuldade, e com o uso se amansaria o que agora espanta. A verdadeira causa de não acertar em dizer bem, nem diferenciar o bem dito no castelhano, está principalmente em não lhe aplicar a arte da eloquência no que ela ensina a melhorar a fala, não para a propriedade, que esta o uso mostra, mas para a elegância e a fineza, onde o uso não basta, e a arte muito pode suprir o defeito. Junto com isto, faltam em nossa língua bons exemplos do bem falar nos livros, que é a maior ajuda que pode haver para se aperfeiçoar uma linguagem; e onde falta a arte, a imitação com os bons preceitos consegue muito, e a excelência e a glória dos que parecem tais que devam ser seguidos incitam e incentivam os outros para se esforçar em tornar-se semelhantes, e merecer ser elogiados como eles. Quem não entende que é grande pobreza que até agora quase não tenha havido na Espanha algum bom escrito, cujo estilo ou gênero de dizer pudesse ser seguido para melhorar sua fala, com segurança, que quando houvesse entendido bem ao natural haveria melhorado a sua linguagem? Quem poderia indicar com confiança muitos livros castelhanos, com os quais, lidos e imitados, se alcançaria a perfeição? ou destacada e

ser seguidos incitan y encienden a los otros para trabajar de hacerse semejantes, y merecer ser como ellos alabados. ¿Quién no entiende que es gran pobreza que casi no haya habido en España hasta ahora alguna buena escritura, cuyo estilo ó género de decir pudiese uno seguirlo para emendar su habla con seguridad, que cuando lo hubiese sacado bien al natural-habría mejorado su lenguaje? ¿Quién podría señalar muchos libros castellanos con confianza que leídos y imitados se alcanzaría perfección, ó señalada y conocida mejoría en El uso de nuestra lengua? Bien entiendo la respuesta: y bien veo que se me podría dar en los ojos con algunos libros que de algunos años a esta. Parte se leen con grande aprobación del pueblo, que los estima por muy elegantes. Mas yo hablo con los doctos, y con los buenos juicios que tienen muy vista está falta, y por muy justa esta queja, y no hago cosa de gente vulgar, que estima y aprecia algunos estilos por su gusto, por lo cual basta para que no se tengan por buenos. Y si alguno me preguntase la causa por qué habiendo habido siempre en España, y señaladamente en nuestro tiempo, singulares ingenios, y muchos de ellos bien empleados en las letras, y ejercitados en el arte de bien decir,

conhecida melhora no uso de nossa língua? Bem entendo a resposta, e bem vejo que eu poderia apresentar alguns livros, que de alguns anos para cá se leem com grande aprovação do povo, que os considera muito elegantes. Mas eu falo com os doutos e com os bons juízos, que têm visto muito esta falta e por muito justa esta queixa, e não faço coisa de gente vulgar, que estima e aprecia alguns estilos por seu gosto, pelo qual basta para que não se considerem bons. E se alguém me perguntasse a causa pela qual, sempre tendo havido na Espanha, e especialmente em nosso tempo, singulares engenhos e muitos deles bem aplicados nas letras e exercitados na arte de bem dizer, a nossa língua sempre ficou na miséria e com a pobreza que tinha antes, sem que ninguém lhe tenha socorrido com alguma boa escritura, eu lhe responderia, ao pensar que acertava, que tudo nasce do grande menosprezo com que nossos próprios nativos têm pela nossa língua, pelo qual não se afeiçoam a ela nem se empenham para ajudá-la. E, sem dúvida, não me parece que até agora faltou escusa deste seu desamor ou descuido aos homens cultos na Espanha, por estar a língua castelhana tão rebaixada e sujeita a servir para usos tão vis, que tinham razão de desanimar,

siempre ha quedado nuestra lengua en la miseria, y con la pobreza que antes tenía sin que alguno le haya socorrido con alguna buena escritura: yo le respondería con pensar que acertaba, que todo nasce del gran menosprecio en que nuestros mismos naturales tienen nuestra lengua, por lo cual ni se aficionan á ella, ni se aplican á ayudarla. Y no me parece sin duda que hasta ahora les ha faltado a los hombres doctos en España excusa de este su desamor. O descuido; por estar la lengua castellana tan abatida y sujeta a servir en tan viles usos, que tenían razón de desesperar, podría levantarse á cosas mejores y de mucha dignidad, cuáles eran las en que ellos quisieran ocuparla. No se escribía en castellano sino ó vanos amores, o fábulas vanas, ¿Quién había de osar encomendarle mejores materias? ¿Quién no había de temer que escúpesela su obra la bajeza del castellano, si en ella escribía? Como en un vaso acostumbrado antes a servir en viles usos nadie querría guardar alguna cosa noble y preciosa: así en nuestra lengua por verla tan mal empleada, no había quien se atreviese a servirse de ella. Sucedió en nuestra lengua sin duda lo que Santo Agustín dice de la música, que empleada su excelencia en cosas viles, se abate tanto aquella divina arte, que

poderia elevar-se a coisas melhores e de muita dignidade, como eram as de que eles quiseram ocupá-la. Se não se escrevia em castelhano senão amores vãos ou fábulas vãs, quem havia de ousar encomendar assuntos melhores? Quem não havia de temer que a baixeza do castelhano escurecia sua obra se nele escrevesse? Como ninguém queria guardar alguma coisa nobre e preciosa em um vaso antes acostumado a servir para usos vis, assim em nossa língua, por vê-la tão mal empregada, não havia quem se atrevesse a servir-se dela. Sem dúvida, ocorreu na nossa língua o que Santo Agostinho diz da música, que, tendo sua excelência empregada em coisas vis, aquela divina arte se abate tanto que perde a alta dignidade com que pode assim ser chamada. Diógenes, tomando na mão um perfume muito oloroso, e experimentando sua suavidade, disse: “malditos os homens desonestos e afeminados, que por usarem mal uma coisa tão preciosa, fizeram com que os homens virtuosos não possam usufruir dela honestamente.” Malditos (também os espanhóis, poderíamos dizer com muita razão) os que rebaixaram tanto a nossa língua, que se tenha perdido o bom uso dela e, por estar mal usada, como em um escravo

pierde la alta dignidad con que puede así ser llamada. Diógenes [Diógenes Laercio en su vida] tomando en la mano un perfume muy oloroso, y gustando su suavidad, dijo: mal hayan los hombres deshonestos y afeminados, que por usar mal de cosa tan preciosa, han hecho que los hombres virtuosos no puedan honestamente gozar de ella. Mal hayan (podríamos también decir con mucha razón los Españoles) quien aciviló tanto nuestra lengua, que se pierda el buen uso de ella, por estar mal usada: y como de esclavo infame nadie ose fiarse de ella. Mas si todos con este miedo huyeran nuestra lengua, como cosa mal inficionada, no solamente fuera este mal muy grave, mas aun se hiciera incurable y sin esperanza de remedio. No pudiera ser curada la enfermedad, si todos temieran llegarse al paciente. ¿Y cómo podía venir á no temerse el peligro, sino viendo que había hombres cuerdos que lo menospreciaban? Menester fue que algunos venciesen este temor, y lo menospreciasen, y diesen á entender á los demás con su ejemplo, como habían de librar nuestra lengua de la miserable servidumbre, en que viles hombres la tenían e no rehusando de hacer lo que hombres sabios ya hacían. De estos va ya habiendo algunos en nuestro tiempo, que con escribir

infame ninguém ouse confiar nela. Mas se todos, com este medo, fugissem da nossa língua, como de uma coisa infeccionada, este mal não somente seria muito grave, mas também se tornaria incurável e sem esperança de remédio. Não poderia ser curada a enfermidade, se todos temessem aproximar-se do paciente. E como se poderia não temer o perigo senão vendo que havia homens prudentes que o menosprezavam? Foi preciso que alguns vencessem este temor e o menosprezassem e, com seu exemplo, ensinassem aos demais como haviam de livrar a nossa língua da servidão miserável, em que homens vis tinham se recusado a fazer o que homens sábios já faziam. Houve alguns destes em nosso tempo, que, ao escrever em castelhano coisas sérias, adornando-as com o cuidado do bem dizer, abriram a porta a todos os espanhois cultos para que, daqui por diante, estimando muito a nossa língua, que já está mais inclinada e capaz de todo ornamento de eloquência, todos se lhe entreguem, sem medo, e em breve ela chegue a ser tão copiosa e tão enobrecida quanto pode (se os seus nativos não se omitem). A história romana e muito da antiguidade latina e grega já falam o castelhano elegantemente e com propriedade e polidez, nos livros de Pedro

en castellano cosas graves, adornándolas con el cuidado de bien decir, han abierto la puerta á todos los Españoles doctos, para que de aquí adelante, estimando en mucho nuestra lengua, que ven ya mejor inclinada y capaz de todo ornamento de elocuencia, todos sin miedo se le entreguen, y en breve llegue a ser tan copiosa y tan ennoblecida como (si no le faltan sus naturales) puede. La Historia Romana, y mucho de la antigüedad latina y griega hablan ya hermosamente, y con propiedad y limpieza el castellano, en los libros de Pedro Mexía; de cuya mucha doctrina y gracia en el decir, harto sería bueno que yo bien gustase, sin que me atreva á alabarla como merece. Y a las cosas antiguas de España, sacadas fie las tinieblas y escuridad en que estaban, tienen mucha luz, no solamente con la diligencia increíble del Maestro Florian de Ocampo, sino también con su copioso y agudo género de decir, donde la abundancia diferenciada, con una sutileza cuerda, y muy medida, atavía prudentemente el lenguaje. El estilo familiar de Hernando del Pulgar en sus Cartas, ¿quién no lo alaba y goza en él mucho del donaire que en las Epístolas de los latinos se siente? El mismo en la Historia tiene harto primor, y en imitar en ella los latinos, y tomarles siempre

Mexía, de cuja muita doutrina e graça no dizer, seria muito bom que eu bem apreciasse, sem que me atreva a elogiá-la como merece. E as coisas antigas da Espanha, tiradas das trevas e da escuridão em que estavam, têm muita luz, não somente com a diligência incrível do Mestre Florian de Ocampo, mas também com seu copioso e agudo gênero de dizer, em que a abundância, diferenciada com uma sutileza moderada e muito comedida, adorna prudentemente a linguagem. O estilo familiar de Hernando del Pulgar em suas *Cartas*, quem não o elogia e desfruta nele muito da graça que se percebe nas epístolas dos latinos? O mesmo tem grande primor na história e em nela imitar os latinos, e sucedeu-lhe afortunadamente tomar-lhes sempre emprestado algo a seu propósito. *O cortesão* não fala melhor na Itália, onde nasceu, do que na Espanha, onde Boscán mostrou-o castelhano extremamente bem. O mesmo fez nossa poesia não dever nada à Italiana, na diversidade e majestade da composição, sendo na delicadeza dos conceitos igual a ela e não inferior, ao demonstrá-los e expressá-los, como admitem alguns dos próprios italianos. E não seria muita a glória de nossa língua e de sua poesia ao imitar o

prestado algo a su propósito, le sucedió dichosamente. El cortesano no habla mejor en Italia donde nació, que en España, donde lo mostró Boscán por extremo bien el castellano. El mismo hizo nuestra poesía no deber Hada en la diversidad y majestad de la compostura a la italiana, siendo en la delicadeza de los conceptos igual con ella, y no inferior en darlos a entender y expresarlos, como alguno de los mismos italianos confiesa [Lud. Dolce en la Apología de Ariosto]. Y no fuera mucha gloria la de nuestra lengua y su poesía en imitar el verso Italiano, si no mejorara tanto en este género Garcilaso de la Vega, luz muy esclarecida de nuestra nación, que ya no se contentan sus obras con ganar la victoria y el despojo de la Toscana, sino con lo mejor de lo latino traen la competencia, y no menos que con lo muy precioso de Virgilio y Horacio se enriquecen. Pues mucha parte de la filosofía en las obras del Maestro Vanegas, hombre de grande ingenio e infinita lición, la tenemos como harta elegancia y pureza en el lenguaje, sino es donde se la estorban los vocablos extraños con que se han por fuerza de decir las cosas que trata. Más ha de cincuenta años que se imprimieron en castellano los libros de Boecio Severino, del consuelo de la

verso italiano, se não melhorasse tanto este gênero Garcilaso de la Vega, luz muito esclarecida de nossa nação, que suas obras já não se contentam em ganhar a vitória e o despojo da Toscana, mas trazem a competência com o melhor do latim. Não menos se enriquecem do que com o muito precioso de Virgílio e Horácio; pois, nas obras do Mestre Vanegas, homem de grande engenho e infinita doutrina, temos grande parte da filosofia, com grande elegância e pureza da linguagem, exceto onde os vocábulos estrangeiros a estorvam, e que se usam à força para dizer as coisas de que trata. Há mais de cinquenta anos que se imprimiram em castelhano os livros de Boécio Severino, da consolação da filosofia, em um estilo tão bom, que qualquer um que tivesse bom discernimento julgaria como está melhor em nossa língua do que na latina. Pois Francisco Cervantes de Salazar imprimiu algumas coisas das duas filosofias, além de outras muito boas de diversas disciplinas, clara e graciosamente ditas, que ninguém acreditaria que podiam ficar bem em nossa língua. E isto é de alguns anos atrás. Porque agora já temos as obras em castelhano do padre Frey Luis de Granada, ainda que as ideias sejam todas celestiais e divinas, estão ditas com tanta lindeza, seriedade e força, que parece que nisto não ficou nada

filosofía, en un tan buen estilo, que cualquiera que tuviere buen voto, juzgará como está mejor en nuestra lengua, que en la latina. Pues Francisco Cervantes de Salazar imprimió algunas cosas ahí de las dos filosofías, sin otras muy buenas de diversas disciplinas, clara y agradadamente dichas, que no creyera nadie de ellas, podían estar bien en nuestra lengua. Y esto es de algunos años atrás. Que ahora ya tenemos las obras en castellano del Padre Fray Luis de Granada, donde aunque las cosas son todas celestiales y divinas, están dichas con tanta lindeza, gravedad y fuerza en el decir, que parece no quedó nada en esto para mayor acertamiento. Vengo al diálogo de la dignidad del hombre, que aunque tiene también él harto, manifiesta su estima y su valor, mas por ser cosa propia mía, y a quien debo encarecido amor por el deudo, diré solamente del que es del Maestro Oliva, con que se concluye como en suma todo lo que en particular no se podría referir. Qué pues hablo aun en tiempo que viven algunos que lo conocieron por uno de los más señalados y admirables ingenios que España ha tenido; seguro puedo quedar que alabo harto su obra, con solo decir cuya es. Principalmente pues los mismos que le conocieron por extremado en todo género de

para maior ajuste. E nestas obras que este presente volume contém (porque já vamos falar nelas), quantas coisas há das duas filosofías, moral e natural, além de muitas outras e muito boas de diversas disciplinas, clara e graciosamente ditas, que ninguém pensaria que pudessem caber em nossa língua? E assim podem ser exemplo, como as melhores, para que ninguém esmoreça nela. Deixo o *Apólogo* e a obra de Vives, que têm consigo seu apreço e seu louvor, e basta lê-las para ver como merecem ser estimadas. Refiro-me ao diálogo da dignidade do homem, que também tem muito clara sua estima e seu valor; como muito diz Francisco Cervantes no *Prólogo*, admira-se de fazê-lo dignamente ao que quer elogiá-lo com afetação, mas por ser coisa minha própria, e a quem devo encarecido amor pela dívida, falarei somente sobre o que é do Mestre Oliva, com que se conclui, em suma, tudo o que não se poderia referir em particular. Que, pois, ainda falo do tempo em que vivem alguns que o conheceram como um dos mais distintos e admiráveis engenhos que a Espanha teve, posso estar certo de que elogio muito a sua obra, só em dizer qual é. Principalmente, pois os mesmos que o conheceram como estremado em todo gênero de disciplinas, e por homem

disciplinas, y por hombre prudentísimo y muy virtuoso, saben cuánto se pulió en su lengua, quanto le fue aficionado, y como estaba todo puesto, en dar a entender el mucho fruto de primor que podría producir su fertilidad, siendo bien cultivada. No se puede dar del todo a entender cuán grande fue el amor que tuvo á nuestra lengua, mas entiéndese mucho quando se considera como un hombre que tan aventajadamente podía escribir en latín, y hacer mucho mas estimadas sus obras por estar en aquella lengua, haciendo lo que los hombres doctos comúnmente hacen no quiso sino escribir siempre pre en su lenguaje castellano, empleándolo en cosas muy graves, con propósito de enriquecerlo con lo mas excelente que en todo género de doctrina se halla. De otra manera también se puede mucho encarecer este su amor que el Maestro Oliva tuvo a nuestra lengua castellana con deseo de ennoblecerla. Fue hombre gravísimo, y de singular autoridad, muy celebrada y reverenciada de todos los que lo conocieron. Y por ella mereció primero ser Rector en la Universidad de Salamanca, cargo que no se da sino a los hijos de señores, y después poco antes que muriese ya estaba señalado, como es notorio, para ser Maestro del

prudentíssimo e muito virtuoso, sabem o quanto se aperfeiçoou em sua língua, quanto lhe foi afeiçoado e como estava todo disposto, ao exprimir o muito fruto de primor que sua fertilidade poderia produzir, sendo bem cultivada. Não se pode expressar totalmente quão grande foi o amor que teve pela nossa língua, mas entende-se muito quando se o considera como um homem que tão vantajosamente podia escrever em latim, e tornar as suas obras muito mais prestigiadas por estarem naquela língua, fazendo o que os homens doutos comumente fazem, não quis senão escrever sempre na sua língua castelhana, empregando-a em coisas muito sérias, com o propósito de enriquecê-la com o mais excelente que se acha em todo gênero de doutrina. De outra maneira também se pode muito exaltar este amor que o Mestre Oliva teve pela nossa língua castelhana com desejo de enobrecê-la. Foi homem seriíssimo e de singular autoridade, muito celebrada e reverenciada por todos os que o conheceram. E por ela mereceu, primeiro, ser Reitor na Universidade de Salamanca, cargo que não se dá senão aos filhos de senhores, e depois, pouco antes de morrer, já estava designado, como é notório, para ser mestre do rei nosso senhor que então era

Rey nuestro Señor que entonces era niño. Pues con toda aquella gravedad, con toda aquella insigne autoridad, y con toda aquella excelente grandeza de su ingenio y de todo su ser, y con todo el menosprecio en que ve ya ser tenuta nuestra lengua castellana, nunca dejó de preciarla, nunca dejó de escribir en ella, nunca perdió la esperanza de ensalzarla tanto con su buen decir, que creciese mucho en estima y reputación. Para esto se ejercitó primero en trasladar en castellano algunas tragedias y comedias friegas y latinas, por venir después con mas uso escribir cosas mejores en filosofía, cuyas partes principales deseaba comunicar á los de su nación en estilo que las hiciese mas gustosas y apacibles, y la majestad de ellas no se desdenase dél. Comenzó por este diálogo de la dignidad del hombre, y ya escribía otros dos del uso de las riquezas y de la castidad, y así prosiguiera todo lo demás si la muerte, término universal de las cosas humanas, no le atajara. Porque habiendo muerto aun no de cuarenta años, no tuvo lugar de cumplir sus altos deseos, que de ennoblecer nuestra lengua castellana tenia. Que cierto si viviera muchas cosas otras de xara semejantes á este diálogo de la dignidad del hombre, que con tanto contento y admiración se ha

menino. Pois, com toda aquela seriedade, com toda aquela insigne autoridade e com toda aquela excelente grandeza de seu engenho e de todo o seu ser, e com todo o menosprezo em que via ser tida a nossa língua castelhana, nunca deixou de apreciá-la, nunca deixou de escrever nela, nunca perdeu a esperança de tanto engrandecê-la com seu bom dizer, para que crescesse muito em estima e reputação. Para isto se exercitou primeiro em trasladar em castelhano algumas tragédias e comédias gregas e latinas, para depois vir, com mais uso, a escrever coisas melhores em filosofia, cujas partes principais desejava comunicar aos de sua nação em estilo que as fizesse mais agradáveis e aprazíveis, e não se desdenhasse a majestade delas. Começou com este diálogo da dignidade do homem e já escrevia outros dois sobre o uso das riquezas e da castidade, e assim prosseguiria, se a morte, término universal das coisas humanas, não o impedisse. Porque, tendo morrido antes dos quarenta anos, não teve tempo de cumprir os altos desejos que tinha de enobrecer a nossa língua castelhana. Que, certamente, se vivesse, deixaria muitas outras coisas semelhantes a este diálogo da dignidade do homem, que se leu sempre na Espanha com tanta alegria e

leído siempre en España. Las otras cosas que se pondrán con él, no tendrán la misma majestad en la materia, mas no les faltará nada en la lindeza y gravedad del lenguaje dos cosas tan propias y particulares del Autor, que todos los que con buen juicio hasta ahora las han leído, sienten no hallarse semejantes en nadie, por lo cual son dignísimas de ser leídas y estimadas, como hasta aquí las que andaban impresas se han leído, y sido en mucho tenidas. Algunos que no las alcanzan á gustar como deben, les parecen indignas de un Autor tan grave, y de tanta severidad; mas yo no puedo dejar de tener en mucho lo que al Maestro mi señor le vide estimar, y escribirlo aun en los postreros años de su vida. Y los hombres de gran juicio aun en todo aquello hallan al Maestro Oliva, y le gozan allí con gran contento.

admiração. As outras coisas que se colocarão com ele não terão a mesma majestade no conteúdo, mas não lhes faltará nada na lindeza e na seriedade da linguagem, duas coisas tão próprias e particulares do autor, que todos os que até agora as leram com bom juízo sentem que não se acham semelhantes em ninguém; pelo qual são dignísimas de serem lidas, estimadas e muito consideradas, como até aqui se leram as que estavam impresas. Para alguns, que não souberam apreciá-las como se deve, parecem-lhes indignas de um autor tão sério e de tanta severidade, mas eu não posso deixar de estimar o que vi agradar ao mestre meu senhor e o que ele escreveu nos últimos anos de sua vida. E os homens de grande juízo também acham e desfrutam de tudo aquilo do Mestre Oliva, com grande contentamento.

5 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NA FRANÇA

5.1 JOACHIM DU BELLAY E A *DÉFENSE ET ILLUSTRATION DE LA LANGUE FRANÇAISE* (1549)

Não quero dar tão alto louvor à nossa língua, porque ela ainda não tem seus Cíceros e Virgílios; mas ousou bem afirmar que, se os sábios homens de nossa nação se dignassem a estimá-la tanto quanto aqueles fizeram com a deles, ela poderia, talvez, e bem logo, colocar-se entre as mais famosas. (Joachim Du Bellay, 1549)

Joachim Du Bellay (1522-1560), poeta, tradutor, defensor da língua francesa, era natural de Anjou. Filho de fazendeiros, teria ficado órfão aos nove ou dez anos de idade, permanecendo sob a tutela do seu irmão mais velho. Depois de estudar Direito na Universidade de Poitiers, em 1543 ele foi para Paris, onde conheceu Pierre de Ronsard, que o convenceu a estudar literatura clássica no colégio de Coqueret, com o erudito Jean Dorat.

Em Paris, Du Bellay, Ronsard, e vários outros estudiosos e futuros poetas formaram *La Pléiade*¹⁰⁶, um grupo fundado sob os princípios do humanismo, mas voltado à cultura francesa, cujo texto *Défense et illustration de la langue française* foi o seu manifesto, em favor da composição da poesia em francês. Neste mesmo ano, Du Bellay compôs uma coletânea de sonetos de amor, *L'Olive*, inspirado em Petrarca e no neoplatonismo.

Em 1553, ele foi para Roma, como secretário do seu primo, o cardeal Jean Du Bellay, onde permaneceu por quatro anos. Desiludido com a corrupção observada na corte papal, o poeta dedicou-se à escrita, compondo suas melhores obras, as quais foram publicadas na França em 1558: *Les antiquités de Rome*, 33 sonetos de meditação sobre o contraste entre a grandeza e decadência da cidade, e outros 191 sonetos, *Regrets*, nos quais falava de seus sofrimentos, angústia e da saudade da terra natal. Ao retornar à França, enfermo e com dificuldades

106 Grupo formado por sete poetas (Ronsard, Du Bellay, Baïf, Belleau, Jodelle, Pontus de Thyard e Daurat) que defendiam a substituição do latim pelo francês na literatura e o enriquecimento da língua vernácula através da imitação e apropriação do melhor da literatura greco-latina.

financeiras, escreveu a sátira *Le poète courtisan* (1559) e morreu em Paris no ano seguinte. (LABLANC, 2003)

Joachim Du Bellay prestou contribuições significativas à poesia e à língua francesas. Sua *Défense* ajudou a definir as bases para o francês como língua literária, em uma época em que o vernáculo ainda não tinha grande prestígio. Ele traduziu os cantos IV e VI da *Eneida* de Virgílio¹⁰⁷ e uma parte do canto V, *La mort de Palinure*; traduziu também *Complainte de Didon a Enie*, de uma epístola de Ovídio; um epigrama do poeta romano Ausônio, *sur la statue de Didon*; *L'Adieu aux Muses*, escrito em latim por George Buchanan (1506-1582); uma ode latina, *du mime*; *Le Sympose* de Platão e uma epístola latina do humanista Adrien Turnèbe (1512-1565), *Sur un nouveau moyen de faire son profit de l'étude des Lettres*. (NICERON, 1731, p. 393)

Muitos dos escritos de Du Bellay eram, em grande parte, traduções, ou apropriações e paráfrases de textos alheios, como *La Défense*, que apresenta, em vários trechos, ideias do *Dialogo delle lingue*, de Speroni (1542) e de outros textos de humanistas italianos, sem mencioná-los¹⁰⁸. *Défense et illustration de la langue française* integra dois livros, sendo cada um deles composto de doze capítulos. O primeiro livro apresenta questões linguísticas gerais, como a formação histórica e as fases da língua, a tradução e o léxico; o segundo é dirigido aos poetas e oradores e, por isso, apresenta conteúdos mais relacionados à arte de compor, como questões de ritmo e versificação, com destaque para o capítulo XII, em que ele exorta os franceses a escrever na própria língua.

A palavra *illustration*, que pode significar elucidação, ou explicação das possibilidades e do futuro da língua, no contexto da obra de Du Bellay, segundo Highet (1954, p. 366), adquire sentido de glorificação, enobrecimento, e encerra duas ideias principais: a) um método para tornar a língua francesa nobre e respeitada e b) uma prova de que a língua francesa é legitimamente nobre. Ambas as ideias estariam interligadas, porque, através do enriquecimento, seria possível aumentar o prestígio da língua.

107 Publicado na obra *Le quatriesme livre de l'Énéide/traduit en vers françoys*. La complainte de Didon à Énée, prinse d'Ovide, autres oeuvres de l'invention du traducteur/par J. D. B. A. [Joachim Du Bellay], em 1552.

108 Ele não copiava literalmente os textos e sim recriava trechos a seu modo, como se pode ver na *Défense*, a respeito das ideias expostas por Speroni (1542).

Conforme indicado no título, Du Bellay dedica seu trabalho, neste texto inicial, à defesa e enobrecimento da língua francesa, a qual, segundo ele, não deve ser considerada inferior a nenhuma outra língua, ainda que sejam as clássicas, porque, assim como aquelas foram aperfeiçoadas pelos seus escritores, também o francês poderá sê-lo.

O humanista Clément Marot (1496-1544) teria sido o primeiro a tentar enobrecer a língua francesa, com suas traduções de poesias de autores latinos e italianos, mas Du Bellay menosprezava-o, alegando que os poemas traduzidos, ainda que pudessem enriquecer a língua, não a enobreciam tanto quanto a atividade criativa. (GARANDERIE, 1985)

Com base na ideia ciceroniana¹⁰⁹ de que a linguagem humana é universal e que as línguas estão sujeitas ao arbítrio humano, Du Bellay tenta fazer com que os seus compatriotas, que costumam depreciar e rejeitar todas as coisas escritas em francês, mudem de opinião a respeito do vernáculo e o cultivem, seguindo o exemplo dos antigos romanos, que enriqueceram o latim domesticando as palavras e adaptando os modelos dos gregos. Desse modo, também o francês poderia ser enriquecido e até mesmo superar as línguas clássicas.

A respeito da tradução, o posicionamento de Du Bellay divide-se em duas linhas opostas. Ao exaltar a autoridade política do rei Francisco I (1494-1547), que havia dado sua contribuição ao desenvolvimento da cultura francesa, ele defende a tradução, inclusive dos textos sacros, como uma atividade útil e um meio de enriquecimento para a língua francesa, fazendo-a compartilhar os saberes produzidos nas outras línguas. Neste caso específico, a tradução serve como uma prova da capacidade que o francês tem de dar conta destes saberes:

E assim se confirma, filósofos, historiadores, médicos, poetas, oradores gregos e latinos aprenderam a falar francês. Que direi dos hebreus? As santas letras dão amplo testemunho do que eu disse. Eu deixarei aqui as supersticiosas razões dos que sustentam que os mistérios da teologia não devem ser revelados e quase como profanados em língua vulgar, e o que querem

109 Em *De finibus bonorum et malorum* [Do sumo bem e do sumo mal], Cícero defende a existência de uma lei natural, baseada na Razão divina que governa o mundo, válida igualmente para todos.

alegando os que são de opinião contrária; pois esta disputa não é própria ao que pretendi, que é somente mostrar que a nossa língua não teve no seu nascimento os deuses e os astros tão inimigos que não possa um dia chegar ao ponto de excelência e de perfeição, tanto quanto as outras, uma vez que todas as ciências podem fiel e copiosamente ser tratadas nela, como se pode ver em tão grande número de livros gregos e latinos, bem como italianos, espanhóis e outros, traduzidos em francês por muitas e excelentes penas do nosso tempo. (p. 349)

Para Du Bellay, a tradução de qualquer obra, mesmo de poesia, torna-se uma atividade proveitosa quando é realizada a pedido de alguma autoridade:

O que eu digo não se dirige a aqueles que, por ordem dos príncipes e grandes senhores, traduzem os mais famosos poetas gregos e latinos, porque a obediência que se deve a tais personagens não permite nenhuma escusa. (p. 354)

Ou então para a transmissão de conhecimentos diversos, como filosofia e ciências, em que reconhece que “a indústria dos fieis tradutores é, nesse sentido, muito útil e necessária” (p. 363). Todavia, quando a questão se trata da poesia em francês, ele se mostra desfavorável à tradução, pois precisa encontrar um meio de incitar os poetas e escritores a produzir obras na própria língua. Valendo-se das partes da retórica clássica, dentre as quais a *elocutio* é a mais importante, porque exige habilidade artística do orador ou do poeta, ele diz:

[...] não creio jamais que se possa aprender bem pelos tradutores, porque é impossível trazê-las com a mesma graça que o autor usou-as; uma vez que cada língua tem um não sei quê, próprio somente dela, cuja novidade, se tentais exprimir em outra língua, observando a lei de traduzir, que é não se afastar dos limites do autor, vossa expressão será contraída, fria e de má graça. (p. 352)

Nesse aspecto, embora revele os princípios que constituem o pensamento tradutológico da maioria dos renascentistas, cujo fundamento são os valores elocutivos, ele se diferencia dos outros tradutores da sua época. Com a famosa expressão referente a alguns daqueles que são “mais dignos de ser chamados traidores do que tradutores”, ele se opõe aos que traduzem os poetas, porque considera a poesia uma invenção divina, única, e por isso impossível de ser captada na sua essência, por causa desta “energia, e não sei qual espírito, que está em seus escritos, que os latinos chamariam *Genius*.” (p. 354) Seu conselho a quem quiser beneficiar a própria língua é que “deixe o trabalho de traduzir, principalmente os poetas, àqueles que, de ideia laboriosa e pouco proveitosa, ainda ousou dizer inútil, e até pernicioso para o crescimento da sua língua” (p. 355).

Para enriquecer o francês, Du Bellay prefere a apropriação, ou imitação criativa, que, segundo ele, é mais do que a simples transladação do conteúdo de uma língua a outra. Para tanto, ele argumenta que, se os romanos foram bem sucedidos imitando os gregos, os franceses poderão obter ainda mais sucesso, pois podem imitar, além dos gregos, também os romanos, “convertendo-os em sangue e alimento” (p. 355).

O autor concebe a imitação (*imitatio*), na poesia, com sentido progressivo e renovador, seguindo o pensamento de alguns humanistas italianos, como Petarca e Poliziano, que, contra os ciceronianos radicais, defendiam uma imitação criadora com base em todos os melhores autores latinos, cujas obras deviam ser assimiladas pelos poetas e tornar-se “carne própria” (HOLGADO REDONDO, 1991).

Mesmo nas traduções voltadas aos conhecimentos gerais, Du Bellay considera que o tradutor deve sempre aproveitar a ocasião para investir na melhoria da própria língua: “[...] que o sábio trasladador tenha mais o ofício de parafraseador que de tradutor, esforçando-se para dar a todas as ciências que quiser tratar o ornamento e a luz da sua língua” (p. 364).

A linguagem que traduzia obras de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, filosofia e ciências, já estava apta para este fim, enquanto que a linguagem poética precisava ser cuidadosamente reelaborada. Por isso, para Du Bellay, os poetas franceses não deviam gastar tempo traduzindo os clássicos, mas imitando-os no que estes possuíam de melhor, para então comporem novas obras na própria língua. A tradução artística seria, desse modo, uma tradução das atitudes do autor e não uma mera transladação das suas ideias.

Em linhas gerais, todas as ideias de Du Bellay neste texto convergem para o seu objetivo principal, que é a *illustration* (enriquecimento e exaltação) da língua francesa. É esta a proposta que move seu discurso, inclusive quando ele trata da tradução, a respeito da qual às vezes parece adotar pontos de vista contraditórios. Todo o seu esforço está muito bem organizado no sentido de construir uma literatura em língua francesa, o que envolve um renovado conceito de “arte” como algo mais elaborado do que uma simples técnica de compor uma gramática ou uma obra de cunho pragmático. Por este motivo, a sua atenção estaria voltada aos poetas, que deviam, através de seu arbítrio, unir sua genialidade à técnica, para então criar os monumentos literários que dariam à França o prestígio e o poder cultural já alcançado por Grécia e Roma, bem como pelos italianos.

**Defense et illustration de la
langue française (1549)**

**Chapitre premier: De l'origine
des langues**

Si la Nature (dont quelque personnage de grande renommée non sans raison a douté, si on la devait appeler mère ou marâtre) eût donné aux hommes un commun vouloir et consentement, outre les innumérables commodités qui en fussent procédées, l'inconstance humaine n'eût eu besoin de se forger tant de manières de parler. Laquelle diversité et confusion se peut à bon droit appeler la tour de Babel. Donc les langues ne sont nées d'elles-mêmes en façon d'herbes, racines et arbres, les unes infirmes et débiles en leurs espèces, les autres saines et robustes, et plus aptes à porter le faix des

**Defesa e ilustração da língua
francesa**

**Primeiro capítulo: Sobre a
origem das línguas**

Se a Natureza (da qual certo personagem renomado, não sem razão, duvidou se devíamos chamá-la de mãe ou de madrastra) tivesse dado aos homens vontade e consentimento comuns, além de inumeráveis comodidades para que fossem executadas, a inconstância humana não teria tido necessidade de imaginar tantos modos de falar. Esta diversidade e confusão pode ser devidamente chamada a torre de Babel. Então, as línguas não nasceram por si mesmas ao modo de ervas, raízes e árvores, umas fracas e débeis na sua espécie, outras sãs e robustas e mais aptas a carregar o fardo das concepções humanas; mas toda a sua virtude

conceptions humaines: mais toute leur vertu est née au monde du vouloir et arbitre des mortels. Cela (ce me semble) est une grande raison pourquoi on ne doit ainsi louer une langue et blâmer l'autre: vu qu'elles viennent toutes d'une même source et origine, c'est la fantaisie des hommes, et ont été formées d'un même jugement, à une même fin: c'est pour signifier entre nous les conceptions et intelligences de l'esprit. Il est vrai que, par succession de temps, les unes, pour avoir été plus curieusement réglées, sont devenues plus riches que les autres ; mais cela ne se doit attribuer à la félicité desdites langues, mais au seul artifice et industrie des hommes. Ainsi donc toutes les choses que la nature a créées, tous les arts et sciences, en toutes les quatre parties du monde, sont chacune endroit soi une même chose ; mais, pour ce que les hommes sont de divers vouloir, ils en parlent et écrivent diversement. A ce propos je ne puis assez blâmer la sottise arrogante et témérité d'aucuns de notre nation, qui, n'étant rien moins que Grecs ou Latins, déprisent et rejettent d'un sourcil plus que stoïque toutes choses écrites en français, et ne me puis assez émerveiller de l'étrange opinion d'aucuns savants, qui pensent que notre vulgaire soit

veio ao mundo pela vontade e pelo arbítrio dos mortais. Isso me parece que é um grande motivo para louvarmos uma língua e censurarmos a outra, visto que todas elas vêm de uma mesma fonte e origem, isto é, da imaginação dos homens; e formaram-se de um mesmo juízo, com um mesmo fim, para significar entre nós as concepções e inteligências do espírito. É verdade que, pela sucessão dos tempos, umas, por terem sido mais cuidadosamente regradadas, tornaram-se mais ricas do que outras, mas isso não se deve atribuir à sorte das referidas línguas e sim à habilidade e à indústria dos homens. Assim, pois, todas as coisas que a natureza criou, todas as artes e ciências, nas quatro partes do mundo, são, cada uma por si, uma mesma coisa; mas, porque os homens são de diverso querer, eles falam-nas e escrevem-nas diversamente. A propósito disso, eu não posso censurar muito a estúpida arrogância e a temeridade de alguns de nossa nação, que não sendo nada menos do que os gregos ou os latinos, desprezam e rejeitam com austeridade todas as coisas escritas em francês; e nem posso me admirar muito da estranha opinião de alguns intelectuais, que pensam que o nosso vernáculo seja incapaz de

incapable de toutes bonnes lettres et érudition, comme si une invention, pour le langage seulement, devait être jugée bonne ou mauvaise. A ceux-là je n'ai entrepris de satisfaire. A ceux-ci je veux bien, s'il m'est possible, faire changer d'opinion par quelques raisons que brièvement j'espère déduire, non que je me sente plus clairvoyant en cela, ou autres choses qu'ils ne sont, mais pour ce que l'affection qu'ils portent aux langues étrangères ne permet qu'ils veuillent faire sain et entier jugement de leur vulgaire.

Chapitre II: Que la langue française ne doit être nommée barbare

Pour commencer donc à entrer en matière, quant à la signification de ce mot: Barbares anciennement étaient nommés ceux qui ineptement parlaient grec. Car comme les étrangers venant à Athènes s'efforçaient de parler grec, ils tombaient souvent en cette voix absurde. Depuis, les Grecs transportèrent ce nom aux moeurs brutaux et cruels, appelant toutes nations, hors la Grèce, barbares. Ce qui ne doit en rien diminuer l'excellence de notre langue, vu que cette arrogance grecque, admiratrice seulement de ses inventions, n'avait loi ni privilège de légitimer ainsi sa

todas as boas letras e erudição, como se uma invenção para a linguagem devesse somente ser julgada boa ou má. A aqueles eu não tentei satisfazer; a estes eu quero muito, se me for possível, fazer mudar de opinião por algumas razões, que brevemente espero deduzir: não que eu me ache mais inteligente percebendo isto ou outras coisas que eles não veem, mas porque a afeição que eles têm pelas línguas estrangeiras não permite que façam um julgamento são e completo do seu vernáculo.

Capítulo II: A Língua francesa não deve ser chamada de bárbara.

Para começar, então, a entrar no assunto, quanto à significação desta palavra “bárbaro”: Bárbaros antigamente eram chamados aqueles que falavam grego ineptamente. Porque como os estrangeiros que chegavam à Atenas esforçavam-se para falar grego, caíam frequentemente neste vocábulo absurdo, bárbaros. Depois os gregos transportaram este nome aos costumes brutais e cruéis, chamando de bárbaras todas as nações fora da Grécia; o que não deve diminuir em nada a excelência da nossa língua, visto que esta arrogância grega, admiradora somente de suas invenções, não tinha o direito nem

nation et abâtardir les autres, comme Anacharsis disait que les Scythes étaient barbares entre les Athéniens, mais les Athéniens aussi entre les Scythes. Et quand la barbarie des mœurs de nos ancêtres eut dû les mouvoir à nous appeler barbares, si est-ce que je ne vois point pourquoi on nous doive maintenant estimer tels, vu qu'en civilité de mœurs, équité de lois, magnanimité de courages, bref, en toutes formes et manières de vivre non moins louables que profitables, nous ne sommes rien moins qu'eux; mais bien plus, vu qu'ils sont tels maintenant, que nous les pouvons justement appeler par le nom qu'ils ont donné aux autres. Encore moins doit avoir lieu de ce que les Romains nous ont appelés barbares, vu leur ambition et insatiable faim de gloire, qui tâchaient non seulement à subjuguier, mais à rendre toutes autres nations viles et abjectes auprès d'eux, principalement les Gaulois, dont ils ont reçu plus de honte et dommage que des autres. A ce propos, songeant beaucoup de fois d'où vient que les gestes du peuple romain sont tant célébrés de tout le monde, voire de si long intervalle préférés à ceux de toutes les autres nations ensemble, je ne trouve point plus grande raison

o privilégio de legitimar assim sua nação, e abastardar as outras, como Anacársis¹¹⁰ dizia que os citas eram bárbaros entre os atenienses, mas os atenienses também entre os citas. E quanto à barbárie dos costumes dos nossos ancestrais que deve tê-los levado a nos chamar de bárbaros, não vejo por que devemos agora estimá-los, visto que em civilidade de costumes, equidade de leis, magnanimidade de coragem, enfim, em todas as formas e maneiras de viver, não menos louváveis do que proveitosas, nós não somos nada menos do que eles, mas muito mais, pois eles agora são tais, que podemos chamá-los justamente pelo nome que eles deram aos outros. Ainda menos deve haver lugar o fato de que os romanos nos chamaram de bárbaros, visto sua ambição e insaciável fome de glória, que mancham não somente por subjugar, mas por tornar todos os outros povos vis e abjetos perto deles, principalmente os gauleses, dos quais eles receberam mais vergonha e dano que dos outros. A propósito disso, pensando muitas vezes de onde vêm que os feitos do povo romano sejam tão celebrados por todo o mundo, há tanto tempo preferidos aos de todas as outras nações juntas, não encontro maior razão do que esta: é que os

110 Anacársis, filósofo cita do século VI a.C.

que celle-ci: c'est que les Romains ont eu si grande multitude d'écrivains, que la plupart de leurs gestes (pour ne pas dire pis) par l'espace de tant d'années, ardeur de batailles, vastité d'Italie, incursions d'étrangers, s'est conservée entière jusques à notre temps. Au contraire, les faits des autres nations, singulièrement des Gaulois, avant qu'ils tombassent en la puissance des Français, et les faits des Français mêmes depuis qu'ils ont donné leur nom aux Gaules, ont été si mal recueillis, que nous en avons quasi perdu non seulement la gloire, mais la mémoire. A quoi a bien aidé l'envie des Romains, qui, comme par une certaine conjuration conspirant contre nous, ont exténué en tout ce qu'ils ont pu nos louanges belliques, dont ils ne pouvaient endurer la clarté: et non seulement nous ont fait tort en cela, mais, pour nous rendre encore plus odieux et contemptibles, nous ont appelés brutaux, cruels et barbares. Quelqu'un dira: pourquoi ont-ils exempté les Grecs de ce nom? Parce qu'ils se fussent fait plus grand tort qu'aux Grecs mêmes, dont ils avaient emprunté tout ce qu'ils avaient de bon, au moins quant aux sciences et illustration de leur langue. Ces raisons me semblent suffisantes de faire entendre à tout équitable

romanos tiveram tão grande quantidade de escritores, que a maior parte dos seus feitos (para não dizer a pior), pelo espaço de tantos anos, como ardor de batalhas, vastidão da Itália, incursões de estrangeiros, conservou-se inteira até a nossa época. Ao contrário, os feitos dos outros povos, particularmente os gauleses, antes que caíssem no poder dos franceses, e os feitos dos próprios franceses, depois que eles deram o seu nome às Gálias, foram tão mal guardados, que por isso nós quase perdemos não só a glória, mas a memória. O que ajudou a inveja dos romanos, que, como por alguma conjuração, conspirando contra nós, extenuaram em tudo o que puderam os nossos louvores bélicos, dos quais eles não poderiam suportar o brilho. E não só nos derrotaram nisso, mas, para nos tornar ainda mais odiosos e desprezíveis, nos chamaram de brutos, cruéis e bárbaros. Alguém perguntará: por que eles isentaram os gregos deste nome? Porque eles se causaram mais prejuízo do que aos próprios gregos, dos quais tomaram emprestado tudo o que eles tinham bom, ao menos no que diz respeito às ciências e à ilustração da sua língua. Estas razões parecem suficientes para fazer entender qualquer estimador justo das coisas, que a nossa língua

estimeur des choses, que notre langue (pour avoir été nommée barbare, ou de nos ennemis ou de ceux qui n'avaient loi de nous bailler ce nom) ne doit pourtant être déprisée, même de ceux auxquels elle est propre et naturelle, et qui en rien ne sont moindres que les Grecs et Romains.

Chapitre III: Pourquoi la langue française n'est si riche que la grecque et latine

Et si notre langue n'est si copieuse et riche que la grecque ou latine, cela ne doit être imputé au défaut d'icelle, comme si d'elle-même elle ne pouvait jamais être sinon pauvre et stérile: mais bien on le doit attribuer à l'ignorance de nos majeurs, qui, ayant (comme dit quelqu'un, parlant des anciens Romains) en plus grande recommandation le bien faire, que le bien dire, et mieux aimant laisser à leur postérité les exemples de vertu que des préceptes, se sont privés de la gloire de leurs bienfaits, et nous du fruit de l'imitation d'iceux: et par même moyen nous ont laissé notre langue si pauvre et nue qu'elle a besoin des ornements, et (s'il faut ainsi parler) des plumes d'autrui. Mais qui voudrait dire que la grecque et romaine eussent toujours été en l'excellence qu'on

(por ter sido chamada de bárbara, ou pelos nossos inimigos ou por aqueles que não tinham o direito de nos bocejar este nome) não deve, contudo, ser desprezada, mesmo por aqueles aos quais ela é própria e natural, e que não são nada menores do que os gregos e os romanos.

Capítulo III: Por que a língua francesa não é tão rica quanto a grega e a latina.

E se a nossa língua não é tão copiosa e rica como o grego ou latim, isso não deve ser considerado falha dela, como se, por si só, ela nunca pudesse ser senão pobre e estéril; mas é devido à ignorância dos nossos antepassados, que, tendo (como alguém disse, falando dos antigos romanos) em maior recomendação o bem fazer do que o bem dizer; e desejando deixar para a posteridade mais os exemplos de virtude do que os preceitos, privaram-se da glória de seus benefícios e nós do fruto da imitação deles. E pelos mesmos meios deixaram a nossa língua tão pobre e nua que ela precisa de ornamentos, e (se é preciso assim dizer) das penas alheias. Mas quem ousaria dizer que as línguas grega e romana sempre tiveram a excelência que nós vimos no tempo de Homero e de

les a vues du temps d'Homère et de Démosthène, de Virgile et de Cicéron? et si ces auteurs eussent jugé que jamais, pour quelque diligence et culture qu'on y eût pu faire, elles n'eussent su produire plus grand fruit, se fussent-ils tant efforcés de les mettre au point où nous les voyons maintenant? Ainsi puis-je dire de notre langue, qui commence encore à fleurir sans fructifier, ou plutôt, comme une plante et vergette, n'a point encore fleuri, tant s'en faut qu'elle ait apporté tout le fruit qu'elle pourrait bien produire. Cela certainement non pour le défaut de la nature d'elle, aussi apte à engendrer que les autres, mais pour la coulepe de ceux qui l'ont eue en garde, et ne l'ont cultivée à suffisance, mais comme une plante sauvage, en celui même désert où elle avait commencé à naître, sans jamais l'arroser, la tailler, ni défendre des ronces et épines qui lui faisaient ombre, l'ont laissée vieillir et quasi mourir. Que si les anciens Romains eussent été aussi négligents à la culture de leur langue, quand premièrement elle commença à pulluler, pour certain en si peu de temps elle ne fût devenue si grande. Mais eux, en guise de bons agriculteurs, l'ont premièrement transmuée d'un lieu sauvage en un domestique ; puis afin que plus tôt et mieux elle pût

Demóstenes, de Virgílio e de Cícero? E se estes autores tivessem julgado que nunca, por mais zelo e cultura que investissem, elas conseguiriam produzir frutos maiores, teriam eles se esforçado para colocá-las ao ponto onde nós as colocamos agora? Assim posso dizer da nossa língua, que já começa a florir sem frutificar, ou melhor, como uma planta tênue, ainda não florida, à qual falta muito para que dê todo o fruto que possa produzir. Isto certamente não por falha da natureza dela, tão apta quanto as outras a engendrar, mas pela culpa daqueles que a tinham sob cuidado, e não a cultivaram o suficiente. Assim como uma planta selvagem, no mesmo deserto onde começou a nascer, sem jamais regá-la, podá-la, nem defendê-la das sarças e espinhos que lhe faziam sombra, deixaram-na envelhecer e quase morrer. Porque se os antigos romanos tivessem sido negligentes no cultivo da sua língua quando ela começou a brotar, por certo não se teria tornado tão grande em tão pouco tempo. Mas eles, ao modo de bons agricultores, primeiro mudaram-na de um lugar selvagem a um doméstico; depois, para que ela pudesse frutificar mais e melhor, cortaram os ramos inúteis ao seu redor, e no lugar deles preencheram com ramos íntegros e domesticados, magistralmente

fructifier, coupant à l'entour les inutiles rameaux, l'ont pour échange d'iceux restaurée de rameaux francs et domestiques, magistralement tirés de la langue grecque, lesquels soudainement se sont si bien entés et faits semblables à leur tronc, que désormais n'apparaissent plus adoptifs, mais naturels. De là sont nées en la langue latine ces fleurs et ces fruits colorés de cette grande éloquence, avec ces nombres et cette liaison si artificielle, toutes lesquelles choses, non tant de sa propre nature que par artifice, toute langue a coutume de produire. Donc si les Grecs et Romains, plus diligents à la culture de leurs langues que nous à celle de la nôtre, n'ont pu trouver en icelles, sinon avec grand labour et industrie, ni grâce, ni nombre, ni finalement aucune éloquence, nous devons nous émerveiller, si notre vulgaire n'est si riche comme il pourra bien être, et de là prendre occasion de le mépriser comme chose vile, et de petit prix. Le temps viendra (peut-être) et je l'espère moyennant la bonne destinée française que ce noble et puissant royaume obtiendra à son tour les rênes de la monarchie, et que notre langue (si avec François n'est du tout ensevelie la langue française) qui commence encore à jeter ses racines, sortira de terre, et

tirados da língua grega, os quais subitamente adaptaram-se tão bem e tornaram-se semelhantes ao seu tronco, que já não parecem mais adotivos, mas naturais. Dali nasceram na língua latina as flores e os frutos coloridos desta grande eloquência, com estes nomes e esta ligação tão artificial, todas aquelas coisas que, não tanto pela sua própria natureza como por habilidade, todas as línguas costumam produzir. Portanto, se os gregos e os romanos, mais atentos à cultura de suas línguas do que nós à da nossa, não puderam encontrar nelas, senão com grande labor e indústria, nem graça, nem nome, nem, finalmente, nenhuma eloquência, devemos nos surpreender se o nosso vernáculo não é tão rico como bem poderia ser, e aproveitar a ocasião para desprezá-lo como coisa vil e de baixo preço? Tempo virá, talvez, e eu espero, mediante o bom destino francês, que este nobre e poderoso reino obtenha por sua vez as rédeas da monarquia, e que a nossa língua (se com os franceses não estiver inteiramente sepultada a língua francesa) que já começa a firmar suas raízes, sairá da terra e se elevará em tal altura e espessura, que poderá igualar-se aos próprios gregos e romanos, produzindo, como eles, Homeros, Demóstenes, Virgílios e Cíceros, tão bem quanto a França algumas

s'éleva en telle hauteur et grosseur, qu'elle se pourra égaler aux mêmes Grecs et Romains, produisant comme eux des Homères, Démosthènes, Virgiles et Cicérons, aussi bien que la France a quelquefois produit des Périclès, Nicias, Alcibiades, Thémistocles, Césars et Scipions.

Chapitre IV: Que la langue française n'est si pauvre que beaucoup l'estiment

Je n'estime pourtant notre vulgaire, tel qu'il est maintenant, être si vil et abject, comme le font ces ambitieux admirateurs des langues grecque et latine, qui ne penseraient, et fussent-ils la même Pithô, déesse de persuasion, pouvoir rien dire de bon, si n'était en langage étranger et non entendu du vulgaire. Et qui voudra de bien près y regarder, trouvera que notre langue française n'est si pauvre qu'elle ne puisse rendre fidèlement ce qu'elle emprunte des autres ; si infertile qu'elle ne puisse produire de soi quelque fruit de bonne invention, au moyen de l'industrie et diligence des cultivateurs d'icelle, si quelques-uns se trouvent tant amis de leur pays et d'eux-mêmes qu'ils s'y veuillent employer. Mais à qui, après Dieu, rendrons-nous grâces d'un tel bénéfice, sinon à notre feu bon roi et père François premier

vezes produziu Péricles, Nicias, Alcebiades, Temístocles, Césares e Cipiões.

Capítulo IV: Que a língua francesa não é tão pobre quanto muitos a consideram.

Eu não considero, no entanto, que o nosso vernáculo, tal qual é agora, seja tão vil e desprezível, como o fazem os ambiciosos admiradores das línguas grega e latina, os quais não pensariam, e fariam o mesmo que Pito, deusa da persuasão, nada podendo dizer de bom, se não estivesse em língua estrangeira e não compreendida pelo vernáculo. E quem quiser olhar bem de perto achará que a nossa língua francesa não é tão pobre que não possa exprimir fielmente o que tomou emprestado das outras; tão estéril, que não possa produzir de seu algum fruto de boa invenção, por meio da indústria e zelo dos seus cultivadores, se alguns se acharem tão amigos do seu país e eles mesmos quiserem empregá-la. Mas a quem, depois de Deus, agradeceremos por tal benefício, senão a nosso falecido bom rei e pai Francisco, primeiro deste nome e de todas as virtudes? Eu digo primeiro, porque ele, em seu nobre governo, primeiramente restituiu todas as boas artes e ciências à sua antiga dignidade; e se a nossa língua, antes escabrosa e mal

de ce nom, et de toutes vertus? Je dis premier, d'autant qu'il a en son noble royaume premièrement restitué tous les bons arts et sciences en leur ancienne dignité : et si a notre langage, auparavant scabreux et mal poli, rendu élégant, et sinon tant copieux qu'il pourra bien être, pour le moins fidèle interprète de tous les autres. Et qu'ainsi soit, philosophes, historiens, médecins, poètes, orateurs grecs et latins, ont appris à parler français. Que dirai-je des Hébreux? Les saintes lettres donnent ample témoignage de ce que je dis. Je laisserai en cet endroit les superstitieuses raisons de ceux oui soutiennent que les mystères de la théologie ne doivent être découverts, et quasi comme profanés en langage vulgaire, et ce que vont alléguant ceux qui sont d'opinion contraire. Car cette disputation n'est propre à ce que j'ai entrepris, qui est seulement de montrer que notre langue n'a point eu à sa naissance les dieux et les astres si ennemis, qu'elle ne puisse un jour parvenir au point d'excellence et de perfection aussi bien que les autres, attendu que toutes sciences se peuvent fidèlement et copieusement traiter en icelle, comme on peut voir en si grand nombre de livres grecs et latins, voire bien italiens, espagnols et autres traduits en français par

polida, ele tornou elegante, e se não tão abundante, que ela possa ser ao menos fiel intérprete de todas as outras. E assim se confirma, filósofos, historiadores, médicos, poetas, oradores gregos e latinos aprenderam a falar francês. Que direi dos hebreus? As santas letras dão amplo testemunho do que eu disse. Eu deixarei aqui as supersticiosas razões dos que sustentam que os mistérios da teologia não devem ser revelados e quase como profanados em língua vulgar, e o que querem alegando os que são de opinião contrária; pois esta disputa não é própria ao que pretendi, que é somente mostrar que a nossa língua não teve no seu nascimento os deuses e os astros tão inimigos que não possa um dia chegar ao ponto de excelência e de perfeição, tanto quanto as outras, uma vez que todas as ciências podem fiel e copiosamente ser tratadas nela, como se pode ver em tão grande número de livros gregos e latinos, bem como italianos, espanhóis e outros, traduzidos em francês por muitas e excelentes penas do nosso tempo.

Capítulo V: Que as traduções não são suficientes para dar perfeição à língua francesa.

Entretanto, o tão louvável trabalho de traduzir não me parece o único

maintes excellentes plumes de notre temps.

Chapitre V: Que les traductions ne sont suffisantes pour donner perfection à la langue française

Toutefois ce tant louable labour de traduire ne me semble moyen unique et suffisant pour élever notre vulgaire à l'égal et parangon des autres plus fameuses langues. Ce que je prétends prouver si clairement, que nul n'y voudra (ce crois-je) contredire, s'il n'est manifeste calomniateur de la vérité. Et premier, c'est une chose accordée entre tous les meilleurs auteurs de rhétorique, qu'il y a cinq parties de bien dire: l'invention, l'élocution, la disposition, la mémoire et la prononciation. Or pour autant que ces deux dernières ne s'apprennent tant par le bénéfice des langues, comme elles sont données à chacun selon la félicité de sa nature, augmentées et entretenues par studieux exercice et continuelle diligence: pour autant aussi que la disposition gît plus en la discrétion et bon jugement de l'orateur qu'en certaines règles et préceptes, vu que les événements du temps, la circonstance des lieux, la condition des personnes et la diversité des occasions sont innumérables, je me contenterai de parler des deux premières, à

e suficiente meio de elevar o nosso vernáculo à igualdade e comparação com as outras línguas mais famosas. O que eu pretendo provar tão claramente, que ninguém queira (penso eu) contradizer, a não ser um óbvio caluniador da verdade. Em primeiro lugar, é algo consentido por todos os melhores autores de retórica que há cinco partes do bem dizer: a invenção, a elocução, a disposição, a memória e a pronúncia. Ora, sendo que as duas últimas não se aprendem muito para o benefício das línguas, pois que são dadas a cada um segundo o destino da sua natureza, aumentadas e mantidas pelo exercício atento e contínua diligência. Levando em conta que a disposição encontra-se mais no discernimento e bom juízo do orador que em certas regras e preceitos, visto que os acontecimentos do tempo, a circunstância dos lugares, a condição das pessoas e diversidade das ocasiões são inumeráveis, contentar-me-ei em falar sobre as duas primeiras, ou seja, a invenção e a elocução. O ofício do orador, então, é falar sobre cada coisa proposta, de forma elegante e copiosamente. Mas esta capacidade de falar bem de todas as coisas não pode ser adquirida senão pelo conhecimento perfeito das ciências, as quais foram

savoir de l'invention et de l'élocution. L'office donc de l'orateur est, de chaque chose proposée, élégamment et copieusement parler. Or cette faculté de parler ainsi de toutes choses ne se peut acquérir que par l'intelligence parfaite des sciences, lesquelles ont été premièrement traitées par les Grecs, et puis par les Romains imitateurs d'iceux. Il faut donc nécessairement que ces deux langues soient entendues de celui qui veut acquérir cette copie et richesse d'invention, première et principale pièce du harnais de l'orateur. Et quant à ce point, les fidèles traducteurs peuvent grandement servir et soulager ceux qui n'ont le moyen unique de vaquer aux langues étrangères. Mais quant à l'élocution, partie certes la plus difficile, et sans laquelle toutes autres choses restent comme inutiles et semblables à un glaive encore couvert de sa gaine, l'élocution (dis-je) par laquelle principalement un orateur est jugé plus excellent, et un genre de dire meilleur que l'autre: comme celle dont est appelée la même éloquence, et dont la vertu gît aux mots propres, usités, et non aliénés du commun usage de parler, aux métaphores, allégories, comparaisons, similitudes, énergie, et tant d'autres figures et ornements, sans lesquels toute

tratadas primeiro pelos gregos, e depois pelos romanos, seus imitadores. É necessário, portanto, que as duas línguas deles sejam entendidas por quem quer adquirir esta abundância e riqueza de invenção, primeira e principal peça do aparato do orador. E neste ponto, os fieis tradutores podem servir grandemente e auxiliar aos que não têm o único meio de se dedicarem às línguas estrangeiras. Mas, quanto à elocução, certamente a parte mais difícil e sem a qual todas as outras coisas ficam inúteis e semelhantes à uma espada ainda coberta por sua bainha, a elocução, eu digo, principalmente pela qual um orador é julgado mais excelente e um gênero de falar melhor do que o outro, como ela é chamada a própria eloquência e cuja virtude repousa nas palavras apropriadas, usadas e não alheias ao uso comum de falar, nas metáforas, alegorias, comparações, similitudes, energias, e tantas outras figuras e ornamentos, sem os quais toda oração e poema são nus, mancos e débeis, não creio jamais que se possa aprender bem pelos tradutores, porque é impossível trazê-las com a mesma graça que o autor usou-as; uma vez que cada língua tem um não sei quê, próprio somente dela, cuja novidade, se tentais exprimir em outra língua, observando a lei de traduzir, que é

oraison et poème sont nus, manqués et débiles; - je ne croirai jamais qu'on puisse bien apprendre tout cela des traducteurs, parce qu'il est impossible de le rendre avec la même grâce dont l'auteur en a usé : d'autant que chaque langue a je ne sais quoi propre seulement à elle, dont si vous efforcez exprimer le naïf dans une autre langue, observant la loi de traduire, qui est n'espacer point hors des limites de l'auteur, votre diction sera contrainte, froide et de mauvaise grâce. Et qu'ainsi soit, qu'on me lise un Démosthène et Homère latins, un Cicéron et Virgile français, pour voir s'ils vous engendreront telles affections, voire ainsi qu'un Protée vous transformeront en diverses sortes, comme vous sentez, lisant ces auteurs en leurs langues. Il vous semblera passer de l'ardente montagne d'AÉtné sur le froid sommet du Caucase. Et ce que je dis des langues latine et grecque se doit réciproquement dire de tous les vulgaires, dont j'alléguerai seulement un Pétrarque, duquel j'ose bien dire que, si Homère et Virgile renaissant avaient entrepris de le traduire, ils ne le pourraient rendre avec la même grâce et naïveté qu'il est en son vulgaire toscan. Toutefois quelques-uns de notre temps ont entrepris de le faire parler

não se afastar dos limites do autor, vossa expressão será contraída, fria e de má graça. E assim é, leiam um Demóstenes e um Homero latinos, um Cícero e um Virgílio franceses, para ver se eles vos engendrarão tais afeições, ainda que um Proteu vos transformasse em diversas formas, como vos sentis lendo estes autores em suas línguas, parecer-vos-á passar da ardente montanha do Etna ao frio sumo do Cáucaso. E o que eu disse das línguas latina e grega, deve-se reciprocamente dizer de todos os vernáculos, dos quais citarei somente o Petrarca, do qual eu ousou falar bem, porque se Homero e Virgílio renascessem e tentassem traduzi-lo, não o poderiam trazer com a mesma graça e naturalidade que está no seu vulgar toscano. No entanto, alguns do nosso tempo tentaram fazê-lo falar em francês. Eis brevemente as razões que me fizeram pensar que o ofício e o empenho dos tradutores, apesar de úteis para instruir os ignorantes das línguas estrangeiras no conhecimento das coisas, não é suficiente para dar à nossa esta perfeição, e como fazem os pintores nos seus quadros, esta última demão que desejamos. E se as razões que aleguei não parecerem tão fortes, apresentarei como meus fiadores e defensores os antigos autores romanos, principalmente poetas e oradores,

français. Voilà en bref les raisons qui m'ont fait penser que l'office et diligence des traducteurs autrement fort utiles pour instruire les ignorants des langues étrangères en la connaissance des choses, n'est suffisante pour donner à la nôtre cette perfection et, comme font les peintres à leurs tableaux, cette dernière main, que nous désirons. Et si les raisons que j'ai alléguées ne semblent assez fortes, je produirai, pour mes garants et défenseurs, les anciens auteurs romains, poètes principalement, et orateurs, lesquels (combien que Cicéron ait traduit quelques livres de Xénophon et d'Arate, et qu'Horace baille les préceptes de bien traduire) ont vaqué à cette partie plus pour leur étude, et profit particulier, que pour le publier à l'amplification de leur langue, à leur gloire et commodité d'autrui. Si aucuns ont vu quelques oeuvres de ce temps-là, sous titre de traduction, j'entends de Cicéron, de Virgile, et de ce bienheureux siècle d'Auguste, ils ne pourront démentir ce que je dis.

Chapitre VI: Des mauvais traducteurs, et de ne traduire les poètes

Mais que dirai-je d'aucuns,

os quais (ainda que Cícero tenha traduzido alguns livros de Xenofonte e de Arato, e que Horácio tenha dado os preceitos de bem traduzir) ocuparam-se desta parte mais para seu estudo e proveito particular do que para publicá-la em favor da ampliação da sua língua, pela sua glória e comodidade de outrem. Se alguém viu algumas obras daquele tempo, sob o título de tradução, quero dizer de Cícero, de Virgílio e do bem-aventurado século de Augusto, não poderá desmentir o que estou dizendo.

Capítulo VI: Sobre os maus tradutores e sobre não traduzir os poetas.

Mas que direi de alguns, realmente mais dignos de serem chamados de traidores do que tradutores? Visto que traem aqueles que pretendem expor, frustram-nos de sua glória, e pelo mesmo meio seduzem os leitores ignorantes, mostrando-lhes o branco pelo preto; os que, para adquirirem o nome de sábios, traduzem a crédito línguas como a hebraica e a grega, das quais jamais entenderam os primeiros elementos¹¹¹; e ainda para melhor se dar valor, tomam os poetas, gênero de autores aos quais eu certamente me dirigiria bem

111 Referência a Clément Marot, que ignorava o grego.

vraiment mieux dignes d'être appelés traditeurs, que traducteurs? vu qu'ils trahissent ceux qu'ils entreprennent exposer, les frustrant de leur gloire, et par même moyen séduisent les lecteurs ignorants, leur montrant le blanc pour le noir: qui, pour acquérir le nom de savants, traduisent à crédit les langues, dont jamais ils n'ont entendu les premiers éléments, comme l'hébraïque et la grecque : et encore pour mieux se faire valoir, se prennent aux poètes, genre d'auteurs certes auquel si je savais, ou voulais traduire, je m'adresserais aussi peu, à cause de cette divinité d'invention, qu'ils ont plus que les autres, de cette grandeur de style, magnificence de mots, gravité de sentences, audace et variété de figures, et mille autres lumières de poésie: bref cette énergie, et ne sais quel esprit, qui est en leurs écrits, que les Latins appelleraient. Toutes lesquelles choses se peuvent autant exprimer en traduisant, comme un peintre peut représenter l'âme avec le corps de celui qu'il entreprend tirer après le naturel. Ce que je dis ne s'adresse pas à ceux qui, par le commandement des princes et grands seigneurs, traduisent les plus fameux poètes grecs et latins: parce que l'obéissance qu'on doit à tels personnages ne reçoit aucune

pouco, se soubesse ou quisesse traduir, por causa desta divindade de invenção, que eles têm mais do que os outros, desta grandeza de estilo, magnificência de palavras, gravidade de sentenças, audácia e variedade de figuras, e mil outras luzes de poesia, enfim esta energia, e não sei qual espírito, que está em seus escritos, que os latinos chamariam *Genius*. Todas aquelas coisas podem se exprimir igualmente traduzindo, como um pintor pode representar a alma com o corpo de quem reproduz a partir da natureza. O que eu digo não se dirige a aqueles que, por ordem dos príncipes e grandes senhores, traduzem os mais famosos poetas gregos e latinos, porque a obediência que se deve a tais personagens não permite nenhuma escusa. Mas pretendo falar aos que por vontade própria (como se diz) empreendem tais coisas levianamente, e executam-nas. Ó Apolo! Ó Musas! profanar assim as sagradas relíquias da antiguidade! Mas não direi mais nada sobre isso. Então, quem quiser fazer obra digna de valor em seu vernáculo, deixe o trabalho de traduzir, principalmente os poetas, àqueles que, de ideia laboriosa e pouco proveitosa, ainda ousou dizer inútil, e até pernicioso para o crescimento da sua língua, adquirem legitimamente mais aborrecimento do que glória.

excuse en cet endroit : mais bien j'entends parler à ceux qui, de gaîté de coeur (comme on dit), entreprennent telles choses légèrement et s'en acquittent de même. O Apollon ! ô Muses! profaner ainsi les sacrées reliques de l'antiquité! Mais je n'en dirai autre chose. Celui donc qui voudra faire oeuvre digne de prix en son vulgaire, laisse ce labeur de traduire, principalement les poètes, à ceux qui de chose laborieuse et peu profitable, j'ose dire encore inutile, voire pernicieuse à l'accroissement de leur langue, emportent à bon droit plus de modestie que de gloire.

Chapitre VII: Comment les Romains ont enrichi leur langue

Si les Romains (dira quelqu'un) n'ont vaqué à ce labeur de traduction, par quels moyens donc ont-ils pu ainsi enrichir leur langue, voire jusques à l'égaliser quasi à la grecque ? Imitant les meilleurs auteurs grecs, se transformant en eux, les dévorant; et, après les avoir bien digérés, les convertissant en sang et nourriture: se proposant, chacun selon son naturel et l'argument qu'il voulait élire, le meilleur auteur, dont ils observaient

Capítulo VII: Como os romanos enriqueceram a sua língua.

Se os romanos (alguém dirá) não se deram ao trabalho da tradução, por quais meios então eles puderam enriquecer a sua língua, a ponto de quase a igualar à grega? Imitando os melhores autores gregos, transformando-se neles, devorando-os; e, depois de tê-los digerido bem, convertendo-os em sangue e alimento; escolhendo, cada um conforme a sua natureza e o assunto que gostaria, o melhor autor, observando atentamente todas as mais raras e distintas virtudes; inserindo-as e aplicando-as à sua língua como enxertos, conforme eu disse antes. Faziam isso (digo), os romanos construíram todos os belos escritos que louvamos e admiramos tanto, ora igualando-os a alguns dos deles, ora preferindo-os aos dos gregos. E sobre o que estou dizendo constituem boa prova Cícero e Virgílio, que de bom grado e por honra eu sempre menciono na língua latina, um dos quais se entregou inteiramente à imitação dos gregos, reproduziu e exprimiu tão vivamente a abundância de Platão, a veemência de Demóstenes, e a alegre suavidade de Isócrates; que Mólón

diligemment toutes les plus rares et exquises vertus, et icelles comme greffes, ainsi que j'ai dit devant, entaient et appliquaient à leur langue. Cela fait (dis-je), les Romains ont bâti tous ces beaux écrits que nous louons et admirons si fort: égalant ores quelqu'un d'iceux, ores le préférant aux Grecs. Et de ce que je dis font bonne preuve Cicéron et Virgile, que volontiers et par honneur je nomme toujours en la langue latine, desquels comme l'un se fut entièrement adonné à l'imitation des Grecs, contrefit et exprima si au vif la copie de Platon, la véhémence de Démosthène et la joyeuse douceur d'Isocrate, que Molon Rhodian l'oyant quelquefois déclamer, s'écria qu'il emportait l'éloquence grecque à Rome. L'autre imita si bien Homère, Hesiodé et Théocrite, que depuis on a dit de lui, que de ces trois il a surmonté l'un, égalé l'autre, et approché si près de l'autre, que si la félicité des arguments qu'ils ont traités eût été pareille, la palme serait bien douteuse. Je vous demande donc vous autres, qui ne vous employez qu'aux translations, si ces tant fameux auteurs se fussent amusés à traduire, eussent-ils élevé leur langue à l'excellence et hauteur où nous la voyons maintenant ? Ne

de Rodes¹¹², certa vez, ouvindo-o declamar, exclamou que ele estava trazendo a eloquência grega para Roma. O outro imitou tão bem Homero, Hesíodo e Teócrito, que depois se disse que ele, destes três, superou um, igualou o outro, e chegou tão perto do último, que se o êxito dos assuntos que eles trataram estivesse igual, a palma seria bem duvidosa. Pergunto, então, a vós que não vos dedicais senão às translações, se estes autores tão famosos tivessem se distraído traduzindo, teriam elevado a sua língua à excelência e altura em que a vemos agora? Não penseis, portanto, que, ao empregardes alguma dedicação e indústria neste sentido, fareis tanto que a nossa língua, ainda rastejante, possa erguer a cabeça e se elevar sobre os pés.

Capítulo VIII: Sobre ampliar a língua francesa pela imitação dos antigos autores gregos e romanos

Convém então a quem quiser enriquecer a sua língua, que escreva pela imitação dos melhores autores gregos e latinos, e pelas maiores virtudes deles guie o seu estilo, como a um certo objetivo, pois, não há dúvida de que a maior parte da habilidade esteja contida na imitação; e assim tudo o que fez mais louvável aos antigos de bem

112 Retor grego que viveu no século I a.C.

pensez donc, quelque diligence et industrie que vous puissiez mettre en cet endroit, faire tant que notre langue, encore rampante à terre, puisse hausser la tête et s'élever sur pieds.

Chapitre VIII: D'amplifier la langue française par l'imitation des anciens auteurs grecs et romains

Se compose donc celui qui voudra enrichir sa langue, à l'imitation des meilleurs auteurs grecs et latins, et à toutes leurs plus grandes vertus, comme à un certain but, dirige la pointe de son style; car il n'y a point de doute que la plus grande part de l'artifice ne soit contenue en l'imitation: et tout ainsi que ce fut le plus louable aux anciens de bien inventer, aussi est-ce le plus utile de bien imiter, même à ceux dont la langue n'est encore bien copieuse et riche. Mais entendez celui qui voudra imiter, que ce n'est chose facile de bien suivre les vertus d'un bon auteur, et quasi comme se transformer en lui, vu que la nature même aux choses qui paraissent très semblables, n'a su tant faire, que par quelque note et différence elles ne puissent être discernées. Je dis ceci parce qu'il y en a beaucoup en toutes langues qui, sans pénétrer aux plus cachées et intérieures parties de

inventar, assim é o mais útil de bem imitar, mesmo aos que cuja língua ainda não é muito abundante e rica. Mas, quem quiser imitar, entenda que não é coisa fácil seguir bem as virtudes de um bom autor e quase se transformar nele, visto que a própria natureza não soube fazer as coisas tão parecidas e muito semelhantes, que por alguma nota e diferença elas não pudessem ser discernidas. Eu digo isso, aqui, porque, em todas as línguas há muitos que, sem penetrar nas partes mais escondidas e interiores do autor que tomaram, adaptam-se somente à primeira vista, e desfrutam da beleza das palavras, perdendo a força das ideias. E por certo, como não é algo vicioso, mas grandemente louvável, tomar emprestado de uma língua estrangeira as sentenças e as palavras e apropriá-las à sua, também é algo para ser grandemente retomado, mesmo que odioso ao leitor de natureza liberal ver em uma mesma língua tal imitação, como aquelas próprias de alguns letrados, que se julgam os melhores quanto mais se parecem com um Heroet ou um Marot. Eu te aconselho, então, (ó tu, que desejas o enriquecimento da tua língua e queres ser excelente nela) de não imitar sem discernimento, como disse alguém há não muito tempo, os mais

l'auteur qu'ils se sont proposé, s'adaptent seulement au premier regard, et s'amusant à la beauté des mots, perdent la force des choses. Et certes, comme ce n'est point chose vicieuse, mais grandement louable, emprunter d'une langue étrangère les sentences et les mots, et les approprier à la sienne : aussi est-ce chose grandement à reprendre, voire odieuse à tout lecteur de libérale nature, voir en une même langue une telle imitation, comme celle d'aucuns savants mêmes, qui s'estiment être des meilleurs quand plus ils ressemblent un Heroët ou un Marot. Je t'admoneste donc (ô toi qui désires l'accroissement de ta langue et veux exceller en icelle) de non imiter à pied levé, comme naguères a dit quelqu'un, les plus fameux auteurs d'icelle, ainsi que font ordinairement la plupart de nos poètes français, chose certes autant vicieuse comme de nul profit à notre vulgaire: vu que ce n'est autre chose (ô grande libéralité!) sinon de lui donner ce qui était à lui. Je voudrais bien que notre langue fût si riche d'exemples domestiques, que n'eussions besoin d'avoir recours aux étrangers. Mais si Virgile et Cicéron se fussent contentés

famosos autores dela, ainda que usualmente a maior parte de nossos poetas franceses o façam, coisa certamente também viciosa, de nenhum proveito ao nosso vernáculo, visto que isso não é outra coisa (ô grande liberalidade!) senão lhe dar o que está nele. Eu gostaria muito que a nossa língua fosse tão rica de exemplos domésticos que não precisássemos recorrer aos estrangeiros. Mas se Virgílio e Cícero tivessem se contentado em imitar os da sua língua, que teriam os latinos além de Ênio ou Lucrécio, além de Crasso ou Antônio?

Capítulo IX: Respostas à algumas objeções

Depois de ter, o mais sucintamente que me foi possível, aberto o caminho aos que desejam a ampliação da nossa língua, parece-me bom e necessário responder aos que a consideram bárbara e irregular, incapaz da elegância e copiosidade que há na grega e na romana, visto que, dizem eles, ela não tem suas declinações, seus pés e seus números¹¹³, como as outras duas línguas. Não quero invocar, neste ponto (bem que eu poderia fazê-lo sem pudor), a simplicidade dos nossos antepassados, que se contentaram em exprimir suas

113 Referência ao número oratório, ou ritmo, que nas línguas clássicas é dado pela combinação das sílabas longas e breves.

d'imiter ceux de leur langue, qu'auraient les Latins outre Ennie ou Lucrèce, outre Crasse ou Antoine ?

Chapitre IX: Réponses à quelques objections

Après avoir, le plus succinctement qu'il m'a été possible, ouvert le chemin à ceux qui désirent l'amplification de notre langue, il me semble bon et nécessaire de répondre à ceux qui l'estiment barbare et irrégulière, incapable de cette élégance et copie, qui est en la grecque et romaine: d'autant (disent-ils) qu'elle n'a ses déclinaisons, ses pieds et ses nombres, comme ces deux autres langues. Je ne veux alléguer en cet endroit (bien que je le pusse faire sans honte) la simplicité de nos majeurs, qui se sont contentés d'exprimer leurs conceptions avec paroles nues, sans art et ornement : non imitant la curieuse diligence des Grecs, auxquels la Muse avait donné la bouche ronde (comme dit quelqu'un), c'est-à-dire parfaite en toute élégance et vénusté de paroles: comme depuis aux Romains imitateurs des Grecs. Mais je dirai bien que notre langue n'est tant irrégulière qu'on voudrait bien dire: vu qu'elle se décline, sinon par les noms, pronoms et participes, pour le moins par les verbes, en tous leurs

concepções com palavras nuas, sem arte e sem ornamento, não imitando a cuidadosa diligência dos gregos, aos quais a Musa havia dado a boca redonda (como se diz), isto é, perfeita em toda a elegância e formosura de palavras, bem como depois aos romanos, imitadores dos gregos. Mas direi que a nossa língua não é tão irregular quanto se costuma dizer, visto que ela se declina, senão pelos nomes, pronomes, e participios, ao menos pelos verbos, em todos os seus tempos, modos e pessoas. E se ela não é tão cuidadosamente regrada, ou muito mais articulada e unida em suas outras partes, também não tem tantos heteróclitos e anômalos, monstros estranhos da grega e da latina. Quanto aos pés e aos números, eu falarei no segundo Livro, em que os compensamos. E, certamente (como diz um grande autor de retórica, falando do êxito que tinham os gregos na composição de suas palavras), eu não acho que tais coisas se façam pela natureza das referidas línguas, mas porque nós sempre favorecemos as estrangeiras. Quem impediu nossos antepassados de variar todas as partes declináveis, de alongar uma sílaba e abreviar a outra, e de mover céus e terra? E quem impedirá nossos sucessores de observar tais coisas, se alguns sábios, e não menos engenhosos

temps, modes et personnes. Et si elle n'est si curieusement réglée, ou plutôt liée et gênée en ses autres parties, aussi n'a-t-elle point tant d'hétéroclites et anormaux monstres étranges que la grecque et latine. Quant aux pieds et aux nombres, je dirai au second livre en quoi nous les récompensons. Et certes (comme dit un grand auteur de rhétorique, parlant de la félicité qu'ont les Grecs en la composition de leurs mots) je ne pense que telles choses se fassent par la nature desdites langues, mais nous favorisons toujours les étrangers. Qui eût gardé nos ancêtres de varier toutes les parties déclinales, d'allonger une syllabe et accourir l'autre, et en faire des pieds ou des mains ? et qui gardera nos successeurs d'observer telles choses, si quelques savants et non moins ingénieux de cet âge entreprennent de les réduire en art, comme Cicéron promettait de faire au droit civil: chose qui à quelques-uns a semblé impossible, aux autres non. Il ne faut point ici alléguer l'excellence de l'antiquité, et comme Homère se plaignait que de son temps les corps étaient trop petits, dire que les esprits modernes ne sont à comparer aux anciens. L'architecture, l'art du navigage et autres inventions antiques certainement sont admirables, non, toutefois, si on regarde à la nécessité mère des

desta época, tomarem a iniciativa de as reduzirem em arte? como Cícero prometia fazer ao direito civil, algo que parecia impossível para alguns, e para outros não. Não é preciso aqui citar a excelência da antiguidade e, como Homero se queixava de que os corações dos seus contemporâneos estavam muito pequenos, dizer que os espíritos modernos não se comparam aos antigos. A arquitetura, a arte da navegação e outras invenções antigas certamente são admiráveis, todavia, não se observarmos a necessidade, mãe das artes, tão grandes que devemos agradecer aos ceus e à natureza por lhes ter dado toda sua virtude, vigor e indústria. Não produzirei provas do que digo; a imprensa, irmã das Musas e décima delas, e este não menos admirável do que pernicioso raio da artilharia, com tantas outras invenções não antigas, que mostram realmente que, pelo longo curso dos séculos, os espíritos dos homens não são tão degenerados quanto gostaríamos de dizer. Estou dizendo somente que não é impossível que a nossa língua venha a receber algumas vezes este ornamento e artifício, tão caro aos gregos e aos romanos. Quanto ao som e não sei qual suavidade natural (como eles dizem) que há nas suas línguas, não acho que o

arts, du tout si grandes qu'on doive estimer les cieux et la nature y avoir dépendu toute leur vertu, vigueur et industrie. Je ne produirai, pour témoins de ce que je dis, l'Imprimerie, soeur des Muses et dixième d'elles, et cette non moins admirable que pernicieuse foudre d'artillerie, avec tant d'autres non antiques inventions qui montrent véritablement que, par le long cours des siècles, les esprits des hommes ne sont point si abâtardis qu'on voudrait bien dire: je dis seulement qu'il n'est pas impossible que notre langue puisse recevoir quelquefois cet ornement et artifice, aussi curieux qu'il est aux Grecs et Romains. Quant au son, et je ne sais quelle naturelle douceur (comme ils disent) qui est en leurs langues, je ne vois point que nous l'ayons moindre, au jugement des plus délicates oreilles. Il est bien vrai que nous usons du prescript de nature, qui pour parler nous a seulement donné la langue. Nous ne vomissons pas nos paroles de l'estomac, comme les ivrognes; nous ne les étranglons de la gorge,

tenhamos menos, ao julgamento dos mais delicados ouvidos. É bem verdade que seguimos as leis da natureza, que para falar deu-nos somente a língua. Nós não vomitamos as nossas palavras do estômago, como os ébrios; não as estrangulamos da garganta, como as rãs; não as despedaçamos no palato, como os pássaros; não as silvamos dos lábios, como as serpentes. Se em tais maneiras de falar reside a suavidade das línguas, eu reconheço que a nossa é rude e mal sonante. Mas, também temos a vantagem de não torcer a boca de mil modos, como os macacos, até o máximo esforço, lembrando Minerva, que, certa vez, ao tocar uma flauta e vendo em um espelho a deformidade dos seus lábios, jogou-a para bem longe, sendo infelizmente encontrada pelo presunçoso Mársias¹¹⁴, que depois foi esfolado por causa disso. O quê? Então, perguntará alguém, queres tu, a exemplo de Mársias, que se atreveu a comparar sua flauta rústica à doce lira de Apolo, igualar tua língua à grega e à latina? Admito que os autores

114 Mársias, na mitologia grega, era um sátiro que certo dia decidiu desafiar Apolo em um concurso musical. Midas e as Musas foram escolhidos como árbitros da competição. As Musas favoreceram o deus, mas Midas preferiu a flauta de Mársias à lira de Apolo. Como castigo, Apolo dotou o rei de orelhas de burro, depois mandou pendurar o sátiro em um pinheiro e esfolá-lo vivo. Esta lenda tornou-se significativa para os renascentistas, para os quais as orelhas de asno representavam a falta de discernimento.

comme les grenouilles; nous ne les découpons pas dedans le palais, comme les oiseaux; nous ne les sifflons pas des lèvres, comme les serpents. Si en telles manières de parler gît la douceur des langues, je confesse que la nôtre est rude et malsonnante. Mais aussi nous avons cet avantage de ne tordre point la bouche en cent mille sortes, comme les singes, voire comme beaucoup mal se souvenant de Minerve, qui jouant quelquefois de la flûte et voyant en un miroir la déformité de ses lèvres, la jeta bien loin, malheureuse rencontre au présomptueux Marsye, qui depuis en fut écorché. Quoi donc, dira quelqu'un, veux-tu à l'exemple de ce Marsye, qui osa comparer sa flûte rustique à la douce lyre d'Apollon, égaler ta langue à la grecque et latine? Je confesse que les auteurs d'icelles nous ont surmontés en savoir et faconde: lesquelles choses leur a été bien facile de vaincre ceux qui ne répugnaient point. Mais que par longue et diligente imitation de ceux qui ont occupé les premiers, ce que nature n'a pourtant dénié aux autres, nous ne puissions leur succéder aussi bien en cela, que nous avons déjà fait en la plus grande part de leurs arts mécaniques, et quelquefois en leur monarchie, je ne le dirai pas car telle injure ne s'étendrait

delas nos superaram no saber e na eloquência; com estas coisas foi bem fácil para eles derrotar aqueles que os repugnavam. Mas que, pela longa e diligente imitação que dedicaram os primeiros, o que a natureza, no entanto, não negou aos outros, nós não poderíamos sucedê-los tão bem naquilo que já fizemos na maior parte das suas artes mecânicas e às vezes no seu governo, nem o diremos; pois, tal injúria não seria entendida somente contra os espíritos dos homens, mas contra Deus, que deu por lei inviolável a todas as coisas criadas de não durar perpetuamente, mas passar, sem fim, de um estado ao outro, sendo o fim e a corrupção de um o começo e a geração de outro. Algum obstinado replicará ainda: Tua língua recebeu esta perfeição tarde demais. E eu digo que este atraso não prova que ela não possa recebê-la; ainda digo que ela poderá ter certeza de preservá-la longamente, tendo-a adquirido a duras penas, conforme a lei da natureza, que quis que toda árvore que nascesse, florescesse e frutificasse bem rápido, bem rápido também envelhecesse e morresse; e, ao contrário, aquela que longamente trabalhasse para firmar suas raízes, duraria por longos anos.

Capítulo X: Porque a língua francesa não é incapaz de

seulement contre les esprits des hommes, mais contre Dieu, qui a donné pour loi inviolable à toute chose créée, de ne durer perpétuellement, mais passer sans fin d'un état en l'autre: étant la fin et corruption de l'un, le commencement et génération de l'autre. Quelque opiniâtre répliquera encore: Ta langue tarde trop à recevoir cette perfection. Et je dis que ce retardement ne prouve point qu'elle ne puisse la recevoir: ainsi je dis qu'elle se pourra tenir certaine de la garder longuement, l'ayant acquise avec si longue peine, suivant la loi de nature qui a voulu que tout arbre qui naît, fleurit et fructifie bientôt, bientôt aussi envieillisse et meure; et au contraire celui durer par longues années qui a longuement travaillé à jeter ses racines.

Chapitre X: Que la langue française n'est incapable de la philosophie, et pourquoi les anciens étaient plus savants que les hommes de notre âge

Tout ce que j'ai dit pour la défense et illustration de notre langue appartient principalement à ceux qui font profession de bien dire, comme les poètes et les orateurs. Quant aux autres parties de littérature, et ce rond de sciences, que les Grecs ont nommé encyclopédie, j'en ai touché au

filosofia, e por que os antigos eram mais sábios do que os homens da nossa época

Tudo o que eu falei em defesa e ilustração de nossa língua dirige-se principalmente aos que tem por profissão o bem dizer, como os poetas e os oradores. Quanto às outras partes da literatura, e o conjunto dos saberes, que os gregos denominaram enciclopédia, eu toquei no começo uma parte do que isso me parece: que a indústria dos fieis tradutores é, nesse sentido, muito útil e necessária; e não se deve repreendê-los, se algumas vezes eles encontram palavras que não podem ser recebidas na família francesa, visto que os latinos não se esforçaram para traduzir todos os vocábulos gregos, como retórica, música, aritmética, geometria, filosofia, e quase todos os nomes das ciências, os nomes das figuras, das plantas, das doenças, a esfera terrestre e suas partes, e a maioria dos termos usados geralmente nas ciências naturais e nas matemáticas. Tais palavras então serão na nossa língua como estrangeiros em uma cidade, aos quais as perífrases servirão como intérpretes. Ainda eu serei bem de opinião que o sábio trasladador tenha mais o ofício de parafrazeador que de tradutor, esforçando-se para dar a todas as ciências que quiser tratar o ornamento e a luz da sua língua,

commencement une partie de ce que m'en semble: c'est que l'industrie des fidèles traducteurs est en cet endroit fort utile et nécessaire: et ne les doit retarder, s'ils rencontrent quelquefois des mots qui ne peuvent être reçus en la famille française, vu que les Latins ne se sont point efforcés de traduire tous les vocables grecs, comme , et quasi tous les noms des sciences, les noms des figures, des herbes, des maladies, la sphère et ses parties, et généralement la plus grande part des termes usités aux sciences naturelles et mathématiques. Ces mots-là donc seront en notre langue comme étrangers en une cité: auxquels toutefois les périphrases serviront de truchements. Encore serais-je bien d'opinion que le savant translateur fit plutôt l'office de paraphraste que de traducteur, s'efforçant donner à toutes les sciences qu'il voudra traiter l'ornement et lumière de sa langue, comme Cicéron se vante d'avoir fait en la philosophie, et à l'exemple des Italiens qui l'ont quasi toute convertie en leur vulgaire, principalement la platonique. Et si on veut dire que la philosophie est un faix d'autres épaules que de celles de notre langue, j'ai dit au commencement de cette oeuvre, et le dis encore, que toutes langues sont d'une même valeur, et des mortels à une

como Cícero vangloria-se de ter feito na filosofia, e a exemplo dos italianos, que a converteram quase toda no seu vernáculo, principalmente a platônica. E se quisermos dizer que a filosofia é um peso para outros ombros que os da nossa língua, eu disse no início desta obra e repito, que todas as línguas são de um mesmo valor e formadas pelo mesmo juízo dos mortais a um mesmo fim. Porque, assim como sem mudar de costumes ou de nação, o francês e o alemão, não somente o grego ou o romano, podem dar-se a filosofar, assim acredito que a cada um sua língua possa competentemente comunicar toda doutrina. Portanto, se a filosofia semeada por Aristóteles e Platão no fértil campo ático for replantada na nossa planície francesa, isto não será atirá-la entre as sarças e espinhos, onde ela se tornaria estéril; mas será torná-la de distante, próxima, e de estrangeira, cidadã da nossa república. E, casualmente, assim como as especiarias e outras riquezas orientais que a Índia nos envia são mais bem conhecidas e tratadas por nós, e em maior apreço do que no lugar dos que as semeiam ou colhem, de igual modo as especulações filosóficas tornar-se-iam mais familiares do que são agora, e mais facilmente seriam entendidas por nós, se algum sábio

même fin d'un même jugement formées. Par quoi ainsi comme sans muer de coutumes ou de nation, le Français et l'Allemand, non seulement le Grec ou Romain, se peut donner à philosopher: aussi je crois qu'à chacun sa langue puisse compétement communiquer toute doctrine. Donc si la philosophie semée par Aristote et Platon au fertile champ attique était replantée en notre plaine française, ce ne serait la jeter entre les ronces et épines, où elle devînt stérile: mais ce serait la faire de lointaine, prochaine, et d'étrangère, citadine de notre république. Et par aventure ainsi que les épiceries et autres richesses orientales, que l'Inde nous envoie, sont mieux connues et traitées de nous, et en plus grand prix, qu'en l'endroit de ceux qui les sèment ou recueillent: semblablement les spéculations philosophiques deviendraient plus familières qu'elles ne sont ores, et plus facilement seraient entendues de nous, si quelque savant homme les avait transportées de grec et latin en notre vulgaire, que de ceux qui les vont (s'il faut ainsi parler) cueillir aux lieux où elles croissent. Et si on veut dire que diverses langues sont aptes à signifier diverses conceptions: aucunes les conceptions des doctes, autres celles des indoctes: et que la grecque principalement

homem as tivesse transportado de grego e latim em nosso vernáculo, do que daqueles que as querem (se é preciso falar assim) colher nos lugares onde elas cresceram. E se quisermos dizer que diferentes línguas são aptas para significar diferentes concepções, algumas as concepções dos doutos, outras as dos ignorantes; e que principalmente a grega convém tão bem às doutrinas, que ao exprimi-las parece que foi formada pela própria natureza, não pela providência humana, digo que esta natureza, que em todas as épocas, em todas as províncias, em todos os hábitos, é sempre uma mesma coisa, assim como de bom grado ela exerce sua arte por todo o mundo, não menos na terra do que no ceu, e por estar atenta à produção das criaturas racionais, não esquece, por isso, as irracionais, mas com igual habilidade engendra estas e aquelas, assim é digna de ser conhecida e louvada por todas as pessoas e em todas as línguas. Os pássaros, os peixes e os animais terrestres de qualquer forma que sejam, ora com um, ora com outro, sem distinção de palavras, expressam suas afeições; muito mais nós homens deveríamos fazer algo semelhante, cada um com sua língua, sem ter de recorrer às outras. Os escritos e linguagens foram inventados não para a

convient si bien avec les doctrines, que pour les exprimer il semble qu'elle ait été formée de la même nature, non de l'humaine providence. Je dis qu'icelle nature, qui en tout âge, en toute province, en toute habitude est toujours une même chose, ainsi comme volontiers elle exerce son art par tout le monde, non moins en la terre qu'au ciel, et pour être ententive à la production des créatures raisonnables, n'oublie pourtant les irraisonnables, mais avec un égal artifice engendre celles-ci et celles-là : aussi est-elle digne d'être connue et louée de toutes personnes, et en toutes langues. Les oiseaux, les poissons, et les bêtes terrestres de quelconque manière, ores avec un son, ores avec l'autre, sans distinction de paroles, signifient leurs affections: beaucoup plutôt nous hommes devrions faire le semblable, chacun avec sa langue, sans avoir recours aux autres. Les écritures et langages ont été trouvés, non pour la conservation de nature, laquelle (comme divine qu'elle est) n'a métier de notre aide, mais seulement à notre bien et utilité : afin que présents, absents, vifs et morts, manifestant l'un à l'autre le secret de nos coeurs, plus facilement parvenions à notre propre félicité, qui gît en l'intelligence des sciences, non point au son des paroles: et par

conservação da natureza, a qual (como é divina) não precisa de nós, mas somente para o nosso bem e utilidade, a fim de que presentes, ausentes, vivos e mortos, manifestando um ao outro o segredo de nossos corações, mais facilmente sobrevivêssemos ao nosso próprio destino, que repousa na compreensão das ciências, não no som das palavras; por conseguinte, as línguas e as escrituras que deveriam estar mais em uso são aquelas que nós aprendemos mais facilmente. O quanto seria melhor que houvesse no mundo uma única linguagem natural do que empregar tantos anos para aprender palavras! E até a idade que muitas vezes não temos os meios nem o tempo livre para nos dedicarmos a coisas maiores. E certamente pensando, muitas vezes, de onde provém que os homens deste século são geralmente menos instruídos em todas as ciências, e de menor valor do que os antigos, entre muitas razões eu encontrei estas, que ousarei dizer a principal: é o estudo das línguas grega e latina. Porque se o tempo que consumimos para aprender as referidas línguas fosse empregado no estudo das ciências, a natureza, certamente, não se tornaria tão estéril que não produzisse Platões e Aristóteles do nosso tempo. Mas nós, normalmente, investimos mais

conséquent celles langues et celles écritures devraient plus être en usage lesquelles on apprendrait plus facilement. Las et combien serait meilleur qu'il y eût au monde un seul langage naturel que d'employer tant d'années pour apprendre des mots! et ce, jusques à l'âge bien souvent que n'avons plus ni le moyen ni le loisir de vaquer à plus grandes choses. Et certes songeant beaucoup de fois, d'où provient que les hommes de ce siècle généralement sont moins savants en toutes sciences, et de moindre prix que les anciens, entre beaucoup de raisons je trouve celle-ci, que j'oserai dire la principale: c'est l'étude des langues grecque et latine. Car si le temps que nous consumons à apprendre les dites langues était employé à l'étude des sciences, la nature certes n'est point devenue si bréhaigne, qu'elle n'enfantât de notre temps des Platons et des Aristotes. Mais nous, qui ordinairement affectons plus d'être vos savants que de l'être, ne consumons pas seulement notre jeunesse en ce vain exercice: mais, comme nous repentant d'avoir laissé le berceau, et d'être devenus hommes, retournons encore en enfance, et par l'espace de vingt où trente ans ne faisons autre chose qu'apprendre à parler, qui grec, qui latin, qui hébreu. Lesquels ans finis, et finie avec

para parecermos sábios do que para sermos, não apenas consumimos nossa juventude em vãos exercícios, mas, como nos arrependemos de ter deixado o berço, e de termos nos tornado homens, retornamos à infância, e no espaço de vinte ou trinta anos não fazemos outra coisa que aprender a falar o grego, o latim e o hebraico. Passados aqueles anos, e passados com eles o vigor e a prontidão que prevalece naturalmente no espírito dos jovens, então nós procuramos nos tornar filósofos, quando, pelas doenças, perturbações de afazeres domésticos e outros empecilhos que o tempo traz, não estamos mais aptos à especulação das coisas. É muitas vezes espantados pela dificuldade e demora só de aprender palavras, deixamo-nos cair em desespero, e odiamos as letras que devíamos gostar primeiro, ou começar a amá-las. É preciso, então, deixarmos o estudo das línguas? Não, pois todas as artes e ciências agora estão nas mãos dos gregos e latinos. Mas dever-se-ia fazer no futuro com que pudéssemos falar sobre todas as coisas, por todo o mundo e em todas as línguas. Eu entendo bem que os professores de línguas não sejam da minha opinião, muito menos aqueles veneráveis Druídas, que para o ambicioso desejo que eles têm de ser entre nós o que o

eux cette vigueur et promptitude qui naturellement règne en l'esprit des jeunes hommes, alors nous procurons être faits philosophes, quand pour les maladies, troubles d'affaires domestiques, et autres empêchements qu'amène le temps, nous ne sommes plus aptes à la spéculation des choses. Et bien souvent, étonnés de la difficulté et longueur d'apprendre des mots seulement, nous laissons tout par désespoir, et haïssons les lettres premier que les ayons goûtées, ou commencé à les aimer. Faut-il donc laisser l'étude des langues? Non: d'autant que les arts et sciences sont pour le présent entre les mains des Grecs et Latins. Mais il se devrait faire à l'avenir qu'on peut parler de toute chose, par tout le monde, et en toute langue. J'entends bien que les professeurs des langues ne seront pas de mon opinion, encore moins ces vénérables Druydes, qui pour l'ambitieux désir qu'ils ont d'être entre nous ce qu'était le philosophe Anacharsis entre les Scythes, ne craignent rien tant que le secret de leurs mystères, qu'il faut apprendre d'eux, non autrement que jadis les jours des Chaldées, soit découvert au vulgaire, et qu'on ne crève (comme dit Cicéron) les yeux des corneilles. A ce propos, il me souvient avoir ouï dire maintes fois à quelques-uns de leur

filósofo Anacarsis era entre os citas, não temem nada mais do que o segredo dos seus mistérios, que é preciso aprender com eles, não de outro modo que o calendário dos caldeus seja revelado ao vulgar, e que nós não vemos (como diz Cícero) com olhos de gralha. Neste sentido, lembra-me de ter ouvido dizer muitas vezes para alguns da academia deles, que o rei Francisco (falo daquele Francisco, a quem a França não deve menos do que Roma a Augusto) havia desonrado as ciências, e deixado os doutos ao desprezo. Ó tempos! Ó costumes! Ó crassa ignorância! não entender que tudo assim como um mal, quanto mais longe se estende, é tanto mais pernicioso; também é muito mais proveitoso quanto mais é comum. E se eles querem dizer (assim como dizem) que tal bem é igualmente menos excelente e admirável entre os homens, eu responderei que uma tão grande ânsia de glória e uma tal inveja não deveria prevalecer nas colunas da república cristã; mas muito neste rei ambicioso, que se queixava a seu mestre, porque havia divulgado as ciências esotéricas, isto é, que não podem ser aprendidas senão através da audição do preceptor. Mas o que! Estes gigantes inimigos do céu querem limitar o poder dos deuses, e o que eles têm dado aos homens por vantagem singular, restringir e

académie, que le roi François (je dis celui François, à qui la France ne doit moins qu'à Auguste Rome) avait déshonoré les sciences, et laissé les doctes en mépris. O temps! ô moeurs! O crasse ignorance! n'entendre point que tout ainsi qu'un mal, quand il s'étend plus loin, est d'autant plus pernicieux: aussi est un bien plus profitable, quand plus il est commun. Et s'ils veulent dire (comme aussi disent-ils) que d'autant est un tel bien moins excellent, et admirable entre les hommes: je répondrai qu'un si grand appétit de gloire et une telle envie ne devrait régner aux colonnes de la république chrétienne; mais bien en ce roi ambitieux, qui se plaignait à son maître, pour ce qu'il avait divulgué les sciences achromatiques, c'est-à-dire, qui ne se peuvent apprendre que par l'audition du précepteur. Mais quoi! ces géants ennemis du ciel veulent-ils limiter la puissance des dieux, et ce qu'ils ont par un singulier bénéfice donné aux hommes, restreindre et enserrer en la main de ceux qui n'en sauraient faire bonne garde? Il me souvient de ces reliques, qu'on voit seulement par une petite vitre, et qu'il n'est permis de toucher avec la main. Ainsi veulent-ils faire de toutes les disciplines, qu'ils tiennent enfermées dedans les

encerrar na mão dos que não saberiam cuidar com atenção? Lembro-me daquelas relíquias, que vemos somente por uma pequena janela, e que não é permitido tocar com a mão. Assim, querem eles fazer com todas as disciplinas, que eles mantêm trancadas nos livros gregos e latinos, não permitindo que possamos vê-las de outro modo, ou transportando-as das palavras mortas para aquelas que estão vivas, e geralmente voam pelas bocas dos homens. Eu deveria (parece-me) mais contentar aqueles que dizem que o nosso vernáculo é muito vil e bárbaro para tratar de assuntos tão altos como a filosofia. E se eles ainda não estão satisfeitos, eu lhes perguntaria: por que então os gregos antigos viajaram por tantos países e perigos, alguns na Índia, para ver os gimnosofistas, outros no Egito, para tomar dos velhos sacerdotes e profetas as grandes riquezas, de que a Grécia agora se orgulha? E, no entanto, aquelas nações, onde a filosofia habitou de tão bom grado produziram (o que eu acredito) pessoas tão bárbaras e desumanas como nós, e palavras tão estranhas quanto as nossas. Muito pouco eu me preocuparia com a elegância das sentenças que há em Platão e em Aristóteles, se seus livros tivessem sido escritos sem razão. A filosofia realmente adotou-os por seus filhos, não por

livres grecs et latins, ne permettant qu'on les puisse voir autrement: ou les transporter de ces paroles mortes en celles qui sont vives, et volent ordinairement par les bouches des hommes. J'ai (ce me semble) dû assez contenter ceux qui disent que notre vulgaire est trop vil et barbare pour traiter si hautes matières que la philosophie. Et s'ils n'en sont encore bien satisfaits, je leur demanderai: pourquoi donc ont voyagé les anciens Grecs par tant de pays et dangers, les uns aux Indes, pour voir les Gymnosophistes, les autres en Égypte, pour emprunter de ces vieux prêtres et prophètes ces grandes richesses, dont la Grèce est maintenant si superbe? et toutefois ces nations, où la philosophie a si volontiers habité, produisaient (ce crois-je) des personnes aussi barbares et inhumaines que nous sommes, et des paroles aussi étranges que les nôtres. Bien peu me soucierai-je de l'élégance d'oraison qui est en Platon et en Aristote, si leurs livres sans raison étaient écrits. La philosophie vraiment les a adoptés pour ses fils, non pour être nés en Grèce, mais pour avoir d'un haut sens bien parlé, et bien écrit d'elle. La vérité si bien par eux cherchée, la disposition et l'ordre des choses, la sentencieuse brièveté de l'un, et la divine copie de l'autre est

terem nascido na Grécia, mas por dela terem bem falado e bem escrito, em um sentido elevado. A verdade tão buscada por eles, a disposição e a ordem das coisas, a sentenciosa brevidade de um, e a abundância divina do outro é própria deles e não de outros; mas a natureza, da qual eles falaram tão bem, é a mãe de todos os outros, e não desdenha de se dar a conhecer aos que procuram, com toda a indústria, entender os seus segredos, não para se tornarem gregos, mas para serem feitos filósofos. É verdade que por ter as artes e as ciências sempre estado no poder dos gregos e romanos, mais estudiosos do que pode tornar os homens imortais do que outros, nós acreditamos que somente por eles elas possam e devam ser tratadas. Mas o tempo virá, por ventura (e peço a Deus que seja muito bom e maior que o da nossa época) que alguma boa pessoa, não menos ousada que engenhosa e instruída, não ambiciosa, não temendo a inveja ou o ódio de ninguém, nos tire esta falsa persuasão, dando à nossa língua a flor e fruto das boas letras, caso contrário, se a atenção que damos às línguas estrangeiras (alguma excelência que haja nelas) impedisse à nossa tão grande felicidade, elas seriam realmente dignas não de inveja, mas de ódio; não de cansaço, mas de exaustão:

propre à eux, et non à autres: mais la nature, dont ils ont si bien parlé, est mère de tous les autres, et ne dédaigne point de se faire connaître à ceux qui procurent avec toute industrie entendre ses secrets, non pour devenir Grecs, mais pour être faits philosophes. Vrai est que pour avoir les arts et sciences toujours été en la puissance des Grecs et Romains, plus studieux de ce qui peut rendre les hommes immortels que les autres, nous croyons que par eux seulement elles puissent et doivent être traitées. Mais le temps viendra par aventure (et je supplie au Dieu très bon et très grand que ce soit de notre âge) que quelque bonne personne, non moins hardie qu'ingénieuse et savante, non ambitieuse, non craignant l'envie ou haine d'aucun, nous ôtera cette fausse persuasion, donnant à notre langue la fleur et le fruit des bonnes lettres: autrement si l'affection que nous portons aux langues étrangères (quelque excellence qui soit en elles) empêchait cette nôtre si grande félicité, elles seraient dignes véritablement non d'envié, mais de haine; non de fatigue, mais de fâcherie: elles seraient dignes finalement d'être non apprises, mais reprises de ceux qui ont plus de besoin du vif intellect de l'esprit que du son des paroles mortes. Voilà quant aux

elas seriam dignas, finalmente, de ser não aprendidas, mas reaprendidas por aqueles que têm mais necessidade do vivo intelecto do espírito que do som de suas palavras mortas. Eis o que eu disse quanto às disciplinas. Dirijo aos poetas e oradores o principal objeto do assunto de que trato, que é o ornamento e a ilustração da nossa língua.

Capítulo XI: Por que é impossível de se igualar aos antigos nas suas línguas

Todas as pessoas de bom espírito entenderão bem que isso que eu disse para a defesa da nossa língua não é para desencorajar ninguém do grego e do latim; pois precisamos tanto deles que sou desta opinião, que admito e sustento. Mas eu aconselharia que, após tê-los aprendido, não despreze a sua [língua], e que aquele que, por uma inclinação natural, (o que se pode julgar pelas obras latinas e toscanas de Petrarca e Boccaccio, e até alguns sábios homens do nosso tempo), se sentisse mais apto a escrever em sua língua do que em grego ou em latim, se esforçasse mais para se tornar imortal entre os seus, escrevendo bem em seu vernáculo, do que escrevendo mal naquelas duas outras línguas, sendo inútil aos doutos e igualmente aos ignorantes. Mas, se ainda se

disciplines. Je reviens aux poètes et orateurs, principal objet de la matière que je traite, qui est l'ornement et illustration de notre langue.

Chapitre XI: Qu'il est impossible d'égaliser les anciens en leurs langues

Toutes personnes de bon esprit entendront assez, que cela, que j'ai dit pour la défense de notre langue, n'est pour décourager aucun de la grecque et latine ; car tant s'en faut que je sois de cette opinion, que je confesse et soutiens celui de ne pouvoir faire oeuvre excellent en son vulgaire, qui soit ignorant de ces deux langues, ou qui n'entende la latine pour le moins. Mais je serai bien d'avis qu'après les avoir apprises, on ne déprisât la sienne: et que celui qui, par une inclination naturelle (ce qu'on peut juger par les oeuvres latines et toscanes de Pétrarque et Boccace, voire d'aucuns savants hommes de notre temps) se sentirait plus propre à écrire en sa langue qu'en grec ou en latin, s'étudiât plutôt à se rendre immortel entre les siens, écrivant

encontrarem alguns daqueles, que de simples palavras fazem toda a sua arte e ciência, de modo que nomear a língua grega e a latina lhes pareça falar de uma língua divina, e falar da vulgar nomear uma língua inumana, incapaz de toda erudição, se algum deles se achasse tal, digo, que quisessem fazer-se bravos e depreciar todas as coisas escritas em francês, eu lhes perguntaria de bom grado nesta sorte: Que pensam, então, fazer como os caiadores de paredes, que dia e noite quebram a cabeça para imitar? Que digo eu, imitar? mas transcrever um Virgílio e um Cícero? Construindo seus poemas com os hemistíquios de um e jurando em suas prosas com as palavras e sentenças do outro, imaginando (como disse alguém) pais conscritos, côsules, tribunos, comícios, e toda a Roma antiga, como Homero, que em sua *Batraquiomaquia*¹¹⁵ adapta os magníficos títulos de deuses e deusas aos ratos e rãs. Esses por certo merecem bem a punição daquele que, arrebatado ao tribunal do grande Juízo, respondeu que ele era ciceroniano¹¹⁶. Pensam eles, então, não digo em igualar, mas

115 Paródia da *Iliada*, apresentando os deuses olímpicos como ratos e rãs, envolvidos em combates, a *Batraquiomaquia*, embora fosse atribuída a Homero, era posterior à sua época uns dois ou três séculos.

116 Referência a São Jerônimo, que disse ter tido uma visão em que se encontrava no céu, diante do Juízo de Deus, e que Jesus, presidindo o Tribunal, acusou-o de não ser cristão, mas ciceroniano.

bien en son vulgaire, que mal écrivait en ces deux autres langues, être vil aux doctes pareillement et aux indoctes. Mais, s'il s'en trouvait encore quelques-uns de ceux qui de simples paroles font tout leur art et science, en sorte que nommer la langue grecque et latine leur semble parler d'une langue divine, et parler de la vulgaire, nommer une langue inhumaine, incapable de toute érudition: s'il s'en trouvait de tels, dis-je, qui voulussent faire des braves, et dépriser toutes choses écrites en français, je leur demanderais volontiers en cette sorte: que pensent donc faire ces reblanchisseurs de murailles, qui jour et nuit se rompent la tête à imiter, que dis-je imiter? mais transcrire un Virgile et un Cicéron ? bâtissant leurs poèmes des hémistiches de l'un, et jurant en leur prose aux mots et sentences de l'autre, songeant (comme a dit quelqu'un) des Pères conscrits, des consuls, des tribuns, des comices, et toute l'antique Rome, non autrement qu'Homère, qui en sa Batracomymachie adapte aux rats et grenouilles les magnifiques titres des dieux et déesses. Ceux-là certes méritent bien la punition de celui qui, ravi au tribunal du grand juge, répondit qu'il était cicéronien. Pensent-ils donc, je ne dis égal, mais approcher seulement de ces auteurs, en leurs

somente em se aproximar destes autores, em suas línguas? Recolhendo deste orador e deste poeta ora um nome, ora um verbo, ora um verso, e ora uma sentença; da maneira que se reconstrói um velho edifício, tentando restituir à fábrica destruída destas línguas, pelas pedras amontoadas, sua primeira grandeza e excelência.

Mas já não sois tão bons pedreiros (vós, que sois tão grandes zeladores das línguas grega e latina) que possais devolver-lhes aquela forma que os bons e excelentes arquitetos deram-lhes primeiramente; e se esperais (como fez Esculápio com os membros de Hipólito) que, pelos fragmentos recolhidos, elas possam ser ressuscitadas, abusais, não pensando que com a queda de tão soberbas edificações, unidas à ruína fatal das duas poderosas monarquias, uma parte virou pó e a outra deve estar em muitos pedaços, os quais querer reduzir em um seria algo impossível. Além disso, muitas de outras partes ficaram nos alicerces das velhas muralhas, onde, perdidas pelo longo curso dos séculos, não podem ser encontradas por ninguém. Porque vindo a reedificar esta fábrica, estareis bem longe de lhe restituir sua primeira grandeza, quando, onde costumava ser a sala, fareis por ventura os dormitórios, os estúbulos ou a cozinha,

langues, recueillant de cet orateur et de ce poète ores un nom, ores un verbe, ores un vers et ores une sentence? comme si en la façon qu'on rebâtît un vieil édifice ils s'attendaient rendre par ces pierres ramassées à la ruinée fabrique de ces langues sa première grandeur et excellence. Mais vous ne serez déjà si bons maçons (vous qui êtes si grands zélateurs des langues grecque et latine) que leur puissiez rendre cette forme que leur donnèrent premièrement ces bons et excellents architectes, et si vous espérez (comme fit Esculape des membres d'Hippolyte) que par ces fragments recueillis elles puissent être ressuscitées, vous vous abusez: ne pensant point qu'à la chute de si superbes édifices, conjointe à la ruine fatale de ces deux puissantes monarchies, une partie devint poudre et l'autre doit être en beaucoup de pièces, lesquelles vouloir réduire en un serait chose impossible: outre que beaucoup d'autres parties sont demeurées aux fondements des vieilles murailles, ou, égarées par le long cours des siècles, ne se peuvent trouver d'aucun. Par quoi venant à réédifier cette fabrique, vous serez bien loin de lui restituer sa première grandeur, quand où souloit être la salle, vous ferez par aventure les chambres, les étables ou la cuisine, confondant les portes et les

quebrando as portas e as janelas, em suma, mudando toda a forma do edifício. Finalmente, eu consideraria que a arte pode exprimir a viva energia da natureza, se pudésseis tornar esta fábrica reconstruída semelhante à antiga, faltando a ideia, cujo exemplo seria necessário para reconstruí-la. E (a fim de expor mais claramente o que eu disse) seria preciso que os antigos usassem as línguas que eles haviam sugado com o leite da nutriz e falavam bem, tanto os ignorantes quanto os doutos, a não ser os que aprendiam as disciplinas e a arte de bem dizer e tornavam-se, por este meio, mais eloquentes do que os outros. Eis por que seus bem felizes séculos eram tão férteis de bons poetas e oradores. Eis por que até as mulheres aspiravam a esta glória da eloquência e da erudição, como Safo, Corina, Cornélia, e tantas outras, cujos nomes estão reunidos com a memória dos gregos e romanos. Não penseis, portanto, imitadores, rebanho servil, de alcançar o ponto da sua excelência, só porque a duras penas aprendestes as suas palavras, e eis o melhor da vossa época passada. Depreciais o nosso vernáculo, talvez, não por outra razão senão porque o aprendemos na infância e sem estudo, enquanto as outras, com grande empenho e indústria.

fenêtres, bref, changeant toute la forme de l'édifice. Finalement j'estimerai l'art pouvoir exprimer la vive énergie de la nature, si vous pouviez rendre cette fabrique renouvelée semblable à l'antique, étant manqué l'idée, de laquelle faudrait tirer l'exemple pour la réédifier. Et ce (afin d'exposer plus clairement ce que j'ai dit) d'autant que les anciens usaient des langues qu'ils avaient sucées avec le lait de la nourrice, et aussi bien parlaient les indoctes, comme les doctes, sinon que ceux-ci apprenaient les disciplines et l'art de bien dire, se rendant par ce moyen plus éloquents que les autres. Voilà pourquoi leurs bienheureux siècles étaient si fertiles de bons poètes et orateurs. Voilà pourquoi les femmes mêmes aspiraient à cette gloire d'éloquence et érudition, comme Sapho, Corynne, Cornélie, et un millier d'autres, dont les noms sont conjoints avec la mémoire des Grecs et Romains. Ne pensez donc, imitateurs, troupeau servile, parvenir au point de leur excellence, vu qu'à grand'peine avez-vous appris leurs mots, et voilà le meilleur de votre âge passé. Vous déprisez notre vulgaire, par aventure non pour autre raison, sinon que dès enfance et sans étude nous l'apprenons, les autres avec grand'peine et industrie. Que s'il

Que se ele fosse, como o grego e o latim, morto e posto em um relicário de livros, não duvido nada que não se tornasse (ou pouco faltaria) tão difícil de aprender quanto são aquelas. Eu quis muito dizer esta palavra, porque a curiosidade humana admira muito mais as coisas raras e difíceis de encontrar, embora elas não sejam tão úteis ao uso da vida; como os odores e as pedras preciosas em relação aos comuns e necessários, como o pão e o vinho. Não quero, no entanto, que consideremos uma língua mais excelente do que a outra somente por ser mais difícil, como se quiséssemos dizer que Licofron foi melhor do que Homero, por ser mais obscuro, e Lucrécio do que Virgílio, por esta mesma razão.

Capítulo XII: Defesa do autor.

Aqueles que que pensarem que eu seja muito grande admirador de minha língua, vão ver o primeiro livro sobre os Fins dos Bens e dos Males, feito pelo pai da eloquência latina, Cícero, que, no início do referido livro, entre outras coisas, responde aos que desprezam as coisas escritas em latim e preferem lê-las em grego. A conclusão do assunto é que ele considera que a língua latina não somente não é pobre, como os romanos então consideravam, mas é ainda mais rica do que a grega. Aquele

était, comme la grecque et latine, péri et mis en reliquaire de livres, je ne doute point qu'il ne fût (ou peu s'en faudrait) aussi difficile à apprendre comme elles sont. J'ai bien voulu dire ce mot, pour ce que la curiosité humaine admire trop plus les choses rares, et difficiles à trouver, bien qu'elles ne soient si commodes pour l'usage de la vie, comme les odeurs et les gemmes, que les communes et nécessaires, comme le pain et le vin. Je ne vois pourtant qu'on doive estimer une langue plus excellente que l'autre, seulement pour être plus difficile, si on ne voulait dire que Lycophon fut plus excellent qu'Homère, pour être plus obscur, et Lucrèce que Virgile, pour cette même raison.

Chapitre XII: Défense de l'auteur

Ceux qui penseront que je suis trop grand admirateur de ma langue, aillent voir le premier livre, fait par ce père de l'éloquence latine Cicéron, qui au commencement dudit livre, entre autres choses, répond à ceux qui déprisaient les choses écrites en latin, et les aimaient mieux lire en grec. La conclusion du propos est, qu'il estime la langue latine, non seulement n'être pauvre, comme les Romains estimaient lors, mais

ornamento, diz ele, da oração copiosa ou elegante, faltou, direi aos nossos, aos bons oradores, ou aos poetas, depois que eles tiveram alguém que pudessem imitar? Não quero dar tão alto louvor à nossa língua, porque ela ainda não tem seus Cíceros e Virgílios; mas ousou bem afirmar que, se os sábios homens de nossa nação se dignassem a estimá-la tanto quanto aqueles fizeram com a deles, ela poderia, talvez, e bem logo, colocar-se entre as mais famosas.

É hora de encerrar o assunto a respeito de tocar particularmente nos principais pontos da ampliação e ornamento da nossa língua. Não te surpreendas, leitor, se não falo do orador como do poeta; pois, além de as virtudes de um serem, na maior parte, comuns ao outro, não ignoro que Etienne Dolet, homem de bom juízo em nosso vernáculo, compôs o Orador francês, que pode ser que alguém, amigo da memória do autor e da França, traga-o à luz, em breve e fielmente.

encore être plus riche que la grecque. Quel ornement, dit-il, d'oraison copieuse, ou élégante, a défailli, je dirai à nous, ou aux bons orateurs, ou aux poètes, depuis qu'ils ont eu quelqu'un qu'ils pussent imiter? Je ne veux pas donner si haut los à notre langue, parce qu'elle n'a point encore ses Cicérons et Virgiles; mais j'ose bien assurer que si les savants hommes de notre nation la daignaient autant estimer que les Romains faisaient la leur, elle pourrait quelquefois, et bientôt, se mettre au rang des plus fameuses.

Il est temps de clore ce pas, afin de toucher particulièrement les principaux points de l'amplification et ornement de notre langue. En quoi, lecteur, ne t'ébahis, si je ne parle de l'orateur comme du poète. Car outre que les vertus de l'un sont pour la plus grande part communes à l'autre, je n'ignore point qu'Étienne Dolet, homme de bon jugement en notre vulgaire, a formé l'Orateur français, que quelqu'un (peut-être) ami de la mémoire de l'auteur et de la France, mettra de bref et fidèlement en lumière.

5.2 JACQUES PELETIER DU MANS E A *ART POETIQUE* (1555)

*E pensemos que não há palavra tão rude que não
encontre seu lugar, se soubermos colocá-la bem.*
(Jacques Peletier, 1555)

Jacques Peletier, matemático, médico, poeta, gramático, escritor e tradutor, nasceu em Le Mans, em 1517, e morreu em Paris, em 1582. Era o nono dos quinze filhos de Pierre Peletier e Jeanne Le Royer. Cresceu sob influência religiosa, pois seu pai era um oficial da casa episcopal. Dos seis irmãos que o precedem, três tornaram-se sacerdotes. Jacques teve amigos protestantes e protetores adeptos da Reforma, com os quais conviveu pacificamente, guardando suas crenças tradicionais.

Aos treze anos, Jacques foi com seu irmão Jean para Paris, onde conheceu Buchanan, erudito do colégio de Navarra que o iniciou na cultura dos clássicos, em especial na obra de Virgílio. Jean queria que Jacques se dedicasse à filosofia, à teologia e à carreira eclesiástica, mas ele não seguia todas as ideias do irmão; preferia a medicina e as matemáticas; era independente, inovador e interessava-se por conhecimentos diversos. Escreveu obras em latim sobre astrologia, álgebra e geometria. Estudou Direito e chegou a atuar como advogado, mas não tinha grande inclinação para a jurisprudência. Gostava de ler Marot e se interessava pela língua e a literatura gregas, tendo chegado a Homero através da poesia de Virgílio, até que, definitivamente, trocou “as leis pelas musas” (JUGÉ, 1907).

Nas letras, Jacques Peletier dedicou-se a questões de língua, junto aos gramáticos que elaboraram os primeiros projetos de simplificação e reformulação da ortografia e da pronúncia do francês, como Louis Meigret¹¹⁷. Seu período mais fecundo foi quando ele encontrou, na sua

117 Em 1542, Louis Meigret publicou o *Traité touchant le commun usage de l'écriture françoise*, defendendo uma ortografia fonológica; e em 1548 publicou uma tradução do *Mentiroso* de Luciano, usando a ortografia moderna. Ao tomar conhecimento das primeiras manifestações da reforma ortográfica proposta por Meigret, Peletier escreveu sua *Apologie à Louis Meigret Lyonnais*, publicada dez anos depois, inserida no seu *Dialogue de l'orthographe et prononciation française*. Em seguida, Meigret respondeu a esta apologia, considerando que Peletier não parecia muito envolvido, pois sua proposta de reforma era menos radical do que a do leonês. Peletier escreveu um terceiro texto na ortografia reformada e publicou-o no seu

terra natal, Pier de Ronsard e Joachim Du Bellay. Em 1539, aos vinte e dois anos, Jacques assumiu a função de secretário do bispo de Le Mans (BARBIER, 1973, p. 50).

A partir de então, entre trabalhos simples e transcrições, ele desenvolveu seu projeto de renovação literária, seguindo as ideias de Ronsard e Du Bellay, com o objetivo de dignificar as letras francesas, traduzindo, imitando e superando os antigos clássicos. Influenciado por Marot e Ronsard, ele escreveu sobre aspectos formais da poesia, como ritmo e rima.

Como tradutor, Peletier destacou-se pela tradução da *Ars poetica*, de Horácio (1545), em cujo prefácio apresenta a síntese de algumas das ideias que depois desenvolveu na sua própria *Art poétique*. Traduziu também os dois primeiros cantos da *Odisseia*, de Homero (1547), e o primeiro canto das *Géorgicas*, de Virgílio (1547).

Através de suas traduções e concepções de linguagem, seguindo as ideias dos humanistas, ele contribuiu para a formação dos poetas franceses da *Pléiade*, de cujo grupo também foi participante. Seu modelo principal de formação da língua eram os clássicos antigos. Segundo ele, os gregos haviam sido os grandes exemplos para os romanos, cuja atitude, mais do que suas obras, deveria ser imitada, favorecendo, assim, a criatividade dos novos poetas¹¹⁸.

Além das questões ortográficas, Jacques Peletier se destaca também como inventor de palavras novas para o francês, desde 1545, quando traduziu a *Arte poética* de Horácio. Jugé (1907) apresenta uma lista de vocábulos criados pelo erudito desejoso de enriquecer a sua língua, dentre os quais estão alguns termos que depois caíram em

Diálogo da ortografia e pronúncia francesa, mas não se revelou, no entanto, a favor de uma reforma muito radical, como explicou na *Apologie*.

118 Na introdução à sua tradução de Horácio, ele diz: “J’escrí en langue maternelle/ Et tasche à la mettre en valeur:/Affin de la rendre éternelle/Comme les vieux ont fait la leur/Et soutiens que c'est grand malheur/Que son propre bien mespriser/Pour l'autruy tant favoriser/Si les grecs sont si fort fameux/Si les Latins sont aussi tels./Pourquoi ne faisons nous comme eux./Pour être comme eux immortels? [Escrevi em língua materna/ Esforcei-me para lhe dar valor/ A fim de torná-la eterna/ Como os antigos fizeram a deles/ E afirmo que é um grande mal/ Seu próprio bem desprezar/ Para os outros beneficiar/ Se os gregos são tão famosos/ Se os latinos também são tais/ Por que não lhes sermos iguais/ Para, como eles, sermos imortais?]”

desuso¹¹⁹ e outros que permaneceram no francês, como *athée, calamiteuse, candeur, crèmeuse, histrions, oculairement, ratiociner, truculent, vagir*. (p. 397-99)

Para a criação de palavras novas, necessárias à autonomia literária do francês, Peletier buscou integrar termos tanto da linguagem culta quanto do uso popular. Escrever na própria língua tornou-se um dever, pois ele se encontrava em uma época em que as línguas clássicas constituíam apenas meios de enriquecimento do francês. Era preciso, a partir delas, formar a língua nacional para poder se impor às outras línguas neolatinas, assim como os franceses já se impunham em relação a outros aspectos, conforme ele escreveu no prefácio da sua tradução de *A arte poética* de Horácio (apud JUGÉ, 1907, p. 28): “[...] onde florescem tão bons espíritos, onde governa um tão grande rei, onde o povo francês, por sua religião e seus costumes, supera em muito o espanhol e o italiano”¹²⁰.

A sua obra *L’Art Poétique départi au deux livres*, publicada em 1555, inscreve-se em um projeto, iniciado alguns anos antes, que visava à criação de uma língua francesa literária tão ilustre quanto as línguas clássicas e superior às demais línguas neolatinas. Assumindo um papel de professor, ele procura transmitir seus conhecimentos à nova geração de poetas franceses e também prepará-los para a tarefa de formar as letras francesas.

O primeiro livro da *Art poétique* é dedicado à poesia em geral, e o segundo, à poesia francesa e às suas especificidades, partindo sempre do universal para o particular, em que o autor passa a estimular os poetas a criarem em francês. A obra é estruturada de modo a guiar os novos poetas rumo à dignificação da própria cultura, com vontade firme, mas sem acentuar a polêmica, ou ofender alguém gravemente. A ênfase nos elementos universais tem por objetivo principal convencer os leitores de que é possível fazer com que o francês seja ampliado e atinja a grandiosidade das línguas clássicas.

Uma das ideias-chave, que ele retoma dos humanistas, é a questão platônica sobre se a poesia é arte (técnica) ou inspiração divina.

119 Como *adreceur, aminicules, beneficence, bruitive, concubiz, cricquante, ecrivieur, epergneur, estouble, libère, maternes, négocioux, ondeux, pastoralite*.

120 “où fleurissent de si bons esprits, où règne un si grand roi, où le peuple français, par sa religion et ses mœurs, l’emporte de beaucoup sur l’Espagnol et l’Italien”.

Em *Íon*, um dos diálogos de Platão (1988), de cuja autoridade Peletier se vale, é apresentado este questionamento, entre o filósofo Sócrates e o rapsodo homônimo à obra, sobre o poeta inspirado, que atua como um mediador das palavras da Musa, e o poeta artífice, que elabora a sua criação através do uso da razão, podendo, assim, alterar o texto. Em Peletier, possivelmente sob influência da escola neoplatônica, o poeta é tido como o sábio supremo, inspirado por um sopro divino, mas com um novo papel, por isso, é convidado a trabalhar na construção da nova língua francesa literária.

Selecionamos, para esta antologia, os capítulos V, VI, VII e VIII do primeiro Livro da *Arte poética* de Peletier, em que ele discorre, respectivamente, sobre “a imitação”, “as traduções”, “a escrita na própria língua” e “a escolha e criação de palavras novas”. Estes temas constituem a intenção principal da nossa escolha, cujo enfoque é dado à participação da tradução renascentista no processo de estabelecimento das línguas neolatinas literárias, neste caso, o francês.

Ao tratar acerca da imitação (Cap. V), Peletier retoma a afirmação clássica de que o homem, pela faculdade da razão, seleciona e imita o que outros fizeram, por isso, aconselha que se observem os exemplos dos grandes poetas do passado, Homero e Virgílio, bem como o maior gênero de composição usado por estes, o heróico, a partir do qual os outros gêneros teriam sido desenvolvidos. Desse modo, os novos poetas incorporariam os modelos em sua memória e desenvolveriam a capacidade de julgamento e realização da escolha do que é melhor, para poderem tornar-se melhores do que os seus antecessores.

A tradução é tratada especialmente no capítulo VI, em que, continuando a dar importância à imitação, ele considera que “traduzir é a mais verdadeira forma de imitação” e que “a eficácia de um escrito consiste, frequentemente, na propriedade das palavras e das locuções, a qual, se omitida, exclui a graça e defrauda o sentido do autor.” (p. 393) Sua concepção de tradução é elocutiva (FURLAN, 2002), que busca reproduzir na língua de chegada todos os valores do texto-fonte, o quanto possível, respeitando as suas propriedades. Por isso, considera que “as traduções palavra por palavra não têm graça, não que sejam contra a lei da tradução, mas apenas porque duas línguas jamais são uniformes nas sentenças.” (p. 397)

Por este motivo, traduzir bem, recuperando conteúdo e forma, na íntegra, segundo Peletier, é uma tarefa desafiadora e que exige grande habilidade por parte do tradutor: “[...] como um tradutor saberia fazer

melhor o seu dever senão se aproximando sempre, o mais que lhe fosse possível, do autor ao qual está sujeito?” (p. 399) Ele chama a atenção, neste capítulo, para uma importante questão, muito debatida pelos estudiosos da história da tradução, de que Horácio teria se dirigido aos tradutores, nos versos 133-134 da *Arte poética*. Peletier teria sido o primeiro a fazer esta observação a respeito das palavras de Horácio, que haviam sido mal interpretadas pelos gramáticos desde a Idade Média e ainda permaneciam sem questionamento no século XVI.

Peletier destaca que traduzir é uma tarefa árdua, porque o texto traduzido nunca recebe o prestígio do texto original. Por mais fiel que seja o tradutor e que se esforce para conservar o sentido e as propriedades da língua do texto de partida,

a maior honra continua no original; se vos expressais mal, a reprovação cai toda sobre vós. [...] Um tradutor, se quiser mostrar aos outros algo de seu, não tem a seu favor os leitores [...]. É por isso que o ofício de traduzir é menos estimado. (p. 395)

Ainda assim, ele não se opõe à tradução. Pelo contrário, acredita que, se os franceses souberem escolher boas obras e traduzi-las bem, isto é, de acordo com os princípios retóricos e gramaticais assimilados das línguas clássicas, poderão obter reconhecimento e ainda contribuir para enriquecer a própria língua:

[...] um tradutor nunca tem o nome do autor; mas, por causa disso, quero eu desencorajar os tradutores? De maneira nenhuma, e menos ainda frustrá-los de seu devido louvor; por ser, em parte, a causa pela qual a França começou a saborear as coisas boas, e ainda há outra vantagem, que, se eles traduzirem bem as coisas boas, o nome do seu autor fará viver o deles. [...]. Além disso, as traduções, quando bem feitas, podem enriquecer muito uma língua. (p. 395)

Através da prática da tradução, os letrados franceses poderiam, após beber nas fontes antigas, libertar-se delas e construir suas próprias obras literárias, com o seu próprio léxico.

No capítulo VII, ele faz o seu grande apelo para que os novos poetas escrevam na própria língua, visando a formar uma literatura capaz de superar as obras clássicas. Sua defesa da língua nativa tem por base a concepção de que as línguas mudam com o passar do tempo e que as línguas antigas, uma vez que têm de ser adquiridas pelo estudo, são como estrangeiras para o novo poeta, que agora deve compor em francês, extraindo delas apenas os bons exemplos.

No capítulo VIII, Peletier discorre sobre a importância das palavras na constituição de um texto, pois é pela escolha e disposição das quais (*electio uerborum*) que o poeta se diferencia dos demais, tornando seu poema único e caracterizando seu estilo. Para ele, as palavras dependem de um bom arranjo para encontrarem lugar na composição. Assim sendo, ele defende que também os regionalismos podem ser usados na poesia francesa, para que a língua se torne independente do latim e que se possa unificar todas as regiões em uma só nação linguística, como os gregos já haviam feito em relação aos dialetos helênicos:

[...] o poeta poderá trazer vocábulos picardos, normandos e outros que estão sob a Coroa. Tudo é francês, pois eles são do país do rei. Este é um dos meios mais insígnies de desenvolver a nossa língua, e é aquele pelo qual os gregos tornaram-se tão copiosos. (p. 407)

Peletier convoca os letrados para que usem todas as invenções possíveis, para serem como os antigos, embora reconheça que o francês não dispõe da mesma liberdade das línguas clássicas, em especial, quanto à sintaxe, o que impede de realizar, por exemplo, uma tradução palavra por palavra. Para ele, os novos escritores da língua francesa precisam saber selecionar, nas línguas clássicas, os aspectos que lhes sejam mais interessantes, para que, unindo-os à criatividade, construam uma língua própria: “[...] contente-se o nosso poeta em ter conhecimento das línguas estrangeiras e saber para que as aprendeu, que é para lhes tirar as coisas boas e empregá-las na sua língua nativa.” (p. 401)

A partir deste trabalho é que as línguas modernas iriam tornar-se os novos clássicos: “E penso, uma vez que não é mais possível ver outro Homero em grego, nem outro Virgílio em latim, que devemos ter coragem e não considerar impossível ver um dos dois em francês.” (p. 400) Além da literatura em língua francesa, ele deseja também que o seu

vernáculo seja digno de uso em outras situações cultas. Para isso, conta com a contribuição dos letrados para a formação de uma boa língua, considerando que “a coisa mais desagradável para os homens eruditos é ver-se abundantes em invenções e defeituosos no falar.” (p. 408)

Art poetique I (1555)

Au premier Livre de Art poétique. De l'Imitation [Chapitre V]

Une grande partie des faits humains consiste en l'imitation: Car la chose la plus prompte et la plus ordinaire aux hommes, c'est vouloir faire ou dire ce qu'ils voient de bien fait ou bien dit par les autres. Les musiciens imitent la voix des enseignants, les peintres de leurs patrons, les rustiques et marins de l'expérience. Et, parce qu'il n'y a qu'une espèce de bien en toutes choses, et infinies de mal, le premier et plus difficile point est de savoir discerner la vertu d'avec le vice. Soit donc premièrement le poete exercite en Homère et en Virgile (car j'exemplifie par-tout pour l'œuvre Héroïque, sus lequel s'entendront les autres genres) et les ai comme incorporés en sa mémoire pour son principal fonds, et comme pour son ordinaire patron, afin que, quand ce viendra à lire les autres poètes, il soit préparé à en pouvoir convertir la lecture, en cette félicité première imbuë, à la sorte des vins excellents, qui se remplissent, non

Arte poética I

Primeiro livro da Arte poética. Sobre a imitação [Capítulo V]

Uma grande parte das realizações humanas consiste na imitação. Pois, a coisa mais simples e mais usual para os homens é querer fazer ou dizer o que eles veem de bem feito ou bem dito pelos outros. Os músicos imitam a voz dos mestres, os pintores a de seus modelos, os camponeses e os marinheiros a da experiência. E, porque não há nada além de um tipo de bem em todas as coisas, e infinitos de mal, o primeiro ponto, e o mais difícil, é saber discernir entre a virtude e o vício. Então, que o poeta exercite-se primeiro em Homero e em Virgílio (porque exemplificarei tudo pela obra heroica, sob a qual serão entendidos os outros gêneros) e incorpore-os em sua memória para o seu principal fundo, bem como para seu modelo habitual, a fim de que, quando for ler os outros poetas, esteja preparado para poder converter a leitura embebido nesta primeira felicidade, ao modo dos vinhos excelentes, que se repõem, não com o mesmo tipo de

de pareil vin, quand il ne s'en trouve point, mais du meilleur qui se puisse recouvrer: car le tonneau étant bien aviné, le vin d'infusion se réduit facilement à la saveur de la principale bonté. Il ne faut pas pourtant que le poète qui doit exceller, soit imitateur juré ni perpétuel. Ainsi se propose non seulement de pouvoir ajouter du sien, mais encore de pouvoir faire mieux en plusieurs points. Songe que le ciel peut faire un poète parfait: mais qu'il n'en a point encore fait. Songe que ce n'est pas la haute félicité que d'être pareil; qui mieux est, songe qu'il est plus aisé d'être supérieur, que d'être égal. Car la nature des choses ne souffre jamais perfection de ressemblance. Par seule imitation rien ne se fait grand: c'est le fait d'un homme paresseux et de peu de cœur, de marcher toujours après un autre: celui sera toujours dernier, qui toujours suivra. L'office d'un poète est de donner nouveauté aux choses vieilles, autorité aux nouvelles, beauté aux rudes, lumière aux obscures, foi aux douteuses, et à toutes leur naturel et à leur naturel toutes.

Qu'il regarde qui c'est qui l'a encore fait; et s'il n'a été fait, en quoi est la faute. Avise les généralités et les particularités; examine les passages de philosophie, la façon de narrer, et combien diverse: que la gravité,

vinho, quando se está sem, mas com o melhor que se possa encontrar, porque os barris estando bem fermentados, o vinho é facilmente reduzido ao sabor da principal bondade. Não é preciso, no entanto, que o poeta que deve alcançar a excelência seja imitador jurado nem perpétuo. Assim, propõe-se não só poder valorizar o que é seu, mas também poder torná-lo melhor em muitos aspectos. Pense que o céu pode fazer um poeta perfeito, mas ainda não o fez. Pense que a maior felicidade não é ser igual, é ser melhor; pense que é mais fácil ser superior do que ser igual. Pois, na natureza das coisas nunca ocorre semelhança perfeita. Nada se torna grande apenas por mera imitação, isto é atitude de um homem preguiçoso e sem coração, que caminha sempre atrás de outro e que estará sempre por último, porque sempre o seguirá. O ofício de um poeta é inovar as coisas velhas, criar outras novas, embelezar as rudes, iluminar as escuras, dar crédito às duvidosas, e a todas a sua natureza e à sua natureza todas. Que ele olhe o que é que foi feito; e se não foi feito, em quem está a falta. Note as generalidades e as particularidades; examine as passagens de filosofia, o modo de narrar, e como são diferentes a seriedade, a graça e a decência. Se

que la grâce et bienséance. S'il y a des vices, qu'il les évite, chose facile: les vertus, qu'il les égale, chose possible ou les surmonte, chose honorable. Homère a été si excellent en ce général dispositif et universelle texture de Poème, qu'il est aisé à connoître qu'il n'y a point de meilleur chemin. Et s'il y en eût eu un, Virgile l'eût trouvé, l'homme le plus courageux que nature air jamais présenté sur la terre, d'avoir osé entreprendre de faire ce que trois Poètes ont fait, chacun pour le plus excellent, en son genre, Théocrite, Hésiode et Homère: avoir surmonté les deux, a suivi le tiers, et envioit de le laisser derrière, si n'eût été la surprise de la mort: avoir fait en douze livres, ce qu'Homère, en quarante-huit (combien qu'Aristarque a fait le nombre des livres d'Homère, et ordonné ce qu'il avoir chanté par intermissions). Et qui me trouvera trop hardi juge, considère les grands secrets, et pour bien dire, les mystères qui sont en Virgile: et il trouvera qu'Homère n'est en rien plus heureux, sinon que pour avoir procédé en temps. Considère, si l'Enéide eût été faite avant l'Iliade, que c'est qu'il en faudroit dire. Mais disons Virgile imitateur par évidence, et Homère inventeur par jugement et opinion. Car, que savons nous s'il a eu des prédécesseurs? que savons-nous si

houver defeitos, que os evite, coisa fácil; as virtudes, que as iguale, coisa possível; ou que as supere, coisa honrosa. Homero foi tão excelente na disposição geral e na textura universal do poema, que é fácil reconhecer que não há melhor caminho. E se houve um, Virgílio o encontrou, o homem mais corajoso que a natureza já apresentou na terra, por ter ousado fazer o que três poetas fizeram, cada um para a maior excelência no seu gênero, Teócrito, Hesíodo e Homero; por ter superado os dois primeiros e em seguida o terceiro, e teria deixado-o para trás se não tivesse sido surpreendido pela morte; por ter feito em doze livros o que Homero fez em quarenta e oito (como Aristarco organizou o número de livros de Homero, e ordenou que cantasse por intervalos). E quem me achar juiz muito severo por considerar os grandes segredos e, melhor dizendo, os mistérios que estão em Virgílio, achará que Homero não é em nada mais venturoso, a não ser por tê-lo precedido no tempo. Considere, se a *Eneida* tivesse sido feita antes da *Iliada*, o que é que faltaria dizer sobre isso. Mas, dizemos que Virgílio é imitador por evidência, e Homero inventor por julgamento e opinião. Pois, que sabemos nós se ele teve antecessores? Que sabemos nós se a ingrata passagem do tempo

l'ingrate vieillesse du temps nous les a enviés, vu que toutes choses vivent et meurent par rondeurs? Or Virgile a imité ce qu'il a vu d'admirable en Homère: Mais il l'a châté en plusieurs endroits. Et ici mettrai quelque nombre de points, lesquels Virgile n'a pas trouvés bons en Homère, et dont il s'est gardé: afin que mon Poète connaisse qu'un mieux faire est possible à l'homme bien né, et qu'il sache que c'est qu'il doit imiter, et quoi non, et qu'il fasse le jugement des deux grands Poètes des siècles. Premièrement, Virgile a bien su éviter la superfluité d'épithètes qui est en Homère, quand il dit et redit, la mer noire, les navires creuses, les grecs chevelus, le blond Ménélas, Pallas césie, Jupiter nue-amassant, l'obscur nuit, les portes benfetes, Diomède facond, quand il est question de frapper, et assez d'autres traits. Il s'est gardé des redites qui sont en Homère, comme quasi en toutes les légations, recommencer les harangues tout du long à la seconde fois. Autrement a fait Venule, revenant de pardevers Diomède, où tout l'exploit de sa charge se raconte seulement en un lieu, et sommairement. Homère n'est pas content d'avoir dit une fois les causes pour lesquelles Achille n'a daigné prendre les armes pour ses grecs, si de

levou-os, visto que todas as coisas vivem e morrem por circularidade? Ora, Virgílio imitou o que viu de admirável em Homero, mas se absteve em vários lugares. E aqui colocarei alguns pontos, aqueles que Virgílio não achou bons em Homero e então evitou, para que o meu poeta saiba que fazer melhor é possível ao homem bem nascido, e que entenda qual deve imitar e qual não, e que faça o julgamento dos dois grandes poetas dos séculos. Primeiro, Virgílio fez bem ao evitar o excesso de epítetos que há em Homero, quando ele diz e repete o mar negro, os navios côncavos, os gregos de longos cabelos, o louro Menelau, Palas dos olhos esverdeados, Júpiter agrupador de nuvens, a escura Noite, as portas bem feitas, Diomedes eloquente, quando se trata de realçar e de muitos outros caracteres. Ele evita repetir o que há em Homero, como em quase todas as relações, como recomençar os discursos completamente pela segunda vez. De outro modo fez com Vênus, voltando diante de Diomedes, onde toda a proeza de seu ataque encontra-se apenas em um lugar e sumariamente. Homero não se contenta de ter dito uma vez as causas pelas quais Aquiles se dignou a pegar em armas para defender seus gregos, se novamente faz dizê-las pelo

nouveau il ne les fait raconter tout du long par Achille même, à sa mère Thétis. Virgile n'a pas fait parler Glaucos et Diomède si longuement ensemble, quand il est question d'en venir aux mains, comme on voit en Homère au sixième, combien qu'il n'eût pas fait ainsi un peu auparavant de Sarpedon et Tlepoleme au cinquième. Si est-ce que je trouve Virgile être tombé en une semblable faute, quand, en son second Livre, tandis que Troie ardoit, et que les Grecs sacantoient tout: il fait Enée parler avec son père Anchise, et avec sa femme, le fait aller en sa maison, et puis y retourner: là où il n'est pas bonnement à croire qu'en un tel esclandre et en telle désolation, il y eut si grand loisir: attendu même qu'au sac d'une ville, les maisons des Princes sont toujours les premières envahies. Sinon que, par aventure, Virgile voulût secrètement accorder la vérité historique avec Dictis de Crète, qui dit qu'Enée et Antenor vendirent la ville aux ennemis. Mais ce seroit encore une plus grande faute à lui. Ou si nous n'excusons le poète pour Vénus qui se présente au secours et guide de son fils. J'omet la faute toute connue en ce même endroit du

próprio Aquiles à sua mãe Tétis. Virgílio não faz Glaucos e Diomedes falarem juntos tão longamente, quando se trata de chegar às vias de fato, como vemos em Homero, no sexto livro, como ele ainda não havia feito um pouco antes de Sarpedon e Tlepolemus no quinto. Se é o que penso, Virgílio caiu em uma falha semelhante, quando, no seu segundo livro, enquanto Troia ardia e os gregos saqueavam tudo, faz Enéias falar com seu pai Anquises e com sua esposa, fá-lo ir a sua casa e depois voltar, lá onde não basta simplesmente acreditar que, em um tumulto como este e em tal desolação, houve tanta demora; mesmo esperando que, no saque de uma cidade, as casas dos príncipes sejam sempre as primeiras invadidas. A não ser que, talvez, Virgílio quisesse secretamente concordar, segundo a verdade histórica, com Dictis de Creta¹²¹, que diz que Enéias e Antenor venderam a cidade para os inimigos. Mas isto seria uma falha dele ainda maior. Ou então desculpamos o poeta por Vênus, que se apresenta como protetora e guia de seu filho. Eu omito todas as faltas conhecidas neste mesmo lugar do segundo livro *Jamque*

121 Dictis de Creta é o suposto autor da obra *Diurnales*, uma crônica sobre a guerra de Troia, conhecida desde a Antiguidade.

deuxième, *Jamque adeò super unus eram* là où il met qu'Héleine, pour la crainte de son mari Ménélas s'étoit cachée au temple de Vesta: puis, au sixième, fait dire par Déiphobe, qu'elle avoit mis une torche au haut d'une tour, pour assigner l'heure aux grecs, cependant qu'elle-même menoit la danse avec les dames de la Ville. Aussi Tuque et Vare avaient rogné les vingt-deux vers contenus au dit deuxième, pour sauver la répugnance, laquelle ne se peut excuser, sinon que la faute vient d'inadvertance, et non pas d'ignorance; ce que le Pocte eût facilement apperçu, s'il n'eût été prévenu de mort. Virgile, décrivant ses batailles, ne fait pas entrer les Dieux en la mêlée, comme fait Homère, jusqu'à faire blesser Vénus et Mars, par Diomede. Puis il ne fait pas lamenter les Dieux, de plaindre leur fortune comme morte, ainsi que fait Homère. Virgile n'a pas pris à imiter la fureur d'Achille, ni l'ire inexorable, qui, pour sa rancune privée, ne deigne prendre les armes pour défendre sa gent. Combien que Lactance accuse Enée d'impiété et de cruauté, qui, à la fin du douzième, ne voulut donner la vie à Turne, quoiqu'il le suppliât par les mânes de son pere

adeo super unus eram [Encontrava-me só, então] onde ele coloca que Helena, por medo de seu marido Menelau, havia se escondido no templo de Vesta; depois, no sexto, faz Deífobo dizer que ela havia colocado uma tocha no alto de uma torre, para dar tempo aos gregos, enquanto ela mesma conduzia a dança com as mulheres da cidade. Também Tuca e Varius¹²² haviam diminuído os vinte e dois versos contidos no segundo livro, para evitar a repugnância, a qual não se pode desculpar, a não ser que a falta seja acidental, e não por ignorância; o que o poeta poderia facilmente ter percebido, se não tivesse sido impedido pela morte. Virgílio, descrevendo suas batalhas, não faz os Deuses entrarem no combate, como Homero, até fazer ferir Vênus e Marte por Diomedes. Depois, não faz os Deuses lamentarem-se, queixarem-se de seu destino assim como da morte, como faz Homero. Virgílio não imita a fúria de Aquiles, nem a ira inexorável, que, por seu ressentimento íntimo, não se digna a pegar em armas para defender seu povo. Tal como Lactância acusa Enéias de impiedade e crueldade, que, no

122 Lucius Varius e Plotius Tuca, poetas do círculo de Mecenas, contemporâneos de Virgílio, que corrigiram e editaram os doze livros da *Eneida*.

Anchise. Mais cela non seulement s'excuse, ains, à mon avis, devoit passer ainsi car le Poète est content qu'on connois le que les affaires ne se pouvoient bonnement terminer pour Enée, que par la mort de Turne, jeune Prince, et de si grand lieu, qu'il eût pu référer ses forces, et recommencer la guerre. Puis le baudrier qu'il portoit en écharpe, dépouille du jeune Prince Pallante, contraignit Enée d'en venger la mort. Encore Virgile ne fait pas Enée endormi au port de Carthage, comme Homère Ulysse au port des Féaques, lequel l'ayant décrit si prudent, si avisé et si vigilant partout ailleurs, le fait endormir en pays étrange et inconnu, et encore eu temps de naufrage. Plusieurs aussi ne se contentent pas qu'Homère ait fait connoître Ulysse par son chien, après avoir été absent vingt ans, qui est un temps excédant l'âge des chiens: sinon qu'on voulût dire qu'ils vivoient autant de ce temps-la mais ainsi il n'y auroit rien de connoissance, en la nature des animaux. Sur quoi me souvient de la grosse pierre que jetta Turne contre Enée, à la fin du douzième, laquelle Virgile dit, que douze des plus forts hommes de son temps, n'eussent pas soutenue, chose mal croyable. En quoi Virgile semble s'être souvenu de celle que jetta Diomedé contre Enée même,

final do décimo segundo livro, se recusou a dar a vida a Turno, apesar das súplicas do fantasma de seu pai Anquises. Mas isto não só se desculpa, ainda, na minha opinião, devia passar assim porque o poeta está contente que sabemos que as ações não poderiam simplesmente ser terminadas para Enéias, senão pela morte de Turno, jovem príncipe e de tão alta posição, que ele pode refazer suas forças e recomeçar a guerra. Em seguida, o boldrié que ele trazia na cintura, despojo do jovem príncipe Palas, obriga Enéias a lhe vingar a morte. Virgílio também não faz Enéias dormir no porto de Cartago, como Homero faz Ulisses no porto dos Feáceos, o qual, tendo descrito-o tão prudente, tão cuidadoso e tão atento por toda parte, faz com que durma em um país estrangeiro e desconhecido e ainda tenha tempo de naufragar. Muitos também não se agradam que Homero tenha feito Ulisses ser reconhecido pelo seu cão, depois de estar ausente por vinte anos, que é um tempo excedente para a idade dos cães; a não ser que quisesse dizer que eles vivem todo esse tempo, mas ainda assim não haveria consistência na natureza dos animais. Sobre o que me lembro da grande pedra que Turno joga contra Enéias, no final do décimo segundo livro, ali Virgílio diz que doze dos homens mais

qu'Homère dit au cinquième, que deux hommes de son temps n'eussent portée, et semble avoir proportionné le temps et les distances. Mais, s'il en fallait ainsi user, à grande peine vingt-quatre de ceux de notre temps la pourroient soulever. C'est donc un des exemples de trop curieuse et trop affectée imitation. Virgile avoit cette opinion, que les hommes vont toujours en apétissant, la prenant d'Homère, ainsi même qu'il donne à entendre à la fin du premier des Géorgiques, parlant des os des morts en la bataille d'Ematie. Que s'il est ainsi, pensez qu'à la fin il fera beau voir la petite nation des hommes. Il ne me plaît point aussi qu'il fait Creuse vaticiner au second, vu qu'il fait les Déesses mêmes ignorer les choses futures, comme Junon, Vénus et les autres. Il n'étoit point impertinent qu'il fit prophétiser Cassandre, car c'étoit par l'octroi e don d'Apollon. Voilà ce que j'ai voulu dire, touchant les fautes poétiques, pour montrer qu'Horace n'a pas dit hors propos, qu'aucunefois dort le bon homme Homère. Je fais que Virgile est repris en d'autres passages jamais je n'ai pas ici à spéculer toutes telles choses. Et suffit que j'aie montré qu'il n'est si grand, qui ne tombe en faute. Mais nous dirons que souvent ce sont fautes légères, et à la vérité, qui se doivent

valentes de sua época não a tinham movido, o que é pouco acreditável. Nisto Virgílio parece ter se lembrado daquela [pedra] que Diomedes joga contra o próprio Enéias, como Homero diz no quinto livro, que dois homens do seu tempo não a teriam carregado, e parece ter adequado o tempo e a distância. Mas se isso era necessário usar, com grande dificuldade, vinte e quatro destes do nosso tempo poderiam levantá-la. É, portanto, um destes exemplos de imitação muito curiosa e muito afetada. Virgílio tinha esta opinião, de que os homens vão sempre diminuindo, tomando-a de Homero, o mesmo que ele dá a entender, no final do primeiro [canto] das *Geórgicas*, falando dos ossos dos mortos na batalha de Emátia. Se assim for, pensei que no final vai ser bom ver a pequena nação dos homens. Também não me agrada como ele faz Creusa profetizar no segundo livro, já que faz as próprias Deusas ignorarem as coisas futuras, como Juno, Vênus e as outras. Não seria pertinente que fizesse Cassandra profetizar, pois ela estava ali por concessão e dom de Apolo. Isto é o que eu quis dizer, no tocante às falhas poéticas, para mostrar que Horácio não disse nada fora de propósito, que algumas vezes o bom Homero dorme. Eu sei que Virgílio é retomado em outras

supporter en un grand œuvre, autrement si digne et si sublime. Comme quand Pindare, aux Olympies, a donné des cornes aux Biches; car en cela ne gît pas l'ignorance de la nature, ni de l'essence de la Biche, ainsi provient seulement d'une inadvertance. Ce sont bien fautes plus lourdes, celles de l'Arioste, lequel même n'a pas regardé à bien intituler son livre, ou pour le moins, en a trop mal suivi le sujet; car l'ayant inscrit du nom de Roland, il ne parle de lui, qu'en trois, ou en quatre Chants: puis, après longs ambages, vient finir son Livre, par Roger, qui est mal entendu à lui, car s'il avait envie d'exalter la maison d'Esté, il le devait faire sous le titre d'un Roger et non pas d'un Roland, à l'imitation de Virgile, lequel il s'est si affectement efforcé d'imiter en tout le discours de son œuvre, qui est encore un autre grand vice. Et conseille tous bons esprits, d'être sobres imitateurs et fins, qui est l'un des secrets de la poésie, tant s'en faut qu'ils y doivent prendre gloire. Car, quelle gloire y a-t-il que de suivre un chemin tout fait et tout battu? Virgile même, sur sa fin, s'éroit voulu retirer, pour racler de son Livre les lieux insignes que ses envieux lui reprochent, comme trop manifestes larcins. L'Arioste encore a tant de choses légères,

passagens, mas não especulei aqui todas essas coisas. E basta que eu tenha mostrado que ele não é tão grandioso que não cometa faltas. Mas dizemos que, muitas vezes, são faltas leves e que, na verdade, devem ser desculpadas em uma grande obra assim tão digna e tão sublime. Como quando Píndaro, nas Olímpicas, deu chifres aos animais; pois nisto não há ignorância da natureza, nem da essência dos animais, assim, provém apenas de uma falha. Há muitas faltas mais graves, como as de Ariosto, em que ele mesmo não olhou nem o título do seu livro, ou pelo menos seguiu o assunto muito mal, pois, sobre o nome de Orlando fala apenas em três ou quatro cantos. Então, depois de longas evasivas, termina seu livro com Rogério, que lhe é mal entendido, pois se queria exaltar a casa d'Este, devia fazer sob o título de Rogério, e não de Orlando, conforme Virgílio, que ele tentou exageradamente imitar em todo o decorrer de sua obra, o que é também outro grande defeito. E aconselha a todos os bons gênios de serem imitadores sóbrios e sutis, que é um dos segredos da poesia, tanto que eles deveriam ganhar glória por isso. Pois, aquela glória está ali para seguir um caminho todo feito e todo trilhado? O próprio Virgílio, em seu final, queria se retirar, para

comme les latins disent, futiles, mêlées parmi son Livre, certes indignes du poème héroïque: et sont celles qui ne peuvent donner splendeur aux Ecrits, et qu'il faut expressément délaisser. J'entends un tas de contes et de plaisanteries, qui, au lieu de plaire, sont désagréables, au moins en un tel lieu. Je ne veux point ici que Lucain soit pris pour grand poète, tant pour la raison que nous avons dite sur le sujet de la poésie, que pource qu'il est trop ardent et enflé, trop affecté en harangues, ne gardant point le bienséant des personnes, faisant parler un nautonnier, ou quelque homme ignoble, d'aussi grand respect, comme un César, ou un Pompée. Joint que vous diriez, quand il est sur la description de quelque matière, qu'il n'en doit jamais sortir, n'ayant le jugement de se tempérer, et supprimer duement quelque point, ou quelque raison non nécessaire, qui est un artifice bien grand en un poete. Vrai est qu'il y a quelquefois de bons traits entresemes, lesquels l'homme de bon esprit pourra prendre, pour en faire son profit en bon lieu. Autant en veux - je être entendu quant aux autres poètes, comme de Stace, Claudian, Sile Italique, et s'il y en a de tels. En somme, nous prendrons les ecrits des poètes pour une mer, en laquelle y a échu, fables mouvans, gouffres, que le

eliminar de seu livro as passagens insignes que seus invejosos censuram como demasiado óbvias. Ariosto tem ainda muitas coisas superficiais, e, como diriam os latinos, fúteis, conflitantes em seu livro, certamente indignas do poema heróico. E são as que não podem dar esplendor aos escritos e que é preciso apagar expressamente. Conheço um monte de histórias e piadas, que, em vez de agradar, são desagradáveis, pelo menos em um lugar assim. Não quero dizer aqui que Lucano seja considerado um grande poeta, tanto pelo motivo que dissemos como pelo assunto da poesia, que por ser muito ardente e inflada, muito afetada em arengas, não conserva o decoro dos personagens, fazendo falar um barqueiro, ou um homem ignóbil, como um César ou um Pompeu de grande respeito. Eu ainda vos diria, quando é sobre a descrição de algum assunto, que nunca deve ser feita não tendo o juízo para equilibrar e suprimir devidamente algum item, ou algum motivo não necessário, que é uma habilidade muito grande em um poeta. É verdade que às vezes há bons elementos entremeados, que o homem de bom entendimento poderá tomar em seu proveito em um lugar adequado. Por isso quero ser entendido quanto aos outros poetas, como Estácio, Claudiano,

bon pilote, par instruction et par bonne vigilance, s'efforcera d'éviter, regardant quelle part il veut tirer, combien est son vaisseau capable, et de quel vent il est aspiré.

Des Traductions [Chapitre VI]

La plus vraie espèce d'imitation, c'est de traduire: car imiter n'est autre chose que de vouloir faire ce que fait un autre; ainsi que fait le traducteur, qui s'asservit, non-seulement à l'invention d'autrui, mais aussi à la disposition et encore à l'élocution tant qu'il peut, et tant que lui permet le naturel de la langue tranlative, parce que l'efficace d'un écrit, bien souvent consiste en la propriété des mots et locutions: laquelle omise, ôte la grâce, et défraude le sens de l'auteur. Pourtant, traduire est une besogne de plus grand travail que de louange. Car si vous rendez bien et fidèlement, si vous n'êtes estimé sinon avoir retracé le premier protrait, et le plus de l'honneur en demeure à l'original; si vous exprimez mal, le blâme en chet tout sur vous. Que si votre patron avait mal dit, encore êtes-vous réputé homme de mauvais jugement, pour n'avoir pas choisi bon exemple. [en] Somme, un traducteur n'a jamais le nom

Silas Itálico, se é que existe isto neles. Em suma, tomamos os escritos dos poetas por um mar, no qual são descobertas histórias comoventes, abismos, que o bom condutor procurará evitar, olhando qual parte quer seguir, conforme a capacidade do seu barco, e por qual vento é conduzido.

Sobre as Traduções [Capítulo VI]

A mais verdadeira forma de imitação é traduzir, porque imitar não é outra coisa que querer fazer o que outro faz; assim faz o tradutor, que se submete, não só à invenção de outros, mas também à disposição, e até mesmo à elocução, tanto quanto pode, e tanto quanto lhe permite a natureza da língua que traduz, pois a eficácia de um escrito consiste, frequentemente, na propriedade das palavras e das locuções, a qual, se omitida, exclui a graça e defrauda o sentido do autor. No entanto, traduzir é uma tarefa de maior trabalho do que de elogio. Porque, se verteis bem e fielmente, se não sois estimados senão por ter traçado o primeiro retrato, a maior honra continua no original; se vos expressais mal, a reprovação cai toda sobre vós. Ainda que o vosso modelo tenha dito mal, sois vós que sereis considerado homem de mau juízo, por não terdes escolhido um bom exemplo. Em

d'auteur; mais pour cela, veux-je décourager les traducteurs? Nenni, et moins encore les frustrer de leur louange due: pour être, en partie, cause que la France a commencé à goûter les bonnes choses; et même il leur demeure un avantage, que s'il traduisait bien le choses bonnes, le nom de leur auteur fera vivre le leur. Et certes ce n'est pas peu de chose, que d'avoit son nom écrit en bon lieu. Et bien souvent ceux qui sont inventeurs, se mettent en hazard de vivre moins que les traducteurs, d'autant qu'une bonne traduction vaut trop mieux qu'une mauvaise invention. Davantage, les traductions quand elles sont bien faites, peuvent beaucoup enrichir une Langue. Car le traducteur pourra faire française, une belle locution latine ou greque et de apporter en sa cité avec le poids des sentences, la majesté des clauses et élégances de la langue étrangère: deux points bien favorables, parce qu'ils approchent des générales conceptions. Mais, en cas des particularités, le traducteur doit être un peu craintif: comme en nouveaux mots, lesquels sont si connoissables, et suspects. Un traducteur, s'il n'a fait voir ailleurs quelque chose du sien, n'a pas cette faveur des lecteurs, en cas de mots, combien que soit celui qui plus en a affaire: et pour cela est moins estimé l'office de traduire.

suma, um tradutor nunca tem o nome do autor; mas, por causa disso, quero eu desencorajar os tradutores? De maneira nenhuma, e menos ainda frustrá-los de seu devido louvor; por ser, em parte, a causa pela qual a França começou a saborear as coisas boas, e ainda há outra vantagem, que, se eles traduzirem bem as coisas boas, o nome do seu autor fará viver o deles. E, certamente, não é pouca coisa ter seu nome escrito em um bom lugar. Muitas vezes os que são inventores caem no azar de viver menos do que os tradutores, por isso uma boa tradução é muito melhor do que uma invenção ruim. Além disso, as traduções, quando bem feitas, podem enriquecer muito uma língua. Porque o tradutor poderá tornar francesa uma bela locução latina ou grega e trazer para a sua cidade, com o peso das sentenças, a majestade das cláusulas e a elegância da língua estrangeira, dois pontos muito favoráveis, porque se aproximam das concepções gerais. Mas, no caso das particularidades, o tradutor deve ser um pouco cauteloso, como nas palavras novas, que são tão reconhecíveis e suspeitas. Um tradutor, se quiser mostrar aos outros algo de seu, não tem a seu favor os leitores, no caso das palavras, ainda que seja ele quem mais o tenha de fazer. É por isso que o ofício de traduzir é

Vrai est que quand son Auteur sera excellent (car l'homme prudent se garde bien d'en traduire d'autres) il lui fera permis d'user de mots tous neufs: pourvu qu'il soit certain qu'il n'y en ait point d'autres, et lui fera une louange. Car d'user si souvent de périphrase, c'est-à-dire, de circonlocution, en translatant, c'est un déplaisir trop grand, et c'est ôter le mérite du labeur ingénieux de l'auteur. Et aient donc les traductions place en notre Art, puisqu'elles se sont par art: voire elles sont tellement artificielles, que la loi en est entendue cre peu de gens. Et ne me peux assez ébahir de ceux, qui pour blâmer la traduction de mot à mot, se veulent aider de l'autorité d'Horace, quand il dit *Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus interpres*. là où certes Horace parle tout au contraire de leur intention, qui étant fus le propos, non pas des traductions (car il n'en a point donné de précepte, comme de choses qu'il prisait peu) mais du sujet poétique, dit que quand nous aurons élu quelque matière publique en un auteur, nous la ferons notre privée, si, entre autres, nous ne nous arrêtons à rendre le passage mot pour mot, ainsi que ferait un fidèle traducteur, dont j'avois déjà touché un mot sur le passage du sujet de poésie. Et si ai

menos estimado. Verdade é que, quando o seu autor for excelente (pois o homem prudente tem muito cuidado ao traduzir outros) lhe permitirá usar palavras totalmente novas, desde que esteja certo de que não há outras, e ele vai elogiá-lo. Pois o uso excessivo de perífrase, isto é, de circumlocução, ao trasladar, é um desprazer muito grande, e isto é tirar o mérito do labor engenhoso do autor. Então, as traduções têm lugar em nossa arte, uma vez que existem pela arte, significa que elas são tão artísticas, que a sua lei é entendida por poucas pessoas. E não posso deixar de me espantar com aqueles que, para censurar a tradução palavra por palavra, querem se valer da autoridade de Horácio, quando disse: *Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus interpres*: onde certamente Horácio fala, bem ao contrário da intenção deles, que havia proposto não traduções (porque ele não deu preceito, como de coisas que pouco apreciasse), mas do assunto poético, diz que quando elegemos uma questão pública em um autor, nós a tornamos privada, se, entre outras coisas, não nos detivermos para verter a passagem palavra por palavra, como faria um tradutor fiel, conforme já me referi na passagem sobre a questão da poesia. E se eu quis citar expressamente este trecho de

expressément voulu déclarer ce lieu d'Horace, le voyant par nos grammairiens autrement induit qu'il ne l'a pris, ainsi que je me suis toujours étudié à éclaircir les lieux des poètes, en les lisant par récréation de mes plus proses études; comme, entre autres, ai découvert ce passage de Virgile en la troisième Eglogue, où il y a: *Et longum formosa, vale: valet inquit, Iola*: où les commentateurs disent que le quatrième pied du vers est un dactyle, et scandent, le *vale, inquit Iola*, comme ce soit un spondée, et faille scander, le *vale, inquit, Iola*. La subtilité du poète est qu'il a fait la première de *vale* longue, imitant le parler de la garce Philide, car Menalcas dit, Philide a pleuré à mon département, et si m'a dit un long adieu, adieu, dit-elle, car ceux qui veulent montrer leur affection en pleurant, volontiers parlent long. Pour ce le poète a mis deux fois *vale* garce pleurante. J'explique ce lieu en passant, tant parce que les choses artificielles ne sont jamais hors propos, en traitant l'art, que pour montrer toujours les subtilités de mon Virgile, me sachant que ces gentils commentateurs, déjà par tant d'années, n'en savent pas connoître la centième partie, desquels l'ignorance se découvre manifestement, en ce qu'ils font la dernière de *vale* brève, et avec cela corrompent la loi de sinalere

Horácio, vendo que nossos gramáticos entendem de outra forma, assim sempre me esforcei para esclarecer os trechos dos poetas, lendo-os por recreação dos meus estudos mais prosaicos; tais como, entre outros, descobri esta passagem da terceira égloga de Virgílio, onde há: *Et longum formosa, uale: ualet inquit, Iola* em que os comentaristas dizem que o quarto pé do verso é um dátilo, e escandem o *uale, inquit Iola*, como se fosse um espondeu, e erram ao escandir o *uale, inquit, Iola*. A sutileza do poeta é que ele fez longa a primeira [sílab] de *uale*, imitando o falar da jovem Fílis, porque Menalcas diz: Fílis chorou na minha partida, e disse-me um longo adeus, adeus, disse ela, pois, os que querem demonstrar seus sentimentos chorando obviamente pronunciam longo. Por isso o poeta colocou duas vezes *uale* para a jovem chorosa. Explico rapidamente este trecho, tanto porque as coisas artísticas nunca são feitas fora de propósito, ao tratar da arte, que para mostrar sempre as sutilezas do meu Virgílio, saibam que estes nobres comentaristas, já há muitos anos, por não saberem a centésima parte do que a sua ignorância revela claramente, fazem com que a última sílab] de *uale* seja breve, e com ela corrompem a lei da marcação, que seriam duas

[signaliser], qui seraient deux licences extraordinaires pour néant, et sans propos. Et l'ai encore fait, pour montrer être vrai ce que j'ai dit ailleurs, que les syllabes brèves latines et grecques se doivent prononcer brèves, et les longues, longues. Suivant notre propos, les traductions de mot à mot n'ont pas grâce, non qu'elles soient contre la loi de traduction; mais seulement pour raison que deux langues ne sont jamais uniformes en phrases. Les conceptions sont communes aux entendemens de tous hommes; mais les mots et manières de parler sont particuliers aux nations. Et qu'on ne me vienne point alléguer Ciceron, lequel ne loue pas le traducteur consciencieux, car aussi ne fais-je, et ne l'entends point autrement, sinon que le translateur doit garder la propriété et le naïf de la langue en laquelle il translate. Mais certes je dis qu'en ce que les deux langues symboliseront, il ne doit rien perdre des locutions, ni même de la privauté des mots de l'auteur, duquel l'esprit et la subtilité souvent consiste en cela. Et qui pourroit traduire tout Virgile en vers François, phrase pour phrase, et mot pour mot, ce saurait une louange inestimable; car un traducteur, comment sauroit-il mieux faire son devoir, sinon en approchant toujours, le plus près

licenças extraordinárias, por nada e sem propósito. E também fiz para mostrar ser verdade o que eu disse em outro lugar, que as sílabas breves latinas e gregas devem ser pronunciadas breves e as longas, longas. Continuando nosso propósito, as traduções palavra por palavra não têm graça, não que sejam contra a lei da tradução, mas apenas porque duas línguas jamais são uniformes nas sentenças. Os conceitos são comuns ao entendimento de todos os homens; mas as palavras e as maneiras de falar são particulares às nações. E que ninguém me venha citar Cícero, que não louva o tradutor consciencioso, porque também não o faço, e não entendo de outra forma a não ser que o tradutor deva conservar a propriedade e a naturalidade da língua em que traslada. Mas certamente digo que exprimirão em ambas as línguas, não devendo perder nada das locuções, nem mesmo a particularidade das palavras do autor, cujo engenho e sutileza muitas vezes consistem nelas. E quem pudesse ter traduzido todo o Virgílio em verso francês, frase por frase, e palavra por palavra, mereceria um louvor inestimável; pois, como um tradutor saberia fazer melhor o seu dever senão se aproximando sempre, o mais que lhe fosse possível, do autor ao qual está

qu'il seroit possible, de l'auteur auquel il est sujet? Puis, pensez que la grandeur, ce seroit de voir une seconde langue répondre à toute l'élegance de la première, et encore avoir la sienne propre. Mais, comme j'ai dit, il ne se peut faire.

D'ecrire en sa langue [Chapitre VII]

Celui qui veut former un poète, en doit donner les préceptions générales pour toutes nations: sans avoir respect à cette-ci ni à cette-là. Autrement ce ne serait qu'enseignement imparfait. La poésie comme les autres arts, est un don venant de la faveur céleste, pour être départi à toutes gens par communauté. Notre intention est de former ici un poète pour toutes langues universellement. Mais si est-ce pourtant, qu'il se doit toujours entendre, que les préceptes doivent être pratiqués en la langue native. Car s'il est ainsi pour un si grand poète que nous voulons (lequel, possible, nous faisons ici non tel qu'il a encore été: mais tel qu'il se peut imaginer) nous ne saurions lui souhaiter trop de dons de grâce: si le ciel même travaille à nous le donner: si le premier a tant demeuré à trouver son second, et si le second n'a point encore trouvé son troisième: et bref si nous attribuons tant à la nature, maîtresse de la peine: conseillerons-nous au nôtre, de se

sujeito? Então, pensei que grandeza seria a de ver uma segunda língua responder a toda a elegância da primeira, e ainda ter a sua própria. Mas, como eu disse, isto não se pode fazer.

Sobre escrever na sua língua [Capítulo VII]

A quem quiser formar um poeta, devendo dar os preceitos gerais para todas as nações, sem dizer respeito a esta nem aquela. Caso contrário, isto não seria mais do que um ensino imperfeito. A poesia, como as outras artes, é um presente do favor celeste, para ser repartida com todas as pessoas da comunidade. Nossa intenção aqui é formar um poeta para todas as línguas, universalmente. Mas se há algo, no entanto, que se deve sempre entender, é que os preceitos devem ser praticados na língua materna. Pois, se é assim para um grande poeta que queremos (o qual, fazemos aqui não tal como é, mas como se pode imaginar ser possível), não saberíamos desejar-lhe muitos dons da graça. Se o próprio céu trabalha para nos dá-lo; se o primeiro demorou tanto para encontrar o seu segundo, e, se o segundo ainda não encontrou seu terceiro; e, enfim, se atribuímos tanto à natureza, mestra da pena, aconselharíamos ao nosso de

travailler et écrire en une langue, laquelle avant qu'il l'ait apprise, lui aura levé le bon de son âge? Le poète pourra-t-il jamais être parfait, auquel est déniée la perfection du langage auquel il doit écrire, qui n'est que l'un des moindres instruments de son métier? Car il est certain, qu'une langue acquisitive n'entre jamais si avant en l'entendement comme la native. L'art bien imite la nature tant qu'il peut: mais il ne l'atteint jamais. Puis les langues, ains toutes choses du monde, n'ont-elles pas leurs siècles? Que voulons-nous? enrichir la latinité? mais comment le ferons-nous, quand ceux qui la suçaient de la nourrice, y ont fait leur dernier effort? C'est bien ici, que nous nous montrons de petit courage, qui aimons mieux suivre toujours les derniers, que nous mettre en un rang auquel nous puissions être premiers. Nous tenons notre langue esclave nous-mêmes: nous nous montrons étrangers en notre propre pays. Quelle sorte de nation sommes-nous, de parler éternellement par la bouche d'autrui? Le ciel français produit-il de si pauvres esprits, qu'ils ne se puissent servir de leur langue? ou plutôt, produit-il de si féconds esprits en conceptions, et si indispos et nécessaires en parler? Ne voudrions-nous jamais exceller? et si nous le voulons,

trabalhar e escrever em uma língua que, antes de tê-la aprendido, tivesse gastado tanto do seu tempo? Poderá ser perfeito o poeta, ao qual é negada a perfeição da linguagem com que ele deve escrever, que é apenas um dos menores instrumentos de seu ofício? Pois é certo que uma língua adquirida nunca está tão diante do entendimento como a nativa. A arte imita a natureza tanto quanto pode, mas nunca a prejudica. Pois as línguas, como todas as coisas do mundo, não têm seus séculos? Que queremos nós? enriquecer a latinidade? mas como faremos, quando aqueles que a sugaram da nutriz fizeram seu último esforço? É bem aqui que mostramos ser de pouca coragem, que preferimos sempre seguir os últimos a nos colocarmos na posição em que podemos ser os primeiros. Mantemos a nossa língua escrava, nós mesmos: mostramo-nos estrangeiros em nosso próprio país. Que tipo de nação somos nós, ao falarmos eternamente pela boca dos outros? O céu francês produziu espíritos tão pobres que não se possam servir da sua língua? Ou, melhor, produziu mentes tão fecundas em ideias e tão incapazes e necessitadas no falar? Será que nunca vamos querer a excelência? e se a quisermos, quão louco é pensar em superar o trabalho dos

quelle folie est-ce de penser exceller au métier d'autrui, et ne se vouloir aider du sien? serons-nous perpétuels imitateurs? mais si nous le devons toujours être: à l'exemple de qui nous réglons-nous, quand nous écrivons en autre langue qu'en la nôtre? Les grecs n'ont pas écrit en égyptien: les latins n'ont pas écrit en arabe. Il y a (si j'ai bonne souvenance) un Albin en Macrobe, lequel étant romain, demandait grâce des fautes qu'il ferait, écrivant en grec. Mais qui te voudra donner grâce, lui dit-on, de la coulpe que tu veux faire délibérément, la pouvant éviter? Les Muses viennent à présent pour habiter en France: mais non point pour trouver des hôtes, vêtus d'accoutrements pérégrins: elles ne cherchent point être latinisées par les français: elles ont trouvé l'honneur qu'elles voulaient en la grèce et en la Romanie par ceux du pays: elles ne cherchent pas les sauvageons, après les arbres francs: elles veulent le naïf, et la pureté que produit la terre où elles viennent habiter. Donc, se contente notre poète d'avoir connaissance des langues externes, et connaisse à quoi il les a apprises: qui est pour en tirer les bonnes choses, et les employer en son langage naturel. Que s'il veut s'exercer à écrire en autre langue que la sienne: le fasse de telle sorte, que ce soit comme

outros e não querer ajudar a si? Seremos nós imitadores perpétuos? Mas, se lhes estamos sempre em dívida, ao exemplo de quem nos moldamos quando escrevemos em outra língua que não a nossa? Os gregos não escreveram em egípcio, os latinos não escreveram em árabe. Há (se bem me lembro), em Macróbio, um Albino que, sendo romano, pedia perdão pelos erros que cometia, escrevendo em grego. Mas, quem te louvaria, ele nos diz, pela culpa que queres ter deliberadamente, podendo evitá-la? As Musas agora vêm morar na França, mas não para encontrar anfitriões vestidos com andrajos estrangeiros; elas não procuram ser latinizadas pelos franceses; elas encontraram a homenagem que queriam na Grécia e em Roma pelos habitantes daqueles países; elas não procuram ramos enxertados nas árvores francesas; elas querem a naturalidade e a pureza produzida pela terra onde vêm morar. Então, contente-se o nosso poeta em ter conhecimento das línguas estrangeiras e saber para que as aprendeu, que é para lhes tirar as coisas boas e empregá-las na sua língua nativa. Se quiser praticar a escrita em outra língua que não a sua, que o faça de tal modo que seja por passatempo, ou por um trabalho acessório. E penso, uma vez que

par passe-temps, ou bien par un labour accessoire. Et pense, puisqu'il n'est plus possible de voir un autre Homère en grec, ni un autre Virgile en latin: de prendre courage, et n'estimer point impossible d'en voir l'un des deux en Français.

Des Mots, et de l'ésion et innovation [Chapitre VIII]

Les mots, en un langage, se peuvent comparer aux six voix en la musique, aux dix simples nombres en l'arithmétique, et aux pierres en la maçonnerie car, comme les chantres de ces six voix, entremêlés et reprises, sont des accords et des tons de si diverse oreille comme des dix caractères numéraux se sont tant de sortes de nombres et comme des pierres, diversement assorties, se sont tant de manières de bàtimens, selon l'industrie de l'ouvrier ainsi, pour implication des choses, se sont diverses structures et accommodations de mots, qui sont les diversités d'oraison et de style. Voyons-nous pas Virgile, lequel, combien qu'il n'use point d'autres mots que Lucain, ou Claudian, ou autre quelconque, toutefois les appliquant d'une façon plus propre, plus gracieuse et plus convenable qu'eux, fait apparoir son œuvre d'une certaine forme et d'une certaine majesté, qui les fait

não é mais possível ver outro Homero em grego, nem outro Virgílio em latim, que devemos ter coragem e não considerar impossível ver um dos dois em francês.

Sobre as palavras, a escolha e a inovação [Capítulo VIII]

As palavras, em uma língua, podem ser comparadas às seis vozes na música, aos dez números simples na aritmética e às pedras na construção, porque, como os cantos das seis vozes, misturados e repetidos formam os acordes e tons de tão diferentes ouvidos, como dos dez caracteres numéricos são formados tantos tipos de números, como das pedras, diferentemente combinadas, surgem edificios de tantas formas, de acordo com o trabalho dos operários, assim, para a implicação das coisas, há várias estruturas e adequações de palavras, que são as diversidades de oração e de estilo. Vejamos Virgílio, que, como não usa outras palavras que as de Lucano e Claudiano, ou qualquer outro, que as aplicam de uma maneira mais própria, mais elegante e mais conveniente do que ele, faz aparecer seu trabalho de uma certa forma e de uma certa majestade, que lhes faz discernir do conjunto, como a lua entre as estrelas, como

discerner d'ensemble, comme la lune entre les étoiles ainsi que le manouvrier assiet si bien ses pierres, au prix d'un autre moins industriel, que l'on jugeroit, voir les deux ouvrages, qu'ils fussent de diverse matière. Et de cette partie n'est bonnement possible de donner enseignement, parce qu'elle gît en la félicité et au jugement du poete, ayant toujours son but à suivre les vertus, se décliner les vices (car l'un des meilleurs apprentissages est par conférence de contraires) que nous déclarerons en suivant. Quant est de l'innovation d'iceux, faudra aviser si notre langue en aura faute; Se en tel cas, ne se faut feindre d'en former de nouveaux. Un mot bien déduit du Latin aura bonne grâce, en lui donnant la teinture française. Et ici je n'ose nommément dire cette manière de dérivation, ni celle-là, craignant de trop découvrir l'Art. Je dirai bien que les infinitifs en ire latin se peuvent mainte fois impunément convertir en ir français, comme de *vagires* *vagir*, *ambires* *ambir*, et les semblables, que l'homme d'esprit saura bien juger. Je ne ferai difficulté d'user de *Regnicoles*, après Claude de Seissel, en sa Préface au Roi Louis, sur sa traduction des Guerres Romaines d'Apian; ni encore de *repuise*, dont il a usé en quelque endroit du Livre même, combien que nous

o operário assenta tão bem as pedras em relação a outro trabalhador menos empenhado, que julgaríamos, ao ver as duas obras, que fossem de assunto diferente. E sobre esta parte simplesmente não é possível dar instrução, porque ela está na engenhosidade e no juízo do poeta, tendo sempre por objetivo seguir as virtudes, livrar-se dos vícios (porque uma das melhores aprendizagens é pela conferência de contrários) que declararemos a seguir. Como é da inovação deles, será necessário avisar se a nossa língua será insuficiente; se, em tal caso, não se deve alterar para formar algo novo. Uma palavra bem derivada do latim terá muita graça ao dar-lhe uma tintura francesa. E aqui não ousou dizer esta forma de derivação, nem lá, temendo revelar demais a arte. Direi que os infinitivos em *ire* do latim muitas vezes podem ser livremente convertidos em *ir* no francês, como *vagires* > *vagir*, *ambires* > *ambir*, e os semelhantes, que o homem engenhoso saberá julgar bem. Não vou criar problemas para usar *regnicoles* após Claude Seissel, em seu Prefácio ao rei Luís, sobre sua tradução da *Guerra romana* de Apiano; nem de *repuise*, que ele usou em algum lugar do mesmo livro, já que podemos dizer *repousse* [rebrotar] mais

puissions dire la repousse, plus françaïsement mais l'un sera oratoire, et l'autre poétique; car de ces deux ici nommés ne voudrois user en prose, comme il a fait. L'intercepte général, en cas d'innovation de mots, est que nous ayons l'astuce de les cacher parmi les usités, de sorte qu'on ne s'aperçoive point qu'ils soient nouveaux; car il n'est rien si suspect qu'un mot encore non oui, principalement en France, où les hommes ont été jusqu'ici difficiles, et dédaigneux d'accepter les présens, combien qu'ils s'accoutument maintenant à plus grande hardiesse. Mais, sans point de faute, c'est faire grand plaisir à un poète, ou à quiconque soit, d'usurper un vocable par lui inventé; car autrement il seroit en danger de reproche. Et si quelqu'un s'ingéroit de le reprendre, il n'auroit que répondre, sinon il me plaît ainsi; parole un peu odieuse, d'autant que les hommes, déjà par crus en âge et en jugement, n'endurent pas volontiers qu'on leur montre un nouveau parler. Et n'y a celui qui ne pense avoir autant de droit sur les mots comme son compagnon, parce que l'usage est à la communauté. Et de fait n'y a mots plus naturés que ceux desquels on ignore l'inventeur: ainsi les hommes, par crainte les uns des autres, craignent d'en innover.

francesamente, mas em um será Oratória e no outro, Poética; porque estes dois aqui mencionados não gostariam de usar em prosa, como ele fez. A intercepção geral, no caso da inovação das palavras, é que temos a astúcia de escondê-las entre as mais utilizadas, de modo que não se perceba que são novas; por isso não há nada mais suspeito do que uma palavra ainda não ouvida, principalmente na França, onde os homens até aqui têm sido difíceis e desdenhosos de aceitá-las, ainda que agora eles estejam se acostumando à maior ousadia. Mas, sem dúvida, é um grande prazer a um poeta, ou a quem quer que seja, usurparem um vocábulo inventado por ele; pois, ao contrário, correria risco de reprovação. E se alguém ousasse repreendê-lo, não teria que responder senão eu gosto assim; palavra um pouco detestável, visto que os homens, já envelhecidos em idade e juízo, não aceitam de bom grado que lhes mostremos um novo falar. E há quem pense ter tanto direito sobre as palavras como seu companheiro, porque o uso é da comunidade. E, de fato, há palavras mais naturais do que aquelas cujo inventor ignoramos; enfim, os homens, por medo uns dos outros, temem inovar. É verdade que existem algumas novidades, que se aproximam

Vrai est qu'il y a certaines nouveautés, qui sont si approchantes du naturel, qu'elles ne tiennent rien de l'étrange. Et en tel cas, l'ingénieux ecriteur aura non seulement liberté, mais aussi méritera louange de se mettre en devoir de peupler le Royaume François de tels supplémens. Quels sont les mots de légitime composition, comme Athlas Porteciel, l'Air Portenue, l'Aquilon Portefroid, et d'autres telles compositions artificielles, que je n'ai besoin de déclarer ici, de peur de ce que j'ai dit un peu devant. Les adjectifs substantivés sont jà tous reçus, comme le verd, pour la verdure; le gai, pour la gaieté. Et ne feindrai même de dire, je n'en fais autre, pour, je n'en fais autre chose. Nous mettrons encore bien poétiquement le nom par l'adverbe; comme il va fréquent, pour fréquemment il marche magnifique, pour magnifiquement. Nous avons eu de nouveau grandissime, belissime, dont ne ferai difficulté d'user. Et encore, comme j'ai dit quelquefois en joyeux devis, je voudrais que quelque hardi inventeur eût fait venir grandieur et belieur, pour, plus grand et plus beau, afin que nous eussions positifs, comparatifs et superlatifs. Il ne sera défendu de ramener quelquefois les mots

tanto da natureza, que não têm nada de estranho. E em tal caso, o escritor engenhoso terá não só liberdade, mas também merecerá elogios por assumir o dever de preencher o reino francês com tais suplementos. Aquelas são as palavras de composição legítima, como Atlas carregador do mundo, Ar junta-nuvens, o frio Aquilão, e outras composições artísticas, que não precisam ser declaradas aqui, pelo medo que eu disse um pouco antes. Os adjetivos substantivados já estão todos aceitos, como o verde, para a verdura; o alegre, para alegria. E nem mesmo suporei dizer, não faço outra, para [expressar que] não faço outra coisa. Ainda usamos poeticamente bem o nome pelo advérbio, como frequente e magnífico, para frequentemente e magnificamente. Tivemos como novo grandíssimamente, belíssimamente, que não serão difíceis de usar. E, ainda, como eu disse algumas vezes em conversações alegres, eu gostaria que algum inventor ousado trouxesse *grandior* e *belior* para maior e mais bonito, para que tivéssemos positivos, comparativos e superlativos. Não é preciso defender o retorno, algumas vezes, de palavras antigas, como *aderdre* para

anciens, comme aderdre, pour adérer, dont use souvent Jean Demun; héberger, pour loger, ost, pour une armée, pourvu que nous y foyons rares; ainsi que Virgile, qui a si bonne grâce en son *Olli* et qui dit quelque fois *aulaî suat* et d'autres; et principalement seront bien appliqués, quand nous ferons parler quelque personnage du vieux temps Français. Et pensons qu'il n'est mot si rude, qui ne trouve sa place, si nous prenons l'avis de le bien colloquer. Je trouverai encore bon que les mots paysans, c'est-à-dire, particuliers aux nations, se mettent au Poëme comme arrocher, mot Manceau, qui signifie viser à quelque chose d'une pierre, ou d'un bâton comme arrocher des noix, ou des pommes: Item, encrucher, qui signifie engager quelque chose entre les branches d'un arbre, termes tous deux pastoraux, dont ils ont bon nombre en notre Pays du Maine et en Anjou: Item, avier, pour allumer; uces, pour sourcils, mots poire vins y visplant, pour aubepin, lyonnais, et ceux des autres pays français. Même prendrons les mots provençaux et gascons, et leur donnerons notre marque. Comme je serois content que nous prenons estruguer, qui signifie ce que les latins disent

aderer, que muitas vezes Jean De Meun¹²³ usa, *héberger* para *loger*, *ost* para um exército, desde que sejam necessárias; como Virgílio, que tão graciosamente usou em seu *Olli* e que disse às vezes *aulaî suat* e outras; e, principalmente, serão bem aplicadas, quando fizermos falar algum personagem dos tempos do francês antigo. E pensemos que não há palavra tão rude que não encontre seu lugar, se soubermos colocá-la bem. Eu ainda acharia bom que as palavras regionais, ou seja, particulares das comunidades, fossem usadas no poema, como *arrocher*, palavra de Le Mans, que significa atingir algo com uma pedra, ou um bastão, como derrubar nozes ou maçãs. Da mesma forma, *encrucher*, que significa envolver algo entre os ramos de uma árvore, ambos termos pastoris, dos quais há um bom número no Maine e em Anjou. Também, *avier*, para acender; *uces*, para sobrançelha, palavras *poire*, *vins* e *visplant*, para espinheiro, leonesas, e aquelas de outras regiões francesas. Ainda tomamos as palavras provençais e gascãs, e damos-lhes a nossa marca. Como eu ficaria contente que tomássemos *estruguer*, que significa o que os latinos dizem

123 Jean De Meun, ou De Meung (1240-1305), poeta francês medieval, autor da segunda parte do *Roman de la Rose*.

gratuler, pour lequel nous n'avons point de mot: Item, cloque, qui est propre à cause même du son, qui signifie une poule qui a des poussins, item, companage, mot bien compose, qui signifie ce que les latins disent *opsonium*, c'est-à-dire, tout ce qu'on met sur la table, fors le pain et le vin. Et certes Bonaventure Déperiers n'a pas eu mauvaise grâce, en ses Vendanges, d'avoir amassé force mots provençaux voire de leur avoir laissé leur caractère naturel. Brief, le poète pourra apporter, de mon conseil, mots picards, normands, et autres qui sont sous la Couronne. Tout est français, puisqu'ils sont du pays du Roi. C'est un des plus insignes moyens d'accroître notre langue, et c'est celui par lequel les grecs se sont faits si plantureux. Donc, pour nous égaler aux anciens, faudra user de toutes les inventions honnêtes que nous pourrons, tandis que notre langue est entre nos mains, et en notre gouvernement, vu même que nous avons d'autres désavantages assez: entre autres, que nos noms ne se déclinent point puis, un autre point qui nous tient en grande sujétion, c'est que nos mots ne se peuvent préposer, entremèler et postposer

gratuler, para as quais não temos uma palavra. Da mesma forma, *cloque*, que é própria por causa do som e que significa uma galinha que têm pintos, também, *companage*, palavra bem composta, que significa o que os latinos dizem *opsonium*, isto é, tudo o que se põe sobre a mesa, exceto o pão e o vinho. E certamente Bonaventure Des Périers não teve má graça em suas *Vindimas*¹²⁴, por ter juntado palavras provençais e até lhes deixado as características naturais. Em suma, a meu ver, o poeta poderá trazer vocábulos picardos, normandos e outros que estão sob a Coroa. Tudo é francês, pois eles são do país do rei. Este é um dos meios mais insignes de desenvolver a nossa língua, e é aquele pelo qual os gregos tornaram-se tão copiosos. Portanto, para nos igualarmos aos antigos, falta-nos usar todas as invenções convenientes que pudermos, enquanto a nossa língua está em nossas mãos, e em nosso poder, visto que temos outras grandes desvantagens: entre outras, que os nossos nomes não se declinam no final; outro ponto que temos em grande sujeição é que nossas palavras não se podem

124 *Chants de Vendanges*, uma das composições em que Bonaventure Des Périers (1501-1544) utiliza termos dialetais; também em suas novelas o autor costumava caracterizar a fala dos personagens conforme a procedência geográfica de cada um.

ainsi librement, comme en latin et en grec. Car si, par exemple, j'avois à translater le premier vers du quatrième de l'Énéide, *At Regina graui jamdudum saucia cura*, je ne pourrois pas dire mot pour mot, mais la Reine de grieve pièce navrée cure au lieu de, mais la Reine pièce navrée d'une grieve cure. Et qui voudroit essayer à remédier à un tel défaut, çè feroit un grand point, non pas trop hardiment, mais tout doucement. Ne soyons donc plus si scrupuleux, quant aux choses des mots: trouvons-les, et les mettons en service nouveau pour les nouvelles choses car, sans point de doute, la chose la plus déplaisante aux hommes érudits, c'est de se voir abondans en inventions, et défectueux en parler.

prepor, entremear e pospor tão livremente como no latim e no grego. Pois, se, por exemplo, eu tivesse de transladar o primeiro verso do quarto canto da Eneida, *At Regina graui jamdudum saucia cura*, não poderia dizer palavra por palavra, “mas a rainha por grande há muito ferida inquietação”, em vez de “mas a rainha ferida há muito por grande inquietação”. E quem quisesse tentar remediar tal defeito, faria um grande exercício, não tão ousada mas suavemente. Portanto, não sejamos mais tão escrupulosos quanto às palavras: encontremo-nas e coloquemo-nas em serviço novo para coisas novas, porque, sem dúvida, a coisa mais desagradável para os homens eruditos é ver-se abundantes em invenções e defeituosos no falar.

6 A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO NA ITÁLIA

6.1 SPERONE SPERONI E O *DIALOGO DELLE LINGUE* (1542)

PERETTO: [...]devemos fazer com que no futuro todas as línguas possam falar de todas as coisas por todo o mundo. (Sperone Speroni, 1542)

Sperone Speroni degli Alvarotti (Pádua, 1500-1588), filho de Bernardino B. di Francesco e de Lucia Contarini, era um dos três filhos sobreviventes do casal; outros quatro haviam morrido. Destacou-se como jurista, filósofo, orador, literato e professor. Em Pádua, exerceu importantes ofícios, dentre os quais, assumiu a cadeira de lógica (1520-23) e de filosofia (1525-28). Foi aluno de Pietro Pomponazzi e membro da *Accademia degli Infiammati*, tornando-se príncipe em 1541-42, e impondo nesta o uso da língua vulgar. Speroni escreveu ensaios e diálogos sobre os mais variados temas, como arte, natureza, Deus, alma, honra, emoções, amor, morte, família, vida ativa e contemplativa, entre outros. (CAMMAROSANO, 1920)

No século XVI, após a hegemonia do platonismo entre os intelectuais, ressurgiu o pensamento aristotélico. Em um primeiro momento, dá-se maior atenção à existência de uma ordem racional no mundo, com questionamentos que contradizem a teologia. Na Universidade de Bolonha, havia maior abertura, mas na de Pádua a tradição averroísta era mais forte. Ali, entre 1488 e 1509, destacou-se, como docente, Pietro Pomponazzi, que, ao lado de outros aristotélicos, distinguiram-se dos estudiosos anteriores, pela sua abordagem mais crítica, lendo os textos no original e discutindo-os com maior liberdade intelectual. (KRISTELLER, 1970)

Pomponazzi escreveu um tratado, *De immortalitate animae* (1516), no qual defendia que a imortalidade da alma não podia ser demonstrada racionalmente. Também expôs, nesta obra, que as principais ideias sobre a alma, de Platão, Averrois e Tomás de Aquino, eram inconsistentes. Ele excluiu do texto aristotélico todas as interpretações que não fossem naturalistas, inclusive sobre o homem, separando a filosofia da teologia.

Em um segundo momento, por volta de 1540, os olhares voltam-se para a literatura, através dos comentários da *Poética* de Aristóteles. Fomenta-se, então, a reflexão sobre a retórica e a poética. Uma segunda tradução latina, feita em 1536, por Alessandro dei Pazzi, é amplamente

difundida, alavancando o debate sobre a questão da imitação, em que a arte é considerada não a verdade, mas algo que poderia ser verdadeiro, verossímil. Dentro do grupo que adere a esta nova visão estética, está Speroni, que certamente é influenciado por estas ideias.

As principais obras de Speroni são os seus *Dialoghi* (1542): *Dialogo delle lingue*, sobre o uso do vulgar; *Della retorica*; *Della cura familiare*; *Della dignità delle donne*; *Dell'amore* (a Tullia d'Aragona) e *Dialogo della storia*; *Canace* (1542, publ. em 1546), tragédia em vulgar, seguindo as regras da *Poética* de Aristóteles, provocando diversas polêmicas; e *Apologia dei dialoghi* (1578), discursos sobre Dante, sobre a *Eneida* de Virgílio e *Orlando furioso*, de Ariosto.

O *Dialogo delle lingue*, publicado em 1542, mostra o conflito linguístico característico do humanismo renascentista, em que, de um lado, são defendidas as línguas clássicas como as únicas dignas de uso para tratar assuntos de grande importância, como a filosofia e as belas letras, e, de outro, a necessidade de divulgação do conhecimento e dos valores da Antiguidade greco-romana em uma língua mais acessível. O texto expõe as discussões sobre o(s) vernáculo(s) italiano(s) que, desde o século anterior, vinha(m) sendo tema de adoção, bem como de normatização e regularização gramatical. Também aparece neste texto, como um dos temas relevantes da época, a problemática da tradução para o vernáculo, em especial de textos de filosofia grega.

No debate são envolvidos seis participantes, cada um representando personagens históricos com seus respectivos posicionamentos: Bembo (Pietro Bembo, 1470-1547), defensor do vulgar culto, modelado em Boccaccio e Petrarca; Lázaro (Lazzaro Bonamico, 1478-1552), humanista e professor de línguas clássicas, de cuja pureza é defensor, e que se mostra contrário ao uso literário do vernáculo; Cortesão (Cortegiano), possivelmente representando Baldassare Castiglione (1478-1529), que propunha o uso de uma língua vulgar de base toscana com a incorporação de várias influências de outras regiões; Láscaris (Giano Lascari, 1445-1534), o constantinopolitano, professor de grego, defensor da indissolubilidade entre as palavras e as coisas; Peretto (Pietro Pomponazzi, 1462-1525), filósofo aristotélico favorável à tradução dos textos filosóficos e das ciências em geral; e Estudante (Scolare), que traz o relato de uma discussão ocorrida anteriormente, entre Láscaris e Peretto, em que são tratadas questões como a tradução e o mérito das diversas línguas.

O humanista Lázaro exalta a excelência do grego e do latim, enquanto discrimina todos os vernáculos, que, segundo ele, não contribuiriam em nada para o que ele considera a “boa língua”. Para ele, o vulgar não passa de um latim corrompido e os literatos jamais deveriam usá-lo, para não se assemelharem aos ignorantes.

A respeito da tradução, com seu posicionamento cratilista¹²⁵, Lázaro considera que o vernáculo é impróprio para traduzir os clássicos porque, ao se tirar as obras dos poetas greco-latinos das línguas em que foram compostas, tornar-se-iam apenas espectros do original. Referindo-se aos grandes autores da literatura clássica antiga, ele argumenta que “o bom e verdadeiro Virgílio, o qual, deixando a sombra de lado, deveríamos considerar, tem a língua latina, como Homero tem a grega” (SPERONI, 1542, p. 427). Outro argumento usado por Lázaro para menosprezar o vernáculo é a diferença gramatical e a falta dos requisitos do discurso harmonioso, princípio da retórica clássica, que seriam cumpridos, segundo ele, apenas pelo grego e o latim:

Quando a língua vulgar tiver os seus Cíceros, os seus Virgílios, os seus Homeros e os seus Demóstenes, então aconselharei que ela seja algo para aprender como são agora o latim e o grego. Mas isto nunca ocorrerá; uma vez que a língua não o suporta, por ser bárbara como é, e não capaz de número nem de ornamento. [...] Não vedes esta pobre língua ter os nomes não declináveis, os verbos sem conjugação e sem particípio e, finalmente, toda sem nenhuma bondade? (p. 425)

O tema da tradução é tratado com mais clareza por Peretto e Láscaris, em um diálogo ocorrido anteriormente e que é relatado pelo personagem Estudante. No referido trecho, Láscaris, também cratilista, argumenta contra a tradução da filosofia aristotélica, porque, segundo

125 No diálogo *Crátilo*, de Platão, sobre a origem da linguagem e a relação entre as palavras e o seu significado, o personagem Hermógenes dizia que a linguagem dependeria do arbítrio dos homens, enquanto Crátilo, ao contrário, defendia uma linha naturalista, em que a linguagem seria uma imposição da natureza humana, em que a cada palavra correspondia uma ideia. Os humanistas puristas, como Lázaro, acreditavam que as ideias concebidas nas línguas clássicas não podiam ser expressas nos vernáculos, sob pena de corromperem a sua natureza.

ele, só na língua grega, em que aqueles textos foram escritos e comentados, seria possível acessar o verdadeiro pensamento de Aristóteles. Segundo ele, as diferenças (*proprietas*) entre as línguas impedem-nas de representar uma mesma ideia. A ideia (*res*) estaria relacionada de tal modo à palavra (*uerbum*), que seria intransferível a uma língua diferente, a qual teria de usar uma outra palavra, própria dela e não da língua grega. E, com isto, deturpar-se-ia a ideia do original. Durante todo o diálogo, ao se referir à tradução da filosofia grega, Láscharis deprecia os vernáculos, considerando-os incapazes de expressar o sentido do texto escrito em grego:

Transferir Aristóteles da língua grega em lombarda seria tanto quanto transplantar uma laranjeira ou uma oliveira de um pomar bem cultivado para um bosque de espinheiros; além do que as coisas de filosofia são peso para outros ombros que aqueles desta língua vulgar. (p. 461)

Peretto, ao contrário, revela-se como o grande defensor da tradução e da dignidade de todas as línguas. Enquanto os outros interlocutores representam a diversidade de opiniões a respeito de qual variedade linguística seria a melhor, ou argumentam a favor das qualidades restritas a determinadas línguas, para ele não importa qual língua seja empregada para traduzir, desde que seja vernácula, de uso comum e acessível a um maior número de leitores.

Segundo Peretto, todas as línguas têm o mesmo potencial expressivo, podendo cada grupo de usuários intervir e adequar a própria língua conforme suas necessidades. Para ele, como as línguas são convenções arbitrárias, através das quais os conceitos podem ser expressos, não é preciso desperdiçar o tempo aprendendo as línguas antigas, e sim usá-lo para adquirir conhecimento, o que pode ser feito através das traduções em vernáculo:

Deus queira, em favor de quem vier depois de mim, que todos os livros de todas as ciências, quantos sejam, gregos e latinos e hebraicos, que alguma douta e piedosa pessoa traduza-os em vulgar: talvez os bons filosofantes sejam em número muito maior do que são em nossos dias, e a sua excelência tornar-se-á mais rara. (p. 458)

Speroni demonstra, através da fala de Peretto, em oposição às concepções de Lázaro e Láscaris, que a tradução é um benefício social e elemento importante na divulgação do saber:

[...] talvez, em poucos anos, chegue um tempo em que alguma boa pessoa, não menos corajosa do que engenhosa, assuma esta empresa; e para agradar ao povo, não se importando com o ódio nem com a inveja dos literatos¹²⁶, traga de outras línguas à nossa as preciosidades e os frutos das ciências, as quais agora não degustamos nem conhecemos perfeitamente. (p. 464)

Em seu discurso, o personagem reconhece que, embora as ciências, na maior parte, tenham sido produzidas pelos antigos, não devem ficar restritas à minoria dos homens cultos que conhecem as línguas clássicas. Mas, por meio da tradução, devem ser divulgadas e estendidas a um número maior de pessoas. Ele considera que todas as línguas são capazes de dar conta das necessidades de seus usuários, sem se preocupar, por esta razão, com uma língua receptora específica, que seja mais adequada do que outra:

[...] nenhuma língua do mundo (seja qual for) pode ter por si mesma privilégio de significar os conceitos do nosso espírito, mas tudo consiste no arbítrio das pessoas. De modo que, quem quiser falar de filosofia com palavras mantuanas ou milanesas, não lhe possa ser refutado com mais razão do que o filosofar e o entender a causa das coisas. É verdade que, porque o mundo não tem por costume falar de filosofia senão em grego ou latim, acreditamos que não possa fazê-lo de outra forma; e então ocorre que a nossa época fala e escreve vulgarmente apenas sobre coisas vis e fúteis. (p. 463)

126 A “inveja dos literatos” é uma referência a alguns filólogos puristas da primeira fase do Humanismo, que exageravam na busca de perfeição formal dos textos, o que para outros, como Pomponazzi, não era relevante para a compreensão do sentido.

Já o personagem Bembo defende apenas o seu vulgar toscano, exaltando-o e fazendo-o competir com o latim. Ele não despreza o estudo das línguas clássicas, nem o uso dos diversos vernáculos da Itália, inclusive para a filosofia, mas, para a literatura, considera como a melhor língua moderna aquela dos grandes escritores italianos:

BEMBO: [...] o Peretto naquela hora (como parece) disputou sobre línguas, tendo respeito à filosofia e outras ciências semelhantes. Pelo que, posto que a sua opinião seja verdadeira, e tão bem pudesse filosofar o camponês como o cavaleiro, e o lombardo como o romano, não se pode, porém, em todas as línguas poetar e discursar igualmente; visto que entre elas uma é mais dotada dos ornamentos da prosa e do verso e a outra menos. Tal coisa foi entre nós discutida antes, sem mencionar as doutrinas, e como então vos disse, assim digo-vos de novo que, se tiverdes vontade de compor canções ou novelas ao vosso modo, isto é, em língua diferente da toscana e sem imitar o Petrarca ou o Boccaccio, talvez possais ser bom cortesão, mas poeta ou orador jamais. (p. 476)

O *Dialogo delle lingue* é um dos textos renascentistas mais importantes sobre a *questione della lingua*, pois apresenta, entre tantas ideias, os diferentes pontos de vista dos diversos envolvidos na época, com relação à tradução em vernáculo e à problemática que consistia em eleger qual das variedades linguísticas da Itália seria a mais indicada para se ter uma língua culta unificada.

Dialogo delle lingue (1542)

Interlocutori

BEMBO, LAZARO,
CORTEGIANO, SCOLARE,
LASCARI, PERETTO

Diálogo das línguas

Interlocutores

BEMBO, LÁZARO, CORTESÃO,
ESTUDANTE, LÁSCARIS,
PERETTO

BEMBO: Io odo dir, messer Lazaro, che la Signoria di Venezia v'ha condotto a legger greco e

BEMBO: Ouvi dizer, Senhor Lázaro, que a Senhoria de Veneza contratou-vos para lecionar grego

latino nello Studio di Padova: è vero questo?

LAZARO: Monsignor sì.

BEMBO: Che provisione è la vostra?

LAZARO: Trecento scudi d'oro.

BEMBO: Messer Lazaro, io me n'allegro con voi, con le buone lettere e con gli studiosi di quelle: con voi prima, peroché io non so uomo nessuno della vostra professione, che andasse presso a quel segno ove sete arrivato con le buone lettere poi, le quali da qui inanzi non mendicheranno la vita loro povere e nude, come sono ite per lo passato. M'allegro eziandio con lo Studio e gli studiosi di Padova, cui finalmente è tocco in sorte tale maestro quale lungo tempo hanno cercato e disiderato. Ma io v'aviso che egli vi bisognerà sodisfar non tanto all'immenso disiderio che hanno gli uomini d'imparare, quanto ad una infinita speranza che s'ha di voi e della vostra dottrina. Il che fare nuova cosa non vi sarà, così sete usato d'affaticarvi e con le vostre lodevoli fatiche operar gloria in voi e in altrui virtù.

LAZARO: Monsignor, sempremai io n'ho pregato Domenedio che mi dia grazia e occasione una volta di far conoscere al mondo non quel poco ch'io so, ma il valore e l'eccellenza di queste due lingue, le quali gran tempo sono state sprezzate da chi doveva adorarle;

e latim no Estúdio de Pádua, é verdade isto?

LÁZARO: Sim, Monsenhor.

BEMBO: Quanto recebeis?

LÁZARO: Trezentos escudos de ouro.

BEMBO: Senhor Lázaro, alegro-me convosco por isto, com as boas letras e com os estudiosos delas; primeiro convosco, porque não sou nenhum homem da vossa profissão, que me aproxime da distinção a que chegastes com as boas letras, depois, porque daqui em diante elas não mendigarão a sua vida pobres e nuas como estiveram no passado. Alegro-me também com o Estúdio e os estudiosos de Pádua, pela sorte de ter recebido, finalmente, o mestre que há muito tempo procuraram e desejaram. Mas aviso-vos que será necessário satisfazer não tanto ao imenso desejo que os homens têm de aprender, quanto a uma infinita esperança que se tem de vós e da vossa doutrina. O que fazer não vos será coisa nova, já que começastes a trabalhar e, com os vossos louváveis trabalhos, obter glória para vós e virtude para os outros.

LÁZARO: Monsenhor, sempre pedi a Deus que me desse uma vez graça e oportunidade de fazer o mundo conhecer não o pouco que sei, mas o valor e a excelência destas duas línguas, que por muito tempo foram desprezadas por

ora che Dio la mi ha conceduta, ho speranza di fare che molti uomini di qualunque età e nazione, lasciati gli altri studi da canto, tutti a questo uno si doneranno, come a quello che veramente pò loro far gloriosi.

BEMBO: Chiunque vi conosce porta cotale openione di voi. Ma per certo noi siamo giunti a tempo che pare che il male lungamente da noi sofferto voglia Iddio a qualche modo ricompensarci; peroché in iscambio delle molte possessioni e città della Italia, le quali occupano gli oltramontani, egli ci ha donato l'amore e la cognizione delle lingue in maniera che nessuno non è tenuto filosofo, che non sa greco e latino perfettamente. Onde egli è strana e bella cosa il vederci continuamente vivere e parlare con barbari e non aver del barbaro. Né solamente queste due nobilissime lingue, ma la toscana poco men che perduta, quasi pianta che rinovelle, è rifiorita di nuovo sì fattamente che di breve più d'un Petrarca e più d'un Boccaccio vi si potrà numerare. La ebreja similmente comincia ad essere in prezzo. Per che a me pare, quando vi guardo, che questo sia un certo influxo del cielo, sì fieramente ogn'uno si dà nello studio delle lingue: il quale solo fra tutti gl'altri ci fa immortali per fama.

LAZARO: Degna cosa da credere

quem devia adorá-las; agora que Deus me concedeu-a, espero fazer com que muitos homens de todas as idades e nações, deixados os outros estudos de lado, deem-se todos a este, como a algo que realmente pode torná-los gloriosos.

BEMBO: Quem vos conhece tem tal opinião a vosso respeito. Mas, por certo, chegamos a um tempo em que parece que Deus quer, de algum modo, recompensar-nos pelo mal longamente sofrido por nós; pois que em troca das muitas possessões e cidades da Itália, as quais os franceses ocupam, ele deu-nos o amor e o conhecimento das línguas, de modo que ninguém que não saiba grego e latim perfeitamente é considerado filósofo. Daí que é coisa estranha e bela ver-nos continuamente viver e falar com bárbaros e não ter nada de bárbaro. Nem somente estas duas nobíllissimas línguas, mas a toscana pouco menos que perdida, quase uma planta que se renova, floresceu de novo, tanto que em breve poder-se-á contar mais de um Petrarca e mais de um Boccaccio. O hebraico igualmente começa a ser apreciado. Quando vos ouço, parece-me que isto seja um certo influxo do ceu, porque tão orgulhosamente cada um se dá ao estudo das línguas, só o qual, entre todos os outros, torna-nos imortais por fama.

LÁZARO: Coisa digna para crer

che 'l cielo abbia curato altre volte e curi ancora della greca e della latina, per la eccellenza di queste lingue; ma di quelle altre né il cielo ne ha cura, né deeno averne i mortali: ai quali né onore né utile non può recare il parlar bene alla maniera del vulgo.

BEMBO: Egl'è ben vero che tanto più volentieri si dovrebbe imparare la lingua greca e la latina che la toscana, quanto di questa quelle altre due sono più perfette e più care; ma che la tosca sia da sprezzare del tutto, per niente lo direi: parte per non dire bugia, parte per non parer d'aver perduto tutto quel tempo che spender volli in apprenderla. Della ebraica, io non ne so nulla; ma per quello che io n'oda dire, quanto la latina gl'Italiani altrettanto o poco meno istima lei la Germania.

LAZARO: A me pare, quando vi guardo, che tale sia la volgar toscana per rispetto alla lingua latina quale la feccia al vino; peroché la volgare non è altro che la latina guasta e corrotta oggimai dalla lunghezza del tempo o dalla forza de' barbari o dalla nostra viltà. Per la qual cosa gl'Italiani, li quali allo studio della lingua latina la volgare antepongono, o sono senza giudicio, non discernendo tra quel ch'è buono e non buono, o privi in tutto d'ingegno non son possenti di possedere il migliore. Onde quello n'avviene che noi

que o ceu tenha cuidado outras vezes e ainda cuide do grego e do latim, para a excelência destas línguas; mas daquelas outras nem o ceu tem cuidado, nem precisam tê-lo os mortais, aos quais nem honra nem utilidade pode trazer o falar bem à maneira do vulgo.

BEMBO: É bem verdade que tanto mais de bom grado dever-se-ia aprender a língua grega e a latina que a toscana, quanto aquelas outras duas são mais perfeitas e mais valiosas do que esta; mas que a toscana seja de desprezar totalmente, por nada o diria: em parte para não mentir, em parte para não parecer ter perdido todo aquele tempo que eu quis empregar ao aprendê-la. Da hebraica não sei nada; mas quanto à latina, pelo que ouço os italianos dizerem, a Germânia estima-a tanto quanto ou pouco menos.

LÁZARO: Parece-me, quando vos observo, que a vulgar toscana com respeito à lingua latina seja tal qual a borra ao vinho; pois a vulgar não é mais do que a latina hoje deteriorada e corrompida pela distância do tempo, ou pela força dos bárbaros, ou pela nossa covardia. Por isso, os italianos, os quais antepõem a vulgar ao estudo da língua latina, ou são sem juízo, não discernindo entre o que é bom e não bom, ou totalmente privados de engenho, não sendo capazes de ter o melhor. Pelo que sucede que

veggiamo avvenire d'alcuna umana complessione, la quale scema di vigor naturale, non avendo virtù di fare del cibo sangue, onde viva il suo corpo, quello in flemma converte, che rende lo uomo dapoco, e nelle proprie operazioni il fa essere conforme alla qualità dell'umore. Ma egli si vorrebbe dare per legge ad ogn'uno: a' volgari il non parlare latinamente, per non diminuir la riputazione di questa lingua divina; a' literati, che mai da loro, se non costretti d'alcuna necessità, non si parlasse volgare alla maniera degl'ignoranti: accioché 'l vulgo arrogante, con l'esempio e auctorità de' grandi uomini, non prendesse argomento di far conserva delle sue proprie brutture e ad arte ridurre la sua ignoranza.

CORTEGIANO: Messer Lazaro, qui tra noi ditene il male che voi volete di questa lingua toscana; solamente quello non fate che fece l'anno passato messer Romolo in questa città; il quale orando pubblicamente con tante e tali ragioni biasimò cotal lingua ch'ora fu che inanzi arei tolto d'esser morto famiglio di Cicerone, per aver bene latinamente parlato, che

nós vemos ser de alguma compleição humana, a qual carente de vigor natural, não tendo força de tornar o alimento em sangue, de modo que o seu corpo viva, converte-o em fleuma, que torna o homem inepto, e nas próprias ações torna-o conforme a qualidade do humor. Mas se ele queria dar por lei a cada um, deu aos vulgares o não falar latinamente, para não diminuir a reputação desta língua divina; aos literatos, que por eles nunca, senão obrigados por alguma necessidade, falassem vulgar ao modo dos ignorantes, para que o vulgo arrogante, com o exemplo e a autoridade dos grandes homens, não tomasse como argumento a conservação das suas próprias brutalidades e pudesse reduzir a sua ignorância por meio da arte.

CORTESÃO: Senhor Lázaro, dizei aqui entre nós o mal que quereis a esta língua toscana; só não façais o que fez nesta cidade no ano passado o senhor Romolo¹²⁷, o qual, discursando publicamente, censurou tal língua com tantas e tais razões que eu teria antes preferido ser um serviçal morto de Cícero, por ter falado bem em latim, a viver agora com este papa

127 Romolo Quirino Amaseo (1464-1541), humanista e professor que defendia o latim, publicamente, como a única língua digna e universal, e o vulgar, porque usado apenas pelas pessoas ignorantes e restrito à Itália, onde se disputava entre a variante toscana e cortesã, considerava uma forma corrompida da língua latina.

viver ora con questo Papa toscano.

LAZARO: Se io credessi bisognarmi persuadere a' scolari di Padova che la lingua latina fosse cosa da seguitare e da fuggir la toscana, o io non v'anderei a legger latino o spererei che delle mie lezioni poco frutto se ne dovesse pigliare; ché, da sé stessi nol conoscendo, giudicarei che essi mancassero d'intelletto, non sappiendo distinguere tra principii per sé noti e tra le conclusioni: il quale difetto non ha rimedio nissuno. Onde io vi dico che più tosto vorrei saper parlare come parlava Marco Tullio latino ch'esser Papa Clemente.

CORTEGIANO: E io conosco di molti uomini che, per esser mediocri signori, si contenterebbono d'esser muti. Già non dico ch'io sia uno di questo numero; ma dico bene, e dicolo con vostra grazia, poi che il difetto è dal mio poco intelletto, io non vedo per qual ragione debba l'uomo apprezzare la lingua greca né la latina, che per saperle sprezzare mitre e corone; ché se ciò fosse, stato sarebbe di maggior dignità il canevaio o 'l cuoco di Demostene e di Cicerone, che non è ora l'imperio e il papato.

toscano¹²⁸.

LÁZARO: Se eu acreditasse ser necessário persuadir os estudantes de Pádua de que a língua latina era algo para seguir e a toscana para fugir, ou eu não iria lecionar latim ou esperaria que devessem tirar pouco fruto das minhas lições; porque, não conhecendo por si mesmos, julgaria que faltasse intelecto, não sabendo distinguir entre princípios notados por si e entre as conclusões: para tal defeito ninguém tem remédio. Por isso, digo-vos que eu preferia saber falar latim como falava Marco Túlio a ser o Papa Clemente.

CORTESÃO: E eu sei de muitos homens que, por serem senhores medíocres, contentar-se-iam em ser mudos. Já não digo que eu seja um deste número; mas digo bem, e digo-o com vossa permissão, pois que o defeito é do meu pouco intelecto, que não vejo por qual motivo o homem deva apreciar a língua grega nem a latina, senão para saber desprezar mitras e coroas; que se fosse isso, teria sido mais digno o copeiro ou o cozinheiro de Demóstenes e de Cícero do que agora o império e o papato.

128 Giulio Zanobi di Giuliano de' Medici (1478-1534), que foi eleito 219º papa da igreja Católica, passando a se chamar Clemente VII. No diálogo *Prose della volgar lingua*, de Pietro Bembo, ele é o personagem Giuliano, que, ao lado de Federico Fregoso, apoia Carlo Bembo na defesa do toscano arcaico, com o léxico e os usos de Petrarca e Boccaccio.

BEMBO: Non creggiate che messor Lazaro brami solamente la lingua latina di Cicerone, la quale era comune a lui e agl'altri Romani; ma insieme con le parole latine, egli disidera l'eloquenzia e la sapienzia di lui, che fu sua propria e non d'altri; la quale tanto più eccellente dee riputarsi d'ogni mondana grandezza, quanto all'altezza de' principati si sale per successione o per sorte, ove a quella delle scienzie monta l'anima nostra non con altre ali che con quelle del suo ingegno e della sua industria. Io so nulla per rispetto a' que' gloriosi, ma quel poco che io ne so delle lingue, non lo cangerei al Marchesato di Mantova.

LAZARO: Io non credo, Monsignor mio, che voi creggiate che molti de' senatori e de' consulari di Roma non che tutta la plebe, così latino parlasse come faceva Marco Tullio, alli cui studii più fu Roma obligata, che alle vittorie di Cesare. Onde io dissi, e ora dico di nuovo, che più istimo e ammiro la lingua latina di Cicerone che l'imperio d'Augusto. Delle laudi della qual lingua parlarei al presente, non tanto per sodisfare al disiderio di questo gentil'uomo da bene, quanto perché io sono obligato di farlo; ma ove voi sete, non si conviene che altri che voi ne ragione; e chi facesse altramente, farebbe

BEMBO: Não acrediteis que o senhor Lázaro deseje somente a língua latina de Cícero, a qual era comum a ele e aos outros romanos; mas junto com as palavras latinas, ele deseja também a eloquência e a sabedoria dele, que foi sua própria e não de outros; a qual tanto mais excelente deve reputar-se de toda grandeza mundana, quanto à alteza dos principados ascende-se por sucessão ou por sorte, onde aquela das ciências eleva a nossa alma não com outras asas que com as do seu engenho e da sua indústria. Eu nada sei a respeito daqueles gloriosos, mas o pouco que sei das línguas, não o atribuiria ao Marquesado de Mântua.

LÁZARO: Eu não creio, meu Monsenhor, que acrediteis que muitos dos senadores e dos cônsules de Roma, como toda a plebe, falasse latim como fazia Marco Túlio, a cujos estudos Roma foi mais obrigada do que às vitórias de César. Por isso eu disse, e agora digo de novo, que estimo e admiro mais a língua latina de Cícero do que o império de Augusto. Dos louvores de tal língua falaria ao presente, não tanto para satisfazer o desejo deste cavalheiro de bem, quanto porque sou obrigado a fazê-lo; mas onde estais, não convém que outros além de vós falem dela; e quem agisse diferente faria injúria à língua e seria considerado

ingiuria alla lingua, e egli sarebbe tenuto prosuntuoso.

BEMBO: Questo officio di lodar la lingua latina per molte ragioni dee esser vostro: parte per esser già destinato ad insegnarla pubblicamente, parte per esserle più partigiano che io non sono io, il quale non l'istimo cotanto, sì che però io dispregi la volgare toscana; e anche io non la preposi se non ad un marchesato, ove voi l'avete messa disopra all'imperio di tutto 'l mondo. Dunque a voi tocca il lodarla: ché lodandola sarete grato alla lingua, alla quale il nome vostro, e la fama vostra, è grandemente obligata; e con questo buon gentiluomo cortesemente operarete, il quale dianzi non si curò di confessare d'aver anzi dello scerno che no, per udir voi ragionar della sua eccellenza.

LAZARO: E io, poi che volete così, volentieri la loderò, con patto di potere insieme biasimar la volgare, se voglia me ne verrà, senza che voi l'abbiate per male.

BEMBO: Son contento; ma sia il patto comune, che, quando voi vituperarete, io possa difendere.

LAZARO: Volentieri. Ma a voi, gentil'uomo, dico ch'io posso bene incominciare a lodare la buona lingua latina, rendendovi la ragione perché io la preponga alla signoria del mondo; ma finire non veramente, tanto ho da dire intorno

presunçoso.

BEMBO: Este officio de louvar a língua latina deve ser vosso por muitas razões: em parte por ser já destinado a ensiná-la publicamente, em parte por lhe ser mais partidário do que eu, o que não estimo tanto que eu despreze a vulgar toscana; e também não a prepus senão a um marquesado, enquanto vós colocastes-a acima do império de todo o mundo. Portanto, deveis louvá-la, porque louvando-a sereis grato à língua à qual o vosso nome e a vossa fama são grandemente obrigados; e agireis cortesmente com este bom cavalheiro, o qual, antes, não procurou admitir que ela tinha distinção, por vos ouvir falar da sua excelência.

LÁZARO: E eu, depois de quererdes assim, louvá-la-ei de bom grado, com a condição de que possa juntamente censurar a vulgar, se eu tiver vontade, sem que leveis a mal.

BEMBO: Estou de acordo; mas a condição seja comum que, quando a repreenderdes, eu possa defendê-la.

LÁZARO: Combinado. Mas a vós, cavalheiro, digo que posso bem começar a louvar a boa língua latina, explicando-vos a razão pela qual preponho-a à senhoria do mundo; mas realmente acabar não, pois tenho muito a dizer sobre este assunto. Portanto, não estou certo

a questa materia. Non per tanto mi rendo sicuro che quel poco ch'io ne dirò vi persuaderà ad esserle molto più amico che voi non siete al presente alla corte di Roma.

CORTEGIANO: Questo voi farete dappoi. Ora io voglio per la mia parte che qualora cosa direte che io non intenda, interrompendo il ragionamento, possa pregarvi che la chiariate.

LAZARO: Son contento. Dunque, senza altro proemio fare, io dico incominciando che, quantunque in molte cose siamo differenti dalli bruti animali, in quest'una principalmente ci discostiamo da loro, che ragionando e scrivendo comunichiamo l'un l'altro il cor nostro: la qual cosa non possono fare le bestie. Dunque, se così è, quegli più diverso sarà dalla natura de' bruti, il quale parlerà e scriverà meglio. Per la qual cosa chiunque ama d'esser uomo perfettamente, con ogni studio dee cercare di parlare e scrivere perfettamente; e chi ha virtù di poterlo fare, ben si può dire a ragione lui esser tale fra gl'altri uomini, quali sono gl'uomini istessi per rispetto alle bestie. La qual virtù di parlare e di scrivere i Greci e Latini quasi ugualmente s'appropriarono. Onde le loro lingue vengono ad esser quelle che, sole tra tutte l'altre del mondo, ci fanno diversi per eccellenza dalle barbare e dalle irrazionali creature. E è ben dritto;

de que o pouco que direi a respeito vos persuadirá a ser muito mais amigo do que sois agora na corte de Roma.

CORTESÃO: Isto fareis depois. Agora quero, de minha parte, que qualquer coisa que disserdes que eu não entenda possa pedir-vos que a esclareçais, interrompendo o diálogo.

LÁZARO: Estou de acordo. Então, começando sem fazer mais proêmio, digo que, embora sejamos diferentes dos animais brutos em muitas coisas, principalmente nesta nos afastamos deles, porque conversando e escrevendo comunicamos um ao outro os nossos sentimentos, o que os animais não podem fazer. Portanto, se é assim, o mais diferente da natureza dos brutos será o que falar e escrever melhor. Por isso, quem ama ser homem perfeitamente, deve procurar falar e escrever perfeitamente, com todo esforço; e quem tem a virtude de poder fazê-lo, pode-se bem dizer o motivo de ser ele tal entre os outros homens, os quais são homens justamente em relação aos animais. Os gregos e latinos quase se apropriaram igualmente da virtude de falar e de escrever. Por isso as suas línguas tornaram-se aquelas que, sozinhas entre todas as outras do mundo, tornam-nos diferentes por excelência das

conciosia cosa che tra' poeti volgari niuno ve n'abbia il quale a giudicio di Fiorentini possa agguagliarsi a Virgilio né ad Omero, né tra gli oratori a Demostene o a Marco Tullio. Lodate quanto volete il Petrarca e il Boccaccio, voi non sarete sì arditi che né eguali però né inferiori troppo vicini gli facciate agli antichi; anzi da loro tanto lontani li troverete che tra quelli non sarete osi d'annoverargli. Ora non voglio nominar d'uno in uno i scrittori greci e latini di grande eccellenza, ch'io non ne verrei a capo in un mese; ma son contento di queste due coppie. Troverassi a costoro in altra lingua alcun pare? Dirò di me: mai non sono di sì rea voglia e sì tristo che, leggendo i lor versi e l'orazioni, non mi rallegri. Tutti gl'altri piaceri, tutti gl'altri dilette, feste, giochi, suoni, canti vanno dietro a quest'uno. Né dee uomo meravigliarsene, peroché gl'altri solazzi sono del corpo e questo è dell'animo. Onde quanto è più nobile cosa l'intelletto del senso tanto è maggiore e più grato questo diletto di tutti gli altri.

CORTEGIANO: Ben vi credo ciò che dicete; peroché qualunque volta io leggo alcune novelle del nostro Boccaccio, uomo certamente di minor fama che Cicerone non è, io mi sento tutto cangiare, massimamente leggendo

criaturas bárbaras e irracionais. E é bem correto; uma vez que, entre os poetas vernáculos, não há nenhum que, no julgamento dos florentinos, possa igualar-se a Virgílio nem a Homero, nem entre os oradores a Demóstenes ou a Marco Túlio. Louvai o Petrarca e o Boccaccio o quanto quiserdes; não sereis tão ousados que os torneis iguais aos antigos, nem muito próximos, porém nem inferiores; antes, achareis-os tão longe deles que não sereis audaciosos de colocá-los entre aqueles. Não quero citar agora um a um os escritores gregos e latinos de grande excelência, que eu não terminaria em um mês; mas estou contente com estas duas duplas. Encontrar-se-ia em outra língua algum parecido com eles? Direi por mim: jamais estou de tão má vontade e tão triste que, lendo os seus versos e as orações, não me alegre. Todos os outros prazeres, todos os outros deleites, festas, jogos, sons, cantos ficam atrás deste. Nem devemos admirar-nos dele, porque os outros divertimentos são do corpo e este é do espírito. Por isso, quanto mais nobre coisa é o intelecto do sentido este deleite é tanto maior e mais agradável de todos os outros.

CORTESÃO: Considero bem o que dizeis; pois às vezes eu leio algumas novelas do nosso Boccaccio, homem de menor fama

quella di Rustico e d'Alibech, d'Alatiel, di Peronella e altre cotali le quali governano i sentimenti di chi le legge e fanno fargli a lor modo. Per tutto ciò io non direi dover uomo arguire l'eccellenza d'alcuna lingua; più tosto credo la natura delle cose descritte avere virtù d'immutare il corpo e la mente di chi legge.

BEMBO: Questo no, ma la facondia è sola o principale cagione di far in noi così mirabili effetti. E ch'egli sia il vero, leggete Virgilio volgare, latino Omero e il Boccaccio non toscano e non faranno questi miracoli. Dunque messer Lazaro dice il vero, quando di tali effetti pone la cagion nelle lingue; non prova per questo la sua ragione non si dover imparare altra lingua che latina e greca. Peroché se la nostra volgare oggidì non è dotata di così nobili attori, già non è cosa impossibile che ella n'abbia, quando che sia, poco meno eccellenti di Virgilio e d'Omero, ciò è che tali siano nella lingua volgare, quali sono costoro nella greca e nella latina.

LAZARO: Quando egli avverrà che la lingua volgare abbia i suoi Ciceroni, i suoi Virgilio, i suoi Omeri e i suoi Demosteni, allora consiglierò che ella sia cosa da imparare come è ora la latina e la greca. Ma questo mai non sarà; conciosia cosa che la lingua non lo patisce per esser barbara, sì come

que Cícero certamente não é; sinto-me todo mudar, ao máximo, lendo aquela de Rústico e de Alibech, de Alatiel, de Peronella e outras que governam os sentimentos de quem as lê e fazem tornar-lhe a seu modo. Por tudo isso eu não diria que devêssemos arguir a excelência de nenhuma língua; acredito mais que a natureza das coisas descritas tenha o poder de mudar o corpo e a mente de quem lê.

BEMBO: Isto não, mas a eloquência é só o principal motivo de causar em nós efeitos admiráveis assim. E se é verdade, lede Virgílio vulgar, Homero latino e o Boccaccio não toscano e não farão estes milagres. Então, o senhor Lázaro diz a verdade quando põe a causa de tais efeitos nas línguas; não prova por isto a sua razão de não se dever aprender outra língua que a latina e a grega. Porque se a nossa vulgar hoje não é dotata de autores tão nobres, já não é coisa impossível que ela os tenha, um dia, pouco menos excelentes do que Virgílio e Homero, isto é, que tais sejam na língua vulgar quais são aqueles na grega e na latina.

LÁZARO: Quando a língua vulgar tiver os seus Cíceros, os seus Virgílios, os seus Homeros e os seus Demóstenes, então aconselharei que ela seja algo para aprender como são agora o latim e

ella è, e non capace né di numero né di ornamento. Ché se que' quattro, non che altri, rinascessero un'altra volta e con l'ingegno e con la industria medesima, con la quale latinamente poetarono e orarono, parlassero e scrivessero volgarmente, essi non sarebbero degni del nome loro. Non vedete voi questa povera lingua avere i nomi non declinabili, i verbi senza coniugazione e senza participio, e tutta finalmente senza nissuna bontà? E meritamente per certo; conciosia cosa che, per quello che io n'oda dire da' suoi seguaci, la sua propria perfezione consiste nel dilungarsi dalla latina, nella quale tutte le parti dell'orazione sono intere e perfette. Ché se ragione mancasse di biasmarla, questo suo primo principio, cioè è scostarsi dalla latina, è ragione dimostrativa della sua pravità. Ma che? ella mostra nella sua fronte d'aver avuto la origine e l'accrescimento da' barbari, e da quelli principalmente che più odiarono li Romani, cioè da' Francesi e da' Provenzali, da' quali non pur i nomi, i verbi e gli avverbii di lei, ma l'arte ancora dell'orare e del poetare si si derivò. Oh glorioso linguaggio! Nominatelo come vi piace, solo che italiano non lo chiamate, essendo venuto tra noi d'oltre il mare e di là dall'Alpi, onde è chiusa l'Italia: ché già non è

o greco. Mas isto nunca ocorrerá; uma vez que a língua não o suporta, por ser bárbara como é, e não capaz de número nem de ornamento. Porque se aqueles quatro, além de outros, renascessem outra vez, e com o engenho e com a mesma indústria com que latinamente poetaram e oraram, falassem e escrevessem vulgarmente, não seriam dignos do seu nome. Não vedes esta pobre língua ter os nomes não declináveis, os verbos sem conjugação e sem participio e, finalmente, toda sem nenhuma bondade? E por certo merecidamente; visto que, por aquilo que não ouço falar pelos seus seguidores, a sua própria perfeição consiste em se distanciar da latina, na qual todas as partes da oração são inteiras e perfeitas. Porque se faltasse motivo para censurá-la, este seu primeiro principio, isto é, afastar-se da latina, é razão demonstrativa da sua depravação. Mas como? ela mostra na sua fronte ter tido a origem e o crescimento com os bárbaros, e principalmente com aqueles que mais odiaram os romanos, isto é, com os franceses e os provençais, dos quais assim derivou não apenas os nomes, os verbos e os advérbios dela, mas também a arte da oratória e da poesia. Oh, gloriosa linguagem! Nomeai-a como vos agrada, só que italiano

propria di Francesi la gloria che stati ne siano inventori e accrescitori; ma dall'inclinazione dell'imperio di Roma in qua, mai non venne in Italia nazione nissuna sì barbara e così priva d'umanità, Unni, Gotti, Vandali, Longobardi ch'a guisa di trofeo non vi lasciasse alcun nome o alcun verbo d'i più eleganti ch'ella abbia. E noi diremo che volgarmente parlando possa nascere Cicerone o Virgilio? Veramente se questa lingua fosse colonia della latina, non oserei confessarlo; molto meno il dirò, essendo lei una indistinta confusione di tutte le barbarie del mondo. Nel quale caos prego Dio che mandi ancora la sua discordia; la quale, separando una parola dall'altra e ogn'una di loro mandando alla propria sua regione, finalmente rimanga a questa povera Italia il suo primo idioma, per lo quale non meno fu riverita dalle altre provincie, che temuta per le armi. Io veramente poco ho letto di queste cose volgari, e guadagnato parmi d'avere assai in perdere di studiarle, che egli è meglio non le sapere che saperle; ma quante volte per mia disgrazia n'ho alcuna veduta, altrettante meco medesimo ho lagrimato la nostra miseria, pensando fra me quale fu già e quale è ora la lingua onde parliamo e scriviamo. E noi

não a chameis, tendo chegado entre nós d'além mar e d'além dos Alpes, de modo que a Itália está encerrada; porque a glória já não é própria dos franceses que dela foram inventores e engrandecedores; mas desde a queda do império de Roma até aqui, jamais chegou à Itália nenhuma nação tão bárbara e tão privada de humanidade, hunos, godos, vândalos, longobardos, que como trofeu não tivesse deixado ali algum nome ou algum verbo dos mais elegantes que ela tem. E diremos que falando volgarmente possa nascer Cícero ou Virgílio? De fato, se esta língua fosse colônia da latina, eu não ousaria admiti-lo; muito menos o direi, sendo ela uma indistinta confusão de todas as barbáries do mundo. A cujo caos ainda peço a Deus que mande a sua discórdia; a qual, separando uma palavra da outra e mandando cada uma delas à sua própria região, finalmente reste a esta pobre Itália o seu primeiro idioma, pelo qual não foi menos reverenciada pelas outras províncias do que temida pelas armas. Eu realmente li pouco sobre estas coisas vulgares, e parece-me que ganhei muito ao perder de estudá-las, que é melhor não saber do que sabê-las; mas, para minha desgraça, quantas vezes não vi nenhuma, tanto quanto comigo mesmo chorei a nossa miséria,

vedremo giamai Cicerone o Virgilio toscano? Più tosto rinasceranno Schiavoni che Italiani volgari; salvo se per gioco non si dirà in quel modo che i servi fanno il lor re e i prigionieri lor podestà. Ma tal Virgilio e tal Cicerone, Mori e Turchi possono aver nelle lor lingue; però parlando una volta con un mio amico che molto ben s'intendea della lingua arabesca, mi ricordo udir dire che Avicenna avea composte di molte opere, le quali si conoscevano esser sue non tanto all'invenzione delle cose quanto allo stile, nel quale di gran lunga avanzava tutti gl'altri scrittori di quella lingua, eccetto quello de l'Alcorano. Dunque come proporzionevolmente Avicenna si direbbe Marco Tullio fra gli Arabi, così confesso dover nascere, anzi esser già nato e forse morto il Virgilio volgare: ma dico bene che tal Virgilio è un Virgilio dipinto. Ma il buono e il vero Virgilio, il quale, lasciando l'ombra da canto, dovrebbe abbracciare, ha la lingua latina, come la greca ha Omero; e facendo altramente siamo a peggior condizione che non sono gli ultramontani, li quali essaltano e riveriscono sommamente la nostra lingua latina e tanto ne apprendono

pensando entre mim qual já foi e qual é agora a língua com que falamos e escrevemos. E nunca veremos Cícero ou Virgílio toscano? Muito mais renascerão Schiavoni¹²⁹ do que italianos vulgares; salvo se, por brincadeira, não falarmos daquele jeito que os servos fazem o seu rei e os prisioneiros seu senhor. Mas mouros e turcos podem ter nas suas línguas tal Virgílio e tal Cícero. Uma vez, falando com um amigo meu que entendia muito bem a língua árabe, lembro-me de ouvi-lo dizer que Avicena havia composto muitas obras, as quais sabia-se que eram suas não tanto pela invenção das coisas quanto pelo estilo, no qual superava fortemente todos os outros escritores daquela língua, exceto o do *Corão*. Então, como proporcionalmente Avicena dir-se-ia Marco Túlio entre os árabes, assim admito ter de nascer, aliás já ter nascido, talvez morto o Virgílio vernáculo; mas digo bem que tal Virgílio é um Virgílio pintado. Pois o bom e verdadeiro Virgílio, o qual, deixando a sombra de lado, deveríamos considerar, tem a língua latina, como Homero tem a grega; e fazendo de outro modo estamos em condição pior do que

129 Os Schiavoni eram habitantes da República de Veneza e serviam na frota veneziana (Truppe), mas não tinham origem latina. Em geral eram oriundos de tribos eslavas.

quanto possono adoprare l'ingegno; il quale, se pare in loro fosse al disio, mi rendo certo che di breve la Germania e la Gallia produrrebbe di molti veri Virgillii. Ma noi altri suoi cittadini, colpa e vergogna del nostro poco giudizio, non solamente non l'onoriamo, ma a guisa di persone sediziose tuttavia procuriamo di cacciarla della sua patria e in suo luogo far sedere quest'altra, della quale (per non dir peggio) non si sa né patria né nome.

CORTEGIANO: A me pare, messer Lazaro, che le vostre ragioni persuadano altrui a non parlare mai volgarmente; la qual cosa non si può fare, salvo se non si fabbricasse una nuova città, la quale abitassero i letterati, ove non si parlasse se non latino. Ma qui in Bologna chi non parlasse volgare, non avrebbe chi l'intendesse e parrebbe un pedante, il quale con gli artigiani facesse il Tullio fuor di proposito

LAZARO: Anzi, voglio che così come per li granari di questi ricchi sono grani d'ogni maniera, orzo, miglio, frumento e altre biade sì fatte, delle quali altre mangiano gl'uomini, altre le bestie di quella casa; così si parli diversamente or latino, or volgare, ove e quando è mestieri. Onde se l'uomo è in piazza, in villa o in casa, col vulgo, co' contadini, co' servi, parli volgare e non altramente; ma

os ultramontanos, os quais exaltam e reverenciam sumamente a nossa língua latina e aprendem-na tanto quanto podem empregar o engenho; o qual, se parece que neles haja com desejo, estou certo de que em breve a Germânia e a Gália produzirão muitos Virgílios verdadeiros. Mas nós, seus outros cidadãos, culpa e vergonha do nosso pouco juízo, não somente não a honramos, mas, ao modo de pessoas revoltosas, ainda procuramos expulsá-la da sua pátria e em seu lugar empossar esta outra, da qual não se sabe nem a pátria nem o nome (para não dizer pior).

CORTESÃO: Parece-me, senhor Lázaros, que os vossos argumentos persuadem os outros a nunca falar vulgarmente; o que não se pode fazer, a menos que se fabricasse uma nova cidade, a qual habitassem os literatos, onde não se falasse a não ser em latim. Mas, aqui em Bolonha, quem não falasse vulgar, não teria quem o compreendesse e pareceria um pedante, como faria o Túlio fora de propósito com os artesãos.

LÁZARO: Antes, quero que, assim como cevada, milheto, trigo e outras tantas forragens, de qualquer maneira, para os celeiros dos ricos são grãos, os quais uns os homens comem, outros os animais da casa, assim falemos diversificadamente ora latim, ora

nelle scole delle dottrine e tra i dotti, ove possiamo e debbiamo esser uomini, sia umano, cioè latino, il ragionamento. E altrettanto sia detto della scrittura, la quale farà volgare la necessità, ma la elezzione latina, massimamente quando alcuna cosa scrivemo per disiderio di gloria, la quale mal ci pò dar quella lingua che nacque e crebbe con la nostra calamità, e tuttavia si conserva con la ruina di noi.

BEMBO: Troppo aspramente accusate questa innocente lingua, la quale pare che molto più vi sia in odio che non amate la latina e la greca. Peroché ove ci avevate promesso di lodar quelle principalmente e la toscana alcuna volta, venendo il caso, vituperare, ora avete fatto in contrario: quelle non avete lodato e questa una fieramente ci biasimate, e per certo a gran torto, peroché ella non è punto sì barbara né sì priva di numero e d'armonia, come la ci avete dipinta. Ché se la origine di lei fu barbara da principio, non volete voi che in ispazio di quattrocento o cinquecento anni sia divenuta cittadina d'Italia? Per certo sì; altramente li Romani medesimi, li quali di Frigia cacciati vennero ad abitare in Italia, sarebbero barbari; le persone, i costumi e la lingua loro sarebbe barbara; l'Italia, la Grecia e ogni altra provincia, quantunque

vulgare, onde e quando for preciso. De modo que se estamos na praça, no sítio ou em casa, com o povo, com os camponeses, com os serviçais, falemos vulgar e não de outra forma; mas nas escolas das doutrinas e entre os doutos, onde podemos e devemos ser homens, seja humana, isto é, latina a conversação. E tanto quanto seja dito da escrita, a qual a necessidade tornará vulgar, mas a escolha latina, ao máximo, quando escrevemos algo por desejo de glória, a qual mal nos pode dar aquela língua que nasceu e cresceu com a nossa calamidade, e ainda se conserva com a nossa ruína.

BEMBO: Muito rispivamente acusais esta inocente língua, a qual parece que odiais muito mais do que amais a latina e a grega. Pois onde nos prometestes louvar principalmente aquelas e a toscana, algumas vezes, vindo ao caso, vituperar, agora fizestes ao contrário: não louvastes aquelas e censurastes ferozmente esta, e por certo sem motivo, pois ela não é tão bárbara nem privada de número e de harmonia como a pintastes. Porque, se a origem dela foi bárbara no início, não quereis que no espaço de quatrocentos ou quinhentos anos torne-se cidadã da Italia? Por certo sim; de outro modo, os mesmos romanos, os quais, expulsos da Frígia, vieram morar na Itália, seriam bárbaros; as

mansueta e umana, si potrebbe dir barbara, se l'origine delle cose fosse bastante di recar loro questa infame denominazione. Confesso adunque la lingua nostra materna essere una certa adunanza non confusa ma regolata di molte e diverse voci, nomi, verbi e altre parti d'orazione; le quali primieramente da strane e varie nazioni in Italia disseminate, pia e artificiosa cura de' nostri progenitori insieme raccolse, e ad un suono, ad una norma, ad un ordine sì fattamente compose che essi ne formarono quella lingua, la quale ora è propria nostra, e non d'altri; imitando in questo la madre nostra natura, la quale di quattro elementi diversi molto fra loro per qualità e per sito ci ha formati noi altri più perfetti e più nobili che gli elementi non sono. Imaginatevi, messer Lazaro, di vedere l'imperio, la degnità, le ricchezze, le dottrine e finalmente le persone e la lingua d'Italia in forza de' barbari in maniera che il trarla lor de le mani sia cosa quasi impossibile: voi non vorrete vivere al mondo? mercantare? studiare? parlare voi e vostri figliuoli? Ma lasciando da parte l'altre cose, parlerete latino, cioè in guisa che non v'intendano i Bolognesi, o parlerete in maniera che altri intenda e risponda? Dunque una volta il parlar volgarmente era forza in Italia, ma in processo di

persoas, os costumes e a língua deles seriam bárbaros; a Itália, a Grécia e todas as outras províncias, embora domesticadas e humanas, poderiam ser chamadas de bárbaras, se a origem das coisas fosse suficiente para lhes dar esta denominação infame. Admito, pois, que a nossa língua é uma certa união, não confusa mas regulada, de muitos e diferentes vocábulos, nomes, verbos e outras partes da oração; as quais primeiro disseminadas na Itália por comunidades estrangeiras e variadas, reunidas pelo bom e artificioso cuidado dos nossos antepassados, e a um som, a uma norma, a uma ordem tão composta que eles formaram aquela língua, a qual agora é nossa própria, e não de outros; imitando nisto a nossa mãe natureza, a qual de quatro diferentes elementos, entre eles por qualidade e por situação, formou-nos muito mais perfeitos e mais nobres do que são os elementos. Imaginai, senhor Lázaró, ver o império, a dignidade, as riquezas, as doutrinas e, finalmente, as pessoas e a língua da Itália sob a força dos bárbaros, de modo que tomá-las das mãos deles seja algo quase impossível. Vós não quereis viver no mundo? Negociar? Estudar? Falar, vós e vossos filhos? Mas, deixando de lado as outras coisas, falareis latim, isto é, de modo que os

tempo fece l'uomo (come si dice) di quella forza e necessità l'arte e l'industria della sua lingua. E così come nel principio del mondo gli uomini dalle fere si difendevano fuggendo e uccidendo senza altro, or passando più oltre a beneficio e ornamento della persona ci vestiamo delle lor pelli; così da prima, a fine solamente d'essere intesi da chi regnava, parlavamo volgare, ora a diletto e a memoria del nostro nome parliamo e scriviamo volgare. Oh, egli sarebbe meglio che si ragionasse latino, non lo nego; ma meglio sarebbe ancora che i barbari mai non avessero presa né distrutta l'Italia e che l'imperio di Roma fosse durato in eterno. Dunque sendo altramente, che si dee fare? Vogliam morir di dolore? Restar mutoli? E non parlar mai, fin che torni a rinascere Cicerone e Virgilio? Le case, i tempj e finalmente ogni artificio moderno, i disegni, i ritratti di metallo e di marmo non sono da esser pareggiati agli antichi: dovemo però abitare tra' boschi? Non dipingere, non fundere, non isculpìre, non sacrificare, non adorar Dio? Basta a l'uomo, messer Lazaro mio caro, che egli faccia ciò che egli sa e può fare, e si contenti delle sue forze. Consiglio adunque e ammonisco ciascuno che egli impari la lingua greca e latina, quelle abbracce,

bolonheses não vos compreendam, ou falareis de maneira que entenda os outros e responda-lhes? Por isso, uma vez era forçado falar vulgarmente na Itália, mas com o passar do tempo o homem fez (como se diz) daquela força e necessidade a arte e a indústria da sua língua. E assim como no princípio do mundo os homens defendiam-se das feras fugindo e matando-as, agora, passando mais além, para o benefício e ornamento da pessoa vestimo-nos com as suas peles; assim, antes falávamos vulgar somente com a finalidade de sermos entendidos por quem governava, agora falamos e escrevemos vulgar por deleite e pela memória do nosso nome. Oh, seria melhor que se falasse latim, não o nego; mas seria melhor ainda que os bárbaros nunca tivessem tomado nem destruído a Itália e que o império de Roma tivesse durado eternamente. Então, sendo de forma diferente, que se deve fazer? Queremos morrer de dor? Ficar mudos? E nunca falar, até que Cícero e Virgílio renasçam? As casas, os templos e finalmente todos os artificios modernos, os desenhos, os retratos de metal e de mármore não devem ser igualados aos antigos: devemos então morar nos bosques? Não pintar, não fundir, não esculpir, não fazer sacrificios, não adorar a Deus? Meu caro senhor Lázaro, ao

quelle abbia care, e con l'aiuto di quelle studie a farsi immortale. Ma a tutti quanti non ha partito ugualmente Domenedio né l'ingegno né 'l tempo. Più vi vo' dire: sarà alcuno per aventura, cui né natura né industria non mancherà; nulladimeno egli serà quasi che dalle stelle inclinato a parlare e scriver meglio volgare che non latino in un soggetto e in una materia medesima. Che dee fare egli? Che ciò sia il vero, vedete le cose latine del Petrarca e del Boccaccio, e agguagliatele alle loro volgari: di quelle niuna peggiore, di queste niuna migliore giudicarete. Dunque, da capo consiglio e ammonisco voi, messer Lazaro, scrivere e parlare latino, come quello che assai meglio scrivete e parlate latino che non volgare; ma voi gentiluomo, il quale o la pratica della corte o l'inclinazione del vostro nascimento stringe a far altramente, altramente consiglio; e facendo altramente non solamente non viverete inonorato, ma tanto più glorioso quanto scrivendo e parlando bene volgare, almeno a' volgari sarete caro; ove malamente scrivendo e parlando latino, vile sareste a' dotti parimente e indotti. Né vi persuada l'eloquenzia di messer Lazaro più tosto a divenir mutolo che componere volgarmente, peroché così la prosa come il verso della lingua

homem basta que ele faça o que sabe e pode fazer, e contente-se com as suas forças. Aconselho, pois, e recomendo a cada um que aprenda a língua grega e latina, abraça-as, estime-as, e com a ajuda delas estude para se tornar imortal. Mas, a todos quantos Deus não repartiu igualmente nem o engenho nem o tempo, quero dizer-vos mais: se por acaso houver alguém ao qual não falte nem natureza nem indústria, ele será, quase que pelas estrelas, inclinado a falar e escrever melhor em vulgar do que em latim em um assunto e em uma mesma matéria. Que deve ele fazer? Que isto é verdade, vede as coisas latinas do Petrarca e do Boccaccio e comparai-as às suas vulgares: daquelas nenhuma pior, destas nenhuma melhor julgareis. Portanto, de novo aconselho e recomendo-vos, senhor Lázaró, escrever e falar em latim, como o que escreveis e falais em latim muito melhor do que em vulgar; mas vós, cavalheiro, o qual a prática da corte ou a inclinação do vosso nascimento obriga a fazer de outro modo, aconselho de outro modo; e, fazendo de outro modo, não somente não vivereis esquecido, mas muito mais glorioso quanto escrevendo e falando bem em vulgar, ao menos aos vulgares sereis caro; onde mal escrevendo e falando latim, sereis

moderna è in alcune materie poco meno numerosa e di ornamenti capace della greca e della latina. I versi hanno lor piedi, lor armonia, lor numeri; le prose il lor flusso di orazione, le lor figure e le loro eleganzie di parlare; repetizioni, conversioni, complessioni e altre tai cose; per le quali non è forse, come credete, diversa una lingua dall'altra, ché se le parole sono diverse, l'arte del comporle e dell'adunarle è una cosa medesima nella latina e nella toscana. Se messer Lazaro ci negasse questo, io li domanderei: onde è adunque che le cento novelle non sono belle egualmente, né i sonetti del Petrarca tutti parimente perfetti? Certo bisognarebbe che egli dicesse niuna orazione, niun verso toscano non esser né più brutto, né più bello dell'altro e per conseguente il Serafino esser eguale al Petrarca, o veramente confessarebbe fra le molte composizioni volgari alcuna più, alcuna meno elegante e ornata dell'altra trovarsi: la qual cosa non sarebbe così quando elle fossero del tutto prive dell'arte de l'orare e del poetare.

LAZARO: Monsignore, io negai la lingua moderna aver in sé numero, né ornamento, né consonanzia, e lo nego di nuovo, non per esperienza ch'io n'abbia ma per ragione; ché se l'uomo, senza punto saper sonare né

vil aos doutos e igualmente aos ignorantes. Que a eloquência do senhor Lázaro não vos persuadea mais a vos tornar mudo que compor vulgarmente, porque a língua moderna, tanto na prosa como na poesia, em alguns aspectos é pouco menos numerosa e capaz de ornamentos do que a grega e a latina. Os versos têm seus pés, sua harmonia, seus números; as prosas o seu fluxo de oração, as suas figuras e as suas elegâncias de falar; repetições, conversões, constituições e outras coisas, pelas quais talvez uma língua não seja diferente da outra, como acreditais, porque, se as palavras são diferentes, a arte de compô-las e de agrupá-las é a mesma na latina e na toscana. Se o senhor Lázaro negasse-nos isto, eu perguntar-lhe-ia, então, de que forma é que as cem novelas não são igualmente belas, nem os sonetos do Petrarca todos parimente perfeitos? Certamente seria preciso que ele não dissesse nenhuma oração, nenhum verso toscano que não fosse mais feio, nem mais bonito que o outro e, por conseguinte, que o Serafino fosse igual ao Petrarca, ou realmente admitiria encontrar-se entre as muitas composições vernáculas alguma mais, alguma menos elegante e ornada do que outra: isto não seria assim quando elas fossem totalmente privadas da arte

tamburo né tromba, solo che e' gli oda una volta, per la loro spiacevolezza può giudicare quelli non essere strumenti atti a fare armonia né ballo; così udendo e formando per me medesimo queste parole volgari, al suono di ciascuna di loro separata dall'altre, senza ch'io le compona altramente, assai bene comprendo che diletto possano recare agl'orecchi degli ascoltanti le prose e i versi che se ne fanno: vero è che questo giudizio non l'ha ogn'uno, ma coloro solamente i quali sono usati a ballare al suono dei leuti e dei violoni. E' mi ricorda, essendo una volta in Venezia, ove erano giunte alcune navi de' Turchi, udire in quelle un rumore di molti strumenti; del quale né 'l più spiacevole né 'l più noioso non udi' mai alla vita mia; nondimeno a coloro che non sono usi alle delizie d'Italia pareva quella una dolce musica. Altrotanto si può dire della numerosità dell'orazione e del verso di questa lingua. Alcuna volta qualche consonanzia vi si ritrova che meno ingrata e men brutta fa l'una dell'altra; ma quella in sé è armonia e musica di tamburi, anzi d'archibusi e di falconetti, che introna altrui l'intelletto e fere e stroppia sì fattamente che egli non è più atto a ricevere impressione di più delicato strumento, né secondo quello operare. Per la qual cosa chi

do orar e do poetar.

LÁZARO: Monsenhor, eu neguei que a língua moderna tivesse em si número, ornamento, consonância, e nego-o de novo, não pela experiência, que não tenho, mas por razão; porque, se alguém, sem saber tocar tambor nem trompa, apenas ouvindo-os uma vez, pode julgar pelo seu desprazer que não são instrumentos adequados para produzir harmonia nem dança, assim, ouvindo e formando por mim mesmo estas palavras vernáculas, ao som de cada uma delas separada das outras, sem que eu as componha de outra forma, compreendo muito bem que deleite possam trazer aos ouvintes as prosas e os versos que delas se fazem: é verdade que este julgamento não tem qualquer um, mas somente aqueles que costumam dançar ao som dos alaúdes e dos violões. E lembro-me, estando uma vez em Veneza, onde estavam atracados alguns navios dos turcos, de ouvir naqueles um rumor de muitos instrumentos, o qual nunca ouvi na minha vida mais desagradável nem mais irritante; contudo, aos não acostumados às delicias da Itália, parecia uma música suave. O mesmo pode-se dizer da quantidade da oração e do verso desta língua. Às vezes encontra-se nela alguma consonância que faz uma ser menos desagradável e

non ha tempo o virtù di sonare i leuti e i violoni della latina, più tosto si de' stare ozioso che por mano ai tamburi e alle campane della volgare, imitando l'esempio di Pallade, la quale, per non si distorcere nella faccia sonando, gittò via la piva, di che era stata inventrice, e fu a lei più gloria il partirla da sé e non degnar d'appressarlasì alla sua bocca che non fu utile a Marsia il ricoglierla e sonarla; onde ne perdette la pelle. Vero diceste, Monsignore, que' primi antichi Toscani essere stati sforzati a parlare in questa maniera, non volendo con silenzio trapassar la lor vita, e che noi altri posteriori abbiamo fatto dell'altrui forza nostra virtù. Questo è vero, ma maggior laude dà altrui quella violenza che a noi non reca questa virtù. Gloria fu a loro l'esser solerti nelle miserie, ma biasmo e scorno è a noi altri, ora che liberi semo, il dar ricetta e conservare lungamente un perpetuo testimonio della nostra vergogna, e quello non solamente nudrire ma ornare; altro non essendo questa lingua volgare che uno indizio dimostrativo della servitù degl'Italiani. Guerreggiando una volta la vostra Republica, e non le bastando l'oro e l'argento a pagare i soldati, fece (come si dice) stampare gran quantità di denari di cuoio cotto col conio di San Marco; e con quelli sostenò e

menos feia do que a outra; mas aquela em si é harmonia e música de tambor, aliás, de arcabuzes e falconetes, que perturba o intellecto de alguém, fere e estropia tanto que ele não fica mais apto a receber a impressão do mais delicado instrumento, nem atuar segundo ele. Por isso, quem não tem tempo ou habilidade para tocar os alaúdes e os violões do latim, deve mais ficar ocioso do que por a mão nos tambores e nas campanas do vernáculo; imitando o exemplo de Palas, que para não deformar o rosto tocando, jogou fora a flauta de que havia sido inventora. E foi para ela mais glória desfazer-se dela e não se dignar de aproximá-la à sua boca do que foi útil a Mársias recolhê-la e tocá-la, pelo que perdeu a pele. Dissestes a verdade, Monsenhor, que os primeiros antigos toscanos esforçaram-se para falar deste modo, não querendo passar a vida em silêncio, e que nós posteriores fizemos da sua força nossa virtude. Isto é verdade, mas aquela violência dá maior louvor a eles do que nos traz esta virtude. Para eles foi glória ser solertes nas desgraças, mas para nós, agora que somos livres, é censura e escárnio dar abrigo e conservar longamente um perpétuo testemunho da nossa vergonha, e não somente cultivar mas ornar; não sendo esta língua vulgar nada além de um indício

vinse la guerra: e fu sapienza veneziana questa. Ma se a tempo di pace avessero continuato a spendere questa moneta e a farla di giorno in giorno più bella e di miglior corame, già sarebbe convertita in avarizia la sapienza. Ora, se alcuno ci avesse il quale, sprezzato l'oro e l'argento, facesse del cuoio tesoro, non sarebbe egli pazzo costui? sì, veramente. Ma noi altri cui, mancando il tesoro latino, la nostra calamità fece provvedere di moneta volgare, quella non ci basta di spendere tuttavia col volgo, che altra non ne conosce né tocca, ma, venutone fatto di ricovrar le perdute ricchezze, lei tuttavia conserviamo e nei segreti dell'anima nostra, ove solevamo serrar l'oro e l'argento di Roma, diamo ricetto alle reliquie di tutta la barbarie del mondo.

CORTEGIANO: A me pare, messer Lazaro, che questo non sia né lodar la lingua latina, né vituperar la volgare, ma più tosto un certo lamentarsi della ruina d'Italia; la qual cosa come è poco fruttuosa, così è molto discosta dal nostro proponimento; onde non vi vedo partir volentieri.

LAZARO: Parvi che 'l biasmo sia poco, quando io congiungo il nascimento di lei alla distruzione dell'imperio e del nome latino? e l'accrescimento di lei al mancamento del nostro intelletto?

demonstrativo da servidão dos italianos. Uma vez, a vossa república, guerreando e não lhe bastando o ouro e a prata para pagar os soldados, fez (como se diz) imprimir grande quantidade de dinheiro de couro curtido com o cunho de São Marcos; com isto sustentou e venceu a guerra. E esta foi sabedoria veneziana. Mas, se em tempo de paz tivessem continuado a gastar esta moeda e a torná-la, dia após dia, mais bela e de melhor courame, a sabedoria já teria sido convertida em avareza. Agora, se houvesse alguém que, desprezando o ouro e a prata, fizesse tesouro do couro, não seria ele louco? sim, realmente. Mas para nós que, faltando o tesouro latino, a nossa calamidade fez prover de moeda vulgar, não nos basta gastá-la com o vulgo, que outra não conhece nem toca, mas, tendo de recuperar as riquezas perdidas, conservamos aquela e, nos segredos da nossa alma, onde costumávamos guardar o ouro e a prata de Roma, abrigamos as relíquias de toda a barbárie do mundo.

CORTESÃO: Parece-me, senhor Lázaro, que isto não é louvar a língua latina, nem vituperar a vulgar, mas muito mais um certo lamentar-se da desgraça da Itália; o que, como é pouco profícuo, está muito distante da nossa proposta; de forma que não vos vejo

Già me non laudarete in questa maniera, per farmi piacere.

CORTEGIANO: Ciò non giudico biasimo ma meraviglia più tosto, ché gran cosa dee esser quella, di cui non può l'uomo parlare, tacendo la roina di Roma che fu capo del mondo! E che questo sia vero, poniamo che non i barbari ma i Greci l'avessero disfatta e che da indi in qua parlassero ateniense gl'Italiani, voi biasimareste la lingua attica, peroché l'uso di lei fosse congiunto alla servitù nostra?

LAZARO: Se ciò stato fosse, non sarebbe suta guasta ma riformata l'Italia, per che non solamente non biasimerei il disfacimento di questo imperio, ma lodarei Dio, che lui avesse voluto ornare di linguaggio convenevole alla sua dignità.

CORTEGIANO: Dunque, maggiore è il danno d'aver perduta la lingua che la libertà?

LAZARO: Sì, senza dubbio, peroché in qualunque stato sia l'uomo, o franco o soggetto, sempremai è uomo, né dura più d'uomo; ma la lingua latina ha virtù di fare d'uomini dèi e di morti, non che di mortali che siamo, immortali per fama. E che ciò sia vero, l'imperio romano, che si distese per tutto, è già guasto, ma la memoria della grandezza di lui, conservata nell'istorie di Salustio e di Livio, dura ancora e

discorrer de bom grado.

LÁZARO: Parece-vos que a censura seja pouco, quando eu relaciono o nascimento dela à destruição do império e do nome latino? e o crescimento dela à falta do nosso intelecto? Já não me elogiareis desta maneira, para me agradar.

CORTESÃO: Não acho isso censura, mas muito mais maravilha, porque deve ser uma grande coisa, da qual não se pode falar, silenciando a destruição de Roma que foi a cabeça do mundo! E para confirmar isto, suponhamos que não os bárbaros mas os gregos tivessem desfeito-a e que desde então os italianos falassem ateniense, vós censuraríeis a língua ática, porque o seu uso esteve ligado à nossa servidão?

LÁZARO: Se isto tivesse acontecido, a Itália não teria sido destruída mas reformada, porque não somente eu não censuraria a dissolução deste império, mas louvaria a Deus, por ele tê-la querido ornar de linguagem adequada à sua dignidade.

CORTESÃO: Então, o prejuízo de ter perdido a língua é maior do que a liberdade?

LÁZARO: Sim, sem dúvida, porque em qualquer estado que o homem esteja, livre ou submisso, sempre é homem, não dura mais do que o homem; mas a língua latina tem o poder de tornar os

durerà fin che 'l cielo si moverà; e altrotanto si può dire dell'imperio e della lingua de' Greci.

CORTEGIANO: Questa virtù di far le persone famose per molti secoli non l'ha, che io creda, la istoria greca e latina come greca e latina, ma come istoria che ella è; la quale, in qualunque idioma sia scritta da alcuno, è sempremai (come alcun dice) testimonio del tempo, luce della verità, vita della memoria, maestra della vita d'altrui e rinnovamento dell'antichità.

LAZARO: Voi dite il vero, non esser propria questa virtù dell'istorie grece e latine, non che altra lingua ne sia partecipe; ma percioché tutte l'istorie grece e latine non hanno avuto tal privilegio, ma quelle solamente le quali artificiosamente compose alcuno uomo eloquente, sendo perfette quelle due lingue. Onde gli annali di Roma, li quali senza alcuno ornamento, con semplici e ancora rozze parole, narravano gl'avenimenti di lei, non durarono molti anni; né di loro si parlerebbe, se altro scrittore, quasi da compassione mosso, non ne facesse parola. Dunque, se quelli il tempo ha fatto divenir nulla, li quali assai dovevano aver d'eleganzia, essendo scritti latinamente, or che fia dell'istorie volgari, cui né naturale dolcezza di lingua né artificiosa eloquenzia di

homens deuses e os mortos, de mortais que somos, imortais por fama. E que isso é verdade, o império romano, que se expandiu por tudo, já está deteriorado, mas a memória da grandeza dele, conservada nas histórias de Salústio e de Lívio, ainda dura e durará até que o ceu se mova; e o mesmo se pode dizer do império e da língua dos gregos.

CORTESÃO: Este poder de tornar as pessoas famosas por muitos séculos a história grega e latina não tem, que eu creia, como grega e latina, mas como história que ela é; a qual, em qualquer idioma que seja escrita por alguém, é sempre (come dizem) testemunho do tempo, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida e renovação da antiguidade.

LÁZARO: Dizeis a verdade, que este poder não é próprio das histórias gregas e latinas, ou de outra língua; mas porque nem todas as histórias gregas e latinas tiveram tal privilégio, mas somente aquelas as quais habilmente algum homem eloquente compôs, sendo aquelas duas línguas perfeitas. De forma que os anais de Roma, os quais sem nenhum ornamento, narravam os acontecimentos dela com palavras simples e ainda rudes, não duraram muitos anos; nem se falaria neles, se outro escritor, comovido quase por compaixão, não falasse. Então, se

scrittori non può far care né graziose giamai?

CORTEGIANO: Non intendo ancora ben bene in che cosa consista la soavità della lingua e delle parole latine, e la barbarica spiacevolezza delle volgari; anzi, confessandovi liberamente la mia ignoranza, grandissimo numero de' nomi e participii latini con loro strana prononziatione le più volte mi suonano non so che bergamasco nel capo; altrettanto sogliono fare alcuni modi e tempi de' verbi; alle quali parole una simile delle volgari la nostra Corte Romana non degnerebbe di proferire.

LAZARO: Io vi ricordo, gentil'uomo, che l'autorità concistoriale non è giudice competente del suono e degl'accenti delle parole latine, onde se alcuna volta la lingua latina le pare tener della bergamasca, ella non è però bergamasca; né perché tale sia giudicata più vi dovete meravigliare che già vi siate meravigliato, avendo letto in Ovidio Mida Re più solere lodare lo stridere delle cannuce di Pan che la soavità della cetra d'Apollo.

CORTEGIANO: Ecco, io son contento di confessarvi che le mie orecchie in tal caso non siano umane ma d'asino, se voi mi dite per qual cagione la numerosità e consonanzia dell'orazioni e de'

o tempo fez aqueles virarem em nada, os quais deviam ter muita elegância, sendo escritos latinamente, agora que fará das histórias vulgares, que nem doçura de língua natural nem eloquência artificiosa de escritores pode tornar valiosas nem graciosas?

CORTESÃO: Ainda não entendo bem bem em que consiste a suavidade da língua e das palavras latinas, e o desprazer barbárico das vulgares; antes, confessando-vos livremente a minha ignorância, grandíssimo número dos nomes e participios latinos com sua estranha pronúncia muitas vezes soam-me não sei que bergamasco na cabeça; assim também costumam fazer alguns modos e tempos dos verbos, para cujas palavras a nossa Corte Romana não se dignaria de proferir uma semelhante das vulgares.

LÁZARO: Lembro-vos, cavalheiro, que a autoridade consistorial não é juiz competente do som e dos acentos das palavras latinas, de modo que, se alguma vez a língua latina se parece com a bergamasca, ela não é, porém, bergamasca; nem para que tal seja julgada deveis admirar-vos mais do que já vos admirastes, tendo lido em Ovídio o Rei Midas que costumava elogiar mais o estridular da flauta rústica de Pan que a suavidade da cítara de Apolo.

versi di questa lingua chiamaste musica d'archibusi, conciosia cosa che i gran maestri di canto, cui è propria professione l'armonia, rade volte o non mai fanno canto o mottetto che le parole di lui non siano sonetti o canzoni volgari. Questo è pur segno che i nostri versi son da sé pieni di melodia.

LAZARO: Già non è, gentil'uomo (come forse pensate), l'armonia del canto e quella delle prose e de' versi una cosa medesima, ma molte sono e diverse; onde non solamente delle cose volgari ma de' *chirie* ancora e dei *santus* si fanno canti e mottetti, della cui armonia generalmente s'intende ogni orecchia; peroché quali sono i sapori alla lingua, e agl'occhi e al naso i colori e gl'odori, tale è il suono agl'orecchi degl'uomini, li quali per lor natura e senza studio veruno facilmente discernono tra 'l piacevole e 'l dispiacevole. Ma il numero e l'armonia dell'orazione e del verso latino non è altro che artificiosa disposizione di parole, dalle cui sillabe, secondo la brevità e la lunghezza di quelle, nascono alcuni numeri, che noi altri chiamiamo piedi; onde misuratamente camina dal principio alla fine il verso e l'orazione. E sono di diverse maniere questi tai piedi, facendo i

CORTESÃO: Bem, fico contente em admitir que os meus ouvidos, em tal caso, não são humanos mas de asno, se me dizeis por qual causa chamastes a medida e consonância da oração e dos versos desta língua de música de arcabuzes, já que os grandes mestres de canto, cuja própria profissão é a harmonia, raras vezes ou nunca fazem canto ou motetes em que as palavras deles não sejam sonetos ou canções vulgares. Isto é, pois, sinal de que os nossos versos são, por si, plenos de melodia.

LÁZARO: Cavalheiro, a harmonia do canto e a das prosas e dos versos não é a mesma coisa (como talvez penseis), mas são muitas e diferentes; pelo que não somente das coisas vulgares mas também dos *kiries* e dos *santus*¹³⁰ fazem-se cantos e motetes, cuja harmonia geralmente todos os ouvidos entendem. Pois, assim como são os sabores à língua, aos olhos e ao nariz as cores e os odores, é o som aos ouvidos dos homens, os quais, pela sua natureza e sem esforço nenhum, facilmente discernem entre o agradável o desagradável. Mas o número e a harmonia da oração e do verso latino não é senão hábil disposição de palavras, de cujas sílabas, segundo a

130 Cantos da celebração litúrgica cristã; o *Kiries* (em grego, Senhor) segue-se ao canto de entrada e o *Sanctus* (Santo), após o ofertório.

lor passi lunghi e corti, tardi e veloci, ciascheduno al suo modo, e è bell'arte quelli insieme adunare sì fattamente che non discordino fra sé stessi, ma l'uno all'altro e tutti insieme siano conformi al soggetto; peroché d'alcune materie alcuni piedi sono quasi peculiari, e fra lor piedi quali meglio, quali peggio s'accompagnano al loro viaggio, e qualunque persona quelli a caso congiugne, non avendo riguardo né alla natura di quelli né alle cose di che intende di ragionare, i versi e l'orazioni sue nascono zoppe, e non dovrebbe nutrirlgli. E di questa cotal melodia non ne sono capaci gl'orecchi del vulgo, né lei altresì possono formare le voci della lingua volgare, la cui prosa io non so dire per qual ragione sia numerosa chiamata, se l'uomo in lei o non s'accorge o non cura né di spondei né di dattili né di trochei né d'anapesti e finalmente di niuna maniera di piedi, onde si move l'orazione ben regolata. Veramente questa nuova bestia di prosa volgare o è senza piedi e sdrucchiola a guisa di biscia o ha quelli di specie diversa molto dalla greca e dalla latina; e per conseguente di così fatto animale, come di mostro a caso creato oltre il costume e l'intenzione d'ogni buono intelletto, non si dovrebbe fare né arte né scienza. I versi veramente, in quanto son fatti

brevidade e a duração delas, nascem alguns números, que chamamos pés; por onde o verso e a oração mensuradamente caminham do princípio ao fim. E estes tais pés são de diferentes formas, dando seus passos longos e curtos, lentos e velozes, cada um do seu modo, e é bela arte uni-los, tanto que não discordem entre si mesmos, mas um com o outro e todos juntos sejam adequados ao assunto. Porque alguns pés são quase peculiare a algumas matérias, e entre os seus pés quais melhor, quais pior acompanham-nas em sua viagem, e qualquer pessoa que os agrupe ao acaso, não prestando atenção à natureza deles, nem às coisas que pretende expressar, seus versos e orações nascem mancos, e não deveria nutri-los. E desta tal melodia os ouvidos do vulgo não são capazes, nem podem formá-la os vocábulos da língua vulgar, cuja prosa eu não sei dizer por qual motivo é chamada de numerosa, se nela o homem não percebe ou não cuida nem de spondeus, nem de dátilos, nem de troqueus, nem de anapestos e, finalmente, de nenhuma forma de pés, pelo que se move a oração bem regulada. Realmente, esta nova besta de prosa vulgar ou é sem pés e esdrúxula, como uma cobra, ou os tem de espécie muito diferente da grega e da latina; e, por

d'undici sillabe, non paiono in tutto privi di piedi, ché le sillabe in loro hanno luogo e officio di piedi; ma in quanto quelle cotali possono esser lunghe e brevi a lor voglia, mai non dirò che sia diritto il lor calle, salvo se Monsignor non dicesse le rime esser l'appoggio de' versi, che gli sostengono e fanno andare dirittamente. La qual cosa non mi par vera, peroché, per quello ch'io n'oda dire, le rime sono più tosto come catena al sonetto e alla canzone che piedi o mani di versi loro. E tanto voglio che ne sia detto da me, brevemente certo per rispetto a quello che se ne può ragionare, ma a bastanza, se alla vostra richiesta, e troppo forse, se alla presenza di Monsignore si riguarderà, il quale meglio di me conosce e può numerare i difetti di questa lingua. BEMBO: Questa cosa di numeri come si stia e se così la prosa come il verso toscano n'ha la sua parte e in che modo la si abbia, per essere assai facile da vedere ma lontana dal nostro proponimento, ora con esso voi non intendo di disputarla; anzi confessando quello esser vero, che ne diceste, non tanto perché sia vero quanto perché si veda ciò che ne segue, io vi dico questa lingua moderna, tutto che sia attempatetta che no, esser però ancora assai picciola e sottile verga, la quale non ha appieno fiorito, non che frutti

consequente, de animal feito assim, como de monstro criado ao acaso, além do costume e da intenção de todo bom intelecto, não se deveria fazer nem arte nem ciência. Os versos, de fato, quando são feitos de onze sílabas, não parecem totalmente privados de pés, porque neles as sílabas têm lugar e função de pés; mas quando elas podem ser longas e breves à sua vontade, jamais direi que o caminho delas é correto, salvo se o monsenhor não dissesse que as rimas são o apoio dos versos, que os sustentam e fazem andar corretamente. Isto não me parece verdade, porque, pelo que eu ouço dizer a respeito, as rimas são mais um encadeamento ao soneto e à canção do que pés ou mãos de seus versos. E quero muito que isto seja dito por mim, brevemente, é claro, mas o suficiente, com respeito ao que se pode falar sobre, considerando a vossa aceitação, e talvez muito, devido à presença do monsenhor, o qual conhece melhor do que eu e pode listar os defeitos desta língua. BEMBO: Esta coisa de números como é, e se tanto a prosa como a poesia toscana tem a sua parte e em que modo a tem, por ser muito fácil de ver, mas longe da nossa proposta, não pretendo discuti-la convosco agora; antes, admitindo ser verdade o que dissestes, não tanto porque seja verdade quanto para que se veja o que segue, digo-

prodotti che ella può fare: certo non per difetto della natura di lei, essendo così atta a generar come le altre, ma per colpa di loro che l'ebbero in guardia, che non la coltivorno a bastanza, ma a guisa di pianta selvaggia, in quel medesimo deserto ove per sé a nascere cominciò, senza mai né adacquarela né poterla né difenderla dai pruni che le fanno ombra, l'hanno lasciata invecchiare e quasi morire. E se que' primi antichi Romani fossero stati sì negligenti in coltivare la latina quando a pullular cominciò, per certo in sì poco tempo non sarebbe divenuta sì grande; ma essi, a guisa di ottimi agricoltori, lei primieramente tramutarono da luogo selvaggio a domestico; poi, perché e più tosto e più belli e maggior frutti facesse, levandole via d'attorno le inutili frasche, in loro scambio l'innestarono d'alcuni ramuscelli maestrevolmente dettratti dalla greca; li quali subitamente in guisa le s'appicarono e in guisa si ferno simili al tronco, che oggimai non paiono rami adottivi ma naturali. Quindi nacquero in lei que' fiori e que' frutti sì coloriti dell'eloquenzia, con quel numero e con quell'ordine istesso il quale tanto essaltate; li quali, non tanto per sua natura quanto d'altrui artificio aiutata, suol produrre ogni lingua. Peroché 'l numero, nato

vos que esta língua moderna, com toda a idade que tem, é, porém, uma plantinha ainda muito pequena e fina, a qual não floriu plenamente. Não que ela não possa produzir frutos, claro, não por defeito da sua natureza, sendo tão apta a gerar como as outras, mas por culpa dos que a tiveram sob a guarda, que não a cultivaram o suficiente, mas como uma planta selvagem, naquele mesmo deserto onde começou a nascer por si, sem nunca regá-la, nem podá-la, nem defendê-la dos espinheiros que lhe faziam sombra, deixaram-na envelhecer e quase morrer. E se os primeiros antigos romanos tivessem sido tão negligentes no cultivo do latim quando começou a germinar, por certo em tão pouco tempo não se teria tornado tão grande; mas eles, como ótimos agricultores, primeiramente mudaram-no de lugar selvagem a doméstico; depois, para que desse muitos, mais belos e maiores frutos, tirando do seu redor os ramos inúteis, em troca enxertaram-lhe alguns raminhos magistralmente tirados do grego; os quais, subitamente, uniram-se a ele e tornaram-se semelhantes ao tronco, que hoje não parecem ramos adotivos mas naturais. Então, nasceram nele aquelas flores e aqueles frutos tão coloridos da eloquência, com aquele número e com aquela

per magistero di Trasimaco, di Gorgia, di Teodoro, Isocrate finalmente fece perfetto. Dunque se greci e latini uomini, più solleciti alla coltura della lor lingua che noi non semo alla nostra, non trovarono in quelle, se non dopo alcun tempo e dopo molta fatica, né leggiadria né numero, già non de' parer meraviglia, se noi ancora non n'avemo tanto che basti nella volgare; né quindi de' prender uomo argomento a sprezzarla come vil cosa e da poco. Oh, la latina è migliore d'assai! Oh, quanto sarebbe meglio dir fu e non è, ma sia stata per lo passato e sia ancor tuttavia sì gentil cosa! Tempo forse verrà che d'altra tanta eccellenza fia la volgare dotata; ché, se per essere a' nostri giorni di niuno stato e men gradita, non si dovesse apprezzare, la greca, la quale era già grande sul nascimento della latina, ne' nostri animi non dovea lasciar fermare le radici d'un'altra lingua novella; e altrettanto direi della greca, per rispetto alla ebrea: concluderebbersi finalmente dalle vostre premisse dover essere al mondo sola una lingua, e non più, onde scrivessero e parlassero li mortali; e avverrebbe che ove voi credereste d'argumentar solamente contra la lingua toscana, e quella con vostre ragioni estirpare del mondo, voi parlaste eziandio

mesma ordem que tanto exaltais; os quais todas as línguas costumam produzir, não tanto pela sua natureza quanto ajudada pela habilidade de outros. Porque o número, nascido pelo magistério de Trasímaco, de Górgias, de Teodoro, Isócrates finalmente tornou-se perfeito. Então, se homens gregos e latinos, mais atenciosos à cultura da sua língua do que nós somos à nossa, não encontraram naquelas, senão depois de algum tempo e depois de muito trabalho, nem elegância nem número, já não é de causar espanto se nós ainda não temos tanto que baste na vulgar; nem pois de tomarmos como argumento desprezá-la como coisa vil e pouca. Oh, a latina é muito melhor! Oh, quanto seria melhor dizer foi e não é, mas tenha sido no passado e ainda seja algo tão nobre! Talvez haja um tempo em que a vulgar seja dotata de tantas outras excelências; porque, se não se devesse apreciá-la por ser de ninguém e menos aceita nos nossos dias, a grega, a qual já era grande no nascimento da latina, não devia deixar firmar as raízes de outra língua nova nem em nossos espíritos; e tanto quanto diria da grega, a respeito da hebraica. Finalmente, concluir-se-ia, pelas vossas premissas, ter de existir no mundo só uma língua, e não mais, com que os mortais

contra la latina e la greca. Benché questa pugna si estenderebbe non solamente contra i linguaggi del mondo, ma contra Dio, il quale *ab eterno* diede per legge immutabile ad ogni cosa criata non durare eternamente, ma di continuo d'uno in altro stato mutarsi, ora avanzando e ora diminuendo, finché finisca una volta, per mai più poscia non rinovarsi. Voi mi direte: troppo indugia oggimai la perfezione della lingua materna; e io vi dico che così è come dite; ma tale indugio non dee far credere altrui esser cosa impossibile che ella divenga perfetta; anzi vi può far certo lei doversi lungo tempo godere la sua perfezione, qualora egli avverrà ch'ella se l'abbia acquistata. Ché così vuol la natura, la quale ha deliberato che qual arbor tosto nasce, fiorisce e fa frutto, tale tosto invecchia e si muoia; e in contrario che quello duri per molti anni, il quale lunga stagione arà penato a far fronde. Sarà adunque la nostra lingua, in conservarsi la sua dovuta perfezione lungamente disiderata e cercata, simile forse ad alcuni ingegni, li quali, quanto men facilmente apprendono le dottrine, tanto difficilmente le si lasciano uscire della memoria. Oh, ella è testimonio della nostra vergogna, essendo venuta in Italia insieme con la roina di lei! Più tosto ella è testimonio della nostra solerzia e

escrevessem e falassem; e succederia que onde acreditásseis argumentar somente contra a língua toscana, e com vossas discussões extirpá-la do mundo, falaríeis também contra a latina e a grega. Ainda que esta luta se estendesse não somente contra as linguagens do mundo, mas contra Deus, o qual *ab eterno* deu por lei imutável a todas as coisas criadas de não durar eternamente, mas continuar mudando-se de um estado em outro, ora aumentando e ora diminuindo, até que acabe de uma vez, para nunca mais depois se renovar. Dir-me-eis: hoje a perfeição da língua materna demora muito; e digo-vos que é assim como dizeis; mas tal demora não deve fazer ninguém acreditar ser impossível que ela se torne perfeita; antes, ela pode dar-vos certeza de gozar a sua perfeição por longo tempo, tão logo tenha adquirido-a. Porque assim quer a natureza, a qual deliberou que qual árvore cedo nasce, floresce e dá fruto, tal cedo envelhece e morre; e, ao contrário, que aquela que tiver penado longa estação para ganhar fronde dure por muitos anos. Então, a nossa língua, ao ser conservada a sua devida perfeição, longamente desejada e buscada, talvez semelhante a alguns engenhos, os quais, quanto menos facilmente aprendem as doutrinas, tanto dificilmente as deixam sair

del nostro buono ardimento; ché, così come, venendo Enea da Troia in Italia, ad onor si recò lasciare scritto in un certo trofeo drizzato da lui, quelle essere state l'armi de' vincitori della sua patria; così vergogna non ci può essere l'aver cosa in Italia tolta di mano a coloro che noi tolsero di libertà. Direi, finalmente, quando esser volessi maligno, più tosto doversi adorar dalle genti il sole oriente che l'occidente. La lingua greca e latina già esser giunte all'ocaso, né quelle esser più lingue, ma carta solamente e inchiostro, ove quanto sia difficile cosa l'imparare a parlare, ditelo voi per me, che non osate dir cosa latinamente con altre parole che con quelle di Cicerone. Onde, quanto parlate e scrivete latino non è altro che Cicerone trasposto più tosto da carta a carta che da materia a materia; benché questo non è sì vostro peccato che egli non sia anche mio e d'altri assai e maggiori e migliori di me; peccato però non indegno di scusa, non possendo farsi altramente. Ma queste poche parole dette da me contra la lingua latina per la volgare non dissi per vero dire; solo volsi mostrare quanto bene difenderebbe questa lingua novella, chi per lei far volesse difesa, quando a lei non manca né core né armi d'offendere l'altrui.

CORTEGIANO:

Parmi,

da memória. Oh, ela é testemunho da nossa vergonha, tendo chegado à Itália junto com a ruína dela! Muito mais ela è testemunha da nossa solércia e do nosso bom ardil; porque, assim como Enéias, vindo de Troia à Italia, por honra deixou escrito em um certo trofeu levantado por ele que aquelas foram as armas dos vencedores da sua pátria; assim, não pode ser vergonha na Itália ter algo tomado dos que nos tolheram a liberdade. Eu diria, finalmente, quando quisesse ser maligno, que o sol oriente deve ser adorado pelos povos mais que o ocidente. A língua grega e latina já chegaram ao ocaso, elas nem são mais línguas, mas somente papel e tinta, tanto que, como é difícil aprender a falar, dizei-o para mim, que não ousais falar algo latinamente com outras palavras senão com aquelas de Cícero. Pelo que, quanto falais e escreveis latim não é outro que Cícero trasposto mais de papel a papel que de assunto a assunto; se bem que isto não é pecado tão vosso que não seja também meu e de outros tantos, maiores e melhores do que eu; pecado, porém, não indigno de desculpa, não se podendo fazer de outra forma. Mas estas poucas palavras ditas por mim contra a língua latina pela vulgar não disse por verdadeiro dizer; só quis mostrar quanto defenderia bem esta língua

Monsignor, che così temiate di dir male della lingua latina, come se ella fosse la lingua del vostro Santo da Padova; alla quale è di tanto conforme che, come quella fu di persona già viva, la cui santità è cagione che ora, posta in un tabernacolo di cristallo, sia dalle genti adorata, così questa degna reliquia del capo del mondo Roma, guasto e corrotto già molto tempo, quantunque oggimai fredda e secca si taccia, nondimeno fatta idolo d'alcune poche e superstiziose persone, colui da loro non è cristiano tenuto, che non l'adora per dio. Ma adoratela a vostro senno, solo che non parliate con esso lei; e volendo tenerla in bocca, così morta come è, siavi lecito di poterlo fare; ma parlate tra voi dotti le vostre morte latine parole, e a noi idioti le nostre vive volgari, con la lingua che Dio ci diede, lasciate in pace parlare.

BEMBO: Dovevate, per agguagliarla compitamente alla lingua di qualche santo, soggiungere qualmente l'orazioni di Cicerone e i versi di Virgilio le sono degni e preziosissimi tabernacoli; onde lei come cosa beata riveriamo e inchiniamo. Ma per certo né l'una né l'altra non meritava che la teneste per morta, operando tutt'ora ne' corpi nostri e nell'anime quella salute, questa virtute. Con tutto ciò lodo

nova quem dela quisesse fazer a defesa; quando a ela não falta nem sentimento nem armas para ofender as outras.

CORTESÃO: Parece-me, assim, Monsenhor, que temeis falar mal da língua latina, como se ela fosse a língua do vosso Santo de Pádua; à qual é tanto conforme que, como aquela foi de alguém já vivo, cuja santidade é causa que ora, colocada em um tabernáculo de cristal, seja adorada pelas pessoas, assim esta digna relíquia da cabeça do mundo, Roma, deteriorada e corrompida há muito tempo, embora hoje se cale, fria e seca, ainda é tornada ídolo por algumas poucas e supersticiosas pessoas, que não consideram cristão quem não a adora como Deus. Mas adorai-a como quiserdes, só com que isso não a faleis; e querendo usá-la, assim morta como é, seja-vos lícito podê-lo fazer; mas falai entre vós doutos as vossas palavras latinas mortas, e a nós idiotas deixai falar em paz as nossas vulgares vivas, com a língua que Deus nos deu.

BEMBO: Para compará-la completamente à língua de algum santo, devíeis, acrescentar como a oração de Cícero e os versos de Virgílio são-lhe tabernáculos dignos e muito preciosos; pelo que a reverenciamos como coisa beata e ajoelhamo-nos diante dela. Mas, por certo, nem uma nem a outra

sommamente la nostra lingua volgare, cioè toscana; accioché non sia alcuno che intenda della volgare di tutta Italia: toscana dico, non la moderna che usa il vulgo oggidì, ma l'antica, onde si dolcemente parlorno il Petrarca e il Boccaccio; ché la lingua di Dante sente bene e spesso più del lombardo che del toscano; e ove è toscano, è più tosto toscano di contado che di città. Dunque di quella parlo, quella lodo, quella vi persuado apparare; quantunque ella non sia giunta alla sua vera perfezzione, ella nondimeno le è già venuta sì presso che poco tempo vi è a volgere: ove poi che arrivata sarà, non dubito punto che, quale è nella greca e nella latina, tale fia in lei virtù di far vivere altrui mirabilmente dopo la morte. E allora si le vedremo noi fare di molti, non tabernacoli, ma tempj e altari, alla cui visitazione concorrerà da tutte le parti del mondo brigata di spiriti pellegrini, che le faranno lor voti e saranno esauditi da lei.

CORTEGIANO: Dunque, se io vorrò bene scrivere volgarmente, converrami tornare a nascer toscano?

BEMBO: Nascer no, ma studiar toscano; ché egli è meglio per aventura nascer lombardo che fiorentino, peroché l'uso del parlar tosco oggidì è tanto contrario alle regole della buona toscana, che più

merecia que a considerásseis morta, proporcionando agora nos nossos corpos e nas almas, aquela a salvação, esta a força. Com tudo isso, louvo sumamente a nossa língua vulgar, isto é, toscana; para que não haja ninguém que entenda a vulgar de toda a Itália: digo toscana, não a moderna que o vulgo usa hoje, mas a antiga, com que o Petrarca e o Boccaccio falaram tão suavemente; porque a língua de Dante tem muito e frequentemente mais do lombardo que do toscano; e onde é toscano, é muito mais toscano do campo que da cidade. Por isso, daquela falo, aquela louvo, aquela persuado-vos a aprender; ainda que ela não tenha chegado à sua verdadeira perfeição, chegou-lhe já tão perto que pouco tempo falta para alcançar: pelo que, depois que tiver chegado, não duvido nada que, qual é na grega e na latina, tal haja nela virtude de fazer, miraculosamente, alguém viver após a morte. E então sim nós veremos muitos fazer-lhe não tabernáculos mas templos e altares, a cuja visitação concorrerão, de todas as partes do mundo, brigadas de espíritos peregrinos, que lhe farão seus votos e serão atendidos por ela.

CORTESÃO: Então, se eu quiser escrever bem volgarmente, convir-me-ia voltar a nascer toscano?

BEMBO: Nascer não, mas estudar

noce altrui l'esser natio di quella provincia, che non gli giova.

CORTEGIANO: Dunque, una persona medesima non può esser tosca per natura e per arte?

BEMBO: Difficilmente per certo; essendo l'usanza, che per lunghezza di tempo è quasi convertita in natura, diversa in tutto dall'arte. Onde, come chi è giudeo o eretico, rade volte diviene buon cristiano, e più crede in Cristo chi nulla credeva quando fu battezzato; così qualunque non è nato toscano può meglio imparare la buona lingua toscana, che colui non fa, il quale da fanciullo in su sempremai parlò perversamente toscano.

CORTEGIANO: Io, che mai non nacqui né studiai toscano, male posso rispondere alle vostre parole; nondimeno a me pare che più si convenga col vostro Boccaccio il parlar fiorentino moderno, che non fa il bergamasco. Onde egli potrebbe esser molto bene che uomo nato in Melano, senza aver mai parlato alla maniera lombarda, meglio apprendesse le regole della buona lingua toscana, che non farebbe il fiorentino per patria; ma che egli nasca e parlesse lombardo oggidì e diman da mattina parlesse e scrivesse regolatamente toscano meglio e più facilmente del toscano medesimo, non mi può entrare nel capo; altramente al tempo antico,

toscano; porque é melhor nascer lombardo que florentino, pois que o uso do falar tosco hoje é tão contrário às regras da boa toscana, que mais prejudica do que favorece alguém que é natural daquela província

CORTESÃO: Então, uma mesma pessoa não pode ser toscana por natureza e por arte?

BEMBO: Difícilmente, por certo; sendo o costume, que por duração de tempo é quase convertido em natureza, diferente em tudo pela arte. Por isso, como quem é judeu ou herege raras vezes se torna bom cristão, e mais crê em Cristo quem em nada acreditava quando foi batizado, assim, quem não nasceu toscano pode aprender a boa língua toscana melhor do que quem desde pequeno sempre falou toscano desregradamente.

CORTESÃO: Eu, que não nasci nem estudei toscano, mal posso responder às vossas palavras; contudo, parece-me que mais convenha com vosso Boccaccio o falar florentino moderno, que o bergamasco. Daí que poderia ser muito bem que alguém nascido em Milão, sem nunca ter falado à maneira lombarda, aprendesse melhor as regras da boa língua toscana, do que se tivesse o florentino por pátria; mas não me pode entrar na cabeça que alguém que nasça e fale lombardo hoje amanhã de manhã fale e escreva

per bene parlare greco e latino, sarebbe stato meglio nascere spagnolo che romano, e macedone che ateniese.

BEMBO: Questo no, perché la lingua greca e latina a lor tempo erano egualmente in ogni persona pure e non contaminate dalla barbarie dell'altre lingue, e così bene si parlava dal popolo per le piazze come tra' dotti nelle lor scole si ragionava. Onde egli si legge di Teofrasto, che fu l'un de' lumi della greca eloquenzia, essendo in Atene, alle parole essere stato giudicato forestiere da una povera feminetta di contado.

CORTEGIANO: Io per me non so come si stia questa cosa; ma sì vi dico che, dovendo studiare in apprendere alcuna lingua, più tosto voglio imparar la latina e la greca che la volgar; la quale mi con tento d'aver portato con esso meco dalla cuna e dalle fasce, senza cercarla altramente, quando tra le prose, quando tra' versi degli autori toscani.

BEMBO: Così facendo, voi scriverete e parlate a caso, non per ragione; peroché niuna altra lingua ben regolata ha l'Italia, se non quell'una di cui vi parlo.

CORTEGIANO: Almeno dirò quello che io averò in core; e lo studio che io porrei in infilar parollette di questo e di quello, sì lo porrò in trovare e disporre i concetti dell'animo mio, onde si

regularmente toscano miglior e mais facilmente do que o próprio toscano; assim sendo, no tempo antigo, para falar bem grego e latim, teria sido melhor nascer espanhol que romano, e macedônio que ateniense.

BEMBO: Isto não, porque a língua grega e a latina no tempo delas eram igualmente puras em todas as pessoas e não contaminadas pela barbárie das outras línguas, e assim falava-se bem, tanto pelo povo nas praças como entre os doutos nas suas escolas discutiam. Pelo que se lê que Teofrasto, um dos lumes da eloquência grega, estando em Atenas, por causa das palavras foi considerado estrangeiro por uma pobre moça de contado.

CORTESÃO: Eu pessoalmente não sei como isso ocorreu; mas vos digo que, tendo de estudar para saber alguma língua, quero aprender a latina e a grega muito mais do que a vulgar; a qual me contento de ter trazido comigo desde o berço e das fraldas, sem buscá-la de outra forma, tanto nas prosas, quanto nos versos dos autores toscanos.

BEMBO: Agindo assim, escreveréis e falareis ao acaso, não pela razão; pois que a Itália não tem nenhuma outra língua bem regrada, senão aquela de que vos falo.

CORTESÃO: Ao menos direi

deriva la vita della scrittura; ché male giudico potersi usare da noi altri a significare i nostri concetti quella lingua, toscana o latina che ella si sia, la quale impariamo e essercitiamo non ragionando tra noi i nostri accidenti, ma leggendo gli altrui. Questo a' di nostri chiaramente si vede in un giovane padovano di nobilissimo ingegno, il quale, benché talora con molto studio che egli vi mette, alcuna cosa componga alla maniera del Petrarca e sia lodato dalle persone, nondimeno non sono da pareggiare i sonetti e le canzoni di lui alle sue comedie, le quali nella sua lingua natia naturalmente e da niuna arte aiutata par che e' gli eschino della bocca. Non dico però che uomo scriva né padovano né bergamasco, ma voglio bene che di tutte le lingue d'Italia possiamo accogliere parole e alcun modo di dire, quello usando come a noi piace, sì fattamente che 'l nome non si discordi dal verbo, né l'adiettivo dal sostantivo: la qual regola di parlare si può imparare in tre giorni, non tra' grammatici nelle scole ma nelle corti co' gentiluomini, non istudiando ma giuocando e ridendo senza alcuna fatica, e con diletto de' discepoli e de' precettori.

BEMBO: Bene starebbe, se questa guisa di studio bastasse altrui a far cosa degna di laude e di meraviglia; ma egli sarebbe troppo

aquilo que tiver no coração; e o esforço que farei em captar palavrinhas disto e daquilo, também o farei para encontrar e dispor os conceitos da minha alma, de cujo exercício deriva-se a vida da escrita; porque mal julgo poder usar por nós aquela língua para significar os nossos conceitos, toscana ou latina que seja, a qual aprendemos e exercitamos, não conversando entre nós sobre os nossos assuntos, mas lendo os dos outros. Isto em nossos dias vê-se claramente em um jovem paduano de nobilíssimo engenho, o qual, embora empregando muito esforço, componha alguma coisa à maneira do Petrarca e seja elogiado pelas pessoas; contudo, não se comparam os sonetos e as canções dele às suas comédias, as quais, na sua língua nativa naturalmente e por nenhuma arte ajudadas, parece que lhe saem da boca. Não digo, porém, que se escreva nem paduano nem bergamasco, mas quero muito que de todas as línguas da Itália possamos recolher palavras e alguns modos de dizer, usando-os como nos agrada, desde que o nome não discorde do verbo, nem o adjetivo do substantivo, cuja regra de falar pode-se aprender em três dias, não entre gramáticos nas escolas mas nas cortes com cavalheiros, não estudando mas brincando e rindo sem qualquer

leggera cosa il farsi eterno per fama, e il numero de' buoni e lodati scrittori in piccol tempo diventerebbe molto maggiore, che egli non è. Bisogna, gentiluomo mio caro, volendo andar per le mani e per le bocche delle persone del mondo, lungo tempo sedersi nella sua camera; e chi, morto in sé stesso, disia di viver nella memoria degli uomini, sudare e agghiacciar più volte, e quando altri mangia e dorme a suo agio, patir fame e vegghiare.

CORTEGIANO: Con tutto ciò non sarebbe facil cosa il divenir glorioso, ove altro bisogna che saper favellare. Che ne dite voi, messer Lazaro? Io per me son contento,

contentandosi Monsignore, che la vostra sentenza ponga fine alle nostre liti.

LAZARO: Costesto non farò io, ché io vorrei che i difensori di questa lingua volgare fossero discordi tra loro, acciò che quella, a guisa di regno partito, più agevolmente rovinassero le dissensioni civili.

CORTEGIANO: Dunque, aiutatemi contra all'opinion di Monsignore, mosso non solamente dall'amor della verità, la quale dovete amare e riverire sopra ogni cosa, ma dall'odio che voi portate a questa lingua volgare, ché, vincendolo, vincerete il miglior difensore della lingua volgare, che abbia oggidì la sua dignità; dal

cansaço, e com deleite dos discípulos e dos preceptores.

BEMBO: Bem estaria, se esta forma de estudo bastasse a alguém para fazer algo digno de louvor e de admiração; mas se tornar eterno por fama seria algo muito simples, e o número dos bons e louvados escritores em pouco tempo tornar-se-ia muito maior do que é. É preciso, meu caro cavalheiro, querendo andar pelas mãos e pelas bocas das pessoas do mundo, sentar-se no seu quarto por muito tempo; e quem, morto em si mesmo, deseja viver na memória dos homens, suar e congelar mais vezes, e, enquanto os outros comem e dormem à vontade, padecer de fome e velar.

CORTESÃO: Com tudo isso, não seria algo fácil tornar-se glorioso, para o que é preciso mais do que saber falar. O que pensais, senhor Lázaro? De minha parte estou contente,

contentando-se Monsenhor de que a vossa sentença ponha fim às nossas contendas.

LÁZARO: Isto não farei, pois gostaria que os defensores desta língua vulgar discordassem entre eles, a fim de que ela, ao modo de reino dividido, mais facilmente arruinasse as dissensões civis.

CORTESÃO: Então, ajudai-me contra a opinião do Monsenhor, comovido não somente pelo amor à verdade, a qual deveis amar e

giudicio del quale prende il mondo argomento d'impararla e usarla.

LAZARO: Combattete pur tra voi due, acciò che con quelle armi medesme, che voi oprate contra la latina e la greca, la vostra lingua volgare si ferisca e si estingua.

CORTEGIANO: Monsignore, né a voi sarebbe gloria vincer me, debole combattitore e già stanco nella battaglia dianzi avuta con messer Lazaro, né a me fia vergogna l'essere aiutato d'altrui incontra all'auttorità e dottrina vostra, le quali ambedue insieme mi danno guerra sì fattamente ch'io non conosco qual più. Per che, non volendo messer Lazaro congiurar con esso meco a difendermi, prego voi, signore Scolare, che con sì lungo silenzio e sì attentamente ci avete ascoltati, che, avendo alcuna arme con la quale voi mi possiate aiutare, siate contento di trarla fuori per me; ché, poi che questa pugna non è mortale, potete entrarvi senza paura, aecostandovi a quella parte che più vi piace, benché più tosto vi dovete accostare alla mia, ove sete richiesto e ove è gloria l'esser vinto da così degno avversario.

SCOLARE: Gentiluomo, io non parlai fin ora, peroché io non sapea che mi dire, non essendo mia professione lo studio delle lingue; ma volentieri ascoltai bramando e sperando pur d'imparare. Dunque, avendo a

reverenciar sobre todas as coisas, mas pelo ódio que tendes desta língua vulgar, porque, vencendo-o, vencereis o melhor defensor da língua vulgar que tem hoje a sua dignidade; pois, pelo julgamento dele, o mundo toma argumento de aprendê-la e usá-la.

LÁZARO: Combatei, pois, entre vós dois, para que, com aquelas mesmas armas, que manejaís contra a latina e a grega, a vossa língua vulgar seja ferida e se extinga.

CORTESÃO: Monsenhor, nem a vós haveria glória em vencer-me, débil combatente e já cansado na batalha antes travada com o senhor Lázaro, nem a mim causaria vergonha ser ajudado por outros contra a vossa autoridade e doutrina, ambas as quais fazem-me guerra, tanto que não sei qual mais. Porque, não querendo o senhor Lázaro conjurar comigo para me defender, rogo-vos, senhor Estudante, que com tão longo silêncio e tão atentamente nos ouvistes, que, tendo alguma arma com a qual possais ajudar-me, fiqueis contente de sacá-la para mim; pois, visto que esta luta não é mortal, podeis entrar sem medo, juntando-vos à parte que mais vos agradar, ainda que devêsseis juntar-vos à minha, onde sois requerido e onde há glória em ser vencido por tão digno adversário.

combattere in difesa d'alcuna vostra sentenza, non vi possendo aiutare, io vi consiglio che senza me combattiate; ché egl' è meglio per voi il combatter solo, che da persona accompagnato, la quale come inesperta dell'armi, cedendo in sul principio della battaglia, vi dia cagione di temere e farvi dare al fuggire.

CORTEGIANO: Con tutto ciò, se mi potete aiutare, che appena credo che sia altramente, sendo stato sì attento al nostro contrasto, aiutatemi, ché io ve ne prego; salvo se non sprezzate tal quistione come vil cosa e di sì poco valore che non degniate di entrare in campo con esso noi.

SCOLARE: Come non degnarei di parlar di materia, di che il Bembo al presente e altra volta il Peretto, mio precettore, insieme con messer Lascari con non minor sapienza che eleganzia ne ragionò? Troppo mi degnarei, se io sapessi, ma d'ogni cosa io so poco e delle lingue niente; come quello che della greca conosco appena le lettere e della lingua latina tanto solamente imparai quanto bastasse per farmi intendere i libri di filosofia d'Aristotele; li quali, per quello che io n'oda dire da messer Lazaro, non sono latini ma barbari; della volgare non parlo, ché di sì fatti linguaggi mai non seppi, né mai curai di sapere, salvo il mio padovano, del quale, dopo il latte

ESTUDANTE: Cavalheiro, eu não falei até agora, porque não sabia o que dizer, não sendo minha profissão o estudo das línguas; mas escutei de bom grado desejando e esperando aprender. Então, tendo de combater em defesa de alguma sentença vossa, não vos podendo ajudar, aconselho-vos que combatais sem mim; porque é melhor para vós combater sozinho, que acompanhado por uma pessoa, a qual, sendo inexperiente nas armas, cedendo no início da batalha, dê-vos motivo para temer e fazer-vos fugir.

CORTESÃO: Com tudo isso, se podeis ajudar-me, que, tendo estado tão atento ao nosso confronto, já creio que não seja de outro modo, ajudai-me, porque estou pedindo-vos; a menos que julgueis tal questão como coisa vil e de tão pouco valor que não vos digneis de entrar em campo conosco.

ESTUDANTE: Como não me dignaria de falar de assunto de que o Bembo agora e outra vez o Peretto, meu preceptor, junto ao senhor Láscaris com não menor sabedoria que elegância discutiu? Dignar-me-ia muito, se soubesse, mas sei pouco de todas as coisas e das línguas nada; de modo que do grego conheço apenas as letras e da língua latina aprendi tão somente o quanto bastava para entender os livros de filosofia de

della nutrice, mi fu il vulgo maestro.

CORTEGIANO: Pur a voi converrà di parlar, se non altro quello almeno che n'apparaste dal Peretto e dal Lascari, li quali così saviamente (come voi dite) parlarono intorno a questa materia.

SCOLARE: Poche cose, delle infinite che a tal materia partengono, pò imparare in un giorno chi non le ascolta per imparare, pensando che non bisogni impararle.

BEMBO: Ditene almeno quel poco che vi rimase nella memoria, ché a me fie caro l'intenderlo.

LAZARO: Volentieri in tal caso udirò recitare l'oppinione del mio maestro Peretto; il quale, avvegna che niuna lingua sapesse dalla mantovana infuori, nondimeno come uomo giudizioso e uso rade volte a ingannarsi, ne può aver detto alcuna cosa col Lascari, che l'ascoltarla mi piacerà. Pregovi adunque che, se niente ve ne ricorda, alcuna cosa del suo passato ragionamento non vi sia grave di riferirne.

SCOLARE: Così si faccia, poi che vi piace; ché anzi voglio esser tenuto ignorante, cosa dicendo non conosciuta da me, che discortese, rifiutando que' prieghi che deono essermi commandamenti. Ma ciò si faccia con patto che, come a me non è onore il riferirvi gli altrui dotti ragionamenti, così il tacerne

Aristóteles; os quais, pelo que ouvi o senhor Lázaro dizer, não são latinos, mas bárbaros; do vulgar não falo, porque nunca soube de tais linguagens, nem procurei saber, salvo o meu paduano, o qual, após o leite da nutriz, me foi mestre o vulgo.

CORTESÃO: No entanto, convém-vos falar, ao menos o que aprendestes com o Peretto e o Lásaris, os quais tão sabiamente (como dizeis) falaram sobre este assunto.

ESTUDANTE: Poucas coisas, das infinitas que pertencem a tal assunto, pode aprender em um dia quem não as ouve para aprender, pensando que não precisa aprendê-las.

BEMBO: Dizei ao menos o pouco que vos permaneceu na memória, porque eu gostaria de entendê-lo.

LÁZARO: Com prazer, em tal caso ouvirei expor a opinião do meu mestre Peretto; o qual, ainda que nenhuma língua soubesse além da mantuana, sendo homem prudente e raras vezes acostumado a se enganar, pode ter dito alguma coisa com o Lásaris, que me agradará ouvi-la. Peço-vos, então, que, se de nada vos lembrais, não vos seja incômodo relatar alguma coisa da sua conversa passada.

ESTUDANTE: Assim se faça, já que vos agrada; porque antes quero ser considerado ignorante, dizendo algo não conhecido por mim, que

alcuna parola, la quale d'allora in qua mi sia uscita della memoria, non mi sia scritto a vergogna.

CORTEGIANO: Ad ogni patto mi sottoscrivo, pur che diciate.

SCOLARE: L'ultima volta che messer Lascari venne di Francia in Italia, stando in Bologna, ove volentieri abitava, e visitandolo il Peretto, come era uso di fare, un dì tra gli altri, poi che alquanto fu dimorato con esso lui, lo dimandò messer Lascari:

LASCARI: Vostra eccellenza, maestro Piero mio caro, che legge quest'anno?

PERETTO: Signor mio, io leggo i quattro libri della *Meteora* d'Aristotile.

LASCARI: Per certo bella lettura è la vostra; ma come fate d'espositori?

PERETTO: De' latini non troppo bene, ma alcun mio amico m'ha servito d'uno Alessandro.

LASCARI: Buona elezzione faceste, peroché Alessandro è Aristotile dopo Aristotile. Ma io non credeva che voi sapeste lettere grece.

PERETTO: Io l'ho latino, non greco.

LASCARI: Poco frutto dovete prenderne.

PERETTO: Perché?

LASCARI: Perché io giudico

descortês, refutando aqueles pedidos que me devem ser ordens. Mas, faça-se isso com a condição de que, como para mim não há honra em vos relatar as doudas discussões dos outros, assim não me seja vergonhoso calar alguma palavra, a qual de lá até aqui tenha me escapado da memória.

CORTESÃO: Subscrevo-me a qualquer condição, contanto que faleis.

ESTUDANTE: A última vez que o senhor Láscaris veio da França à Italia, estando em Bologna, onde morava com prazer, e visitando-o Peretto, como era costume fazer, um dia entre os outros, demorando-se com ele, o senhor Láscaris perguntou-lhe:

LÁSCARIS: Vossa excelência, meu caro mestre Piero, o que estais lendo este ano?

PERETTO: Meu senhor, estou lendo os quatro livros dos *Meteoros*¹³¹ de Aristóteles.

LÁSCARIS: Por certo bela leitura é a vossa; mas entendeis os expositores?

PERETTO: Os latinos não muito bem, mas um amigo me emprestou um de Alexandre.

LÁSCARIS: Fizestes uma boa escolha, pois Alexandre é Aristóteles depois de Aristóteles.

131 *Meteoros* era um tratado aristotélico acerca de diversos fenômenos da natureza, tais como terremotos, cometas, inundações, Via Láctea, mudanças geológicas e climáticas.

Alessandro Afrodiseo greco, come è tanto diverso da sé medesimo, poi che latino è ridotto, quanto vivo da morto.

PERETTO: Questo potrebbe esser che vero fosse; ma io non vi faceva differenza, anzi pensava che tanto mi dovesse giovare la lezione latina e volgare (se volgare si ritrovasse Alessandro) quanto a' Greci la greca, e con questa speranza incominciai a studiarlo.

LASCARI: Vero è che egl'è meglio che voi l'abbiate latino, che non l'abbiate del tutto. Ma per certo la vostra dottrina sarebbe il doppio e maggiore e migliore, che ella non è, se Aristotile e Alessandro fosse letto da voi in quella lingua nella quale l'uno scrisse e l'altro l'espose.

PERETTO: Per qual cagione?

LASCARI: Percioché più facilmente e con maggiore eleganzia di parole sono espressi da lui i suoi concetti nella sua lingua che nell'altrui.

PERETTO: Vero forse direste se io fossi greco, sì come nacque Aristotile; ma che omo lombardo studie greco per dover farsi più facilmente filosofo, mi par cosa

Mas eu não imaginava que soubesses letras gregas.

PERETTO: Eu o tenho latino, não grego.

LÁSCARIS: Pouco deveis desfrutar.

Per. Por quê?

LÁSCARIS: Porque considero Alexandre Afrodísio¹³² grego, como é tão diferente de si mesmo, depois de traduzido em latim, quanto um vivo de um morto.

PERETTO: Isto poderia ser que fosse verdade; mas eu não fazia diferença, antes pensava que tanto devesse contentar-me a leitura latina e vulgar (se em vulgar se encontrasse Alexandre) quanto aos gregos a grega, e com esta esperança comecei a estudá-lo.

LÁSCARIS: É verdade que é melhor que o tendes latino, do que não o terdes. Mas por certo o vosso aprendizado seria o dobro, e maior e melhor, do que é, se Aristoteles e Alexandre fossem lidos por vós naquela língua na qual um escreveu e o outro expôs.

PERETTO: Por qual motivo?

LÁSCARIS: Porque mais facilmente e com maior elegância de palavras são expressos por ele os seus conceitos na sua língua que

132 Alexandre de Afrodísia (séc. II d.C.) era o maior dos primeiros comentadores de Aristóteles. Alguns de seus comentários já eram conhecidos durante a Idade Média, mas, no século XVI, a partir de traduções novas ao latim, feitas pelos humanistas, sua difusão ampliou-se. Na Universidade de Pádua, Pietro Pomponazzi (o Peretto) era um dos filósofos aristotélicos cujas ideias haviam encontrado inspiração nos comentários alexandrinos.

non ragionevole, anzi disconvenevole, non iscemandosi punto ma raddoppiandosi la fatica dell'imparare; percióché meglio e più tosto può studiar lo scolare loica sola o solamente filosofia, che non farebbe dando opera alla grammatica, spezialmente alla greca.

LASCARI: Per questa istessa ragione non dovevate imparare né latino né greco, ma solamente il volgare mantovano, e con quello filosofare.

PERETTO: Dio volesse, in servizio di chi verrà dopo me, che tutti i libri di ogni scienza, quanti ne sono greci e latini e ebrei, alcuna dotta e pietosa persona si desse a fare volgari: forse i buoni filosofanti sarebbero in numero assai più spessi che a' di nostri non sono, e la loro eccellenza diventerebbe più rara.

LASCARI: O non v'intendo o voi parlate con ironia.

PERETTO: Anzi parlo per dire il vero, e come uomo tenero dell'onor degl'Italiani; ché se l'ingiuria de' nostri tempi, così presenti come passati, volle privarmi di questa grazia, Dio mi guardi che io sia sì pieno né così arso d'invidia che io disideri di privarne chi nascerà dopo me.

LASCARI: Volentieri v'ascolterò, se vi dà il cor di provarmi questa nuova conclusione, ché io non la intendo, né la giudico intelligibile.

na dos outros.

PERETTO: Talvez diríeis a verdade se eu fosse grego, assim como nasceu Aristóteles; mas que um lombardo estude grego para poder tornar-se mais facilmente filósofo, parece-me coisa não razoável, aliás inconveniente, não diminuindo mas duplicando o esforço do aprender; porque o estudante pode estudar mais e melhor só lógica ou somente filosofia, do que faria dedicando-se à gramática, especialmente à grega.

LÁSCARIS: Por esta mesma razão não devíeis aprender nem latim nem grego, mas somente o vulgar mantuano, e com ele filosofar.

PERETTO: Deus queira, em favor de quem vier depois de mim, que todos os livros de todas as ciências, quantos sejam, gregos e latinos e hebraicos, alguma douta e piedosa pessoa os traduza em vulgar: talvez os bons filosofantes sejam em número muito maior do que são em nossos dias, e a sua excelência tornar-se-á mais rara.

LÁSCARIS: Ou não vos estou entendendo ou falais com ironia.

PERETTO: Antes, falo para dizer a verdade, e como homem atento à honra dos italianos; porque se a injúria dos nossos tempos, presentes assim como passados, quizer privar-me desta graça, Deus me livre que eu seja tão cheio nem tão queimado pela inveja que

PERETTO: Ditemi prima: onde è che gli uomini di questa età generalmente in ogni scienza son men dotti e di minor prezzo che già non furon gli antichi? Il che è contra il dovere, conciosia cosa che molto meglio e più facilmente si possa aggiugnere alcuna cosa alla dottrina trovata che trovarla da sé medesimo.

LASCARI: Che si può dire altro, se non che andiamo di male in peggio?

PERETTO: Questo è vero, ma le cagioni son molte, tra le quali una ve n'ha, e oso dire la principale: che noi altri moderni viviamo indarno gran tempo, consumando la miglior parte de' nostri anni, la qual cosa non avveniva agli antichi. E per distinguere il mio parlare, porto ferma oppenione che lo studio della lingua greca e latina sia cagione dell'ignoranza, ché se 'l tempo, che intorno ad esse perdiamo, si spendesse da noi imparando filosofia, per avventura l'età moderna generarebbe quei Platoni e quegli Aristotili, che produceva l'antica. Ma noi vani più che le canne, pentiti quasi d'aver lasciato la cuna e esser uomini divenuti, tornati un'altra volta fanciulli, altro non facciamo diece e venti anni di questa vita che imparare a parlare chi latino, chi greco e alcuno (come Dio vuole) toscano; li quali anni finiti, e finito con esso loro quel vigore e

deseje privar disso quem nascer depois de mim.

LÁSCARIS: Escutar-vos-hei de bom grado, se tiverdes vontade de me provar esta nova afirmação, porque eu não a entendo, nem a considero inteligível.

PERETTO: Dizei-me primeiro: Por que é que os homens desta época, em todas as ciências, geralmente são menos doutos e de menor valor do que foram os antigos? O que é contra o dever, uma vez que muito melhor e mais facilmente pode-se acrescentar alguma coisa à doutrina encontrada do que encontrá-la por si mesmo.

LÁSCARIS: Que mais pode-se dizer, senão que estamos indo de mal a pior?

PERETTO: Isto é verdade, mas as causas são muitas, dentre as quais há uma principal, que oso dizer: que nós modernos vivemos muito tempo em vão, consumindo a melhor parte dos nossos anos, o que não acontecia com os antigos. E para distinguir o meu falar, tenho a firme opinião de que o estudo da língua grega e latina seja causa da ignorância, porque se o tempo, que perdemos com elas, fosse gasto por nós aprendendo filosofia, talvez a época moderna gerasse aqueles Platões e aqueles Aristóteles, que a antiga produzia. Mas somos mais ociosos do que as canas, quase arrendidos de

quella prontezza, la quale naturalmente suol recare all'intelletto la gioventù, allora procuriamo di farci filosofi, quando non siamo atti alla speculazione delle cose. Onde, seguendo l'altrui giudizio, altra cosa non viene ad essere questa moderna filosofia che ritratto di quell'antica; però così come il ritratto, quantunque fatto d'artificiosissimo dipintore, non può essere del tutto simile alla idea, così noi, benché forse per altezza d'ingegno non siamo punto inferiori agli antichi, nondimeno in dottrina tanto siamo minori quanto lungo tempo stati sviati dietro alle favole delle parole, coloro finalmente imitiamo filosofando, alli quali alcuna cosa aggiugnendo dee avanzare la nostra industria.

LASCARI: Dunque, se lo studio delle due lingue nuoce altrui sì malamente come voi dite, che si dee fare? Lasciarlo?

PERETTO: Ora no, che non si potrebbe; perciocché l'arti e le scienze degl'uomini sono al presente nelle mani de' latini e de' greci; ma sì fare dobbiamo per l'avenire, che d'ogni cosa per tutto 'l mondo possa parlare ogni lingua.

LASCARI: Come, maestro Piero, che è ciò che voi dite? Dunque darestevi il core di filosofare volgarmente? e senza aver cognizione della lingua greca e

termos deixado o berço e termos nos tornado homens; tornados crianças outra vez, não fazemos outra coisa dez e vinte anos desta vida que aprender a falar em latim, grego e algum (como Deus quiser) toscano. Passados os anos, e passado com isso aquele seu vigor e aquela prontidão, que a juventude naturalmente costuma ter no intelecto, então procuramos tornar-nos filósofos, quando já não estamos aptos à especulação das coisas. Por isso, seguindo o julgamento alheio, esta moderna filosofia não vem a ser outra coisa senão um retrato daquela antiga; mas, assim como o retrato, mesmo sendo feito por artificiosíssimo pintor, não pode ser totalmente semelhante à ideia, assim nós, ainda que, talvez, por grandeza de engenho não sejamos inferiores aos antigos, somos menores em doutrina tanto quanto longo tempo estivemos desviados atrás de histórias das palavras. Finalmente, filosofando, imitamos aqueles aos quais a nossa indústria deve superar acrescentando alguma coisa.

LÁSCARIS: Então, se o estudo das duas línguas é tão prejudicial como dizeis, que se deve fazer? Deixá-lo?

PERETTO: Agora não, que não se poderia; porque as artes e as ciências dos homens, no presente, estão nas mãos dos latinos e dos

latina?

Per. Monsignor sì, pur che gli auttori greci e latini si riducessero italiani.

LASCARI: Tanto sarebbe trasferir Aristotile di lingua greca in lombarda, quanto traspiantare un narancio o una oliva da un ben colto orticello in un bosco di pruni; oltra che le cose di filosofia sono peso d'altre spalle che da quelle di questa lingua volgare.

PERETTO: Io ho per fermo che le lingue d'ogni paese, così l'arabica e l'indiana come la romana e l'ateniese, siano d'un medesimo valore e da' mortali ad un fine con un giudicio formate; che io non vorrei che voi ne parlaste come di cosa dalla natura prodotta, essendo fatte e regolate dallo artificio delle persone a bene placito loro, non piantate né seminate: le quali usiamo sì come testimoni del nostro animo, significando tra noi i concetti dell'intelletto. Onde tutto che le cose dalla natura create e le scienze di quelle siano in tutte quattro le parti del mondo una cosa medesima, nondimeno, perciò che diversi uomini sono di diverso volere, però scrivono e parlano diversamente; la quale diversità e confusione delle voglie mortali degnamente è nominata torre di Babel. Dunque, non nascono le lingue per sé medesime, a guisa di alberi o d'erbe, quale debole e inferma nella sua specie, quale

grego; mas devemos fazer com que no futuro todas as línguas possam falar de todas as coisas por todo o mundo.

LÁSCARIS: Como, mestre Piero, que é isso que dizeis? Então, teríeis coragem de filosofar vulgarmente? e sem ter conhecimento da língua grega e latina?

PERETTO: Sim, Monsenhor, contanto que os autores gregos e latinos fossem traduzidos em italiano.

LÁSCARIS: Transferir Aristóteles da língua grega em lombarda seria tanto quanto transplantar uma laranjeira ou uma oliveira de um pomar bem cultivado para um bosque de espinheiros; além do que as coisas de filosofia são peso para outros ombros que aqueles desta língua vulgar.

PERETTO: Tenho certeza de que as línguas de todos os países, a árabe, a indiana, assim como a romana e a ateniense, têm o mesmo valor e são formadas pelos mortais com uma finalidade e com uma intenção; que eu não gostaria que falásseis delas como de algo produzido pela natureza, sendo feitas e reguladas pelo artificio das pessoas por beneplácito delas, e não plantadas nem semeadas; as quais usamos como testemunhos do nosso espírito, significando entre nós os conceitos do intelecto. Por isso, embora as coisas da

sana e robusta e atta meglio a portar la soma di nostri umani concetti; ma ogni loro virtù nasce al mondo dal voler de' mortali. Per la qual cosa, così come senza mutarsi di costume o di nazione il francioso e l'inglese, non pur il greco e il romano si può dare a filosofare; così credo che la sua lingua natia possa altrui compitamente comunicare la sua dottrina. Dunque, traducendosi a' nostri giorni la filosofia, seminata dal nostro Aristotile ne' buoni campi d'Atene, di lingua greca in volgare, ciò sarebbe non gittarla tra' sassi, in mezo a' boschi, ove sterile divenisse, ma farebbesi di lontana propinqua e di forestiera, che ella è, cittadina d'ogni provincia; forse in quel modo che le speziarie e l'altre cose orientali a nostro utile porta alcun mercatante d'India in Italia, ove meglio per avventura son conosciute e trattate che da coloro non sono, che oltre il mare le seminorno e ricolsero. Similmente le speculazioni del nostro Aristotile ci diverrebbero più famigliari che non sono ora, e più facilmente sarebbero intese da noi, se di greco in volgare alcun dotto omo le riducesse.

LASCARI: Diverse lingue sono atte a significare diversi concetti, alcune i concetti d'i dotti, alcune altre degl'indotti. La greca veramente tanto si conviene con le

natureza criadas e as ciências delas sejam a mesma coisa em todas os quatro cantos do mundo, os homens, porém, escrevem e falam diferentemente, porque têm anseios diferentes. Esta diferença e confusão dos anseios dos mortais é dignamente chamada de torre de Babel. Portanto, as línguas não nascem por si mesmas, ao modo de árvores ou de ervas, algumas débeis e frágeis na sua espécie, outras sãs e robustas e mais aptas a carregar o peso das nossas concepções humanas; mas todas as suas virtudes vêm ao mundo pela vontade dos mortais. Por este motivo, assim como sem mudar de costume ou de nação o francês e o inglês, e não apenas o grego e o romano, podem dar-se a filosofar; assim creio que a sua língua nativa possa comunicar completamente a sua doutrina aos outros. Então, traduzindo-se aos nossos dias a filosofia, semeada pelo nosso Aristóteles nos bons campos de Atenas, da língua grega em vulgar, seria não jogá-la entre pedras, em meio aos bosques, onde se tornaria estéril, mas se tornaria de distante próxima e de estrangeira, que ela é, cidadã de todas as províncias. Talvez daquele modo em que algum mercador traz, para nossa utilização, da Índia à Itália as especiarias e outras coisas orientais, onde são por acaso melhor conhecidas e tratadas do

dottrine che a dover quelle significare natura istessa, non umano provvedimento, pare che l'abbia formata; e se creder non mi volete, credete almeno a Platone, mentre ne parla nel suo *Cratillo*. Onde ei si può dir di tal lingua che, quale è il lume a' colori, tale ella sia alle discipline: senza il cui lume nulla vedrebbe il nostro umano intelletto, ma in continua notte d'ignoranza si dormirebbe.

PERETTO: Più tosto vo' credere ad Aristotile e alla verità, che lingua alcuna del mondo (sia qual si voglia) non possa aver da sé stessa privilegio di significare i concetti del nostro animo, ma tutto consista nello arbitrio delle persone. Onde chi vorrà parlar di filosofia con parole mantovane o milanesi, non gli può esser disdetto a ragione, più che disdetto gli sia il filosofare e l'intender la cagion delle cose. Vero è che, perché il mondo non ha in costume di parlar di filosofia se non greco o latino, già crediamo che far non possa altramente; e quindi viene che solamente di cose vili e volgari volgarmente parla e scrive la nostra età. Ma come i corpi e le reliquie di santi, non con le mani, ma con alcuna verghetta per riverenza tocchiamo; così i sacri misteri della divina filosofia più tosto con le lettere dell'altrui lingue che con la viva voce di questa nostra moderna ci moviamo

que por eles, que no além-mar semearam-nas e colheram. Semelhantemente, as especulações do nosso Aristóteles tornar-se-iam mais familiares do que são agora, e mais facilmente seriam entendidas por nós, se algum homem douto as traduzisse do grego ao vulgar.

LÁSCARIS: Línguas diferentes estão aptas para representar diferentes concepções, umas as concepções dos doutos, outras as dos ignorantes. A grega é realmente tão adequada às doutrinas que a própria natureza, e não a intenção humana, parece tê-la formado para representar os significados daquelas; e se não quizerdes acreditar em mim, crede ao menos em Platão, quando fala no seu *Crátilo*, pelo qual pode-se dizer de tal língua que, como a luz está para as cores, ela está para as disciplinas; luz sem a qual o nosso intelecto humano nada veria, mas dormiria em contínua noite de ignorância.

PERETTO: Quero antes acreditar em Aristóteles e na verdade, que nenhuma língua do mundo (seja qual for) pode ter por si mesma privilégio de significar os conceitos do nosso espírito, mas tudo consiste no arbitrio das pessoas. De modo que, quem quizer falar de filosofia com palavras mantuanas ou milanesas, não lhe possa ser refutado com mais razão do que o filosofar e o

a significare: il quale errore, conosciuto da molti, niuno ardisce di ripigliarlo. Ma tempo forse, pochi anni appresso, verrà che alcuna buona persona non meno ardita che ingenua porrà mano a così fatta mercatantia; e per giovare alla gente, non curando dell'odio né della invidia de' litterati, condurrà d'altrui lingua alla nostra le gioie e i frutti delle scienze: le quali ora perfettamente non gustiamo né conosciamo.

LASCARI: Veramente né di fama né di gloria si curerà chi vorrà prender la impresa di portar la filosofia dalla lingua d'Atene nella lombarda, ché tal fatica noia e biasimo gli recarà.

PERETTO: Noia confesso, per la novità della cosa, ma non biasimo, come credete; ché per uno che da prima ne dica male, poco da poi mille e mille altri loderanno e benediranno il suo studio; quello avvenendogli che avvenne di Gesù Cristo, il quale, togliendo di morir per la salute degli uomini, schernito primieramente, biasimato e crucifisso d'alcuni ipocriti, ora alla fine da chi 'l conosce come Iddio e Salvator nostro si riverisce e adora.

LASCARI: Tanto diceste di questo vostro buon uomo che di piccolo mercatante l'avete fatto messia; il

entender a causa das coisas. É verdade que, porque o mundo não tem por costume falar de filosofia senão em grego ou latim, acreditamos que não possa fazê-lo de outra forma; e então ocorre que a nossa época fala e escreve vulgarmente apenas sobre coisas vis e fúteis. Mas, como tocamos os corpos e as relíquias dos santos, não com as mãos, mas com alguma varinha, por reverência, assim, para significar os sacros mistérios da divina filosofia, movemo-nos mais com as letras das outras línguas do que com a viva voz desta nossa moderna; cujo erro, conhecido por muitos, ninguém ousa reprovar. Mas, talvez, em poucos anos, chegue um tempo em que alguma boa pessoa, não menos corajosa do que engenhosa, assuma esta empresa; e para agradar ao povo, não se importando com o ódio nem com a inveja dos literatos¹³³, traga de outras línguas à nossa as preciosidades e os frutos das ciências, as quais agora não degustamos nem conhecemos perfeitamente.

LÁSCARIS: Realmente nem com a fama nem com a glória se preocupará quem quiser tomar a empresa de trazer a filosofia da

133 Contra os humanistas que defendiam o classicismo, Peretto julgava que o requinte formal não era relevante para a compreensão clara do sentido, principalmente em relação aos textos filosóficos.

quale Dio voglia che sia simile a quello che ancora aspettano li Giudei, acciò che eresia così vile mai non guasti per alcun tempo la filosofia d'Aristotile. Ma se voi siete in effetto di così strano parere, ché non vi fate a' di nostri il redentore di questa lingua volgare?

PERETTO: Perché tardi conobbi la verità, e a tempo quando la forza dell'intelletto non è eguale al volere.

LASCARI: Così Dio m'aiuti come io credo motteggiate; salvo se, come fanno i maliziosi, quello meco non biasimate che non potete ottenere.

PERETTO: Monsignor, le ragioni dianzi addotte da me non sono lievi, che io debba dirle per ischerzare; e non è cosa così difficile la cognizion delle lingue che uomo di meno che di mediocre memoria e senza ingegno veruno non le possa imparare, quando non pur a' dotti, ma a' forsennati Ateniesi e Romani solea parlare eloquentemente Cicerone e Demostene, e era inteso da loro. Certo anni e lustri miseramente poniamo in apprendere quelle due lingue, non per grandezza d'oggetto ma solamente perché allo studio delle parole contra la naturale inclinazione del nostro umano intelletto ci rivolgiamo; il quale, disideroso di fermarsi nella cognizione delle cose onde si

língua de Atenas à lombarda, porque tal trabalho lhe trará aborrecimento e censura.

PERETTO: Aborrecimento, admito, pela novidade da coisa, mas não censura, como credes; porque, para um que antes fale mal dela, pouco depois outros milhares e milhares louvarão e bendirão o seu esforço, sucedendo-lhe o mesmo que sucedeu a Jesus Cristo, o qual, escolhendo morrer pela salvação dos homens, primeiramente foi escarnecido, julgado e crucificado por alguns hipócritas, e agora, finalmente, é reverenciado e adorado por quem o reconhece como Deus e nosso Salvador.

LÁSCARIS: Falastes tanto deste vosso bom homem que de pequeno mercador o tornastes messias; o qual, Deus queira que seja semelhante ao que os judeus ainda esperam, para que uma heresia tão vil nunca desgaste a filosofia de Aristóteles por nenhum tempo. Mas, se estais sob efeito de tão estranho parecer, por que não vos tornais em nossos dias o redentor desta língua vulgar?

PERETTO: Porque tarde conheci a verdade, e em um tempo em que a força do intellecto não é igual ao querer.

LÁSCARIS: Assim Deus me ajude, como creio que zombais; salvo se, como fazem os maliciosos, não julgais o que não

diventa perfetto, non contenta d'essere altrove piegato, ove, ornando la lingua di parolette e di ciance, resti vana la nostra mente. Dunque, dal contrasto che è tuttavia tra la natura dell'anima e tra 'l costume del nostro studio dipende la difficoltà della cognizion delle lingue, degna veramente non d'invidia ma d'odio, non di fatica ma di fastidio, e degna finalmente di dovere essere non appresa ma ripresa dalle persone, sì come cosa la quale non è cibo ma sogno e ombra del vero cibo dell'intelletto. LASCARI: Mentre voi parlavate così, io imaginava di vedere scritta la filosofia d'Aristotile in lingua lombarda, e udirne parlare tra loro ogni vile maniera di gente, facchini, contadini, barcaroli e altre tali persone con certi suoni e con certi accenti, i più noiosi e i più strani che mai udisi alla vita mia. In questo mezo mi si parava dinanzi essa madre filosofia, vestita assai poveramente di romagnolo, piangendo e lamentandosi d'Aristotile che disprezzando la sua eccellenza l'avesse a tale condotta e minacciando di non volere star più in terra, sì bello onore ne le era fatto dalle sue opere; il quale, iscusandosi con esso lei, negava d'averla offesa giamai, sempremai averla amata e lodata, né meno che orrevolmente averne scritto o

podeis obter comigo.

PERETTO: Monsenhor, as razões antes adotadas por mim não são leves, que eu deva dizê-las por brincadeira; e o conhecimento das línguas não é algo tão difícil que alguém de memória abaixo da média e sem engenho algum não as possa aprender, visto que Cícero e Demóstenes costumavam falar eloquentemente não aos romanos e atenienses cultos, mas também aos ignorantes, e eram entendidos por eles. Com certeza, investimos anos e quinquênios desgraçadamente aprendendo aquelas duas línguas, não pela grandeza do assunto, mas somente porque nos dirigimos ao estudo das palavras contra a inclinação natural do nosso intelecto humano; o qual, desejoso de se deter no conhecimento das coisas com que se torna perfeito, não se agrada de ser aplicado em outro lugar, onde, adornando a língua com palavrinhas e com futilidades, a nossa mente fique vã. Então, pelo contraste que há, todavia, entre a natureza da alma e entre o costume do nosso estudo, a dificuldade depende do conhecimento das línguas, realmente digno, não de inveja mas de ódio, não de trabalho, mas de fastio, e finalmente digno de dever ser não tomado mas retomado pelas pessoas, assim como algo que não é alimento, mas sonho e sombra do verdadeiro

parlato mentre egli visse, lui esser nato e morto greco, non bresciano né bergamasco, e mentire chi dir volesse altramente; alla qual visione disiderava che voi vi foste presente.

PERETTO: E io, se stato vi fossi, arei detto non doversi la filosofia dolere, perché ogni uomo, per ogni luogo, con ogni lingua il suo valore essaltasse; questo farsi anzi a gloria che a vergogna di lei, la quale, se non si sdegna d'albergare negl'intelletti lombardi, non si dee anche sdegnare d'esser trattata dalla lor lingua. L'India, la Scitia e l'Egitto, ove abitava sì volentieri, produsse genti e parole molto più strane e più barbare che non sono ora le mantovane e le bolognesi; lei lo studio della lingua greca e latina aver quasi del nostro mondo cacciata, mentre l'uomo, non curando di saper che si dica, vanamente suole imparare a parlare e, lasciando l'intelletto dormire, sveglia e opra la lingua. Natura in ogni età, in ogni provincia e in ogni abito esser sempremai una cosa medesima, la quale, così come volentieri fa sue arti per tutto 'l mondo, non meno in terra che in cielo, e per esser intenta alla produzione delle creature razionali, non si scorda delle irrazionali, ma con eguale artificio genera noi e i bruti animali, così da ricchi parimente e poveri uomini, da nobili e vili

alimento do intelecto.

LÁSCARIS: Enquanto faláveis assim, eu imaginava ver escrita a filosofia de Aristóteles em língua lombarda, e ouvi-la falar entre eles de todas as vis maneiras do povo, carregadores, camponeses, barqueiros e outras destas pessoas com certas pronúncias e com certos sotaques, os mais desagradáveis e os mais estranhos que jamais ouvi na minha vida. Ali parava diante de mim a mãe filosofia, vestida tão pobrememente de romanholo, chorando e queixando-se de Aristóteles, que desprezando a sua excelência a tivesse conduzido a isso e ameaçando não querer mais estar na terra, tanta honra se havia feito às suas obras; ele, pedindo-lhe desculpas, negava tê-la ofendido, sempre a havia amado e louvado, não menos que honrosamente ter escrito ou falado enquanto ele vivesse, ele, nascido e morto grego, não bresciano nem bergamasco, e quem quisesse dizer de outro modo mentira; Gostaria que estivésseis presente a tal visão.

PERETTO: E eu, se tivesse estado, teria dito que a filosofia não devia sofrer, porque todos os homens exaltavam o seu valor, por todos os lugares, com todas as línguas; faz-se isto antes para a glória do que a vergonha dela, a qual, se não desdenha de se abrigar nos intelectos lombardos, também não

persone con ogni lingua, greca, latina, ebrea e lombarda, degna d'essere e conosciuta e lodata. Gli augelli, i pesci e l'altre bestie terrene d'ogni maniera, ora con un suono, ora con altro, senza distinzione di parole, i loro affetti significare; molto meglio dover ciò fare noi uomini, ciascuno con la sua lingua, senza ricorrere all'altrui. Le scritture e i linguaggi essere stati trovati non a salute di lei, la quale (come divina che ella è) non ha mestieri del nostro aiuto, ma solamente a utilità e commodità nostra, accioché absentì, presenti, vivi e morti, manifestando l'un l'altro i secreti del core, più facilmente conseguiamo la nostra propria felicità, la quale è posta nell'intelletto delle dottrine, non nel suono delle parole; e per conseguente quella lingua e quella scrittura doversi usare da' mortali, la quale con più agio apprendemo; e come meglio sarebbe stato (se fosse stato possibile) l'averne un sol linguaggio, il quale naturalmente fosse usato dagli uomini, così ora esser meglio che l'uomo scriva e ragioni nella maniera che men si scosta dalla natura; la qual maniera di ragionare appena nati impariamo e a tempo quando altra cosa non semo atti ad apprendere. E altrotanto arei detto al mio maestro Aristotile, della cui eleganzia d'orazione poco mi

deve desdenhar de ser tratada pela sua língua. A Índia, a Cítia e o Egito, onde morava tão com tanto prazer, produziram pessoas e palavras muito mais estranhas e mais bárbaras do que são agora as mantuanas e as bolonhesas; o estudo da língua grega e latina quase a expulsou do nosso mundo, enquanto o homem, não cuidando de saber o que se diz, costuma aprender a falar futilmente e, deixando o intelecto dormir, acorda e usa a língua. A Natureza, em todas as épocas, em todas as províncias e e em todos os costumes é sempre uma só coisa, a qual, assim como faz sua arte com prazer por todo o mundo, não menos na terra do que no ceu, e por estar atenta à produção das criaturas racionais, não se esquece das irracionais, mas com igual artifício gera a nós e aos animais brutos, igualmente, desde homens ricos e pobres, desde pessoas nobres e vis, com cada língua digna de ser conhecida e louvada, grega, latina, hebraica e lombarda. Os pássaros, os peixes e os outros animais terrestres de todas as formas, ora com um som, ora com outro, expressam os seus afetos sem distinção de palavras. Nós homens devemos fazer isso muito melhor, cada um com a sua língua, sem recorrer à de outros. Os escritos e as linguagens foram inventados não para a salvação

curarei, quando senza ragione fossero da lui scritti i suoi libri; natura aver lui adottato per figliuolo, non per esser nato in Atene ma per aver bene in alto inteso, bene parlato e bene scritto di lei; la verità trovata da lui, la disposizione e l'ordine delle cose, la gravità e brevità del parlare esser sua propria e non d'altri, né quella potersi mutare per mutamento di voce; il nome solo di lui discompagnato dalla ragione (quanto a me) essere di assai piccola autorità; a lui stare, se (essendo lombardo ridotto) esser volesse Aristotile; noi mortali di questa età, così aver cari i suoi libri trammutati nell'altrui lingua, come gli ebbero i Greci, mentre greci li studiavano. Li quei libri con ogni industria procuriamo d'intendere per divenire una volta non ateniesi ma filosofi. E con questa risposta mi sarei partito da lui.

LASCARI: Dite pure e disiderate ciò che volete; ma io spero che a' dì vostri non vedrete Aristotile fatto volgare.

PERETTO: Perciò mi doglio della misera condizione di questi tempi moderni, ne' quali si studia non ad esser ma a parer savio: che ove sola una via di ragione in qualunque linguaggio può condurne alla cognizione della verità, quella da canto lasciata, ci mettiamo per strada, la quale in

dela, a qual (como divina que é) não precisa de nossa ajuda, mas somente para a nossa utilização e comodidade, para que ausentes, presentes, vivos e mortos, manifestando um ao outro os segredos do coração, mais facilmente alcancemos a nossa própria felicidade, a qual está no entendimento das doutrinas, não no som das palavras; e, por conseguinte, aquela língua e aquela escrita, que aprendemos com mais facilidade, deve ser usada pelos mortais; e como teria sido melhor (se tivesse sido possível) ter uma só linguagem, a qual naturalmente fosse usada pelos homens, assim agora é melhor que se escreva e fale da maneira que menos se afasta da natureza; esta maneira de falar aprendemos recém nascidos e no tempo em que não estamos aptos a aprender outra coisa. E de igual modo eu teria dito ao meu mestre Aristóteles, de cuja elegância de oração pouco me preocuparia, se os seus livros tivessem sido escritos sem razão; a natureza adotou-o por filho, não por ter nascido em Atenas mas por tê-la bem entendido, bem falado e bem escrito sobre ela; a verdade encontrada por ele, a disposição e a ordem das coisas, a gravidade e a brevidade do falar são-lhe próprias e não de outros, nem se podem mudar com a mudança de voz; só o

effetto tanto ci dilunga dal nostro fine quanto altrui pare che vi ci meni vicini; che assai credemo d'alcuna cosa sapere, quando, senza cognoscere la natura di lei, possiamo dire in che modo la nominava Cicerone, Plinio, Lucrezio e Virgilio tra' latini scrittori, e tra' greci Platone, Aristotile, Demostene e Eschine; delle cui semplici parolette fanno gl'uomini di questa età le loro arti e scienze in guisa che dir lingua greca e latina par dire lingua divina, e che sola la lingua volgare sia una lingua inumana, priva al tutto del discorso dell'intelletto; forse non per altra ragione, salvo perché questa una da fanciulli e senza studio impariamo, ove a quell'altre con molta cura ci convertiamo come a lingue, le quali giudichiamo più convenirsi con le dottrine, che non fanno le parole dell'eucaristia e del battesimo con ambidue tai sacramenti: la quale sciocca oppenione è sì fissa negli animi d'i mortali che molti si fanno a credere che a dover farsi filosofi basti loro sapere scrivere e leggere greco senza più, non altramente che se lo spirito d'Aristotile, a guisa di folletto in cristallo, stesse rinchiuso nell'alfabeto di Grecia, e con lui insieme fosse costretto d'entrar loro nell'intelletto a fargli profeti; onde molti n'ho già veduti a' miei giorni sì arroganti che,

nome dele desacompanhado da razão (quanto a mim) é de tão pouca autoridade; se (sendo traduzido em lombardo) quisesse ser Aristóteles, dependeria dele; nós, mortais desta época, assim temos por valiosos os seus livros transmutados na língua de outros, como os gregos tiveram, quando os estudavam em grego. Livros estes que procuramos entender com toda indústria, para um dia nos tornarmos não atenienses, mas filósofos. E com esta resposta termine-a despedido dele.

LÁSCARIS: Dizei, pois, e desejai o que quizerdes; mas espero que em vossos dias não vejais Aristóteles em vernáculo.

PERETTO: Por isso lamento a mísera condição destes tempos modernos, nos quais se estuda não para ser, mas para parecer sábio, porque, onde só há uma via de razão, em qualquer linguagem, pode conduzir ao conhecimento da verdade, deixada de lado aquela, tomamos a estrada, a qual, com efeito, afasta-nos do nosso fim tanto quanto a outros parece que nos aproxima; porque acreditamos muito saber alguma coisa, quando, sem conhecer a sua natureza, podemos dizer de que modo a chamava Cícero, Plínio, Lucrécio e Virgílio entre os escritores latinos, e entre os gregos Platão, Aristóteles, Demóstenes e Ésquines; de cujas simples

privi in tutto d'ogni scienza, confidandosi solamente nella cognizion della lingua, hanno avuto ardimento di por mano a' suoi libri, quelli a guisa degli altri libri d'umanità pubblicamente esponendo. Dunque, a costoro il far volgari le dottrine di Grecia parrebbe opra perduta, sì per la indegnità della lingua come per l'angustia d'i termini dentro a' quali col suo linguaggio è rinchiusa l'Italia, vana istimando la impresa dello scrivere e del parlare in maniera che non l'intendano gli studiosi di tutto 'l mondo. Ma quello che non è stato veduto da me, spero dover vedere (quando che sia) chi nascerà dopo me, e a tempo che le persone certo più dotte, ma meno ambiziose delle presenti, degneranno d'esser lodate nella lor patria, senza curarsi che la Magna o altro strano paese riverisca i lor nomi; ché se la forma delle parole, onde i futuri filosofi ragioneranno e scriveranno delle scienze, sarà comune alla plebe, l'intelletto e il sentimento di quelle sarà proprio degli amatori e studiosi delle dottrine, le quali hanno ricetto non nelle lingue ma negli animi d'i mortali.

SCOLARE: Già s'apparecchiava messer Lascari alla risposta, quando sopravvenne brigata di gentiluomini che venivano a visitarlo, da' quali fu interrotto l'incominciato ragionamento; per

palavrinhas os homens desta época fazem as suas artes e ciências de modo que dizer língua grega e latina parece dizer língua divina, e que só a língua vulgar é uma língua inumana, totalmente privada do discurso do intelecto; talvez não por outra razão, salvo porque esta aprendemos desde a infância e sem estudo, ao passo que às outras nos convertemos com muita atenção, como a línguas que julgamos adequarem-se mais às doutrinas do que às palavras da eucaristia e do batismo com tais sacramentos. Esta opinião boba está tão fixa nos espíritos dos mortais que muitos acreditam que para se tornarem filósofos bastalhes apenas saber escrever e ler grego, que se o espírito de Aristóteles, ao modo de duende em cristal, estivesse encerrado no alfabeto da Grécia, e junto com ele fosse obrigado a entrar no intelecto deles para torná-los profetas; o que nos meus dias tenho visto muitos tão arrogantes que, privados de toda ciência, confiando somente no conhecimento da língua, tiveram a coragem de tomar os seus livros, expondo-os publicamente ao modo dos outros livros de humanidade. Então, aos que o vulgarizar as doutrinas da Grécia parecia trabalho perdido, tanto pela indignidade da língua como pela limitação dos termos, dentro dos quais a Itália está encerrada com

che, salutati l'un l'altro con promessa di tornare altra volta, il Peretto e io con lui ci partiamo.

CORTEGIANO: Così bene mi difendeste con l'armi del maestro Peretto che il por mano alle vostre sarebbe cosa superflua; per la qual cosa, avvegna che il parlare intorno a questa materia fosse vostra professione, nondimeno io mi contento che vi tacciate. Ma del soccorso prestatomi, parte da l'auttorità di così degno filosofo, parte da le ragioni antedette, io ve ne rendo infinite grazie; e vi prometto, che per fuggire il fastidio dello imparare a parlare con le lingue de' morti, seguitando il consiglio del maestro Peretto, come son nato così voglio vivere romano, parlare romano e scrivere romano. E a voi, messer Lazaro, come a persona d'altro parere, predico che indarno tentate di ridurre dal suo lungo esilio in Italia la vostra lingua latina e, dopo la totale ruina di lei, sollevarla da terra; ché, se quando ella cominciava a cadere, non fu uomo che sostenere ve la potesse e chiunque alla rovina s'oppose a guisa di Polidamante fu oppresso dal peso, ora che ella giace del tutto, rotta parimente dal precipizio e dal tempo, qual atleta o qual gigante potrà vantarsi di rilevarla? Né a me pare, se ai vostri scritti riguardo, che ne vogliate far prova, considerando

sua linguagem, estimando vã a empresa do escrever e do falar de maneira que os estudiosos de todo o mundo não o entendam. Mas o que não foi visto por mim, espero que possa ver (quando for) quem nascer depois de mim, e em um tempo em que as pessoas certamente mais doudas, mas menos ambiciosas do que agora, dignarem-se de ser louvadas na sua pátria, sem se preocuparem que a Alemanha ou outro país estrangeiro reverencie os seus nomes; porque, se a forma das palavras, com as quais os futuros filósofos falarem e escreverem sobre as ciências, for comum à plebe, o intelecto e o sentimento deles será próprio dos amantes e estudiosos das doutrinas, as quais abrigaram não nas línguas mas nos espíritos dos mortais.

ESTUDANTE: O senhor Láscaris já se preparava para a resposta, quando chegou uma comitiva de cavalheiros que vinham visitá-lo, pelos quais foi interrompido o diálogo que havia iniciado; pelo que, despedindo-se um do outro com a promessa de retornar outra vez, Peretto e eu partimos.

CORTESÃO: Defendestes-me tão bem com as armas do mestre Peretto que o apropriar-me das vossas seria desnecessário; por isso, ainda que o falar acerca deste assunto fosse vossa profissão, contento-me de que vos caleis.

che 'l vostro scrivere latino non è altro che uno andar ricogliendo per questo auttore e per quello ora un nome, ora un verbo, ora un adverbio della sua lingua; il che facendo, se voi sperate (quasi nuovo Esculapio) che il porre insieme cotai fragmenti possa farla risuscitare, voi v'ingannate, non vi accorgendo che nel cadere di sì superbo edificio una parte divenne polvere e un'altra dee esser rotta in più pezzi; li quali volere in uno ridurre, sarebbe cosa impossibile, senza che molte sono l'altre parti le quali, rimase in fondo del mucchio o involate dal tempo non son trovate da alcuno. Onde minore e men ferma rifarete la fabrica, che ella non era da prima, e venendovi fatto di ridur lei alla sua prima grandezza, mai non fia vero che voi le diate la forma che anticamente le dierono que' primi buoni architetti, quando nova la fabricarono; anzi ove soleva esser la sala, farete le camere, confonderete le porte, e delle finestre di lei questa alta, quell'altra bassa riformarete; ivi sode tutte e intere risurgeranno le sue muraglie, onde primieramente s'illuminava il palazzo, e altronde dentro di lei con la luce del sole alcun fiato di tristo vento entrerà

Mas pelo socorro prestado a mim, em parte pela autoridade de tão digno filósofo, em parte pelos motivos já ditos, agradeço-vos infinitamente; e prometo-vos que, para fugir do fastio de aprender a falar com as línguas dos mortos, seguindo o conselho do mestre Peretto, assim como nasci quero viver romano, falar romano e escrever romano. E a vós, senhor Lázaro, como a pessoa de outro parecer, prevejo que em vão tentais restabelecer a vossa língua latina pelo seu longo exílio na Itália e, depois da total ruína dela, levantá-la do chão; porque, se quando ela começava a cair, não houve alguém que a pudesse sustentar e ninguém se opôs à ruína, assim como Polidamante¹³⁴ foi oprimido pelo peso, agora que ela jaz totalmente, destruída igualmente pelo precipício e pelo tempo, qual atleta ou qual gigante poderá vangloriar-se de reerguê-la? Nem me parece, se olho os vossos escritos, que queirais provar, considerando que o vosso escrever latino não é outro que um andar recolhendo por este autor e por aquele ora um nome, ora um verbo, ora um advérbio da sua língua; o que, se fazendo, esperais (quase como um novo

134 Polidamante, na mitologia, era um vigoroso atleta que um dia, repousando com seus amigos no interior de uma caverna, ao ver que o teto começava a desabar, confiante na sua força, segurou-o até que os companheiros saíssem, mas não conseguiu salvar a própria vida e morreu soterrado.

che farà inferma la stanza. Finalmente sarà miracolo, più che umano provvedimento, il rifarla mai più eguale o simile a quell'antica, essendo mancata l'idea, onde il mondo tolse l'esempio di edificarla. Per che io vi conforto a lasciar l'impresa di voler farvi singulare da gl'altri uomini affaticandovi vanamente senza pro vostro e d'altrui.

LAZARO: Perdonatemi, gentiluomo, voi non poneste ben mente alle parole del mio maestro Peretto, il quale non solamente non ricusava, come voi fate, d'imparar greco e latino; anzi si lamentava d'essere a farlo sforzato, disiderando una età, nella quale senza l'aiuto di quelle lingue potesse il popolo studiare e farsi perfetto in ogni scienza. La quale oppenione io non laudo, né vitupero, perché quello non posso, questo non voglio; dico solamente non essere stata bene intesa da voi, onde la diliberazione vostra non avrà origine né dall'autorità né dalle ragioni, ma dal vostro appetito, lo quale seguite quanto v'aggrada, che altrettanto io farò del mio; ché se 'l viaggio che io tengo è più lungo e più faticoso del vostro, per avventura non fia sì

Esculápio¹³⁵) colocar juntos tais fragmentos possa fazê-la ressuscitar, enganai-vos, não percebendo que na queda de tão soberbo edificio uma parte se tornou pó e a outra deve ter se quebrado em mais pedaços; com os quais querer formar um seria algo impossível, visto que muitas das outras partes, que ficaram no fundo dos escombros ou roubadas pelo tempo, não são encontradas por ninguém. De modo que, se refizerdes a fábrica, ela será menor e menos firme do que antes, e conseguindo restituí-la à sua primeira grandeza, nunca seria verdade que lhe teríeis dado a forma que antigamente lhe deram os primeiros bons arquitetos, quando a fabricaram nova; pois, onde antes costumava estar a sala, fareis os dormitórios, confundireis as portas, e reformareis as suas janelas, uma alta, outra baixa; ali ressurgirão as suas muralhas todas firmes e inteiras, onde primeiro iluminava-se o palácio, e em outro lugar dentro dela, com a luz do sol, entrará alguma rajada de vento empestado que deixará o aposento enfermo. Finalmente, será um milagre, mais que a providência humana, refazê-la, jamais será

135 Esculápio (Asclépios, em grego), o deus mitológico da medicina, filho de Apolo e Coronis, havia aprendido, com o centauro Quêiron, a arte de ressuscitar os mortos.

vano, e al fine della mia giornata a buono albergo sano, quantunque stanco, mi condurrà.

BEMBO: Messer Lazaro dice il vero e v'aggiungo che 'l Peretto in quell'ora (come a me pare) disputò delle lingue, avendo rispetto alla filosofia e altre simili scienze. Per che, posto che vera sia la sua opinione, e così bene potesse filosofare il contadino come il gentiluomo e il Lombardo come il Romano, non è però che in ogni lingua egualmente si possa poetare e orare; conciosiacosa che fra loro l'una sia più e meno dotata degli ornamenti della prosa e del verso che l'altra non è. La qual cosa fu tra noi disputata da prima, senza far parola delle dottrine, e come allora vi dissi così vi dico di nuovo che, se voglia vi verrà mai di comporre o canzoni o novelle al modo vostro, cioè in lingua che sia diversa dalla toscana e senza imitare il Petrarca o il Boccaccio, per avventura voi sarete buon cortigiano, ma poeta o oratore non mai. Onde tanto di voi si ragionerà e sarete conosciuto dal mondo quanto la vita vi durerà, e non più, conciosia che la vostra lingua romana abbia virtù in farvi più tosto grazioso che glorioso.

igual ou semelhante à antiga, tendo faltado a ideia, da qual o mundo tirou o modelo para edificá-la. Pelo que vos aconselho a deixar a empresa de querer tornar-vos singular entre os outros homens, trabalhando inutilmente sem proveito para vós e para outros.

LÁZARO: Perdoai-me, cavalheiro, não prestastes bem atenção às palavras do meu mestre Peretto, o qual não somente não recusava, como fazeis, a aprender grego e latim; antes, lamentava-se de ser forçado a fazê-lo, desejando uma época, na qual as pessoas pudessem estudar e aperfeiçoar-se em todas as ciências, sem a ajuda daquelas línguas. Tal opinião não louvo, nem desprezo, porque não posso aquilo, não quero isto; somente digo que não foi bem entendida por vós, pelo que a vossa deliberação não terá origem nem na autoridade nem nas discussões, mas no vosso desejo, o qual podeis seguir o quanto vos agradar, que assim também farei do meu; porque, se a viagem que eu tenho é mais longa e mais cansativa do que a vossa, por ventura não será tão vã, e ao final da minha jornada conduzir-me-ão, apesar de cansado, a uma boa hospedaria.

BEMBO: O senhor Lázaro diz a verdade e acrescento-vos que o Peretto naquela hora (como parece) disputou sobre línguas,

tendo respeito à filosofia e outras ciências semelhantes. Pelo que, posto que a sua opinião seja verdadeira, e tão bem pudesse filosofar o camponês como o cavaleiro, e o lombardo como o romano, não se pode, porém, em todas as línguas poetar e discursar igualmente; visto que entre elas uma é mais dotada dos ornamentos da prosa e do verso e a outra menos. Tal coisa foi entre nós discutida antes, sem mencionar as doutrinas, e como então vos disse, assim digo-vos de novo que, se tiverdes vontade de compor canções ou novelas ao vosso modo, isto é, em língua diferente da toscana e sem imitar o Petrarca ou o Boccaccio, talvez possais ser bom cortesão, mas poeta ou orador jamais. Pelo que de vós tanto se falará e sereis conhecido pelo mundo enquanto a vida vos durar, e não mais, visto que a vossa língua romana tem a virtude de vos tornar mais gracioso do que glorioso.

6.2 GIOVAN BATTISTA GELLI E O *RAGIONAMENTO* (1551)

[...] todas as coisas mudam continuamente, que se vê muito claro, às vezes, uma ação fazer o bem em um tempo e que em um outro não fica bem fazê-lo.
(Giovan Battista Gelli, 1551)

Giovan Battista Gelli (Florença, 1498-1563) era de origem humilde; aprendeu, por vontade do seu pai, a arte do *calzaiuolo*¹³⁶, da qual se tornou membro por toda sua vida, exaltando a imagem do artesão-literato. Aprofundou o estudo da filosofia com Francesco Verino, um dos mais notáveis professores do *Studio fiorentino*¹³⁷. Quando jovem, Gelli foi frequentador do *Orto Oricellari*¹³⁸, juntamente com outros intelectuais de seu tempo. Também foi um estudioso e comentador de Dante, de cujas obras destacava a função civilizadora e a transformação moral e social que a *Commedia* havia realizado na sua vida de homem simples. (PISCINI, 2000)

A partir de 1537, iniciou sua produção literária, que resultou em alguns poemas, como *Canti carnascialeschi*, *Canto degli agucchiatori* e *Canzone de' maestri di far specchi*. Em 1537, compôs uma écloga para celebrar a eleição de Cosimo de Medici, de quem foi um simpatizante da política cultural, contribuindo para a divulgação da tradição florentina. Através do tratado *Sull'origine di Firenze* (1540), dirigido a Cosimo, Gelli, valendo-se de argumentos de cunho filológico e mitológico, faz remontar a origem de Florença e da sua língua ao patriarca bíblico Noé e às antigas tribos hebraicas e aramaicas, com o objetivo de suplantar o latim, eliminando a tese que afirmava ser o vulgar uma versão corrompida e decadente da língua dos romanos.

136 *Calzolari* [sapateiros], uma das quatorze associações de artesãos chamadas Artes Menores, constituídas no século XIII, como forma de organizar as atividades econômicas urbanas. Sob o principado de Alessandro I de' Medici, em 1534, estas artes foram reagrupadas em quatro Universidades, dentre as quais, a Università dei Maestri di Cuoiame [courama], reuniu os *Calzolari*, *Galigai* [curtidores] e *Correggiai* [correeiros].

137 *Studio fiorentino*, instituição aberta em 1348, como *Studium Generale*, ao qual o papa Clemente VI concedeu os mesmos benefícios das outras universidades. O Estúdio teve, ao longo de sua história, alguns momentos de esplendor e ali foram ensinados conteúdos científicos, literários, jurídicos, filosóficos e teológicos.

138 Orto Oricellari ou Rucellai, famoso jardim que havia sido a sede da Academia platônica de Florença e tornou-se, no século XV, importante local de encontro de artistas, literatos e políticos. Situava-se em torno do Palácio Rucellai, projetado por Leon Battista Alberti e construído por Bernardo Rossellino, entre 1446 e 1451, sob encomenda de Giovanni Rucellai, esposo de Nannina de' Medici, irmã de Lorenzo, o Magnífico.

Com autorização de Cosimo, foi fundada, em 1540, a *Accademia degli Umidi*, para a qual Gelli entrou. Um ano depois, a entidade foi transformada na *Accademia Fiorentina*, no interior da qual Gelli desenvolveu suas atividades, sendo, em 1542, nomeado censor e, em 1548, eleito cônsul. Em 1550, encarregado por Cosimo, integrou a comissão de reforma da língua florentina, da qual se demitiu, alegando que havia falta de uma comunidade nacional para que se pudesse verificar a vitalidade da língua. Continuando sua produção, escreveu a comédia *La Sporta*, em 1543, e publicou, entre 1546 e 1549, suas duas obras mais importantes, *I capricci del bottaio* e *La Circe*. Em 1555, produziu a comédia *Lo errore*, sua última obra literária.

Entre 1551 e 1553, Gelli dedicou-se à atividade tradutória, com destaque para as obras em latim do professor pisano Simone Porzio para o vulgar italiano, tendo traduzido *Trattato de colori de gl'occhi* (1551), *Se l'huomo diventa buono o cattivo volontariamente* (1551), *Disputa sopra quella fanciulla della Magna la quale visse due anni senza mangiare* (1551) e *Modo di orare christianamente* (1551); traduziu ainda *Vita di Alfonso da Este* (1553), de Paolo Giovio, napolitano que escrevia em latim, e a tragédia de Eurípides, *Hécuba* (a partir da versão latina de Erasmo, de 1508). Para Gelli, a tradução, tanto dos textos sacros quanto das obras de ciência, era um meio de enriquecimento da língua vernácula e da cultura local. (PISCINI, 2000)

No diálogo *Ragionamento*¹³⁹ *sopra le difficoltà di mettere in regole la nostra lingua*, de 1551, ele aborda a questão da regularização da língua florentina, assumindo, porém, uma posição diferente da de Bembo, para quem só os escritores faziam a língua, e de outros seus contemporâneos, que consideravam suficiente uma língua apenas literária. A atenção de Gelli está voltada para a língua viva, de uso comum nas mais diversas ocasiões, sempre sujeita a influências e passível de mudanças, por isso difícil de normatizar.

O interlocutor de Gelli, no diálogo, é o erudito florentino Bartoli (Cosimo Bartoli¹⁴⁰, 1503-1572), também tradutor e versado em questões linguísticas. O texto de Gelli é dirigido ao seu amigo Pier Francesco

139 O termo *ragionamento*, processo discursivo muito usado na Lógica, desde o século XIII, é uma espécie de diálogo, só que reflexivo-argumentativo, cuja função seria demonstrar uma verdade, resolver um problema.

140 Homem de grande cultura e fama no século XVI, Bartoli foi também embaixador de Cosimo I de' Medici, na República de Veneza.

Giambullari¹⁴¹, informando que o redigiu a partir de uma conversa tida com Bartoli, após uma reunião ocorrida na Academia Fiorentina entre os encarregados de normatizar a língua. Neste encontro, o autor teria se recusado a assumir o encargo de regular a língua, porque Florença, sozinha, não conseguiria representar a língua da Toscana, que contava com enorme diversidade de nomes e pronúncias.

A falta de unidade política, segundo Gelli, é um dos principais obstáculos à gramatização da língua da Toscana, ainda que seus escritores sejam apreciados, dentro e fora da Itália. Mas, embora considere difícil fixar a sua língua, ele não descarta a possibilidade de enriquecê-la e melhorá-la para que no futuro ela possa vir a ser como as línguas mais prestigiadas.

A tradução, segundo ele, é um dos fatores de enriquecimento da língua vernácula, recurso já utilizado pelos franceses, os quais ele menciona a título de bom exemplo. O rei Francisco I, sob cujas ordens havia sido implantado o uso do francês em todos os domínios, contribuiu para o aumento do prestígio e enriquecimento da língua, dando apoio aos seus tradutores e literatos:

GELLI: [...] o pai deste rei mandou que se usasse o francês por todo o seu domínio, o que, observado até agora, melhorou tanto e tornou aquela língua mais bela e rica, que é uma maravilha a quem o considera. E o atual rei, Arrigo II, imitando os rastros do pai, além de fazer cumprir aquela ordem, faz também agrados e grandíssimas gentilezas a quem traduz nessa, ou trabalha para enriquecê-la e torná-la perfeita. (p. 498)

A tradução, para Gelli, poderia contribuir para a regularização da língua florentina, ao lado da imitação dos clássicos, já que em Florença há um grande número de bons conhecedores do grego e do latim que poderiam transferir as regras para o florentino, bem como traduzir as obras deles, servindo de exemplo para os aprendizes:

141 Pier Francesco Giambullari (Florença, 1495 -1555), escritor, bibliotecário dos Medici e um dos fundadores da Accademia Fiorentina. Dentre seus escritos, destaca-se um pequeno tratado sobre a obra de Dante Alighieri e os textos *Della lingua che si parla in Firenze* e *Il Gello*, em que trata da origem siríaca da língua toscana.

BARTOLI: E quais são estas coisas, Gello?

GELLI: São muitas e muitas, senhor Cosimo; e duas sobre todas as outras. Uma das quais é a grande quantidade dos que hoje em Florença se dedicam à língua latina e grega; os quais aprendendo-as com regra, depois falam também reguladamente a nossa, e com elegância; e aprendendo com estes os outros, movidos por aquele desejo ingênito que todos têm de não querer, naquilo que podem, de maneira alguma, ser ultrapassados pelos seus pares, *tornarão, pouco a pouco, a língua mais bela e mais honrada, com o falar e com o traduzir, trazendo as ciências e as artes que aprendem nas outras línguas.* (p. 522, grifo nosso)

Esta é uma das hipóteses apresentadas para a normatização do vernáculo. A outra hipótese diz respeito a uma atitude política a ser tomada por parte dos dirigentes, que assim poderia fazer com que a língua florentina superasse o latim e se tornasse tão valorizada quanto as línguas clássicas:

A outra é os príncipes e os homens grandes e qualificados começarem a escrever nesta língua as coisas importantes dos governos dos Estados, os manejos das guerras e os outros negócios sérios da administração, que não faz muito tempo eram todos escritos em língua latina. [...] Por estas duas coisas, pois, ainda que não houvesse outros motivos, pode-se justamente esperar que a nossa língua um dia ainda venha a ser tão prestigiada por muitos que nascerão, quanto são hoje por nós a grega e a latina. (p. 522)

Dessa forma, através do cuidado dos letrados e de um projeto político, o vernáculo de Florença poderia tornar-se, dignamente, a língua de toda a Itália.

**Ragionamento in fra Cosimo
Bartoli e Giovan Batista Gelli
(1551)**

**Diálogo entre Cosimo Bartoli e
Giovan Batista Gelli**

Al Molto Reverendo Messer
Pierfrancesco Giambullari
Amico suo carissimo
Giovan Batista Gelli.

Ao Mui Reverendo Senhor
Pierfrancesco Giambullari
Seu caríssimo amigo
Giovan Batista Gelli.

Da pòi che voi volete pure, messer Pier Francesco mio onoratissimo, che io vi racconti il 'ragionamento stato tra messer Cosimo Bartoli e me quello stesso giorno che voi novamente fuste rioletto nel numero di quegli uomini che debbono riordinare e ridurre a regola la nostra lingua fiorentina; ed a gli amici non si può nè debbe negar ei cosa alcuna che giusta sia, mi sono risoluto in tutto porlo in iscritto, ma semplice e puramente come e' nacque allora in fra noi, e a guisa pure di dialogo, a cagione che e la cosa sia meglio intesa, e si fugga il lungo fastidio di quella tanto noiosa replica: disse egli, e risposi io. E perchè voi sapete come noi altri la occasione in su che egli è nato, senza replicarvela ora altrimenti, dico solamente che usciti de la Accademia accompagnando messer Cosimo a casa sua, sopraggiuntovi da la sera, e desiderando fuggire quella crudezza de l' aria che comunemente apporta la notte, passammo in casa, e appresso ne lo scrittojo. Dove ragionando di varie cose, e cadendo, non so in che modo, in su quello che si era il

Pois já que quereis, meu muito honrado senhor Pier Francesco, que eu vos relate sobre o debate occorrido entre o senhor Cosimo Bartoli e eu naquele mesmo dia em que novamente fostes reeleito entre os homens que devem reordenar e regular a nossa língua florentina, e aos amigos não se pode nem se deve negar coisa alguma que seja justa, resolvi colocar tudo por escrito, mas simples e puramente como então nasceu entre nós, e ao modo de diálogo, para que a ideia seja mais bem entendida, e evitemos o longo fastio daquela réplica tão entediante: disse ele, e respondi eu. E para que saibais, como nós, a ocasião em que nasceu, sem vos repeti-la agora de outra forma, digo somente que, saídos da Academia acompanhando o senhor Cosimo a sua casa, ao entardecer, e desejando fugir daquela crueza do ar que a noite comumente traz, passamos em casa e em seguida no escritório. Ali, conversando sobre várias coisas, e caindo, não sei em que modo, sob como havia sido o dia na Academia, dirigindo-se a mim a respeito, o senhor Cosimo, sorrindo, começou a me dizer

di fatto ne l' Accademia, voltatosi
messer Cosimo a me,
riguardatomi alquanto, cominciò
sorridente a dirmi così:

BARTOLI: Io ho bene assai
chiaramente conosciuto oggi,
Gello mio caro, esser
sommamente vero quanto disse il
divinissimo nostro Dante in
persona di Adamo nel XXVI del
Paradiso: “Che nullo effetto mai
razionabile./ Per lo piacere uman,
che rinovella./ Seguendo il cielo,
fu sempre durabile.”

Conciossiach'io ho veduto
dispiacerti oggi si fattamente ciò
che l' anno passato tanto ti
piacque, che con ogni tuo studio e
ingegno hai pur fatto quasi che
forza di non esser di nuovo eletto
in quel piccolo numero e scelto,
che debbe ordinare e formare le
regole di questa lingua; non per
vietare o tòrre ad alcuno la libertà
e la facultà di parlare e di scrivere
a senno suo, ma solo perchè,
essendoci alcuni Accademici assai
differenti ne la pronunzia e ne la
scrittura, chi vorrà pure
apprendere la vera e natia lingua
fiorentina, abbia almanco dove
ricorrere a vedere il modo e la
forma de l'una e de l'altra cosa
comunemente usata in Firenze. Il
che nascendo pur da sincerità di
mente e da desio di giovare altrui,
non può essere giustamente se non
lodato. E perchè le cose degne di
loda si debbon sempre far

assim:

BARTOLI: Hoje eu soube com
muita clareza, meu caro Gello, que
é sumamente verdadeiro o que
disse o nosso divino Dante no
canto XXVI do Paraíso, através da
alma de Adão: “Que nenhum
efeito razoável,/ Pelo prazer
humano, que renova./ Seguindo o
ceu, foi sempre durável”.

Hoje vi desagradar-te o que no ano
passado tanto te agradou, que com
todo o teu esforço e talento fizeste,
pois, quase que força para não ser
eleito e escolhido de novo naquele
pequeno número, que deve ordenar
e formar as regras desta língua.
Não para proibir ou tirar de
ninguém a liberdade e a facultade
de falar e de escrever a seu modo,
mas só porque, sendo alguns
acadêmicos muito diferentes na
pronúncia e na escrita, quem quiser
aprender a língua florentina
verdadeira e nativa, tenha ao
menos onde recorrer para ver o
modo e a forma de uma coisa e de
outra comumente usada em
Florença. O que, pois, nascendo da
sinceridade da mente e do desejo
de agradar aos outros, não pode ser
senão justamente louvado. E
porque as coisas dignas de louvor
devem sempre ser feitas com
prazer, não consigo ver a causa
que te fez fugir de uma empresa
tão honrada. Lembrando-me de
que te ouvi dizer mais vezes, que
trazes tão grande amor a este nosso

volentieri, non so io veder la cagione che ti abbia fatto così fuggire una impresa tanto onorata. Ricordandomi averti sentito più volte dire, che tu porti sì grande amore a questo nostro parlare, il quale, quando egli è favellato puro e senza mescolgio di forestiero ne la nostra pronunzia propria, ti pare sì bello, che tu non puoi in maniera alcuna credere o imaginarti che e' fusse più bello udire o Cesare o Cicerone o qual altro Romano si sia, che alcuni di veri e nobili cittadini di Firenze, i quali per la loro grandezza abbino avuto il più del tempo a trattare di cose gravi, e a mescolarsi poco col volgo, che ha lingua molto più bassa e parole vili e plebee: dove, per 1° opposito, costoro hanno parole scelte e facili, che oltre a la naturale dolcezza di questa lingua, apportano un certo che di grandezza e di nobiltà; e massimamente quando essi parlatori hanno atteso a le lettere, esercitandosi ne gli studi, come ne' tempi de la tua fanciullezza erano Bernardo Rucellai, Francesco da Diacceto, Giovanni Canacci, Giovanni Corsi, Piero Martelli, Francesco Vettori e altri litterati che allora si ragunavano all'orto de' Rucellai, dove tu, quando potevi tal volta penetrare in maniera alcuna, stavi con quella reverenza e attenzione a udirli parlare tra lor.o, che si ricerca

falar, o qual, quando é falado puro e sem mistura de estrangeiro na nossa pronúncia própria, parece-te tão belo, que não podes de maneira alguma crer ou imaginar que fosse mais belo ouvir César, Cícero ou outro romano do que alguns dos verdadeiros e nobres cidadãos de Florença, os quais, pela sua grandeza, passaram a maior parte do tempo tratando de coisas sérias e misturando-se pouco com o vulgo, que tem a língua muito mais baixa e palavras vis e plebeias: onde, pelo contrário, aqueles têm palavras escolhidas e fáceis, que, além da suavidade natural desta língua, trazem um certo que de grandeza e de nobreza; e principalmente quando estes falantes prestam atenção nas letras, exercitando-se nos estudos, como nos tempos da tua juventude faziam Bernardo Rucellai, Francesco da Diacceto, Giovanni Canacci, Giovanni Corsi, Piero Martelli, Francesco Vettori e outros literatos que então se reuniam no *orto de' Rucellai*, onde tu, quando podias às vezes penetrar de alguma maneira, ficavas ouvindo-os falar entre eles, com aquela reverência e atenção que se busca nos oráculos. E ainda me lembro que te ouvi dizer que ias com tão boa vontade, quando ali chegavam embaixadores, para ouvi-los fazer as orações, sendo naqueles tempos costume que na

proprio a gli oracoli. E di più mi ricorda ancora averti sentito dire che andavi si volentieri, quando ci venivano ambasciatori, a udirli fare l'orazioni, essendo in que' tempi usanza che parlassino la prima volta pubblicamente. Di che sopra modo ti dilettaivi, si per la differenza che tu sentivi tra le lingue loro e la nostra, e si per udire la maniera de le risposte che si facevano o per il Gonfaloniere che fu un tempo Piero Soderini, o per il segretario de la Signoria, che era messer Marcello Virgilio, uomo non mene elegante e facondo ne la nostra lingua che ne la latina, e non manco bel parlatore che si fosse Pier Soderini. Sovviemmi oltre a questo, chevivendo Buberio Acciajoli e Luigi Guicciardini, andavi spesso a starti con loro, dicendo che, oltra i dotti ragionamenti, essendo e l'uno e l'altro litteratissimi, ti pigliavi si gran piacere de loudirgli favellare, parendoti che e' si fusse cosi ben conservata in loro la grandezza e la bellezza di questa lingua. De la qual cosa lodi ancor oggi Jacopo Nardi per le lettere che e' ti scrive; e messer Francesco Vinta, agente ora de lo illustrissimo ed eccellentissimo Duca nostro

primeira vez falassem em público. Do que sobremodo te deleitavas, se pela diferença que ouvias entre as línguas deles e a nossa, e se para ouvir a forma das respostas que se davam ou pelo gonfaloneiro¹⁴², que foi durante um tempo Piero Soderini, ou pelo secretário da Senhoria, que era o senhor Marcello Virgilio, homem não menos elegante e eloquente na nossa língua do que na latina, e não menos belo falante do que Pier Soderini. Além disso, lembro-me de que, vivendo Buberio Acciajoli e Luigi Guicciardini, ias com frequência reunir-te com eles, dizendo que, além das sábias discussões, sendo um e outro muito letrados, sentias tão grande prazer de ouvi-los falar, parecendo-te que a grandeza e a beleza desta língua estivessem bem conservadas neles. Sobre isto ainda hoje louvas Jacopo Nardi pelas cartas que ele te escreve; e o senhor Francesco Vinta, agora agente do nosso ilustríssimo e excelentíssimo duque junto a excelência do senhor dom Ferrante Gonzaga, parecendo-te (segundo o que afirmas) que ele, apesar de volterrano, escreve naquela língua florentina pura e genuína que tu sempre prestigiaste tanto. Estas

142 Gonfaloneiro, no sistema político de Florença, designava a função dos nove cidadãos eleitos em cada bimestre, de forma rotativa, para formar o governo. Um deles detinha a bandeira da cidade de Florença e mantinha a custódia do seu estandarte.

appresso la eccellenzia del signor don Ferrante Gonzaga, parendoti (secondo che tu affermi) che egli, ancora che Volterrano, scriva in quella pura e sincera lingua fiorentina che tu hai sempre tanto pregiata. Queste cose, Gello mio caro, per parermi tutte contrarie a quanto oggi ti ho visto fare, mi inducono a maravigliarmi sì grandemente di questa tua mutazione, che, se non ch' io considero che tu sei uomo, cioè variabile e mutabile come è la natura di tutti, io non saprei quello che avessi a dirmi di te, se non (parlandoti piacevolmente e liberamente, come noi sogliam fare insieme) che tu medesimo non sai ancora quello che tu ti voglia.

GELLI: Messer Cosimo mio carissimo, voi mi siete venuto a dosso improvvisamente col principio d' una orazione tanto considerata e così bene affortificata da tante pruove, che io non so quasi donde avermi a pigliare il luogo o la via da poter rispondere. Tuttavolta, concedendovi quello che è da concedere, cioè che io sono uomo, la natura de' quali non è solamente variabile e mutabile, come voi diceste, ma e tanto sottopostae atta ad errare, come voi forse voleste dire e per modestia non lo diceste, chè, si come canta la santa Chiesa, ogni

coisas, meu caro Gello, por me parecerem totalmente contrárias a quanto hoje te vi fazer, causam-me espanto tão grande com esta tua mudança, que, a menos que eu considere que sejas homem, isto é, variável e mutável como é a natureza de todos, eu não saberia o que dizer de ti, senão (falando-te prazerosamente e livremente, como costumamos fazer juntos) que tu mesmo ainda não sabes o que queres.

GELLI: Senhor Cosimo, meu caríssimo, chegastes improvisadamente com o princípio de um discurso muito considerado e tão bem reforçado por muitas provas, que eu quase não sei como tomar o lugar ou o caminho para poder responder. Todavia, concedendo-vos o que é para conceder, isto é, que eu sou homem, cuja natureza não somente é variável e mutável, como dissestes, mas muito sujeita e inclinada a errar, como talvez queirais dizer e não o dissestes por modéstia, porque, assim como reza a santa Igreja, todo homem é defeituoso e cheio de erros; e, pelo contrário, negando-vos o que é para negar, isto é, que tal mudança tenha nascido em mim do não saber eu mesmo o que quero, respondo-vos, para esclarecer, que, se nunca considerei verdadeiro aquele ditado que o sábio deve mudar o propósito, agora o

uomo è mendace e pieno di errori; e negandovi, per l'opposito, ciò che è da negare, cioè che tale mutamento sia nato in me dal non sapere io medesimo quello che io mi voglio, vi rispondo, per isgannarvi, che se mai approvai per vero quel detto che il savio debbe mutar proposito, lo approvo ora e tengo verissimo; poichè, eletto io ancora lo anno passato (come voi dite) a dare regola a questa lingua, cominciai a considerare la cosa molto più diligentemente che io non aveva fatto sino a quell' ora.

BARTOLI: Egli è il vero che questo detto è molto spesso in bocca a quegli uomini che pare che abbino qualche qualità più de gli altri. Nientedimanco, se e' si considera bene il significato di questo nome Sapiente, non pare a me che e' si debbia cosi approvare questo motto come tu di'. Perchè, non volendo dire altro lo esser savio lo avere una vera scienza e certissima cognizione de le cose, a chi è savio, perchè egli ha di già conosciuto il vero essere di quelle, non accade mutar proposito. Perchè il mutarsi conviene solamente a colui che senza aver conosciuto il vero, risolutosi troppo tosto, vede poi finalmente, o per sè o per l'altrui ammaestramento, di avere errato; e non volendo mantenersi nel preso errore, è costretto a mutar

considero e mantenho-o como muito verdadeiro; porque, eleito eu, ainda no ano passado, (como dizeis) para regrar esta língua, comecei a considerar a coisa muito mais diligentemente do que eu havia feito até aquele momento.

BARTOLI: É verdade que isto dito é muito frequente na boca daqueles homens que parece que têm alguma qualidade a mais do que os outros. Contudo, se considerarmos bem o significado deste nome *sapiente*, não me parece que se deva aprovar esta máxima como dizes. Porque o ser sábio, não querendo dizer outra coisa que ter uma verdadeira ciência e certíssimo conhecimento das coisas, a quem é sábio, porque ele já conheceu a verdadeira essência daquelas, não ocorre mudar o propósito. Porque o mudar-se convém somente a aquele que, sem ter conhecido a verdade, decide a aprender muito, por si ou pelos outros, e depois, finalmente, reconhece ter errado; e não querendo manter-se preso no erro, é obrigado a mudar o propósito.

GELLI: Falais a verdade. Mas conhecer perfeitamente a verdade das coisas não é tão fácil como talvez imaginais; antes, pelo contrário, é tão difícil, que alguns filósofos costumavam dizer que coisa nenhuma do que diziam os homens era verdadeira; mas que aquilo que chamavam verdadeiro

proposito.

GELLI: Voi dite il vero. Ma il conoscere perfettamente la verità de le cose non è sì agevole, come voi forse vi immaginate: anzi, per il contrario, è tanto difficile, che alcuni filosofi usaron dire che di ciò che dicevan gli uomini non era vera cosa alcuna; ma che quello che e' chiamavano vero, era quel che pareva loro. De la quale opinione non è però da curarsi molto; si perchè e' si leverebbon via tutte le scienze; e si ancora per averla e dottamente e argutamente riprovata e annullata Aristotile col dire che non essendo vera cosa alcuna, veniva ancora similmente a non esser vero quel che dicevano eglino. Si che, se bene si può chiamare solamente savio chi conosce le cose secondo il vero esser loro, e' non è però inconveniente che a questi tali ancora bisogni a le volte mutare proposito, se non per il non aver conosciuto la verità, per la occasione almanco de' tempi: i quali continuamente vanno si variando tutte le cose, che assai manifestamente si vede esser tal volta bene il fare uno effetto in un tempo, che in un altro non è ben farlo. Benchè questa non è propriamente la causa per la quale io ho mutato proposito; ma solamente lo aver considerata la cosa molto più che io non aveva prima, e lo averla discorsa fra me

era o que lhes parecia. Com tal opinião, porém, não nos devemos preocupar muito; se, para que fossem removidos todos os conhecimentos, e ainda se por tê-los com sabedoria e argúcia reprovado e anulado, Aristóteles, ao dizer que coisa nenhuma era verdadeira, também o que dizia viria igualmente a não ser verdadeiro. Assim, se bem se pode chamar sábio somente quem conhece as coisas segundo a verdadeira essência delas, não é, porém, inconveniente que estes tais às vezes ainda precisem mudar o propósito, se não por não terem conhecido a verdade, ao menos pela ocasião dos tempos, com os quais todas as coisas mudam continuamente, que se vê muito claramente às vezes uma ação fazer o bem em um tempo, e que em um outro não fica bem fazê-lo. Se bem que esta não é propriamente a causa pela qual eu mudei o propósito, mas somente o ter considerado a ideia muito mais do que antes e tê-la percorrido comigo mesmo muito mais atentamente do que até então.

BARTOLI: E com quais razões? Porque eu sei muito bem que discorrer não é senão um exame que aquela nossa parte superior, da qual adquirimos o nome de animais racionais, faz sobre as coisas, considerando o que faz por uma parte não menos do que tudo

medesimo molto più diligentemente che in sino allora.

BARTOLI: E con quali ragioni? Perchè io so molto bene che ildiscorrere non è altro che una esamina che fa sopra le cose quella nostra parte superiore ,r da la quale noi acquistiamo il nome di animali ragionevoli, considerando non meno ciò che fa per una parte, che tutto quel ch' appartiene a l' altra.

GELLI: Le ragioni e le difficoltà che non solo mi hanno fatto levar via l' animo da questa impresa , ma ancora giudicarla quasi impossibile, sono e molte e molto potenti; e quanto più vi pensava intorno, più mi se ne offerivano sempre a la mente de l' altre nuove. Di maniera che io posso dire, che e' sia avvenuto propriamente a me in questa cosa, come avviene a chi vede da lontano una torre o altra cosa simile; che quanto egli la riguarda più di discosto, tanto gli pare minore e più bassa; e dipoi, appressandosele, quanto più la guarda da presso , tanto gli apparisce continuamente maggiore e più alta. Così ancora io, mentre che io stava lontano al mettere in atto questa formazione de le regole, me la imaginava piccola cosa; ma quando poi tentammo porla ad effetto, quanto

o que pertence à outra.

GELLI: As razões e as dificuldades que não só me fizeram afastar o espírito desta empresa, mas também julgá-la quase impossível, são muitas e muito fortes; e quanto mais pensava a respeito, mais outras novas sempre surgiam na minha mente. De modo que eu posso dizer que me ocorreu propriamente nesta coisa, como ocorre a quem vê de longe uma torre ou algo parecido, que quanto mais afastado a observa, tanto lhe parece menor e mais baixa; e depois, aproximando-se-lhe, quanto mais a observa de perto, tanto lhe parece continuamente maior e mais alta. Assim também eu, enquanto estava longe, ao por em ação esta formação das regras, imaginava-a algo pequeno; mas depois, quando tentamos levá-la a efeito, quanto mais a considerei, tanto mais me pareceu difícil. Principalmente porque, devendo esta ser obra de uma Academia Florentina, vinha súbito ao meu espírito que seria preciso que ela fosse feita com tanta arte e com tal doutrina, que os homens não pudessem desprezá-la e, rindo-se de nós e dela, dizer, com Horácio, para nossa vergonha: "*Parturient montes; nascetur ridiculus mus*"¹⁴³. [Ars, 139]"

143 "Parirão os montes e nascerá ridículo ratinho."

più la considerai, tanto più mi parve difficile. Imperocchè, dovendo principalmente esser questa opera d'una Accademia Fiorentina, mi si appresentava subito a l' animo, che e' bisognava che ella fusse con tanta arte e con tal dottrina, che gli uomini non avessino a' disprezzarla, e ridendosi di noi e di quella, dire con Orazio in nostra vergogna: *Parturient montes; nascetur ridiculus mus.*

Sovvenivami dipoi, che questo nome di Accademia era per generarene gli animi de le persone una espettazione tanto grande, che e' sarebbe al tutto impossibile il corrisponderle: laonde, ove egli è consueto non solamente scusare gli errori che qualche volta si riconoscono ne le composizioni de' privati, ma difendergli arditamente, affermando che chiunque opera merita di esser lodato, in questa nostra impresa comune averrebbe tutto l' opposto. Perchè i forestieri, che ci vogliono esser maestri, per far vero il detto del vulgo che i più dotti manco sanno, si porrebbero con ogni industria a cercar di attaccar lo uncino; e gli errori, ancora che minimi, chiamerebbono sempre gravissimi. E il farla in ogni sua parte con tanta considerazione, che alcune cose non potessino essere chiamate da molli errori,

Depois, sobrevinha-me que este nome de Academia era para gerar uma expectativa tão grande nos espíritos das pessoas, que corresponder-lhes seria totalmente impossível: onde é habitual não somente escusar os erros que às vezes se reconhecem nas composições dos privados, mas defendê-los ousadamente, afirmando que quem trabalha merece ser elogiado, nesta nossa empresa comum teria todo o contrário. Porque os estrangeiros, que querem ser mestres, para tornar verdadeiro o ditado do vulgo que os mais sábios nada sabem, com toda indústria poderiam cavilar; e os erros, ainda que mínimos, chamariam sempre de gravíssimos. E o fazê-la em toda sua parte com tanta consideração, que algumas coisas não pudessem ser chamadas de erros leves, creio que seja totalmente impossível.

BARTOLI: Por que isto?

GELLI: Pela diversidade dos nomes e das pronúncias que se encontram pelas cidades da Toscana; cada uma das quais apreciando mais as próprias coisas do que as dos outros, estimaria e consideraria erro o que em Florença seria regra. Mas, para vos explicar ainda melhor este capítulo, é preciso começar por um outro princípio. Dizei-me, quem faz uma e a outra: as regras as

credo che sia al tutto impossibile.

BARTOLI: O questo perchè?

GELLI: Per la diversità de' nomi e de le pronunzie che si truovano per le città di Toscana; ciascuna de le quali pregiando più le sue cose che quelle d'altri, stimerebbe e terrebbe errore quello che in Firenze sarebbe regola. Ma per meglio esplicarvi ancora questo capo, mi bisogna cominciarvi da un altro principio. Ditemi chi fa l'una l'altra; o le regole le lingue, o le lingue le regole?

BARTOLI: E chi non sa che le lingue fanno le regole, essendo quelle innanzi che queste; e non essendo fondate queste in altro, nè avendo altra pruova che le confermi, se non l' autorità di esse lingue?

GELLI: E da questo, essendo egli come egli è vero, nasce che e' non si può far regola alcuna che sia veramente regola non solo a la, lingua toscana, ma ancora a la fiorentina: e uditene la ragione. Tutte le lingue del mondo sono, come voi vi sapete, o variabili o invariabili. Le invariabili sono quelle che non si mutarono mai, per tempo o cagione alcuna, ma da quel di che elle ebbero principio, insino a che elle furono al mondo, si favellarono sempre in quel medesimo modo: come è quella che gli Ebrei stessi chiamano sacra, cioè quella de la Bibbia, la quale dal suo nascimento sino al

línguas, ou as línguas as regras?

BARTOLI: E quem não sabe que as línguas fazem as regras, sendo aquelas anteriores a estas; e não sendo fundadas estas em outro, nem tendo outra prova que as confirme, a não ser a autoridade dessas línguas?

GELLI: E por isto, sendo verdade como é, ocorre que não se pode fazer nenhuma regra que seja realmente regra, não só para a língua toscana, mas também para a florentina. E escutai a razão. Todas as línguas do mundo são, como sabeis, variáveis ou invariáveis. As invariáveis são as que nunca mudam, por tempo ou causa alguma, mas desde o dia em que elas tiveram início, foram faladas sempre do mesmo modo, como é a que os próprios hebreus chamam sagrada, isto é, aquela da *Bíblia*, a qual se conservou sempre a mesma desde o seu nascimento até o dia de hoje. E ainda que Esdras, sacerdote deles, após a escravidão babilônica, tenha colocado-lhe pontos e acentos para torná-la mais fácil de ler, ele não mudou por isto nem o idioma nem a pronúncia; desde então, todos os hebreus, em qualquer parte do mundo em que se encontrem, falam a mesma língua que os seus escritores falaram, e especialmente Moisés, que é o mais antigo que eles têm. Isto é algo realmente maravilhoso, porque, quase não se mudando as

di d'oggi si è conservata sempre la medesima appunto. E se bene Esdra, loro sacerdote, dopo la servitù babilonica vi aggiunse punti ed accenti per farla più agevole a leggere, non mutò egli per questo nè lo idioma nè la pronunzia; laonde la medesima lingua favellano oggi tutti gli Ebrei, in qualunque parte del mondo e' si truovino, che favellarono i loro scrittori, e particolarmente Mosè, il quale è il più antico che elli abbino. La qual cosa è veramente maravigliosa: perchè, non si mutando quasi le lingue per altro che per mescolarsi que' che le parlano con genti d'altro idioma, quale è quella che dovesse essere più alterata e più variata che la ebrea? Conciossiachè i Giudei, dopo la cacciata loro di Jerusalem, sono già MCCCC anni, senza regno, senza patria e senza luogo dove fermarsi, sieno andati continuamente errando sino agli estremi fini della terra, e mescolandosi, a guisa di peregrini, con tutte le generazioni che il sol vede sotto il suo cielo. E nientedimanco quella lor lingua è per tutto quella medesima.

BARTOLI: Certamente che ella è cosa fuori di natura, e che non può attribuirsi se non a Dio. Il quale, avendo dato la legge in quella, e fattovi scrivere tutte le cose sacre e divine, ha voluto, per indubitata

línguas por outro motivo que por aqueles que as falam se misturarem com pessoas de outro idioma, qual é aquela que deveria ser mais alterada e mais variada que a hebraica? Considerando que os judeus, após a sua expulsão de Jerusalém, estão há 1400 anos sem reino, sem pátria e sem lugar onde ficar, continuamente errando, até os extremos confins da terra, e misturando-se como peregrinos, com todas as gerações que o sol vê sob o seu ceu. E no entanto a língua deles é sempre a mesma.

BARTOLI: Certamente que ela é algo fora da natureza, o que não se pode atribuir senão a Deus. O qual, tendo dado a lei nela, e feito escrever todas as coisas sagradas e divinas, quis, para o indubitável testemunho da nossa santíssima fé, que ela permanecesse sempre intacta.

GELLI: Então, destas tantas línguas, sendo evidente que elas podem facilmente ser colocadas em regras, não ocorre que falemos tirando-as dos escritores ou tomando-as do uso, porque é tudo uma coisa só. Mas as línguas que eu chamei de variáveis não se falam sempre do mesmo modo; aliás, vão variando e mudando-se de tempo em tempo, tanto no pior quanto no melhor, segundo os acidentes que acontecem naquelas províncias onde elas são privadas e próprias, e segundo as pessoas de

testimonianza de la santissima fede nostra, che ella duri incorrotta sempre.

GELLI: Di queste dunque si fatte lingue non occorre che noi parliamo, essendo manifestissimo a ciascheduno, che elle possono agevolmente ridursi a regole, o pigliandole da gli scrittori o prendendole pure da l'uso, perchè è tutt'uno. Ma le lingue che io chiamai variabili non si favellano sempre in un modo; anzi vanno variando e mutandosi di tempo in tempo, quando in peggio e quando in meglio, secondo gli accidenti che accaggiono in quelle provincie a chi elle sono e private e proprie, e secondo che e' vi vengono ad abitare genti d' un' altra lingua: come avvenne, verbigrazia, in Italia, ne la venuta dei Gotti e Vandali, a la lingua latina. E queste tali, od elle sono morte, cioè mancate, e non si parlano ipiù in luogo alcuno, ma si truovono solamente su pe' libri de gli scrittori; od elle sono vive, e si parlano ancora e usano in qualche paese, come è, verbigrazia, a Firenze la lingua nostra. Di queste ultime due maniere tengo io per cosa certa che le morte si possono agevolmente mettere in regola; ma de le vive, che e' non sia solamente difficile il farvi regola alcuna perfetta e vera, ma che e' sia quasi al tutto impossibile.

BARTOLI: E per che cagione?

outra língua que as vêm habitar, como ocorreu, por exemplo, à língua latina na Itália, com a vinda dos godos e vândalos. E estas, ou estão mortas, isto é, defuntas, e não são mais faladas em nenhum lugar, mas são referidas somente pelos livros dos escritores; ou estão vivas e ainda são faladas e usadas em algum país, come é, por exemplo, a nossa língua em Florença. Estas duas últimas, as mortas, tenho certeza de que podem facilmente ser colocadas em regra; mas as vivas, de que não somente é difícil fazer alguma regra perfeita e verdadeira, mas que é quase totalmente impossível.

BARTOLI: E por qual causa?

GELLI: Dir-vos-ei. Nem vós nem outro de sã consciência jamais negará que, tendo de fazer regras para uma língua, não se deva tirá-las dela, quando foi falada melhor do que em algum outro tempo; sendo algo muito razoável, quando se tem de tomar por regra as operações de uma coisa, tomá-las quando ela funciona melhor; o que ocorre quando ela está no seu estado perfeito. E quem será aquele, a não ser, talvez, algum imbecil, que tendo de tomar como exemplo as ações de um homem, tomasse aquelas que ele fazia na infância, quando os seus sentidos interiores, por ser aqueles órgãos, nos quais fazem o seu officio, cheios de muita umidade, não

GELLI: Dirovvelo. Nè voi nè altro mai di sano intelletto mi negherà che, avendo a farsi regole d'una lingua, e' non si debba pigliarle da lei, quando ella fu favellata meglio che in alcuno altro tempo; essendo cosa pur ragionevole, quando si hanno a pigliare per regola le operazioni d'una cosa, pigliarle quando ella opera meglio; il che le avviene quando ella è nel suo perfetto essere. E chi sarebbe mai quello, se non forse qualche stolto, che avendo a pigliare per esempio le operazioni d'un uomo, pigliasse quelle che e' fa ne la puerizia, quando i sensi suoi interiori, per essere di troppa umidità ripieni quelli organi ne' quali e' fanno lo ufizio loro, non potendo porgere a lo intelletto la facultà che a perfettamente operare gli è necessaria, non ha esso uomo libero l'uso de la ragione, e vive più tosto secondo la natura, che secondo la mente sua? o veramente le azioni che egli fa in quella parte de la vecchiezza, ne la quale i sangui, per il mancamento del caldo e de l' umido naturali, raffreddati e dissecati più del dovere, non somministrano a' medesimi sensi gli spiriti atti ed accomodati a le loro operazioni? Niuno certamente, mi penso; ma si bene quelle che egli fa ne la sua età migliore: la quale indubitatamente sarà nel mezzo e

podendo enviar ao intellecto a facultade que lhe é necessária para funcionar perfeitamente, não tem este homem o uso livre da razão, e vive mais segundo a natureza que segundo a sua mente? ou realmente as ações que ele faz naquela parte da velhice, nem a qual o sangue, pela falta de calor e de umidade natural, frio e seco mais do que deve, não distribui aos mesmos sentidos a vitalidade apta e adequada às suas funções? Nenhum, certamente, penso; mas se aquelas que ele faz bem na sua melhor idade, a qual, sem dúvida, estará no meio e no auge da sua vida, como o mostra poeticamente nosso diviníssimo Dante, dizendo ter percebido que a nossa vida era uma obscuríssima selva de ignorância: “No meio do caminho da nossa vida” etc.

BARTOLI: Certamente bela e sábia consideração. Mas sê coerente, Gello; e antes que vás mais além, dize-me: como se poderá encontrar, falando, como parece que fazes, própria e exatamente, este auge da vida e este estado mais perfeito nas coisas geradas alteráveis? As quais, embora, medidas pelo tempo, estando sempre em movimento contínuo, jamais se acham em um mesmo estado, senão em um instante tão indivisível, que não é possível marcá-lo de maneira alguma, pelo que vem a ser mais

nel colmo de la sua vita; come poeticamente lo mostra il divinissimo nostro Dante, dicendo essersi accorto, che la vita nostra era una oscurissima selva di ignoranzia: Nel mezzo del cammin di nostra vita ec.

BARTOLI: Bella certo e dottissima considerazione. Ma sta saldo, Gello; e prima che tu proceda più oltre, dimmi: come si potrà egli trovar già mai, parlando, come e' pare che tu faccia, propriamente ed esattamente, questo colmo de la vita e questo essere più perfetto, ne le cose generabilie corruttibili? Le quali si come misurate dal tempo, essendo sempre in moto continovo, non vengono a stare già mai in uno stato medesimo, se non in uno instante si indivisibile, che e' non è possibil segnarlo in maniera alcuna: per il che viene a essere più che impossibile, che e' vi si truovi dentro fermezza.

GELLI: Confesso io ancora che questo è vero, se voi intendete per la fermezza il mancare d' ogni moto. Ma questo non è quello che io voglio inferire. Anzi dico, che in tutte le cose le quali dopo il principio loro salgono al sommo e supremo grado de la loro perfezione, conviene di necessità concedere, avanti che elle comincino a scenderne, un certo spazio di tempo; nel quale elle non salgino e non iscendino, ma

do que impossível que se encontre firmeza dentro.

GELLI: Também admito que isto é verdade, se entendeis por firmeza a falta total de movimento. Mas não é isto o que eu quero inferir. Antes, digo que em todas as coisas, as quais depois do seu início sobem ao sumo e supremo grau da sua perfeição, convém conceder, por necessidade, antes que elas comecem a descer, um certo espaço de tempo; no qual elas não subam e nem desçam, mas permaneçam, quanto a essa perfeição, quase paradas, e em um mesmo estado, sendo necessário que entre dois movimentos contrários sempre se encontre um pouco de quietude; porque, de outra forma, nunca acabaria um, ou não começaria nunca o outro movimento. E isto podeis ver claramente em uma pedra lançada para cima; a qual, depois que com a sua gravidade superou a força daquele ar que, fendido bruscamente a partir do braço de quem a jogou, correndo com grande rapidez para evitar que aquele espaço ficasse vazio, empurrou-a continuamente para cima, se não parasse em tempo, não voltaria mais para baixo. Assim, não parando, iria sempre para cima; e ir para cima e voltar para baixo ao mesmo tempo (a respeito da natureza dos contrários, que impede que permaneçam

stiano, in quanto ad essa perfezione, quasi che ferme, e in uno stato medesimo: essendo di necessità che in fra due moti contrari si truovi sempre un po' di quiete; perchè altrimenti, o non finirebbe mai l' uno, o non comincerebbe mai l' altro moto. E questo lo potete voi chiaramente conoscere in un sasso tratto a lo in sù; il quale, poi che con la sua gravitate ha superato la forza di quella aria che, fessa violentemente dal braccio di chi lo trasse, correndo con grandissima celerità a richiudersi perchè quel luogo non resti vòto, continovamente lo pigne in sù, se egli non si fermasse alquanto, non tornerebbe mai a lo in giù. Conciossiachè, non si fermando, egli anderebbe sempre a lo in sù; e andare in sù e tornare in giù in un tempo medesimo (rispetto a la natura de' contrari, che non patisce che eglino stiano insieme in un medesimo tempo, in un subietto medesimo) non è possibile. Adunque egli è necessario in tutte le cose che dopo il principio loro hanno accrescimento e dicrescimento di perfezione, che e' si ritruovi tra l' uno e l' altro un certo spazio di tempo, nel quale elle restino di acquistarne più, e non comincino ancora a perderne: il qual tempo è chiamato da' filosofi lo stato, ed è cosa osservata molto da' medici

juntos em um mesmo tempo, em um mesmo espaço) não é possível. Portanto, em todas as coisas, é necessário que após o seu princípio cresçam e decresçam em perfeição, que se encontre entre um e outro um certo espaço de tempo, no qual elas deixem de adquirir mais, e ainda não comecem a perder, tempo este chamado de estado pelos filósofos, e é algo muito observado pelos médicos nas enfermidades humanas. Mas se quereis ver ainda melhor isto que eu digo, lede aquela parte do *Convívio* do nosso Dante, em que trata da idade do homem, e tornarvos-eis muito capaz nisto.

BARTOLI: Ora, está bem, mas que queres dizer com isto?

GELLI: Quero dizer, voltando ao nosso assunto, que nas línguas vivas, não se podendo saber quando é este seu estado e este auge da sua perfeição, também não se pode, consequentemente, fazer regras perfeitas e completas. Porque, embora se possa saber mediante os escritores daquelas quando melhor do que nunca elas foram faladas no passado, não há nada, porém, que se possa prometer para o futuro, que até que elas desapareçam, não se possam falar melhor, e que ainda não possam surgir alguns escritores que as escrevam muito melhor. Como jamais podeis saber qual é o meio ou o estado de uma coisa, da

ne leinfermità umane. Ma se voi volete vedere ancor meglio questo che io dico, leggete quella parte del *Convivio* del nostro Dante, dove e' tratta de la età de l'uomo, e resteretene capacissimo.

BARTOLI: Orsù, sta bene: ma che vuoi tu dire per questo?

GELLI: Vo' dire, tornando al nostro proposito, che non si potendo sapere ne le lingue vive quando sia questo loro stato e questo colmo de la loro perfezione, egli non si può ancora conseguentemente farne regole perfette e intere. Perchè', se bene e' si può sapere mediante gli scrittori di quelle quando meglio chemai elle si siano favellate per il passato, nessuno è però che si possa promettere per il futuro, che insino a che elle non mancano, elle non si possino favellar meglio, e cosi che e' non possino surgere ancora alcuni scrittori che le scrivino molto meglio. Come potete voi mai sapere quale sia il mezzo o lo stato d' una cosa, de la quale, se bene voi avete il principio noto, voi non potete però non solamente sapere quando abbia ad essere il fine suo determinatamente, ma nè anco immaginarvelo per conietture; come forse la vita e de l' uomo e di molte altre cose, le quali quando sono arrivate ala lor vecchiezza, agevolmentesi può farne la coniettura quando abbia a essere

qual, ainda que tenhais percebido o princípio, não podeis, porém, não somente saber quando está determinadamente para o seu fim, mas nem também imaginá-lo por conjecturas; como talvez a vida do homem e de muitas outras coisas, as quais quando chegarem à sua velhice, facilmente se possa fazer a conjectura quando tiver de ser a sua morte; não sendo porém daquelas, a quem é concedido pela natureza o renovar, como, por exemplo, a primavera às ervas e as plantas. Mas as línguas não são destas. Resta, então, não se podendo saber o estado das línguas que vivem, que também não se pode formar regra alguma estática e verdadeira; o que não ocorre com as que já estão mortas, como tendes o exemplo claro na latina. Na qual, considerando os gramáticos que escreveram como foi o seu processo, e julgando, como é verdadeiro, o auge dela ter sido na época de César, Cícero e Virgílio; porque nos tempos de Ênio e de Plauto vê-se que ela estava em crescimento, e depois, nos de Suetônio e de Tácito, em decréscimo, fundaram todas as regras sobre ela o falar de César, Cícero e Virgílio, afirmando o que quer que se dissesse no futuro à maneira dos supracitados, sempre seria dito bem, latinamente e ao máximo, segundo César e Cícero; para ser lícito e concedido aos

la morte loro; non essendo però di quelle, a chi è concesso da la natura il rinovellarsi, come, verbigrazia, l'erbe e le piante la primavera. Ma le lingue non sono di queste. Resta dunque, non si potendo saper lo stato de le lingue che vivono, che e' non se ne possa ancora formar regola alcuna ferma e vera: il che non avviene de le già morte, come ne avete lo esempio chiaro ne la latina. Ne la quale considerando i gramatici che ne hanno scritto quale fusse stato il processo suo, e giudicando, come è il vero, il colmo di quella essere stato ne la età di Cesare, Cicerone e Virgilio; perchè ne' tempi di Ennio e di Plauto si vede che ella era ne lo augumento, e in quegli poi di Svetonio e di Tacito, nel discrescimento, fondarono tutte le regole loro sopra il parlare di Cesare, Cicerone e Virgilio, affermando ch'è ciò che si dicesse per lo avvenire ne la maniera de' sopra detti, sempre sarebbe detto bene e latinamente, e massime secondo Cesare e Cicerone; per esser lecito e conceduto a' poeti lo usare spesso molte cose ne' versi loro, che non si comportano ne la prosa. Ma questo non si può fare ne la lingua fiorentina, e molto manco ne la toscana, che e vivono ancora, e non hanno scrittori da fondarvi lo intento suo, non si sapendo se elle sono ancor pervenute al colmo de l'arco.

poetas o uso frequente de muitas coisas nos seus versos, que não se comportam na prosa. Mas isto não se pode fazer na língua florentina, e muito menos na toscana, que ainda estão vivas e não têm escritores para fundar o seu intento, não se sabendo se elas já chegaram ao auge do arco.

BARTOLI: E se não se pode fazer isto por meio dos escritos, quem impede que se faça ao menos por meio do uso?

GELLI: E de qual uso? Oh, esta é outra dificuldade, e não menor do que a precedente.

BARTOLI: E por quê?

GELLI: Porque nos nossos tempos não acontece com esta língua aquilo que nos tempos dos romanos acontecia com a latina; que sendo própria de uma nação que então dominava uma grandíssima parte deste mundo, era tão estimada e honrada por todos os seus súditos, e principalmente na Itália, onde não se encontrava nenhum nobre e importante, por qualquer que fosse a cidade, que não se empenhasse em falar a língua romana. Quem não a sabia era por estes chamado bárbaro, isto é, pessoa inculta e de costumes rudes e ásperos; e ainda pelas necessidades que ocorriam diariamente nos negócios privados e públicos, tendo os romanos comandado em tutela suas províncias, que não se podia julgar

BARTOLI: E se questo non si può fare per via de gli scritti, chi vieta che e' non si faccia almanco per via de lo uso?

GELLI: E di quale uso? Oh questa è l'altra difficultà, e non punto minore de la precedente.

BARTOLI: E perchè?

GELLI: Perchè ne' tempi nostri non avviene di questa lingua quello che ne' tempi de' Romani avveniva de la latina; che essendo propria d'una nazione che dominava allora ad una grandissima parte di questo mondo, era tanto stimata e onorata da ciascuno de' soggetti loro, e in Italia massimamente, che e' non si trovava nobile alcuno e da farne stima, per qual si voglia città, il quale non si ingegnasse di parlar la lingua romana. Si perchè chi non sapeva era da essi chiamato barbaro, cioè persona inculta e di rozzi e aspri costumi; e si ancora per i bisogni che occorreano giornalmente ne le faccende e private e publiche; avendo comandato i Romani in tutte le loro provincie, che e' non si potesse agitare causa alcuna criminale o civile, nè far processo od instrumento alcuno, se non in lingua latina. Ad imitazione de' quali, i per quanto io n' ho inteso dire da Amerigo Bencì, che da venticinque anni in qua ha usato

causa alguma, criminal o civil, nem fazer processo ou qualquer instrumento, senão em língua latina. À imitação dos quais, pelo que ouvi dizer por Amerigo Bencì¹⁴⁴, que de vinte e cinco anos para cá costumou ir muito à França, e como sabeis, além das práticas mercantis tem também alguns conhecimentos das especulativas, disse que o pai deste rei mandou que se usasse o francês por todo o seu domínio, o que, observado até agora, melhorou tanto e tornou aquela língua mais bela e rica, que é uma maravilha a quem o considera. E o atual rei, Arrigo II, imitando os rastros do pai, além de fazer cumprir aquela ordem, faz também agrados e grandíssimas gentilezas a quem traduz nessa, ou trabalha para enriquecê-la e torná-la perfeita.

BARTOLI: Bela empresa e realmente digna de um príncipe, amar e honrar a sua língua: considerando ao máximo que nenhuma pode elevar-se e ganhar reputação sem o favor do seu príncipe.

GELLI: Então, não teria sido difícil a quem quisesse regrar a língua latina naqueles tempos em que estava viva, pois lhe bastaria somente observar o uso e o modo com que os cidadãos romanos a conservavam, porque naqueles

144 Amerigo Bencì era colaborador de Cosimo de Médici.

molto la Francia, e come voi vi sapete, oltre le pratiche mercantili ha qualche cognizione ancora de le speculative, ordinò il padre di questo re, che e' si facesse così in francese per tutto il dominio suo: il che osservatosi fino ad ora, ha tanto migliorata e fatta più bella e ricca quella lingua, che è una meraviglia a chi lo considera. E il re che vive, Arrigo II, imitando le vestigie del padre, oltre il fare osservare quello ordine, fa ancora e carezze e cortesie grandissime a chi traduce in essa, o fa opera di arricchirla e farla perfetta.

BARTOLI: Bella impresa e degna veramente d' un principe, amare e onorare la sua lingua: atteso massimamente che nessuna può sormontare e venire in riputazione senza il favor del principe suo.

GELLI: Non sarebbe dunque stato difficile a chi avesse voluto mettere in regola la lingua latina in que' tempi che ella era viva, poi che gli bastava osservare solamente lo uso e il modo che tenevano i cittadini romani: perchè non era in que' tempi chi ardisse preporre la sua lingua a quella, e non confessare che la vera pronunzia e il vero modo del favellare era quello de' Romani, altrimenti detto latino. Ma non può questo avvenire a noi de la

tempos não havia quem ousasse prepor a sua língua àquela, e não admitir que a verdadeira pronúncia e o verdadeiro modo de falar era aquele dos romanos, de outra forma dito latino. Mas isto não pode ocorrer à nossa, havendo na Toscana tantos principados e tantos senhores; os estados dos quais, se não totalmente, em parte cada um tem, como eu disse naquela minha tradução¹⁴⁵ ao ilustríssimo e reverendíssimo Cardeal de Ferrara, alguma fala e pronúncia própria, variada e diferente de todas as outras, e parecendo a cada um que a sua seja melhor. Porque nós não temos nenhum império tão grande, que mova (como os romanos) as cidades submissas a procurar espontaneamente falar e honrar aquela língua que fala quem lhes governa. Mesmo que a Toscana toda fosse governada por um só senhor, o seu poder, para ter as fronteiras demarcadas, jamais seria tão grande que fosse honrado e temido quanto era então aquele dos romanos. Pois os subjugados deles, sendo privados de qualquer esperança de sair de tal servidão, não tendo príncipe algum ao redor onde recorrer quando pensassem em se rebelar, precisavam, se não por amor, ao menos por temor,

145 Referência à tradução da obra de Simone Porzio, *Modo di orare christianamente* (1551).

nostra, essendo in Toscana tanti principati e tanti signori; li stati de' quali, se non in tutto, hanno pure in parte ciascuno, come io dissi in quella mia traduzione a lo illustrissimo e reverendissimo Cardinale di Ferrara, qualche favella e pronunzia propria, varia e diversa da tutte le altre, e parendo a ciascuno che la sua sia meglio. Perchè noi non ci abbiamo imperio alcuno cosi grande, che e' muova (come i Romani) le città sottoposteli a cercare spontaneamente di favellare e onorare quella lingua che favella chi le comanda. Gonciossiachè, quando ben la Toscana tutta fusse comandata da un signor solo, lo imperio suo, per avere i confini si presso, non sarebbe mai di tanta grandezza, che e' fusse onorato e temuto quanto era allora quel de' Romani. Imperocchè i soggetti a loro, essendo privi d' ogni speranza di uscir mai di tale servitù, non avendo principe alcuno a lo intorno dove ricorrere quando e' pensassero di ribellarsi, erano necessitati, se non per amore, almeno per timore, a far ciò che piaceva a' Romani.

BARTOLI: Io cedo, e confesso, quanto a la grandezza e forza romana, che egli è vero tutto quel che tu di'. Niente dimanco, e' si vede pur manifestamente ne' tempi nostri, che molte persone di qualche spirito, cosi fuor d' Italia

fazer o que agradava aos romanos.

BARTOLI: Eu concordo, e admito, quanto à grandeza e força romana, que tudo o que dizes é verdade. O mesmo também se vê claramente nos nossos tempos, que muitas pessoas de algum intellecto, tanto fora da Itália como na Itália, empenham-se, com muito estudo, em aprender e falar esta nossa língua, não por outro motivo que por amor.

GELLI: É verdade que aquilo que na época dos romanos a força fazia, hoje o faz a bondade e a beleza desta língua. Mas, porque aqueles que a desejam e procuram por si mesmos como algo bom aspiram a ela e amam-na daquela maneira que se deseja e ama o bem, depois, ela ainda é seguida e utilizada como este bem, isto é, pela minoria, e não pela maioria. Mas, supondo que fosse verdade que todos procurassem falar em língua toscana e quisessem que fossem feitas regras para ela, de onde se iriam, pois, tirá-las, não havendo nenhuma cidade que domine toda a Toscana? Porque os luqueses, os pisanos, os senenses, os aretinos, e os de qualquer outra cidade desta província, sempre diriam que a verdadeira língua e pronúncia toscana seria a sua; e tirar uma parte destas regras de uma cidade e a outra de uma outra, escolhendo, como dizem alguns, o melhor, para fazer um composto de

come in Italia, s'ingegnano con molto studio di apprendere e di favellare questa nostra lingua non per altro che per amore.

GELLI: Egli è vero che quello che ne la età de' Romani faceva la forza, lo fa oggi la bontà e la bellezza di questa lingua. Ma perchè coloro che la desiderano e cercano per loro stessi come cosa buona, la appetiscono ed amano in quella maniera che si desidera ed ama il bene, ella è ancora dipoi seguitata e adoperata come esso bene, cioè da i meno, e non da i più. Ma dato che e' fusse il vero che ognuno cercasse di favellare in lingua toscana, e desiderasse che e' se ne facessi regole, donde si arebbe poi a cavarle, non ci essendo cittade alcuna che signoreggi tutta Toscana? Perchè i Lucchesi, i Pisani, i Sanesi, gli Aretini, e qualunque altra città di questa provincia, direbbe sempre che la vera lingua e pronunzia tosca fusse veramente la sua; e il cavare una parte di esse regole da una città e l'altra da un'altra, scegliendo, come dicono alcuni, il meglio, per fare un composito di tutte quante, sarebbe cosa molto difficile, e poi forse anche non approvata e non osservata, non ci essendo chi la comandi.

todas, seria algo muito difícil, e depois ainda talvez não aprovado e nem observado, não havendo quem a governe.

BARTOLI: Oh, eu não acho, porém, que se tenha muita dificuldade sobre o lugar de onde tirar as regras, não sendo senão raríssimos os que, querendo aprender a língua, seguem outros autores além de Dante, Petrarca e Boccaccio; os quais, sendo todos de Florença, mostram muito claramente com quem se deve aprender a língua. Não obstante que alguns, quicá pouco amigos do nosso nome, quiseram privar-nos do Petrarca e do Boccaccio, fazendo este último ser de Certaldo e o outro aretino, sem levar em conta que Petracco era pai do senhor Francesco, como cidadão que ele era, teve como esposa uma descendente dos Canigiani, e por muito tempo foi chanceler junto aos Riformagioni; e que o próprio Petrarca diz de si mesmo:

“Se eu tivesse ficado na gruta onde Apolo se tornou profeta, Florença teria talvez hoje o seu poeta”; e que Matteo Villani diz na Crônica que seu irmão Giovanni¹⁴⁶ seguiu depois: “neste ano foram coroados poetas dois de nossos cidadãos florentinos; senhor Francesco di

146 O florentino Giovanni Villani (1280-1348), no início XIV começou a redigir uma Cronica, na qual a história de Florença é narrada em doze livros, sendo os primeiros seis dos tempos bíblicos à chegada de Carlo d'Angiò à Itália e os demais de 1265 a 1248.

BARTOLI: Oh, io non penso però che il luogo donde cavare le regole abbia molta difficoltà; non essendo se non rarissimi que' che volendo imparar la lingua piglino altri autori che Dante, il Petrarca e 'l Boccaccio; i quali essendo pure tutti e tre di Firenze, mostrano assai manifestamente donde si debba imparar la lingua. Non ostante che alcuni, poco amici per avventura del nome nostro, hanno voluto privarci del Petrarca e del Boccaccio, facendo questo ultimo da Certaldo e quello altro Aretino, senza avvertire che ser Petracco padre di messer Francesco, come cittadino che egli era, ebbe per moglie una de' Canigiani, e lungo tempo fu cancelliere alle Riformagioni; e che il Petrarca stesso dice di sè medesimo:

S' io fossi stato fermo a la spelunca là dove Apollo diventò profeta, Fiorenza avria forse oggi il suo poeta; e che Matteo Villani dice ne la Cronica che e' seguitò dopo Giovanni suo fratello: a questo anno furono coronati poeti due nostri cittadini fiorentini; messer Francesco di Petracco, vecchio; e Zanobi da Strata, giovane. E che il Boccaccio, nel suo libro de' Fiumi, quando e' ragiona de l' Elsa, dice: *et quum*

Petracco, velho; e Zanobi da Strata, jovem". E que o Boccaccio, no seu livro sobre os rios, quando fala do Elsa, diz: "*et quum oppida plum hinc inde labens videat, a dextro, modico elatum tumulo, Certaldum, vetus castellum, linquit: cujus ego libens memoriam celebra, sedes quippe et natale solum majorum meorum fuit, antequam illos susciperet Florentia cives.*"¹⁴⁷, [De fluminibus, 368]

GELLI: É verdade que, quanto à língua, não se estimando outros escritores além destes florentinos, em relação (creio eu) ao não se ter jamais encontrado nestas outras falas, não somente quem se compare a eles, mas nem também quem se lhes aproxime, certamente parece que se deva admitir que a língua florentina mantenha o principado na Toscana, nada menos.

BARTOLI: Fica quieto, Gello, e não fales assim, porque carregaremos uma inveja muito grande. Pois, não se pode nem se deve negar que no nosso próprio tempo não tenha havido moradores de fora da Toscana, que tenham escrito neste idioma tão excelentemente, que não tenham sido elogiados.

147 "[...] e quando afastando-se mais das cidades, de um lado e de outro, ver-se que ficou, à direita, elevado na pequena colina, Certaldo, velho castelo: do qual, contente, eu celebro a memória, foi solo natal e morada dos meus antepassados, antes que eles se estabelecessem em Florença."

oppida plura hinc inde labens videat, a dextro, modico elatum tumulo, Certaldum, vetus castellum, linquit: cujus ego libens memoriam celebra, sedes quippe et natale solum majorum meorum fuit, antequam ittus susciperet Florentia cives.

GELLI: Egli è vero che, non si stimando quanto a la lingua, altri scrittori che questi fiorentini, rispetto (credo io) al non si esser trovato mai in queste altre favelle, non solamente chi gli pareggi, ma nè pur chi si appressi loro, e' pare certamente da confessare che la lingua fiorentina tenga il principato ne la Toscana; nientedimanco.

BARTOLI: Sta fermo, Gello, e non dir così; chè noi ci reheremo a dosso una invidia troppo grande. Perchè e' non si può nè debbe negare che ne' tempi nostri medesimi non ci siano stati de' forestieri, e fuor di Toscana, che 'abbino scritto in questo idioma si eccellentemente, che e' ne sono stati lodati.

GELLI: Si, ma se voi avvertite bene, vedrete che i più celebrati fra questi tali sono solamente quegli stessi che hanno saputo più e meglio imitare gli scrittori fiorentini; e non son però stati molti: e di questi ne avete alcuno, che per aver si bene imitato ed espresso i concetti altrui con gli stessi modi e parole de gli autori,

GELLI: Sim, mas se observais bem, vereis que os mais famosos entre estes são somente aqueles mesmos que souberam mais e melhor imitar os escritores florentinos; e não foram porém muitos: e destes tendes algum, que por ter tão bem imitado e expressado as concepções alheias com os mesmos modos e palavras dos autores, aqueles doutos do Orto, tomando a metáfora daqueles escultores que esperam mais seguir os outros do que esculpir pelo seu artifício, costumavam dizer entre eles: este formou. Mas tendes ainda outra coisa, que demonstra melhor e mais claramente o que dizeis: que todos ou a maior parte dos estrangeiros admitem e consentem tacitamente, que a língua que buscam e consideram boa é somente a florentina; eu entendo aquela que falam os nobres e verdadeiros cidadãos florentinos que têm algum conhecimento de línguas ou de ciências; e não aquela que usam os plebeus, e os homens que conhecem poucas outras coisas além daquelas que os tornam semelhantes aos animais. Porque, não creiais porém que a plebe de Roma, quando fora a língua latina, falasse com aquela elegância com que faziam César e Cícero.

BARTOLI: Certamente não; antes, lê-se de Cícero que os próprios romanos admiravam-no,

que' dotti de l' Orto, pigliando la metafora da quegli scultori che attendono più a improntar l' altrui che a sculpire di loro artificio, usavano di dir tra loro: costui ha formato. Ma voi ci avete ancora un' altra cosa, che dimostra meglio e più chiaramente quel che voi dite: che tutti o la maggior parte de' forestieri confessano e acconsentono tacitamente, che la lingua che e' cercano e tengon buona è solamente la Fiorentina; io intendo di quella che favellano i nobili e veri cittadini fiorentini che hanno qualche cognizione o di lingue o di scienze; e non di quella che usano i plebei, e gli uomini che hanno cognizione di poche altre cose che di quelle che si convengono loro come animali. Perchè, non vi crediate però che la plebe di Roma, quando fiori la lingua latina, favellasse con quella leggiadria che facevano e Cesare e Cicerone.

BARTOLI: Certamente no; anzi si legge di Cicerone, che i Romani stessi lo ammiravano, maravigliandosi grandemente de la sua eloquenzia. Ma quale è questa cosa che tu volevi dire?

GELLI: Il non si esser trovato ancora scrittore alcuno di Toscana, che abbia avuto ardimento a dire di avere scritto ne la sua lingua propria, come dissero Dante e il Boccaccio, l' uno nel *Convivio*, e l' altro nel

encantando-se grandemente com a sua eloquência. Mas o que é que tu querias dizer?

GELLI: O não se ter encontrado ainda nenhum escritor da Toscana que tivesse a ousadia de dizer que escreveu na sua própria língua, como disseram Dante e Boccaccio, um no *Convívio*, e o outro no *Decameron*, e como fazem ainda hoje muitos florentinos. De maneira que não se acha obra alguma que se diga escrita em língua pisana, senense, luquesa, aretina, ou de qualquer outro lugar toscano; e estas cidades também tiveram escritores de não pouca fama. De modo que não pode suceder isto a não ser porque estes tais sabem muito bem que a sua língua nativa não é aquela que hoje tanto se estima e prestigia. E embora estes ainda tenham imitado os nossos escritores o quanto lhes foi possível, não quiseram, porém, admitir abertamente e livremente, talvez julgando que isto não lhes fosse muito honroso. Aliás, porque se a tivessem chamado florentina, não lhes teria parecido ter parte alguma ou pouquíssima, chamaram-na toscana ou vulgar; querendo, ao chamá-la assim, explicar às pessoas que ela é falada vulgarmente por toda a Toscana. O que se vê que não é verdade. E depois outros não toscanos, por também terem parte, chamaram-na italiana.

Decamerone, e come fanno ancor oggi molti Fiorentini. Di maniera che e' non si truova opera alcuna, che si dica scritta in lingua Pisana, Sanese, Lucchese, Aretina, o di qual si voglia altro luogo toscano: e pure hanno avute queste città scrittori di non piccola fama. Laonde non può avvenir questo per altro, se non perchè questi tali conoscono molto bene la lor lingua naturale non esser quella che si stima oggi e pregia cotanto. E se bene essi hanno ancora imitato gli scrittor nostri, quanto è loro stato possibile, e' non l'hanno però voluto confessare apertamente e liberamente, giudicando, per avventura, che ciò non fusse molto onor loro. Anzi, perchè se e' l' avessero chiamata Fiorentina, e' non sarebbe paruto loro avervi parte alcuna o pochissima, e' l' hanno chiamata Toscana o vulgare; volendo, col chiamarla così, dare a intendere a le persone, che ella si parli vulgarmente per tutta la Toscana. Il che si vede che non è vero. E altri dipoi non Toscani, per avervi ancor eglino parte, l'hanno chiamata italiana.

BARTOLI: Sta fermo, Gello, chè Dante ancora egli fu di opinione che ella si dovesse chiamare Italiana, in quel libretto suo *De vulgari eloquentia*, se io mi ricordo bene.

GELLI: Eh! messer Cosimo, non

BARTOLI: Fica quieto, Gello, porque Dante também foi de opinião que ela devesse ser chamada italiana, naquele seu livrinho *De vulgari eloquentia*, se bem me lembro.

GELLI: Eh! senhor Cosimo, eu não vos disse muitas vezes que este livro não pode ser de Dante, mas que convém que algum outro o tenha inventado, valendo-se daquela promessa que Dante faz no seu *Convívio*? O que realmente não pode ter nascido de outro senão de ter muito ardentemente desejado quem foi o autor dele, que a honra da língua fosse geralmente comum a toda a Itália, e não particular só de Florença. Mas se talvez não vos lembraís, observai que aqueles literatos do *Orto de' Rucellai*, debatendo, na chegada do Papa Leão, com Trissino (porque foi ele que nos mostrou esta obra pela primeira vez) sobre ela ser ou não ser de Dante, apresentavam contra dois argumentos tão fortes, que ele nunca soube rebater, senão aparentemente. Um era que, tendo ele dito no seu *Convívio*: sobre isto se falará em outro lugar mais plenamente em um livro, que eu pretendo fazer, se Deus quiser, sobre a eloquência vulgar; e tendo morrido pouco depois, isto é, antes que tivesse acabado a primeira terça parte deste *Convívio*, não podia ter tido tempo de fazer a

vi ho io detto più volte che cotesto libro non può esser di Dante, ma che e' conviene che qualcun altro l'abbia finto, sotto il colore di quella promessa che ne fa Dante nel suo *Convivio*? Il che non può veramente esser nato da altro, che da lo avere troppo ardentemente desiderato chi ne fu lo autore, che l'onor de la lingua fusse generalmente comune di tutta la Italia, e non particolare di Firenze solo. Ma se voi forse non ve ne ricordate, avvertite che que' litterati de l'Orto de' Rucellai, disputando, ne la' venuta di Papa Leone, col Trissino (perchè egli fu che ci condusse la prima volta questa opera) sopra lo essere o non esser ella di Dante, gli facevano contra duoi argomenti tanto gagliardi, che e' non seppe solvergli mai, se non cosi apparentemente. L'uno era, che avendo egli detto nel suo *Convivio*: di questo si parlerà altrove più pienamente in un libro, che io intendo di fare, Dio concedente, di volgare eloquenzia; ed essendosi morto poco dipoi, cioè avanti che egli avesse finito la prima terza parte di esso *Convivio*, e' non poteva avere avuto tempo di fare la *Vulgare eloquenzia*. L'altro, che essendo egli stato l' uom che si vede per le sue opere, e' non avrebbe mai contradetto a sè stesso, come e' farebbe se tal libro fusse il suo:

Vulgar eloquenzia. O outro, que tendo ele sido o homem que se reconhece pelas suas obras, jamais teria contradito a si mesmo, como faria se tal livro fosse seu, porque naquele chama esta língua de italiana; e no *Convívio*, onde conta os motivos que o levaram a escrever assim, diz que um foi o amor que sente pela sua língua, que para ele é mais próxima de todas as outras; e entre outros deveres que revela ter para com ela, diz pouco depois: “este meu vulgar foi o que uniu os meus progenitores”; os quais todos sabemos, pois, que foram florentinos e não literatos. E além destes dois argumentos referidos, observai que, naquele tratado *De vulgari eloquentia*, ele diz que a língua na qual falam hoje os hebreus é aquela mesma que primeiramente falou Adão. E nada menos, no capítulo XXVI do seu Paraíso, havia feito Adão dizer: A língua que eu falei estava morta/ Antes que à obra inconsumável/ O povo de Nembrot desse atenção.” Contradição tão evidente, que jamais se pode pensar que ela coubesse em Dante. Mas voltemos ao nosso assunto. A razão que eu vos disse, de não nunca ter havido quem ousasse, chama-se: esta sua língua, como fizeram os nossos, não vos parece ela forte e válida para provar que é muito mais nossa do que de outros?

imperocchè in quello chiama egli questa lingua, Italiana; e nel *Convivio*, dove e' racconta le cagioni che l' hanno indotto a scrivere cosi, dice che l' una è stato lo amore che e' porta a la sua loquela, che a lui è più prossima di tutte l' altre; e tra gli altri oblighi che e' mostra di aver con quella, dice poco di poi: questo mio volgare fu congiugnitore de li miei generanti; li quali sappiamo pure tutti quanti, che furono e Fiorentini e non litterati. E oltre a questi duoi argomenti predetti, avvertite, che in quel trattato *De vulgari eloquentia*, e' dice che la lingua ne la quale favellano oggi gli Ebrei è quella medesima che parlò Adamo primieramente. E nientedimanco, nel XXVI del suo Paradiso, aveva fatto dire da esso Adamo: "La lingua ch' io parlai fu tutta spenta/ Innanzi che all'opra inconsumabile/ Fosse la gente di Nembrot attenta." Contraddizione si manifesta, che non è da pensare che ella cadessi mai in Dante. Ma torniamo al nostro proposito. La ragione che io vi ho detta del non esserci stato mai chi ardisca si chiama: sua questa lingua, come hanno fatto i nostri, non vi pare ella potente e valida a provare che ella è più tosto nostra che di altri?

BARTOLI: Certamente che ella è cosa degna di considerazione; e ti confesso che io non l' ho mai considerata sino al presente.

BARTOLI: Certamente que ela é coisa digna de consideração; e confesso-te que eu nunca a havia considerado até este momento.

GELLI: Ainda não considerastes talvez come os estrangeiros, para confirmar com algo além do que só a sua autoridade, que esta seja língua comum e não nossa própria, misturaram com ela uma infinidade de palavras que jamais foram escritas ou faladas na Toscana, a não ser em Florença. Por isso não quero, porém, repreendê-los tão rigorosamente, mas em parte muito desculpá-los, tanto quanto é honesto e razoável o desejo da honra. Mas eu censuro bem gravemente aqueles florentinos, que, para agradar a estes tais, ou por outra comodidade particular, aceitaram e usaram nos seus escritos, revestindo esta língua com roupas não feitas ao costume nem adequadas a ela. O que causou nela, como pode parecer claramente a quem a considera, o mesmo efeito que o penteado e os ornamentos acidentais e mendigados em uma mulher que seja naturalmente bela por si mesma; porque, cobrindo ou velando todo aquele belo que nela havia pela natureza, e descobrindo o artificial, retiram-lhe a graça muito mais do que lhe acrescentam, sendo sempre muito mais bela uma coisa, ainda que artificial, quanto menos se revela a

GELLI: Voi non avete anche forse considerato come i forestieri, per confermare con altro che con la sola autorità loro, che questa sia lingua comune e non propria nostra, hanno mescolato con essa una infinità di parole che non si scrissero o favellarono mai in Toscana, non che in Firenze. De la qual cosa non voglio io però riprenderli troppo gagliardamente, ma più tosto scusarli in parte: tanto è onesto e ragionevole il desiderio de lo onore. Ma io biasimo bene gravemente que' Fiorentini, che, per compiacere a questi tali, o per altro lor comodo particolare, l' hanno accettate e usate ne'loro scritti, rivestendo questa lingua di abiti non fatti a l'usanza nè accomodati al dosso di quella. Il che ha operato in essa, come chiaramente può apparire a chi la considera, lo stesso effetto, che il liscio e gli accidentali e mendicati ornamenti in una donna che naturalmente sia bella per sè medesima; imperocchè, ricoprendo o velando tutto quel bello che in lei era da la natura, e scoprendo lo artificiale, le tolgono molto più grazia che glie la accreschino, essendo sempre tanto più bella una cosa, ancora che artificziata, quanto vi si scuopre men l'arte.

BARTOLI: Per questo soleva già dire il nostro Michelangelo Buonarroti, quelle sole figure

arte.

BARTOLI: Por isso costumava já dizer o nosso Michelangelo Buonarroti, que só eram boas aquelas figuras das quais era tirado o trabalho; isto é, conduzidas com arte tão grande, que pareciam coisas naturais, e não de artifício.

GELLI: E de onde pensais que advenha, que ainda que estes tais quase não considerem outros escritores senão aqueles três florentinos nossos, pronunciem sempre uma infinidade de palavras diferentemente do nosso uso?

BARTOLI: De um ditado (penso) não bem entendido, e exposto por não sei quem em um modo muito extravagante; isto é, que a nossa língua parece tanto mais bela, quanto mais ela se mantém longe da latina. O que se refere propriamente à composição das sentenças, e o excessivo colocar os verbos no final daquelas; que nos faz a dureza e a afetação que sentem os ouvidos judiciosos nas prosas de algum estrangeiro, ainda que elogiado. Mas o intérprete deste ditado, talvez não entendendo mais além, persuadiu a si e aos outros de que a nossa pronúncia devia ficar longe da latina; coisa que realmente não tem fundamento; sendo pois esta língua não só derivada da latina em grande parte, mas também usando dos mesmos verbos e nomes daquela, não variados nem

esser buone, de le quali era cavata la fatica; cioè condotte con si grande arte, che elle parevano cose naturali, e non di artificio.

GELLI: E donde pensate voi che egli avvenga, che ancora che questi tali non attendino quasi ad altri scrittori che a que' tre nostri fiorentini, e' pronunzino tuttavolta una infinità di parole diversamente dal' uso nostro?

BARTOLI: Da un detto (mi penso) non bene inteso, e esposto da non so chi in un modo assai stravagante; cioè, che tanto più apparisce bella la lingua nostra, quanto ella più si mantiene lontana da la latina. Il che propriamente riguarda la composizione de le clausule, e il troppo mettere i verbi ne la fine di quelle; che a noi fa la durezza e l'affettazione che sentono gli orecchi giudiziosi nelle prose di alcuno forestiero, ancora che lodato. Ma lo interprete di questo detto, non intendendo forse più là, persuase a sè e a gli altri che la pronunzia nostra si dovesse tener lontana da la latina; cosa che veramente non ha punto del ragionevole; essendo pur questa lingua non solo derivata in gran parte da essa latina, ma usando ancora de gli stessi verbi e nomi di quella, non variati nè alterati in maniera alcuna, come amo, terra, mare e simili; e una grandissima quantità di quegli altri dove si

alterados de forma alguma, como amo, terra, mar e símiles; e uma grandíssima quantidade daqueles outros onde se varia só uma letra, como *leio* e *água*, que para os latinos são *lego* e *aqua*.

GELLI: Esta foi, como dizeis, uma exposição muito extravagante, e por homens que, desejando introduzir coisas novas, quizeram mostrar que isso era feito com algum motivo razoável. Mas não veio daí a diversidade da pronúncia, a qual variou muito antes que viesse à tona um preceito tão estranho.

BARTOLI: E de onde então veio a origem?

GELLI: Dizem alguns diligentíssimos observadores das coisas desta língua, e eu confirmo isto com eles, que em algumas cidades e lugares particulares da Toscana, por propriedade natural costuma-se colocar *o* naquelas palavras nas quais em Florença coloca-se *u*; de forma que, onde dizemos substância, singular, particular, especular e especulativo, lá se diz *sobstância, singlar, particular, especolar e especolativo*; e assim também de colocar *o* e onde nós colocamos *o* *i*, costumando-se dizer comumente, em Florença, príncipe e literato; e lá *prêncipe e leterato*: cuja pronúncia traz aos ouvidos dos florentinos um som indelicado e muito desagradável, que entre

varia solo una lettera, come leggo e acqua, che a' Latini son lego e aqua.

GELLI: Questa fu, come dite voi, una esposizione assai stravagante, e da uomini che, desiderando introdurre cose nuove, volsero mostrare che ciò fusse fatto con qualche motivo ragionevole. Ma non è già venuta di qui la diversità della pronunzia, la quale molto prima si variò, che e' venisse a campo si stran precetto.

BARTOLI: E donde venne dunque la origine?

GELLI: Dicono alcuni diligentissimi osservatori de le cose di questa lingua, e io lo confermo con esso loro, che in alcune città e luoghi particolari di Toscana, per naturale proprietà si costuma di mettere l' o in quelle parole ne le quali in Firenze si mette l' u; di maniera che, dove noi diciamo sostanza, singulare, particolare, speculare e speculativo, quivi si dice sostanza, singolare, particolare, specular e speculativo: e così ancora di mettere l' e dove noi altri mettiamo l' i, costumandosi ordinariamente dire in Firenze, principe e litterato; e quivi prencipe e letterato: la quale pronunzia arreca a gli orecchi de' Fiorentini un suono così sgarbato e tanto spiacevole, che e' non si truova tra noi chi l' usi, se non alcuni, e ben pochi, che per

nós não se encontra quem o use, a não ser alguns, e bem poucos, que por sua própria comodidade seguem a pronúncia assim feita; não se preocupando não somente em dar ou tornar comum aos outros o que era somente dos florentinos, mas em adulterar e abastardar uma língua conservada pura e genuína até os nossos dias, e somente bela e elegante quanto menos é acompanhada de palavras ou pronúncias de estrangeiros.

BARTOLI: Certamente que esta, nem nos nossos tempos nem naqueles dos antigos, pelo que se vê nos escritos, nunca foi pronúncia florentina. E quem não acredita, atente e observe bem, como aqueles que no ano 1527 fizeram imprimir em Florença aquele livro das *Cem novelas*, depois considerado universalmente com tanta reputação e tão prestigiado, sendo todos os cidadãos florentinos nobres e verdadeiros, e tendo tantos textos antigos e bons, e entre outros um que está hoje na estante de Sua Excelência, escrito quando o Boccaccio ainda era vivo, por um dos Mannelli, e não somente copiado pelo original do autor, mas também revisto e corrigido por ele mesmo; atente, digo, e observe, como sempre disseram *príncipe*, *litterato*, *substância e particular*, como comumente se diz em Florença.

proprio comodo loro seguitano la pronunzia cosi fatta; non si curando non solamente di dare od accomunare ad altrui quello che era solamente de' Fiorentini, ma di adulterare e imbastardire una lingua mantenutasi pura e schietta sino a' di nostri, e solamente bella e leggiadra, quando manco vi si accompagna voci o pronunzie di forestieri.

BARTOLI: Certamente che questa, nè a' tempi nostri nè a quegli de li antichi, per quanto se ne vegga da le scritture, non fu mai pronunzia fiorentina. E chi non lo crede, avvertisca e osservi bene, come coloro che l' anno 1527 fecero stampare in Firenze quel *Cento novelle*, avuto poi universalmente in tanta reputazione e tanto pregiato, essendo tutti cittadini fiorentini nobili e veri, e avendo cotanti testi antichi e buoni, e tra gli altri uno che è oggi in guardaroba di Sua Eccellenza, scritto, vivendo ancora il Boccaccio, da uno de' Mannelli, e non solamente copiato da lo originale de lo autore, ma riveduto ancora e corretto da lui medesimo; avvertisca, dico, e

GELLI: Encontrando-se, então, em Pádua algum destes tais no início da Academia dos *Infiammati*, onde, por boa sorte, não havia ninguém realmente florentino (porque talvez tivesse seguido esta desordem); e pondo em uso com a fala e com a escrita esta sua pronúncia natural, descoberta porém primeiramente entre os *Intronati*; os lombardos e os venezianos, que procuravam pronunciar toscanamente, acreditando que aquela fosse a verdadeira, começaram não só a celebrá-la, mas a usá-la, e a transferi-la nas suas impressões. A isto logo se acresce que alguns outros não toscanos, para espoliar a Toscana desta glória, começaram a misturar nesta muitas palavras, as quais, a meu juízo, nunca haviam sido faladas nem escritas na Toscana; e além disso, ainda procuraram mudar o nome dela. E porque que se ela se chamasse língua tosca, os que eram estrangeiros não tinham parte alguma nela, começaram a chamá-la, ora, como o Trissino¹⁴⁸, cortesã, e ora ítala ou italiana, como o reverendíssimo

148 Gian Giorgio Trissino (1478 -1550), humanista, gramático e tradutor do *De vulgari eloquentia* de Dante. Escreveu *Il castellano*, um diálogo imaginário entre Filippo Strozzi e Giovanni Rucellai, em que defendia uma língua cortesã italianista, formada por elementos comuns a toda a Itália. Tese esta à qual se opunham os literatos toscanos, especialmente os defensores do florentinismo, como Machiavelli, Bembo e o grupo do Orto Oricellari.

osservi, come sempre dissero principe, litterato, sustanzia e particolare, come ordinariamente si dice in Firenze.

GELLI: Ritrovandosi, adunque, in Padova alcun di questi tali nel principio della Accademia de gli Infiammati, dove non era per buona sorte alcuno veramente Fiorentino (chè e' non sarebbe forse seguito questo disordine); e mettendo in uso col favellare e con lo scrivere questa lor natural pronunzia, scoperta però primieramente fra gli Intronati; i Lombardi e i Veneziani, che cercavano di pronunziare' toscanamente, credendosi che quella fusse la vera, cominciarono non solo a celebrarla, ma ad usarla, ed a trasferirla ne le loro stampe. A la qual cosa si aggiunse presto che alcuni altri non Toscani, per ispogliare la Toscana di questa gloria, cominciarono a mescolare in essa molte parole, le quali, al giudizio mio, nè si favellarono nè si scrissero mai in Toscana; e oltre a questo, cercarono ancora di mutarle nome. E perchè se ella si dicesse lingua Tosca, essi che erano forestieri non ci avevano parte alcuna, cominciarono a chiamarla chi, come il Trissino, Cortigiana, e chi Itala o Italiana, come il

Sadoletto¹⁴⁹, pessoa realmente muito douta e eloquente, mas distante e totalmente alheia a esta profissão. E deles eu realmente não quero falar coisa alguma; mas só que eu me admiro muito do modo de alguns toscanos, que tendo muito mais respeito à própria comodidade do que à verdade, talvez pela servidão que mantêm com alguns dos referidos, também concordaram com eles em chamá-la italiana; não se preocupando de estarem vendendo a honra e a própria glória por preço tão baixo; e não tendo observado que os genoveses, os milaneses, aqueles do Lago Maggiore, os bergamascos, uma grande parte dos romanholos, os marquesanos, os norcinos, os abruzzeses, os puglieses, os calabreses e outros infinitos povos da Itália, acreditam equivocadamente em quem lhes diz que pôs nome de italiana à nossa língua.

BARTOLI: E como naqueles tempos (deixando agora as querelas do grupo) a autoridade deles pode mais que a dos florentinos, se o princípio e a fonte da língua está em Florença, e fundado nos escritores florentinos?

GELLI: Os florentinos, quase todos, naqueles tempos, voltando a

149 Jacopo Sadoletto (1477- 1547), bispo italiano, depois cardeal e secretário do papa Leão X. Era amigo de Baldassar Castiglione e leitor do primeiro manuscrito de *Il Cortegiano*, obra em que é citado.

reverendissimo Sadoletto; persona dottissima veramente e eloquentissima, ma appartata e in tutto aliena da questa professione. E di costoro non voglio io veramente dir cosa alcuna; ma solo che io mi maraviglio oltre a modo di alcuni Toscani, che avendo molto più rispetto al comodo proprio, che a la verità, per la servitù forse che e' tengono con alcuni di questi tali, sono concorsi a chiamarla Italiana essi ancora; non si curando di vendere per si vil pregio l'onore e la gloria propria; e non avendo avvertenza che i Genovesi, i Milanesi, que' del Lago Maggiore, i Bergamaschi, una gran parte dei Romagnuoli, i Marchigiani, i Norcini, gli Abbruzzesi, i Pugliesi, i Calabresi e altri infiniti popoli de la Italia, fanno fede manifestissima a chiunque favella loro, che a gran torto è posto nome a la lingua nostra Italiana.

BARTOLI: E come potette più in cotesti tempi (lasciando or, le querele da banda) l' autorità di cotestoro, che quella de' Fiorentini, se il principio de la lingua e il fonte è in Firenze, e fondato in su gli scrittori fiorentini?

GELLI: I Fiorentini, attendendo in cotesti tempi quasi tutti a la mercanzia, a la quale sempre è stata molto inclinata la città nostra, e forse più per bisogno che

atenção ao comércio, ao qual a nossa cidade sempre foi muito inclinada, e talvez mais por necessidade do que por natureza, no que se refere à pobreza do país; não dedicavam trabalho algum, senão pouquíssimos, à língua latina, e muito menos à grega; e assim não aprenderam a considerar a própria e a reconhecer a arte e o esforço que haviam empregado nela Dante, Petrarca e Boccaccio; aliás, quando liam estes autores, observavam mais as histórias do que outra coisa. De modo que, se bem lembrarmos, eram muito mais estimados então os Triunfos do Petrarca do que as suas Canções e Sonetos. Mas, em algumas outras cidades toscanas, onde pela fertilidade e fartura do país deles, o lucro não é tão necessário, dedicando-se aqueles cidadãos aos estudos das boas letras, começaram a considerar muito antes de nós a beleza desta língua nos nossos escritores, e a observar ao escrevê-la as terminações e as concordâncias dos singulares e dos plurais que os nossos tinham usado. É bem verdade que pronunciando pela sua fala nativa, não como nós, e também misturando nela algumas palavras das deles, tornaram-na o que vós mesmo vedes. Então, ter os nossos se dedicado ao comércio e não às letras, e à multiplicidade dos trabalhos que sempre existiram,

per natura, rispetto a la magrezza del paese; non davano opera alcuna, se non pochissimi, a la lingua latina, e molto meno a la greca; e cosi non venivano a considerare la propria, e a riconoscer l' arte e lo studio che avevano usato in essa Dante, il Petrarca e il Boccaccio: anzi, quando leggevano questi autori, attendevano più le istorie, che altra cosa. Di maniera che, se vi ricorda bene, erano molto più stimati allora i Trionfi del Petrarca, che le Canzoni e Sonetti suoi. Ma in alcune altre città toscane, dove per la fertilità e grassezza del lor paese non è il guadagno si necessario, attendendo que' cittadini a gli studi de le buone lettere, cominciarono a considerare molto prima di noi ne' nostri scrittori la bellezza di questa lingua, e ad osservare ne lo scriverla quelle terminazioni e quelle concordanzie de' singolari e de' plurali che que' nostri avevano usate. Bene è vero che per la lor favella natia pronunziando non come noi, e mescolandoci ancora qualche parola de le loro, ce l' hanno condotta a l' essere che voi medesimo vi vedete. Lo avere adunque i nostri atteso a la mercatura e non a le lettere, e la moltitudine de' travagli che sempre ci sono stati, fecero per lungo tempo restare in dietro

por muito tempo fizeram retardar e quase que se perder totalmente as considerações e a arte usada na nossa língua pelos três supracitados; e os primeiros que começassem a observá-los em Florença, na fala e na escrita, foram aqueles mesmos literatos que frequentavam o *Orto de' Rucellai*. E lembro-me de que eles não podiam deixar de se admirar de alguns literatos, de época pouco anterior à sua, que haviam escrito nesta língua, em versos e em prosa, sem qualquer observação, parecendo-lhes impossível que, tendo visto os escritos daqueles três famosos, não tivessem aberto os olhos às suas observações e não tivessem percebido em quanta corrupção havia incorrido a belíssima língua de que nós falamos. Dentre estes, Cosimo Rucellai, Luigi Alamanni, Zanobi Buondelmonti, Francesco Guidetti e alguns outros, os quais, praticando com Cosimo, encontravam-se com frequência no Orto com os mais velhos, começaram a relevar as ditas considerações e a colocá-las tanto em prática, que a língua ganhou depois o prestígio que estais vendo.

BARTOLI: Dizes a verdade, meu caro Gello; porque isto me lembra que há vinte e cinco anos não havia versificadores em Florença, senão três ou quatro; aos quais,

equasi che perdersi interamente gli avvertimenti e l' arte usata da' tre sopra detti ne la nostra lingua; e i primi che cominciassero in Firenze a riosservargli, e ne la favella e ne la scrittura, furono quegli stessi litterati che usavano a l' Orto de' Rucellai. E ricordami che e' non potevano restare di maravigliarsi di' alcuni litterati poco avanti la loro età, che avevano composto in versi e in prosa di questa lingua senza alcuna osservazione; parendo loro impossibile che, avendo pur veduti gli scritti di que' tre famosi, e' non avessero aperti gli occhi a le' loro osservazioni, e non si fussero accorti in quanta corruzione fusse incorsa la bellissima lingua che noi parliamo. Da costoro avvertiti Cosimo Rucellai, Luigi Alamanni, Zanobi Buondelmonti, Francesco Guidetti e alcuni altri, i quali, praticando con esso Cosimo, si trovavano spesso a l' Orto con que' più vecchi, cominciarono a cavar fuori le dette considerazioni, e a metterle tanto in atto, che la lingua n' è poi tornata in quel pregio che voi vedete.

BARTOLI: Tu di' il vero, Gello mio caro; perchè e' mi ricorda che da venticinque anni in dietro non erano versificatori in Firenze, se non tre o quattro; a' quali, senza avere altrimenti considerazione alcuna di terminazioni di parole,

sem ter, de outra forma, nenhuma consideração sobre terminações de palavras, de concordâncias de números, ou de outra coisa que torne belo, bastava somente que ficassem e fossem versos. E quem quizer ver e confirmar, leia as representações que eram feitas naqueles tempos, as quais quando eu considero que são não somente pouco verossímeis, mas impossíveis e monstruosas, me fazem ter por de pouco juízo e, para falar entre nós, muito ineptos todos os que podiam ouvi-las; e me fazem acreditar que se hoje elas fossem feitas assim, as crianças, para não dizer outros, zombariam tanto dos compositores, que elas se extinguiriam completamente por si mesmas.

GELLI: E do que pensais que nasce isto, senão de haver hoje em Florença tão grande número de pessoas que têm muito bom conhecimento da língua latina e grega? as quais, ao aprendê-las, tendo necessidade de ver os verdadeiros poetas, souberam tão claramente que coisa é poesia, e quanto é, por exemplo, contra os preceitos da arte o reduzir toda a vida de um homem, ou então as ações de vinte e cinco ou trinta anos, em duas ou três horas de tempo que se consome no recitar. E a causa que não se tenha a dizer dos seus casos aquele ditado de Horácio "*Delfinum silvis appingit*,

di concordanzie di numeri, o d' altra cosa che faccia bello, bastava solamente che e' rimassero e fosser versi. E chi lo vuol' vedere e toccar con mano, legga le rappresentazioni che si facevano in que' tempi: le quali quando io considero chenti elle sono, e quanto non solamente poco verisimili, ma impossibili e mostruose, mi fanno tenere per di poco giudizio e, per dirla cosi fra noi, molto goffi tutti coloro che potevano stare a udirle; e mi fanno credere che se elle si facessero oggi cosi, i fanciulli, non che altri, uccellerebbono si a la scoperta i compositori, che e' se ne rimarrebbono interamente per lor medesimi.

GELLI: E da che vi pensate che nasca questo, se non da l' essere oggi in Firenze cosi gran numero di persone che hanno bonissima cognizione de la lingua latina e greca? le quali essendo state necessitate ne lo impararle , a vedere i veri poeti, hanno assai chiaramente conosciuto che cosa sia poesia, e quanto sia verbigrizia, contra i precetti de l' arte il ridurre tutta la vita di uno uomo, o pur le azioni di venticinque o trenta anni, in due o tre ore di tempo che si consuma nel recitare. E a cagione che e' non si abbia a dire de' casi loro

*fluctibus aprum*¹⁵⁰, [Ars, 30], não somente deixaram estes erros, mas afastados também em tudo pelas suas composições, e retornaram ao bom uso que os latinos e os gregos tinham. Além disto, tendo aprendido aquelas duas línguas por meio de regras, conhecendo quantas e quais são as partes do falar, e em que modos elas devem ser acompanhadas, começam a falar tão corretamente e com tanta elegância, que eu me persuado, fortemente, de que a nossa língua esteja muito próxima daquele sumo grau da perfeição, além do qual não se pode subir.

BARTOLI: E se é assim, porque assim eu ainda a conservo, por que não se pode então colocá-la em regra e torná-la perfeita de fato?

GELLI: Às causas que eu já destaquei, acrescenta-se ainda esta outra, que não é de pouca importância: e é o não ter por qual meio fundar e formar estas regras; visto que pelos escritores não se pode, não tendo nós nenhum em que se possa considerar belo e bom tudo aquilo que ele usou. Porque, começando por aqueles três primeiros que foram aprovados sobre os outros, Dante, além de ser poeta, teve, pelo seu século rude e duro, muitas palavras instáveis hoje totalmente esquecidas pelo uso. O mesmo ocorreu com o

150 “Retrata um golfinho na floresta e um javali nas ondas.”

quel motto di Orazio *Delfinum silvis appingit, fluctibus aprum*, non hanno solamente lasciati cotesti errori, ma sbanditili ancora in tutto da le loro composizioni, e si sono ridotti a quello uso buono che avevano i Latini e i Greci. Oltre a questo, avendo appreso per via di regole quelle due lingue, conoscendo quante e quali siano le parti del parlare, e in che modi elle debbino accompagnarsi, cominciano a favellare tanto rettamente e con tanta leggiadria, che io mi persuado gagliardamente, la nostra lingua esser molto vicina a quel sommo grado de la perfezione, oltra il quale non si può salire.

BARTOLI: E se così è, chè così la tengo io ancora, perchè non si può ella adunque mettere in regole, e farla perfetta affatto?

GELLI: A le cagioni che io ve ne ho di già assegnate, si aggiugne questa altra ancora, che non è di poco momento: ed è il non avere in su che fondare e formare esse regole; conciossiachè in su gli scrittori non si può, non avendone noialcuno che si possa tenere per bello e per buono tutto quello che egli ha usato. Perchè, cominciandoci da que' tre primi che sopra gli altri sono approvati, Dante, oltra lo esser poeta, ebbe dal secol suo rozzo e duro molte e molle parole lasciate oggi in tutto da l' uso. Il medesimo avviene al

Boccaccio, no qual há formas e palavras que, apesar de terem sido belas naquele século, o uso de hoje não as aceita. E o Petrarca, apesar de ter a sua língua muito purgada, por ser (como eu disse de Dante) poeta, pelas muitas licenças que são concedidas aos poetas, não é matéria adequada para formar as regras da prosa.

BARTOLI: Eu não sei, meu Gello, como se deve conceder isto; porque, ainda que não se possam tirar boas regras daqueles dois primeiros, em relação às licenças poéticas, o Boccaccio é ainda tão belo e tão prestigiado universalmente, que eu não sei por que o dispensas.

GELLI: O Boccaccio, pelo quanto falam dele estes seus, pretendeu usar os três estilos: o alto, no *Filocolo*; o médio, na *Fiammetta*; e o baixo, no *Decameron*. O que se lhe ocorreu bem ou não, não nos cabe discutir agora. Basta que a mais aprovada das suas coisas seja *Cento novelle*, obra certamente bela e agradável, mas não para ser de todo imitada a respeito de algumas construções que, por não terem agradado ao uso, foram totalmente deixadas para trás, e a uma infinidade de palavras que hoje são detestadas e evitadas pelos escritores: como por exemplo, *buona pezza, la bisogna, gravenza, abitanza, niquitoso, avaccio, autorevole, contezza,*

Boccaccio, nel qual sono e modi e parole che, se ben furon belle in quel secolo, l' uso di oggi non le riceve. E il Petrarca, se bene ha la sua lingua assai più purgata, per essere (come io dissi in Dante) poeta, per le molte licenzie che a' poeti son concedute, non è materia conveniente a formarne le regole per la prosa.

BARTOLI: Io non so, Gello mio, come questo sia da concedere; perchè, se bene da que' primi due, rispetto a le licenzie poetiche, non si posson trar buone regole, il Boccaccio è pur tanto bello e tanto pregiato universalmente, ch' io non so perchè tu lo sfugga.

GELLI: Il Boccaccio, per quanto ne dicono questi suoi, si imaginò di usare i tre stili: l' alto, nel *Filocolo*; il mediocre, ne la *Fiammetta*; e il basso, nel *Decamerone*. Il che se bene gli successe o no, non ci accade ragionarne ora. Basti che la più approvata de le sue cose è il Cento novelle; opera bella certo e piacevole, ma non da essere in tutto imitata rispetto ad alcune costruzioni che, per non esser piaciute a l'uso, son restate del tutto in dietro, e ad una infinità di parole che sono oggi aborrite e fuggite da gli scrittori: come verbigrasia, buona pezza, la bisogna, gravenza, abitanza, niquitoso, avaccio, autorevole, contezza, deliberanza, sezzaio. Ma

deliberanza, sezzaio. Mas o que estou vos contando que vos pusestes sobre a mesa e já as anotastes todas?

BARTOLI: Certamente, estas tantas palavras são hoje não apenas usadas por muito poucos, mas elas também não são mais aceitas como florentinas, e parece que ofendem os ouvidos de outros, caso se encontre alguém que as use.

GELLI: Logo, as regras toscanas não podem ser tiradas dos escritores.

BARTOLI: Tirem-se as florentinas (porque das outras não nos cabe) do uso de Florença.

GELLI: E também isto se pode fazer mal; devendo-se (como eu disse não muito antes) seguir o uso não de todos os tempos, mas da época em que a língua esteve no seu auge. O que nós não podemos saber, pois ela está viva, e continua mudando; talvez suceda que vós, como alguns estrangeiros, vos persuadis que ela estivesse no sumo grau na época daqueles três escritores.

BARTOLI: Isto não; antes, tenho certeza de que ela esteve no nascimento, e que quase teve princípio com estes três, por terem sido Dante e Petrarca os primeiros nestes lugares que começaram a ter tanta notícia da língua latina, mais do que os outros homens, e que foram chamados ressuscitadores e reencontradores; como se pode ver

che sto io a contarle a voi che vi faceste sopra la tavola, e le notaste già tutte quante?

BARTOLI: Certamente queste si fatte voci non solamente si usano oggi da molto pochi, ma elle non sono ancora più accettate per fiorentine, e pare che elle offendino altrui l' orecchie, se pur si truova qualcuno che l' usi.

GELLI: Non si possono adunque le regole toscane cavare da gli scrittori.

BARTOLI: Cavinsi le fiorentine (chè de l' altre non tocca a noi) da l' uso di Firenze.

GELLI: E questo anche mal si può fare; dovendosi (come io dissi non molto avanti) pigliar l' uso non d' ogni tempo, ma de la età dove la lingua fu nel suo colmo. Il che non possiamo saper noi altri, poi che e la è viva, e va a l' insù; avvenga che voi forse, come alcuni forestieri, vi persuadiate che ella fusse nel sommo grado ne la età di que' tre scrittori.

BARTOLI: Questo no; anzi tengo per fermo che ella fusse nel nascimento, e che ella avesse quasi principio da essi tre, per essere stati Dante e 'l Petrarca i primi in questi paesi che cominciassero avere tanta notizia de la lingua latina più de gli altri uomini, che e' ne furono chiamati

claramente no privilégio concedido ao Petrarca, quando foi coroado publicamente no Capitólio; e o Petrarca e o Boccaccio da grega, da qual não se tinha na Itália notícia alguma na época deles, senão pouca e insuficiente. Assim que este último, desejando-a sumamente, trouxe para Florença um grego¹⁵¹, segundo se lê na sua vida, que lha ensinou, e uma quantidade de livros gregos, deixados depois por ele mesmo, após a morte, na livraria do nosso Santo Espírito.

Eles, então, mediante o conhecimento destas línguas, começaram a falar corretamente e ordenadamente, melhorando e elevando tanto o nosso idioma em relação ao que ele era, como se pode ver naqueles que escreveram antes deles, que nós podemos livremente assegurar e dizer que o verdadeiro nascimento e princípio desta língua deu-se somente com eles três, mas que depois já não foram seguidos, nem imitados, no alimentá-la segundo os modos colocados por eles. Porque quem chegou depois, não tendo se dedicado aos estudos, não considerou as construções e as terminações usadas por eles, e deixou-a de tempo em tempo cair naquela barbárie que nós vemos

151 Trata-se do grego-calabrês Leôncio Pilatos, tradutor das obras de Homero em latim, que, hospedado por Boccaccio, ensinou-lhe a língua grega.

suscitatori e ritrovatori; come apertamente si può vedere nel privilegio conceduto ad esso Petrarca, quando publicamente fu coronato nel Campidoglio: e il Petrarca e il Boccaccio de la greca, de la quale non si aveva in Italia notizia alcuna ne la età loro, se non piccola e defettiva. Laonde bramandola questo ultimo sommamente, condusse a Firenze un Greco, perquanto si legge ne la sua vita, che glie la insegnasse, e una quantità di libri greci, lasciati poi da lui stesso dopo la morte a la libreria del nostro Santo Spirito.

Costoro adunque, mediante la cognizione di queste lingue, cominciarono a parlare rettamente e ordinatamente, migliorando e inalzando tanto il nostro idioma da quello che egli era, per quanto veder se ne può in que' che scrissero avanti a loro, che noi possiamo liberamente tenere e dire, 'che il vero nascimento e principio di questa lingua fu solamente da lor tre: ma che e' non furon già poi seguiti nè imitati ne lo allevarla secondo i modi posti da loro. Imperocchè chi venne dopo, non essendo dato a gli studi, non considerò le costruzioni e le terminazioni usate da loro, e lasciolla di tempo in tempo cadere in quella barbarie che noi sentimmo non son molti anni. Ma io dico bene, che poi che gli uomini hanno ricominciato a

não faz muitos anos. Mas digo bem que, depois que os homens recomeçaram a considerá-la, como fizeram aqueles do Orto, e para usar os modos dos três lumes nossos ela melhorou pouco a pouco tanto, que eu a considero hoje universalmente muito mais bela do que ela era no tempo deles; e que se eles escrevessem bem então (o que foi muito mais graças ao seu engenho que à bondade da língua), escreveriam muito melhor do que hoje, não sendo necessitados pela pobreza da língua, que hoje é riquíssima, a usar aquelas palavras que não agradam mais, e aquelas formas evitadas pelos nossos ouvidos; de modo que também no Petrarca não se reconheceriam aqueles poucos ainda que pequeníssimos neles, que os juízos bem polidos reconhecerem-nas.

GELLI: Creio que julgais bem, e que a coisa seja como dizeis. Mas quero dar um passo mais além, e dizer que, estando a nossa língua ainda viva, e em maior esperança de ter vida em haver do que talvez ela jamais tenha tido, não se pode afirmar que a natureza (a qual não se cansa e não envelhece nunca, antes, embora ela varie às vezes um pouco, é sempre a mesma) não possa ainda produzir engenhos semelhantes a eles; os quais, encontrando a nossa língua em muito maior perfeição do que a

considerarla, come fecero quegli de l'Orto, e ad usare i modi de' tre nostri lumi, ella è tanto migliorata a poco a poco, che io la tengo oggi molto più bella universalmente, che ella non era ne' tempi loro; e che se eglino scrissero così bene allora (il che fu molto più da imputare a lo ingegno loro che a la bontà de la lingua), scriverebbero molto meglio oggi: non essendo necessitati da la povertà de la lingua, che oggi, è ricchissima, ad usare quelle parole che più non piacciono, e que' modi che son fuggiti da' nostri orecchi; di modo che nel volto ancora del Petrarca non si scorgerebbero que' pochi avvegnachè piccolissimi nèi, che i ben purgati giudizi vi riconoscono.

GELLI: Io credo che voi giudichiate bene, e che la cosa stia come voi dite. Ma io voglio andare un passo più là, e dire, che essendo ancor viva la lingua nostra, e in maggiore speranza di avere a vivere, che ella fusse forse ancor mai, egli non si può affermare che la natura (la quale non si stracca e non invecchia mai, anzi, se bene ella varia talora alquanto, è pur sempre quella medesima) non possa e non abbia ancora a produrre de gl' ingegni simili a loro; i quali, trovando la nostra lingua in molto maggior perfezione che non la trovarono i sopradetti, scrivino non solamente

encontraram os supracitados, escrevam não somente bem como aqueles, mas talvez ainda melhor.

BARTOLI: E isto me leva a crer, semelhantemente, vendo-se nos nossos tempos, que em qualquer faculdade, e em particular na arquitetura, pintura e escultura, a nossa cidade tenha gerado alguns que não só alcançaram os famosos antigos, mas talvez ainda os tenham superado em alguns aspectos.

GELLI: Então, não se pode dizer que ela esteja no seu estado de perfeição, vendo-se como, dia após dia, ela se enriquece; e podendo-se facilmente fazer conjectura das coisas que sobreveem, que ela ainda possa tornar-se mais rica e muito mais bela.

BARTOLI: E quais são estas coisas, Gello?

GELLI: São muitas e muitas, senhor Cosimo; e duas sobre todas as outras. Uma das quais é a grande quantidade dos que hoje em Florença se dedicam à língua latina e grega; os quais aprendendo-as com regra, depois falam também reguladamente a nossa, e com elegância; e aprendendo com estes os outros, movidos por aquele desejo ingênito que todos têm de não querer, naquilo que podem, de maneira alguma, ser ultrapassados pelos seus pares, tornarão, pouco a pouco, a língua mais bela e mais honrada, com o falar e com o

bene come quelli, ma forse ancora assai meglio di loro.

BARTOLI: E questo similmente mi par di credere, essendosi veduto ne' tempi nostri, che in qualunque facoltà, e particolarmente ne la architettura, pittura e scultura, ha la nostra città generati alcuni che non solo hanno pareggiati i famosi antichi, ma forse ancora avanzatili in qualche cosa.

GELLI: Non si può dunque dire che ella sia ne lo stato suo, veggendosi come di giorno in giorno ella va al suo augumento; e potendosi agevolmente far coniettura da le cose che sopravengono, che ella abbia ancora a farsi più ricca e molto più bella.

BARTOLI: E quali son queste cose, Gello?

GELLI: Molte e molte sono, messer Cosimo; e due sopra tutte l' altre. L'una de le quali è la moltitudine grande di coloro che oggi si danno in Firenze a la lingua latina e greca; i quali imparando quelle con regola, favellano dipoi ancora regolatamente la nostra, e con leggiadria; e da questi imparando gli altri, mossi da quello ingenito desiderio che ha ciascuno di non volere, in quello che egli può,

traduzir, trazendo as ciências e as artes que aprendem nas outras línguas. A outra é os príncipes e os homens grandes e qualificados começarem a escrever nesta língua as coisas importantes dos governos dos Estados, os manejos das guerras e os outros negócios sérios da administração, que não faz muito tempo eram todos escritos em língua latina. Porque, deveis entender que uma língua jamais se torna rica e bela pelas discussões dos plebeus e das mulherzinhas¹⁵², que falam sempre (por terem concepções muito vis) de coisas baixas, porque aqueles que elevam e tornam grandes as línguas são apenas os homens grandes e virtuosos; pois que, tendo sempre concepções nobres e altas, e tratando e manejando coisas de grande importância, e frequentemente conversando bem e discorrendo sobre elas, a favor e contra, persuadindo ou dissuadindo, acusando ou louvando, e algumas vezes também aconselhando e ensinando, tornam as suas línguas copiosas, honradas, ricas e elegantes. Por estas duas coisas, pois, ainda que não houvesse outros motivos, pode-se justamente esperar que a nossa língua um dia ainda venha a

152 Do latim “mulierculae”, diminutivo carinhoso ou pejorativo. Gelli parece referir-se às mulheres iletradas, que, como os demais usuários pertencentes aos estratos sociais mais humildes, não conheciam a elegância da língua culta.

essere in maniera alcuna sopravanzato da i suoi pari, faranno di mano in mano la lingua più bella e più onorata, si col parlare e si col tradurre, arrecandoci le scienze e l' arti che elli imparano ne l' altre lingue. L' altra è il cominciare i principi e gli uomini grandi e qualificati a scrivere in questa lingua le importantissime cose de' governi de' gli Stati, i maneggi de' le guerre e gli altri negozi gravi de' le faccende, che da non molto in dietro si scrivevano tutti in lingua latina. Perchè, non vi date a intendere che una lingua diventi mai ricca e bella per i ragionamenti de' plebei e de' le donnicciuole, che favellan sempre (rispetto a lo avere concetti vilissimi) di cose basse: chè e' sono solamente gli uomini grandi e virtuosi, quelli che inalzano e fanno grandi le lingue; imperocchè, avendo sempre concetti nobili e alti, e trattando e maneggiando cose di gran momento, e ragionando bene spesso e discorrendo sopra quelle in pro e in contro, persuadendo o dissuadendo, accusando o lodando, e talvolta ancora ammonendo e insegnando, fanno le lingue loro copiose, onorate, ricche e leggiadre. Per queste due cose adunque, ancora che altre cagioni non ci fussero, si può giustamente sperare che la nostra

ser tão prestigiada por muitos que nascerão, quanto são hoje por nós e a grega e a latina. E, conseqüentemente, concludo que, não tendo ela ainda chegado ao seu estado de perfeição, não se pode colocá-la em regra, que em um tempo não muito longo não se descubra defeituosa, e talvez não pareça mais a de hoje. Assim como ocorre, por exemplo, na pintura, em que o retrato de um jovem, embora se lhe assemelhe completamente quando é feito, não passa porém muito tempo que, ao se tornar ele homem, o aspecto diferencia-se do retrato e a aparência muda tanto, que não se lhe assemelha mais, nem se parece mais com aquele mesmo.

BARTOLI: Ora, suponhamos que, pelas tantas coisas alegadas, não se convenha fazer estas regras na Academia; queres tu, porém, afirmar totalmente que uma pessoa privada e particular, deixando falar ao seu arbítrio alguma cidade e lugar da Toscana, sem desconsiderá-la ou julgá-la menos por isto, não pode ao menos formar as regras pelos nossos três primeiros escritores e pelo uso de Florença, que em nossos dias ensinam a falar corretamente aos próprios florentinos, e a quem quiser imitá-los?

GELLI: Oh, isso não, senhor Cosimo; porque eu acredito também, que um só, em seu

lingua abbia a essere ancora un giorno tanto pregiata appresso molti che nasceranno, quanto sono oggi appresso di noi e la greca e la latina. E conseguentemente concludo, che non essendo ella ancor pervenuta a lo stato suo, non se ne possa far regola, che in tempo non molto lungo non abbia a scoprirsi defettuosa, e non più tale quale oggi forse ci apparirebbe. Si come avviene, per esempio, ne la pittura; dove i ritratti de' giovanetti, se bene gli somigliano interamente quando e' son fatti, non vi corre però gran tempo che, cambiandosi lo aspetto del ritratto nel farsi egli uomo, tanto varia la effigie, che non lo somiglia più, nè apparisce più quel medesimo.

BARTOLI: Orsù, ponghiamo per le tante cose allegate date, che a l' Accademia non si convenga il fare queste regole: vuoi tu però affermare al tutto, che una persona privata e particolare, lasciando favellare ad arbitrio loro qualunque città e luogo de la Toscana, senza difettargli o riputargli da meno per questo, non possa almanco da i tre primi nostri scrittori e da l' uso di Firenze formare le regole, che a' tempi d' oggi insegnino favellare rettamente a' Fiorentini stessi, e a chi pur volesse imitargli?

GELLI: Oh questo no, messer Cosimo; perchè io mi credo pure,

próprio nome e não da Academia, com todas aquelas considerações que dissestes, possa fazê-lo seguramente.

BARTOLI: E com qual ordem? ou de que maneira?

GELLI: Dir-vos-ei, mas, para que me entendais mais facilmente, observai que esta língua, como quase todas as coisas deste mundo, tem duas partes principais; isto é, o conteúdo e a forma; o conteúdo são as palavras das quais ela é feita; e a forma é aquele modo e aquela ordem com que uma palavra junto com a outra são entrelaçadas e tecidas, que comumente se chama construção. Destas duas partes, a material, ou das palavras, não acho muito difícil colocar em regra; ainda que ela talvez precise de muito tempo, necessitando de um vocabulista para fazer de todas as palavras que se usam, como já havia começado o nosso Norchiato, antes que a morte lhe interrompesse o voo. Mas, sobre a construção, ou quereis dizer a forma, na qual consiste toda a beleza e a elegância da língua, e na nossa é por ventura muito mais suave do que nas dos nossos vizinhos, não sei como ela pode ser mostrada melhor do que pelos exemplos dos três escritores.

BARTOLI: Oh, Gello, a este propósito lembro-me da suavidade da textura do nosso falar, que o senhor Alessandro Piccolomini,

che un solo, in suo nome proprio e non di Accademia, con tutte quelle avvertenzie che voi avete dette, sicuramente le possa fare.

BARTOLI: E con qual ordine? o in che maniera?

GELLI: Dirovelo: ma perché voi mi intendiate più facilmente, avvertite che questa lingua, come quasi tutte l' altre cose di questo mondo, ha due parti principali; la materia, cioè, e la forma: la materia sono le parole de le quali ella è fatta; e la forma è quel modo e quell' ordine col quale son conteste e tessute insieme l' una parola con l' altra, che si chiama ordinariamente la costruzione. Di queste due parti la materiale, o de le parole, non tengo io per molto difficile a metterla in regola; ancora che ella abbia forse bisogno di lungo tempo, rispetto a lo aversi a fare un vocabolista di tutte le voci che si usano, come aveva già cominciato il nostro Norchiato, prima che morte gli troncasse il volo. Ma de la costruzione, o volete dire de la forma, ne la quale consiste tutta la bellezza e la leggiadria de la lingua, e appresso di noi è per avventura molto più dolce che ne' nostri vicini, non so io come ella possa mostrarsi meglio che da gli esempi de' tre scrittori.

BARTOLI: Oh Gello, e' mi ricorda, a questo proposito de la dolcezza de la testura del parlar

peessoa muito culta e tão rara quanto sabes, encontrando-se em minha casa e lendo alguns escritos destes nossos, voltou-se a mim e disse: como pode ser, meu senhor Cosimo, que não estando as nossas pátrias mais distantes uma da outra que trinta milhas, não tenhamos as sentenças tão suaves e os andamentos tão planos e tão ordenados quanto os vemos e ouvimos em vós florentinos?

GELLI: E vedes bem que todos os que até hoje fizeram as regras do falar toscano, detendo-se somente nas declinações, passaram à construção sem falar dela senão pouquíssimo, como algo muito difícil de conseguir para estes. Pelo que, sobre a formação destas regras, eu não me dedicaria muito na primeira parte; mas, declaradas as partes da oração, e demonstradas as declináveis e as indeclináveis, e os exemplos dos verbos, ao máximo, com aquela diversidade que existe entre o uso moderno e aquele que dizem dos nossos antigos, eu investiria todo o trabalho na construção. Na qual, consistindo (como eu disse) toda a importância desta língua, eu gostaria certamente de tomar um cuidado mais que extremo, tirando dos três supracitados tudo o que fosse bem dito. O que, a meu juízo, seria apenas aquilo que se conservou no uso de hoje; estando os nossos ouvidos naturalmente

nostro, che messer Alessandro Piccolomini, persona dottissima e tanto rara quanto tu sai, ritrovandosi in casa mia, e leggendo alconi scritti di questi nostri, rivoltatosi a me, disse: come può e' mai essere, messer Cosimo mio, che non essendo le patrie nostre più lontane l' una da l' altra che trenta miglia, noi altri non abbiamo le clausole così dolci e gli andari tanto piani e si ordinati, quanto gli veggiamo e sentiamo in voi Fiorentini?

GELLI: E voi vedete bene che tutti costoro che fino ad oggi hanno fatto le regole del parlar toscano, distendendo si ne le declinazioni solamente, si hanno passato la costruzione senza parlarne se non pochissimo, come cosa troppo difficile e ad essi forse mal riuscibile. Laonde, circa il formare queste regole, non mi affaticherei molto ne la prima parte; ma dichiarate le parti de la orazione, e dimostrate le declinabili e le indeclinabili, e gli esempli de' verbi, massimamente con quella diversità che è tra l' uso moderno e quello che e' dicono de' nostri antichi, me n' andrei tutto a la costruzione. Ne la quale, consistendovi (come ho detto) tutta la importanza di questa lingua, vorrei io certamente usare una diligenza più là che estrema, togliendo da' tre sopra detti tutto quel che fusse ben detto. Il che, al

inclinados a sempre deixar as coisas ásperas, duras e difíceis, e seguir as suaves e as fáceis. Por isso, julgando eu que hoje se fale em Florença melhor do que em qualquer um dos tempos passados, atribui-se muito ao uso, não do mercado e do povo vil, mas dos nobres e qualificados da nossa cidade, como eu disse há pouco.

BARTOLI: Isto é de fato a mesma ordem e o modo que o nostro Giambullari manteve naquelas suas regras, que ele, há três anos, ofereceu ao ilustríssimo senhor Dom Francesco de' Medici, primogênito de Sua Excelência.

GELLI: Dizeis a verdade, porque o Giambullari é aquele meu amigo que sabeis, conversei com ele muitas vezes, e principalmente no ano passado, quando estávamos neste exercício: e porque sempre me pareceu que ele tivesse encontrado o verdadeiro caminho, e com uma atenção admirável feito o que era possível fazer-se nesta matéria, porém alego eu de novo o mesmo meio que ele usou. Mas por que ele agora com a imprensa não divulga as regras a todas as pessoas que as querem?

BARTOLI: Faze com boa vontade, Gello, porque eu insisti tanto que ele finalmente me deu não só estas regras, mas livre e plena licença para que eu faça a minha vontade. E assim dentro de não muitos dias mandarei imprimi-las, que isso

giudizio mio, solamente sarebbe quello che l' uso di oggi si ha mantenuto; essendo l' orecchio nostro inclinato naturalmente a lasciar sempre le cose aspre, dure e difficili, e seguitare le dolci e le facili. Per la qual cosa, giudicando io che oggi si favelli meglio in Firenze che in nessun de' tempi passati, attribuisce molto a l' uso, non di Mercato e del vulgo vile, ma de' nobili e qualificati de la nostra città, come io dissi poco di sopra.

BARTOLI: Questo è appunto l' ordine stesso e il modo che il nostro Giambullari tenne in quelle sue regole, che egli, già son tre anni, donò a lo illustrissimo signor Don Francesco de' Medici primogenito di Sua Eccellenza.

GELLI: Voi dite il vero, chè il Giambullari che mi è quello amico che voi sapete, me le conferì molte volte, e massimamente l' anno passato, quando eravamo in questo maneggio: e perchè e' mi parve sempre che egli avesse trovato la vera via, e con una diligenza maravigliosa fatto ciò che fusse possibile farsi in questa materia, però metto io a campo di nuovo lo stesso modo che egli ha tenuto. Ma perchè non le comunica egli oramai con la stampa a tutte le genti che le desiderano?

BARTOLI: Sta di buona voglia, Gello, chè io ne l'ho tanto

combinei com o Torrentino.

GELLI: Apressai-vos pois, meu senhor Cosimo, porque fareis grande benefício a quem deseja aprender por meio do bom. Mas como agora estamos perto da hora do nosso jantar, ficai com Deus, porque esperam-me em casa.

BARTOLI: Por favor, janta comigo.

GELLI: Não esta noite, senhor Cosimo, porque devendo encontrar-me em um outro lugar, não posso descumprir a minha promessa. Ficai com a boa noite.

BARTOLI: Se assim te agrada, vai com Deus.

Tal foi, meu honorável senhor Pierfrancesco, o arazoado que pedistes; e dele o senhor Cosimo pode prestar-vos testemunho; tomai, pois, como se fosse coisa vossa, porque vos dou-o de presente, e vivei feliz, recordando-vos de que o Gello é vosso amigo.

De Florença, em 18 de fevereiro de 1551.

contaminato, che egli finalmente mi ha dato non solo esse regole, ma e libera e piena licenza che io ne faccia la voglia mia. E così fra non molti giorni comincerò a farle stampare, chè di tanto son convenuto col Torrentino.

GELLI: Sollecitate dunque, messer Cosimo mio, perchè farete gran beneficio a chi desidera imparar dal buono. Ma perchè noi siamo oramai vicini a l' ora de la nostra cena, rimanetevi con Dio, chè a casa sono aspettato.

BARTOLI: Di grazia, cena con esso meco.

GELLI: Non questa sera, messer Cosimo, chè dovendo trovarmi in un altro luogo, non posso mancar de la mia promessa. Restate con la buona notte.

BARTOLI: Poi che così ti piace, va' col nome di Dio. Tanto fu, messer Pierfrancesco mio onorando, il ragionamento che avete chiesto; e messer Cosimo nostro ve ne può render testimonianza: fatene adunque come di cosa vostra, chè io ve ne fo un presente, e vivete felice, ricordandovi che il Gello è vostro.

Di Firenze, il XVIII di febraio
MDLI. (p. 318)

6.3 ORAZIO TOSCANELLA E O *DISCORSO DEL TRADURRE*
(1575)

*Quero dizer que cada nação tem palavras
suficientes para exprimir quase todas as coisas;*
(Orazio Toscanella, 1575)

Orazio (ou Oratio) Toscanella nasceu em Florença, em 1520. Teria recebido instrução em retórica e gramática na primeira metade do século XVI, nas proximidades de Rovigo. Em 1560, transferiu-se para Veneza, onde trabalhou nas suas mais de cinquenta obras, entre traduções, adaptações, produções e comentários, muitas vezes com fins didáticos. Especializou-se na escrita de textos introdutórios à disciplina de Retórica, em geral acompanhados de gráficos e esquemas que facilitassem a compreensão dos leitores/alunos. Foi preceptor na escola de Lendinara, em 1570, e morreu em Veneza, em torno de 1579.

Toscanella considerava a imprensa uma invenção de grande importância e louvor, como o meio mais eficaz na conservação da lembrança do nome das pessoas de valor. Para ele, a maior honra que alguém poderia dar a si mesmo seria publicar as próprias obras. (BIANCO, 2011, p. 7) Ele traduziu para o italiano obras de Rodolfo Agricola (*Della invenzione Dialettica*, 1567), de Georgius Trapezuntius (*Dialettica con le interpretazioni di Neomago e Latomo*, 1568) e de Quintiliano (*Le Istituzione Oratorie*, 1574).

Dentre suas principais obras didáticas e de comentário crítico destacam-se: *I modi più communi con che ha scritto Cicerone le sue epistole* (1559); *Ciceroniana epitheta, antitheta, et adiuncta* (1563); *Gioie storiche, aggiunte alla prima parte delle vite di Plutarco* (1567); *Quadrivio* (1567); *Osservazioni sopra l'Opere di Virgilio* (1567); *Dittionario volgare et latino, con la lingua fiamminga, spagnuola et altre lingue* (1568); *Bellezze del furioso di M. Lodovico Ariosto* (1574); *Applicamento dei precetti della inventione, dispositione, et elocutione* (1575); e *Discorsi cinque* (1575), dedicada ao seu ex aluno Petrobello Petrobelli (1558-1635), uma de suas últimas obras, na qual consta o “Discurso del tradurre”.

No primeiro dos seus *Discorsi Cinque*, intitulado “Per studiare una epistola di Cicerone”, Toscanella ensina como fazer a primeira parte de um exercício linguístico, que corresponde ao trabalho do gramático, desde a leitura e compreensão do texto latino, passando pela análise de cada palavra, até a reescrita em italiano, quando então o trabalho passa ao domínio da retórica, cujos princípios elocutivos ele ensina no segundo texto.

Estes exercícios de gramática e retórica eram comumente realizados, na época renascentista, por todos aqueles que se dedicavam ao estudo das letras, dentre os quais os tradutores.

No “Discurso del tradurre”, o autor trata especialmente da tradução retórica. Revisando os princípios de Cícero e Horácio, ele explica a diferença entre a tradução literal, própria do intérprete, e a tradução elocutiva, do poeta imitador. E também comenta a respeito da diferença entre o imitador, ou trasladador criativo, e o intérprete fiel, a quem é permitido tomar literalmente as palavras e as ideias do texto-fonte sem que isto seja considerado furto: “[...] uma coisa é o tradutor, outra o orador; e outra sabe quem quer ensinar a discursar.” (p. 548)

O autor transparece no texto como professor de retórica, assumindo a função básica de dar informações convincentes (*docere et probare*) ao receptor que deseja se tornar um tradutor hábil. A estrutura do texto apresenta quatro partes, com respectivas subdivisões, conforme o modelo retórico: 1) Exórdio; 2) Narração; 3) Argumentação e 4) Conclusão.

Na introdução da narração, ele ressalta a tradução como uma atividade de grande proveito e honra. Na argumentação, baseando-se nas ideias de Horácio e de Cícero, exemplificando com estes e também com autores da literatura italiana, ele expõe cinco princípios¹⁵³ fundamentais que o tradutor deve seguir: 1º) entender o assunto que se propõe a traduzir; 2º) entender bem as duas línguas envolvidas; 3º) usar adequadamente as palavras, respeitando a sua relação com as coisas que representam; 4º) cuidar da clareza e do estilo da tradução, do ritmo, da sonoridade e da escolha harmoniosa das palavras; e 5º) ter afinidade com o autor que traduz e observar a mesma invenção deste.

Na explicação do terceiro princípio, ao se referir às propriedades das palavras, Toscanella destaca a riqueza e a capacidade que o seu vernáculo tem de receber bem as obras de todos os bons autores clássicos, exaltando suas qualidades, pelas quais já estaria apto até mesmo a superar o latim: “[...] esta língua pode representar não somente os corpos inteiros, mas os membros separadamente e a alma dos autores gregos, ou latinos.” (p. 538)

Como defensor das coisas sobre as palavras, ele preceitua que o texto traduzido deve representar o original com a máxima semelhança, inclusive na ordem e gênero das palavras, bem como no número de sílabas e no ritmo. Por isso, em situações de difícil equivalência, ele

153 Estes princípios eram já comuns entre os renascentistas, desde Leonardo Bruni (século XV), um dos primeiros a tratar das questões da tradução de forma mais sistemática.

admite que sejam conservadas algumas palavras intactas, como o fizeram os tradutores latinos, quando não podiam expressar termos gregos na sua língua:

E se algumas palavras se encontrarem que não puderem ser compreendidas pelas toscanas, serão poucas e poderão ser deixadas como estão, sem censura, assim como também os tradutores de grego em latim deixaram algumas palavras gregas no repouso delas, por não terem conseguido, senão com circunlóquios, expressá-las na língua latina. (p. 536)

Mas, destaca que haveria muito poucas palavras latinas que não pudessem ser expressas pelas toscanas nas traduções:

[...] eu digo que ela [a língua toscana], exceto em pouquíssimas palavras, pode abarcar as sentenças de todos os autores latinos; e não com circunlóquios, mas com uma palavra isolada, uma isolada; com uma agrupada, uma agrupada; e com uma figurada, uma figurada. (p. 536)

E defende que a língua toscana já está apta para traduzir bem os clássicos, inclusive palavra por palavra, podendo ser equiparada ao latim:

[...] podemos traduzir na nossa língua os autores latinos com muita elegância, e muito mais adequadamente, pois os latinos têm poucas coisas, ou pouquíssimas, que estão fora do nosso conhecimento. (p. 537)

Ao longo de todo o texto, Toscanella demonstra, na prática, a abundância do seu vernáculo, ao usar, por exemplo esta variedade de expressões sinônimas referentes à atividade tradutória: “*tradurre*”, “*ridurre nella nostra lingua*”, “*trasportare*”, “*tirare in volgare*” e “*volgere in volgare*”.

Discorso del tradurre (1575)

Discorso sobre o traduzir

Ancora che io potessi, senza Ainda que eu pudesse, sem

offendere l'amicizia nostra, ricusare il carico che mi havete dato di servirvi l'opinione mia intorno alle cose che deve servare uno che vuole tradurre qualche autor latino nella lingua Toscana; per essere troppo grave, nondimeno ho voluto più tosto entrare ne confini della temerità sodisfacendovi che starmi ne termini del timore senza sodisfarvi. Io, à dire il vero, non son molto atto à compiacervi in cosa di tanta importanza; ma per mostrarvi che io u' amo singularmente, corro à questa penna e vi scrivo così volando il parere mio sopra ciò. Accettatelo, tale quale egli è, volentieri, che io più che volentieri lo vi mando. Già è conceduto, da tutti coloro che sanno, che il trasportare gli autori d'una in altra lingua sia cosa e giovevolissima e honoratissima; però non starò ad affaticarmi in provarlo. Dirò bene che, innanzi che il traduttore si metta a tradurre, egli dee benissimo esaminar le sue forze; ricordandosi di quello che scrive Oratio nella Poetica: "*Sumite materiam uestris qui scribitis aequam/Viribus: et uersate diu quid ferre recusent/ Quid ualeant humeri*", etc. Percioche, se uno che non fosse

ofender a nossa amizade, recusar o encargo que me destes de vos servir minha opinião sobre as coisas que deve observar quem quiser traduzir algum autor latino na língua Toscana; para ser sincero, mesmo assim eu quis muito mais entrar nos confins da temeridade satisfazendo-vos do que ficar nos termos do temor sem vos satisfazer. Eu, na verdade, não estou muito apto a vos comprazer em algo de tanta importância; mas, para vos mostrar que vos estimo singularmente, corro a esta pena e rapidamente vos escrevo o meu parecer sobre isso. Aceitai-o, tal qual ele é, com boa vontade, pois vo-lo mando mais do que com boa vontade. Já foi consentido, por todos aqueles que sabem, que transportar os autores de uma língua a outra é algo de grande proveito e honra; mas não vou me cansar em prová-lo. Direi bem que, antes que o tradutor comece a traduzir, ele deve examinar muito bem as suas forças, lembrando o que Horácio escreveu na *Poética*: "*Sumite materiam uestris qui scribitis aequam/Viribus: et uersate diu quid ferre recusent/ Quid ualeant humeri.*"¹⁵⁴, etc. Por isso que, se alguém que não fosse filósofo se pusesse a traduzir

154 "Vós que escreveis, escolhei um assunto proporcional às vossas forças/ e examinai longamente o que os vossos ombros recusarem carregar, ou o que suportarem." [Ars, 38-40]

filosofo si desse a tradurre opere de filosofia; e uno che non fosse astrologo, opere d'astrologia, senza dubbio verrebbe ad acquistare, in vece di laude, biasimo e non picciolo; perché e l'una e l'altra ha certi termini, che uno che non gli sappia non saprà parimente a parole esprimergli; e così verrà ad esserne biasimato grandemente. Niuno dee porsi a tradurre cosa che sia fuori della sua professione, ma cosa della quale egli sia molto intendente. Appresso bisogna che il traduttore habbia ottimo gusto della lingua nella qualle traduce la cosa; e di quella medesimamente nella quale si trova la cosa che'l vuole tradurre; ma, sopra tutto, che intenda bene le materie trattate dallo autore che si prende a tradurre. Et perché lo imitatore ha certa parentela con lo interprete, si ha di sapere la differenza che à tra l'uno e l'altro, accioche non s'erri. Questa differenza è tra l'interprete e l'imitatore, che lo imitatore non deve torre le parole e le cose di colui che imita. Ma, bene imitando, deve usare diversa inventione, e dispositione, e elocutione da colui che imita; perché altrimenti verrebbe a rubare, e a nascondere il furto in loco publico; dove l'huomo a prima vista lo riconoscerebbe. Et lo interprete deve essere fedele; perche la sua legge è di esplicare

obras de filosofia, e alguém que não fosse astrólogo, obras de astrologia, sem dúvida, viria a obter, em vez de louvor, censura, e não pouca; porque uma e outra tem certos termos que alguém que não os saiba não saberá parimente exprimi-los palavra por palavra; e assim virá a ser grandemente censurado. Ninguém deve se meter a traduzir algo que esteja fora da sua profissão, mas só algo do qual seja muito entendedor. Depois, é preciso que o tradutor tenha ótimo gosto pela língua na qual traduz o conteúdo; e o mesmo por aquela na qual se encontra o conteúdo que quer traduzir; mas, sobretudo, que entenda bem os assuntos tratados pelo autor que toma para traduzir. Porque o imitador tem certo parentesco com o intérprete, deve-se saber a diferença que há entre um e outro, para que não erre. Esta diferença está entre o intérprete e o imitador, porque o imitador não deve tomar as palavras e as ideias daquele que imita. Mas, imitando bem, deve usar invenção, disposição e elocução diferentes daquele que imita. Pois, de outro modo, viria a roubar e esconder o furto em local público, onde alguém o reconheceria à primeira vista. E o intérprete deve ser fiel, porque a sua lei é explicar palavra por palavra segundo a propriedade do latim, ou do grego, ou de outra língua. E não vos confunda aquilo

parola per parola secondo la proprietà del Latino, o del Greco, o d'altra lingua. Et non vi turbi quello che scrive il sopratocco Oratio nell'arte, quando dice: "*Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus/ Interpres*" etc.

Perché ivi parla allo imitatore e non allo interprete, e che vero sia ciò ch'io vi dico; leggete alquanto sopra e troverete che esortano egli ad imitare dice:

Tuque/ Rectius Iliacum carmen deducis in actus/ Quam si proferres ignota indictaque primus:/ Publica materies priuati juris erit, si/ Non circa uilem patulumque moraberis orbem./ Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus.

Onde sottogiungendo "*Nec uerbum uerbo curabit reddere fidus/ Interpres*". S'ha da intendere quello *interpres* per imitatore; e s'ha da isporre, "*Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus interpres, idest tanquam interpres*", che ha voluto inferire così; cioè non t'affanare in tradurre parola per parola a guisa di interprete fedele; ma imita. Et quello che più ce lo manifesta è la voce *intrepres*; perché interprete

que escreve o supracitado Horácio na arte, quando diz: "*Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus Interpres*.¹⁵⁵," etc.

Porque ali ele fala ao imitador, e não ao intérprete; e para que se confirme isso que vos estou dizendo, lede um pouco acima e achareis que, aconselhando a imitar, ele diz:

*Tuque/ Rectius Iliacum carmen deducis in actus/ Quam si proferres ignota indictaque primus:/ Publica materies priuati juris erit, si/ Non circa uilem patulumque moraberis orbem./ Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus.*¹⁵⁶

E acrescentando a seguir: "*Nec uerbum uerbo curabit reddere fidus/ Interpres*". Há que se entender aquele *interpres* por imitador; e há que se explicar "*Nec uerbum uerbo curabis reddere fidus interpres, idest tanquam interpres*", isto é, como intérprete, que ele quis inferir assim: não te afanes em traduzir palavra por palavra como intérprete fiel, mas imita. Aquilo que mais o demonstra é o vocábulo *interpres*, porque significa expositor e

155 "[...] nem cuidares de traduzir palavra por palavra, intérprete fiel." [Ars, 133]

156 "[...] e mais corretamente encena-se um poema íliaco que se primeiro se exhibissem coisas ignotas e nunca ditas./ A matéria pública será de direito privado, se/ não te detiveres em torno de um círculo vil e banal, nem cuidares de traduzir palavra por palavra, intérprete fiel". [Ars, 128-33]

significa espositore e traduttore. E Oratio in quel loco non parla di espositori, né di traduttori, ma d'imitatori. Il che ottimamente ne mostrano i versi, che a questi sono sopraposti, e il Landino, Giasone di Nores e Enrico Glareano (senza più) gagliardissimamente lo provano; ma la maggior prova che si possa havere in certificarsi che parla d'imitatori non d'interpreti è quella che segue subito, cioè "*Nec desilies imitator in artum./ Unde pedem proferre pudor uetet, aut operis lex*".

Può il traduttore quelle cose, che più non sono, o che non sono in uso, nominare per quelle voci medesime che ritrova essere state nominate, ogni volta che ha qualche appoggio, e fa che alcuno altro le habbia usate; overo giudica che si possano ricevere e tollerare. Quando no, userà la perifrasi, o la metafora, ad altra figura. Quanto si traduce più propriamente, tanto

tradutor. E Horácio, naquele lugar, não fala de expositores, nem de tradutores, mas de imitadores. O que mostram muito bem os versos que estão na sequência destes, e o Landino¹⁵⁷, Giasone de Nores¹⁵⁸ e Enrico Glareano¹⁵⁹ (sem dúvida) seguramente o provam; mas, a maior prova que se possa ter para se certificar de que fala de imitadores, e não de intérpretes, é a que segue, isto é: "*Nec desilies imitator in artum./ Unde pedem proferre pudor uetet, aut operis lex*¹⁶⁰".

O tradutor pode nomear aquelas coisas que não existem mais, ou que não estão em uso, com as mesmas palavras que descobre terem sido nomeadas, toda vez que tem algum apoio e sabe que alguém usou-as, ou julga que se possam receber e tolerar. Quando não, preferirá a perífrase, ou a metáfora, a outra figura. Quanto

157 Cristoforo Landino (1424-1498), vulgarizador de obras clássicas e comentador de Horácio.

158 Giasone de Nores (1530-1590), nascido no Chipre, estudou em Pádua, onde foi aluno de Sperone Speroni. Em 1553, retornou ao Chipre e, após a notícia da morte de seu irmão Gabrielle, escreveu um comentário da *Ars poetica* de Horácio, *Ex quotidianis Tryphonis Gabrielli sermonibus*, sua primeira obra de crítica.

159 Henricus Glareanus (1488-1563), nasceu na Suíça, onde se chamava Heinrich Loris; era um humanista, poeta e teórico da música, autor do *Dodekachordon* (1547), obra em que tratou sobre questões relativas aos modos e às proporções. Destacou-se também como filólogo e comentador de Horácio.

160 "[...] nem, imitador, caíres em apuros, de onde tirar o pé o pudor ou a lei da obra vetem". [*Ars*, 134-5]

più si sa la parola che si traduce; ma traducendo un semplice con un congiunto, o traslato, si traduce fuori della proprietà della parola; perché il proprio di una parola è di significare secondo la sua natura; e non si può dire che le semplici, e le congiunte, e le traslate siano di una natura; perché sono di diversa natura, e significano meglio in una materia che nell'altra; e più proprie sono di uno stile che d'un altro; adunque segue che il traduttore deve (se vuole tradurre propriamente e palefar meglio la parola, che traduce) attendere alle voci, e quelle rappresentare a numero, e no (come altri vogliono) secondo la sostanza. Et chi è quello poi, che non sappia, che le cose sono rappresentate dalle parole? E che la sentenza (traducendosile parole propriamente e con giudizio) verrà ad essere espressa come ricerca, cioè convenevole e ottimamente? So che la lingua Toscana riesce tanto più bella quanto è più ornata di figure e di scelti concetti; ma questo non succede sempre, perché, si come una meretrice parerà tanto più bella quanto farà meglio vestita e più striciata; e si come quelle vesti, e quegli ornamenti, e lisci, che la redono così bella, si disdirebbono ad una matrona. Così quelle vesti e quelle gioie e abbellimenti, che rendono alcune cose bellissime, ad altre e

mais propriamente se traduz, tanto mais se sabe a palavra que se traduz; mas traduzindo uma isolada com uma agrupada, ou figurada, traduz-se fora da propriedade da palavra; porque o próprio de uma palavra é significar segundo a sua natureza; e não se pode dizer que as isoladas, as agrupadas e as figuradas sejam de única natureza, porque são de natureza diferente, e significam melhor em uma matéria do que na outra; e são mais próprias de um estilo que de outro. Então, segue-se que o tradutor deve (se quer traduzir propriamente e exprimir melhor a palavra que traduz) atentar para as palavras e representá-las a número, e não (como outros querem) segundo a substância. E quem é aquele, pois, que não sabe que as coisas são representadas pelas palavras? E que a sentença (traduzindo-se-lhe as palavras propriamente e com bom senso) será expressa como ele busca, isto é, conveniente e otimamente? Sei que a língua toscana torna-se tanto mais bela quanto mais é ornada de figuras e de sutilezas escolhidas; mas isso nem sempre acontece, porque, assim como uma meretriz parecerá tanto mais bela quanto melhor vestida e mais penteada; e assim como aquelas vestes e aqueles ornamentos e penteados, que a tornam bela, não conviriam a uma

poi si disdicono. Sempre si ha da pressuporre che lo autore che si traduce habbia havuto riguardo alla natura delle cose; e che habbia quelle vestite di convenevoli vesti imitate et ornate di gemme secondo il loro grado. Se già l'huomo non si dessi a tradurre autore meno che mediocre, il che non credo. Coloro che dicono che si deve haver riguardo alla proprietà di termini, e altre figure della lingua nella quale procacciano portare acconciamente alcuna cosa; pare che vogliono inferire che la lingua toscana sia non povera, ma poverissima; e che ella non possa arrivare al sentimento della latina se non con giri di parole. Et io dico che ella, fuori che in pochissime parole, può abbracciare le sentenze d'ogni autore latino; e non con giri di parole, ma con una parola semplice una semplice; con una congiunta, una congiunta; e con una traslata, una traslata. Et se alcune parole si troveranno, che non possano essere abbracciate dalle Toscane, quelle saranno poche; e si potranno lasciare senza biasimo, come ella stanno, si come anco i traduttori di greco in latino hanno lasciate alcune parole greche nella loro giacitura, per non havere potuto, se non con giri di parole, tirarle nella lingua latina. Io non so come costoro ardischino

matrona, assim aquelas vestes e aquelas joias e enfeites, que tornam algumas ideias mais belas do que outras, não lhes convêm. Há que se pressupor sempre que o autor que se traduz tenha dado atenção à natureza das coisas; e que as tenha vestido com roupas convenientes imitadas e ornadas de gemas segundo o grau delas. A menos que alguém se ponha a traduzir um autor que esteja abaixo da média, o que não creio. Aqueles que dizem que se deve dar atenção à propriedade dos termos e outras figuras da língua na qual procuram trazer adequadamente alguma coisa, parece que querem inferir que a língua toscana seja não pobre, mas paupérrima; e que ela não possa expressar o sentido da latina senão com circunlóquios. E eu digo que ela, exceto em pouquíssimas palavras, pode abarcar as sentenças de todos os autores latinos; e não com circunlóquios, mas com uma palavra isolada, uma isolada; com uma agrupada, uma agrupada; e com uma figurada, uma figurada. E se algumas palavras se encontrarem que não puderem ser compreendidas pelas toscanas, serão poucas e poderão ser deixadas como estão, sem censura, assim como também os tradutores de grego em latim deixaram algumas palavras gregas no repouso delas, por não terem

di dire queste cose; perché bisognerebbe che il mondo fosse rinovato, e che tutte le cose, le quali furono da gli antichi abbracciate con le parole, fossero estinte, e che in suo luoco ne fossero nate dell'altre di diverso genere e spetie, e per conseguentemente fosse necessario trovare altri vocaboli per esprimerle; mai generi e le spetie delle cose che erano, sono ancora hoggidi. Et quantunque i Mori, i Persi, gl'Indi, gli Arabi, i Caldei, i Greci, i Francesi, li Spagnoli, gl'Italiani, e gli altri usino vario linguaggio, nondimeno, ciascuno nella sua lingua ha vocaboli da potere nominare quasi ciascuna cosa. Voglio dire che ogni natione ha parole bastevoli as isprimere quasi tutte le cose; e concludo che, sendo così come è con effetto, noi possiamo ridurre nella nostra lingua gli autori latini gentilissimamente, e tanto più comodamente, quanto che i latini non hanno toche quelle cose che sono fuori della nostra cognitione, o pochissime. Ma a che vo io argomentando sopra ciò, se già non pure abbiamo Virgilio nella nostra lingua le famigliari di Cicerone, le epistole ad Attico, l'Oratore, l'orationi, la Rettorica, Valerio Massimo, Tito Livio, la Politica, l'Etica, e la Rettorica d'Aristotile, e quasi tutti i buoni

conseguido, senão com circunlóquios, expressá-las na língua latina. Não sei como alguns ousam dizer estas coisas, porque seria preciso que o mundo fosse renovado, e que todas as coisas, as quais foram compreendidas com as palavras pelos antigos, fossem extintas e que em seu lugar nascessem outras de gênero e espécie diferente e, por conseguinte, fosse necessário encontrar outros vocábulos para exprimi-las; pois os gêneros e as espécies das coisas que existiam ainda existem hoje em dia. E embora os mouros, os persas, os hindus, os árabes, os caldeus, os gregos, os franceses, os espanhóis, os italianos e os outros usem linguagem diferente, contudo, cada um na sua língua tem vocábulos para poder nomear quase todas coisas. Quero dizer que cada nação tem palavras suficientes para exprimir quase todas as coisas; e concludo que, sendo assim como é, com efeito, podemos traduzir na nossa língua os autores latinos com muita elegância, e muito mais adequadamente, pois os latinos têm poucas coisas, ou pouquíssimas, que estão fora do nosso conhecimento. Mas, o que quero eu argumentando sobre isso, como se não tivéssemos, pois, na nossa língua, Virgílio, as familiares de Cícero, as epístolas a

autori latini; Ma il dottissimo Ruscelli, vero ornamento, anzi chiarissimo Sole di questa lingua, ha potuto tirare in essa opere di Plutarco greche; un gentiluomo Firentino ha potuto tradurre (per non andare altri nominando) di greco in volgare due orationi, l'una di Eschine contra di Tesifonte, l'altra di Demostene a sua difesa. In fine questa lingua può rappresentare non i corpi interi solamente, ma i membri separatamente, e l'anima de gli autori o greci, o latini. Nè bisogna dire che faccia mestiero di usar giri di parole; perché le cose semplici in ciascuna favella si possono chiamare semplicemente; e se noi diciamo al pane, pane in una parola sola, così gli altri, e questo e altro chiamano in loro linguaggio con una parola sola. Il parlar figurato poi è commune a tutte le lingue, ma però è necessario usarlo convenevolmente, e con riguardo grandissimo, che in questa lingua poi si veggia ricchezza e maestà; le tante cose trasportate in lei ce lo danno molto bene a dividere. Vi si aggiunge ancora questa altra ragione, che si verrebbe a mostrare di non intendere la significazione delle parole, ogni volta, che attendissimo alla sentenza sola.

Ático, o Orador, as orações, a Retórica, Valério Máximo, Tito Lívio, a Política, a Ética e a Retórica de Aristóteles, e quase todos os bons autores latinos. Mas o doutíssimo Ruscelli¹⁶¹, verdadeiro ornamento, aliás, sol brilhante desta língua, pode tirar nela obras gregas de Plutarco; um gentil-homem Florentino pode traduzir (para não citar outros) de grego em vulgar duas orações, uma de Ésquines contra Ctesifão, a outra de Demóstenes em sua defesa. Enfim, esta língua pode representar não somente os corpos inteiros, mas os membros separadamente e a alma dos autores gregos, ou latinos. Nem é preciso dizer que se esforce para usar circunlóquios, porque as coisas simples em cada língua se podem nomear simplesmente; e se dizemos pão ao pão, em uma só palavra; assim os outros, e este e outro chamam na linguagem deles com uma só palavra. O falar figurado, pois, é comum a todas as línguas; mas é necessário usá-lo convenientemente e com cuidado muito grande, para que depois se veja riqueza e majestade nesta língua; e que as tantas coisas transportadas nela se ajustam muito bem. Acrescenta-se ainda esta outra razão, que viria mostrar

161 Girolamo Ruscelli, escritor italiano do século XVI, autor de temas diversificados.

Ma lasciamo queste cose da canto e passiamo al rimanente. Fa mestiero eziandio che l'interprete sia chiaro nei sensi e facile nello stile; che alla gravità delle sentenze dia idioma convenevolmente lucido e ornato. In una descrittione, esclamatione e simile, dee lasciar le parole dove si trovano, e tradur le semplici semplicemente, e l'altre, altramente, cioè secondo la loro qualità; perché sta meglio una parola che un'altra, e suona meglio posta in un luoco che nell'altro; onde mettendo parola diversa da quella, come farebbe per un semplice, un congiunto, overo un traslato; e in un luoco diverso da quello ove prima sedeva, si verrebbe a torle l'harmonia, e la dignità insieme; perché secondo che i grandi, i luochi e le sedi si danno a gli huomini secondo la loro dignità. Il somigliante interviene delle parole. Tutto questo dico, perché a giù ditio mio non si dee tradurre una parola con una parola fuori del suo genere; ne meno avvertire solamente di spiegar la sentenza, usando quelle parole che più ci piace; perché si guasterebbono le più belle parti che havesse l'oratione, e che io parli con fondamento; poniamo che alcuno tirasse in volgare qualche narratione, di quelle che Stefano Piazzone adduce per esempio ne' suoi

não entendermos a significação das palavras toda vez que atentássemos só à sentença. Mas deixemos estas coisas de lado e passemos ao restante. É preciso também que o intérprete seja claro nos sentidos e fácil no estilo; que dê idioma adequadamente lúcido e ornado à sobriedade das sentenças. Em uma descrição, exclamação e símil, deve deixar as palavras onde se encontram e traduzir as isoladas simplesmente, e as outras, de outro modo, isto é, segundo a qualidade delas; porque fica melhor uma palavra que uma outra, e soa melhor posta em um lugar do que no outro; em que, colocando palavra diferente daquela, como faria para uma isolada uma agrupada, ou uma figurada; e em um lugar diferente daquele onde antes se situava; ver-se-ia tirar-lhe a harmonia, e junto a dignidade; porque os grandes lugares e sedes dão-se aos homens segundo a sua dignidade. Algo semelhante ocorre com as palavras. Digo tudo isto porque, a meu juízo, não se deve traduzir uma palavra com uma palavra fora do seu gênero; nem sequer tentar explicar a sentença usando aquelas palavras de que mais gostamos; porque se desgastariam as partes mais belas que a oração tivesse, e que eu fale com fundamento. Suponhamos que alguém tirasse em vulgar alguma narração daquelas que

preesercitamenti: Se alcune di loro è pel retto, alcuna per l'obliquo, alcuna pel coniuittivo, alcuna pel comparativo, alcuna pel dissolutivo, ogni volta che il traduttore traducesse quella del retto, in uno obliquo, e quella dell'obliquo in un retto, e così le altre, in altra maniera, non guasterebbe egli, e la bellezza, e la natura di essa narratione? Et non farchh'egli opera tutta contraria alla intentione dello autore? Laquale è, che l'huomo usi la narratione del retto nelle historie, nelle orationi, e ne i poemi. Quella dell'obliquo, ne gli oratori contrasti; Quella del coniuittivo, nelle argomentationi; Quella del dissolutivo, nelle perorationi; e quella del comparativo, dove altrui tornerà meglio? Elle sono pur diverse, e servono a diverse professioni, e a diverse cose. Convorrà, adunque, che il traduttore, volendo spiegar in questa lingua l'esempio della narratione, ch'egli va pel retto; cioè: *“Medea Oetae Regis Colchorum fuit. Haec/ Patrem prodidit, et uellus aureum Iasoni tradidit,/ Et Absyrtum fratrem dilaceravit.”*

Che la spieghi in questo modo: Medea d'Oeta Rè de' Colchi fu figliuola, costei tradì il padre, e il

Stefano Piazzone¹⁶² apresenta, por exemplo, nas suas exercitações: Se alguma delas é pelo [caso] reto, alguma pelo oblíquo, alguma pelo conjuntivo, alguma pelo comparativo, alguma pelo dissolutivo, toda vez que o tradutor traduzisse aquela do [caso] reto em um oblíquo, e aquela do oblíquo em um reto, e assim as outras, em outra maneira, não arruinaria ele a beleza e a natureza dessa narração? E não estaria ele fazendo um trabalho todo ao contrário à intenção do autor? Que se use a narração do caso reto nas histórias, nas orações e nos poemas. Aquela do oblíquo, contraste nos oradores. Aquela do conjuntivo, nas argumentações. Aquela do dissolutivo, nas perorações; e aquela do comparativo, onde alguém fará melhor? Elas são, pois, diferentes e servem a diferentes profissões e a diferentes coisas. Convém, então, que o tradutor, querendo explicar nesta língua o exemplo da narração, vá pelo [caso] reto; isto é: *“Medea Oetae Regis Colchorum fuit. Haec Patrem prodidit, et uellus aureum Iasoni tradidit, Et Absyrtum fratrem dilaceravit.”*

Que a explique deste modo: Medeia de Eetes Rei da Cólquida

162 Stefano Piazzone, bresciano de Asola, era um famoso professor de gramática e retórica em Veneza na primeira metade do século XVI.

vello d'oro Diede a Giasone, e Assirto suo fratello sbranò.

Se vorrà spiegar quella per l'obliquo, cioè: "*Medeam Oetae Regis Colchorum filia dicunt Iasonem adamasse, hac patre prodidisse, e uellus aureum Jasoni tradidisse: Et hanc ipsam Absyrtum fratrem dilacerauisse.*"

Che la spieghi in questo modo: Medea d'Oeta Rè de' Colchi figliuola dicono havere amato Giasone, costei, haver tradito il Padre, e 'l vello d'oro haver dato a Giasone, e la medesima havere Assirto suo fratello sbranato.

Pel conuittivo, cioè: "*Non ne Medea patrem prodidit? Non ne uellus aureum Jasoni rapiendum tradidit? Non ne Absyrtum fratrem per agros crudeliter dilacerauit?*"

Così non ha Medea tradito il padre? Non ha ella dato a rapire il vello d'oro a Giasone? Non ha ella Assirto suo fratello per le campagne crudelmente sbranato?

Pel comparativo, cioè: "*Medea che uirgo intacta pudicitiam seruare debuit; turpitudine amoris uieta, pudorem omnem amisit. Et Medea, quae natura, ac bonarum filiarum consuetudine patrem tutari debuit, eum scelerata prodidit, et quae Regnum seruare debuit, uellus aureum insidiatori tradidit. Medea, quae fraterno amore prosequi debuit; eum crudeliter in diuersas partes dilaniauit.*"

foi filha, esta traiu o pai, e o velo de ouro deu a Jasão, e Absirto seu irmão esquartejou.

Se quiser explicar aquela pelo caso obliquo, isto é: "*Medeam Oetae Regis Colchorum filia dicunt Iasonem adamasse, hac patre prodidisse, e uellus aureum Jasoni tradidisse: Et hanc ipsam Absyrtum fratrem dilacerauisse.*"

Que a explique deste modo: Medeia de Eetes Rei da Cólquida filha dizem ter amado Jasão, ter traído o Pai, e o velo de ouro haver dado a Jasão, e a mesma ter Absirto seu irmão esquartejado.

Pelo conjuntivo, isto é: "*Non ne Medea patrem prodidit? Non ne uellus aureum Jasoni rapiendum tradidit? Non ne Absyrtum fratrem per agros crudeliter dilacerauit?*"

Assim Medeia não traiu o pai? Não deu ela a surrupiar o velo de ouro a Jasão? Não despedaçou ela crudelmente Absirto seu irmão pelos campos?

Pelo comparativo, isto é:

"*Medea que uirgo intacta pudicitiam seruare debuit; turpitudine amoris uieta, pudorem omnem amisit. Et Medea, quae natura, ac bonarum filiarum consuetudine patrem tutari debuit, eum scelerata prodidit, et quae Regnum seruare debuit, uellus aureum insidiatori tradidit. Medea, quae fraterno amore prosequi debuit; eum crudeliter in diuersas partes dilaniauit.*"

Così: Medea, che sendo vergine, intatta la pudicitia conservar dovea; da dishonesto amor vinta, la pudicitia tutta perdetto. Et Medea, che secondo la natura, e l'usanza delle buone figliole, il padre difender dovea, esso la scelerata tradì, e quella che il regno conservar dovea; il vello d'oro allo insidiatore concesse. Medea, che il fratello con fraterno amore abbracciar dovea; lui crudelmente in diverse parti stracciò.

Pel dessorutivito, cioè: "*Medea patrem prodidit, uellus aureum isidiatori tradidit, Iasonem relicto, et patre, et patria est secuta, Absyrtum fratrem crudeliter laceravit.*"

Così: Medea il padre tradì, il vello d'oro allo insidiatore diede entro le mani; Giasone abbandonato il padre; e la patria, seguì; Assirto suo fratello crudelmente lacerò: Chi non vede e conosce, che se cotali narrationi fossero tradotte con giri di parole e con figure, elle sarebbero malamente tradotte; e non farebbero l'effetto di servire più as un professore, che all'altro; né più ad una cosa, che altra?

Il medesimo intervorrà a ciascuno che vorrà tradurre senza por mente alle qualità delle cose, e delle parole ch'ei tradurrà. Importa anco moltamente l'osservar i retti, i genitivi, i dativi, gli accusativi, i vocativi, e gli ablativi; perché

Assim: Medeia, que sendo virgem, intacta a pudicícia conservar devia; pelo desonesto amor vencida, a pudicícia toda perdeu. E Medeia, que segundo a natureza, e costume das boas filhas, o pai defender devia, este a celerada traiu, e aquela que o reino conservar devia; o velo de ouro ao inimigo concedeu. Medeia, que o irmão com fraterno amor abraçar devia; ele cruelmente em diversas partes despedaçou.

Pelo dissolutivo, isto é: "*Medea patrem prodidit, uellus aureum isidiatori tradidit, Iasonem relicto, et patre, et patria est secuta, Absyrtum fratrem crudeliter laceravit.*"

Assim: Medeia o pai traiu, o velo de ouro ao inimigo deu entre as mãos; Jasão, abandonado o pai; e a patria, seguiu; Absirto seu irmão cruelmente dilacerou: Quem não ve e conhece, que se tais narrações fossem traduzidas com rodeios de palavras e com figuras, elas seriam mal traduzidas; e não fariam o efeito de servir mais a um professor, que ao outro; nem mais a uma coisa, que outra?

O mesmo sucederá a alguém que quiser traduzir sem atenção às qualidades das coisas e das palavras que ele traduzirá. Importa muito também observar os [casos] retos, os genitivos, os dativos, os acusativos, os vocativos e os ablativos; porque sendo um desses

sendo uno di questi così, più proprio ad una elocutione che l'altro; se volgendo essa elocutione in volgare si darà allo stesso caso l'articolo, e il segno, che gli si conviene: dubbio non è, che si tradurrà meglio, e più propriamente; come si volesse tradurre gli essempli de' casi che dà il medesitore nel medesimo libro; se'latino pel retto dice: "*M. Portius Cato dixit, leges neruos esse ciuitatum.*" Si tradurrebbe: M. Portio Catone disse, le legi essere i nervi delle città.

Pel genitivo: "*M. Portii Catonis dictum fertur leges neruos esse ciuitatum.*" Così: Di M. Portio Catone si predica ch'egli è detto le legi essere i nervi delle città.

Pel dativo: "*Marco Portio Catoni placuit dicere leges neruos esse ciuitatum.*"

A Marco Portio Catone piacque di dire le legi essere i nervi delle città.

Per l'accusativo: "*Marcum Portium Catonem dixisse ferunt leges neruos esse ciuitatum.*"

Così: M. Portio Catone predicano haver detto, le legi essere i nervi delle città.

Pel vocativo, così: "*O M. Portio Catone egregiamente dicesti le legi essere i nervi delle città.*"

Per l'ablativo: "*A M. Porto Catone dictum accepimus leges neruos esse ciuitatum.*"

Così: Da M. Portio Catone

mais próprio a uma elocução do que outro, vertendo-se essa elocução em vulgar se der ao mesmo caso o artigo e o sinal que se lhe convém, não há dúvida de que se traduzirá melhor e mais propriamente; como se quisesse traduzir os exemplos dos casos que o mesmo autor dá no mesmo livro; se o latino pelo reto diz: "*M. Portius Cato dixit, leges neruos esse ciuitatum.*"

Traduzir-se-ia: M. Pórcio Catão disse, as leis serem os nervos das cidades.

Pelo genitivo: "*M. Portii Catonis dictum fertur leges neruos esse ciuitatum.*"

Assim: De M. Pórcio Catão afirma-se que ele tenha dito serem as leis os nervos das cidades.

Pelo dativo: "*Marco Portio Catoni placuit dicere leges neruos esse ciuitatum.*"

A Marco Pórcio Catão agrada dizer as leis serem os nervos das cidades.

Pelo acusativo: "*Marcum Portium Catonem dixisse ferunt leges neruos esse ciuitatum.*"

Assim: M. Pórcio Catão afirmam haver dito as leis serem os nervos das cidades.

Pelo vocativo:

Assim. Ó M. Pórcio Catão, egregiamente disseste as leis serem os nervos das cidades.

Pelo ablativo: "*A M. Portio Catone dictum accepimus leges*

abbiamo inteso essere stato detto; le legi essere i nervi delle città.

Et simile regola s'ha da tenere nel numero del più; ma ancora che io habbia ragionato delle parole, che sono le vesti delle sentenze, pur voglio ragionare di nuovo per agevolarvi la strada. Havete da sapere, adunque, che bisogna osservare la qualità delle parole, la quantità delle sillabe loro, e il luoco dove elle saranno collocate. Se le parole dello autore, che l'huomo prende a volgere in lingua volgare, saranno chiare, illustri, vaghe, dolci, dure, cadenti, gravi, alte, aspre, e in fine d'altra maniera, sarà constretto il buono interprete a sceglierne traducendo d'aspre, d'alte, gravi, cadenti, dure, dolci, vaghe, sonanti, illustri, chiare, e d'altra maniera; e a rispondere a tutte d'una in una secondo la loro qualità, cioè con una aspra a un'aspra, con una dolce a una dolce, e così delle altre. Bisogna osservare quelle di più sillabe, e manco sillabe, e se possibile è trovare una parola della medesima quantità de sillabe; come se si traducesse *lucidus*, dire lucido, e non chiaro; perché lucido ha 3 sillabe, come ha il nome latino lucido; e così *obscurus*, oscuro, e non tenebroso; altrettanto si farà nelle altre voci, secondo la quantità delle sillabe loro; e di più si ha avvertire alla loro lunghezza, e brevità, come in tradurre *lucidus*

neruos esse ciuitatum.”

Assim: Por M. Pórcio Catão entendemos ter sido dito as leis serem os nervos das cidades.

E semelhante regra há que se ter também no número; mas ainda que eu tenha falado das palavras, que são as vestes das sentenças, quero falar de novo para vos facilitar o caminho. Haveis de saber, pois, que é preciso observar a qualidade das palavras, a quantidade das sílabas e o lugar onde elas serão colocadas. Se as palavras do autor que se toma para verter em língua vulgar são claras, ilustres, graciosas, doces, duras, cadentes, sóbrias, altas, ásperas, e enfim de outra maneira, o bom intérprete será obrigado a escolhê-las, traduzindo com ásperas, altas, sóbrias, cadentes, duras, doces, graciosas, soantes, ilustres, claras, e de outra maneira; e a responder a todas de uma em uma, segundo a sua qualidade, isto é, com uma áspera a uma áspera, com uma doce a uma doce, e assim com as outras. É preciso observar aquelas de mais sílabas e menos sílabas e, se for possível, encontrar uma palavra da mesma quantidade de sílabas; como se *lucidus* fosse traduzido dizendo lúcido e não claro; porque lúcido tem três sílabas, como tem o nome latino lúcido; e assim *obscurus*, obscuro e não tenebroso; tanto quanto se fará nas outras palavras, segundo a

ho detto che si dee porre lucido e non chiaro, perché lucido è di tante sillabe di quante è il latino, così, ora dico che starà meglio lucido che lucente; quantunque lucente sia della medesima quantità di sillabe, per rispetto della natura delle sillabe loro, che in lucente elle sono lunghe, in lucido brevi, e della stessa natura delle latine. Ne vi paia strano ch'io la cerchi così per sottile, perché si come nel suono de gl'instrumenti importa infinitamente il tempo, e se non si sonasse a tempo, l'armonia riuscirebbe ingrata, così non servando il tempo, che portano con loro le sillabe lunghe e brevi, il suono della traduzione riesce è del tutto ingrato, o poco grato; pure a così stretta legge non arderei altrui. È ben vero ch'io, obligandomi ci alcuna volta, ho trovato fare opera più lodevole d'assai, che facendo scioltamente e a modo mio. Devesi parimente haver l'occhio ai luochi dove sono collocate le parole, perché una parola è più sonora in un luoco che in un'altro; onde giudico e tengo per certo che il traduttore sia obligato a porre il verbo volgare, traducendo, dove è il latino, il nome dove è il nome, il pronome dove è il pronome, e così tutte le altre parti dell'oratione, se già non vedesse che fosse troppo cattivo suono, e numero, che allhora poi farà bene a interporre, o posporre,

quantidade das suas sílabas. E há que se observar ainda a duração e brevidade, como eu disse que se deve traduzir *lucidus* por lúcido e não claro, porque lúcido tem tantas sílabas quantas tem o latim. Assim, agora digo que ficará melhor *lucido* do que luzente; embora luzente seja da mesma quantidade de sílabas, em respeito à natureza das suas sílabas, que em luzente elas são longas, em lúcido breves, e da mesma natureza das latinas. Não vos pareça estranho que eu a trate assim por sutil, porque, se como no som dos instrumentos o tempo importa infinitamente e, se não se soasse a tempo, a harmonia tornar-se-ia desagradável, assim, não observando o tempo que trazem consigo as sílabas longas e breves, o som que resulta da tradução é inteiramente desagradável, ou pouco agradável. Eu nem me atreveria a dar tão estrita lei a outros. É bem verdade que eu, obrigando-me nisso algumas vezes, procurei fazer um trabalho muito mais louvável do que fazendo livremente e do meu modo. Deve-se parimente ficar de olho nos lugares onde são colocadas as palavras, porque uma palavra é mais sonora em um lugar do que em outro, em que julgo e tenho por certo que o tradutor, traduzindo, seja obrigado a colocar o verbo vernáculo onde está o

o porre dinanzi quella voce che conoscerà apportare più d'ornamento e di vaghezza alla tradottione. Altrettanto farà de gl'infiniti, de' participi, de' superlativi, e delle altre ditioni che egli andrà trovando. Per questo si giudica le novelle del Boccaccio essere così numerose, perché egli le habbia prima fatte latine; e poi tradotte in volgare; obligandosi a rispondere con la tradottione ad ogni parola secondo la sua natura, e a porla (quando acconciamente fare lo potea) nel luoco, ove ella latinamente giacea. Nellaquale opinione mi confermano li scritti di pugno d'esso Boccaccio, i quali al presente sono in mano del Clarissimo M. Domenego Veniero, unica e sempiterna gloria delle muse Italiane, e mio Signore singularissimo, e quando anco questo non fosse, che il Boccaccio cioè non avesse fatto questa fatica; si vede nondimeno e chiarissimamente, che le lettere di Monsignor Bembo per questo sono più belle (e siami con pace de' nostri scrittori lecito dirlo) di quante hoggidi si leggono; perché egli ha servato nello scriverle il numero di Cicerone, e i concetti, e le forme, che esso usa nelle sue lettere latine. Pervenire alla

latino; o nome onde está o nome, o pronome onde está o pronome; e assim todas as outras partes da oração, a menos que percebesse que o som tivesse ficado muito ruim, e o número, pois então faria bem em interpor, ou pospor, ou por antes aquela palavra que saberá trazer mais ornamento e graça à tradução. Tanto quanto fará com os infinitivos, com os participios, com os superlativos e com as outras formas que ele for encontrando. Por isso julga-se as novelas do Boccaccio serem assim numerosas, porque ele as havia antes feito latinas e depois traduzido-as em vulgar, obrigando-se a responder com a tradução a cada palavra segundo a sua natureza, e a colocá-la (quando podia fazê-lo adequadamente) no lugar, onde esta estava no latim. Nesta opinião confirmam-me os escritos de punho do Boccaccio, os quais, ao presente, nas mãos do ilustríssimo Senhor Domenico Venièr¹⁶³, única e sempiterna glória das musas italianas e meu Senhor singularíssimo, e quando isso ainda não fosse, que o Boccaccio, isto é, não houvesse feito este trabalho, já se vê, e claramente, que as cartas de Monsenhor Bembo por isso são mais belas (e seja-me lícito dizê-

163 Domenico Venièr (1517-1582), literato veneziano, louvado compositor de versos. Sua casa foi o centro do grupo dos petrarquistas e bembistas.

conchiusione, dico che il traduttore deve servare la medesima inventione che haverá servato l'autore ch'egli traduce, per tutto dove potrà farlo; che lo potrà far quasi sempre, eccetto in pochissimi luochi; che pel loro poco numero non sono da essere posti in consideratione. Et questo poco numero ancora, a chi vorrà durar fatica entrerà benissimo in questa regola. Nè distrugge l'opinion mia quello che scrive Cicerone nell'ottima sorte d'Oratori, quando dice che ha tradotte due orationi, una d'Eschine, e l'altra di Demostene, attendendo solamente alle sentenze greche, e vestendole di parole; che presso i latini più in uso erano, con quello che segue. Perché ivi Cicerone non fa professione d'insegnare a tradurre, ma di scoprire un'ottima maniera d'orare, quale dovette poi essere imitata da gli Oratori latini senza che è forza, che nel tradurre di greco in latino così si faccia; perché se non tutte le parole greche, la maggior parte almeno significano tanto, che a voler spiegare la significazione di una in loro, conviene usare due, tre, e più parole latine. Basta, che in quel luoco, dove Cicerone così parla, ha intentione di mostrare una ottima sorte di Oratori, con la maniera delle parole che i latini avessero ad usare, e non

lo, com a paz dos nossos escritores) de quantas hoje se leem; porque ele observou, ao escrevê-las, o número de Cícero e os conceitos e as formas que este usa nas suas cartas latinas. Para chegar à conclusão, digo que o tradutor deve observar a mesma invenção que terá observado o autor que ele traduz, por tudo onde puder fazê-lo; que o poderá fazer quase sempre, exceto em pouquíssimos lugares, que pelo seu pouco número não merecem ser postos em consideração. E este pouco número ainda, a quem quizer submeter-se, entrará muito bem nessa regra. Nem destroi a minha opinião aquilo que Cícero escreve na melhor espécie de oradores, quando diz que traduziu duas orações, uma de Ésquines e outra de Demóstenes, atentando somente às sentenças gregas, e vestindo-as com as palavras que estavam mais em uso entre os latinos, com o que segue. Porque ali Cícero não tem intenção de ensinar a traduzir, mas de descobrir uma maneira melhor de discursar; a qual deveria depois ser imitada pelos oradores latinos sem obrigação que assim se faça no traduzir de grego em latim; porque, se não todas as palavras gregas, ao menos a maior parte significam tanto que, para explicar a significação de uma delas, convém usar duas, três, e mais

d'insegnare a tradurre, come ho detto; e che questo sia vero, egli stesso si dichiara, dicendo: "*Nec conuerti, ut interpre; sed ut Orator*

Adunque, è manifesto che altra cosa è il traduttore, altra l'Oratore, e altra sa il volere insegnare ad orare. Con tutto ciò, Cicerone non volse affatto uscir di questa regola, ancora che non avesse pensiero d'insegnare a tradurre, ma promesse di starci dentro, quanto più potea. Il che verificano le sue istesse parole:

Quorum ego orationes si, ut spero, ita expressero, uirtutibus utans illorum omnibus, idest sententiis; et earum figuris, et rerum ordine, uerba per sequens eatenus, ut ea non abhorreant a more nostro, etc.

Et con questo me vi raccomando.

palavras latinas. Basta, pois naquele lugar, onde Cícero fala assim, tem intenção de mostrar uma melhor espécie de oradores, com a forma das palavras que os latinos tinham para usar; e, como eu disse, não de ensinar a traduzir. E que isso é verdade ele mesmo declara, dizendo: "*Nec conuerti, ut interpre; sed ut Orator.*"^{164.,}

Então fica claro que uma coisa é o tradutor, outra o orador; e outra sabe quem quer ensinar a discursar. Com tudo isso, Cícero não quis de fato sair desta regra, ainda que não tivesse intenção de ensinar a traduzir, mas prometeu ficar dentro, quanto mais podia. O que confirmam as suas próprias palavras:

*Quorum ego orationes si, ut spero, ita expressero, uirtutibus utans illorum omnibus, idest sententiis; et earum figuris, et rerum ordine, uerba per sequens eatenus, ut ea non abhorreant a more nostro*¹⁶⁵ etc.

E com isso me despeço.

164 "Não traduzi como intérprete, mas como orador". [*De opt. gen.*, V.14 e VII. 23]

165 "Se, como eu espero, assim tiver expressado os discursos deles servindo-me de todos os seus valores, isto é, com as sentenças e suas figuras, e na ordem das coisas, acompanhando as palavras até que elas não se afastem do nosso uso". [*De opt. gen.*, 20-23]

7. A DIGNIFICAÇÃO DO VERNÁCULO EM PORTUGAL

7.1 DAMIÃO DE GÓIS E A *DEDICATÓRIA A D. FRANCISCO DE SOUSA* (1538)

Do que, ainda que bem pudera, não quis ser fabricante, contentando-me antes seguir Marco Túlio Cícero (Damião de Góis, 1538).

O humanista português Damião de Góis nasceu em Alenquer, em 1502, filho de Rui Dias de Góis, fidalgo que havia servido o pai de D. Manuel, e Isabel Gomes de Limi, descendente de comerciantes flamengos estabelecidos em Portugal; foi historiador, epistológrafo, viajante, diplomata e funcionário régio.

Em 1511, ingressou no serviço no paço, como pajem de lança, tornando-se amigo do príncipe D. João. Aos 11 anos, ficou órfão de pai e aos 16 tornou-se moço de câmara de D. Manuel. Após a morte deste, em 1521, o novo do rei, D. João III, enviou-o para a Antuérpia, onde ocupou o cargo de secretário da feitoria, junto ao então nomeado feitor Rui Fernandes de Almada.

Exceto uma breve estada, em 1533, Damião viveu fora da sua terra natal até 1545, quando retornou definitivamente a Portugal. Neste período, peregrinou em muitas cidades da Europa, onde adquiriu experiência em contato com a diversidade de ideias, desempenhando tarefas ao serviço da coroa e do rei.

Em missão de caráter comercial e diplomático, viajou para muitos lugares, como Dantzig, Upsala, Louvain, Paris, Vilnius, Estrasburgo, Cracóvia, Polónia e Dinamarca. Em 1531, conheceu Lutero e Melanchton, em Wittemberg. Em 1534, hospedou-se na casa de Erasmo de Rotterdam, em Friburgo. Teve contato com vários outros humanistas, como Glareanus, Amerbach, Dürer e Münster.

Frequentou a universidade de Pádua durante cinco anos e andou pela Itália, onde conviveu com os cardeais Bembo e Sadoletto e o historiador e geógrafo Ramúsio. Conheceu Inácio de Loyola, completou a sua formação em Louvain, onde frequentou o Colégio Trilingue e casou com Joana van Hargen, filha de um conselheiro flamengo da corte de Carlos V. Ali ele publicou dois textos em latim.

Depois, participou da defesa ao cerco de Louvain pelas tropas francesas, tendo sido feito prisioneiro e libertado em 1543. No ano seguinte, retornou a Portugal, com a família, a pedido de D. João III e D.

Catarina, para assumir o cargo de mestre do príncipe herdeiro. Nesse mesmo ano, enquanto iniciavam-se os trabalhos do concílio ecumênico em Trento, Góis sofreu sua primeira denúncia à Inquisição, por heterodoxia.

Em 1548, assumiu o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo, onde dispunha dos arquivos régios, tendo sido encarregado, dez anos mais tarde, pelo cardeal D. Henrique, de redigir a crônica do rei, a qual foi publicada em 1566, intitulada *Crônica do Felicíssimo Rei D. Manuel*. Em 1571, foi novamente denunciado à Inquisição, acusado de heresia. Foi preso e, no ano seguinte, condenado como “hereje, luterano, pertinaz e negativo” (BUESCU, s.d.). Após ter todos os seus bens confiscados, morreu, em Janeiro de 1574, em condições pouco claras, sendo sepultado na igreja de Santa Maria da Várzea, em Alenquer.

Damião de Góis escreveu muitas obras e acerca de temas variados. Em latim, língua que teria aprendido já em idade adulta (SILVA NETO, 1986, p. 446), fez a versão da carta da Rainha Helena da Etiópia a D. Manuel, em 1509; em 1531, escreveu uma carta ao bispo de Upsala, *Damianus de Gooes Lusitanus amplissimo patri D. Ioanni Magno Gotho, Archiepiscopo Wpsalensi in regno Sueciae*, em que retribuía ao referido bispo, seu amigo, no exílio, o pedido de informações acerca da fé e dos costumes do Preste João. Quando estava em Louvain, em 1539-40, redigiu os textos *Commentarii Rerum Gestarum in India* e *Fides, Religio, Moresque Aethiolorum sub Imperio Preciosi Joanni*, obra esta influenciada pelas ideias de Erasmo. Destacase, também, o *Liber Ecclesiastes*, que se encontra na edição da *Bíblia Poliglota de Alcalá* (1517), Tomo III, como “Antecedente histórico-editorial” da versão de Damião de Góis (MIRANDA, 2010, p. 416).

Como tradutor, a sua obra de maior destaque, publicada em Veneza, em 1538, é a versão para o português do *Livro de Marco Tullio Ciceram chamado Catam maior, ou da velhice, dedicado a Tito Pomponio Attico*, cuja dedicatória, “Ao muito ilustre Senhor D. Francisco de Sousa”, apresentado nesta seleção.

Esta carta-dedicatória de Damião de Góis, como era de costume entre os humanistas, está estruturada de acordo com os princípios da composição retórica. Na introdução, em que diz oferecer consolação ao amigo em virtude de a velhice estar se aproximando deste, ele justifica a sua opção de traduzir em vez de compor e, apoiando-se na autoridade de Cícero, expõe suas concepções a respeito da tradução da filosofia antiga.

O valor da tradução, para ele, consiste na fidelidade às autoridades do passado, por excelência Cícero e Jerônimo, “os quais mostram assaz ser igual e maior glória a do bom trasladador daquela que se deve ao bom compositor. Que é comum opinião de todos os antigos e modernos sabedores.” (p. 552)

Nesta passagem, ele aproveita a ocasião para demonstrar sua consideração a Erasmo, de quem havia sido hóspede e de cujas ideias era grande simpatizante, inclusive a respeito da tradução: “Que cousa, dizia, pode ser de mor glória que mostrar aos Latinos em sua própria língua a elegância e a prudência grega? e aos gregos a latina? E assim das outras linguagens.” (p. 553) O movimento entre as línguas, que para muitos seguia o curso apenas do grego em direção ao latim, era visto por Erasmo também no sentido inverso e com abertura a outros idiomas.

Desse modo, Góis justifica a sua tradução palavra por palavra em português, uma vez que realizada fielmente e conforme a autoridade dos escritores clássicos, que contribui para reforçar a tradição da translação, que para ele é fielmente *ad uerbum*:

O que tudo considerado sem nenhum medo de impostura, ou talho de línguas ociosas e prontas a lançar notas sem juízo, determinei lhe pôr em nossa vulgar linguagem este livro de confortos da velhice. Pelo qual, e por cujas sentenças daremos as graças a Platão, e a Marco Túlio pelo artifício e polida ordem que em o tirar e coligir quase tudo de verbo a verbo das obras do dito filósofo teve. (p. 553)

Para captar a benevolência do destinatário, em relação ao domínio da língua portuguesa, o autor lembra-o de que esteve por muito tempo afastado de sua pátria, o que lhe serviria de desculpa para eventuais falhas no emprego correto da própria língua.

A exemplo dos antigos mestres, sua falsa modéstia, ao se comparar a estes, encontra justificativa no fato de que a tradução é útil aos que dela necessitam, e que, assim como Cícero havia beneficiado os romanos com as traduções do grego, ele estaria beneficiando os portugueses com a tradução do latim:

Nem menos arreceei usar com vossa senhoria a mesma licença usada por Cícero com Tito, o qual por na língua grega exceder todos os Romanos

tinha apelido de Ático, a quem dedicou este livro, tirado como já disse da fonte da língua grega, que foi Platão. O que fez já por Tito não poder por si alcançar naquela linguagem o mesmo, e mais que Marco Túlio, mas para que aqueles que nela não eram instituídos, por sua autoridade que era grande, a quem se o livro endereçava, com mor diligência e estudo o lessem, para que assim lendo recebessem fruto e proveito de tão divina obra. (p. 553)

Ao encerrar a carta, o autor deixa uma mensagem de otimismo para os que viverão na velhice, contra a qual sua tradução desta obra serviria, como havia dito inicialmente, de “escudo e defesa”.

O papel exercido pela tradução, na visão de Góis, é formador, principalmente em relação aos valores morais que haviam formado os cidadãos romanos e agora são trazidos ao conhecimento dos portugueses. Como tradutor, ele estaria prestando, desse modo, um serviço de utilidade aos seus compatriotas.

Dedicatória a D. Francisco de Sousa (1538)

Ao muito ilustre senhor Dom Francisco de Sousa, Conde do Vimioso, Damião de Góis manda saúde.

Desejando continuamente gratificar em parte o amor e liberalidade de ânimo que em vossa senhoria sempre achei, pressupus lhe mandar algum escudo e defesa contra a velhice, por ver segundo curso natural lhe estar já vizinha ao extremo da boa e viril idade. Do que, ainda que bem pudera, não quis ser fabricante, contentando-me antes seguir Marco Túlio Cícero (o qual não temeu trasladar de verbo a verbo em suas obras muitas sentenças e ditos de filósofos), que com engano mostrar querer de novo compor alguma coisa daquelas que já por tantos e tão divinos autores são em todas as partes da filosofia escritas, como muitas pessoas cobiçosas de glória fazem, remendando e repesando ditos e sentenças, portadas de uma e de outra parte, ordenadas sem artifício retórico, nem dialético; a memória das quais obras juntamente perece com a vida de seus escritores, e muitas vezes antes, e pela maior parte na mesma hora que são lidas. O que certo não fizeram se aconselharam com o mesmo Cícero, ou com São Jerônimo, os quais mostram assaz ser igual e maior

glória do bom trasladador daquela que se deve ao bom compositor. Que é comum opinião de todos os antigos e modernos sabedores. Nem deixarei de recitar o que daquele prudentíssimo e gravíssimo Erasmo Roterodamo, neste nosso áureo e doutíssimo século príncipe de toda doutrina e eloquência, sobre este negócio algumas vezes, juntamente com outras muitas santíssimas confabulações (pelo espaço de cinco meses que com ele em Friburgo de Brisgoia pousei) entre nós passadas ouvi. Afirmava não ter achada no estudo coisa mais árdua que trasladar, nem digna de maior louvor, fazendo-se bem; nem, pelo contrário, de maior repreensão. Que coisa (dizia) pode ser de maior glória que mostrar aos latinos em sua própria língua a elegância e prudência grega? E aos gregos a latina? E assim das outras linguagens. Nem que coisa mais abominável que o caluniar das línguas, declarando-as sem o saber, doçura e doutrina que nelas há? O que tudo considerando, sem nenhum medo de impostura, ou talho de línguas ociosas e prontas a lançar notas sem juízo, determinei-me por em nossa vulgar linguagem este livro de confortos da velhice. Pelo qual e por cujas sentenças daremos as graças a Platão, e a Marco Túlio pelo artifício e polida ordem que, no tirar e coligir quase todo de verbo a verbo das obras do dito filósofo, teve. O que ousei cometer, confiando levarem-me em conta sua doutrina e moderação, todo erro que na polícia e ornamento de nossa linguagem portuguesa nele cometer. Visto que em dezesseis anos (da força e flor de minha idade) quatro meses somente quis minha sorte estar nesses Reinos e corte, lugar de minha honra e criação, o que me invejando a fortuna logo me daí rechaçou. A qual longueza de tempo (principalmente misturada com tantos e tão vários gêneros de línguas e costumes) é assaz suficiente, não tão somente a homem ser bárbaro em sua língua, mas ainda, a de todo a esquecer. Nem menos arreecei usar com vossa senhoria a mesma licença usada por Cícero com Tito, o qual, por na língua grega exceler todos os romanos, tinha apelido de Ático, a quem dedicou este livro, tirado como já disse da fonte da língua grega, que foi Platão. O que fez não já por Tito não poder por si alcançar naquela linguagem o mesmo, e mais que Marco Túlio, mas para que aqueles, que nela não eram instituídos (por sua autoridade que era grande) a quem se o livro endereçava, com maior diligência e estudo o lessem, para que assim lendo recebessem fruto e proveito de tão divina obra. A qual bem olhada, e com divino juízo e prudência lida e considerada, não somente não duvidaria os trabalhos e misérias desta vida nos serem mui leves e doces de suportar, mas ainda poderia

prometer e afirmar que o extremo dela, por longo que fosse, nos trouxesse consigo muito maiores gostos e contentamentos, do que o em si tiveram todas as outras idades, bem e virtuosamente passadas.

7.2 JOÃO DE BARROS E O *DIÁLOGO EM LOUVOR DA NOSSA LINGUAGEM* (1540)

Que se pode desejar na língua portuguesa que ela [não] tenha? (João de Barros, 1540)

João de Barros nasceu na cidade de Viseu, ou nos seus arredores, por volta de 1496. Era filho bastardo de D. Lopo de Barros, mas recebeu boa educação e conviveu com famílias importantes. Foi acolhido, ainda muito jovem, na corte de D. Manuel I, com “todas as honras, privilégios, liberdades, graças e franquezas” (SOUSA, 2013, s. p.) que eram concedidas aos seus desembargadores, conforme deixou dito o próprio monarca.

Na corte do rei de Portugal, Barros, ainda menino, teve o primeiro contato com a gramática, bem como as demais partes do *trivium*, a retórica e a dialética. Na sequência, ele teria também tido acesso às ciências, ao latim e ao grego, que eram então matérias de estudo da nobreza. Seis anos mais velho do que D. João III, teve uma convivência muito próxima com este, assumindo, inclusive, o cargo de “guarda-roupa”, conforme declarou no Prólogo da sua primeira obra, a *Crônica do Imperador Clarimundo*.

Barros casou com D. Maria de Almeida, de Leiria, com a qual teve dez filhos, cinco meninos e cinco meninas. Em 1521, quando D. João III assumiu o trono, João de Barros foi morar em sua casa, em Lisboa, recolhendo-se, às vezes, na granja de seus sogros, conhecida como quinta da Ribeira de Alitem, junto a Pombal. Recebeu o cargo de Feitor do Castelo de S. Jorge da Mina, na Costa do Ouro, para onde partiu em 1522. Três anos depois, retornou a Lisboa, para assumir a função de tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta, que desempenhou até 1567, como responsável pela expedição das armadas e pelo comércio da África e da Ásia. Em 1535, recebeu uma capitania no Brasil, mas não obteve sucesso na administração, tendo perdido todos os seus bens e regressado mais pobre do que quando partiu. Morreu em 1570. Viveu como um homem de saberes múltiplos. Seus textos revelam que ele transitava no campo da filosofia, da história, da geografia, da gramática,

da filologia e da cultura. Apesar de sua importante obra, seu tempo não lhe prestou grandes honras. (SOUSA, 2013)

Suas principais obras são *Crônica do Imperador Clarimundo* (1522), *Décadas da Ásia, Rópica Pnefma*, ou Mercadoria Espiritual (1532), *Cartinha para aprender a ler*, com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja (1536), *Grammatica da Lingua Portuguesa e Diálogo em Louvor da nossa Lingoagem* (1540), *Diálogo da Viciosa Vergonha* (1540), *Diálogo Evangélico sobre os artigos da fé* (1543), *Diálogo de Joam de Barros com dous filhos seus sôbre preceptos moraes com prática deles em modo de jogo* (1540), *Panegíricos* (1533/1555) e outras, algumas das quais não publicadas, como *Geographia Universalis*, *Tratado de Causas ou Problemas moraes*, *História Natural do Oriente e História dos Reis da Pérsia*, *Grão Tamerlão* e *Preste João*.

Em relação à autonomia dos vernáculos, a obra mais importante de João de Barros, que o insere no conjunto dos renascentistas defensores das línguas vulgares, é o *Diálogo em Louvor da nossa Linguagem* (1540). Ao contrário dos seus conterrâneos latinistas, que desprezavam o ensino da gramática da língua portuguesa, o autor mostra, neste texto, como a língua portuguesa podia ser moldada e atualizada, devido às suas características, como o ornato, a fluência, a sonoridade e a variedade do léxico. Sua principal intenção, nesta obra, era exaltar a própria “linguagem”, demonstrando que ela era digna e capaz de dar conta de todas as necessidades de sua época, especialmente, a de ser ensinada e também levada e implantada nos novos domínios coloniais portugueses.

Neste Diálogo, os personagens são nomeados como “pai” e “filho”, sendo que o pai é o próprio autor, João de Barros, que dialoga com o seu filho Antônio, como já havia ocorrido em outro texto, *Diálogo da Viciosa Vergonha*, também publicado em 1540. Após algumas considerações a respeito das principais línguas neolatinas e de outras ibéricas, ele inicia o louvor à língua portuguesa, defendendo-a como apta para tratar de assuntos nobres, por isso inadequada a certos gêneros mais baixos, tais como algumas composições espanholas e as peças de Gil Vicente. (p. 564)

A língua portuguesa, segundo ele, possui grande riqueza lexical, com a qual se podem construir novas palavras, que atendam às novas necessidades culturais. Aplicando o modelo horaciano de composição vocabular, João de Barros propõe o enriquecimento do português pela

apropriação, por sua vez, de termos latinos. A formação da sua língua é regida pela matriz do latim, mas, no caso dos sons, o ouvido português é que constitui o juiz que decide quais incorporações soam mais adequadas.

Mesmo quando se refere às palavras isoladas (*uerba singula*) da língua portuguesa, ele segue os preceitos da *elocutio* retórica, como a *uetustas* e a *puritas*, que conferem autoridade aos termos pertencentes à cultura escrita e ao lugar geográfico onde são conservados. Seguindo os preceitos de Cícero, não deixa faltar apreço ao *usus*, este que, associado à passagem do tempo, naturaliza os termos, integrando-os ao léxico da língua.

A língua materna já não é só para o uso doméstico, ela é também a principal língua de aprendizagem escolar: “se fores bem doutrinado nela levemente o serás em as alheias” (p. 565), conforme o conselho que Barros dá ao filho. O latim, que nas gerações anteriores era a base dos estudos, agora é reconhecido apenas como objeto histórico, uma gramática que se pode estudar e aprender, mas que não ocupa o lugar da língua nativa.

Para ele, não é mais a língua dos romanos que deve ser imitada, mas a atitude linguística deles. Assim como os latinos imitaram os gregos e depois Carlos Magno imitou os latinos, agora os portugueses continuam a tradição. Desse modo, seguindo os exemplos dos antigos, nas sucessivas conquistas e divisões territoriais, a língua vai sendo transformada pelos seus usuários e afirmada pelos dirigentes dos povos.

Segundo o autor, o poder dos grandes conquistadores é, sobretudo, um grande poder linguístico. O latim, para ele, é um modelo de excelência e durabilidade, que permaneceu na memória cultural dos povos, mesmo por muito tempo depois da dissolução do domínio político dos romanos sobre o mundo. E é neste modelo sólido que os portugueses encontram inspiração para fazer com que a sua língua seja valorizada na própria sede e também implantada nas terras d’além mar.

Como o império romano acabou, o português é, agora, o novo latim, que está começando seu processo de expansão. Para Barros, no aspecto político, a língua portuguesa pode até mesmo superar o latim, ao ser levada e se impor, junto com a religião cristã, a lugares onde nem os romanos haviam conseguido.

Na parte final do *Diálogo* revela-se o discurso de uma nova proposta pedagógica, indicando o fim dos velhos tempos em que o latim imperava sobre os frágeis vernáculos. Preocupado com a qualidade do

ensino, Barros, como homem zeloso do bem comum, aproveita a ocasião para criticar os seus contemporâneos pouco atentos às necessidades da nova época.

Na sequência, enquanto defende o método escolástico na educação religiosa dos noviços e condena a aspereza com que os trata a regra dos frades menores, Barros expõe o seu sistema de alfabetização e ortografia, que, segundo acredita, pode facilitar a aprendizagem dos meninos. E, ao término do *Diálogo*, deixa a cargo do seu monarca a implantação do novo sistema, enquanto o elogia pelas boas e proveitosas ações em favor da cultura portuguesa.

Quanto à tradução, na visão de Barros, esta é uma forma de enriquecimento da língua vernácula, conforme revela ao citar o exemplo da Espanha, da Itália e da França, que utilizavam a atividade tradutória em proveito da construção linguístico-literária que estava se expandindo. Só que Portugal, segundo ele, não teria tal necessidade, como os outros países de línguas neolatinas, porque poderia tomar os termos diretamente dos muitos povos conquistados:

[...] agora, em nossos tempos, com ajuda da impressão, deu-se tanto a gente castelhana e italiana e francesa às trasladações latinas, usurpando vocábulos, que os fez mais elegantes do que foram ora há cinqüenta anos. Este exercício se o nós usáramos, já tivéramos conquistada a língua latina, como temos África e Ásia, à conquista das quais nos mais demos que às trasladações latinas. (p. 564)

Este trecho do diálogo em louvor da língua portuguesa constitui um importante documento da história da tradução em Portugal, pois mostra que também naquele país esta atividade começava a se intensificar e enriquecer o vernáculo. Isto ocorria não tanto pela tradução das línguas clássicas, mas pelos termos que eram trasladados de outras línguas menos conhecidas e, até mesmo, exóticas para os colonizadores, que iam incorporando-os em seu vocabulário:

E o sinal desta verdade é que não somente temos vitória destas partes, mas ainda tomamos muitos vocábulos, como podemos ver em todos os que começam em *al* e em *xa*, e os que acabam em *z*, os quais são mouriscos. E agora

da conquista de Ásia tomamos *chatinar* por mercadejar, *veniaga* por mercadoria, *lascarim* por homem de guerra, *çumbaia* por medida e cortesia, e outros vocábulos que são já tão naturais na boca dos homens que naquelas partes andaram como o seu próprio português. Assim, que podemos usar d'alguns termos latinos que a orelha bem receba, porque ela julga a linguagem e música, e é censor de ambas, e, como os consentir um dia, ficarão perpetuamente. (p. 565)

Ele informa que os portugueses, por terem se dedicado mais às conquistas do que às traduções de obras, enriqueceram a sua língua tomando os vocábulos estrangeiros diretamente, através dos contatos ao vivo com outros povos, enquanto as outras línguas românicas enriqueciam seu léxico pela escrita, através das “trasladações latinas”. Com isso, Barros coloca Portugal acima dos outros países, já que, como país colonizador, expandia sua língua juntamente com a expansão das suas relações comerciais e dos seus domínios territoriais.

Diálogo em louvor da nossa linguagem (1540)

FILHO: Senhor, sabe já esta nova?

PAI: Qual?

FILHO: Que o príncipe nosso senhor começou ontem d'aprender a ler.

PAI: E quem o ensina?

FILHO: O pregador del rei, frei João Soares. E logo perguntei por que o principiava, por causa do trabalho que levou em a composição da gramática da nossa linguagem que lhe tem dirigida.

PAI: Que importa o meu trabalho ao príncipe nosso senhor começar d'aprender, pois tem preceitor de vida e letras que lhe ordenará os princípios, conformes à sua idade e majestade de seu sangue. Nem por eu ter dirigido a sua alteza o trabalho que dizes, devo esperar mais que, por me fazer mercê, o mandar examinar; e, sendo tais, que possam aproveitar aos meninos, mandará que se leiam em as escolas. E a estes preceitos gramaticais e *Diálogo da Viciosa Vergonha*, que tu e eu o outro dia compusemos, quisera ajuntar outros dois, um da viciosa verdade, e outro destas duas palavras, *sim*, *não*, por serem matérias convenientes a três idades do homem. Pero, pois a ordem da vida que tenho me não deu

mais tempo que para o primeiro, enquanto os outros não vêm, sejam recompensados com louvarmos a nossa linguagem, que temos posta em arte, com que leve mais ornato que as regras gramaticais. E porque acerca de qual foi a primeira linguagem do mundo em as escolas anda grande questão *et adhuc sub iudice lis est* [Horatius in arte poetica], primeiro que tratemos da nossa, quero repetir esta questão do fundamento pois nela está todo nosso edifício. Entre os filósofos houve grandes e diversas opiniões acerca da criação do homem, porque uns quiseram que não tivesse princípio e fosse *ab eterno* como o mundo, e outros que assim o mundo como ele tivera princípio. Pero, em o modo de provar esta criação confundiram e destruíram a verdade, donde deram matéria aos poetas para fabularem quantas composturas e ficções vemos, como conta Ovídio, que Prometeu formou o homem da terra.

FILHO: O outro dia, nos leu nosso mestre essa fábula do *Methamorphoseos* [Ovid. I. libro *Metamorph.*]. E mais adiante esta outra transformação, quando depois do dilúvio Deucalião e Pirra repararam a perda do gênero humano; Deucalião, lançando as pedras por detrás das costas, de que se geravam os homens, e das que Pirra lançava se geravam as mulheres, mas não diz ali Ovídio a linguagem que então os homens falavam.

FILHO: Se ela fora a latina como tu presumias, bem se gloriara Ovídio disso, e fizera transformação de linguagens de umas em outras, como fez dos corpos em diversas formas. Assim conta Justino [Justinus li. II], que os egípcios tiveram grã contenda com os citas sobre a antiguidade de seu nascimento, dando cada nação destas razões por parte da terra que habitavam ser mui conforme para a criação e multiplicação dos homens. E vem a concluir que os citas foram tidos por mais antigos no mundo, mas não diz que linguagem foi a que primeiro tiveram. Vitrúvio [Vitruvius libro primo] na sua *Architectura* quer dar princípio donde os homens tomaram o uso da fábula, dizendo que do consórcio que tinham uns com outros, quando se aquentavam ao fogo que novamente se achara (segundo ele conta), vieram ter necessidade da fala, para se entenderem entre si, e que esta necessidade os moveu a isso, e porém não diz que linguagem foi esta. Heródoto quis afirmar qual fora esta linguagem, contando aquela experiência que Persamiético rei de Egito fez em dois meninos que mandou criar às tetas de duas cabras, encomendando ao pastor a que deu este cuidado que em nenhuma maneira falasse ante eles, para ver a que linguagem os inclinava a natureza. Os quais passados dois anos de sua idade disseram contra o pastor, com as mãos levand-

tadas à maneira de quem roga, esta palavra, *becus*, que em língua frígia quer dizer pão, donde tiveram opinião que a língua frígia fora a primeira do mundo. Tu, deixadas todas estas opiniões da gentildade, chega-te à verdade da nossa fé, que estes não tiveram, donde se causou esta e outras contendas de maiores erros, dos quais nos Deus livre, e deixe seguir o verdadeiro caminho em que estamos.

FILHO: Eu esse queria tomar se o souber.

PAI: Hajas tu a bênção de Deus e a minha, e, quanto em mim for, trabalharei nisso, e ao presente te poerei neste que nos demonstrou a Escritura. Os hebreus, por serem os primeiros a quem deus quis comunicar a criação do mundo, afirmam que a língua do nosso primeiro padre Adão foi hebréia, aquela em que Moisés escreveu os livros da lei. Os gregos querem que seja a caldeia, porque nessa linguagem confessou Abraão a Deus, e dizem que a língua hebréia não é mais que caldeu corrompido. Qual destas seja a verdade, em contenda de tão graves barões, a nós não é lícito afirmar.

FILHO: Qual será logo o verdadeiro caminho que devo seguir?

PAI: Eu até aqui recitei o que os escritores antigos sentiram, agora direi o que nos mostra o espírito, porque não havemos de negar ao entendimento a especulação da verdade, pois nisto consiste toda a deleitação dele, principalmente nas coisas que mais estão em opinião que em fé. E disto tomarás o que mais quadrar em teu entendimento, levando por guias as autoridades da Sagrada Escritura. (Segundo nos ela demonstra) depois que Deus criou Adão [*Gene. II ca*], que foi o primeiro homem, e o pôs naquele lugar deleitoso, apresentou-lhe todas as coisas que para ele criara, as quais Adão conheceu e as chamou por seu nome que lhes então novamente pôs.

FILHO: E as que nós agora temos, e Adão não viu, como lhes podia ele por nome?

PAI: Eu não digo que pôs o nome àquelas que os homens inventaram para as suas necessidades e deleitações, mas às que foram criadas no princípio do mundo e ficaram entregues à natureza, para que as multiplicasse em suas espécies para o uso e serviço dos homens. E se Adão viu essoutras que dizes, seria quando mereceu ver em espírito a encarnação do filho de Deus, em cuja fé e esperança se ele salvou. Estas tais coisas, posto que as Adão visse em revelação (como digo), não lhes pôs ele o nome que agora têm.

FILHO: Pôs quem, senhor?

PAI: Aqueles que as primeiro inventaram, porque mal poria Adão nome à nau, pois nunca navegara, nem à bombardarda¹⁶⁶, se não havia de quem se defender, nem ao libelo, se não tinha quem demandar. E todas estas e outras muitas coisas podes crer que a necessidade, cobiça e malícia dos homens trouxeram consigo. Porém, de crer é que ao tempo da edificação de Babilônia [*Gene. XI ca.*], em que a linguagem era toda uma, haveria muitas coisas inventadas para o uso daquele edifício, e doutras necessidades, às quais puseram eles nome, e às naturais pôs Adão.

FILHO: Das setenta e duas linguagens em que dizem toda aquela gente se repartir pelo pecado daquele edifício, a que povo ficou a que Adão falava?

PAI: Alguns autores católicos têm que ficou a Heber, donde dizem que os hebreus tomaram o nome. E por autoridade destes fica claro que a língua hebréia foi a que Adão teve, mas o que o espírito nos ensina parece que ficou a todos aqueles setenta e dois povos. Porque coisa razoada e de crer é que, como todos eram filhos de Adão segundo a carne, que assim herdassem a linguagem; mas foi desta maneira: herdaram as vozes e o seu pecado lhes trocou os significados. Quero dizer que, quando Deus naquela soberba obra confundiu a linguagem, não foi inventarem-se em um instante setenta e um vocábulos diferentes em voz, que todos significassem esta coisa, *pedra*; mas confundiu o entendimento a todos para por este nome, *homem*, uns entenderem *pedra*, outros as diferentes coisas que se, naquela edificação, tratavam. E este termo, *confusão*, nenhuma outra coisa quer dizer senão tomar uma coisa por outra. E assim ficaram todos com toda a linguagem em vocábulos e com parte dos significados próprios. E a este modo transtrocou Deus o entendimento de tantas nações como foram presentes ao sermão de Pedro no dia de Pentecostes [*Acta. II ca.*]: que, em um vocábulo hebreu, que era sua natural linguagem, os ouvintes de diversas nações entendessem um significado, e estas eram as desvairadas línguas de que se eles espantavam. Donde podes entender que a linguagem primeira de Adão hoje está no mundo, em esta nação dez vocábulos, nestoutra vinte, e assim está repartida, que todos a têm em voz, mas não em um só significado. E ainda se pode crer que estas vozes, com antiguidade, já devem ser corrompidas, como vemos em muitos vocábulos gregos, hebraicos e latinos, que foram as três linguagens a que podemos chamar princesas do

166 Bombarda: equipamento de guerra que lançava grandes pedras, por meio de cordas e molas.

mundo, porque esta autoridade lhes deu o título da cruz onde foram postas. Estas, porque perderam já a vez do uso e têm somente a parte da escritura, deixá-las-emos por outras três que fazem ao propósito da nossa, as quais ao presente todas as outras precedem, por tomarem destas primeiras parte de seus vocábulos, principalmente da latina, que foi a derradeira que teve a monarquia, cujos filhos nós somos. Uma destas é a italiana, outra a francesa, e outra a espanhol.

FILHO: Qual destas há por melhor e mais elegante?

PAI: A que se mais conforma com a latina, assim em vocábulos como na ortografia. E nesta parte muita vantagem tem a italiana e espanhol à francesa, e, destas duas, a que se escreve como se fala, e que menos consoantes leva perdidas. E nesta ortografia a espanhol vence a italiana; e mais, têm entre si os genoveses, que não é terra da tramontana nem transalpina (como eles dizem), mas uma parte da frol de Itália, os quais, de bárbara, não podem escrever sua linguagem; e o que escrevem é em toscano ou em latim corruto.

FILHO: Pois muitos dizem que a língua espanhol é desfalecida de vocábulos e que, quanta vantagem tem a italiana à castelhana, tanto excede esta a portuguesa, e que em seu respeito se pode chamar elegante.

PAI: Certo é que a limpa castelhana muito melhor é que o vasconço de Biscaia, e o ciciar cigano de Sevilha, as quais não se podem escrever. Mas quem houver de julgar estas linguagens há de saber d'ambas tanto que entenda os defeitos e perfeições de cada uma. Que se pode desejar na língua portuguesa que ela [não] tenha? Conformidade com a latina? Nestes versos feitos em louvor da nossa pátria se pode ver quanta tem, porque assim são portugueses, que os entende o português, e tão latinos, que os não estranhará quem souber a língua latina.

*O quam divinos acquiris terra triumphos:
 Tam fortes animos alta de sorte creando.
 De numero sanctos gentes tu firma reservas.
 Per longos annos vivas tu, terra beata.
 Contra non sanctos te armas furiosa paganos.
 Vivas perpetuo, gentes mactando feroces:
 Quae Aethiopas, Turcos, fortes Indos das salvos:
 De Iesu Christo sanctos monstrando prophetas.*

FILHO: Parece que vai essa linguagem um pouco retorcida e fora do comum uso que falamos?

PAI: O autor que fez estes versos, por guardar a quantidade das sílabas e a ordem dos pés, não falou como em oração soluta, e já deves ser avisado, por doutrina de teu mestre, que de uma maneira falam os poetas e doutra os oradores.

FILHO: Um dos primeiros latins que me ele mandou fazer, foi este: *Ó fermosa Maria nova ara cum vaca tua vaca nova*. E eu cuidava que em isto ser linguagem não podia ser latim, até que palmatoriadas mo fizeram entender.

PAI: Aí começarás tu de sentir o louvor da nossa linguagem, que sendo nossa a entenderá o latino porque é sua. Esta prerrogativa tem sobre todas as linguagens presentes: majestade para coisas graves e uma eficácia baroilo que representa grandes feitos. E o sinal onde se isto mais claro vê é na música, que naturalmente, acerca de cada nação, segue o modo da fala: linguagem grave, música grave e sentida.

FILHO: Daí viria logo o provérbio que dizem: *espanhóis choram, italianos uivam, franceses cantam*.

PAI: Bem adequastes o provérbio, e, ainda que não seja para a linguagem, verdadeiramente assim o podes ter na música. Porque a prolação e ar que temos da linguagem, diferente das outras nações, temos no modo de cantar, cá mui estranha compostura é a francesa e italiana à espanhol[a], e as guinadas e diminuição que fazem ao cantar fazem na prolação e acento da fala. E para um francês formar um seu próprio ditongo, faz nos beiços esgares que pode amedrontar meninos, coisa que de um natural orador foge, e por não cair neste perigo rodeia setenta vocábulos. Certo assim a francesa, como a italiana, mais parecem fala para mulheres que grave para homens; em tanto que, se Catão fora vivo, me parece se pejara de a pronunciar. Nesta gravidade (como já disse), a portuguesa leva a todas, e tem em si uma pureza e sequidão para coisas baixas, que se lhe pode por a tacha que Perseu punha aos versos de Virgílio [*Saty. prima*], os quais dizia serem tão de sovero e cobertos da casca que se não podiam abrandar. Pero, com aquela majestade e alteza, falou no quarto de sua *A Eneida* tão alta e mimosamente do amor, que lhe não chegaram as garridices de Ovídio e as doçuras de Petrarca, que nestes brincos muito se esmeraram. Foi o Virgílio naquele seu livro, como nestes nossos tempos o Quequém¹⁶⁷ em a compostura da música, todas

167 Quequém era Johannes Ockeghem (1420-1495), compositor e músico renascentista da Escola franco-flamenga. (HUE, 2007)

as excelentes consonâncias achou, depois Jusquim¹⁶⁸ e outros compositores que vieram sobre elas fizeram sua diminuição e contraponto. A linguagem portuguesa, que tenha esta gravidade, não perde a força para declarar, mover, deleitar e exortar a parte que se inclina, seja em qualquer gênero de escritura. Verdade é ser em si tão honesta e casta, que parece não consentir em si uma tal obra como *Celestina*. E Gil Vicente, cômico que a mais tratou em composturas que alguma pessoa destes reinos, nunca se atreveu a introduzir um centúrio português, porque como o não consente a nação, assim o não sofre a linguagem. Certo, a quem não falecer matéria e engenho para demonstrar sua tenção, em nossa linguagem não lhe falecerão vocábulos. Porque de crer é que, se Aristóteles fora nosso natural, não fora buscar linguagem emprestada para escrever na filosofia e em todas as outras matérias de que tratou. E, se lhe falecera algum termo sucinto, fizera o que vemos em muitas partes aos presentes. Os quais, quando carecem de termos teologais, os teólogos para entendimento real da coisa os compuseram, e assim os filósofos, matemáticos, juristas, médicos, todos entre si trazem termos que não são latinos nem gregos, mas quase um vasconço de artes em que os homens gastam tantos anos.

FILHO: A língua portuguesa, onde desfalecer com verbo ou nome que compreenda em breve alguma coisa, poderá formar algum vocábulo aprazível à orelha, sem falar por rodeios como essoutros fazem?

PAI: Sim, porque a licença que Horácio, em sua *arte poética* [*Horatius in arte poetica*] dá aos latinos para comporem vocábulos novos, contanto que saiam da fonte grega, essa poderemos tomar, se os derivarmos da latina.

FILHO: Logo por essa maneira nos faremos copiosos de vocábulos e, recebidos em uso, ficar-nos-ão tão próprios como são os latinos que ora temos, que se tomaram por esse modo.

PAI: Eu não falo em latinos, de que a Espanha tem tomado posse antigamente, mas agora em nossos tempos, com ajuda da impressão, deu-se tanto a gente castelhana e italiana e francesa às trasladações latinas usurpando vocábulos, que os fez mais elegantes do que foram ora há cinquenta anos. Este exercício se o nós usáramos, já tivéramos conquistada a língua latina como temos África e Ásia, à conquista das quais nos mais demos que às trasladações latinas. E o sinal desta verdade é que não

168 Jusquim era Josquin des Prés (1440-1521), compositor e discípulo de Ockeghem. (HUE, 2007)

somente temos vitória destas partes, mas ainda tomamos muitos vocábulos, como podemos ver em todos os que começam em *al* e em *xa*, e os que acabam em *z*, os quais são mouriscos. E agora da conquista de Ásia tomamos *chatinar* por mercadejar, *veniaga* por mercadoria, *lascarim* por homem de guerra, *çumbaia* por medida e cortesia, e outros vocábulos que são já tão naturais na boca dos homens que naquelas partes andaram como o seu próprio português. Assim que podemos usar d'alguns termos latinos que a orelha bem receba, porque ela julga a linguagem e música, e é censor de ambas, e, como os consentir um dia, ficarão perpetuamente.

FILHO: Poderão todos os que sabem latim tomar esta licença para derivar vocábulos dele a nós?

PAI: Não são todos para isso licenciados, e os que o forem, será em alguns vocábulos que a natureza da nossa linguagem aceite. Porque (a meu juízo) tão mal parece um vocábulo latino mal derivado a nós como algumas palavras que achamos por escrituras antigas, as quais o tempo deixou esquecer. A mim muito me contentam os termos que se conformam com o latim, dado que sejam antigos, cá destes nos devemos muito prezar, quando não acharmos serem tão corrotos, que este labéu lhes faça perder sua autoridade. Não somente os que achamos por escrituras antigas, mas muitos que se usam entre Douro e Minho, conservador da semente portuguesa, os quais alguns indoutos desprezam por não saberem a raiz donde nascem.

FILHO: O outro dia, em uma lição que nos leu, nosso mestre trouxe esta autoridade de Túlio: “Nas palavras não há coisa tão áspera que o uso não faça brando e suave”.

PAI: Quase a este propósito o traz Túlio. E verdadeiramente, à primeira vista, não há coisa mais grave entre os bons juízos que a variação de tantos trajos como os que ora usamos, os quais, se perguntares donde vieram, ou cujos foram, não lhes acharás mais certa natureza que a opinião. Pois as cantigas compostas do povo, sem cabeça, sem pés, sem nome ou verbo que se entenda, quem cuidas que as traz e leva da terra? Quem as faz serem tratadas e recebidas do comum consentimento? O tempo, pois este faz as coisas tão naturais como a própria natureza. Este nos deu a elegância latina, este nos trouxe a barbária dos godos, este nos deu *xá* e *chá* dos mouriscos, e este nos pode fazer ricos e pobres de vocábulos, segundo o uso e prática que tivermos das coisas. E não te pareça trabalho sobejo entender tanto na própria linguagem, porque se fores bem doutrinado nela levemente o serás em as alheias. Este é o modo que

tiveram todos os gregos e latinos, tomaram por fundamento saber primeiro o seu que o alheio. Quero dizer, que Túlio, César, Lívio e todos os outros a que chamamos fonte da eloquência nunca aprenderam língua latina como a grega, porque era sua natural linguagem, tão comum ao povo romano, como vemos que a nossa é ao povo de Lisboa, mas souberam a gramática dela. Esta lhes ensinou que coisa era nome, e quantas qualidades e figuras tinha, os tempos e modos do verbo, e todas as partes que regem e são regidas, com os mais acidentes e regras que a língua latina tem. Destas coisas foram os latinos tão curiosos, por apurar a sua língua, e a igualarem à grega (donde eles tomaram parte da sua eloquência), que se escreve compor César um tratado da analogia da língua latina, e Messala a cada letra do a, b, c fez um livro que trata delas, e Varrão outro da *Ethimologia*, de que ao presente temos alguma parte. E Carlo Magno, à imitação destes, também compôs a língua alemã em arte e lhe deu nome novo aos meses e aos ventos. Estes e outros tão graves e doutos barões, em cuja mão e arbítrio estava o estado e regimento do mundo, assim houveram este exercício por glorioso, que na força de suas conquistas e armas ali o exercitavam. E acerca deles, mais se estimava a vitória que a sua língua tinha, em ser recebida de todas as bárbaras nações, que de as submeter ao jugo do seu império. E neste cuidado foram tão solícitos, que andando entre os partos e outros tão bárbaros povos não consentiam que falassem senão a sua língua latina, por demonstrar o império que tinham sobre todas as outras nações. E o mais certo sinal que o romano pode dar ser Espanha súdita ao seu império, não serão suas crônicas e escrituras, cá estas, muitas vezes, são favoráveis ao senhor de quem falam, mas a sua linguagem, que nos ficou em testemunho de sua vitória. E quanto, entre as coisas materiais, é de maior excelência aquela que mais dura, tanto acerca das coisas da honra são de maior glória as que a memória mais retém. Exemplo temos em todas as monarquias, cá se perderam com a variedade do tempo e fortuna das coisas humanas, pero deixou a língua latina este sinal de seu império, que durará eternamente. As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas fora da repartição das três partes da terra, materiais são, e pode-as o tempo gastar, pero não gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras deixarem.

FILHO: Não sei, logo, qual será o português de tão errado juízo, pois é certo que mais pode durar um bom costume e vocábulo que um padrão, porque senão preza mais deixar na Índia este nome, mercadoria, que trazer de lá *veniaga*, cá é sinal de ser vencedor e não vencido.

PAI: Certo é que não há aí glória que se possa comparar a quando os meninos etíopes, persas, indos d'aquém e d'além do Ganges, em suas próprias terras, na força de seus templos e pagodes, onde nunca se ouviu o nome romano, por esta nossa arte aprenderem a nossa linguagem, com que possam ser doutrinados em os preceitos da nossa fé, que nela vão escritos.

FILHO: Pois quanto ao proveito dos próprios portugueses, eu e o que for experimentado o pode julgar: cá, se não soubera da gramática portuguesa o que me vossa mercê ensinou, parece-me que em quatro anos soubera da latina pouco, e dela muito menos, mas com saber a portuguesa fiquei alumiado em ambas, o que não fará quem souber a latina.

PAI: Eu quero confirmar essa tua verdade, com testemunho do que já vi em algumas escolas da gramática latina. Por os mestres não saberem as regras da nossa, lhes era tão dificultoso achar as matérias da latina, que tinham cartapácios de latins em linguagem, por onde as davam aos moços, como fracos pregadores, sermonários para todo o ano.

FILHO: Não se poderia ensinar esta gramática portuguesa aos meninos na escola de ler e escrever, pois é tão leve de tomar, e daí iriam já gramáticos para a latina?

PAI: Nem todos os que ensinam ler e escrever não são para o ofício que têm, quanto mais entendê-la, por clara que seja. E ainda que isto não seja para ti, di-lo-ei para quem me ouvir, como homem zeloso do bem comum. Uma das coisas menos olhada que há nestes reinos é consentir, em todas as nobres vilas e cidades, qualquer idiota e não aprovado em costumes de bom viver poer escola de ensinar meninos. E um sapateiro, que é o mais baixo ofício dos mecânicos, não põe tenda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz é danar a sua pele, e não o cabedal alheio, e maus mestres deixam os discípulos danados para toda sua vida. Não somente com vícios d'alma, de que poderemos dar exemplos, mas ainda no modo de os ensinar. Porque, havendo de ser por uma cartilha que aí há de letra redonda¹⁶⁹, por que os meninos levemente saberão ler, e assim os preceitos da nossa fé que nela estão escritos convertem-nos a estas doutrinas morais de bons costumes: *Saibam quantos esta carta de venda...* E depois disto: *Aos tantos dias de tal mês...* E, perguntado, pelo costume, disse: *nichil*, de maneira que quando um moço sai da escola não fica com *nichil*, mas pode fazer melhor uma demanda que um solici-

169 A letra redonda (*littera antica*) era preferida pelos humanistas à letra tirada (gótica) que era considerada confusa.

tador delas, porque mama estas doutrinas católicas no leite da primeira idade. E o que pior é, que por letra tirada andam um ano aprendendo por um feito, porque a cada folha começa novamente a conhecer a diferença da letra que causou o aparo da pena com que o escrivão fez outro termo judicial.

FILHO: Pois os mestres de ler e escrever dizem que a letra tirada ensina a redonda, e a redonda não a tirada, e que os moços se fazem mais desenvolto por ela.

PAI: Quem houver de julgar o que lhe é mais proveitoso veja primeiro o que ensina Quintiliano e São Jerônimo em uma epístola a Leta sobre a instituição de sua filha, e o papa Pio em um tratado que fez a Ladislau, rei de Boêmia, e assim outros tão graves barões que tiveram ciência e experiência. Porque achará que os preceitos que deram à religião escolástica não são tão ásperos como os da regra dos frades menores, os quais em o primeiro ano do noviciado tratam os noviços com toda aspereza, para os experimentar de paciência. As plantas novas, para prendem com viva raiz não querem logo o ferro ao pé; depois que são duras e bem enramadas, então lhes convém a poda, para as desafogar. Não se amansam e trazem ao jugo os novilhos como os touros, nem assim recebe o freio o potro como o cavalo, uns querem mimo e outros estímulo, mais pode o artifício que a força, a continuação branda e mimosa que o ímpeto áspero. E quando para as coisas irracionais isto se requer, que tal deve ser o artifício, para plantar doutrina áspera em naturezas tenras, como é o entendimento dos meninos.

ANTONIO: Parece que não pode ser melhor artifício do que se usa em as escolas com eles, cá os principiam por a, b, c, que é conhecimento das letras, e daí os metem em as ajuntar umas com as outras, de que se compõem as sílabas *ba*, *be*, etc, depois os levam aos nomes que se compõem delas, e por derradeiro à variação de todas as outras partes, por que assim, de grau em grau, de pouco a mais, aprendem a ler.

PAI: Como em o modo de proceder, de letra a sílaba e de sílaba a nome, tem essa ordem, assim queria que a tivessem em o gênero da escritura e caracteres dela. Porque como o entendimento se deleita em as partes conformes, que guardam proporção, simetria e figura, e nesta tal terra a memória prende com mais viva raiz, nesta doçura de leite que tem a letra redonda os queria primeiro amamentar, e daí fossem levados à côdea da tirada, que requer força de dente e paciência de negócios, estes são os seus preceitores. As audiências e não as escolas fizeram todos os juristas destros em o ler dos feitos, e os oficiais públicos (cuja profissão

é papel e tinta), porque a não tiveram de letra redonda, não sabem rezar uma oração por ela, e pela tirada são mais correntes que um cego na oração da emparedada. Assim que desta experiência podes inferir: ler, a escola o ensina, desenvoltura, os negócios a dão, letra redonda se aprende, e a tirada sem mestre se alcança. Quem quiser filhos que lhe não saiam das escolas desesperados de poder ir avante, por os barrancos que tem o caminho da letra tirada, por a redonda os mande primeiro caminhar, cá esta com pouco trabalho, e muito proveito, e em menos tempo se alcança. E ficam por ela hábeis para maiores doutrinas.

FILHO: Não haveria remédio para os mestres seguirem com os discípulos esse caminho?

PAI: Não está em mais o remédio que vir à notícia del rei nosso senhor, porque como é zelador dos bons costumes, e favorece as letras tão liberal e magnificamente, mandará prover nisso como o tem feito em os estudos de Coimbra.

A qual obra será posta no catálogo das mercês que estes reinos dele tem recebidas, mui celebrada dos presentes e louvada dos que vierem depois de nós.

Fim.

8. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA TRADUÇÃO RENASCENTISTA NO PROCESSO DE ESTABELECIMENTO DAS LÍNGUAS NEOLATINAS¹⁷⁰

A tradução retórica e o enriquecimento do vernáculo. A reelaboração do vernáculo literário. A construção da norma culta.

Durante o Renascimento, no movimento de ascensão e expansão do conjunto das línguas neolatinas nacionais, a tradução torna-se, cada vez mais, uma atividade de relevo, tanto para complementá-las, nos aspectos em que elas ainda necessitavam de modelos, quanto para confirmar a capacidade que tinham de expressar a cultura alheia. Com isso, a tradução também toma lugar nos debates linguísticos entre os letrados, constituindo uma das questões de grande interesse e fazendo, desse modo, com que se posicionem a respeito da atividade tradutória em relação ao estabelecimento dos vernáculos literários.

Dentro do sistema da retórica clássica elocutiva, em que a linguagem é concebida nesta época, a obra traduzida, além da função comunicativa e transmissora da cultura, torna-se também objeto de fruição artística, contribuindo para o reconhecimento do valor literário das línguas modernas, em especial daquelas nas quais mais textos clássicos foram traduzidos.

No *corpus* apresentado nos capítulos precedentes, é possível perceber que a dignificação das línguas vernáculas no Renascimento conta, em grande parte, com o novo modo de traduzir que se consolida nos meios literários da época. Ao primar pela correção e clareza na expressão do sentido, com harmonia e ornamentação adequada¹⁷¹, a atividade tradutória faz-se partícipe da construção do vernáculo, aprimorando-o, de modo a torná-lo tão apropriado para a escrita literária quanto as línguas clássicas, ou capaz até mesmo de superá-las.

Tanto as noções de correção/adequação e clareza quanto a recuperação da sonoridade do texto original dizem respeito ao compromisso que o tradutor assumia com a “verdade” do autor que

170 Este capítulo refere-se, exclusivamente, às quatro línguas neolatinas que compõem o *corpus*, as quais contaram, na época renascentista, com a contribuição da tradução retórica para a sua afirmação literária.

171 Estes termos referem-se aos princípios da “retórica elocutiva” (FURLAN, 2002), que regiam a tradução renascentista, visando à recuperação artística completa do texto de partida.

estava traduzindo. Por isso, como veremos ao longo deste capítulo, a língua de chegada tem de passar por uma reelaboração artística. Ela é o material do letrado, que, como artífice das palavras, vai dar forma às ideias. Por isso, há tantas comparações delas com os materiais de outras modalidades artísticas: as palavras são como as tintas, as notas musicais, as pedras, as joias e as roupas. E então cada língua vulgar, engastada pelo cinzel do esforço humano, torna-se regrada e adornada, enfim, capaz, de dar conta de todas as necessidades comunicativas e expressivas dos seus usuários.

Este aprimoramento, que, na concepção renascentista, edifica as “belas letras”, deve-se, principalmente, à influência da cultura clássica, que havia sido redescoberta e divulgada pelos filólogos humanistas. Ainda que a intenção inicial dos humanistas fosse a preservação dos valores da Antiguidade, considerados tesouros imutáveis, frente ao vulgar alterado pelo uso constante na oralidade, estes valores, ao serem traduzidos, incorporam-se à língua receptora de tal modo que a tornam semelhante à língua-fonte.

Na experiência do traduzir, os letrados percebiam as diferenças entre as línguas, a abundância de uma e as lacunas de outra, as equivalências ou não, os problemas e também buscavam possíveis soluções. A partir desta experiência tradutória, que na cultura renascentista é embasada na retórica, sobretudo elocutiva, os vernáculos são reelaborados, tornando-se línguas apropriadas para o uso culto da época.

8.1 A TRADUÇÃO RETÓRICA ELOCUTIVA COMO FATOR DE ENRIQUECIMENTO E DE PROMOÇÃO DO VERNÁCULO

No processo de legitimação do vernáculo, que envolve tanto a produção própria quanto a tradução de obras, a *elocutio* é responsável pelas qualidades que contribuem para dar excelência aos textos e, por conseguinte, às novas literaturas e às novas línguas. A aptidão das línguas vernaculares confirma, de acordo com seus defensores, os valores expressivos destas, equiparáveis aos das línguas clássicas.

Os principais elementos com os quais os defensores do vernáculo constroem sua argumentação em favor da própria língua são as palavras, afinal, elas caracterizavam as línguas, dividindo-as em “ricas” e “pobres”, distinguindo-as conforme suas possibilidades. Sem as palavras, as ideias não poderiam ser expressas e não haveria linguagem,

conforme a concepção ainda vigente na época renascentista: “E quem é aquele, pois, que não sabe que as coisas são representadas pelas palavras?” (TOSCANELLA, 1575, p. 542)

O domínio dos requisitos básicos das palavras evidencia-se ao longo dos textos apresentados, seja com referência à tradução dos clássicos greco-latinos, seja quando se trata da descrição dos valores da nova língua que está sendo aprimorada. Tanto os termos oriundos das línguas clássicas quanto aqueles pertencentes a outras línguas vernaculares são filtrados de acordo com os princípios do “bom uso”, que, para os letrados, envolve desde os aspectos sonoros, morfológicos e sintáticos até a adequação ao estilo que se quer expressar e que, em geral, prioriza os níveis médio e elevado. Nas traduções, bem como no uso geral das palavras, são levados em conta os requisitos da composição clássica e também a sua adaptação, sonora e/ou morfológica, à norma vernacular.

Valdés (1535) cita vários exemplos de termos gregos e latinos em que diz tê-los grafado de modo a assemelhar sua escrita à pronúncia local, valendo-se dos requisitos que priorizam as propriedades da língua castelhana:

MÁRCIO: [...] sendo esfera vocábulo grego, por que o escreveis com *f* e outros com *p*, escrevendo-o grego com *ph*?

VALDÉS: Os que o escrevem com *p* darão conta de si; eu o escrevo com *f* para assemelhar minha escrita à pronúncia.

MÁRCIO: E fazeis o mesmo nos outros nomes gregos que em latim se escrevem com *ph*, como são *philosophía* e *phariseo*?

VALDÉS: O mesmo, e pela mesma razão. (p. 195)

[...]

MÁRCIO: Mas dos nomes latinos começados com *ex*, como *excelencia*, *experiencia*, etc., não quereis que tiremos o *x*?

VALDÉS: Eu sempre o tiro, porque não o pronuncio, e coloco em seu lugar *s*, que é muito próprio da língua castelhana. Faço isto com o perdão da língua latina, porque, quando começo a escrever em castelhano, não é minha intenção aproximar-me do latim, mas explicar a ideia que tenho em mente de tal modo que, se for possível,

qualquer pessoa que entenda o castelhano compreenda bem o que quero dizer.

PACHECO: [...] não sei com que autoridade quereis tirar o *x* do vocábulo latino e colocar o *s* em seu lugar.

VALDÉS: Que mais autoridade quereis que o uso da pronúncia? Sei que dizendo *experiência* não pronunciais o *x* como dizendo *exemplo*. (p. 201)

Peletier (1555, p. 409), referindo-se à tradução de poesia do latim ao francês, diz que as palavras devem ser traduzidas conforme a arte do poeta, procurando reproduzi-la e observando, nas palavras do vernáculo, “se, em tal caso, não se deve alterar para formar algo novo. Uma palavra bem derivada do latim terá muita graça ao dar-lhe uma tintura francesa.” Por exemplo, “os infinitivos em *ire* do latim muitas vezes podem ser livremente convertidos em *ir* no francês, como *vagires* > *vagir*, *ambires* > *ambir*”, se assim forem julgados convenientes. Este “formar algo novo” refere-se ao trabalho do tradutor no sentido de reproduzir na nova língua a arte do autor, a “novidade”, a graça, enfim aquilo que torna um poema único. E esta reprodução artística envolve, muitas vezes, a busca de uma nova forma na língua de chegada.

O vernáculo necessita incorporar termos novos, mas requer que se faça uso do ouvido para que as palavras recebidas sejam legitimadas¹⁷². Conforme diz João de Barros (1540, p. 573), “podemos usar d’alguns termos latinos que a orelha bem receba, porque ela julga a linguagem e música, e é censor de ambas, e, como os consentir um dia, ficarão perpetuamente.” Bartoli também se refere aos “ouvidos judiciosos”, só que no sentido de se dever conservar as palavras do florentino¹⁷³ o mais inalteradas possível, como um sinal da *latinitas* do seu vernáculo, já que

172 Segundo Highet (1954, p. 180), a unidade lexical das línguas neolatinas, e também do inglês, deve-se ao fato de que estas línguas tiveram tradutores que contribuíram para que palavras greco-latinas se naturalizassem, enquanto que nos países nórdicos os escritores usavam ou o latim, que era língua de cultura, ou apenas as suas próprias línguas, mas não souberam promover o entrecruzamento delas.

173 Diferentemente do que ocorre em relação às outras línguas neolatinas, para defender o florentino/toscano como a variedade italiana mais representativa, mais digna, era preciso provar que esta era a mais próxima do latim culto. Por isso, conservavam-se as formas clássicas, que nas demais regiões teriam sido mescladas com as de outros povos.

nos de outras regiões da Itália havia muitas alterações. (GELLI, 1551, p. 514)

A escolha e a diversificação das palavras, com a devida aplicação dos seus requisitos, tanto no traduzir quanto no emprego da língua na escrita de modo geral, bem como nas conversações entre os letrados, contribui para a autonomia dos vernáculos a partir do Renascimento. Desse modo, não haveria mais nenhuma justificativa para tratá-los com menosprezo e sentimento de inferioridade em relação ao latim, como alguns humanistas da primeira fase haviam expressado¹⁷⁴.

Além disso, pela produção na própria língua, os renascentistas tendem, cada vez mais, a ousar competir com os escritores das outras línguas, clássicas ou modernas, ainda que estas lhes tenham influenciado e fornecido exemplos, como é o caso do modelo italiano adotado na poesia da Espanha, cuja língua (castelhana) já teria sido tão melhorada, que Boscán (1543) salienta: “[...] poderá ocorrer que muito em breve os italianos se lastimem de ver o bom de sua poesia transferido à Espanha”. (p. 310)

Para Bembo, o latim constitui o fundamento do toscano, mas já não serve, nem mesmo como língua literária, para a Itália, a qual agora já tem condições de empregar o toscano/florentino para este fim. Ele não despreza as línguas antigas, apenas quer dar ao seu vernáculo o mesmo grau de dignidade delas, as mesmas possibilidades expressivas:

[...] a língua moderna, tanto na prosa como na poesia, em alguns aspectos é pouco menos numerosa e capaz de ornamentos do que a grega e a latina. Os versos têm seus pés, sua harmonia, seus números; as prosas o seu fluxo de oração, as suas figuras e as suas elegâncias de falar; repetições, conversões, constituições e outras coisas, pelas quais talvez uma língua não seja diferente da outra, como acreditais, porque, se as palavras são diferentes, a arte de compô-las e de agrupá-las é a mesma¹⁷⁵ na latina e na toscana. (SPERONI, 1542, p. 439)

174 Nas palavras de Lázaro, personagem de Speroni (1542, p. 432), a língua vulgar é “uma indistinta confusão de todas as barbáries do mundo” e sua única perfeição consiste em se distanciar da latina, que é “inteira e perfeita”.

175 Enquanto Gelli (1551) defende a conservação das palavras latinas, Bembo, inversamente, defende a conservação da estrutura, com mudança apenas das

Fato semelhante ocorria em Portugal, pois, conforme apresenta João de Barros (1540), o latim permanecia como base, mas a língua já era totalmente portuguesa, tanto que ele compôs uma gramática para que ela servisse ao ensino escolar, inclusive para facilitar a aquisição do latim:

FILHO: [...] se não soubera da gramática portuguesa o que me vossa mercê ensinou, parece-me que em quatro anos soubera da latina pouco, e dela muito menos, mas com saber a portuguesa fiquei alumiado em ambas, o que não fará quem souber a latina. (p. 575)

Na literatura, em relação às línguas clássicas, a vontade de superar os antigos é mais evidente entre os franceses, ao ponto de Du Bellay (1549) propor que se deva digerir-los e enxertá-los no francês, tal qual os escritores romanos¹⁷⁶ haviam procedido com referência aos gregos:

Se os romanos (alguém dirá) não se deram ao trabalho da tradução, por quais meios então eles puderam enriquecer a sua língua, ao ponto de quase a igualar à grega? Imitando os melhores autores gregos, transformando-se neles, devorando-os; e, depois de tê-los digerido bem, convertendo-os em sangue e alimento; escolhendo, cada um conforme a sua natureza e o assunto que gostaria, o melhor autor, observando atentamente todas as mais raras e distintas virtudes; inserindo-as e aplicando-as à sua língua como enxertos (p. 361).

Ele prefere parafrasear a traduzir propriamente, porque assim todos os conhecimentos, além de serem disponibilizados à cultura receptora, também poderiam fornecer nutrientes para o enriquecimento

palavras. De qualquer modo, ambos os florentinistas usam este argumento para rivalizar com os italianos das outras regiões, cujas línguas se diferenciavam muito do latim.

¹⁷⁶ Principalmente Cícero, que havia selecionado o “melhor estilo de oradores” (VIEIRA, 2006) para formar o cânone da arte oratória latina.

do vernáculo, ou seja, os conteúdos poderiam ser alheios, mas a língua que os expressava deveria ser criação própria e autônoma: “[...] que o sábio trasladador tenha mais o ofício de parafraseador que de tradutor, esforçando-se para dar a todas as ciências que quiser tratar o ornamento e a luz da sua língua” (DU BELLAY, 1549, p. 369).

Peletier (1555) também expressa vontade de tornar sua literatura melhor do que a dos gregos e romanos, os quais serviram para fornecer as bases¹⁷⁷, mas, segundo ele, não devem continuar à frente. Os antigos já teriam cumprido seu papel na formação dos poetas franceses, que agora já podem alcançar a excelência por si mesmos, valorizando os elementos locais. Por isso, ele incita-os a libertarem a sua língua:

Mantemos a nossa língua escrava, nós mesmos: mostramo-nos estrangeiros em nosso próprio país. Que tipo de nação somos nós, ao falarmos eternamente pela boca dos outros? [...] As Musas agora vêm morar na França, mas não para encontrar anfitriões vestidos com andrajos estrangeiros; elas não procuram ser latinizadas pelos franceses; elas encontraram a homenagem que queriam na Grécia e em Roma pelos habitantes daqueles países; elas não procuram ramos enxertados nas árvores francesas; elas querem a naturalidade e a pureza produzida pela terra onde vêm morar. (p. 406)

A ascensão das línguas vernáculas ao nível das línguas clássicas, que começa no século XVI, tem uma relação importante com a atividade tradutória. A tradução renascentista, ao se tornar uma retextualização fundamentada na retórica elocutiva (FURLAN, 2002), caracteriza-se como uma atividade renovadora da língua de chegada, influenciando, assim, a formação culta daquelas línguas vernaculares em que, quanto

177 A noção de imitação de Peletier, porém, difere daquela de Du Bellay. Peletier considera que a tradução é um tipo de imitação, a “melhor forma”, apenas quando se refere ao exercício poético (método de aprendizagem), mas no caso da tradução dos clássicos, ele a considera uma atividade artística, que reproduz o original, conforme os princípios da *elocutio* retórica. Já para Du Bellay a imitação é sempre transformação, visando só a língua de chegada. Pois, ao “converter em alimento” a língua de partida, esta desaparece.

mais se traduzia mais imponentes se tornavam. Sem esta formação, elas não teriam meios de superar a condição de “bárbaras” e “pobres” a que alguns literatos haviam relegado-as, por causa da sua incompatibilidade de expressar todos os valores estéticos das obras clássicas, que até então eram vulgarizadas¹⁷⁸, mas não traduzidas com toda a sua arte.

A língua para a qual os renascentistas traduziam tinha de ser comum, acessível aos novos leitores, mas, por outro lado, diferente daquela usada nas várias situações de comunicação quotidiana, que era suficiente para tais funções, mas que, segundo eles, não estaria apta para expressar integralmente o que os filósofos e/ou os poetas antigos haviam escrito em grego e latim, as línguas “perfeitas”. Nos seus aspectos formais e estilísticos, as línguas neolatinas eram consideradas ainda incompletas. No léxico, para alcançarem a abundância das línguas denominadas “ricas”, muitas palavras precisavam ser criadas, outras recriadas e/ou legitimadas. Na sintaxe, sem desinências casuais, a organização da sentença requeria o domínio de outros recursos, como as preposições e a ordem direta. A pronúncia apresentava diversidades e a representação gráfica dos sons tinha de ser adequada.

As línguas clássicas haviam sido habilmente elaboradas pelos literatos antigos, enquanto os vernáculos tinham um tempo muito menor de uso na escrita literária. Por isso, a tradução, nesta época, além de transmissão de conhecimentos e expressão de valores artístico-literários, torna-se também uma atividade visada pelos interessados no aprimoramento estético da própria língua. Sob a influência da arte retórica, cujos princípios regem o “bom” emprego da língua, o modo de traduzir passa a exigir grande “artifício” (engenho e juízo). O tradutor renascentista deixa de ser um mero trasladador de conteúdos e define-se como artífice, pois a *elocutio* requer habilidade especial para que o trabalho seja executado.

As qualidades que caracterizam o valor da atividade tradutória no Renascimento são expressas, entre outras formas, por comparações, em que o tradutor, bem como qualquer outro tipo de colaborador do florescimento das letras na própria língua (gramático, poeta, orador), é como um benfeitor para ela, ou para os seus usuários. Em Speroni (1542), o personagem Bembo, imitado depois por Du Bellay (1549), cita

178 Conforme exposto no nosso capítulo 2, p. 61-2.

os romanos como “ótimos agricultores”, que domesticaram o latim, inicialmente bruto, para que

desse muitos, mais belos e maiores frutos, tirando do seu redor os ramos inúteis, em troca enxertaram-lhe alguns raminhos magistralmente tirados do grego; os quais, subitamente, uniram-se a ele e tornaram-se semelhantes ao tronco, que hoje não parecem ramos adotivos mas naturais. Então, nasceram nele aquelas flores e aqueles frutos tão coloridos da eloquência, com aquele número e com aquela mesma ordem que tanto exaltais; os quais todas as línguas costumam produzir, não tanto pela sua natureza quanto ajudada pela habilidade de outros. (SPERONI, 1542, p. 449-50)

Para Peretto (SPERONI, 1542), o tradutor é referido como uma “boa pessoa”, um “homem douto”, que poderia trazer¹⁷⁹ à língua vulgar “os frutos das ciências”; Bartoli e Gelli (1551) elogiam os poetas florentinos que havia aperfeiçoado a sua arte através dos clássicos greco-latinos; Du Bellay (1549) e Peletier (1555) empenham-se na criação da poesia francesa em vernáculo; Boscán (1543) traz à língua castelhana o verso decassílabo; Góis (1538) traduz Cícero em benefício dos que não leem latim; Barros (1540) oferece ao rei de Portugal e, por extensão, a todos os usuários, a sua *Gramática da língua portuguesa*. Enfim, todos prestam seus serviços e contribuem para que a própria língua se torne honrada. Por isso, o papel da tradução renascentista distingue-se pelo seu caráter aprimorador das línguas e das literaturas modernas, bem como da cultura geral do cidadão.

Ao mesmo tempo em que a atividade tradutória ocorre entre sistemas, ou seja, como passagem de um código linguístico a outro, também se dá uma transferência de valores da Antiguidade clássica, possivelmente porque o ensino difundido sob a influência dos

179 Mesmo quando comparado a um mercador, pode-se compreender que o tradutor renascentista não é um mero transportador de mercadorias, mas aquele que traz “especiarias” (SPERONI, 1542, p. 468), mercadorias especiais, que vão acrescentar novos sabores à língua, já que a tradução elocutiva cuida dos valores artísticos.

humanistas, integrava, além da retórica, da gramática e da poética, também a história e a filosofia moral (KRISTELLER, 1970). As três matérias iniciais promoveram mudanças na atividade tradutória em relação à estética da linguagem; as duas últimas, por sua vez, teriam influenciado os renascentistas na escolha criteriosa dos autores e das obras que eles julgavam exemplares para a formação dos cidadãos das novas nações. É com esta intenção formadora que Damião de Góis (1538) diz ter traduzido em português o “livro da velhice”, de Cícero, imitando a atitude deste, que havia beneficiado os romanos ao disponibilizar-lhes a cultura grega em latim:

O que fez não já por Tito não poder por si alcançar naquela linguagem o mesmo, e mais que Marco Túlio, mas para que aqueles, que nela não eram instituídos (por sua autoridade que era grande) a quem se o livro endereçava, com maior diligência e estudo o lessem, para que assim lendo recebessem fruto e proveito de tão divina obra. (p. 561)

Assim pervivem, entre os renascentistas, junto aos exemplos linguístico-literários, também outros ideais da cultura greco-latina, como a educação liberal, as atitudes, a civilidade, os comportamentos nobres e o gosto refinado. Permanecem os modelos e gêneros composicionais, com suas regras, na escolha das obras traduzidas, cujos autores (poetas, filósofos, historiadores) são considerados os melhores e cuja finalidade é educar, ser útil à comunidade receptora, ajudar a formar os próprios cânones literários, normalizar, dignificar as línguas vernaculares, enfim, legitimar as novas comunidades, inspirando-se nos modelos antigos.

8.1.1 A tradução na reelaboração do vernáculo literário

Além dos aspectos gramaticais e lexicais, a atividade tradutória renascentista também contribuiu para o do estilo dos tradutores, pois, foi graças às traduções que recursos como imagens, figuras de retórica e medidas silábicas passaram a integrar as novas composições. Conforme Highet (1954, p. 165), a influência clássica na constituição das literaturas modernas utiliza-se de três modalidades principais, que são a tradução, a imitação e a emulação, das quais a mais natural foi, inicialmente, a tradução dos clássicos greco-latinos. Ao lado desta,

participaram a imitação e a emulação. A imitação podia ser tanto a produção de obras em latim por um autor moderno quanto a adoção do modelo dos antigos em uma composição de língua moderna. Já a emulação ocorria quando os escritores modernos acrescentavam à forma e aos materiais clássicos o seu estilo próprio e os seus temas, com intenção de realizar algo que, além de valoroso como os clássicos, fosse também inovador.

Formaram-se, assim, as novas línguas literárias, utilizando os modelos clássicos, tanto na composição de elementos lexicais e sintáticos quanto na adoção de gêneros, estilos, temas e motivos. Com base nos clássicos greco-latinos, novas obras foram sendo criadas, às vezes inovando a forma para expressar um tema conhecido, outras vezes utilizando um modelo formal com conteúdo novo. Desse modo, a tradição literária constituiu-se, nas línguas neolatinas aqui referidas, de modo semelhante a um processo tradutório, do qual fazem parte, além da tradução dos textos clássicos, também a imitação e a emulação. E, à medida que se reconhece o valor dos vernáculos como línguas literárias, seus escritores não necessitam mais do latim para expressarem suas ideias¹⁸⁰.

Quanto maior a complexidade formal da língua-fonte, maior a tendência de os tradutores tentarem aproximar a língua de destino a ela, aproximação esta que, no caso dos vernáculos no Renascimento, era necessária para que se pudesse expressar o conteúdo dos textos clássicos com uma forma artística equivalente à da composição do texto de partida. Isto, porém, gera problemas quanto às escolhas tradutórias, em especial com relação a ter de optar pelo sentido ou pela forma. É dentro desta problemática que Valdés (1535) considera difícil traduzir do latim ao castelhano sem ter de alterar ou o sentido ou a letra:

180 Algumas publicações continuariam a ser feitas em latim, nos séculos seguintes, porém, mais por questões ideológicas e por costume do que por necessidade, uma vez que as línguas modernas já têm condições de dar conta do uso escrito. Entretanto, exceto para o grupo dos literatos, o latim exerceu um certo fascínio nos meios acadêmicos europeus até o século XIX (BURKE, 1995, p. 51-88). Muitos textos de ciências eram redigidos em latim, ou em algum tipo de latim, como a variedade denominada “latim botânico”, que se manteve como a única língua internacional da área até 2012, quando então incluiu-se o inglês.

VALDÉS: [...] se alguém traduz aquele *Idne estis auctores mihi?* de Terêncio não querendo afastar-se da letra, terá de dizer “Disto sois autores para mim?” e assim não se entenderá o que o poeta quis dizer, porém, se, escrevendo de sua cabeça, quiser dizer aquela mesma sentença dirá: “Isto aconselhais a mim?”, e é o mesmo que sentiu o poeta, embora se diga por outras palavras. E da mesma maneira, se outro quiser por em romance aquele mesmo *O factum bene, besti me*, de Terêncio, diz: “Oh, como está bem feito! Tornaste-me bem aventurado”, não falará o castelhano próprio, nem exprimirá tão bem o que o poeta quis dizer, como se, não se preocupando em observar a palavra, mas o sentido, diz: “É a melhor coisa do mundo, deste-me a vida.” (p. 275)

Tanto “falar o castelhano próprio” (respeitar as propriedades da língua de chegada) quanto “exprimir o que o poeta quis dizer” (fidelidade à expressão do autor) eram princípios dos quais não se poderia abrir mão na tradução renascentista, por isso ela era vista como uma tarefa árdua. A tradução ideal, para os renascentistas, era aquela que conseguia exprimir perfeitamente o sentido sem negligenciar nenhum aspecto formal, o que exigia grande conhecimento e habilidade, por causa das diferenças entre as línguas. Mas, o fato de não haver correspondência entre as propriedades das línguas não significava que uma não pudesse expressar o que estava dito noutra. Para os renascentistas, todas as línguas tinham as mesmas potencialidades, cabendo aos usuários de cada uma desenvolvê-la. Por isso, muitas vezes, diante de uma dificuldade tradutória, a opção mais viável era seguir o estilo do autor, explorando então os recursos existentes na língua de chegada. A partir do exercício com as diferentes línguas, em que o tradutor tinha de buscar soluções criativas, os vernáculos foram reelaborados. Como revela Peletier (1555), diante da diferença morfosintática do vernáculo em relação ao latim, em que não se podia contar com o sistema de casos e declinações, seria preciso encontrar, ou inventar, outros meios de obter o mesmo efeito expressivo:

[...] para nos igualarmos aos antigos, falta-nos usar todas as invenções convenientes que pudermos, enquanto a nossa língua está em nossas

mãos, e em nosso poder, visto que temos outras grandes desvantagens: entre outras, que os nossos nomes não se declinam no final; outro ponto que temos em grande sujeição é que nossas palavras não se podem prepor, entremear e pospor tão livremente como no latim e no grego. Pois, se, por exemplo, eu tivesse de transladar o primeiro verso do quarto canto da Eneida, *At Regina graui jamdudum saucia cura*, não poderia dizer palavra por palavra, “mas a rainha por grande há muito ferida inquietação”, em vez de “mas a rainha ferida há muito por grande inquietação”. E quem quisesse tentar remediar tal defeito, faria um grande exercício [...]. (p. 414)

A tradução pela sentença era sempre preferida à palavra por palavra, levando-se em conta, além do sentido, também a adequação dos elementos gramaticais e, principalmente, a sonoridade. Peletier (1555), ao fazer comentários acerca da poesia latina, chama atenção sobre a importância de se observar, nas palavras do autor, até mesmo a quantidade das vogais, “as sílabas breves latinas e gregas devem ser pronunciadas breves e as longas, longas” (p. 404), pois, segundo explica¹⁸¹, elas exprimem a arte do poeta. E quem for traduzir uma passagem dessas terá de levar em conta tal arte “em ambas as línguas, não devendo perder nada das locuções, nem mesmo a particularidade das palavras do autor, cujo engenho e sutileza muitas vezes consistem nelas.” (p. 404) Era necessário que o tradutor fosse, antes de tudo, um grande estudioso dos textos clássicos, a fim de captar todos os detalhes da composição, para que, quando trouxesse a obra ao seu vernáculo, soubesse reconstruí-la com todas as suas virtudes artísticas.

181 “[...] descobri esta passagem da terceira égloga de Virgílio, onde há: *Et longum formosa, uale: ualet inquit, Iola* em que os comentaristas dizem que o quarto pé do verso é um dátilo, e escandem o *uale, inquit Iola*, como se fosse um espondeu, e erram ao escandir o *uale, inquit, Iola*. A sutileza do poeta é que ele fez longa a primeira [sílab]a de *uale*, imitando o falar da jovem Fílis, porque Menalcas diz: Fílis chorou na minha partida, e disse-me um longo adeus, adeus, disse ela, pois os que querem demonstrar seus sentimentos chorando obviamente pronunciam longo. Por isso o poeta colocou duas vezes *uale* para a jovem chorosa.” (PELETIER, 1555, p. 403)

Também Toscanella (1575), para o qual traduzir bem é tomar fielmente tanto as ideias quanto as palavras do texto de partida, recomenda que seja dada atenção a todos os aspectos da forma, em especial às propriedades das palavras, de modo a conservar, entre outros valores, a sonoridade das sentenças:

Se as palavras do autor que se toma para verter em língua vulgar são claras, ilustres, graciosas, doces, duras, cadentes, sóbrias, altas, ásperas, e enfim de outra maneira, o bom intérprete será obrigado a escolhê-las, traduzindo com ásperas, altas, sóbrias, cadentes, duras, doces, graciosas, soantes, ilustres, claras, e de outra maneira; e a responder a todas de uma em uma, segundo a sua qualidade, [...]. É preciso observar aquelas de mais sílabas e menos sílabas e, se for possível, encontrar uma palavra da mesma quantidade de sílabas; como se *lucidus* fosse traduzido dizendo lúcido e não claro; porque lúcido tem três sílabas, como tem o nome latino lúcido; [...]. E há que se observar ainda a duração e brevidade, [...] se como no som dos instrumentos o tempo importa infinitamente e, se não se soasse a tempo, a harmonia tornar-se-ia desagradável, assim, não observando o tempo que trazem consigo as sílabas longas e breves, o som que resulta da tradução é inteiramente desagradável, ou pouco agradável. (p. 551-2)

Seu rigor aplicado à ordem das palavras na tradução não supera, porém, a importância que ele dá ao uso do ouvido, que era o “juiz” dos letrados renascentistas:

[...] tenho por certo que o tradutor, traduzindo, seja obrigado a colocar o verbo vernáculo onde está o latino; o nome onde está o nome, o pronome onde está o pronome; e assim todas as outras partes da oração, *a menos que perceba que o som tenha ficado muito ruim*, e o número, pois então fará bem em interpor, ou pospor, ou por antes aquela palavra que saberá trazer mais ornamento e graça à tradução. (p. 552-3, grifo nosso)

A atividade tradutória, portanto, desenvolve a sensibilidade artística, contribuindo para a formação dos novos poetas, que assim aprendem a encontrar, ou criar, os valores expressivos do vernáculo. Pela experiência do traduzir, exercitando o ouvido e buscando a harmonia e adequação das palavras nas sentenças, o letrado renascentista aprimora o gosto pela composição bem elaborada, que depois vai ajudar a definir a “bela” língua, a que se vai priorizar na escrita literária.

O uso corriqueiro da língua, obviamente, não necessitaria do cuidado com a escrita. Até mesmo os humanistas puristas, enquanto defendiam o uso do latim nos grupos refinados, admitiam as variedades vulgares próprias das situações informais de comunicação, ou usadas pelas camadas populares¹⁸². Mas, ao se traduzir uma obra, de acordo com os requisitos da *elocutio* retórica, era preciso tornar a língua receptora apta para que esta obra pudesse conservar sua integridade na tradução. Caso contrário, o valor do trabalho se perderia devido à disparidade de elementos entre as línguas. De certa forma, este princípio permanece em nossos dias, tratando-se da língua como instituição¹⁸³. Conforme García Yebra (2006, p. 29-30), a respeito da tradução, há que se cuidar especialmente da língua escrita:

Ainda que não seja a situação ideal, pode-se traduzir bem obras escritas em uma língua sem entender as manifestações orais de seus falantes e sem poder expressar-se nela com fluidez. Não se pode, porém, traduzir seus textos escritos sem compreendê-los. Esta compreensão, imprescindível, tampouco é suficiente. É necessário também, e sobretudo, um bom conhecimento da língua para a qual se traduz, até o ponto de poder reconstruir nela o conteúdo do texto original com a menor perda possível. [...]
O tradutor está obrigado a cuidar e enriquecer a sua língua, que não é uma simples ferramenta que

182 Como diz o personagem Lázaro, “[...] se estamos na praça, no sítio ou em casa, com o povo, com os camponeses, com os serviçais, falemos vulgar e não de outra forma; mas nas escolas das doutrinas e entre os doutos, onde podemos e devemos ser homens, seja humana, isto é, latina a conversação.” (SPERONI, 1542, p. 435)

183 Isto é, a língua padronizada, que é tornada um patrimônio coletivo.

cada um pode manejar a seu bel prazer. A língua é um instrumento precioso e delicado, que se deteriora com o mau uso. E a deterioração causada à língua prejudica os seus demais usuários.¹⁸⁴

Os tradutores renascentistas assumiam com responsabilidade a tarefa de zelar pelas qualidades da língua escrita da sua comunidade¹⁸⁵, buscando melhorá-la cada vez mais, cientes de que estavam atuando em benefício de seus usuários. A tradução “correta” (que devia recuperar tanto o sentido quanto os aspectos formais) era, para eles, um sinal de que a cultura receptora, com sua língua literária já formada, havia conquistado um novo status e não ficava em débito com as ideias do texto-fonte. Toscanella (1575), em defesa das possibilidades tradutórias do vulgar toscano, ressalta que “podemos traduzir na nossa língua os autores latinos com muita elegância, e muito mais adequadamente, pois os latinos têm poucas coisas, ou pouquíssimas, que estão fora do nosso conhecimento.” (p. 544)

Algumas vezes a referência à tradução aparece de forma indireta, através de expressões em que o original “fala” na língua receptora, demonstrando-se, de qualquer modo, que esta já tem condições de dar voz ao outro, tão bem quanto a língua de partida, seja ela clássica ou moderna. Peretto, defendendo a utilidade das traduções, diz que as artes e as ciências agora “estão nas mãos dos latinos e dos gregos; mas devemos fazer com que no futuro todas as línguas possam falar de todas as coisas por todo o mundo.” (SPERONI, 1542, p. 467); Du Bellay (1549, p. 355), sobre as traduções de textos de ciências, diz que através delas “gregos e latinos aprenderam a falar francês [...] por muitas e

184 “Aunque no sea la situación ideal, se puede traducir bien obras escritas en una lengua sin entender las manifestaciones orales de sus hablantes y sin poder expresarse con fluidez en ella. Pero no se puede traducir sus textos escritos sin comprenderlos. Esta comprensión, imprescindible, tampoco es suficiente. Es necesario también, y sobre todo, un buen conocimiento de la lengua hacia la que se traduce, hasta el punto de poder reconstruir en ella el contenido del texto original con la menor pérdida posible. [...] El traductor está obligado a cuidar y enriquecer su lengua, que no es una simple herramienta que cada uno puede manejar a su antojo. La lengua es un instrumento precioso y delicado, que se deteriora con el mal uso. Y el deterioro causado a la lengua perjudica a sus demás usuarios.”

185 Até porque se não o faziam, eram hostilizados, chamados de “traidores”.

excelentes penas do nosso tempo”; Morales (1586, p. 332) destaca que “A história romana e muito da antiguidade latina e grega já falam o castelhano elegantemente e com propriedade e polidez” e também que “O Cortesão não fala melhor na Itália, onde nasceu, do que na Espanha, onde Boscán mostrou-o extremamente bem.” (p. 334)

Tanto quanto a escolha das palavras ao compor um texto também era relevante, para eles, escolher bons autores e obras bem elaboradas, porque isso, além de confirmar a habilidade artística do tradutor, tornaria o vernáculo honrado, pela comprovação da sua capacidade de receber toda a arte do texto de partida. Por isso, um requisito importante da atividade tradutória renascentista, além do modo de traduzir respeitando ao máximo todos os valores do original e recriando-o na língua receptora, era a seleção das obras, cuja preferência era dada aos melhores autores da Antiguidade. Pois, se era possível à nova língua expressar bem as ideias dos grandes clássicos, era porque ela já estava apta, formada e pronta para se igualar às demais, ou até superá-las. Caso ainda lhe faltasse algum elemento, esta lacuna poderia ser preenchida através de ações enriquecedoras dos letrados, sempre tomando como referência os livros dos autores exemplares, considerados bem escritos, em grego e/ou em latim.

Os livros clássicos eram fundamentais na formação do letrado, tanto para aprender a traduzir/escrever quanto para falar bem usando o vernáculo. Por isso, Du Bellay (1549, p. 362) considera conveniente “a quem quiser enriquecer a sua língua, que escreva pela imitação dos melhores autores gregos e latinos” e Peletier (1555) recomenda que o poeta exercite-se e incorpore em sua memória Homero e Virgílio, autores de obras heroicas, sob as quais entendem-se os outros gêneros.

Para Gelli (1551), a “bela” língua de Florença, com sua capacidade de versificação, deve-se ao conhecimento que os florentinos adquiriram através dos clássicos:

BARTOLI: [...] há vinte e cinco anos não havia versificadores em Florença, senão três ou quatro; aos quais, sem ter, de outra forma, nenhuma consideração sobre terminações de palavras, de concordâncias de números, ou de outra coisa que torne belo, bastava somente que ficassem e fossem versos. [...]

GELLI: E do que pensais que nasce isto, senão de haver hoje em Florença tão grande número de

peçoas que têm muito bom conhecimento da língua latina e grega? as quais, ao aprendê-las, tendo necessidade de ver os verdadeiros poetas, souberam tão claramente que coisa é poesia”. (p. 520-1)

Os espanhóis, por não possuírem bons escritos na sua língua, atribuíam a esta falta o fato de ela ainda não ter obtido a mesma riqueza e imponência das outras. Esta é a principal observação que Valdés faz neste aspecto:

[...] todos estes livrinhos [em castelhano], como estão escritos sem o cuidado e a atenção necessários, têm algumas faltas, pelas quais não se podem elogiar como elogiáveis, entre os gregos Demóstenes, Xenofonte, Isócrates, Plutarco, Luciano, bem como outros príncipes da língua, e em latim Cícero, César, Salústio, Terêncio, e outros que, como escreveram com cuidado, vê-se neles a propriedade natural e a pureza da língua. (VALDÉS, 1535, p. 287)

O fato de não possuírem aqueles “bens alheios” não os fazia insurgirem-se contra o outro, ao contrário, motivava-os a buscarem a mesma glória. Morales (1586) cita, como exemplos a serem seguidos pelos espanhóis que desejam aperfeiçoar a sua língua, os italianos, que haviam se dedicado a aprender o grego e o latim, para obterem “chaves com que possam abrir os tesouros de ambos e enriquecer seu vulgar” (p. 322). Para ele, a maior ajuda para se aperfeiçoar uma língua vem dos livros, cuja excelência dos que escrevem bem “incitam e incentivam os outros para se esforçar em tornar-se semelhantes, e merecer ser elogiados como eles.” (p. 331)

A tradução renascentista contribui para a reelaboração das novas línguas literárias em todos os seus aspectos constitutivos. Pois, para realizar uma “boa” tradução, conforme os preceitos da época, era preciso possuir o domínio completo dos elementos de ambas as línguas, além de, muitas vezes, saber dotar a língua receptora de todos os recursos necessários à expressão artística. A tarefa do tradutor, nesta época, reveste-se de uma série de conhecimentos formais, uma vez que não basta saber fazer a transposição do sentido para que os clássicos possam “falar bem” em vernáculo, mas é preciso dar-lhe condições, para

que então se possa elogiar a sua capacidade de recepção das ideias de maneira adequada. É através deste trabalho atencioso do letrado que cada língua, por natureza igual a todas as outras, vai ter seu valor artístico ampliado:

O falar figurado, pois, é comum a todas as línguas; mas é necessário usá-lo convenientemente e com cuidado muito grande, para que depois se veja riqueza e majestade nesta língua; e que as tantas coisas transportadas nela se ajustam muito bem. (TOSCANELLA, 1575, p. 545)

Para distinguir uma língua da outra, tornando-a mais habilitada, os letrados servem-se de vários recursos enriquecedores, desde a imitação e tradução dos clássicos, passando pela agregação de vocábulos regionais e estrangeiros, até a criação de termos novos e grande cuidado na sua colocação. Somente a profusão de palavras não bastava para tornar a língua copiosa, era preciso também dar atenção à construção sintática, já que os vernáculos não possuíam o sistema de declinações. Por isso Peletier (1555), admitindo que havia esta lacuna no francês, propõe como solução apelar para os recursos próprios da sua língua, usando “todas as invenções convenientes” (p. 413). Pelos modelos clássicos, não apenas imitando-os, mas observando-os com discernimento, o tradutor poderia extrair os elementos necessários para a sua arte, tornando-se então criador, inovador, como ele aconselha, referindo-se ao ofício do poeta:

Que ele olhe o que é que foi feito; e se não foi feito, em quem está a falta. Note as generalidades e as particularidades; examine as passagens de filosofia, o modo de narrar, e como são diferentes a seriedade, a graça e a decência. Se houver defeitos, que os evite, coisa fácil; as virtudes, que as iguale, coisa possível; ou que as supere, coisa honrosa. (PELETIER, 1555, p. 391)

Também Boscan (1543), ao explicar como havia introduzido a nova métrica na poesia da Espanha, diz ter-se ocupado longamente em perscrutar as composições utilizadas até então, para ter seu “juízo mais

aberto” e, finalmente, poder consagrar na língua castelhana o verso decassílabo, no qual

[...] vemos, onde quer que se nos mostre, uma disposição muito capaz para receber qualquer matéria: grave ou sutil, dificultosa ou fácil, e igualmente para se juntar com qualquer estilo dos que achamos entre os autores antigos aprovados. (p. 308)

A partir dos exercícios tradutórios, além do léxico, também a sintaxe própria das línguas neolatinas começou a ser aperfeiçoada. É num jogo de tradução que Valdés (1535) mostra aos aprendizes que não são as palavras que fazem a língua; elas não precisam ser alteradas, na passagem do latim para o castelhana, para que ocorra diferença, pois, segundo demonstra, a verdadeira diferença entre as línguas está no modo como as palavras são combinadas para formar uma sentença:

VALDÉS: [...] tomai alguns versos latinos e observai como, palavra por palavra, vo-los mostrarei quase todos castelhanos.

MÁRCIO: Tomo o início da *Arte poética*, de Horácio.

VALDÉS: Está bem. *Humano capiti ceruicem pictor equinam/ iungere si uelit et uarias inducere plumas.*

VALDÉS: Agora escutai-os, palavra por palavra: *Humana cabeça cerviz pintor de égua ajuntar se quiser e várias colocar penas.*

CORIOLANO: Para mim esta é uma algaravia muito cerrada.

VALDÉS: Tendes razão, porque está dito palavra por palavra, mas com as mesmas palavras, colocando cada uma delas em seu lugar, entenderéis.

CORIOLANO: Então, colocai-as.

VALDÉS: *Se a uma cabeça humana quiser um pintor juntar uma cerviz de égua e colocar-lhe várias penas*, etc. Entendeis agora?

CORIOLANO: Sim, e muito bem.

VALDÉS: Pois acredito que também vedes como, nestes dois versos, não achais quase nenhum

vocábulo que não conheçais por latino, a não ser o *quiser*. (p. 291)

Pela experiência do “traduzir bem”, que envolve requisitos como o conhecimento amplo das línguas, das culturas, dos princípios gramático-retóricos e das possibilidades expressivas, os literatos desenvolvem a habilidade de “inventar bem”, ao escreverem obras na sua própria língua. Assim, a partir do Renascimento, surgem, compostas em vários gêneros clássicos, as grandes obras da literatura ocidental, com o objetivo de proporcionar prazer estético¹⁸⁶. (HIGHET, 1954, p. 38)

Nos textos que compõem a nossa antologia, embora nem sempre a tradução seja reconhecida como um meio útil na promoção do vernáculo, há uma constante afirmação dos requisitos necessários para obtê-la de acordo com os preceitos comuns na época renascentista. Alguns dos letrados mostram-se desfavoráveis à atividade tradutória, por duas razões principais: A primeira, conforme revelam os personagens Lázaro e Láscaris, em Speroni (1542), diz respeito à relação entre as coisas e as palavras, princípio filosófico sob o qual as ideias concebidas em uma língua não poderiam ser expressas em outra língua, a menos que houvesse uma aproximação quase idêntica entre tradutor e autor e, principalmente, entre as línguas. Por isso, sendo os vernáculos considerados muito diferentes das línguas clássicas, haveria muita dificuldade de encontrar equivalência.

Em decorrência disso, o traduzir “corretamente”, como algo que expressa o texto de partida com a máxima perfeição exigida em todos os aspectos, tornaria a tradução uma excelente obra de arte, mas somente à custa de grande habilidade. A segunda razão é estratégica e refere-se à intenção do letrado de valorizar os recursos existentes na língua vernácula, demonstrando as qualidades que comprovam a sua aptidão para as funções necessárias, sobretudo a produção literária própria. É com relação a este último ponto que Valdés (1535) e Du Bellay (1549), ambos tradutores e conhecedores das potencialidades dos seus vernáculos, assumem posicionamentos contrários à tradução, em

186 Isto é uma característica renascentista, em que a obra literária, mesmo em prosa, proporciona deleite ao ouvido.

determinados momentos, especialmente quando se trata da tradução poética¹⁸⁷.

Estes posicionamentos, no entanto, não diminuem o valor dos textos destes autores para a reflexão aqui proposta, pois, de uma maneira ou de outra, negando ou afirmando a importância dos fatos, eles fornecem elementos históricos que confirmam o papel da tradução renascentista na reelaboração dos vernáculos literários.

Valdés (1535), embora não valorize a tradução como atividade enriquecedora do vernáculo, conhece e aplica os preceitos da tradução renascentista (elocutiva), ao julgar obras traduzidas. Por exemplo, ele considera que o *Enquiridion* de Erasmo foi bem traduzido em castelhano por Arcidiano del Alcor porque “pode competir com o latino, quanto ao estilo” (p. 274), o que significa que o tradutor conseguiu encontrar meios de reproduzir a arte do original na língua de chegada, vencendo a dificuldade imposta pelas propriedades linguísticas.

Também Du Bellay (1549, p. 357), mesmo considerando que a tradução é uma “traição”, por não dar conta dos valores elocutivos, fornece dados sobre os preceitos tradutórios comuns na sua época, tais como a importância da eloquência (palavras apropriadas e pertencentes ao uso comum, recurso a figuras e ornamentos), sem a qual “toda oração e poema são nus, mancos e débeis”; a *proprietas*, “cada língua tem um não sei quê, próprio somente dela” e, principalmente, sobre “a lei de traduzir”, que é “não se afastar dos limites do autor”, trazendo as coisas da língua de partida “com a mesma graça e naturalidade”.

Assim, por meio da tradução, com base na concepção retórica da linguagem e selecionando as obras tidas como bem escritas, os letrados renascentistas promoveram o aprimoramento das literaturas nas línguas vernáculas. Os princípios da *elocutio*, presentes nas principais traduções realizadas pelos renascentistas¹⁸⁸, consagraram, na história das línguas

187 Valdés (1535), que está apresentando a língua castelhana cortesã aos estrangeiros, prefere não entrar em detalhes a respeito da poesia, pois não aprova nem mesmo “a leitura em verso, nem castelhano, nem em nenhuma outra língua, para os que são aprendizes dela.” (p. 267) E quanto aos livros traduzidos, diz ter lido poucos; Além disso, ele considera julgar as obras alheias algo como meter-se em um “labirinto”. (p. 266)

188 Entre vários exemplos de traduções baseadas nos princípios da retórica elocutiva estão os *Idílios* de Teócrito, traduzidos por Annibale Caro, em italiano; *Vidas paralelas* de Plutarco, por Amyot, em francês; *Bucólicas* de

neolatinas aqui referidas, um novo modo de os letrados escreverem seus próprios textos nestas línguas. E este novo modo, aliado aos acontecimentos de ordem cultural, social, política e econômica, deram a estas línguas condições de se tornarem aptas a expressar os valores culturais do grupo que representavam.

8.1.2 A tradução e a construção da norma culta vernacular

No Renascimento, a tradução constitui a base da autonomia dos vernáculos, tanto favorecendo a reelaboração da literatura e a gramatização, quanto interferindo no tratamento dado à língua de modo geral. A retórica elocutiva, que revoluciona o modo de traduzir as obras literárias, também influencia o aprimoramento do vernáculo como um todo. E o conjunto destes fatores vai resultar no reconhecimento do valor das novas línguas.

A escolha das palavras, com aplicação dos seus requisitos, contribui para a ampliação e a naturalização lexical. Para uma tradução em que era visado apenas o sentido, podia-se empregar uma palavra vernácula, ou, caso necessário, um estrangeirismo que expressasse aquela ideia. Havendo, porém, o cuidado não só com o sentido mas também com a forma, a palavra estrangeira poderia ter de sofrer algum tipo de alteração, a qual era feita conforme as normas habituais da língua receptora, que a partir de então a incluía no seu vocabulário devidamente naturalizada' conforme o sentido gramático-retórico da *puritas*, ou *latinitas*.

A gramatização das línguas neolatinas ocorre com base no paradigma greco-latino, do qual se trasladam as regras essenciais, para que elas sejam habilitadas e tornem-se os novos instrumentos de aquisição de conhecimentos. As gramáticas vernaculares dos renascentistas, a partir de Nebrija (1492), revolucionam os métodos de ensino de línguas e constituem uma prova de que o vernáculo é digno de ser implantado na escola, por trazer maior vantagem aos estudantes. E, com isso, já pode ocupar o lugar que antes era exclusivo do latim.

A partir do Renascimento, a gramática (*techné/ars*), que por estar na base da formação do orador ainda mantém seu vínculo com a retórica, amplia-se como instrumento didático, livro de regras, e também

para desenvolver os estudos linguísticos¹⁸⁹. As primeiras gramáticas neolatinas trazem a influência da arte retórica, na seleção lexical e nas construções elegantes, servindo, desse modo, para legitimar o uso dos vernáculos gramatizados. Estes, por sua vez, depois acabam reproduzindo o processo greco-latino, sobrepondo-se às variantes que não haviam recebido o mesmo tratamento¹⁹⁰.

Para os renascentistas, assim como uma obra devia ser traduzida com base em princípios como a correção, a clareza e o estilo agradável, também a língua, em todos os demais usos, tinha de ser “bem apresentável”, tanto na modalidade escrita quanto nas conversações entre os letrados. O uso da língua comum, o qual facilitava a compreensão da mensagem pelo receptor, era um dos requisitos importantes da tradução elocutiva renascentista (FURLAN, 2002). Por este motivo, era utilizado pelos letrados também como uma forma de expressar o patriotismo linguístico, valorizando as próprias palavras e evitando termos estranhos, ou muito rudes, porque a língua vernácula, para ter seu reconhecimento, deveria ser, segundo seus construtores, bela e harmoniosa.

A nova língua tinha de encontrar seu ritmo na fala local, viva e própria dos seus usuários, diferenciando-se das línguas antigas, que já se haviam tornado línguas apenas da escrita, ou, como alguns as definiam, “palavras mortas” (DU BELLAY, 1549), ou “línguas dos mortos” (SPERONI, 1542), cuja tentativa de ressurreição seria inútil. Para não ter de recorrer ao latim, era preciso então admitir a origem humilde da nova língua, com todas as suas misturas. Mas como, se ela teria de ser expressão de um grupo de usuários cultos?

Na primeira fase do Humanismo, quando somente as línguas clássicas eram prestigiadas, a língua vulgar havia sido desprezada por ser “bárbara”, confusa e incapaz de expressividade, sobretudo na escrita.

189 Com a gramatização renascentista, a gramática, além de um meio pelo qual se podia proporcionar o aprendizado de uma nova língua, tornou-se também um instrumento usado para se falar a respeito da(s) língua(s), o que, de acordo com Auroux (2009), poderíamos considerar como uma das origens das “ciências” da linguagem.

190 Por isso tornou-se comum opor gramática (língua cuidada) a dialeto (língua inculta). Muitos europeus que emigraram para o sul do Brasil no século XIX autodenominavam-se como usuários “do dialeto, não da gramática”, a qual era, na concepção deles, sinônimo de língua, ao passo que dialeto era o registro dos iletrados.

Conforme opina o personagem Lázaro, no *Dialogo delle lingue*, de Speroni (1452, p. 447-8):

[...] esta nova besta de prosa vulgar ou é sem pés e esdrúxula, como uma cobra, ou os tem de espécie muito diferente da grega e da latina; e, por conseguinte, de animal feito assim, como de monstro criado ao acaso, além do costume e da intenção de todo bom intelecto, não se deveria fazer nem arte nem ciência.

Lázaro compara as línguas, pela sua sonoridade, aos diferentes instrumentos musicais, dizendo que o latim soa como violões e alaúdes, e o vernáculo, como ruído de tambores e campanas, porque seus vocábulos não podem, segundo ele, formar melodia (SPERONI, 1452, p. 441). Para livrar a língua vernácula do menosprezo, seus defensores têm de assumir o dever de cultivá-la habilmente, ilustrando-a da melhor maneira possível. E para legitimá-la, elegend a variedade usada pelos doutos, que se diferencia daquela do uso dos estrangeiros¹⁹¹, dos plebeus e das pessoas do vulgo, procurando aperfeiçoá-la sempre mais, para poder exaltar, depois, as suas qualidades.

A busca de uma norma de uso comum, que, segundo os letrados da época, tinha de ser diferente da ornamentação excessiva e afetada dos pedantes e também distinguir-se do uso por eles considerado “inculto”, aquele adquirido naturalmente por qualquer pessoa¹⁹², sem o exercício escolar nas artes da gramática e da retórica. Eles estabelecem um

191 Lembrando que a língua “pura” (de *puritas*, ou *latinitas*) não é aquela que não possui elementos de outros povos, mas a que não os adaptou conforme seu próprio sistema. Também a noção de estrangeiro em relação à interferência na *puritas* da língua nem sempre se referia aos termos ou aos falantes oriundos de países do exterior; aplicava-se genericamente a todos os que não pertenciam àquele grupo de homens cultos. No caso da Itália, bastava não ser florentino para ser tido como “forestiere”. Esta noção se vê também em Valdés (1535), quando ele se refere à Andaluzia de Nebrija, “onde a língua não está muito pura” (p. 129), isto é, ainda não teve suas regras organizadas.

192 Esta situação, nas línguas neolatinas, é diferente da que ocorre no alemão construído por Lutero (1530; FURLAN, 2006, p. 105) a partir das suas traduções, em que ele busca a língua comum justamente no uso quotidiano das pessoas simples (as mães em casa, o povo nas ruas etc).

vínculo entre a fala padronizada e a escrita literária, que poderia lhes garantir a autoridade, e mesmo a fixação deste modelo idealizado.

A noção de “bom uso” é uma das características importantes da reelaboração renascentista das novas línguas, tanto na sua normalização quanto na tradução. A tendência era considerar, sempre que possível, o uso dos melhores, isto é, dos cortesãos¹⁹³, para que assim a língua, que os representava, mantivesse os requisitos que lhe conferiam a posição elevada. No entanto, mesmo entre os grupos seletos havia algumas disputas. No caso dos florentinistas, o grupo defendido era o deles próprios, cuja língua diziam superar até mesmo a dos romanos clássicos, enquanto todos os das outras partes da Itália eram colocados no mesmo nível da plebe:

BARTOLI: [...] este nosso falar, o qual, quando é falado puro e sem mistura de estrangeiro na nossa pronúncia própria, parece-te tão belo, que não podes de maneira alguma crer ou imaginar que fosse mais belo ouvir César, Cícero ou outro romano do que alguns dos verdadeiros e nobres cidadãos de Florença, os quais, pela sua grandeza, passaram a maior parte do tempo tratando de coisas sérias e misturando-se pouco com o vulgo, que tem a língua muito mais baixa e palavras vis e plebeias; enquanto, pelo contrário, aqueles têm palavras escolhidas e fáceis, que, além da suavidade natural desta língua, trazem um certo quê de grandeza e de nobreza; e principalmente quando estes falantes prestam atenção nas letras, exercitando-se nos estudos. (GELLI, 1551, p. 488)

Eventualmente, porém, em todos os vernáculos em ascensão na época do Renascimento eram aceitas palavras vindas de grupos sociais variados, adotando-se, para naturalizá-las, os critérios da antiguidade (*uetustas*) e do uso (*usus*), pelos quais certas palavras e expressões já se haviam tornado próprias daquela língua:

193 Este uso dos cortesãos é o que mais tarde acabou sendo consagrado pelas academias, formando as línguas pretensamente nacionais, ficando as outras variantes inferiorizadas, sob as denominações de “dialetos” e “patoás” (ZABALTZA, 2006).

[...] as cantigas compostas do povo, sem cabeça, sem pés, sem nome ou verbo que se entenda, quem cuidas que as traz e leva da terra? Quem as faz serem tratadas e recebidas do comum consentimento? O tempo, pois este faz as coisas tão naturais como a própria natureza. Este nos deu a elegância latina, este nos trouxe a barbária dos godos, este nos deu *xá* e *chá* dos mouriscos, e este nos pode fazer ricos e pobres de vocábulos, segundo o uso e prática que tivermos das coisas. (BARROS, 1540, p. 573)

Ressaltar a propriedade do vernáculo poderia ser um meio de a comunidade letrada demonstrar a sua suficiência, como língua que já tem a sua história e não necessita mais do latim. Para Valdés, o refranário castelhano, apesar de ter sido criado pelos grupos populares¹⁹⁴, constitui o que há de melhor para ensinar a língua local, porque contém palavras e expressões já consagradas pelo tempo:

[...] tendo de vos mostrar por outro exemplo o que quero dizer, parece-me ser mais proveitoso mostrá-lo por estes refrões, para que ouvindo-os aprendais, e porque um exemplo destes antigos tem mais autoridade do que outro que eu poderia compor. (VALDÉS, 1535, p. 161-2)

Entretanto, embora admitindo misturas e termos pertencentes a grupos populares, como forma de diversificar e ampliar o léxico, os letrados são criteriosos na escolha, sempre que possível, visando a uma formação equilibrada do vernáculo culto, sempre mantendo a sua vinculação com a retórica literária. Peletier (1555) aprecia as palavras regionais que alguns escritores incorporaram à literatura francesa, que contribuiriam para unificar a cultura nacional, mas também propõe que sejam criadas palavras novas, para que se possa expressar as obras clássicas, ao traduzi-las, conservando-lhes a arte, sempre atento ao uso

194 “os [refrões] castelhanos são cheios de ditados populares, a maioria deles nascidos e criados entre velhas fiando em suas rocas atrás do fogo; e os gregos e latinos, como sabeis, nasceram entre pessoas cultas e estão celebrados em livros de muita doutrina.” (VALDÉS, 1535, p. 132)

apropriado dos termos. Para ele, o “escritor engenhoso” deve saber fazer o artifício parecer natural, mesclando as palavras novas e as antigas e escolhendo quais são apropriadas para a prosa e quais para o verso, lembrando que “há várias estruturas e adequações de palavras, que são as diversidades de oração e de estilo” (p. 408).

Valdés (1535) constrói a sua língua recolhendo variedades regionais da própria Espanha e reconhecendo, na base vocabular dela, os substratos do grego, do latim, do hebraico, do árabe e também palavras de várias outras línguas, como italiano e português, mas sempre tomando o cuidado de selecionar com “juízo” e aproveitando só as melhores, ou seja, as dos que “falam bem”:

VALDÉS: [...] quando eu falo ou escrevo, tomo cuidado de usar os melhores vocábulos que acho, deixando sempre os que não são tais. [...]

MÁRCIO: E estes vocábulos que vós não quereis usar, os outros usam-nos?

VALDÉS: Sim, usam, mas não pessoas cortesês, nem homens bem conversados (p. 217).

Para os renascentistas, a “boa língua” não poderia ter adornos em excesso, nem, por outro lado, igualar-se à do vulgo, porque isso a faria retornar à condição anterior, quando a chamavam de “incapaz”, em relação ao latim. Conforme Ambrosio de Morales (1586, p. 326): “São coisas muito diferentes no castelhano, como em qualquer outra língua, falar bem e falar com afetação, e em todas o falar bem é diferente do comum.”¹⁹⁵

Assim como o retórico veste as ideias com palavras apropriadas, também o construtor do vernáculo, observando o *decorum*, procura embelezar a sua língua com trajés adequados ao nível dela, de modo que lhes pareçam naturais, como os grandes artistas costumavam fazer em suas obras. Gelli (1551), defensor da ideologia florentinista, censura os conterrâneos que haviam admitido em seus escritos palavras oriundas de outras regiões da Itália, tratando a língua como se ela fosse uma mulher com roupas e acessórios inadequados:

O que causou nela, como pode parecer claramente a quem a considera, o mesmo efeito que o

195 Morales emprega o termo “comum” com sentido de “inculto”, não-letrado.

penteados e os ornamentos acidentais e mendigados em uma mulher que seja naturalmente bela por si mesma; porque, cobrindo ou velando todo aquele belo que nela havia pela natureza, e descobrindo o artificial, tiram-lhe a graça muito mais do que lhe acrescentam, sendo sempre muito mais bela uma coisa, ainda que artificial, quanto menos se revela a arte.

BARTOLI: Por isso costumava já dizer o nosso Michelangelo Buonarroti, que só eram boas aquelas figuras das quais era tirado o trabalho; isto é, conduzidas com arte tão grande, que pareciam coisas naturais, e não de artifício. (p. 513-4)

Toscanella (1575), a respeito da ornamentação da língua toscana na tradução, adverte para que sempre se observe a conveniência das palavras e dos recursos empregados:

[...] porque, assim como uma meretriz parecerá tanto mais bela quanto melhor vestida e mais penteada; e assim como aquelas vestes e aqueles ornamentos e penteados, que a tornam bela, não conviriam a uma matrona, assim aquelas vestes e aquelas joias e enfeites, que tornam algumas ideias mais belas do que outras, não lhes convêm. (p. 542)

Para os letrados renascentistas, quanto mais os vestidos e os adornos da língua apresentam variedade, desde que unida à naturalidade, com adequação e bom gosto, mais é sinal de seu progressivo enriquecimento. Por isso João de Barros (1540, p. 573), elogiando a língua portuguesa, pelo seu uso de palavras autorizadas pelo tempo, diz: “[...] não há coisa mais grave entre os bons juízos que a variação de tantos trajos como os que ora usamos”.

No Renascimento, a retórica, em especial quanto à *elocutio*, assim como conduz o modo de traduzir as obras literárias, também influencia o aprimoramento do vernáculo em toda a sua extensão. A língua que servia à literatura deveria manter seus atributos também em outras modalidades de escrita, bem como na fala culta. Pelo modo como Valdés se refere ao seu vernáculo, podemos perceber que a boa língua castelhana, usada pelos cortesãos nas suas conversações, assemelhava-se a uma obra composta, ou traduzida, de acordo com os requisitos da arte

retórica, em que o arranjo das palavras expressava o pensamento conforme um sistema de regras a que a beleza obedecia:

[...] todo o bem falar castelhano consiste em que digais o que quereis com o mínimo de palavras que puderdes, de tal modo que, explicando bem a ideia de vosso espírito, e dando a entender o que quereis dizer, das palavras que colocardes em uma cláusula ou razão, dela não se possa tirar nenhuma sem ofender a sentença ou o equilíbrio ou a elegância. (VALDÉS, 1535, p. 264)

Desse modo, o tratamento dado à nova língua que estava sendo instituída poderia ser comparado ao de uma obra artística que, depois de elaborada com o devido cuidado, era disponibilizada ao público. O construtor do vernáculo culto utiliza os modelos clássicos, a partir dos quais reelabora a sua própria língua. Assim como traduzir torna-se recriar, sem, contudo, se afastar do texto-fonte, também o vernáculo necessita de modelos a partir dos quais possa ser reelaborado. A autoridade do latim, como se fosse uma “obra original”, não é desconsiderada, mas a ela soma-se a autoridade da nova língua, já legitimada pelos seus usuários mais seletos. Por isso, o uso aprendido naturalmente é considerado insuficiente para dar ao vernáculo a autonomia necessária a uma língua culta, devendo os letrados, na concepção renascentista, empenharem-se na busca do seu aperfeiçoamento, colocando-lhe arte:

[...] quando a natureza já nos ensinou o que basta para formar bem as palavras e pronunciá-las inteiramente e sem fealdade, então sucede em seu lugar o uso de quem aprendemos a propriedade da nossa fala natural. Sobre esta depois funda-se a eloquência e o cuidado de bem dizer, que é comum a todas as línguas. Cada um deve colocar na sua, para que a utilidade seja mais conhecida e estimada e dela resulte mais proveito público (MORALES, 1586, p. 316-7).

Através do uso normalizado, as palavras podiam constituir uma prova da autonomia do vernáculo, frente ao latim e também frente às demais línguas vulgares. E este uso, que para os renascentistas é o “bem falar e bem escrever”, seja na composição literária, na conversação

cortesã, na administração ou no âmbito jurídico, também deveria seguir os preceitos da tradição retórica aplicados na tradução dos textos clássicos e na criação literária própria, em especial a sonoridade, valor em torno do qual Barros (1540) constrói o seu louvor à língua portuguesa:

PAI: Aí começarás tu de sentir o louvor da nossa linguagem, que sendo nossa a entenderá o latino porque é sua. Esta prerrogativa tem sobre todas as linguagens presentes: majestade para coisas graves e uma eficácia baroila que representa grandes feitos. E o sinal onde se isto mais claro vê é na música, que naturalmente, acerca de cada nação, segue o modo da fala: linguagem grave, música grave e sentida.

FILHO: Daí viria logo o provérbio que dizem: *espanhóis choram, italianos uivam, franceses cantam*.

PAI: Bem adequastes o provérbio, e, ainda que não seja para a linguagem, verdadeiramente assim o podes ter na música. Porque a prolação e ar que temos da linguagem, diferente das outras nações, temos no modo de cantar, [...]. A linguagem portuguesa, que tenha esta gravidade, não perde a força para declarar, mover, deleitar e exortar a parte que se inclina, seja em qualquer gênero de escritura. (p. 571-2).

Morales, que ainda não pode elogiar tanto a sua língua castelhana, porque ela não recebeu o devido tratamento, conhece os meios pelos quais ela deveria ter as palavras combinadas harmoniosamente, com ornamentação e sonoridade, para então poder distinguir-se da forma popular, livre, a que ele chama de “uso comum”:

Deixemos, pois, todas as outras partes da eloquência e tomemos só o que se refere à linguagem, ao primor e à graça que cabe nela, que os retóricos latinos chamam de elocução, e que se ocupa toda em eleger as palavras e dispô-las com tal concerto no que se diz, que se lhes acresce muita eficácia, tanto para representar as ideias que se quer exprimir, como para que se as escutem com maior deleite e as entendam com mais

afeição. [...] E quem haverá de dizer que o cuidado que se puser em adornar assim o nosso falar castelhano não o há de afastar muito do uso comum? (MORALES, 1586, p. 328)

Para os renascentistas, a língua é uma construção artística e não apenas um instrumento útil. O vernáculo que já houvesse recebido suas “tinturas” e arranjos poderia ter sua excelência reconhecida, pois possuía beleza e era capaz de proporcionar prazer ao ouvido. Assim como num discurso, em que o orador persuade o ouvinte, cada um dos defensores da própria língua quer persuadir seus usuários de que ela é apta, que possui os requisitos essenciais para expressar (traduzir) os textos clássicos, bem como ser empregada na comunicação e ensinada aos precisarem, ou quiserem, aprendê-la.

Devido a sua dedicação à nova língua que está sendo formada, em todas as suas particularidades e ao cumprimento dos requisitos elocutivos, podemos compará-la à obra artística que o tradutor retextualiza. Desse modo, conforme o sistema da retórica clássica (LAUSBERG, 1972), pelo seguinte esquema pode-se visualizar como a tradução retórica assemelha-se a um discurso, e a função do tradutor, por sua vez, equivale à do escritor e do orador:

Domínio: formas da língua e da retórica	orador	poeta/escritor	tradutor renascentista
Meio de expressão	discurso	obra literária	retextualização
Intenção	persuadir	comover/deleitar	comover/deleitar
Destinatário	ouvinte	leitor	leitor

Depois, atribuindo-se ao letrado renascentista a função de defensor do vernáculo, ampliam-se as dimensões do seu conhecimento e do seu trabalho, em favor da própria língua:

Domínios:	formas da língua e da retórica; línguas clássicas e vulgares; experiências de tradução; contatos com a diversidade linguística.
Meio de expressão	texto de vários gêneros: prólogo, diálogo, discurso, carta, traduções dos clássicos etc.
Intenção	dignificar o vernáculo: aprimorar a literatura, exaltar as qualidades, formular as regras do bem falar e bem escrever.
Destinatário	os usuários do vernáculo: poetas, governantes, cortesãos, estudantes, aprendizes (nativos ou estrangeiros) e povos colonizados.

O defensor do vernáculo transfere a sua experiência de tradutor/escritor/orador, em suma, conhecedor das formas da língua e da retórica, para a construção da própria língua, com a finalidade de torná-la digna de ser apreciada por todos os seus usuários, na comunicação oral, na produção escrita, na aprendizagem dos nativos e também dos estrangeiros que tivessem necessidade, ou curiosidade, de acessá-la. Nesse sentido, seu vernáculo é tratado como se fosse uma obra artística de grande valor, elaborada e aperfeiçoada com atenção às suas propriedades.

É dessa forma que Valdés apresenta aos italianos as riquezas da língua castelhana, que Boscán exalta-a na composição do verso decassílabo e Morales prescreve o seu aperfeiçoamento; que Bembo e Toscanella louvam o florentino/toscano; que Du Bellay enobrece o francês e que João de Barros explica ao seu filho a graça e a musicalidade da língua portuguesa.

A partir das reflexões, trabalho e empenho de poetas, tradutores, escritores, ortografistas e lexicógrafos, as línguas neolatinas aqui citadas puderam ter seu reconhecimento e autonomia, libertando-se das denominações depreciativas e tornando-se, também elas, capazes de expressão literária, historicização, produção e transmissão de conhecimentos. No processo de estabelecimento das referidas línguas, que florescem no século XVI, é notável a presença da arte retórica,

desde a tradução e a reelaboração da literatura, até as normas da conversação.

Como se pode observar nos textos que compõem a nossa antologia, a influência dos princípios da retórica clássica transparece tanto em relação aos problemas pontuais da tradução interlinguística, quanto em outros aspectos referentes à dignificação dos vernáculos, tais como o cuidado ao se tratar da produção literária e da normalização da própria língua, que ganham cada vez mais importância.

Neste momento, em que as línguas vulgares começam a adquirir notoriedade e necessitam de aprimoramento estético, os letrados assumem a tarefa de ilustradores¹⁹⁶ da variedade culta, ampliando, desse modo, o discurso de defesa desta, com base nos princípios gramático-retóricos adquiridos e exercitados através da atividade tradutória.

¹⁹⁶ Se hoje seu ambicioso trabalho for visto como um grande mal e causa de incessantes conflitos, porque como construtores, tal qual os que outrora erigiram Babel, provocaram desentendimentos, é de crer que já tenham sido sentenciados, bem antes de tornarem ao pó. As maiores mercês que a fortuna concedeu a muitos deles, pela sua dedicação às letras e crença na possibilidade de edificar a língua, não foram honras nem glórias, mas perseguições inquisitoriais e dificuldades financeiras.

CONCLUSÃO

Apresentamos, nesta tese, uma seleção de textos renascentistas que contemplam questões ligadas ao aprimoramento estético das línguas neolatinas e sobre a atividade tradutória como parte integrante das práticas que consolidaram estas línguas e suas respectivas literaturas. O objetivo central da pesquisa foi organizar uma antologia sobre a dignificação do vernáculo no Renascimento, reconhecendo a participação da tradução no processo de estabelecimento das principais línguas neolatinas literárias: espanhol, francês, italiano e português.

Com o propósito de refletir sobre o período entre os séculos XV e XVI, observando questões que ajudassem a compreender as mudanças de pensamento e que fossem representativas para a história dos estudos linguísticos e literários e para a história da tradução, realizou-se um estudo prévio acerca de alguns fatores relacionados à tradução e à afirmação das línguas neolatinas. Tal estudo constitui o conteúdo dos três capítulos que antecedem aos da antologia.

Iniciou-se com uma descrição das principais características do movimento renascentista no que se refere à reabilitação da literatura greco-latina. Destacou-se, nesta fase, a contribuição dada pelos humanistas quanto à redescoberta dos princípios pedagógicos dos programas escolares da Antiguidade, o contato com o método filológico bizantino, a restauração do latim, a divulgação do ensino de grego antigo e o resgate da arte retórica clássica.

Na sequência, traçou-se um percurso sobre o desenvolvimento da atividade tradutória nas quatro línguas selecionadas, desde o registro das primeiras traduções em vernáculo, até o Renascimento, quando surgiu o conceito moderno da tradução e as suas primeiras considerações reflexivas. Foram destacados os principais textos que revelam o novo modo de traduzir, próprio da época renascentista, em que, além do sentido, são levados em conta todos os valores estilístico-formais do texto de partida, bem como as propriedades de ambas as línguas envolvidas.

Dando prosseguimento, tratou-se, de forma mais detalhada, acerca da especificidade da tradução renascentista, em que os princípios da retórica clássica elocutiva constituem o fundamento do novo modo de traduzir. Conforme ficou demonstrado, o século XVI foi um momento em que se registrou a efervescência das línguas vernáculas literárias, cuja dignificação configurou-se através de duas ações básicas

dos letrados. A primeira foi o enriquecimento, visando a habilitá-las para ocuparem o lugar do latim; a segunda foi a exaltação das suas qualidades, como forma de rivalizar, não só com o latim, mas também com outros vernáculos.

Por fim, com base nos textos da antologia, foram feitas algumas considerações sobre a importância do papel artístico/elocutivo da tradução renascentista, relacionado à concepção retórica da linguagem, a partir da qual as literaturas e as línguas vernáculos foram reelaboradas. Para os letrados da época, traduzir significava traduzir corretamente, tarefa especializada, que envolvia conhecimento amplo de todos os aspectos relacionados tanto à cultura de partida quanto à de chegada.

A tradução, nesta época, passou a funcionar também como uma prova da aptidão do vernáculo, que, depois de ser devidamente enriquecido, pode expressar as grandes obras, com todos os valores da língua da qual eram traduzidas. A valorização do que é próprio contribuiu de várias formas para ampliar as novas línguas. A busca de naturalidade favoreceu a absorção de regionalismos, a retomada de arcaísmos, o reconhecimento das misturas linguísticas e, através da opção pela pronúncia local, a simplificação ortográfica.

A tradução, às vezes, era vista por alguns como um empecilho para que os escritores desenvolvessem a própria língua, nela compondo suas obras, em especial a poesia. Ou então porque, como na concepção renascentista traduzir era uma atividade demasiado complexa, que exigia a máxima perfeição para que não se deturpasse o sentido do texto original, nem fossem desrespeitadas as propriedades de nenhuma das línguas envolvidas, haveria o risco de não se obter sucesso.

De qualquer modo, pelo discurso dos letrados renascentistas, presente nos textos selecionados, foi possível constatar que a atividade tradutória tem um papel importante na formação culta das línguas neolatinas, em que o novo modo de traduzir interfere na estética literária. E que, assim como a tradução e a produção de literatura em vernáculo passam a ser executadas com habilidade e técnica, também a língua como um todo passa a ser tratada como uma obra resultante do trabalho cuidadoso do letrado, que a reelabora primando pela sua beleza e harmonia na expressão sonora e no uso culto.

Assim, o percurso, nesta tese, encerra-se com a confirmação de que, no Renascimento, a tradução contribuiu para a dignificação das quatro línguas neolatinas referidas no *corpus*. Pois o novo modo de traduzir, que surgiu como fruto da concepção retórica da linguagem,

recuperada pelos filólogos humanistas, revolucionou a atividade tradutória e refletiu-se no processo de estabelecimento daqueles vernáculos literários.

Com o material aqui compilado, espera-se oferecer subsídios para outros estudos. Além das questões a respeito da tradução e da reelaboração dos vernáculos, que constituem o processo de dignificação das línguas literárias nacionais no Renascimento, estas fontes poderão servir para pesquisa de outros temas relevantes. De dados estruturais para a história interna da língua a expressões da fala popular para abordagens de cunho sociolinguístico, bem como contribuições para os estudos teóricos, que mais tarde tiveram muitos de seus objetos sistematizados com maior facilidade, os escritos destes letrados têm muito a oferecer.

As atitudes dos renascentistas constituem importantes pontos de partida para diversos temas que ocupam grande parte das reflexões linguísticas atuais, como a gramatização e padronização, o reconhecimento das variedades (regionais, sociais e situacionais), os processos de ampliação lexical, a reflexão sobre a tradução, o patriotismo, ou nacionalismo cultural, com seus mitos, invenções e imaginações. Certamente, muitas leituras e interpretações diferentes poderão ser realizadas.

REFERÊNCIAS

CORPUS:

BARROS, João de. *Diálogo em louvor da nossa linguagem* (1540). **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssippone: Apud Lodouicum Rotorigiu Typographum, MDXL, p. 50-61.

BOSCÁN, Juan. *A la duquesa de Soma* (1543). **Obras poéticas**. Libro II. Ed. de Enrique Canedo. Madrid: Calleja, 1917. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcq8172>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

DU BELLAY, Joachim. **La défense et illustration de la langue française** (1549). Paris: Nelson, 1936. [complété par l'édition Louis Humbert chez Garnier]. Disponível em: <http://www.axl.cefan.ulaval.ca/francophonie/du_bellay.htm>. Acesso em: 11 de março de 2015.

GELLI, Giovan Battista. *Ragionamento* (1551). **Opere di Giovan Batista Gelli** a cura di Agenore Gelli. Firenze: Felice Le Monnier, 1855.

GOES, Damián de [1538]. *Carta dedicatoria*. In: **Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catam Mayor ou da Velhica (sic), dedicado á Tito Pomponio Attico**. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1545 [reimpressa em 1845]. Disponível em: <http://www.larramendi.es/menendezpelayo/i18n/corpus/unidad.cmd?idUnidad=100831&idCorpus=1000>. Acesso em: 05 de novembro de 2015.

MORALES, Ambrosio de. *Discurso sobre la lengua castellana* [1586]. **Las obras del maestro Fernan Perez de Oliva**: con otras cosas que van añadidas. Cordova: Gabriel Ramos Bejarano, 1586.

PELETIER DU MANS, Jacques. **L'art poetique departi au deux livres**. Lyon: Jan de Tournes, 1555./ **Art Poétique I**. Les bibliothèques françaises de La Croix du Maine et de du Verdier sieur de Vauprivat. Volume 4. Paris: Saillant & Nyon, 1773, p. 292-300.

SPERONI, Sperone. **Dialogo delle lingue** [1542]. Curatore: Mario Pozzi. Edizione Elettronica, 2001. Disponível em: <<http://www.liberliber.it/biblioteca/licenze/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2014.

TOSCANELLA, Orazio. *Discorso del tradurre. Discorsi cinque*. Venetia: Apresso Pietro de' Franceschi & Nepoti, 1575. p. 28-35.

VALDÉS, Juan de. **Diálogo de la lengua** (1535). Ed. Modern. de E. Boehmer (1895). Madrid: Espasa-Calpe, 1976. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/dialogo-de-la-lengua--0/html/fede437e-82b1-11df-acc7-002185ce6064_2.html#I_0. Acesso em: 15 de março de 2014.

FONTES CITADAS:

AMYOT, Jacques. **Les vies des hommes illustres grecs et romains par Plutarque, translátées de grec en françois**. Paris: Michel de Vascosan, 1559.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**; tradução de Eni Pulccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BADIA I MARGARIT, Antoni M. *Génesis de la romanía y genio de la romanística*. In: GARGALLO GIL, José Enrique; REÍNA

BASTARDAS, María (coord.). **Manual de lingüística romanica**. Barcelona: Ariel, 2007.

BAHNER, Werner. **La lingüística española del siglo de oro**. Aportaciones a la conciencia lingüística en la España de los siglos XVI y XVII. Traducción de Jesús Munárriz Peralta, revisada por el autor. Madrid: Ciencia Nueva, 1966.

BALLARD, Michel. **De Cicéron à Benjamin. Traducteurs, traductions, réflexions**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1992/2007.

BALLIU, Christian. *Los traductores transparentes. Historia de la traducción durante el período clásico. Hieronymus Complutensis*, 1 (1995).

BARBIER, Jean-Paul. **Ma bibliothèque poétique** (parte 4): éditions des XVe et XVIe siècles des principaux poètes français. Genève: Librairie Droz, 1973.

BARBOLANI, Cristina. (Ed.) Juan de Valdés; **Dialogo de la lengua**. Madrid: Cátedra, 1982.

BARTOLI, Adolfo. **Os precursores do Renascimento**. Tradução de Valeriano gomes do Nascimento. São Paulo: Parma, 1983.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EdUSP, 2001.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Trad. Sônia Terezinha Gehring *et al.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005

BEMBO, Pietro. **Prose della volgar lingua, Gli Asolani, Rime**, a cura di Carlo Dionisotti. Torino Utet, 1966. (Letteratura italiana Einaudi).

BERMAN, Antoine. *Da translação à tradução*. Tradução de Marie-Hélène Torres e Marlova Aseff. In: **Scientia Traductionis**, n. 9. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p71>>. Acesso em: 30 de junho de 2012.

BERTRAND, Olivier. **Histoire du vocabulaire français**. Nantes: Éditions du Temps, 2008.

BIANCO, Monica. *Il quinto libro di lettere dedicatorie di diversi (Bergamo, 1602)*. **Margini**. Giornale della dedica e altro. N° 5, 2011. Disponível em: <www.margini.unibas.ch>. Acesso em: 30 de junho de 2012.

BIDEAUX, Michel; TOURNON, André; MOREAU, Hélène. **Histoire de la littérature française du XVIe siècle**. Paris: Nathan, 1991.

BLEIBERG, Germán. **Antología Elogios de la lengua española**. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1951.

BOEZIO. **Della Consolazione della filosofia**, tradotto di lingua latina in volgare fiorentino da Benedetto Varchi. Firenze: MDLI, 1551.

BORSARI, Elisa. *Leonardo Bruni y el discurso traductológico del siglo XV*. Universidad de Alcalá: **eHumanista** 28, 2014, p. 355-368. Disponível em: <http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_28/articles/part%202/ehum28.mon2.borsari.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2015.

BOSCÁN, Juan. **El Cortesano**, 1534, ed. de Mario Pozzi. Madrid: Cátedra, 1994.

BOURCIEZ, Édouard. **Latim: elemento número 1 da lingüística românica**. Tradução de José Pereira da silva. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2000.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **Quid tum? O combate da arte em leon Battista Alberti**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

BRUNI, Leonardo; FURLAN, Mauri. *De interpretatione recta (1420-6)/Da tradução correta*. In: **Scientia Traductionis** nº 10. Florianópolis: PGET, 2011. p. 16-47. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2011n10p16>. Acesso em: 11 jul. 2015.

BUESCU, Ana Isabel. **Damião de Góis (1502-1574)**. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=792>>. Acesso em: 5 de outubro de 2013.

BUESCU, Maria L. C. **Gramáticos portugueses do século XVI**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

BURCKHARDT, Jacob. **O Renascimento italiano**. Tradução de Antônio Borges Coelho. Lisboa: Presença, 1973.

BURKE, Peter. *“Heu domine, adsunt turcae”*: esboço para uma história social do latim pós-medieval. In: **A arte da conversação**.

Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 51-88.

BURKE, Peter. **Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: UNESP, 2010(a).

BURKE, Peter. **O renascimento italiano**: cultura e sociedade na Itália. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Nova Alexandria, 2010(b).

BURKE, Peter. **The European Renaissance**: Centers and Peripheries. Wiley, 1998.

CALVET, Louis-Jean. **Linguistique et colonialisme**; petit traité de glottophagie. Paris: Payot, 2001.

CAMMAROSANO, Francesco. **La vita e le opere di Sperone Speroni**. Empoli: Nocchioli, 1920.

CARY, E. **Les grands traducteurs français**. Genève: Librairie de l'Université, 1963.

CELLA, Roberta. *Lingua dei volgarizzamenti*. **Enciclopedia dell'Italiano** (2011). Disponível em: http://www.treccani.it/enciclopedia/lingua-dei-volgarizzamenti_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/. Acesso em: 19 de março de 2015.

CHERVEL, André; COMPERE, Marie-Madeleine. *As humanidades no ensino*. **Educação e Pesquisa** [online]. 1999, vol.25, n.2, pp. 149-170. ISSN 1678-4634. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000200012>. Acesso em: 23 de julho de 2015.

CHEUNG, Martha P.Y. **An Anthology of Chinese Discourse on Translation**. Vol. 1: From Earliest Times to the Buddhist Project. New York: St. Jerome Pub., 2006.

CHIARINI, Gioachino. *Gli umanisti*. In: **Lo spazio letterario della Grecia antica**, vol. II. Ricezione e attualizzazione del testo a cura di Giovanni Cambiano, Luciano Canfora e Diego Lanza. Roma: Salerno, 1995, p. 631-660.

COBO SAMPEDRO, Ramón. **Ambrosio de Morales: apuntes biográficos**. Córdoba: Imprenta, librería y litografía del Diario, 1879.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CRISTÓVÃO, Ângelo. *Questione della lingua: introdução e bibliografia*. **A.A.G.P.** Abril de 2004. Disponível em: <<http://www.lusografia.org/cristovao-questione.htm>>. Acesso em: 30 de março de 2013.

DAVIES, Martin. El libro humanístico en el Cuatrocientos. En:

KRAYE, Jill; CLAVERÍA, Carlos (ed.). **Introducción al humanismo renacentista**. Traducción de Lluís Cabré. Cambridge University, 1998, p. 73-92.

DELISLE, Jean; LAFOND, Gilbert. **Histoire de la traduction** [CD-ROM], Ottawa: École de traduction et d'interprétation de l'Université d'Ottawa, 2000.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith (Org.). **Os Tradutores na História**. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 2003.

DIONISOTTI, Carlo. **Geografia e storia della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 1967.

DOLET, Étienne. **La manière de bien traduire d'une langue en aultre**: d'avantage de la punctuation de la langue françoise, plus des accents d'ycelle. Lyon, 1540.

DOPPELBAUER, Max. **Valência im Sprachenstreit**: sprachlicher Sezessionismus als sozialpsychologisches Phänomen. Wien: Braumüller, 2006, p. 189

DRIVER, Juan. **La fe en la periferia de la historia**: Una historia del pueblo cristiano desde la perspectiva de los movimientos de restauración y reforma radical. Guatemala: Semilla, 1997.

DURAN, Eulàlia; SOLERVICENS, Josef (a cura de). **Renaixement a la carta**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996.

ENTWISTLE, William J. **Las lenguas de España**: castellano, catalán, vasco y gallego-portugués. Madrid: ITSMO, 1969.

FAVERI, Cláudia Borges de; TORRES, Marie-Hélène Catherine (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2004, (Antologia Bilíngüe. Francês/Português, 2).

FOLENA, Gianfranco. **Volgarizzare e tradurre**. Torino: Einaudi, 1994.

FURLAN, Mauri. *A tradução retórica do Renascimento*. In: FURLAN, Mauri. (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução - Renascimento**. Antologia bilíngüe. Florianópolis - SC: NUPLITT, 2006, v., p. 15-45.

FURLAN, Mauri. *Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente - I. Os romanos*. In: **Cadernos de Tradução**, v. VIII. Florianópolis: UFSC/PGET, 2001.

FURLAN, Mauri. **La retórica de la traducción en el Renacimiento**. Elementos para la constitución de una teoría de la traducción renacentista. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2002. (Tese de Doutorado) Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?autor=9>. Acesso em: 17 de janeiro de 2011.

GARANDERIE, Marie Madeleine de la. *Marot Traducteur d'Erasmus*. In: SCHOECK J. (ed.). **Acta conventus neo-latini bononiensis** (Medieval & Renaissance texts & studies; 37). New York, 1985.

GARCÍA DINI, Encarnación. **Antología en defensa de la lengua y la literatura españolas** (siglos XVI y XVII). Madrid: Catedra, 2007.

GARCIA YEBRA, Valentin. **En torno a la traducción: teoría, crítica, historia.** Madrid: Gredos, 1983.

GARCIA YEBRA, Valentin. *Teoria y práctica de la traducción.* En: **puntoycoma**, nº 100 octubre/noviembre/diciembre de 2006. Disponível em:

<http://ec.europa.eu/translation/bulletins/puntoycoma/100/pyc10012_es.htm> Acesso em: 17 de março de 2013.

GARCIA YEBRA, Valentin. **Traducción y enriquecimiento de la lengua del traductor.** Madrid, RAE/Discursos de ingreso, 1985. Disponível em: <<http://www.rae.es/>> Acesso em: 17 de janeiro de 2013.

GAYO, Gaspar Morocho. *La crítica textual en Bizancio (II).* **Anales de la Universidad de Murcia** 38, 1979-80, 29-55. Disponível em: <<http://interclassica.um.es/var/plain/storage/original/application/fe72ed80b76b471b66762b508a2d741e.pdf>>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.

GOMES, Saul Antonio. *As políticas culturais de tradução na corte portuguesa no século XV.* In: **Cahiers d'études hispaniques médiévales.** Nº33, 2010. pp. 173-181. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/cehm_1779-4684_2010_num_33_1_2239>. Acesso em: 11 de novembro de 2013.

GRAF, Friederich W. *What is Humanism? My western response.* Translation by Thomas La Presti. In: RÜSEN Jörn; LAASS, Henner (Ed.). **Humanism in intercultural perspective: Experiences and expectations.** Essen: Verlag, 2009. p. 111-18

GUERINI, Andréia; ARRIGONI, Maria Teresa (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução.** Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2005, (Antologia Bilíngüe. Italiano/Português, 3).

HALE, John. **La civilisation de l'Europe a la Renaissance.** Traduit par René Guyonnet. Paris: Éditions Perrin, 2003.

HAMILTON, Alastair. *Los humanistas y la Biblia*. En: KRAYE, Jill; CLAVERÍA, Carlos (Ed.). **Introducción al humanismo renacentista**. Traducción de Lluís Cabré. Cambridge University, 1998, p. 137-57.

HAUSER, Arnold. **Historia social de la literatura y del arte**. Traducción de A. Tovar y F. P. Vara-Reyes. 3. ed. Madrid: Guadarrama, 1964.

HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Volume 1. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001, (Antologia Bilíngüe. Alemão-Português, 1).

HERNÁNDEZ GUERRERO, José Antonio (Dir.) **Retórica y Poética**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009.

HIBBERT, Christopher. **Ascensão e queda na casa dos Médici**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

HIGHET, Gilbert. **La tradicion Clasica**. Influencias griegas y romanas em la literatura occidental. Traducción de Antonio Alatorre. 2 v. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1954.

HINOHO, Gregorio. **Obras históricas de Nebrija**. Estudio filológico. Universidad de Salamanca, 1992

HIRSCH, Elisabeth Feist. **Damião de Góis**. Tradução de Lia Correia Raitt. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

HOLGADO REDONDO, Antonio. *Retórica y humanismo*. **Excerpta Philológica**, 1991. Disponível em: <http://rodin.uca.es/xmlui/bitstream/handle/10498/10367/17214750.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2015.

HORÁCIO. *Arte poética. Epistula ad Pisones*. In: **A poética clássica**; Aristóteles, Horácio, Longino; introdução de Roberto de Oliveira Brandão; tradução do grego e do latim por Jaime Bruna. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 53-68

HORATIUS. *Epistulae*, Liber II, 156-7. In: GARROD, Heathcote William. **Q. Horati Flacci Opera**. 1912, p. XXVI. Disponível em: www.thelatinlibrary.com/hor.html. Acesso em: 25 de março de 2014.

HORGUELIN, Paul. *Anthologie de la manière de traduire. Domaine français*. Montreal: Linguatex, 1981.

HUE, Sheila Moura (ed.). **Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

IENSEN, Kristian. *La reforma humanística de la lengua latina y de su enseñanza*. En: KRAYE, Jill; CLAVERÍA, Carlos (Ed.). **Introducción al humanismo renacentista**. Traducción de Lluís Cabré. Cambridge University, 1998, p. 93-114.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

JUGÉ, Clément. **Jacques Peletier du Mans (1517-1582), essai sur sa vie, son œuvre, son influence**. Paris: A. Lemerre, 1907.

KRAYE, Jill. *Filólogos y filósofos*. En: _____; CLAVERÍA, Carlos (Ed.). **Introducción al humanismo renacentista**. Traducción de Lluís Cabré. Cambridge University, 1998.

KRISTELLER, Paul Oskar. **El pensamiento renacentista y sus fuentes**. Traducción de Federico Patán López. México: Fondo de cultura económica, 1993.

KRISTELLER, Paul Oskar. **Ocho filósofos del renacimiento italiano**. Traducción de María Martínez Peñaloza. México: Fondo de cultura económica, 1970.

LABLANC, Michael L. **Literature Criticism from 1400 to 1800**. Vol. 90. Detroit: Gale, 2003.

LAFAYE, Jacques. *El Humanismo, revolución cultural*. **Estudios** 111, vol. XII, 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.itam.mx/estudios/111-120/111/000259858.pdf>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2015.

LANG, Uwe Michael. **The Voice of the Church at Prayer**. Reflections on Liturgy and Language. San Francisco: Ignatius Press, 2012.

LAUSBERG, Henrich. **Elementos de retórica literária**. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MACK, Peter. **A History of Renaissance Rhetoric 1380-1620**. Oxford University Press, 2011.

MANN, Nicholas. *Orígenes del humanismo*. En: KRAYE, Jill; CLAVERÍA, Carlos (Ed.). **Introducción al humanismo renacentista**. Traducción de Lluís Cabré. Cambridge University, 1998, p. 19-39.

MARAZZINI, Claudio. **Breve storia della lingua italiana**. Bologna: Il Mulino, 2004.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antigüidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU/INL, 1975.

MARTÍN JIMÉNEZ, Alfonso. **Retórica y literatura en el siglo XVI**, el Brocense. Universidad de Valladolid, 1997.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MEERHOFF, Kees. **Rhétorique et poétique au XVIe siècle en France**: Du Bellay, Ramus et les autres. Netherlands: Brill, 1986.

MEIGRET, Lois. **Tretté de la grammere francoeze (1550)**. Gebr. Henninger, 1888.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. **La lengua de Cristóbal Colón** ; El estilo de Santa Teresa y otros estudios sobre el siglo XVI. 6. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

METZELTIN, Michael. **Las lenguas románicas estándar**: historia de su formación y de su uso. Uviéu: Academia Llingua Asturiana, 2004.

MICÓ, José María. *La época del Renacimiento y del Barroco*. In: LAFARGA, F.; PEGENAUTE, L. (Org.). **Historia de la Traducción en España**. Salamanca: Ambos Mundos, 2004. p. 174-207

MIGLIORINI, Bruno; BALDELLI, Ignazio. **Breve storia della lingua italiana**. Firenze: Sansoni, 1966.

MIRANDA, Margarida. *Recensão a: Obras de Damião de Góis: Vol. I. Humanitas*, v. LXII, 2010. Coimbra: Faculdade de Letras, Instituto de Estudos Clássicos.

MIRÓ MARTÍ, Oriol. *Sobre la necesidad de una investigación. En torno a la formación de la lengua poética en España y el papel de Pietro Bembo en ella*. **Lemir: Revista de Literatura Española Medieval y del Renacimiento**, N.º. 10, 2006.

MORAIS e SILVA, António de. **Dicionario da Lingua Portuguesa**. Lisboa, 2 vols., 1813.

MORALES, Ambrosio de. *Cebes*. En: PÉREZ DE OLIVA, F.; MORALES, A.; VALLÉS, P. **Las obras del Maestro Fernan Perez de Oliva y juntamente quince discursos sobre diversas materias**. Madrid: Benito Cano, 1787, V. 2, p. 244-324.

MORRÁS, María. *El debate entre Leonardo Bruni y Alonso de Cartagena: las razones de una polémica*. Quaderns. **Revista de traducció** 7, 2002, p. 33-57. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/quadernstraduccio/article/viewFile/25305/25140>>. Acesso em: 19 de março de 2015.

MORTGAT, Emmanuelle; MÉCHOULAN, Eric. **Écrire au XVIIe siècle**: une anthologie. Paris: Presses Pocket, 1992.

MOUNIN, G. **Teoria e Storia della Traduzione**. Torino: Einaudi, 2006.

NEBRIJA. **Gramática castellana** (1492). Disponível em: <<http://www.antoniodenebrija.org/indice.html>>. Acesso em: 30 de março de 2013.

NELSON, R. J. *Lingüística quinientista*: Las obras de Pedro Bembo, Sperone Speroni y Juan de Valdés; El desarrollo de los idiomas vernáculos de España e Italia. **Thesaurus**. Tomo XXXVI. Núm. 3, 1981.

NICERON, Jean-Pierre. **Mémoires pour servir à l'histoire des homme illustres dans la republique des lettres**, avec un catalogue raisonne de leurs ouvrages. V. 16. Paris: Briasson, 1731, p. 393

NIETO, José C. **El Renacimiento y la otra España**: visión cultural socioespiritual. Genève: Droz, 1997.

NORBERG, Dag. **Manual práctico de latim medieval**. (I- Breve história do latim medieval /II – Textos Escolhidos). Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2007.

OLIVA, Antonio y Francisco. **Diccionario historico o Biografia universal**, V. 9. Madrid: Libreria de Narciso Oliva, 1833. p. 257

OLIVEIRA, Fernão. **Gramática da Linguagem Portuguesa** (1536). Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa, 2007.

PAIS, Carlos Castilho. **Teoria diacrónica da tradução portuguesa** – Antologia (Séc. XV-XX), Lisboa, Universidade Aberta, 1997.

PALSGRAVE, J. **L'esclaircissement de la Langue Francoyse**. London: Iohan Haukyns, 1530.

PASTOR, José F. **Las apologías de la lengua castellana en el siglo de oro**. Madrid: Compañía ibero-americana de publicaciones, 1929.

PELETIER DU MANS, Jacques. **Oeuvres complètes**: Euvres poetiques intitulez louanges aveq quelques autres ecriz; org. Sophie Arnaut. Paris: Honoré Champion, 2005.

PEREIRA JÚNIOR, Isaias Lobão. *História da Tradução da Bíblia em Português*. 2001. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/bibliologia/historia_bibliaportugues.htm>. Acesso em: 27 de outubro de 2013.

PEREIRA, Belmiro F. *Entre Proteu e Prometeu: lugar da arte retórica na pedagogia humanista*. In: PEREIRA, B.; VÁRZEAS, M. **As artes de Prometeu**. Universidade do Porto, 2009, p. 106-16.

PÉREZ GONZÁLEZ, Maurilio. **G. Manetti y la traducción en el siglo XV; Edición crítica del Apologeticus, libro V**. León: Universidad de León, 1999.

PÉREZ GONZALEZ, Maurilio. *La reflexión traductora desde la antigüedad romana hasta el siglo XVIII: Una propuesta de interpretación*. **Minerva**: Revista de filología clásica. Número 10. Universidad de Valladolid: Servicio de Publicaciones, 1996.

PISCINI, Angela. *Giovan Battista Gelli. Dizionario Biografico degli Italiani*. Volume 53, 2000. Disponível em: <[http://www.treccani.it/enciclopedia/giovan-battista-gelli_\(Dizionario-Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovan-battista-gelli_(Dizionario-Biografico)/>). Acesso em: 30 de março de 2013.

PLATÃO. **Íon**. Introdução, tradução e notas de Victor Jabouille. 2. ed. Lisboa: Inquérito, 1988.

PÖCKL, Wolfgang. *Apuntes para la historia de “traducere”/traducir. Hieronymus Complutensis*, Junho de 1997-7, p. 9-15.

POMPONAZZI, Pietro. **Tractatus de immortalitate animae**. Bologna, 1516.

REBELO, Luís de Sousa. **A tradição clássica na literatura portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1982.

REIS, Flávio Antônio Fernandes. *Considerações sobre a transmissão de textos latinos em língua vulgar portuguesa nos séculos XV e XVI*. **Revista Desassossego**, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/3959>. Acesso em: 17 de outubro de 2013.

RENER, Frederick M. **Interpretatio**; language and translation from Cicero to Tytler. Amsterdam: Rodopi, 1989.

ROBINSON, Douglas. **Western translation theory**: from Herodotus to Nietzsche. Manchester: St. Jerome Publishing., 1997.

RUBIO TOVAR, Joaquín. *Algunas características de las traducciones medievales*. **Revista de Literatura medieval**, IX, 1997, p. 197-243.

RUBIO TOVAR, Joaquín. *Traductores y traducciones en la Biblioteca del Marqués de Santillana*. En: **Medioevo y Literatura**. Actas del V Congreso de la AHLM, ed. Juan Paredes Núñez, Granada: Universidad, IV, 1995, 243-51.

RUIZ CASANOVA, José Francisco. **Aproximación a una historia de la traducción en España**. Madrid: Cátedra, 2000.

SABIO PINILLA, José Antonio. *Notas para la historia de traducir* (con mención a sus derivados y otras expresiones). **Lengua, traducción, recepción**. En honor de Julio César Santoyo. Universidad de León, vol. II, 2010, p. 455-478.

SABIO PINILLA, José Antonio; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, M. Manuela. **O discurso sobre a tradução em Portugal: o proveito, o ensino e a crítica: antologia** (C. 1429-1818). Lisboa: Colibri, 1998.

SABIO PINILLA, José Antonio; ORDÓÑEZ LÓPEZ, Pilar. **Las antologías sobre la traducción en el ámbito peninsular**. Análisis y estudio. Berna: Peter Lang, 2012 (Col. Relaciones literarias en el ámbito hispánico: traducción, literatura y cultura, 6).

SANTOYO, J. C. **Teoría y crítica de la traducción: antología**. Bellaterra: Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 1987(a).

SANTOYO, J. C. **Traducción, traducciones, traductores: Ensayo de bibliografía española.** León: Universidad de León, 1987(b).

SANTOYO, Julio César. **Historia de la traducción; quince apuntes.** León: Universidad de León, 1999.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa.** 10. ed. Porto: Porto Editora, 1978.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da linguística.** Tradução de Fernando Tarallo. Campinas: EdUNICAMP, 1993.

SENSINE, Henri. **Anthologie du français classique, XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles: prosateurs, Volume 1.** Paris: Payot, 1928.

SEVILLA MUÑOZ, Julia; SARDELLI, María. *Las concordancias paremiológicas del Diálogo de la lengua de Juan de Valdés y el Vocabulario de refranes y frases proverbiales de Gonzalo Correas.* **Criticón**, 99. Madrid: Universidad Complutense, 2007, p. 67-91.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

SOUSA, João Silva de. *João de Barros: Um Polígrafo do Humanismo.* **Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências.** N. 41, outubro-novembro 2013. Disponível em: <http://triplov.com/letras/Joao_Sousa/joao_de_barros/>. Acesso em: 14 de outubro de 2013.

SOZZI, Bortolo Tommaso. *Polemiche cinquecentesche sulla lingua.* Introduzione. In: MACHIAVELLI, Niccolò. **Discorso o Dialogo intorno alla nostra lingua.** Torino: G. Einaudi, 1976. (edizione critica con introduzione, note e appendice a cura di Bortolo Tommaso Sozzi.

STEINER, Thomas R. **English Translation Theory 1650-1800**. Amsterdam: Van Gorcum, 1975.

STÖRIG, Hans J. **Das Problem des Übersetzens**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.

TAGLIAVINI, Carlo. **Orígenes de las lenguas neolatinas**: introducción a la filología romance. Traducción de Juan Almela. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental**; para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. Tradução de Beatriz Sidou. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

TAVOSANIS, Mirko. **La prima stesura delle Prose della volgar lingua**. Fonti e correzioni, con edizione del testo. Pisa: ETS, 2002.

TELL, Julien. **Les grammairiens français**: depuis l'origine de la grammaire en France jusqu'aux dernières oeuvres connues. Paris: Firmin-Didot, 1874.

TRISSINO, G. **Dialogo intitolato il Castellano, nel quale si tratta de la lingua italiana**. Vicenza: Tolomeo Janiculo, [1524]1529.

TRITTER, Jean-Louis. **Initiation à l'histoire de la langue française**. Paris: Ellipses, 2003.

VAN TIEGHEM, Paul. **Historia literaria de Europa**; Desde el Renacimiento. Traducción de José María Quiroga. Santiago de Chile: Zig Zag, 1939.

VARCHI, Benedetto. *L'Ercolano* (1551). In: MACHIAVELLI, Niccolò. **Discorso o Dialogo intorno alla nostra lingua**. Torino: G. Einaudi, 1976. (edición crítica con introducción, notas e apéndice a cura di Bortolo Tommaso Sozzi).

VEGA CERNUDA, Miguel Ángel. *Apuntes socioculturales de historia de la traducción: del renacimiento a nuestros días*. En: **Hieronymus Complutensis**. N. 4-5, 1995. p. 71-85

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Trad. por Carlota Boto. Bauru: EDUSC, 1999.

VIEIRA, Bruno. *Cícero e seu projeto tradutório*. **Calíope** 15, 2006, Rio de Janeiro, pp. 23-35.

VITALE, Maurizio. **La questione della lingua**. Palermo: Palumbo, 1960.

ZABALTZA, Xabier. **Una historia de las lenguas y los nacionalismos**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.